UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

ANA FLÁVIA BRAUN VIEIRA

ANÁLISE DO DISCURSO FUNDADOR DE TELÊMACO BORBA NO JORNAL O TIBAGI (1948-1964)

PONTA GROSSA
2015

ANA FLÁVIA BRAUN VIEIRA

ANÁLISE DO DISCURSO FUNDADOR DE TELÊMACO BORBA NO JORNAL O TIBAGI (1948-1964)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, linha de pesquisa História, Cultura e Cidadania pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior
Co-orientadora: Maria Julieta Weber Cordova

PONTA GROSSA
2015

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Vieira, Ana Flávia Braun
V658 Análise do discurso fundador de Telêmaco Borba no Jornal o Tibagi (1948-1964)/ Ana Flávia Braun Vieira. Ponta Grossa, 2015.
360f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior.
Coorientadora: Profª Drª Maria Julieta Weber Cordova.

1.Discurso fundador. 2.História e memória. 3.Telêmaco Borba. 4.Jornal O Tibagi. I.Freitas Junior, Miguel Archanjo de. II. Cordova, Maria Julieta Weber. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. IV. T.

CDD: 302.23

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA FLÁVIA BRAUN VIEIRA

"ANÁLISE DO DISCURSO FUNDADOR DE TELÊMACO BORBA NO JORNAL O TIBAGI (1948-1964)".

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 30 de Março de 2015.

Assinatura pelos Membros da Banca:

Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior - (UEPG) – Presidente

Dr. Luiz Carlos Ribeiro – (UFPR)

Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha – (UEPG)

Dr. Alfredo Cesar Antunes – (UEPG) - Suplente

Aos meus conterrâneos.

RESUMO: Sendo Telêmaco Borba – PR conhecida como “a cidade da Klabin”, este trabalho tem como objetivo a análise de conteúdo do jornal O Tibagi, de propriedade de Horácio Klabin, afim de verificar qual foi a influência do periódico na construção do discurso fundador deste município. Para tanto, foram realizadas discussões a respeito das relações políticas e de poder, bem como a sua capacidade em instituir uma história; foram identificados os elementos que compõem a história oficial do município; por fim, realizada a análise de conteúdo nas edições anuais de aniversário do semanário, entre os anos de 1948 e 1964, considerando tanto os discursos de autorreferencialidade, que construíram o lugar do jornal enquanto enunciador do conhecimento para a sociedade montealegrense, como os de heterorreferencialidade e sua contribuição para a organização do discurso fundador e o estabelecimento de uma história oficial local. A partir da análise de tais fontes foi possível concluir que o jornal O Tibagi, por meio da disseminação de seus discursos, ao silenciar sobre o passado anterior a chegada dos industriais, atingia seus leitores de sentidos outros, contribuindo, dessa maneira, com uma nova história para o lugar.

Palavras-chave: Discurso fundador; história e memória; Telêmaco Borba; Jornal O Tibagi.

SUMMARY: Being Telemaco Borba – PR known as “the Klabin’s city”, this paper has as purpose the content analysis of the O Tibagi newspaper, owned by Horacio Klabin, in order to find what was the influence of the jornal in building the founding speech in this city. To this end, discussions were held about the political and power relations and its ability to estabilish a history; it were identified the elements of the oficial history of the city; finally, the content analysis was made in the anual anniversary editions of the weekly, between the years of 1948 and 1964, considering both the speeches of self-recerentiality, who built the place of the newspaper as enunciator of knowledge to the montealegrense society, such as outer-rerefentiality, and its contribuition to the organization’s founding speech and the establishment of local offical history. From the analysis of theses sources it was concluded the the newspaper O Tibagi, through the dissemination of his speeches, as it silences over the past previous to the arrival or industrial, reached his readers with other senses, contributing in this way, with a new history to the place.

Keywords: Founding speech; history and memory; Telemaco Borba; the journal O Tibagi

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2	INDÚSTRIAS KLABIN E SUAS RELAÇÕES POLÍTICAS.....	18
2.1	O Governo de Getúlio Vargas.....	18
2.2	O exercício do poder simbólico pela Klabin na região.....	23
2.2.1	O poder simbólico como construtor da história e da memória.....	26
3	O DISCURSO FUNDADOR DE TELÊMACO BORBA A PARTIR DE FONTES LITERÁRIAS.....	28
4	ANÁLISE DA AUTORREFERÊNCIA E DA HETERORREFERÊNCIA NO JORNAL O TIBAGI.....	48
4.1	Procedimentos Metodológicos.....	48
4.2	Contextualização das publicações de O Tibagi na história da imprensa.....	55
4.3	O jornal O Tibagi.....	58
4.4	A produção de sentidos no discurso de O Tibagi.....	66
4.5	A autorreferência em O Tibagi.....	68
4.5.1	Reconhecimento do semanário.....	69
4.5.2	Orientação/função do periódico.....	72
4.5.3	Dificuldades enfrentadas pelo jornal.....	75
4.5.4	Realidade da construção.....	76
4.5.5	Discurso competente.....	79
4.5.6	Amor à profissão.....	81
4.5.7	Gratidão a Horácio Klabin.....	82
4.5.8	Importância da imprensa.....	84
4.5.9	Invenção de tradições.....	86
4.5.10	Heterorreferência.....	87
4.5.11	Independência política.....	89
4.5.12	Práticas de caridade.....	90
4.5.13	Profissionalização no meio jornalístico.....	91
4.5.14	Inferências gerais sobre a autorreferência no jornal O Tibagi.....	92
4.6	A heterorreferência em O Tibagi.....	93
4.6.1	Relacionamento e vivência em Monte Alegre.....	95

4.6.2 Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre..... 100
4.6.3 Cidade Nova e seu desenvolvimento..... 102
4.6.4 Desenvolvimento Industrial..... 107
4.6.5 Gratidão à Horácio Klabin..... 108
4.6.6 Passado anterior a chegada dos industriais à região..... 112
4.6.7 Feitos da Klabin..... 115
4.6.8 Personalidades Ilustres..... 118
4.6.9 Menções à cidade de Tibagi..... 120
4.6.10 Autovalorização..... 122
4.6.11 Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional..... 124
4.6.12 Inferências gerais sobre a heterorreferência no jornal O Tibagi..... 126
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 128
6 REFERÊNCIAS..... 131
7 ANEXOS..... 134
7.1 Roteiro da Entrevista – Caderno de Campo..... 134
7.2 Parecer Substanciado do CEP..... 135
7.3 Termos de Esclarecimento Livre e Consentido..... 137
7.4 Cartas de cessão de direitos autorais..... 139
7.5 Entrevistas orais..... 141
7.5.1 Seu C..... 141
7.5.2 Seu I..... 142
7.5.3 Seu J. 143
7.5.4 Dona L. 153
7.5.5 Dona V. 154
7.6 Categorização para a análise da autorreferência..... 158
7.7 Categorização para análise da heterorreferência..... 228

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que hoje se conhece como Telêmaco Borba[1] é um município situado na região centro leste do Estado do Paraná. Localizado há aproximadamente 241Km da capital Curitiba, sua extensão territorial abrange 1.382.860Km², fazendo divisa com os municípios de Curiúva, Ortigueira, Tibagi, Ventania e Imbaú. Por mais que tais dados sirvam para fixar as fronteiras do território telemacoborbense, a noção de região empregada neste trabalho extrapola uma perspectiva clássica, compreendendo que a história de um lugar não pode restringir-se aos limites deste. Assim, a história telemacoborbense não inicia quando a localidade é elevada à categoria de município, no ano de 1964, mas é anterior, pois o que se conhece hoje por Telêmaco Borba já foi um local com uma abrangência territorial e história maior.

Os pressupostos teóricos para o desenvolvimento desta reflexão estão nos escritos do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012). Para este autor, existe uma estreita relação entre a classificação do que pertence ou não à uma região e a construção da identidade local. Por este motivo é que a capacidade de classificação é disputada nas relações de poder. De acordo com Bourdieu (2012), em tais disputas duas são as representações em jogo: as *objectais* e as *mentais*, organizadas a partir de "critérios logicamente controlados e empiricamente fundamentados da ciência, [que] faz esquecer que as classificações práticas estão sempre subordinadas a *funções práticas*" (BOURDIEU, 2012, p.112). Isto significa dizer que as representações objetais se interessam na manipulação simbólica das representações mentais, que consistem nos princípios práticos do cotidiano. Nas palavras do autor,

> ... são objecto de *representações mentais*... actos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objectais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores (BOURDIEU, 2012, p.112).

Segundo Bourdieu (2012), as propriedades simbólicas podem ser utilizadas de modo estratégico com o intuito de atender aos interesses materiais (e também simbólicos) de seu detentor. Assim, neste processo, o que está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo "através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo" (BOURDIEU, 2012, p.113).

[1] Em relação às suas características essenciais, o município paranaense conhecido atualmente como Telêmaco Borba só recebeu esta denominação quando de sua emancipação da Comarca de Tibagi, no ano de 1964. Até esse período ele era divido em dois territórios: Fazenda Monte Alegre, de propriedade privada da família Klabin, e Cidade Nova, que compreendiam moradias do lado oposto à Indústria Klabin, em relação ao Rio Tibagi (CARVALHO, 2006).

Em relação a isto, a delimitação do que pertence ou não à região e, por conseguinte, à identidade local, Bourdieu (2012) argumentou que estas não ocorrem num espaço natural, mas a partir de imposições. Para exemplificar, apresentou a etimologia dos termos *regere fines* e *regere sacra,* a partir dos escritos de Emile Benveniste. O primeiro seria a delimitação de fronteiras por uma pessoa importante, encarregada do segundo, que pode ser entendido como o ato de "fixar regras que trazem à existência aquilo por elas prescrito, de falar com autoridade, de predizer no sentido de chamar ao ser, por um dizer executório, o que se diz, de fazer sobrevir o porvir enunciado" (BOURDIEU, 2012, p.114). Assim, pode-se dizer que a região e seus limites são vestígios da autoridade, construídos e produzidos por uma imposição de um determinado detentor do poder, que decide o que faz ou não parte desse espaço, estabelecendo fronteiras no que é natural, incluindo ali uma representação do real.Entende-se, dessa maneira, que a região é um espaço de conflitos, resultado de uma conquista, não somente simbólica, que tem seus limites e fronteiras – e também a sua história – construídos a partir de uma relação de dominação.

Diante dessas considerações é interessante refletir a respeito da história do município de Telêmaco Borba, uma vez que as terras que compreendem a região foram mencionadas pela primeira vez em documento oficial em uma carta de concessão de sesmarias, em meados de 1727 (FERNANDES, 1974; CORAIOLA, 2003). Desse período – e mesmo antes – até a aquisição da Fazenda Monte Alegre pelos industriais da família Klabin em 1941, diversos grupos passaram e exerceram seu domínio pela localidade, como indígenas, tropeiros, bandeirantes, jesuítas e exploradores em geral. (FERNANDES, 1974; CORAIOLA, 2003; CUNHA, 1982). Entretanto, a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba (PMTB) apresenta o ano de 1941 e as ações do governo de Getúlio Vargas para a industrialização nacional como marco inicial da história local[2].

De acordo com o referido site, o histórico do município remonta ao ano de 1941, quando Getúlio Vargas iniciou o programa de incentivo à industrialização do Brasil, com o intuito de substituir as importações, que estavam bastante limitadas no período da Segunda Guerra Mundial. Entre outros produtos que foram julgados importantes para se produzir em território brasileiro estava o papel, por meio da produção de celulose nacional. Assim, a fabricação desse material ficou sob a responsabilidade de industriais que, mais tarde, instituíram a Indústria Klabin do Paraná Papel e Celulose S/A (IKPC), instalada às margens dos rios Tibagi e Harmonia. Segundo o site da PMTB, "o risco de implantação era grande

[2] Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/a_cidade/historico/historico.php. Acessado em: 09/07/2014.

visto que o projeto de construção era para o sertão do Paraná, onde não haviam casas, e nenhum quilômetro de estradas de rodagem, entretanto, havia uma vantagem, a existência de grande volume de matéria-prima para a fabricação"[3].

Em seguida, o site discorre acerca da criação de toda uma infraestrutura para o funcionamento de uma fábrica de papel, como "o primeiro núcleo operacional (...) [que] fixou local na região central da Fazenda Monte Alegre e recebeu a denominação de Lagoa", a construção da usina hidroelétrica de Mauá, a barragem no Rio Harmonia – que garantiria o abastecimento da indústria – e o aeroporto, que na época de sua construção era um dos maiores do Paraná"[4].

O texto publicado no site refere-se à região como um sertão, onde não havia casas, nem estradas, atribuindo à indústria a habitação daquele território, a partir de "uma verdadeira expedição do interior do Paraná"[5]. Em seguida discorre sobre a chegada de Horácio Klabin (HK) à Monte Alegre, em 1947, enquanto diretor administrativo das IKPC. De acordo com o site, HK

> ...determinou a alteração do mapa do Estado do Paraná, na região sul do Brasil, construindo uma nova cidade, pois já existiam vários núcleos habitacionais na fazenda Monte Alegre e para a Indústria era muito oneroso manter todo esse pessoal dentro da fazenda que também já não atendia a demanda por mais habitações.

O site também afirma que começaram a surgir moradias clandestinas do lado oposto à Klabin, na outra margem do rio Tibagi. Então, teve início o loteamento Mandaçaia que, mais tarde, passou a se chamar Cidade Nova[6]. Além disso, apresenta a construção do Bonde Aéreo – um dos principais pontos turísticos da cidade – enquanto uma iniciativa de Horácio Klabin, visando transporte facilitado aos que na fábrica trabalhavam.

O último tópico abordado pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba na organização da história local trata do processo da elevação da localidade enquanto município independente da cidade de Tibagi:

> Entre os anos de 1960 até 1964, ocorreram discussões a favor da emancipação da Cidade Nova de seu município de origem, Tibagi. Mas, somente em 21 de março de 1964 o procedimento foi sancionado pelo então governador Ney Aminthas de Barros

[3] Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/historia.php. Acessado em: 23.01.2015.
[4] Ainda sobre o aeroporto escreveram: "contava com um serviço aéreo regular entre São Paulo, Monte Alegre, Curitiba e vice-versa, pelos serviços aéreos Cruzeiro do Sul". Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/historia.php. Acessado em: 23.01.2015.
[5] Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/historia.php. Acessado em: 23.01.2015.
[6] Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/a_cidade/historico/historico.php. Consultado em 15/01/2015. Como será possível perceber ao longo do trabalho, este trecho é bastante semelhante à narrativa de André Miguel Coraiola (2003).

> Braga. E essa lei deu origem então ao município de Telêmaco Borba, tendo como prefeito Péricles Pacheco da Silva[7]

Já na conclusão do histórico apresentado, organizado pela PMTB em nove (09) parágrafos, o site apresenta uma justificativa para a escolha do nome da cidade: "uma homenagem feita ao coronel Telêmaco Enéias Augusto Moracines Borba".

Acredita-se que este "vazio" histórico entre as primeiras menções àquelas terras, que datam do século XVIII, e a narrativa publicada pela PMTB tenha direta relação com a capacidade de dizer o que pertence ou não ao regional, trabalhada por Bourdieu (2012), e a formação identitária local. A existência de um passado anterior à história organizada pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba e publicada no site oficial do órgão contribui ao entendimento de que a história telemacoborbense é apresentada a partir de uma sistematização discursiva construída para o lugar.

Demonstrativo desse processo de sistematização é a existência de uma narrativa fazendo menção ao período que compreende este "vazio" nos escritos do Plano Diretor de Desenvolvimento de Telêmaco Borba, também organizado pela PMTB e publicado em 2005[8]. Desse modo, entende-se que não se trata da ausência de conhecimento por parte da prefeitura em relação ao processo de "conquista e colonização do Estado do Paraná", da "ocupação regional" e da história do "município" – temas abordados pelo Plano Diretor em relação ao passado local – e sim uma escolha, que, como todo recorte, é intencional.A partir dessas colocações, questiona-se quais foram as influências para que a sistematização de uma história, sancionada pelo órgão máximo da cidade – a prefeitura – tivesse início apenas a partir de 1941?

Neste trabalho, inicialmente acredita-se – mesmo de forma hipotética, que a principal contribuição à construção da história de Telêmaco Borba, iniciada com chegada do empreendimento da Klabin ao lugar, tenha sido as narrativas disseminadas pelo periódico local, o jornal O Tibagi, de propriedade de Horácio Klabin. Sabendo que as coisas têm histórias que as "inauguram", resta saber como O Tibagi organizou tais narrativas, quais foram as estratégias utilizadas pelo jornal na sistematização da história de Telêmaco Borba.

Quando um discurso organizado se propõe contar a história de determinada localidade, pode muitas vezes carregar a conotação de discurso fundador. O que caracteriza um discurso como fundador é a sua capacidade de criar uma nova tradição, (re)significando o

[7] Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/historia.php. Acessado em: 23.01.2015.

[8] Disponível para download em http://www.telemacoborba.pr.gov.br/plano_diretor/Analise%20Tematica/perfil%20(completo).pdf (acessado em 22.02.2015)

passado, instituindo em seu lugar uma outra memória, sustentando assim uma nova "tradição" de sentidos. Outra característica dos discursos fundadores é o sentimento de filiação. Ao criar uma nova tradição, os sentidos se projetam para diferentes tempos históricos (no presente projetam-se para o futuro e para o passado), trazendo esse novo discurso para o efeito permanente. Ao adquirir esse caráter familiar, o discurso se torna a própria história, carregando a conotação de algo evidente, do que foi assim e só pode ser dessa maneira. Sobre a filiação Orlandi (2003) escreveu:

> ...nessa passagem do sem-sentido para o sentido... não estamos pensando a história dos fatos, e sim o processo simbólico, no qual, em grande medida, nem sempre é a razão que conta: inconsciente e ideologia aí significam. Não é a cultura ou a história factuais, mas a das lendas, dos mitos, da relação com a linguagem e com os sentidos. É a memória histórica que não se faz pelo recurso à reflexão e às interações, mas pela "filiação" (não aprendizagem). Aquela na qual, ao significar, nos significamos. Assim, nessa perspectiva, são outros os sentidos do histórico, do cultural, do social. Mas que assim mesmo nos constroem um imaginário social que nos permite fazer parte de um país, de um Estado, de uma história e de uma formação social determinada (ORLANDI, 2003, p.13).

As "realidades históricas" de um discurso fundador são produzidas a partir da interação entre a representação do real, construído por meio da ideologia, e o imaginário. Na constituição destas, o sentido não está nele mesmo, "mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam" (ORLANDI, 2012, p.42-43). É dessa forma que o processo de construção de sentidos se relaciona com a ideologia da classe que detém o poder simbólico, que influencia no que deve e o que não deve ser dito sobre o passado de dado local na constituição de sua memória oficial.

Para a linguística, a ideologia é usada como um mecanismo de apagamento da interpretação: "nesse movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico" (ORLANDI, 2012, p.45-46). É dessa maneira que a ideologia influencia o que é dito e o que é não-dito em um discurso. O dizer tem relação direta com o não-dizer, que está implícito. São complementares, afinal, existe uma gama de não ditos que também significam. Existe um não-dizer que é fundamental, sendo o silencio um "lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido" (ORLANDI, 2012, p.83). E são as relações de poder que produzem esses silêncios: o que não está sendo dito (inconsciente) e o que não pode ser dito (consciente).

Os discursos fundadores funcionam como enunciados, "que vão nos inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido..." (ORLANDI, 2003, p.12). Esses enunciados reverberam efeitos no dia-a-dia, mesmo que não sejam exatamente os mesmos encontrados dos documentos históricos, pois o que importa não é necessariamente o que foi dito, mas a versão que ficou do que fora dito (ORLANDI, 2003, p.12). Em geral, esses enunciados dos discursos fundadores repercutem e influenciam na história cotidiana, na organização de uma memória oficial e, consequentemente, na identidade histórica, especialmente pelo caráter de veracidade que apresentam.

Esta questão é bastante perceptível no caso de Telêmaco Borba. Mesmo aqueles alheios à história do município que por lá realizassem um breve passeio, poderiam facilmente atribuir às Indústrias Klabin de Papel e Celulose importância fundamental para o desenvolvimento local, pois em Telêmaco Borba, que recebe a alcunha de Cidade Papel[9], diversas ruas, praças e instituições recebem nomes como Avenida Horácio Klabin, Praça Horácio Klabin, Colégio Estadual Wolff Klabin, Praça Luba Klabin e Avenida Samuel Klabin, entre outros. Até mesmo no processo de emancipação da cidade a influência da família de industriais e seu empreendimento foi pauta de discussão: "Wolfflândia" (CORAIOLA, 2003, p.94) fora cogitada como denominação para a cidade que surgia, em homenagem à Wolff Klabin. Além destas, ainda existem outras alusões que contribuem para a relação entre a existência e o desenvolvimento local à indústria, como as publicações literárias relacionadas à cidade.

Acredita-se que tais referências têm vínculo direto com o estabelecimento dessa nova história ao lugar, a partir da organização de um discurso fundador favorável à indústria, disseminado pelo periódico de Horácio Klabin. Assim, este trabalho tem como objetivo a análise de conteúdo do jornal O Tibagi¸ afim de verificar qual foi sua influência na construção do discurso fundador local, construtor da memória e da identidade do cidadão telemacoborbense. Trata-se, portanto, de um estudo da construção da história local a partir da perspectiva do periódico local[10].

Para alcançar o objetivo geral desta pesquisa foram estabelecidos alguns objetivos específicos. São eles: 1) compreender como as relações de poder são capazes de constituir

[9] Durante a leitura do jornal O Tibagi a referência ao local enquanto cidade papel é bastante frequente, especialmente nos textos escritos por Hellê Vellozo Fernandes.

[10] É importante deixar claro que existiam outras narrativas sobre o local, até mesmo contraditórias ao jornal, circulando em Monte Alegre e Cidade Nova. Entretanto, este trabalho analisará a organização da história de Telêmaco Borba a partir da perspectiva da imprensa local.

uma história condizente com os interesses da classe dominante; 2) identificar os elementos que compõem a história oficial do município; 3) refletir teoricamente a respeito da imprensa em Monte Alegre, analisando tanto os discursos de autorreferencialidade de O Tibagi, que construíram seu lugar de enunciador do conhecimento para a sociedade montealegrense, como o de heterorreferencialidade e sua contribuição para a organização do discurso fundador e o estabelecimento da história oficial local.

Este trabalho foi construído em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Telêmaco Borba e as relações políticas,* é trabalhada a noção de poder simbólico, refletindo como são estabelecidas as relações de poder e como estas são capazes de constituir uma memória de acordo com os interesses da classe dominante. As discussões realizadas no segundo capítulo do trabalho apresentam uma sistematização da história local a partir da literatura sobre a cidade, contribuindo à identificação do discurso fundador de Telêmaco Borba. O último capítulo, nomeado de *Análise da autorreferência e da heterorreferência no jornal O Tibagi*, contextualiza o periódico na história da imprensa nacional da década de 1950 e 1960 e apresenta o jornal (suas características principais e sua organização). Em seguida, são analisadas as estratégias autorreferentes utilizadas pelo periódico na construção de seu lugar de enunciador e os discursos heterorreferentes a respeito do local e regional por O Tibagi publicados, afim de inferir sobre sua contribuição na construção do discurso fundador de Telêmaco Borba. Nas considerações finais desse trabalho, foram organizadas algumas aproximações entre os capítulos, apresentando reflexões sobre o papel da imprensa na organização de discursos fundadores e, por extensão, da memória oficial e da identidade.

Este trabalho configura-se como uma pesquisa histórica pautada em fontes jornalísticas[11]. A escolha do jornal O Tibagi enquanto fonte se deu por este ter sido, durante longo período, o único jornal produzido na localidade e que tratava com especificidade de temas locais, permitindo, assim, inferir a respeito da influência do periódico, de propriedade de Horácio Klabin, na constituição do discurso fundador de Telêmaco Borba.

[11] Até o momento da qualificação desta dissertação de mestrado, este estudo também se configurava um trabalho de história oral, pois foram realizadas entrevistas com pessoas que tiveram acesso ao periódico no período que compreende o recorte temporal da pesquisa, que posteriormente seriam comparadas com as narrativas disseminadas no jornal, buscando as permanências presentes nos discursos ainda nos dias atuais, que continuam por contribuir à memória herdada sobre o local. Entretanto, após a qualificação, os professores participantes da banca sugeriram que o trabalho com a história oral fosse deixado para um momento posterior, em decorrência à quantidade de fontes para este trabalho. Assim, as entrevistas realizadas até o momento desta banca serão aqui utilizadas enquanto fonte, mas este trabalho não mais se configura enquanto um trabalho de história oral. É importante ainda acrescentar que o projeto desta dissertação foi primeiramente aprovado pela Plataforma Brasil para então ter sido dado início à coleta das entrevistas, que foram devidamente documentadas.

A opção pelo recorte temporal que compreende os anos de 1948 e 1964 tem relação com a data de publicação do primeiro exemplar do jornal, em 23 de novembro de 1948, e a emancipação da localidade enquanto município de Telêmaco Borba, em 21 de março de 1964.

Os exemplares do semanário estão disponíveis para consulta por pesquisadores na Casa da Cultura de Telêmaco Borba. Com edições praticamente completas, os jornais estão encadernados ano a ano, desde sua primeira edição até 1996[12], quando do encerramento de suas atividades. Com pressupostos em Pierre Nora (1993)[13], quando o historiador fala da necessidade de criar datas e aniversários, foram escolhidas – para além do exemplar número 01 do periódico – as edições anuais de aniversário, que eram seis, sete vezes maiores que as edições normais/semanais. Esta escolha também favorece a possível visualização de um projeto ideológico e seu desenvolvimento ao longo dos anos.

A escolha do trabalho com a história regional de Telêmaco Borba teve como incentivadoras inquietações históricas e identitárias. Desde o início da pesquisa foi possível observar a ausência de estudos das ciências humanas e sociais em torno da temática, o que se tornou um grande incentivo, proporcional ao tamanho do desafio. Por esse motivo – a escassez de produções – acredita-se que o estudo dos processos históricos da cidade de Telêmaco Borba em relação à Indústria Klabin constitui uma contribuição significativa para o município e seus moradores, considerando a importância da formação da identidade da população local por meio das narrativas historicamente construídas a partir do discurso publicado no periódico.

[12] Dentre esses 17 anos, que correspondem a 17 volumes encadernados, o ano de 1955 foi extraviado do acervo da Biblioteca da Casa da Cultura.

[13] Tendo como referencial os estudos de Pierre Nora (1993) e o conceito de *lugar de memória*, entende-se o jornal também enquanto um lugar de memória. Enquanto um local de memória, o jornal tem a capacidade de criar memórias a partir do conteúdo selecionado e publicado. Ao mesmo tempo, tem a capacidade de levar ao esquecimento, quando deixa de noticiar dado acontecimento.

2 INDÚSTRIAS KLABIN E SUAS RELAÇÕES POLÍTICAS

2.1 O Governo de Getúlio Vargas

No início do século XX diversas foram as mudanças políticas e econômicas no Brasil. O país, a partir da década de 1930, passou a experimentar uma nova forma de governo, que tinha suas ações personificadas na figura popular do então Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas.

Quando do ingresso de Getúlio Vargas ao poder, diversas foram as medidas tomadas, pautadas no ideal de uma "nova democracia", que "negava a ideia de uma sociedade fundada no dissenso, postulando a tendência à unidade em todos os aspectos, fossem econômicos, políticos, sociais ou morais" (GOMES, 1998, 516). A esse respeito Gomes (1998) escreveu: "a identificação entre Estado e nação, bem como a concentração da autoridade do Estado na figura do presidente, nessa proposta, eliminava a necessidade de 'corpos intermediários' entre o povo e o governante... (GOMES, 1998, p.516).

Para a construção do mito [sic] Vargas, o autoritarismo foi um facilitador da divulgação de mensagens oficiais. Sua popularidade também se dava pela promoção de políticas públicas, atendendo ao povo, mas de acordo com interesses particulares. Entre as políticas públicas desenvolvidas durante seu governo, recebe destaque a "Consolidação das Leis do Trabalho", que regularam as relações individuais e coletivas de trabalho. Para Mourelle (2012), "as práticas do governamentais consolidadas no trabalhismo varguista da década de 1940, visavam claramente vincular a memória social do trabalhador às realizações do Presidente da República à época" (MOURELLE, 2012, p.109). Esta medida proporcionou a criação de um vínculo emocional entre os trabalhadores e o "pai que beneficia os filhos e, por isso, merece reconhecimento" (MOURELLE, 2012, p.109). Era tratado como um líder paternal, que se voltava direta e emocionalmente para "seu" povo (GOMES, 1998).

A respeito do Governo Vargas, Willer (1997) escreveu:

> Os anos 30 presenciaram as tentativas de "invenção" de um novo Brasil pela afirmação de um orgulho de brasilidade. No campo da cultura este sentimento já se estabelecera desde os anos 20, principalmente a partir do movimento Modernista. Com a Revolução de 30, esse sentimento passa a abranger também a economia e, consequentemente, a organização do trabalho. O Estado Novo, autoritário e centralizador, promove a mística do governante como homem que não se atém aos interesses das classes dominantes, mas que também atende aos trabalhadores. Ele organiza o próprio movimento operário e garante as conquistas sociais e trabalhistas, se opondo às agitações sindicais dos anos 10-20. Surge o discurso sobre o "bom trabalhador", sobre o indivíduo disciplinado, a família higienizada e o trabalho organizado (WILLER, 1997, p.06).

Outra característica que merece destaque dentre as ações do governo Vargas é o discurso a respeito do progresso e da industrialização do Brasil. Para Mourelle (2012), citando Benjamin (1994, p.228 e 229), essa definição de progresso

> ...[que] faz lançar o olhar dos homens para o futuro, seria uma tática das classes dominantes de atribuir à classe operária "o papel de salvar gerações futuras", o que diminuiu também o "ódio" em relação ao passado de opressão vivido pelos seus antepassados... (MOURELLE, 2012, p.109).

Esse imaginário a respeito do progresso da nação, disseminado por meio da propaganda do Departamento de Imprensa e Propaganda e pelos discursos do próprio Presidente Vargas, contribuiu para que o trabalhador aceitasse "sua condição de reprodutor da realidade vigente e se entregou ao labor do dia a dia de modo quase mecânico" (MOURELLE, 2012, p.111). Acredita-se que este discurso em relação ao progresso e a modernidade brasileira se instalou com facilidade porque trazia enquanto argumento a superação das crises políticas, sociais e econômicas do Brasil (DAMASCENA JR, 2007).

O discurso a respeito do progresso, que nesse contexto também tinha como sinônimo a modernidade[14], alimentava o imaginário da população diante do objetivo de que o Brasil "alcançasse o desenvolvimento adequado ao século em que se encontrava" (DAMASCENA JR, 2013, p. 97-98). Para tanto, era necessária a industrialização, a urbanização, a modernização, a europeização, a americanização e a civilização do Brasil (DAMASCENA JR, 2013, p.98).

Outro fator que contribuiu a esse processo, com ênfase à industrialização nacional, foi a depressão americana dos anos 30. Estando os Estados Unidos em crise e sendo ele o maior comprador do café brasileiro, principal fonte de negociações internacionais, o Brasil precisou dar início ao seu processo de industrialização, visto que até esse momento a economia nacional era basicamente agrária. Tal incentivo à industrialização foi também entendido enquanto um agente da modernização (DAMASCENA JR, 2013).

[14] Para Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira (2013), o uso da palavra modernidade é semanticamente confuso, pois, quando do surgimento dessa expressão, ela era utilizada para designar o que hoje é conhecido como "atual". Somente no século XVII que seu sentido passou a ser empregado como algo novo e positivo, passando a ser utilizado na Europa "para adjetivar a forma de pensar e viver do Ocidente; a forma 'correta', 'racional'" (OLIVEIRA, 2013, p.89). Esta autora, ao citar Guiddens (1991, p.11), escreveu: "a modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência" (OLIVEIRA, 2013, p.90). A autora ainda afirmou que neste ideal de modernidade, as pessoas são envolvidas em um sem fim de acontecimentos que não conseguem compreender, nem controlar. É um imaginário a respeito de algo que não se sabe muito bem o que é, mas que pelo seu discurso de divulgação, entende-se ser algo que é bom.

Os investimentos explícitos para a modernização nacional tiveram início a partir da tentativa de instalação da primeira siderúrgica no Brasil, em 1935, durante o governo Vargas. Segundo escreveu Damascena Jr (2013),

> A partir de então, o processo de industrialização e modernização do país tornou-se cada vez mais intenso. Esse momento foi marcado também pela proposta da marcha para o Oeste apresentada por Getúlio Vargas por volta de 1939. Proposta que, nos textos jornalísticos, se apresenta diretamente relacionada com a ideia de progresso para o país (DAMASCENA JR, 2013, p.98-99).

O projeto denominado Marcha para o Oeste visava a ocupação e o desenvolvimento do interior do Brasil, pois até o momento, 1938, a maioria da população encontrava-se na região litorânea brasileira, enquanto regiões como o Norte e o Centro-oeste eram pouco povoadas[15].

Entre as medidas tomadas para a concretização da Marcha para o Oeste é possível destacar a construção de estradas, que, entre outros motivos, foi um atrativo para empresas colonizadoras, bem como um incentivo à instalação de indústrias de base pelo interior brasileiro. Entre as indústrias empreendidas durante este projeto é possível destacar a fábrica que hoje é conhecida como Indústrias Klabin de Papel e Celulose. A construção da referida indústria foi responsável pela fabricação de celulose nacional – produto até então importado – e pela ocupação de parte do interior do Paraná.

A problematização a seguir tem pressupostos no trabalho do historiador Marcelo Willer, intitulado "Harmonia: uma utopia urbana para o trabalho", onde o historiador discorreu a respeito do relacionamento entre o governo federal e os membros da família Klabin. Além disso, em seus escritos também ponderou a respeito dos ideais presentes no Estado Novo e como estes se faziam presentes nas práticas no interior da Fazenda Monte Alegre.

Segundo Willer (1997), a implementação da indústria no interior do Paraná só foi possível de ser realizada devido aos "importantes incentivos econômicos e fiscais que, aliados à grande disponibilidade de matéria-prima na região, ajudaram a viabilizar um projeto tão ambicioso para a época" (WILLER, 1997, p.07). Portanto, é importante ressaltar que a implantação do projeto industrial de tamanha grandeza só foi possível por estar estreitamente ligada aos projetos do Estado Novo, seu principal financiador e investidor (WILLER, 1997, p.61).

[15] Vale ressaltar que esta é uma visão que comunga com o ideal de progresso e civilização, por este motivo é desconsiderada a presença dos nativos que já ocupavam tais terras esvaziadas pela história oficial.

O local escolhido para a instalação da indústria foi a Fazenda Monte Alegre, na região central do estado do Paraná, afastada dos grandes centros consumidores. Portanto, "trata-se de um projeto industrial que pensa tanto a instalação fabril em si quando a infra-estrutura secundária que sustente a indústria, abrangendo desde moradia para o corpo técnico até o alojamento para o conjunto de trabalhadores que vão operar a fábrica" (WILLER, 1997, p.07).

Por ter sido instalada no Paraná, o empreendimento também contou com a intermediação do interventor do estado do Paraná Manoel Ribas, nomeado por Getúlio Vargas. A relação entre os Klabin e o Governo Estadual e Federal contribuíram significativamente para o sucesso dos negócios[16].

[16] Segundo Maurício Margalho (2008), a segunda geração da família Klabin [atuante durante o processo de negociação e início do empreendimento], representadas nas figuras de Horácio Láfer e Wolff Klabin, foi fundamental para o desenvolvimento do projeto no interior do Paraná. Estes entendiam que relações amistosas com representantes influentes da sociedade política eram primordiais para a defesa dos interesses econômicos da família e do grupo econômico mais amplo. Nesse sentido, Margalho (2008) escreveu que "o investimento na construção das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose no primeiro Governo Vargas apenas foi possível porque a KIC [Klabin, Irmão & Cia – como, na época, era chamada a empresa da família] acumulou um sólido capital político..." (MARGALHO, 2008, p.23) Esta argumentação está fundamentada nas atividades políticas exercidas por esses membros da família. Nesse sentido, especialmente Horácio Lafer, segundo pesquisas realizadas por Margalho (2008), teve uma intensa e extensa participação política: "quando em 1934 se formou o Partido Constitucionalista [...] Horácio ingressou na nova legenda, sendo eleito deputado federal em outubro de 1934 por São Paulo, iniciando a legislatura em maio de 1935. (...) Foi membro da delegação brasileira presente à III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas. (...) A partir de 1943, Lafer fez parte do Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda, se mantendo no cargo até 1950. Após 1945, com o retorno das organizações partidárias, ele se filiou ao Partido Social Democrático, ao qual se manteve filiado durante toda a sua vida pública. Tornou-se a se eleger Deputado em dezembro desse ano. Exerceu outras atividades, tendo sido Ministro da Fazenda no Segundo Governo Vargas" (MARGALHO, 2008, p.30). Seu primo Wolff Klabin também teve participações importantes na sociedade civil: "embora ele não tivesse buscado se profissionalizar como político, dedicando-se a vida pública tal qual Horácio, não se pode, entretanto, atribuir menos importância ao papel social por ele desempenhado como um empresário que, mesmo seguindo uma trajetória política distinta do primo, nem por isso foi menos expressiva. A atuação dele como representante de sua família no interior de entidades de classe foi importante porque significava a consagração nos espaços institucionais da sociedade civil, abrindo, por conseguinte, as perspectivas de acumulação de capital político" (MARGALHO, 2008, p.30). Além das relações desses membros da família Klabin com a sociedade política e civil, outros fatores contribuíram para a ascensão do grupo Klabin, como o episódio dos proprietários de terras que estavam perdendo poder político para uma crescente burguesia industrial. Margalho (2008) defende esse posicionamento quando argumenta que "a crise de hegemonia entre as oligarquias, que resultou na revolução de 1930, criou as condições para que houvesse a construção da hegemonia por parte das novas classes que se apoderaram do controle dos aparelhos estatais" (MARGALHO, 2008, p.31). Assim, os grupos antes marginais no processo político-social do Brasil passaram a ter uma participação em primeiro plano e mais consistente no Estado. Portanto, é possível afirmar que o crescimento da Klabin, Irmãos & Cia tornou-se possível principalmente a partir das relações sociais estabelecidas entre diferentes agentes sociais. Willer (1997) também escreveu a respeito de Getúlio Vargas ter sido o principal financiador do empreendimento. Seu interesse pela construção da fábrica de papel e celulose no interior do Paraná pode ser mensurado pela quantidade de vezes que se fez presente em Monte Alegre: duas foram suas visitas para verificar o andamento do empreendimento. Willer (1997) apresenta a justificativa para tal interesse: "como iniciativa exemplar de industrialização para o vasto

Para permitir o funcionamento da indústria foi necessário o desenvolvimento de uma infraestrutura urbana que contemplasse as principais necessidades de seus trabalhadores. Foram oferecidas moradias, escola, hospital, clubes, mercadinhos... Tal infraestrutura pode ser entendida como um benefício ao trabalhador, ao mesmo tempo em que serve para assegurar a mão-de-obra. A este respeito Willer (1997) escreveu:

> Do ponto de vista da empresa, ele se pauta por um modelo empresarial germânico em suas conotações paternalistas. Do ponto de vista governamental, ele assegura a implementação do corpo sadio, algo tão enfatizado pelo discurso do Estado Novo. A ideia de nação forte está indissociavelmente presa à do trabalhador igualmente forte, respaldado pelas garantias de ensino, da assistência médica, do atendimento religioso, do exercício físico e, sobretudo, da família (WILLER, 1997, p.09-10).

A oferta de tais garantias proporcionou que grande número de mão-de-obra se fixasse próximo à fábrica, garantindo assim o contingente necessário à produção industrial, ao mesmo tempo que atua sobre estes trabalhadores, "de forma a constituir uma comunidade de indivíduos sadios e disciplinados, enfim, para o trabalho industrial" (WILLER, 1997, p.48)[17].

Além da implantação de diversos acampamentos e de dois núcleos urbanos – Harmonia e Lagoa – pelo território da Fazenda Monte Alegre, dotados, em grande parte, da infraestrutura já mencionada, foi necessária também a implementação de uma estrutura de apoio, com a construção de um sistema de rodovias, duas barragens, uma usina hidroelétrica.

O local para a construção da fábrica foi Mortandade, denominação oriunda de um assassinato em massa de índios caingangues na localidade no final do século XVIII, promovido pelo coronel José Felix da Silva. Assim que os industriais decidiram pela construção da fábrica neste local, alteraram seu nome para Harmonia. A escolha do nome Harmonia é emblemática: "a nova denominação nos remete à proposta de cooperação de classes representada pelo corporativismo do Estado Novo" (WILLER, 1997, p.65).

O primeiro núcleo urbano foi implantado em 1939, com a denominação de Lagoa, e localizava-se a 30km do local escolhido para a construção da fábrica. Ali foram construídas as primeiras moradias e ali também foram estabelecidas as primeiras regras de convívio, elaboradas por Luiz Vieira, homem de confiança de Getúlio Vargas e administrador da Fazenda Monte Alegre em seus primeiros anos.

---

interior do país, inserido na preocupação da "marcha para o oeste" de civilização dos sertões desabitados, também convinha a Vargas que a sociedade a se constituir em torno de um empreendimento tão emblemático também se constituísse em exemplo de organização para as populações que se aglomeravam em torno dos centros industriais emergentes nas grandes cidades do país" (1997, p.66-67).

[17] É oportuno ressaltar que tais ações são inspiradas no projeto de governo nacional, mas que por isso os trabalhadores deixaram de exercer sua autonomia, mesmo que de modo velado, dentro dos limites da Fazenda Monte Alegre.

2.2 O exercício do poder simbólico pela Klabin na região

A família Klabin, que já era consagrada na produção de papel, especialmente em São Paulo, adquiriu as terras que correspondem à Fazenda Monte Alegre em um leilão do Banco do Estado do Paraná (BEP). Entre os sócios e familiares responsáveis pelos investimentos, dois nomes recebem maior destaque, principalmente no processo de aquisição das terras da Fazenda Monte Alegre: Wolff Klabin e Horácio Lafer. Ambos entendiam as relações políticas como essenciais para o desenvolvimento do grupo. Destacam-se entre estas a amizade com Manoel Ribas, interventor do Estado do Paraná e homem de confiança de Getúlio Vargas, então Presidente da República (MARGALHO, 2008).

Com a possível construção de uma fábrica de papel, os interesses de todos seriam atendidos: Manoel Ribas, indicado por Vargas como Interventor do Paraná, visava o desenvolvimento econômico do Estado, e, por isso, intermediou o processo de compra das terras de Monte Alegre para a instalação de uma indústria papeleira pelos Klabin; estes, por usa vez, galgariam mais um degrau na ascensão política, econômica e social iniciada após a vinda do patriarca para o Brasil; e também Getúlio Vargas, entendendo, entre outros motivos mais estritamente industrializantes, a importância da publicidade de seu governo através da imprensa, incentivava a produção de papel nacional.

Além desde apoio recebido pelos governos federal e estadual, que contribuem à detenção do poder simbólico (político, econômico...) pela Klabin na região, acredita-se que a manutenção e legitimação deste poder se deu, a partir de 1948, por meio da organização da história local, através do jornal O Tibagi.

O exercício do poder está em toda a parte: na rua, na família, na sociedade... Este poder, presente em todos os locais e relações sociais, está, ao mesmo tempo, presente em lugar nenhum. Possui um efeito invisível e é exercido sobre aqueles que não têm conhecimento sobre sua existência ou sobre quem o exerce. É um discurso que passou por um processo de naturalização através da imposição dissimulada, que ocorre a partir da relação entre senso e consenso.

A existência de ruas e praças em Telêmaco Borba que fazem referência à Klabin contribuem para este processo de naturalização. Além disso, o exercício do poder simbólico foi também possibilitado por construções literárias, mais especialmente pelas disseminadas pelo jornal O Tibagi, que ao mesmo tempo em que auxiliavam na construção de um imaginário em torno da indústria, emprestavam sentido à construção do discurso fundador de Telêmaco Borba.

O poder, enquanto *estrutura estruturante*, pode ser exercido pelo mito, língua, arte, ciência, comunicação, etc. Atuam como "instrumentos de conhecimento e construção do mundo dos objetos como 'formas simbólicas'" (BOURDIEU, 2012, p.08). Esse poder, que está situado no âmbito social, é exercido por um grupo particular e socialmente determinado. Isso significa dizer que todas as pessoas eram/são capazes de organizar narrativas e histórias sobre Monte Alegre, Cidade Nova e Telêmaco Borba, mas que apenas o jornal O Tibagi era o disseminador socialmente aceito para narrar sobre o local e o regional porque conquistou tal posição por meio de estratégias para a construção de sua imagem[18].

Segundo Bourdieu (2012), os sistemas simbólicos – enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação – "só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados" (BOURDIEU, 2012, p.09). Ou seja, o poder simbólico só é exercido por aqueles que, pelos mais diversos mecanismos, conquistaram o "direito" de enunciar o mundo. Assim, o poder simbólico, enquanto *estrutura estruturada*, é construtor da realidade que busca o estabelecimento da organização do mundo social, resultando em uma mundivisão homogênea (sobre tempo, espaço, número, causa), o que faz com que seja possível a concordância entre diversas inteligências. Esta capacidade de modulação se dá com maior facilidade quando a enunciação da realidade estabelecida pelo grupo dominante é hegemônica, como é o caso de O Tibagi, que na região de Monte Alegre era o periódico de maior circulação, uma vez que a Fazenda localizava-se distante fisicamente de outros centros populacionais.

Dentro do exercício do poder simbólico existe um tipo de relação conhecida como solidariedade social, que implica a participação de diversos indivíduos no processo de construção simbólica. Isso significa dizer que durante o processo de organização da realidade por quem exerce o poder pode haver a participação das demais classes, desde que em conformidade com os anseios da dominante. Para exemplificar é possível citar o próprio jornal O Tibagi, que durante o processo de construção de tais simbolismos para a população regional publicava participações dos leitores, possivelmente selecionados conforme os interesses à narrativa que se pretendia disseminar. Este tipo de estratégia torna possível o consenso sobre o sentido da sociedade e que "contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração 'lógica' é a condição da integração da 'moral'" (BOURDIEU, 2012, p.10).

Bourdieu (2012) essas produções simbólicas servem enquanto instrumentos de dominação. Para o autor, os discursos produzidos pela classe dominante, que são ideológicos,

[18] As estratégias para a construção de uma imagem para o jornal O Tibagi serão problematizadas no terceiro capítulo deste trabalho.

soam como algo coletivo, mas que, na verdade, servem apenas aos interesses de particulares no exercício do poder. É justamente este caráter universal conotado às produções simbólicas que contribuem ao exercício da dominação. Sendo a cultura dominante praticada por um grande número de pessoas, há aí a legitimação de sua própria classe no poder. Desse modo, é possível afirmar que a cultura que "une" é também a que separa[19], ou seja, ao mesmo tempo em que trazem um sentimento de unidade, legitimam distinções "compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante" (BOURDIEU, 2010, p.11). Para assegurar-se enquanto grupo dominante, faz-se necessária "uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes; para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização das classes dominadas" (BOURDIEU, 2010, p.10)[20].

Ainda sobre este aspecto Bourdieu (2012) escreveu:

> É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os 'sistemas simbólicos' cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim (...) para a 'domesticação dos dominados'" (BOURDIEU, 2010, p.11).

Nos sistemas simbólicos, as ideologias "devem a sua estrutura e as funções mais específicas às condições sociais da sua produção e da sua circulação, quer dizer, às funções que elas cumprem..." (BOURDIEU, 2012, p.13). Assim, como supracitado, é possível entender que a ideologia se faz num processo de duas vias: para atender aos interesses da classe dominante, os dominados também acabam por ser contemplados[21].

Sintetizando, Bourdieu (2012) escreveu:

> O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daqueles que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, que dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder..." (BOURDIEU, 2012, p.15)

Partindo desses pressupostos, entende-se que o poder simbólico da Klabin foi também exercido quando da organização "realidade" por meio do jornal O Tibagi, através da publicação de uma determinada história, afinal, "é no presente que a construção do passado é

[19] Em uma rápida leitura do corpus documental desta pesquisa é possível observar que existe um grande número de narrativas publicadas no jornal escritas na primeira pessoa do plural, dando aos leitores a sensação de pertencimento ao grupo que ali se enuncia.

[20] Ao longo da análise será perceptível como esta prática foi fundamental no relacionamento entre patrões e empregados em Monte Alegre.

[21] Esta questão poderá ser observada quando da análise do relacionamento e vivência em Monte Alegre.

disputada como recurso para a construção de um futuro que responda às aspirações desse presente" (ENNE, 2004, p.104).

2.2.1 O poder simbólico como construtor da história e da memória

A história e a memória de dado local são construídas por meio de um processo de sistematização de seus elementos, a partir da organização de narrativas pelo grupo dominante nas relações de poder (BOURDIEU, 2012). Desse modo, as referências feitas ao passado são benéficas para manter e legitimar grupos/instituições, disseminando o próprio passado e a imagem que constituíram de si mesmas (POLLAK, 1989 e 1992; NORA, 1993). Nesse sentido, acredita-se que a história e a memória de Telêmaco Borba foram organizadas pelo detentor do poder simbólico local, as Indústrias Klabin, por meio do veículo de comunicação de Horácio Klabin, o jornal O Tibagi.

O processo de constituição da história e da memória de um lugar é litigioso: em tais disputas busca-se que as práticas da cultura dominante sejam realizadas por todos, legitimando-a no poder. Em relação à temática deste trabalho, é aqui entendida enquanto cultura dominante as narrativas disseminadas no periódico de Horácio Klabin, que organizaram uma história para o local e o regional, ao mesmo tempo em que contribuíram à legitimação e manutenção do grupo dominante no poder.

Pollak (1989) ao tratar da constituição da memória nacional também escreveu sobre esta capacidade que os detentores do poder têm de construir uma história. No caso da memória nacional, esta é construída a partir de um processo de organização de seus elementos "que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor", que sintetiza o processo em que se "remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado" (POLLAK, 1989, p.08). Pensando nesse aspecto, a referência que se faz ao passado (selecionado) é útil para manter e legitimar grupos e instituições, com o intuito de "manter a coesão interna e defender as fronteiras" (POLLAK, 1989, p.09), além de disseminar e validar seu próprio passado e a imagem que construiu de si mesma.

A capacidade de construir memórias também são objetos de disputa nas relações de poder, porque estas podem sofrer mudanças nos elementos que as constituem de acordo com interesses e necessidades da classe dominante. O conceito de trabalho de enquadramento da memória, também elaborado por Pollak (1992), exemplifica tais disputas, tratando a respeito de uma tentativa de "unificação de manutenção da unidade" (POLLAK, 1992, p.07) por parte dos historiadores e de instituições sociais (o jornalismo é uma delas!). Para o autor, "esse

trabalho de controle da imagem da associação implica uma oposição entre o "subjetivo" e o "objetivo", entre a reconstrução de fatos e as reações e sentimentos pessoais" (POLLAK, 1989, p.10). Para o trabalho de enquadramento, de sistematização de histórias e memórias, são utilizadas "testemunhas sóbrias e confiáveis" (POLLAK, 1989, p.10)[22] e objetos (i)materiais – lugares de memória, segundo Pierre Nora[23]–, como monumentos, museus, bibliotecas, acervos, a própria historiografia e também a produção jornalística[24].

Esses lugares de memória são criados com um dado objetivo: "nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais" (NORA, 1993, p.13). Essa história presente em tais lugares representa uma memória privilegiada materializada, em detrimento de outras. Para Nora (1993), a função fundamental da existência dos lugares de memória "é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais" (NORA, 1993, p.22).

Neste trabalho o jornal O Tibagi é compreendido enquanto um lugar de memória, pois a organização das narrativas ali publicadas contribuiu para construção de uma história e de uma memória de acordo com interesses do detentor do poder simbólico local.Enquanto "testemunha sóbria e confiável", o jornal de propriedade do diretor técnico da Klabin sistematizou a história local, discursando sobre o que gostaria que os montealegrenses entendessem enquanto parte ou não de sua história, de sua memória coletiva, ao mesmo tempo em que contribuiu à manutenção e à legitimação das Indústrias Klabin no poder. Sendo publicadas semanalmente no hebdomadário montealegrense, a história e a memória, enquanto fenômenos ideologicamente construídos, passaram por um processo de naturalização "por meio de uma imposição mascarada" (BOURDIEU, 2010, p.14). Sendo o jornal O Tibagi um lugar de memória, ainda hoje é frequentado por curiosos, diletantes e pesquisadores, colaborando à atualização – e por que não manutenção?! – da história local.

---

[22] Ao lado dessa reorganização através do enquadramento da memória, existe o trabalho da própria memória em si. Pollak (1992) afirma que "cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização" (POLLAK, 1992, p.07) a partir de elementos disponíveis no presente.

[23] Para o autor, um *lugar de memória* "não poderia nunca ser reduzido a um objeto material, mas sim, ao contrário. A noção é feita para liberar a significação simbólica, memorial – portanto, abstrata – dos objetos que podem ser materiais, mas na maior parte das vezes não o são. Na verdade, existem somente *lugares de memória* imateriais, senão seria suficiente que falássemos de memoriais". BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Pierre Nora, ou o historiador da memória (entrevista). História Social, Campinas – SP, nº06, 1999, p.30.

[24] Nesse processo de construção de memórias a mídia desempenha papel fundamental, principalmente a partir do ideal de verdade que esta carrega (ENNE, 2004).

3 O DISCURSO FUNDADOR DE TELÊMACO BORBA A PARTIR DE FONTES LITERÁRIAS

A cidade de Telêmaco Borba é amplamente conhecida como "a cidade da Klabin" (CORAIOLA, 2003, p.47). Além das ruas e instituições que contribuem à esta associação, há o histórico publicado no site oficial da Prefeitura Municipal, o qual foi inspirado na literatura sobre o local[25]. Como será visto adiante, a produção literatura sobre o local e o regional também apresenta determinadas construções históricas que ajudam a reforçar este mito.

A primeira sistematização da história de Telêmaco Borba em um livro foi escrita por Hellê Vellozo Fernandes, no ano de 1974. A história da autora em relação à Monte Alegre e às Indústrias Klabin tem início em 1945, quando se mudou para a localidade acompanhando o marido que a havia sido contratado para trabalhar como médico da população montealegrense. Atuou como professora e coordenadora das diversas escolas florestais da indústria e participava nos trabalhos de assistência social às famílias dos trabalhadores da Klabin, além de ser membro do Lions Club local. Exerceu suas atividades como escritora também em Monte Alegre, sendo redatora social do jornal O Tibagi, propriedade de Horácio Klabin, que era distribuído gratuitamente aos moradores locais, regionais e até mesmo fora do Estado do Paraná.

Ao intitular seu livro sobre a história de Telêmaco Borba como *Monte Alegre, Cidade Papel*, Hellê Vellozo Fernandes (1974) expressa uma relação entre a existência da localidade e a indústria. Ademais, o livro trata, de maneira geral, do processo de construção da fábrica da Klabin e da organização das unidades fabris em Monte Alegre do Tibagi, perpassando acontecimentos cotidianos.

O livro, que está organizado em 11 capítulos[26], possui 236 páginas e trata, de maneira geral, do processo de construção da Indústria e de seu desenvolvimento. Apenas 13 páginas são dedicadas ao passado anterior a chegada dos industriais ao local, fazendo menções aos bandeirantes; à existência de indígenas "cerca de mais ou menos oitenta quilômetros de Monte Alegre" (FERNANDES, 1974, p.13) em reduções jesuíticas; aos tropeiros que contribuíram na organização de vilas pelos caminhos onde faziam suas

[25] Esta afirmação tem pressupostos nas similaridades encontradas na literatura e no site onde o histórico de Telêmaco Borba foi publicado.

[26] I – Uma fazenda entre pinhais; II – Da Europa ao sertão; III – Pioneiros de IKPC; IV – Visitas; V – O grande "rush"; VI – O senhor presidente; VII – Um pinheiro desconhecido; VIII – A maior plantação do mundo; IX – Década sem precedentes; X – Papel, uma exceção; XI – Fogo.

invernadas; e aos sesmeiros – com destaque especial para José Felix da Silva[27] –, chegando brevemente ao processo de compras e aquisições de terras pela família Klabin, com o intuito de construir e organizar uma fábrica e núcleos fabris na região do Alegre.

Sendo a autora do romance histórico uma jornalista, que participou e teve destaque na sociabilidade local, ao organizar seu livro dedicando treze páginas para o passado anterior a chegada dos industriais e dez capítulos aos feitos industrializantes, contribuiu ao imaginário da população montealegrense enfatizando o local a partir da indústria.

Para escrever *Monte Alegre, Cidade Papel*, como Hellê relata na *apresentação* do livro, usou como fontes sua própria vivência na localidade, a partir de 1945, pesquisa em arquivos, documentos e entrevistas. Entretanto é importante relativizar o próprio uso das fontes por qualquer que seja o autor, uma vez que "todo ponto de vista sobre a realidade, além de ser intrinsecamente seletivo e parcial, depende das relações de força que o condicionam como, por exemplo, a possibilidade de acesso à documentação, a imagem total que uma sociedade deixa de si" (GINZBURG, 2002, p.43).

Ainda sobre suas fontes, a autora faz a ressalva de que

> ...é compreensível que tenhamos citados, quiçá, com mais pormenores a atuação daqueles sobre os quais encontramos mais copiosa documentação ou daqueles cujo trabalho assistíamos mais de perto, no complexo gigantesco de Indústrias Klabin do Paraná de Celulose (FERNANDES, 1974, p.06).

Sobre este aspecto, durante sua narrativa existe a recorrente associação dos acontecimentos a grandes homens e personagens que não necessariamente fizeram parte do espaço-tempo de quem os rememora através da leitura, mas que, de qualquer maneira, cria um imaginário em torno dessas personalidades, as colocando como imprescindíveis na construção do local e de sua história.

Ao escrever, Hellê Vellozo Fernandes[28] (1974), jornalista relacionada à ideologia da Indústria Klabin construiu uma narrativa que pode ter influenciado à organização do discurso fundador da localidade e de sua memória oficial. A esse respeito, não é possível afirmar em que medida *Monte Alegre, Cidade Papel* auxiliou na organização da história oficial ou se é resultado de um movimento dialético[29]. Entretanto, por mais que o livro tenha sido escrito há pouco mais de quatro décadas, sua contribuição mínima está no fato de ser até os dias atuais

[27] A história deste coronel José Félix da Silva foi escrita por August de Saint-Hilaire, no livro *Viagem ao Interior do Brasil em 1820*, e, mais tarde, romanceada por David Carneiro, em *O Drama da Fazenda Fortaleza*, escrito em 1941.

[28] Seus dados biográficos pormenorizados serão apresentados no terceiro capítulo do trabalho.

[29] Bem como as demais obras literárias aqui analisadas.

utilizado como referência para os escritos a respeito da cidade. Assim, o romance histórico de Hellê Vellozo vem emprestando sentido ao que Pollak (1992) chamou de memória herdada:

Na organização da memória existem acontecimentos que a pessoa não experienciou por ela própria, mas que passam a fazer parte de sua memória a partir do momento que alguém do grupo com o qual ela se identifica viveu dada realidade. "São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não" (POLLAK, 1992, p.02). Essa herança contribui para a associação de elementos distantes espaço-temporalmente àquele que rememora e na cristalização de uma história e de uma memória, que dessa maneira passa de geração em geração com elevados graus de identificação.

Quando os elementos dessa memória herdada são organizados por determinado grupo ou instituição, estes constituem uma memória oficial, com caráter de verossimilhança, que, muitas vezes, opõem-se às demais formas de memória, individuais ou coletivas. E, em igual medida, os discursos fundadores.

Existem outros dois livros que "herdam" a memória sistematizada por Hellê Vellozo Fernandes (1974), quando utilizam *Monte Alegre, Cidade Papel* como fonte: *Capital do Papel* – a história do município de Telêmaco Borba, escrito por André Miguel Coraiola, em 2003, e *Telêmaco Borba – o município:* história política da capital do papel e da madeira, escrito por Dinizar Ribas de Carvalho, em 2006. Apenas pela observação dos títulos é possível perceber essa 'herança" da estrita relação entre o lugar e a empresa.

O livro *Capital do Papel* pode ser entendido enquanto uma tentativa de constituir uma história total, pois sua narrativa tem início nas Capitanias Hereditárias e segue até a emancipação do município de Imbaú no ano de 1995, até então pertencente à Telêmaco Borba.

A perspectiva histórica e regional de Coraiola (2003) tem relação com o modo como o conceito de região está sendo empregado neste trabalho, compreendendo que os acontecimentos que já ocorreram no território que hoje faz parte de Telêmaco também configuram sua história. Talvez por tratar-se de séculos e séculos de história em uma pequena quantidade de páginas, tenha sido necessária a sintetização dos dados, levando Coraiola (2003) a reforçar aspectos semelhantes aos já abordados por Hellê (19974), tributando o surgimento do lugar a partir da chegada dos industriais[30].

[30] Vale ressaltar que, neste trabalho, entende-se que o desenvolvimento urbano teve início a partir da indústria, mas não restringe-se à Klabin a história do local e das gentes que ali passaram ou já estavam antes de sua chegada.

Coraiola (2003) explica as motivações que o levaram a escrever:

> Uma preocupação que foi determinante nesta empreita literária, é a distorção ou o desconhecimento dos fatos históricos locais pelas gerações que se sucedem, sem que haja instrumento formal para controlar esse sintoma de alienação. Os últimos documentários escritos sobre o tema foram feitos há mais de três décadas, e sua leitura ficou relegada a poucos curiosos que os procuram com timidez (CORAIOLA, 2003, p.17).

A referência aos escritos de Hellê Vellozo aparece clara nesta passagem e, a partir desse escrito, é possível pressupor que, por mais que Coraiola traga novos elementos, ausentes na narrativa de Hellê, seu livro seria uma forma de (re) apresentação da história local, com a prerrogativa de "levar a muitos telemacoborbense e aos convivas da região, um parâmetro de reflexão e deleite sobre a origem e os porquês de pisarmos nesta terra de pinheirais" (CORAIOLA, 2003, p.19).

Sem apresentar cronologia retilínea, o livro escrito por André Miguel Coraiola (2007) tem, ao todo, 269 páginas, das quais 08 foram especificamente dedicadas à "os primórdios da região"[31]. No restante do livro, hora ou outra são feitas pequenas menções aos episódios anteriores à chegada dos industriais. Os temas expostos por Coraiola (2003) tratam da escolha do nome ao município e sobre quem foi Telêmaco Borba, bem como a relação deste coronel com os indígenas paranaenses; apresentam "breves traços sobre a genealogia regional marcada por ciclos iniciados no tropeirismo" e culminam no "começo e desenvolvimento de um projeto industrial"[32], remontando a chegada da família Klabin ao Brasil e a biografia de Samuel Klabin.

"Horácio Klabin realiza seu grande sonho: faz surgir Cidade Nova" é um capitulo que empresta sentido ao histórico local, conforme publicado no site do município, pois tanto o livro quanto o site – apesar de não referenciado – apresentam Horácio Klabin enquanto "fundador" de Cidade Nova, já que "determinou a alteração do mapa do Estado do Paraná, na região sul do Brasil, construindo uma nova cidade" (CORAIOLA, 2003, p.90)[33].

---

[31] Neste capítulo, segundo o próprio autor, são abordados temas como "os pré-colombianos, o Tratado de Tordesilhas e seus efeitos na geografia paranaense; os índios do Guairá; bandeirantismo e tropeirismo, o Alegre e as sesmarias de João Pereira Braga e Manoel Gonçalves de Aguiar; a Carta Régia de D. João VI; José Félix da Silva e a Mortandade; O Barão de Monte Carmelo; a Companhia Agrícola Florestal e Estrada de Ferro Monte Alegre; Euclides da Cunha e Dilermando de Assis; a Fazenda Monte Alegre na década de 30" (CORAIOLA, 2003, p.25).

[32] Neste capítulo, segundo o próprio autor, são abordados os seguintes temas: "a II Guerra Mundial e o empreendimento papeleiro; Getúlio Vargas, Assis Chateaubriand e a Família Klabin; Os núcleos operacionais de Lagoa, Harmonia e a Usina de Mauá; A evolução do parque industrial e da área florestal; Atualidades da empresa; Os pioneiros; Sindicato do papel; A história de Monte Alegre em versos caboclos" (CORAIOLA, 2003, p.61).

[33] Ver também: PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA. Histórico. Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/a_cidade/historico/historico.php. Acessado em 20.01.2015.

Os capítulos seguintes tratam da emancipação da comarca de Telêmaco Borba; dos símbolos municipais; da visita dos presidentes Getúlio Vargas (que esteve em Monte Alegre duas vezes!), João Goulart e João Batista Figueiredo; dos prefeitos eleitos de 1964 até a data de publicação do livro, bem como a biografia de tais prefeitos acrescida à dos deputados telemacoborbense eleitos; da história da educação na "capital do papel" desde as escolas rurais "primitivas" em Monte Alegre; da "evolução da estrutura de saúde"; da história da nominação das ruas, praças e bairros em Telêmaco Borba; do futebol no município; da Rádio Sociedade Monte Alegre e Rádio Capital do Papel, bem como do Jornal O Tibagi; da religiosidade local; da história dos "clubes de serviço"; da formação e dos "desdobramentos da população e do povo telemacoborbense"; do "perfil e atualidades geo-políticas, demográficas, ambientais e econômicas do município de Telêmaco Borba"; e da emancipação do distrito de Imbaú. Ao todo, o livro possui 27 capítulos – contanto com um capítulo composto de fotografias legendadas. Como visto, apenas 08 páginas sistematizam a história anterior à chegada dos industriais. Além delas, há apenas pequenas menções sobre o passado anterior a Klabin publicadas nos capítulos subsequentes.

Assim como no livro de Hellê Vellozo, a produção de sentidos culmina na exaltação dos feitos da Klabin, no caso de Coraiola (2003) especialmente em relação aos feitos de Horácio Klabin, como a idealização de projetos como a rádio, o jornal, o time de futebol e Cidade Nova.

O terceiro e último livro aqui analisado que tem como referencial teórico os escritos de Hellê foi escrito por Dinizar Ribas de Carvalho, ex-prefeito de Telêmaco Borba. As fontes de seus escritos são "trabalhos elaborados por outras personalidades igualmente preocupadas com a nossa história, abordando-a sob diversos aspectos" (CARVALHO, 2006, p.33-34). Além disso, afirma ter escrito seu livro a partir da contribuição de amigos e pessoas "marcantes" na comunidade, "por meio de depoimentos, entrevistas e muito diálogo" (CARVALHO, 2006, p.34).

No primeiro capítulo de seu livro, intitulado "como tudo começou", Dinizar Ribas de Carvalho escreveu:

> A Fazenda Monte Alegre e a indústria papeleira aqui implantada pela família Klabin são os fundamentos marcantes da comunidade que se formou, cresceu e se desenvolveu com muita rapidez. Não é, porém, a história da Fazenda Monte Alegre ou mesmo a história da empresa e da família Klabin que pretendemos contar. Os seus aspectos mais detalhados já foram alvos de documentos e relatos que se acham registrados, perenemente, em nossos anais. Todavia, a referência às ditas origens vai tomar algumas linhas de nossa narrativa, pois são fundamento da história que desejamos contar (CARVALHO, 2006, p.37).

Partindo desse princípio, duas páginas foram dedicadas para tratar do passado anterior a chegada dos Klabin à região e outras duas para explicitar o processo de implementação da indústria no local. A partir de então, o autor já passa a tratar do tema central de seus escritos: o processo de elevação da localidade enquanto município de Telêmaco Borba, a partir do desenvolvimento de Cidade Nova, e sua história. Nesse sentido, aborda temas como o processo de venda dos lotes em Cidade Nova, os "anseios de independência" e a primeira eleição, para citar alguns exemplos.

Telêmaco Borba – o município, diferentemente dos escritos de Hellê Vellozo Fernandes (1974) e André Miguel Coraiola (2003), tem um recorte temporal e temático mais específico. Acredita-se que por este motivo não seja dada tanta ênfase à Klabin e ao passado anterior a estes. De qualquer maneira, além de ter *Monte Alegre, Cidade Papel* como referencial teórico, possui outra característica em comum com os demais livros: também teve o jornal O Tibagi como fonte. Segundo Carvalho (2006), "boa parte do acervo histórico para a compilação desta obra foi obtida através de pesquisas junto aos exemplares do jornal "O TIBAGI"" (CARVALHO, 2006, p.35).

Além das fontes já mencionadas, com destaque para o jornal O Tibagi, Carvalho (2006) afirma ter utilizado documentos editados pela Klabin e sua própria memória, uma vez que "testemunhou, durante cerca de 56 anos de contato e convivência, 48 anos como seu morador, a grande maioria dos fatos que constituem os pontos fundamentais de sua história" (CARVALHO, 2006, p.35) – outra característica semelhante à Fernandes (1974), já que ambos estavam imersos no contexto criado pela empresa.

O que se expõe a seguir trata-se da apresentação da história de Telêmaco Borba a partir desses três livros[34], as principais fontes bibliográficas utilizadas com frequência em textos e produções relacionadas ao município, e que aqui serão empregadas no intuito de demonstrar os principais elementos que podem ter constituído a história oficial da cidade[35]:

[34] A organização deste texto, que visa apresentar os principais aspectos que podem ter contribuído à história oficial de Telêmaco Borba, publicado no site do município, segue a cronologia argumentativa de Hellê Vellozo Fernandes, pelo fato de seu livro ter servido de referência às demais obras.

[35] É importante esclarecer que não é possível mensurar em que medida os livros aqui estudados influenciaram ou foram influenciados pelo discurso fundador local. Também não se espera encontrar uma versão única de tal discurso. Se fica o que significa, várias podem ser as narrativas sobre a mesma história, oriundas de rememorações distintas. Antes trata-se de compreender qual é esse discurso, bem como a influência do jornal O Tibagi – primeiro pela credibilidade depositada pelo leitor ao hebdomadário a partir do estabelecimento do contrato de leitura e também pela publicação de notícias heterorreferentes sobre o local e o regional – na construção e manutenção de tal discurso. Não pretende-se aqui definir qual é o discurso – até porque este pode ser plural. Além disso, conforme escreveu Orlandi (2008), não é possível recuperar a origem do discurso, "são só efeitos que estão lá" (ORLANDI, 2008, p.47).

As primeiras menções à região do Alegre discorrem rapidamente a respeito da redução jesuítica espanhola, denominada *Encarnación*, há cerca de 80 quilômetros de Monte Alegre, que foi, em meados do século XVIII, assinalada pela presença de Fernão Dias Paes Leme em busca de terras e indígenas (FERNANDES, 1974, p.15). Tratando ainda dos bandeirantes na região, Hellê Vellozo Fernandes (1974) ressalta a presença de Raposo Tavares. E logo em seguida já passa a abordar a presença dos tropeiros: "nos sertões do Paraná, ditos *Sertões do Tibagi*, a bota do pacífico tropeiro e do criador de gado substituiu a do preador de índios, nos caminhos antigos" (FERNANDES, 1974, p.15).

Coraiola (2003), de modo semelhante, também cita os primeiros desbravadores da região, mencionando os nomes de Aleixo Garcia, Dom Álvaro Nunes Cabeça de Vaca, Martim Afonso de Souza e Fernão Dias Paes Leme. Informação adicional apresentada por André Miguel Coraiola (2003) é a citação de texto escrito por Luiz Leopoldo Mercer a respeito da presença dos bandeirantes por aquelas paragens: "por se encontrar o acampamento naquelas cercanias, fixamos a Fazenda Monte Alegre como sendo o ponto de acampamento do invicto bandeirante" (CORAIOLA, 2003, p.27). Apesar de tal citação, Coraiola (2003) tributou ao movimento tropeiro as primeiras ocupações da região dos Campos Gerais.

O caminho percorrido pelos tropeiros cortava os Campos Gerais[36], do qual Telêmaco Borba faz parte. Era considerada uma região perigosa, "onde nenhum fazendeiro ousara estabelecer-se" (FERNANDES, 1974, p.15) em decorrência dos "bugres" que ali habitavam. Essas terras foram requeridas em carta de sesmaria por Luiz Roiz Vilares e Antonio Lopes Thomaz, que foram agraciados no ano de 1727. Entretanto, não houve ocupação efetiva por esses senhores.

Este processo de requisição de terras é contado de modo distinto por André Miguel Coraiola (2003). Segundo advogado e historiador diletante, "as primeiras informações sobre a região em que atualmente fica situado o município de Telêmaco Borba, remontam à data de 27 de maio de 1724. Para o autor, quem teria requisitado tais terra seria João Pereira Braga, ao mesmo tempo em que o sargento-mor Manuel Gonçalves Aguiar também o fez. Ambos foram agraciados no ano de 1727, sem, contanto, terem habitado tais terras.

O que se sucedeu em seguida foi que "meio século passou-se até que um homem ambicioso, que vivia há anos naquelas paragens obteve essas terras e muitas outras, formando

[36] A respeito dos Campos Gerais, Hellê Vellozo Fernandes (1974) escreveu: "Quando se citavam os Campos Gerais, pensava-se naquela extensa região mal conhecida, que começava com verdes pastagens logo após a Serra do Purunã e afundava-se pelo 2º Planalto, marginando o rio Tibagi, no seu desconhecido sertão, onde os bugres tinham retomado seus domínios" (FERNANDES, 1974, p.15).

o maior latifúndio[37] dos Campos Gerais" (FERNANDES, 1974, p.16). A José Félix da Silva pertencia a Fazenda Fortaleza, a Quartelá, a Vorá, a Taquara, a Caxambu, a Santa Cruz, a Jaguariaíva e a Monte Alegre. Para Hellê Vellozo Fernandes (1974),

> Entre as terras que marginam a BR-153 e as antigas aldeias jesuíticas, pisadas e repisadas pelos bandeirantes, surgiria a Fazenda Monte Alegre. Isto, numa época em que os Irmãos Klabin, em sua terra natal – a Lituânia, não sonhavam sequer em um dia residir no Brasil (FERNANDES, 1974, p.16).

A história de José Félix da Silva com frequência aparece relacionada à história local[38], não necessariamente com um sentido de filiação, de pertencimento, mas por se tratar de uma história pitoresca. Contada pela naturalista francês Saint-Hilaire e romanceada por David Carneiro, parte da história de José Félix pode ser resumida em uma constante peleia contra os indígenas caingangues, moradores das terras que legalmente pertenciam a tal coronel, que culminou na "chacina do Tibagi". Informação presente no livro de Hellê Vellozo Fernandes (1974), de André Miguel Coraiola (2003) e muito rapidamente em Dinizar Ribas de Carvalho (2006), porém não muito conhecida entre a população[39], é o fato deste episódio ter ocorrido onde, ainda hoje, se localizam o Hospital e o Hotel Ikapê em Monte Alegre. O rio que perto dali passava – hoje renomeado como rio Harmonia[40] –, bem como toda a região, ficou conhecido como Mortandade[41]. Escreveu Hellê Vellozo (1974) que os 65.000 alqueires de terra que correspondiam à Fazenda Monte Alegre foram recebidos por José Félix enquanto

[37] Dinizar Ribas de Carvalho também utiliza a expressão latifundiário para se referir à José Felix da Silva: "um dos mais poderosos latifundiários da região dos campos gerais" (CARVALHO, 2006, p.39).
[38] Em uma rápida pesquisa na internet é possível encontrar sites que reproduzem sua história.
[39] Vide entrevistas orais em anexo.
[40] A mudança do nome do rio de Mortandade para Harmonia, segundo Hellê Vellozo Fernandes, foi para "dar mais sorte naquelas bandas nonde, antes tempo, os antigos acabaram com os bugres. É um lugar de memória muito triste. Agora, o nome do rio foi trocado para Harmonia, pela dona Ema Klabin" (FERNANDES, 1974, p.52)
[41] A maneira como Coraiola (2003) descreve este episódio é bastante semelhante ao modo como Hellê organiza sua narrativa. Por este motivo, torna-se oportuna a transcrição. Por ter sido a inspiração, será citado, primeiramente, trecho retirados dos escritos de Hellê Vellozo Fernandes (1974): "A tradição registra um espetáculo de crueldade sem par, no qual os selvagens foram encurralados num morrinho onde hoje é o Hospital Harmonia e o Hotel Ikapê em Monte Alegre [por vezes faz referência ao local como "morro dos bugres"]. Não foram respeitadas, nem mulheres, nem crianças. O sangue empapou a relva e correu em filetes para as águas do riozinho próximo. Os cadáveres ficaram amontoados e por muitos dias os corvos sobrevoaram os corpos insepultos. Desde então, o rio e toda a região passou a chamar-se Mortandade, nome que só foi mudado 150 anos depois" (FERNANDES, 1974, p.19-20). Segue o fruto de tais inspirações, escrito por Coraiola (2003): "José Félix, junto com seus milicianos e escravos, perseguiu e massacrou os índios selvagens, acabando por dizimar centenas de famílias caingangues não poupando velhos, mulheres ou crianças, que por tradição, registra um espetáculo de holocausto, de extraordinária crueldade. Também por tradição oral, relata-se que era tal a quantidade de sague que arfava dos corpos agonizantes, que o riozinho próximo ficou tingido de vermelho, e passou a chamar-se Rio das Mortandades; e que as centenas de cadáveres insepultos provocaram odor tão forte, que durante meses ninguém se atreveu a visitar as cercanias, pois chamaram para si enorme quantidade de feras, que se banquetearam com os corpos em decomposição" (CORAIOLA, 2003, p.28). Após a comparação dos trechos e a afirmação da pesquisadora diante da não circulação atual de tal história, torna-se difícil questionar a inspiração de André Miguel Coraiola (2003) nos escritos de Hellê Vellozo Fernandes (1974). Da mesma forma, mas de modo bastante sucinto, Carvalho (2006) também descreve este episódio.

recompensa por ter livrado aquela região do "feroz gentio caingangue" (FERNANDES, 1974, p.17), premissa reafirmada por André Miguel Coraiola (2003) quando este escreveu: "como recompensa aos serviços prestados ao Império [está se referindo ao assassinato dos indígenas], trazendo boa porção de paz e segurança ao povo que habitava os Campos Gerais, acabam, tanto José Felix, quanto Machadinho [seu capataz][42], donatários de imensas glebas" (CORAIOLA, 2003, p.29).

Romanceou Hellê (1974) que o neto de José Felix, Manoel Inácio, foi o responsável pela construção da casa grande de Monte Alegre, que após a chegada dos industriais passou a ser chamada de Fazenda Velha. De acordo com os escritos de Coraiola (2003), a fazenda até aquele momento era denominada apenas como Fazenda do Alegre, em decorrência ao rio que recebe o mesmo nome, que perto dali passa.

Os acontecimentos que se localizam temporalmente entre as histórias peculiares de vida de José Felix da Silva e o ano de 1926 não são detalhados em nenhuma das três obras aqui estudadas[43]. Desta data remonta a história de um francês que teria feito negócios com os descendentes do referido coronel, formando uma sociedade anônima intitulada *Companhia Agrícola e Florestal e Estrada-de-Ferro Monte Alegre*. Segundo Fernandes (1974), "como esse homem [o francês] veio ter à Fazenda, como conseguiu um laudo de avaliação de 30.000 contos para as terras (quantia avultada para a época), como conheceu os herdeiros [de José Felix] e captou-lhes a confiança, são fatos até hoje não explicados" (FERNANDES, 1974, p.21). Sabe-se que este francês, de identidade desconhecida, fez valorizar as ações e negociara no exterior tanto sua parte, quanto as que comprara de seus antigos sócios[44].

---

[42] A história da cidade de Tibagi, que, por conseguinte, é a história de Telêmaco – porque foi emancipado da mesma – também possui relação à José Felix da Silva, com destaque para seu capataz Antonio Machado Ribeiro, o Machadinho, que foi agraciado com as terras da Fazenda Tibagi pelo feito junto ao referido coronel. Entretanto, não foi possível perceber expressa esta relação entre a história das cidades no livro de Hellê Vellozo Fernandes ou no histórico oficial do município.

[43] A título de exemplo, o hiato temporal nos escritos de André Miguel Coraiola compreende os anos de 1897 e 1926.

[44] Dinizar Ribas de Carvalho (2006) apresenta de modo um tanto distinto este episódio: "o extenso latifúndio continuou sendo herdado por mulheres [seu neto Manoel Inácio teria passado suas terras para suas filhas]. Já no século XX aparecia como propriedade do médico castrense Javert Madureira, casado com a neta do Barão de Monte Carmelo [genro de Manoel Inácio], embora, na realidade, outros herdeiros também tivessem parte na propriedade. Com a ruptura da estrutura agrária que prevalecia na região, a estabilidade do condomínio formado pelos componentes da grande família fazendeira perdeu o seu vigor. Os herdeiros acabaram negociando os seus direitos, vendendo a fazenda para exploradores do comércio de madeiras, que se prenunciava como altamente promissor. Uma empresa formada para conduzir a exploração madeireira, das minas e da floresta existente no local, foi hipotecada para o Banco do Estado do Paraná, a fim de garantir os recursos necessários para o financiamento das atividades. Com o fracasso do empreendimento, mal preconizado e mal administrado, a massa falida da empresa acabou sendo levada a leilão e foi arrematada pelo Banco do Estado (CARVALHO, 2006, p.41).

Informação adicional em relação aos escritos de Hellê Vellozo Fernandes (1974) é apresentada por André Miguel Coraiola (2003):

> ...conta-se que durante o processo de ocupação da fazenda pela empresa colonizadora, ocorreram conflitos armados entre aquela e os camponeses, sendo que antigos moradores revelam que muitos anos depois, já na época da implantação da fábrica e das vilas, foi removido um cemitério de índios e posseiros mortos pelos capangas da empresa exploradora (CORAIOLA, 2003, p.31).

Esta passagem contribui ao entendimento de que o apagamento da história é um processo concomitante à chegada do "progresso" à região, iniciada pela Companhia Agroflorestal e Estrada de Ferro Monte Alegre e continuada pelas Indústrias Klabin de Papel e Celulose.

Fernandes (1974) escreveu que "partindo da avaliação das terras – que realmente não correspondiam a seu valor verdadeiro – foram feitas especulações inacreditáveis na Europa e nas Américas" (p.21). O capital para a realização da análise do território, para a verificação da vocação das terras, partiu de bancos internacionais e do Banco do Estado do Paraná e com estes recursos os diretores da *Companhia Agrícola e Florestal e Estrada-de-Ferro Monte Alegre* ocuparam-se em "pagar missões de estudo para a exploração das minas, das florestas, dos pinhais, da agricultura, da colonização com cinco mil (5.000) famílias alemãs, da construção da estrada-de-ferro Monte Alegre" (FERNANDES, 1974, p.21). Os relatórios de exame da região foram enviados a vários países, encorajando a aplicação naquelas ações.

Para a concretização de tais estudos foram realizados gastos onerosos, maiores que o capital inicial. Assim, em 1931, um dos credores pediu a 1ª falência. Recorrendo a esse pedido, os diretores da Companhia contrataram "os melhores advogados do Paraná, e o Supremo Tribunal lhes deu ganho de causa, declarando nulos os títulos protestados" (FERNANDES, 1974, p.22). Mesmo assim, no ano seguinte, 1932, foi requerida a segunda falência. Desta vez, o pedido veio do Banco do Estado do Paraná, do qual a Companhia havia emprestado 4.000 contos. Além das dívidas para com o Banco do Estado, havia protestos diversos de maquinarias não pagas que estavam retidas em portos da Holanda, Santa Catarina e até mesmo em Paranaguá. Ademais, acionistas de Londres e do México estavam insatisfeitos, bem como os advogados e engenheiros que não estavam tendo suas remunerações pagas. Para quitar tais dívidas, havia apenas uma coisa de real valor: as próprias terras, que foram arrematadas em leilão, em 1933, pelo Banco do Estado do Paraná, pelo mesmo valor que emprestara à Companhia. Hellê Vellozo Fernandes (1974) apresentou esse processo enquanto uma possibilidade de industrialização para o Paraná. Em suas palavras: "o maior benefício que essa transação trouxe ao Paraná, contudo, foi atrair, com a possibilidade

de industrialização do pinheiro para o papel, o interesse do importante grupo de industriais paulistas: os Klabin." (FERNANDES, 1974, p.22) Apesar do insucesso da Companhia, esta deixou "alguma coisa" para a Fazenda Monte Alegre:

> ...a estrada para Tibagi, de 42 quilômetros; uma balsa perto do Salto Peludo, no rio Tibagi, encurtando o caminho antigo; uma ligação telefônica com Tibagi, que funcionava muito mal, mas que até 1936 ainda servia para aviso em Monte Alegre; um casarão de madeira e mais duas pequenas residências na Fazenda Velha (...) os primeiros estudos e exploração de alguns quilômetros do caminho, por onde deveria ser a estrada-de-ferro de Monte Alegre para São Paulo, via Joaquim Murtinho; as invernadas, que recebiam animais de diversas fazendas, além da criação de gado própria (FERNANDES, 1974, p.23).

Entre estes, foram deixados estudos que poderiam interessar a futuros industriais: num relatório sobre a sondagem de oito hectares das terras, os técnicos calcularam, no ano de 1928, a existência de aproximadamente 9.000.000m³ de araucária e que 70% destas tinham entre 80 e 100 anos de idade. Após este estudo, ficou evidente que a vocação do local voltava-se à exploração da madeira e o relatório destes estudos, que foram chamados de *Missão Himmelsbach*, aconselhou a construção de serrarias, fábrica de ripas, parquês, cabos de ferramentas, caixotes e, também, de uma fábrica de papelão, papel e celulose. De modo bastante semelhante Coraiola (2003) descreveu tais acontecimentos e concluiu "os primórdios da região" corroborando à ideia de que tais narrativas são feitas mais por seu caráter pitoresco do que por seu conteúdo histórico em relação ao município de Telêmaco Borba, tal como os registros sobre de José Felix da Silva:

> Mais uma vez a velha Monte Alegre tinha sua história trilhada pela mescla do fantástico e do inesperado. Suas terras, que envolviam lendas e maldições[45], e que formavam uma vastidão verde e quase inexplorada, habitada outrora por povos magníficos, revivia épocas de pioneirismo (CORAIOLA, 2003, p.32).

A Fazenda Monte Alegre, neste momento em poder do Banco do Estado do Paraná, por determinação do Interventor Paraná, Manoel Ribas, ficou sob os cuidados de um fazendeiro de Castro, Alcebíades Marques, que ficou responsável pela criação de gado e invernadas na localidade. Na década de 1930, Alcebíades recebera o primeiro membro da família Klabin, que mais tarde passariam a ser os donos do lugar.

Esses acontecimentos, e até mesmo outros não mencionados na literatura aqui estudada, não fazem parte do histórico oficial publicado no site do município[46]. Isso significa dizer que, por mais que estas obras históricas/literárias perpassem, mesmo que brevemente, o passado anterior a chegada da Klabin à região, a instância que dá legitimidade à uma história

[45] Acredita-se que Coraiola (2003) esteja se referindo ao "Monge de Tibagi" e aos causos populares relacionados à esta figura, que teria rogado uma praga às terras da região.
[46] Lembrar da capacidade que os detentores do poder simbólico tem de sistematizar e divulgar histórias de acordo com interesses específicos.

e a diz enquanto oficial, não avaliza tal passado. O texto postado pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba pode ser caracterizado enquanto um resumo dos principais episódios. Por esta razão, a história oficial local, sancionada pela PMTB, tem origens a partir do ano de 1941, quando da chegada dos industriais ao local. Fato curioso é o marco temporal escolhido pela prefeitura e o designado por Coraiola (2003) quando este trata d"O começo e [d]o desenvolvimento de um projeto industrial", que é o mesmo. A coincidência entre as datas faz crer que o histórico organizado e publicado pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba teve também suas inspirações literárias oriundas do livro *Capital do Papel* – A História do Município de Telêmaco Borba, de André Miguel Coraiola (2003).

A primeira menção feita por Hellê Vellozo Fernandes (1974) que relaciona a família Klabin à região do Alegre, diz respeito à oferta [sic] de terras ricas em pinheiros, feita à Salomão Klabin pelo Interventor Manoel Ribas[47], nomeado pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas. O relacionamento destes homens foi apresentado por Fernandes (1974) em um capítulo chamado "um problema nacional":

> Enquanto Manoel Ribas e Wolff Klabin, nos encontros casuais, falavam dos problemas de seus negócios, Getúlio Vargas, desde o início de seu governo, compreendera a força da propaganda. Ele desejava marcar sua administração com empreendimentos vultosos e novas "metas para o Brasil" (FERNANDES, 1974, p.34).

Quase no término de seu livro, Hellê Vellozo Fernandes (1974) escreveu que quando da iniciativa de Getúlio Vargas em "incrementar uma produção nacional" no menor tempo possível, "Wolff Klabin e Horácio Láfer, a convite do Chefe da Nação, comparecerem ao palácio, a fim de tratarem o assunto" (FERNANDES, 1974, p.190) e que, por fim, resolveram "arrostar os riscos, aceitando o financiamento parcial do governo e partindo para um estabelecimento ímpar nos sertões do Paraná rico em pinheirais" (FERNANDES, 1974, p.190)[48].

[47] Mais adiante Hellê Vellozo Fernandes escreve: "O interventor Manoel Ribas, com sua visão comercial, avalia logo o que representa para seu Estado o estabelecimento da grande indústria. (...) Não há pedido que ele, solícito, não deixe de atender. Nomeia professores para as primeiras escolas, envia material escolar. (...) Quando do racionamento de combustíveis foi estabelecido [no período da Segunda Guerra Mundial], mantém a quota para IKPC e encaminha ao Coordenador Interino da Mobilização Econômica do Rio de Janeiro um pedido de aumento" (FERNANDES, 1974, p.80). Quando Manoel Ribas deixou o cargo de Interventor do Paraná, "as avalanches de entraves, peculiares às mudanças de governo, deixam a gigantesca obra que se realiza em Monte Alegre sem atenções" (FERNANDES, 1974, p.108).

[48] Interessante observar o modo como Hellê Vellozo Fernandes (1974) apresenta a iniciativa da Klabin na construção de uma fábrica no interior do Paraná. Ao coloca-los como arrojados, minimiza a importância de todo o processo de implementação da indústria por parte do governo federal estadual no que diz respeito à infraestrutura local, para citar apenas um exemplo. Além disso, esse tipo de discurso que os apresenta enquanto valentes, que correram sérios riscos até estabelecimento e pleno funcionamento da indústria, conota ao imaginário da população a ideia de que a iniciativa poderia até ser arriscada, mas que o progresso da nação – por meio da industrialização e do povoamento do interior do Brasil – estaria em primeiro lugar.

Continuando a narrativa a respeito da implantação de uma fábrica de papel em Monte Alegre, são mencionadas discussões como a ausência da produção de papel nacional e a dificuldade para sua importação durante períodos beligerantes. Tais discussões apresentadas nos livros são feitas de modo genérico, não dando a devida importância a este relacionamento[49].

O histórico da família Klabin, com suas informações básicas (de onde vieram, quantos eram e o que faziam, para citar alguns exemplos) é algo que, apesar de publicados nas obras aqui analisadas, também não faz parte do histórico oficial do município, nem se fazem presentes nas narrativas atuais. Entretanto, Hellê Vellozo Fernandes (1974) e André Miguel Coraiola (2003) discorreram sobre a vinda dos lituânios à São Paulo, bem como seus empreendimentos até o início do projeto Klabin em Monte Alegre. Romanceando a vinda do patriarca da família ao Brasil, Coraiola (2003) endossa o episódio quando escreveu:

> A vinda de Maurício Freeman Klabin para o Brasil, somados aos desdobramentos dados pelo empreendimento industrial de sua família e associados, resultou numa expressão muito superior ao mero interesse econômico. Maurício, sem querer, ao deixar Posselva acionou um mecanismo invisível e sincronizado, trazendo, ao seu tempo, o reflorestamento para os campos de Monte Alegre e selando a possibilidade de existência, primeiramente da Cidade Nova. A floresta que não lhe deixaram explorar na Lituânia, veio existir em Telêmaco Borba (CORAIOLA, 2003, p.79).

O marco temporal seguinte nas narrativas irá tratar da "Escritura de Promessa de Compra e Venda da Fazenda Monte Alegre", que foi lavrada em 29 de outubro de 1934, e da escritura definitiva em 20 de janeiro de 1941. O montante de terras adquiridas correspondia a 143.516 hectares (FERNANDES, 1974, p.39).

O imaginário acerca do ideal de modernidade e progresso, oriundo a partir do povoamento dos "sertões do Tibagi" com a abertura de uma indústria de papel e celulose[50], faz-se presente nos escritos de Hellê Vellozo Fernandes (1974):

> O reflexo dessas resoluções aparece imediatamente no Paraná, num impacto vigoroso que acelera o processo não só da construção da fábrica, propriamente dita, mas simultaneamente promove a instalação da Usina Hidro-Elétrica no Salto Mauá, rio Tibagi, e a construção da represa, no rio Harmonia. Abrem-se estradas entre os núcleos de povoamento que tais construções requerem, formando as vilas operarias e todo o completo que tornaria habitável, em moldes modernos... (FERNANDES, 1974, p.43)

[49] Assim como em Hellê Vellozo Fernandes (1974), simplificação semelhante ocorre quando Coraiola (2003) trata deste assunto. Resume em duas páginas o processo de aquisição das terras da Fazenda Monte Alegre, sem abordar o relacionamento entre alguns membros da família Klabin e os governos Federal e Estadual. Mais resumidamente, esta questão aparece no livro de Dinizar Ribas de Carvalho (2006), já que desde a chegada da família Klabin da Lituânia no Brasil até 1947 e a plena produção de papel 100% nacional foram resumidas em duas folhas. Para saber mais a esse respeito do relacionamento da família Klabin com os governos estadual e federal: MARGALHO, Maurício. Klabin: os empresários, a empresa e as estratégias de construção da hegemonia (1930-1951).

[50] Referência à marcha para o Oeste e ao programa de substituição de importações incentivado pelo governo de Getúlio Vargas.

Tal ideal, bem algumas práticas administrativas locais, é bastante presente no discurso do governo Getúlio Vargas. Além disso, como já mencionado, o Presidente Vargas tinha interesse direto na produção de papel nacional. Acredita-se ter sido esta a justificativa do desígnio de Luiz Vieira, engenheiro enviado pelo Ministério da Agricultura, para a administração de Monte Alegre.De acordo com as informações publicadas no livro de Hellê Vellozo Fernandes (1974) a respeito de Luiz Augusto da Silva Vieira,

> Getúlio Vargas licenciou-o, para que ele viesse dirigir, em Monte Alegre, a construção da usina hidro-elétrica de Mauá, da represa de Harmonia, das instalações da fábrica à margem direita do Tibagi, cabendo-lhe ainda a organização da vida comunitária que para tais obras era imprescindível (FERNANDES, 1974, p.44).

Sobre esses primeiros anos, entre a aquisição das terras e o pleno funcionamento da indústria, Hellê Vellozo Fernandes (1974) apresenta em seu romance histórico os Klabin enquanto arrojados, que tiveram a coragem de enfrentar os desafios de instalar uma indústria num "sertão tão longínquo" (FERNANDES, 1974, p.37), mesmo sabendo que teriam que organizar toda a estrutura para o funcionamento da fábrica, contanto também com o auxílio dos governos Federal e Estadual. Nesse mesmo viés narrativo, a autora discorre sobre as aventuras dos "pioneiros de IKPC" na exploração do local e na decisão dos lugares onde seriam construídas a fábrica, a usina e a estrutura para a habitação de seus empregados e para os engenheiros, das mais diversas nacionalidades[51].

As referências ao passado feitas por Hellê Vellozo Fernandes (1974) constituem-se em pequenas menções a história anterior aos Klabin. Parecem ter sido contadas mais pelo potencial narrativo que possuem – como a história de José Felix da Silva e sua mulher que o odiava, cuspindo em seu caixão quando de sua morte – e menos pelo sentido de filiação[52]. Do mesmo modo, nenhum tipo de filiação ao passado é realizado no histórico oficial do município, o que possibilita dizer que a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba compreende a história local a partir da chegada do progresso àqueles "sertões", com a construção da indústria.

As práticas paternalistas, recorrentes no período do Governo Vargas, também se fizeram presentes em Monte Alegre. A distância entre chefes e empregados é sublimada pela

[51] Em seu livro, Coraiola (2003) dá maior destaque aos acontecimentos culturais e políticos. Assim, diferentemente de Hellê Vellozo Fernandes (1974), não dedica tanto de sua narrativa ao desenvolvimento industrial local. Da mesma maneira, Dinizar Ribas de Carvalho (2006), que estava mais interessado no aspecto político, não trata de questões relacionadas à indústria que não perpassam o recorte temático de seu livro.

[52] Na organização de seu texto, Coraiola (2003) faz uma retomada longínqua, que abarcaria toda a trajetória dos agentes históricos anteriores à Klabin. Entretanto, talvez por seu extenso recorte temporal, acaba, ao resumir o conteúdo, fazendo pequenas referências a tais episódios, de modo semelhante à Hellê (1974). Dinizar Ribas de Carvalho (2006) perpassa muito rapidamente estes episódios que poderiam ter, mas não tem, sentimento de filiação.

presença de Luiz Vieira[53] no comando, pelas visitas constantes de Wolff Klabin e pela contração de Karl Zappert, austríaco que veio para Monte Alegre para ser diretor-técnico da fábrica, que sempre estava entre os funcionários. Segundo Hellê Vellozo Fernandes (1974), quando da primeira visita de Wolff Klabin à localidade, "o Chefão visitou demoradamente todas as obras. Iniciou, juntamente com seu trabalho, a mais intensa correspondência de Monte Alegre, ininterrupta por vários anos" (FERNANDES, 1974, p.62). Ainda neste sentido, o salário dos operários, segundo escreveu Hellê Vellozo Fernandes (1974), era superior aos pagos na região, além da oferta de moradia – que contribuía à manutenção da mão-de-obra.

Hellê Vellozo Fernandes (1974) apresentou, ao tratar do posicionamento de Luiz Vieira no comando da Fazenda, outro ideal presente nas ações do governo Vargas: "descobriu, também, que as dificuldades peculiares à Monte Alegre só poderiam ser superadas disciplinando os diversos setores de trabalho, especificando claramente as funções de cada chefe e centralizando o comando" (FERNANDES, 1974, p.63)[54].

Fatos curiosos do cotidiano de Monte Alegre também fazem parte da narrativa de Hellê Vellozo Fernandes (1974), como o dia em que nevou em 1942 ou a proibição da venda e consumo de bebidas alcoólicas[55], depois de um duplo homicídio nos limites da Fazenda, e também para evitar o absenteísmo dos funcionários, que bêbados não poderiam trabalhar. Acredita-se que esta iniciativa de controle dos empregados, inclusive em seu tempo ocioso, tinha relação com os ideais presentes na política do Estado Novo[56].

O desenvolvimento industrial é narrado com pormenores[57] por Hellê Vellozo Fernandes (1974), quando a autora descreve as fábricas que iriam formar a indústria de papel de celulose da Klabin. Getúlio Vargas veio em 1944 ver de perto seus investimentos[58], evento também descrito de forma detalhada. Segundo esta autora, "a demonstração dos planos [o que

[53] Homem de confiança de Getúlio Vargas enviado para administrar toda a Fazenda nos anos iniciais.
[54] A passagem de Luiz Vieira não foi abarcada na narrativa de André Miguel Coraiola (2003) e de Dinizar Ribas de Carvalho (2006).
[55] Hellê Vellozo Fernandes escreveu "Luiz Vieira concluiu que não podia continuar assim: trabalhadores a matar-se, em cada dia feriado ou domingo. Decretou a lei seca em toda Fazenda Monte Alegre" (FERNANDES, 1974, p.86). Páginas depois escreveu que "a lei seca continuou em vigor e evitou muitas mortes. Pouco a pouco foi atenuada, com permissão para a venda de número controlado de garrafas de vinho e cerveja, nos fins de semana. O contrabando [de bebidas], porém, não cessou..." (FERNANDES, 1974, p.88). Apesar da tentativa de controle dos trabalhadores, em conformidade com os ideais do Estado Novo, existiam práticas desviantes como afirmou Hellê Vellozo Fernandes (1974) ao tratar do contrabando de bebidas. Acredita-se que outras práticas proibidas pelos industriais, na tentativa de controle de seus empregados, também eram desenvolvidas, como jogos de azar e prostituição.
[56] Como exemplo é possível citar o incentivo às práticas esportivas.
[57] Lembrando que apenas um capítulo de seu livro trata da "aventura pré-Klabin". Os demais capítulos foram dedicados à narrativa romântica da instalação e desenvolvimento da indústria e das atividades relacionadas a esta.
[58] Sua segunda visita foi realizada no ano de 1953, nove anos passados.

os Klabin já tinham feito e o que ainda iriam fazer] não se destinava a impressionar ninguém: representava um compromisso a ser saldado no mais curto prazo de tempo" (FERNANDES, 1974, p.103). Tal afirmação permite pressupor que o relacionamento entre a família Klabin e o Governo Federal, na pessoa de Getúlio Vargas, era realmente mais profundo do que a própria Hellê escreveu e que a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba publicou enquanto história local.

O início da produção de papel jornal se deu no ano de 1947 e os elogios são transcritos por Hellê Vellozo Fernandes. Como exemplo, é possível citar uma nota publicada pelo "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro: "toda a edição de hoje do "Jornal do Comércio" é publicada em papel nacional, fabricado pelas indústrias brasileiras KLABIN IRMÃO e CIA., em sua grande organização de Monte Alegre" (FERNANDES, 1974, p.113).

A descrição da sociedade montealegrense feita por Carvalho (2006) é digna de nota:

> Era uma cidade do domínio particular, que sugeria uma subordinação rígida às normas e princípios da empresa. As aparências, contudo, deixavam uma impressão nítida de que todos se completavam. Unida em torno do trabalho comum, ao qual se dedicava, quase que permanentemente à disposição da empresa, que mantinha atividade ininterrupta, num dia e noite de ação incessante... (CARVALHO, 2006, p.49).

Já a mesma descrição, feita por Hellê Vellozo Fernandes (1974), destaca outras questões: a população da Fazenda Monte Alegre é "caracteristicamente europeia" e estaria sempre pronta para acolher visitas, como a "Escola Superior de Guerra ou o Estado Maior das Forças Armadas, parlamentares, jornalistas ou amigos e clientes do Exterior, do Rio ou de São Paulo..." (FERNANDES, 1974, p.128-129). Segundo a autora do romance histórico, são anos de repetidas visitas de personalidades ilustres, tais como

> O governador Bento Munhoz da Rocha Netto, parlamentares, a Escola Superior de Guerra (Gal. Cordeiro de Farias, Brigadeiro Eduardo Gomes, Brigadeiro Djalma Vaz, Vice-almirante Antonio Guimarães, Tenente-coronel Henrique Geisel). Acompanhando adidos militares de diversos países comparece o Gal Juarez Távora; com o Comando do Estado Maior da Aeronáutica vem o Brigadeiro Reinaldo de Carvalho Filho. Os proprietários de jornais formam um grupo, com Herbert Moses e Assis Chateaubriand[59] (FERNANDES, 1974, p.134).

[59] A respeito de Assis Chateaubriand, Hellê Vellozo Fernandes (1974) escreveu: "nesta época [quando o empreendimento ainda era uma ideia que estava sendo discutida], um homem vai opinar diante de Getúlio Vargas sobre quem são os homens de que o Brasil necessita para realizar o plano de auto-suficiência na produção de papel: o jornalista Assis Chateaubriand. (FERNANDES, 1974, p.42). Coraiola (2003) também escreveu a respeito da influência de Chateaubriand: "Em 1934 as indústrias Klabin deram um salto decisivo. Wolff Klabin, Horácio Laffer e Assis Chateaubriand eram amigos pessoais. Este último preocupava-se com o fato de que os jornais no Brasil dependiam da importação de matéria-prima para serem impressos. Intermediando o contato dos industriais com Getúlio Vargas, conseguiu do presidente o interesse em promover e criar uma fábrica de papel imprensa, que surgiu com a denominação Indústrias Klabin do Paraná de Papel e Celulose S/A, a maior fábrica integrada de papel e celulose do país, possuidora à época, de um dos maiores reflorestamentos privados do mundo, com área florestal de 143.516 hectares" (CORAIOLA, 2003, p.79). Acredita-se que este importante jornalista também influenciou no processo de negociação para a construção da indústria no Paraná.

Ao grupo de pioneiros que recebiam tais visitas e cuidavam da administração e desenvolvimento de Monte Alegre é somado um "homem que iria completar esse grupo numeroso, num cargo de cúpula: Horácio Klabin, que a 12 de dezembro de 1947 apõe sua assinatura no primeiro memorando que expede, como diretor-administrativo de Klabin do Paraná" (FERNANDES, 1974, p.120), que escolheu como seu assessor Péricles Pacheco da Silva.

O diferencial de Horácio Klabin em relação aos demais administradores era o seu interesse "no aspecto humano da grande empresa". (FERNANDES, 1973, p.123), por este motivo, assim como o chefe da nação, Getúlio Vargas, também tratou de investir em medidas a favor dos trabalhadores, oferecendo salário, casa com água encanada e luz elétrica gratuita, lenha para o fogão, escola para os filhos e assistência médica, além dos serviços de assistência social, que doava roupas e brinquedos aos filhos dos operários, bem como enxovais para os recém-nascidos[60]. De acordo com Hellê Vellozo Fernandes (1974), a "IKPC faz, por conta própria, uma assistência social completa" (FERNANDES, 1974, p.125).

Quando se refere à Horácio Klabin, Hellê Vellozo (1974) trata de suas ações enquanto um "programa de inovações". Horácio Klabin foi diretor-fundador do jornal O Tibagi, "que constituiu, para a grande maioria dos operários alfabetizados a primeira leitura regular, desde que deixaram os bancos da escola primária" (FERNANDES, 1974, p.126). Em relação a este periódico, as três publicações aqui estudadas o utilizaram enquanto material para pesquisa na organização de seus escritos. É possível que as obras aqui analisadas tenham "herdado" os acontecimentos que narram sobre a história de Telêmaco Borba, que continuam – em sua circulação atual – reverberando e produzindo sentidos.

Segundo André Miguel Coraiola (2003), o interesse de Horácio Klabin na fundação de um jornal – e também de uma rádio - em Monte Alegre residia em sua vontade em disseminar cultura, lazer e entretenimento aos empregados da fábrica e de suas famílias, "promovendo valores, facilitando o acesso à cultura, quebrando o isolamento e ingressando a cidade num contexto nacional e internacional" (CORAIOLA, 2003, p.190).

Outra inovação oriunda das ações de Horácio Klabin foi a construção do estádio de futebol, que mais tarde recebeu o nome de seu patrono, e o incentivo à profissionalização do futebol do Clube Atlético Monte Alegre. Foi responsável pela fundação da Rádio Monte Alegre, ZYS-22, e também organizou, por intermédio de seu jornal, concursos de beleza. Para a Hellê (1974), Horácio Klabin movimenta a cidade-papel [sic]: "é conhecido de toda a

[60] Mais tarde será acrescido a esses serviços a distribuição de merendas escolares.

população, que lhe acena quando entra no campo de futebol, que o rodeia quando aparece numa solenidade em público. Karl Zappert conhece cada operário pelo nome e empata com Horácio Klabin em popularidade" (FERNANDES, 1974, p.130-131).

O problema da moradia aos funcionários da Klabin, diz Hellê Vellozo (1974), era uma preocupação de Horácio Klabin[61]:

> Klabin do Paraná dá casa para cada família e não permite favelamento. A manutenção da cidade vai se tornando exorbitante. Há muito teria sido incontrolável a proliferação dos barracos se os Postos da Corrente não fizessem valer os direitos da "propriedade particular" que é a Fazenda Monte Alegre, e deixassem entrar o caudal de desempregados, desocupados e aventureiros que querem usufruir do bem-estar dos que trabalham (FERNANDES, 1974, p.135).

Daí surge a ideia de lotear as terras ao lado oposto à fábrica, em relação ao rio Tibagi. De acordo com Zappert (1952) citado por Fernandes (1974), "a Cidade Nova abrirá novas possibilidades aos habitantes de Monte Alegre e zonas vizinhas, tanto para as construções de habitação particulares como para a instalação de estabelecimentos comerciais e pequenas indústrias" (FERNANDES, 1974, p.135). Para tratar a respeito de Horácio Klabin, Coraiola (2003) utilizou de farta adjetivação. E sobre o desenvolvimento de Cidade Nova, acrescentou:

> O objetivo da luta de Horácio era a existência de uma cidade que viabilizasse a fixação dos migrantes envolvidos num crescimento populacional acelerado, trazendo benefícios e comodidade aos funcionários e à própria empresa. (...) os núcleos habitacionais rurais (Lagoa, Km 28, Miranda, Mandaçaia, Mauá e Mina de Carvão) e o núcleo habitacional industrial de Harmonia, que se somava a outros dois bairros extremamente densos (Vila Operária e Caiubí), era muito oneroso à fábrica continuar mantendo todo o pessoal dentro da área da fazenda, que também já não atendida à demanda por novas habitações. Observou-se dentão que começaram a surgir moradias clandestinas no outro lado do rio (CORAIOLA, 2003, p.90).

Logo após o início do loteamento, a construção da ponte de concreto sobre o rio Tibagi, ligando Harmonia à Cidade Nova foi "autorizada" pela Klabin, empresa da qual Horácio Klabin se desligou para dedicar-se à "expansão de Cidade Nova" (FERNANDES, 1974, p.136). O bonde aéreo, alternativa ao uso da ponte, também idealizado por Horácio Klabin, foi inaugurado em 1959. Hellê Vellozo Fernandes (1974) escreve que além de todas as suas atribuições, Horácio Klabin era o "criador de uma cidade" (FERNANDES, 1974,

[61] Dinizar Ribas de Carvalho (2006) também escreveu a respeito dos feitos de Horácio Klabin, com ênfase em Cidade Nova: "preocupado com a vida comunitária, o Dr. Horácio Klabin passou a alimentar a ideia de constituir um loteamento, à margem esquerda do Rio Tibagi, em frente à fábrica e à localidade de Harmonia, proporcionando o surgimento de uma nova cidade, para abrigar os trabalhadores da indústria. A ideia, em princípio, aparentava um interesse imediatista, visando o desafogo do crescimento de Harmonia, que acompanhava a grande expansão da empresa" (CARVALHO, 2006, p.52).

p.137)[62], ideia presente nos escritos de Coraiola (2003) e do histórico publicado no site do município.

Após a descrição crítica do conteúdo das três principais obras que sistematizam, à sua maneira, a história de Telêmaco Borba, faz-se oportuna a problematização do conteúdo da história oficial local, publicada pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba em seu site oficial:

Existem algumas características comuns entre a história romanceada nas obras apresentadas e a sancionada pela instância máxima do município, a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba. A primeira semelhança, e talvez a mais importante visto que a história oficial se inicia em 1941, trata do local a partir da indústria. Há também, como na literatura, a ausência de um debate sobre o processo de aquisição das terras correspondentes à Fazenda Monte Alegre e do relacionamento da família Klabin com os governos Federal e Estadual. Outra semelhança, digna de destaque, é a que apresenta o lugar enquanto um sertão, dando a ideia de esvaziamento do lugar, sem recursos para o desenvolvimento de um empreendimento de tamanha envergadura. E afirmam que houve uma verdadeira expedição para o lugar como consequência da abertura desse negócio. Na continuidade deste argumento, enaltecem – assim como Hellê Vellozo Fernandes (1974) – a coragem de tais industriais que só tinham como incentivo a notícia de que tais terras eram ricas em pinheiros[63]. Também elogia – como as obras que possivelmente inspiraram o próprio histórico – os feitos realizados pela Klabin no local, bem como o progresso e a prosperidade daquelas paragens. Ressalta, de certa forma, o desenvolvimento industrial local, quando trata das melhorias que foram realizadas no lugar para que o empreendimento tivesse as condições de funcionamento necessárias. Além dessas semelhanças já citadas, há também a gratidão à Horácio Klabin em relação à fundação de Cidade Nova e à construção do bonde aéreo para o transporte de trabalhadores.

A diferença mais significativa entre os textos é a total ausência de referência ao passado anterior a chegada dos industriais à região. Por mais que os livros acima façam pequenas menções, com pouca ou nenhuma filiação, ao passado local, ao organizar seu histórico a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba optou por não mencionar tais acontecimentos. O que se percebe com a leitura do conteúdo do site é um esvaziamento

[62] Hellê Vellozo (1974) escreveu ainda a respeito do reflorestamento, tema bastante explorado pela autora. Ao explicar da necessidade do reflorestamento e de como fazê-lo, aproveitou a oportunidade para valorizar a postura da empresa, referindo-se à iniciativa enquanto "o maior reflorestamento particular do mundo" (FERNANDES, 1974, p.163). Seu livro termina narrando o episódio de um grande incêndio que queimou grande parte da Fazenda Monte Alegre, no ano de 1963 e tratando de acontecimentos cotidianos de menor relevo à história oficial.

[63] Referência ausente à Missão Himmelsbach.

histórico. A história oficial esquece de enunciar as gentes que ali já construíam suas próprias histórias para conta-la a partir da chegada do progresso, com a vinda dos industriais, à região.

Esta postura da PMTB de não dizer sobre o passado anterior aos Klabin é relevante, pois o dizer tem relação direta com o não-dizer, que também significa. Para Orlandi (2012), tais silêncios são um "lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido [que se pretende dar] faça sentido" (ORLANDI, 2012, p.83). Segundo a autora, este é um dos modos de silêncio, que é chamado de silêncio fundador, "um silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro" (ORLANDI 2012, p.83).

Levando em consideração que as obras literárias aqui citadas se utilizaram do jornal O Tibagi enquanto referencial para suas pesquisas, é possível que o semanário também tenha sido utilizado enquanto fonte pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba na sistematização do histórico da cidade. Além de uma presumível consulta ao hebdomadário, a influência do jornal na constituição do histórico do município pode também estar na aceitação da sociedade aos discursos disseminados pelo semanário, afinal, como escreveu Pollak (1992), é preciso haver identificação entre a memória que se pretende formar e que está sendo contata e a população. Se os moradores locais se identificavam com as histórias publicadas pelo jornal O Tibagi a respeito da localidade, a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba, na sistematização de sua narrativa, precisou leva-las em consideração. Mas quais eram estas histórias? Por quais discursos a população local e regional era atingida?

4 ANÁLISE DA AUTORREFERÊNCIA E DA HETERORREFERÊNCIA NO JORNAL O TIBAGI

4.1 Procedimentos Metodológicos

Entre outros assuntos, a grande discussão no Brasil na década de 1970 nas Ciências Humanas e Sociais era a utilização de jornais e revistas como fonte para a produção do conhecimento histórico. Nesse momento a imprensa já era entendida como importante. Para auxiliar na compreensão de como se dá a *história dos, nos e por meio dos periódicos*[64]Tânia Regina de Luca (2005) escreve: "reconhecia-se, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História **da** imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História **por meio da** imprensa" (2005, p.111).

A tradição presente no fazer historiográfico é decorrente dos modelos e técnicas dominantes no século XIX e das décadas iniciais do século XX. Segundo Luca (2005), a prática historiográfica esteve por muito tempo ligada ao

> ...ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de hierarquia qualitativa dos documentos (LUCA, 2005, p.112).

Por tais motivos os jornais foram julgados como fontes inadequadas para a pesquisa histórica, uma vez que eram entendidos como fragmentos do cotidiano, realizado a partir da subjetividade de seu autor.

Desde o início do século XX ocorreram diversas mudanças no fazer historiográfico, que contribuíram para a abertura da disciplina para novos conceitos, métodos e fontes. A contribuição recente mais significativa para a historiografia de modo geral – e também para a virada da história da imprensa para a história por meio da imprensa, tema aqui trabalhado – foi a terceira geração dos *Annales.* Suas principais proposições podem ser resumidas no jargão "novos objetos, problemas e abordagens". Nesse novo contexto a disciplina histórica viu-se tão aberta às demais Ciências Sociais e Humanas (Sociologia, Psicanálise, Antropologia, Linguística, Semiótica...) que "forçavam o historiador a refletir sobre as fronteiras da sua própria disciplina, cada vez mais difíceis de precisar" (LUCA, 2005, p.112).

As contribuições metodológicas trazidas a partir desta perspectiva interdisciplinar – no caso dos periódicos enquanto fonte, uma aproximação com as discussões teóricas do jornalismo – possibilitaram um alargamento do campo de pesquisa e uma renovação

[6464] Referência ao texto de Tania Regina de Luca, publicado em PINSKY, C.B. (org). *Fontes Históricas.* São Paulo: Contexto, 2005. p.111-153.

temática[65] para o trabalho do historiador, bem como um novo olhar à concepção de documento (fonte). Dentro disso, uma mudança extremamente significativa ocorreu: durante a análise dos documentos, não interessava somente saber o que a fonte diz, mas como diz. Com estas importantes alterações no fazer historiográfico, "já não se questionava o uso dos jornais por sua falta de objetividade[66]" (LUCA, 2005, p.116).

A utilização do jornal como fonte tão relevante quanto às demais, ocorreu em meados da década de 1970, a partir do entendimento de que o conteúdo impresso é controlado. Esse fator que gerava desconfiança na "verdade" conotada ao trabalho do historiador é o que hoje o justifica enquanto fonte para a produção do conhecimento em História: "a escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social" (CAPELATO; PRADO, 1974 citado por LUCA, 2005, p. 118).

A escolha do jornal O Tibagi para o estudo do discurso fundador de Telêmaco Borba está pautada na prerrogativa de que durante o processo de organização de uma memória oficial a mídia recebe destaque (ENNE, 2004). Entendendo que as memórias, assim como as identidades, são também constituídas a partir de discursividades, os jornais impressos desempenharam e ainda desempenham papel fundamental na disseminação de narrativas organizadas pela classe dominante com o intuito de elaborar memórias que atendam aos seus interesses.

Os jornais sempre se fizeram presentes, desde sua venda na banca da esquina ao embrulho do pão no dia seguinte de sua publicação. Sua leitura pode até não ser realizada por todas as pessoas, mas seu conteúdo se dissemina entre elas através da oralidade. E assim a imprensa continua cumprindo seu papel (?). Mas, afinal, qual é a sua função na sociedade? Ou, melhor, qual é a imagem que tem de si, para si e para a sociedade? Como esta

[65] A esse respeito Luca (2005) escreve: "a face mais evidente do processo de alargamento do campo e preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens, as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História. Outras menos visíveis, apesar de talvez mais profundas, apontava para a 'passagem de um paradigma em que a análise macroeconômica era primordial para uma História que focaliza os sistemas culturais', a fragmentação da disciplina, esmaecer do projeto de uma História total e o interesse crescente pelo episódio e pelas diferenças..." (p.113).

[66] Por muito tempo o que se colocava a respeito das fontes era em relação à sua subjetividade. Assim, por um longo período, os jornais foram utilizados como fontes secundárias, apenas como confirmação de uma informação já obtida em outro tipo de fonte, tida como "imparcial". Atualmente sabe-se que até mesmo as fontes ditas oficiais, portanto "verdadeiras", foram escritas por alguém e para alguém, deixando ali inscritos seus valores, crenças, etc, portanto, sua subjetividade. Para Luca (2005) objetividade é um "atributo que, de fato, nenhum vestígio do passado pode ostentar" (p.116). E são justamente as subjetividades presentes na fonte que trazem ainda mais riqueza à pesquisa em Ciências Sociais.

autoimagem influencia no que está ou não sendo publicado? Como os discursos de referência ao mundo produzem efeitos de sentido no dia-a-dia?

Para o tratamento deste tipo específico de fonte, este trabalho conta com as orientações metodológicas de Luca (2005, p.42). Segundo a autora, existem alguns procedimentos imprescindíveis ao trabalho do jornal enquanto fonte. São elas: encontrar as fontes e construir uma longa e representativa série; localizar as publicações na história da imprensa; atentar para as características de ordem material (periodicidade; papel, uso/ausência de iconografia e de publicidade); assenhorar-se da forma de organização interna do conteúdo; caracterizar o material iconográfico presente, atentando para as opções estéticas e funções cumpridas por ele na publicação; identificar o grupo responsável pela publicação; identificar os principais colaboradores; identificar o grupo que se destinava; analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida (LUCA, 2005).

Observa-se a partir das colocações da historiadora Tânia Regina de Luca (2005) que existem diversos elementos que os pesquisadores devem estar atentos quando do trabalho com os periódicos enquanto fonte, desde a decisão em dar ou não publicidade para dado acontecimento, o modo como os discursos são escritos e organizados, as características que compõem a linha editorial do jornal, o lugar social do jornal e de seus colaboradores, até seus interesses políticos e econômicos. A partir dessas considerações, os estudos para a análise histórica do jornal O Tibagi extrapolaram o nível das publicações: foram consultados materiais bibliográficos e orais, objetivando a contextualização do periódico. A análise em si tem pressupostos teóricos nos escritos de Bardin (2011), que trata a respeito da metodologia de análise de conteúdo.

Para a compreensão da contribuição do jornal O Tibagi na organização do discurso fundador de Telêmaco Borba optou-se pela análise de conteúdo temática de suas edições anuais de aniversário[67]. O conjunto de documentos iniciais foi composto pela primeira publicação do periódico, de 23 de novembro de 1948, e por suas edições especiais de aniversário seguintes até o ano de 1964, quando se deu a elevação da localidade enquanto município, emancipado da cidade de Tibagi.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa foi realizada uma leitura flutuante deste material, que teve como intuito selecionar entre todos os escritos publicados no hebdomadário apenas as notícias que tratam do contexto local e regional e suas histórias. Desta forma, o

[67] Este material está disponível para a consulta de pesquisadores na Biblioteca Municipal de Telêmaco Borba, com exceção do volume correspondente ao ano de 1955, que foi extraviado do acervo da biblioteca.

corpus de análise foi formado por 121 notícias sobre o local e o regional que permitiriam férteis inferências.

Ao realizar a leitura – também de caráter flutuante – deste corpus de análise foi possível perceber que em um número significativo das notícias o jornal O Tibagi tratava de si próprio, narrando sobre como era feito, seus méritos e seus colaboradores, entre outros. Esta recorrente autoafirmação se revelou intrigante: por que, afinal, o jornal fazia tanta referência de si? Quais seriam os potenciais ganhos em propagandear-se? Diante de tais questões, optou-se pela constituição do conjunto documental para análise a partir de dois índices distintos: a autorreferência e a heterorreferência (LUHMANN, 2005). Desse modo, a análise de conteúdo temática ficou dividida em dois momentos.

Na análise da construção da autoimagem do jornal, a autorreferência, o corpus documental é constituído por 44 notícias que possuem como tema principal a imagem que o periódico construía de si, para si e para os outros. Na análise da construção da realidade, a heterorreferência, o conjunto de documentos é formado por textos que tratam, mesmo que brevemente, sobre o contexto local e regional, seu surgimento, história das origens de clubes e instituições e de personalidades ilustres, para citar alguns exemplos. Ao todo, 77 notícias compõem o corpus heterorreferente.

A constituição desses dois conjuntos de documentos tem pressupostos em Bardin (2011). Segundo a autora, para uma análise de conteúdo de qualidade faz-se necessária a obediência a algumas regras. Desse modo, foram levadas em consideração todas as notícias de auto e heterorreferência que tratam do local e do regional e que permitiriam férteis inferências[68]; optou-se pelo trabalho com as edições de aniversário, pois, uma vez que são anuais, permitiriam acompanhar o desenvolvimento do jornal e seu discurso ao longo dos anos[69]; foi identificada a presença da autorreferência e da heterorreferência em relação ao local e ao regional[70]; e o corpus de análise foi composto de modo a atender aos objetivos proposto para este trabalho[71].

Com o corpus devidamente delimitado, deu-se início ao processo de referenciação dos índices e de elaboração dos indicadores. Para Fonseca Junior (2006), "o índice é uma variável cuja importância numa investigação depende do grau em que se possa considera-lo correlato de outros fenômenos" (FONSECA JUNIOR, 2006, p.291). Por este motivo, na análise da autoimagem de O Tibagi o índice escolhido desde o processo de constituição do

[68] Regra de exaustividade.
[69] Regra da representatividade.
[70] Regra da homogeneidade.
[71] Regra da pertinência.

corpus foi a autorreferenciação. Para a análise da construção da realidade enunciada pelo jornal, o índice escolhido foi a heterorreferenciação[72] em relação ao local e ao regional. O indicador destes índices é o seu aparecimento constante nas notícias publicadas em edições especiais de aniversário.

Segundo Laurence Bardin (2011), após a escolha dos índices "devem ser determinadas operações de *recorte do texto* em unidades comparáveis de *categorização* para análise temática" (BARDIN, 2011, p.130). Assim, por serem dois os índices, que correspondem a dois grupos distintos de notícias – também com características textuais diferentes, duas serão as modalidades para o recorte dos textos. Para a análise da autorreferência, onde os textos são menores e corroboram à construção da autoimagem do jornal, mesmo que por diferentes prismas, o recorte textual para a análise será por parágrafos, somado à sua unidade de contexto[73], quando necessária. No caso da análise da heterorreferência, em que os textos abordam os mais diferentes assuntos sobre o local e o regional, tem caráter opinativo e utiliza-se de todo um enredo para a construção de sentidos, será recortada para a análise apenas a ideia central da notícia, não deixando de observar quais foram as demais, porém não principais, estratégias discursivas utilizadas na construção do sentido conotado nos textos publicados no jornal O Tibagi[74].

Em seguida, deu-se início ao procedimento metodológico que Bardin (2011) designa como *a preparação do material*¸ momento em que foi realizada a transcrição das notícias e sua preparação para as análises.

Após tais encaminhamentos metodológicos que correspondem à *pré-análise*, seguiu-se para o segundo polo cronológico da análise: a codificação. Para Laurence Bardin (2011), esta etapa corresponde a "uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo e da sua expressão" (BARDIN, 2011, p.133). Durante o procedimento da codificação, a partir de operações de recorte do texto, devem ser escolhidas

[72] É importante deixar claro que neste trabalho estão sendo levadas em consideração as notícias de heterorreferência em relação ao local e ao regional, que podem ter contribuído para a construção do discurso fundador local. Notícias heterorreferentes que tratam de outros temas não serão levadas em consideração, por não atenderem aos objetivos desta pesquisa (regra de pertinência).

[73] A unidade de contexto contribui na compreensão para a codificação da unidade de registro. Laurence Bardin escreve que a unidade de contexto em uma análise de conteúdo temática pode ser o parágrafo, mas que, em muitos casos, faz-se imprescindível a referência ao contexto próximo ou até mesmo afastado da unidade registrada (BARDIN, 2011, p.137).

[74] Segundo Laurence Bardin, a unidade de registro, dada a partir de tais recortes, pode ser de natureza e dimensões bastante distintas. A autora alega que "o texto pode ser recortado em ideias constituintes, em enunciados e em proposições portadores de significações isoláveis" (BARDIN, 2011, p.135) e acrescenta que não há exatidão acerca dos critérios para o recorte das unidades de registro.

as unidades de registro, que, segundo escreveu Bardin (2011), "é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade base, visando a categorização" (BARDIN, 2011, p.134). O critério para sua escolha é de ordem semântica e neste trabalho o tema foi escolhido como recorte para a unidade de significação[75]. Desse modo, procurou-se analisar os núcleos e sentidos que compõem os conjuntos documentais das análises.

Em relação à análise de conteúdo da autorreferência no jornal O Tibagi, foram elencados os 13 principais temas (e, em geral, os mais recorrentes) como unidade de registro. São eles: amor à profissão, dificuldades enfrentadas pelo jornal, discurso competente, gratidão à Horácio Klabin, heterorreferência, importância da imprensa, independência política, invenção de tradições, orientação/função do periódico, práticas de caridade, profissionalização no meio jornalístico, realidade da construção e reconhecimento do semanário.

Em relação à análise de conteúdo da heterorreferência sobre o local e o regional no jornal O Tibagi, foram elencados os 10 principais temas (e, em geral, os mais recorrentes) como unidades de registro. São eles: autovalorização; Cidade Nova e seu desenvolvimento; contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; desenvolvimento industrial; feitos da Klabin; gratidão à Horácio Klabin; menções à cidade de Tibagi; passado anterior a chegada dos industriais à região; personalidades ilustres; progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; e relacionamento e vivência em Monte Alegre.

Após a codificação, deu-se início à categorização, o terceiro polo temporal da análise. Este momento consiste em "uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos" (BARDIN, 2011, p.147). O critério escolhido para a categorização é o semântico, por exemplo: os temas que tratam da orientação do periódico ficam agrupados na categoria "orientação/função do periódico", enquanto os que tratam os feitos da Klabin ficam agrupados sob o título de "feitos da Klabin".

Segundo Fonseca Junior (2006), a categorização "consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade" (FONSECA JUNIOR, 2006, p. 298). Esta etapa é formada por dois momentos distintos: o inventário, onde

[75] As análises de conteúdo em que o tema é utilizado como unidade de significação costumam ser utilizadas para estudar "motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc. (...) as comunicações de massa etc., podem ser, e frequentemente são, analisados tendo o tema por base" (BARDIN, 2011, p.135).

os elementos são isolados, e a classificação, que é a organização das mensagens nas categorias.

Durante este processo da análise buscou-se também seguir as recomendações de Bardin (2001) em relação aos predicados que uma boa categorização deve seguir:

- a exclusão mútua: um elemento presente na categoria X não pode ser incluído na categoria Y. Entretanto, em certos casos esta regra pode ser questionada, "com a condição de se adaptar o código de maneira que não existam ambiguidades..." (BARDIN, 2011, p.149-150). Nesta pesquisa esta regra não será seguida à risca, uma vez que os textos analisados são repletos de sentido, dando, por exemplo, margem para a classificação de um mesmo parágrafo em diversas categorias.

- a homogeneidade: apenas um critério – bem definido – norteia a classificação;

- a pertinência: as categorias elencadas devem atender às intenções da investigação;

- a objetividade e a fidelidade: não permitir que a subjetividade do pesquisador atrapalhe o processo de categorização;

- a produtividade: a categorização resulta em férteis possibilidades de inferência e/ou o surgimento de novas possibilidades;

A partir da categorização, inicia-se a última etapa da análise: a inferência. Inferência nas palavras de Namenwirth, citado do Bardin (2011), "não passa de um termo elegante, efeito de moda, para designar a indução, a partir dos fatos" (BARDIN, 2011, p.168). Com a categorização, torna-se mais fácil visualizar o conteúdo dos documentos e, apoiado nos referenciais teóricos, inferir a respeito.

Ao trabalhar a inferência Fonseca Junior (2006) afirma que

> ...trata-se do momento mais fértil da análise de conteúdo, estando centrado nos aspectos implícitos da mensagem analisada. (...) A leitura efetuada pelo analista de conteúdo procura evidenciar o sentido que se encontra em segundo plano. No campo da comunicação, este procedimento é utilizado pra desvendar as *condições de produção* das mensagens analisadas (FONSECA JUNIOR, 2006, p.298-299).

Tais inferências permitem, especialmente, observar as concepções ideológicas expressas em dado corpus documental. No caso deste trabalho, a metodologia contribuirá tanto para a análise dos discursos autorreferentes de O Tibagi – que construíram seu lugar de enunciador do conhecimento para a população local, como para a de heterorreferência e sua contribuição para a organização do discurso fundador local.

4.2 Contextualização das publicações de O Tibagi na história da imprensa

Se atualmente a informação é disseminada muito rapidamente através da televisão ou mais rapidamente ainda por meio da internet, há pouco mais de sessenta anos a comunicação no Brasil se dava de modo bastante diversificado. Mesmo havendo o rádio – com sua primeira transmissão em território brasileiro no ano de 1922, que contribuía na difusão de acontecimentos nacionais e internacionais, a imprensa, até início da década de 1950 – período da primeira transmissão de televisão, era exclusivamente impressa.

Seguindo as orientações metodológicas para o trabalho por meio da imprensa escritas por Luca (2005), faz-se importante contextualizar o jornal O Tibagi na história da imprensa brasileira:

A partir do século XX, a mídia passou por transformações que alteraram drasticamente a visão da sociedade sobre os meios de comunicação. No jornalismo impresso houve um movimento de valorização da informação, que historicamente pode ser entendido como a construção do ideal de objetividade jornalística. Paulatinamente, foram sendo deixadas de lado colunas que emitiam a opiniões, e a "verdade" dos fatos transformou-se em uma obsessão, afinal, "o que se procura constituir naquele momento é a autonomização do campo jornalístico em relação ao literário[76], fundamental para a autoconstrução da legitimidade da própria profissão" (BARBOSA, 2007, p.150).

Sobre essa constante busca dos jornalistas pela objetividade, Barbosa (2007) escreveu:

> ...em todas as falas, a separação entre o mundo da opinião e o mundo da informação vai construindo o ideal de objetividade como valor imprescindível para a notícia e, sobretudo, como aspecto fundamental da profissão. Com isso, instauram a mítica da imparcialidade... (BARBOSA, 2007, p.81).

Desse modo, o papel do jornal e de seus funcionários na sociedade foi sendo modificado: "a função do jornalista passou a ser não a de opinar, mas a de informar para formar" (ENNE, 2004, p.112).

Outro ideal recorrente nos discursos jornalísticos desse período é o da neutralidade. O jornal procura divulgar a informação numa linguagem que objetivava a isenção, não

[76] A esse respeito Ana Paula Goulart Ribeiro (2003) escreve que, no Brasil, durante longo período o jornalismo e a literatura se confundiam e acrescenta que "até a segunda metade do século XX, o jornalismo era considerado um subproduto das belas artes" (2003, p.147). Isso se dava porque os periódicos brasileiros seguiam até então o modo francês de fazer jornalismo, bem próximo aos moldes da literatura. Ao adotar práticas e técnicas do jornalismo estadunidense e adapta-las às questões nacionais, os jornais brasileiros se tornaram mais informativos e "objetivos". Assim, "o jornalismo não era mais visto como um gênero literário de apreciação de acontecimentos (...). Passava a ser reconhecido como um gênero de estabelecimento de verdade" (RIBEIRO, 2003, p. 148).

opinando nem persuadindo seus leitores. Barbosa (2007) alerta que esse ideal é algo construído *a priori* e acrescenta que

> ...a uniformização de múltiplos aspectos numa retórica que procura despir a linguagem de elementos opinativos constrói, gradativamente, a noção de linguagem jornalística neutra, elevada à condição de ciência, afinada com o mito da isenção, da neutralidade e da prestação de serviços (BARBOSA, 2007, p.97).

Esse processo de credibilidade na exposição dos fatos que o jornal foi ganhando socialmente desde o início do século, a partir das narrativas organizadas pela própria comunidade jornalística, teve sua consolidação por volta da década de 1950. Barbosa (2007) afirma que essa mítica "é fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor" (BARBOSA, 2007, p.150). A esse respeito, Barbosa (2007) citando o trabalho de Ana Paula Goulart Ribeiro (2000, p.08), acrescenta:

> A modernização gráfica, editorial, linguística e empresarial dos jornais (...) apresenta para a imprensa a instauração de um lugar institucional que lhe permite, a partir de então, enunciar as verdades dos acontecimentos de forma oficializada e se constituir como registro factual por excelência. Para a pesquisadora [Ana Paula], a partir desse momento, o jornalismo se afirma como fala autorizada em relação à constituição do real. O discurso jornalístico se reveste da aura de fidelidade aos fatos, o que lhe confere considerável poder simbólico (BARBOSA, 2007, p.150-151).

Partindo desse pressuposto é possível dizer que o discurso jornalístico fazia, através dos recursos da narrativa, entender sua prática como uma representação exata da realidade. Assim, com a construção social de um jornalismo comprometido com a objetividade e com a verdade, o jornalista era entendido como o profissional que reportaria somente os fatos, deixando de lado as críticas e opiniões sobre eles. A credibilidade das palavras escritas nos jornais formava e cristalizava visões sobre o real. E ao refletir sobre tais colocações, é possível questionar o relacionamento entre a imprensa e o exercício do poder.

Ao selecionar fatos, escrever de uma maneira e não de outra, organizar sua narrativa, o jornalista está cerceado de uma subjetividade, que contribui na (in)formação dos leitores. Nesse aspecto, o jornal tem a capacidade de contribuir para a construção do senso comum, bem como memórias e identidades, através de suas narrativas e práticas discursivas. Esse poder da palavra é disputado pelos agentes que gostariam de determinar o que deve ou não tornar-se público, visível ou oficial. Neste sentido,

> ...as memórias são narrativas sociais (...) tecidas nas arenas de disputa por saber e poder, são objeto de razão e paixão, são fronteiras móveis que servem ao presente, quando reelaboram o passado, mas também ao futuro, quando projetam o devir. Nesse jogo, os agentes ligados aos processos midiáticos exercem um papel fundamental, pela forte penetração de seus discursos e pela configuração de um senso comum avalizado pela categoria sancionada da objetividade (ENNE, 2004, p.115).

Ao abordar o tema objetividade e relacioná-lo com o jornalismo, emerge a premissa de que não há discrepância entre o acontecimento e a notícia. O discurso a respeito da objetividade – como supracitado – vem sendo construído desde o início do século XX e os pressupostos que o legitimam estão historicamente pautados no positivismo, onde – em breves palavras – buscava-se a "verdade" através de procedimentos científicos e racionais. Sobre este aspecto a jornalista e socióloga Isabelle Anchieta de Melo (2007) escreve: "marcado pela distinção entre sujeito e objeto, o cartesianismo moderno, contaminou o jornalismo que passou a justificar-se como um relato em que os objetos pudessem ser observados com distanciamento e imparcialidade" (MELO, 2007, p.01).

Aceitar tal associação sem questionamentos é deixar de lado diversos fatores inerentes ao processo de construção das notícias, que Melo (2007) aponta como sendo (a) a narrativa jornalística, (b) o processo de seleção dos acontecimentos noticiosos, (c) a ordenação do tempo, (d) as relações de poder e (e) a interferência da realidade socialmente, culturalmente e historicamente construída. Pensar nestes aspectos é entender o que está sendo impresso enquanto resultado de escolhas, de hierarquizações e de seleção dos acontecimentos, de construções temporais e das relações de poder (o que é relevante, quando é relevante e para quem é relevante?).

Refletindo sobre tais considerações, admite-se a existência do discurso a respeito da neutralidade e da objetividade na imprensa. Entretanto, a própria discursividade que enuncia o ideal de neutralidade e objetividade é subjetiva. Sobre a subjetividade na prática jornalística a Teoria do Jornalismo apresenta duas tendências:

> ...uma que compreende o jornalista como indivíduo capaz de selecionar, a seu modo, o que é ou não notícia e a outra que autonomiza a organização jornalística, como se ela por meio de rotinas e políticas editoriais, pudesse definir sozinha a noticiabilidade dos acontecimentos (MELO, 2007, p.02).

Isso significa dizer que, na primeira tendência, a seleção de notícias é feita de maneira aleatória pelo profissional do jornalismo. Já na segunda tendência, o jornalista não escolhe individualmente sobre o que escrever a respeito, mas sim a empresa, com sua linha editorial, que irá decidir o que deve ou não ser noticiado.

Para Barbosa (2007) "toda escrita inscreve nos textos convenções sociais e literárias que permitem uma espécie de pré-compreensão" (BARBOSA, 2010, p.56). Assim, as escolhas em relação ao que noticiar pertencem a um pano de fundo cultural e social comum entre o público leitor e a imprensa. É preciso que haja a identificação entre a sociedade e o periódico, sendo fundamental o diálogo do jornal com seu contexto histórico. Nesse sentido Melo (2007) escreve:

> ...o jornalismo possui uma 'relativa autonomia' em relação ao sistema que se insere, já que possui um 'modus operandi' próprio que se superpõe e interage com o sistema. Dessa forma não corremos o risco nem de superestimar o poder da mídia – que é condicionada culturalmente – nem muito menos menosprezamos sua importância – já que possui relativa autonomia no sistema social além de ter uma posição institucionalmente importante e reconhecida nele (MELO, 2007, p.02).

Apesar dessa relação dialética, o jornalismo não apenas reproduz, mas também cria seu próprio sistema ideológico e cultural. Não é como um reflexo no espelho e sim uma representação, na qual vários fatores interferem em sua produção, sejam eles de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico (SOUSA, 2002). É justamente o contexto de produção da notícia que a faz compreensível, afinal, enquanto um produto é necessário que haja seu consumo, que dependerá da "interação perceptiva, cognoscitiva e até afectiva que os sujeitos com ela estabelecem" (SOUSA, 2002, p.04).

Apresentado o contexto nacional de produção de notícias das décadas de 1950 e 1960, Luca (2005) orienta para que sejam apresentadas as características essenciais do periódico utilizado como fonte.

4.3 O jornal O Tibagi

O primeiro jornal que recebeu o nome de *O Tibagy* data de outubro de 1904 e tinha como proprietário e diretor Telêmaco Augusto Enéas Morocines Borba[77]. Com duração efêmera, desapareceu no ano seguinte. De acordo com Osvaldo Bittencourt[78], citado por J. Marenda, o jornal só voltou[79] a circular em 1948, "com farta matéria redatorial e apresentando

[77] Telêmaco Borba nasceu em Curitiba no dia 15 de Setembro de 1840 e faleceu na cidade de Tibagi aos 78 anos. A edição especial do 9º aniversário do jornal O Tibagi apresenta uma breve biografia de Telêmaco Borba: "É tarefa difícil a tentativa de sintetizar a biografia de uma personalidade como a do Coronél Telêmaco Morocines Borba, cujo vulto ultrapassa as lindes municipais para projetar-se sôbre o Estado. Político de prestígio, historiador, etnólogo, sertanista, foi prefeito de Tibagí, diversas vêzes, deputado estadual e provincial, aqui fundou um Museu Etnográfico e escreveu obras hoje reputadas de grande emérito sôbre os indígenas. (...) Seu nome está gravado em letras refulgentes na história do Paraná e diante de sua memória sentimo-nos na obrigação moral de curvar-nos reverentes e entusiasmados" (Nossa homenagem a Tibagi – Cel. Telêmaco Borba. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de dezembro de 1957). Anos mais tarde, quando de sua emancipação, a localidade recebeu o nome deste coronel por influência de seus descendentes.

[78] Oswaldo Bittencourt enviou um artigo ao jornal O Tibagi quando da passagem de seu segundo aniversário. Seu texto foi publicado com o nome de *Imprensa Tibagiana* no dia 06 de dezembro de 1950, número seguinte ao de aniversário. Em 1951, quando da edição especial do 3º aniversário do semanário, fragmentos dessa colaboração foram incorporados à um texto escrito por J. Marenda.

[79] Expressão utilizada pelo próprio jornal. Para compreender melhor, faz-se necessária a transcrição do trecho: "A imprensa tibagiana conta mais de quarenta e seis anos de existência, (hoje, 47) datando o aparecimento do 1º número de "O Tibagi", de outubro de 1904. Jornal de pequeno formato, obedecia o mesmo a direção de Telêmaco Borba e era editado na sede da Comarca. À semelhança das rosas de Melherbe, teve o mesmo efêmera duração, desaparecendo no ano seguinte, para só voltar a circular em 1948, em Monte Alegre, com farta matéria redatorial e apresentando ótimo feitio tipográfico" (Curiosidades sobre a imprensa tibagiana. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1951).

ótimo feito tipográfico"[80]. Segundo o redator do hebdomadário que também recebeu o nome de O Tibagi, o diretor do jornal, Horácio Klabin, ao fundá-lo desconhecia a existência de um periódico anterior que levava o mesmo nome.

O segundo jornal de Tibagi que recebeu o nome da cidade teve sua primeira edição publicada no dia 23 de novembro de 1948 e foi um dos primeiros veículos de comunicação de massa em Monte Alegre[81]. Segundo o advogado e historiador diletante André Miguel Sidor Coraiola (2005), "nos seus quase 50 anos de existência, foi o registro escrito da história local e regional, tendo guardado em suas páginas toda a cronologia dos fatos que construíram o atual perfil da Capital do Papel" (CORAIOLA, 2005, p. 193).

Teve como fundador e diretor Horácio Klabin[82], que chegou à região de Monte Alegre em meados de 1947, assumindo o cargo de Diretor Administrativo nos negócios de sua família, na Indústria Klabin de Papel e Celulose S/A. Foi diretor do referido jornal até 1996, quando do seu falecimento e do concomitante fechamento do periódico.

De acordo com o livro *Monte Alegre, Cidade Papel*, publicado em 1974 pela redatora social do jornal, Hellê Vellozo Fernandes, Horácio Klabin possuía em Monte Alegre um programa de inovações: "funda o jornal '*O Tibagi*' que constitui, para a grande maioria dos operários alfabetizados a primeira leitura regular, desde que deixaram os bancos da escola primária" (FERNANDES, 1974, p.126).

No início das publicações o jornal possuía a tiragem de 500 exemplares, quando muito[83]. Distribuído às quintas-feiras na Klabin aos funcionários da empresa, este também era lido pelas pessoas que moravam nos acampamentos mais distantes da sede da fábrica. Semanalmente os operários levavam para casa um exemplar[84]. Nas cidades onde havia

[80] Curiosidades sobre a imprensa tibagiana. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1951.
[81] A primeira transmissão radiofônica de Monte Alegre ocorreu em 1946 (GALVÃO; SANTOS, 2011, p.11).
[82] Horácio Klabin nasceu no ano de 1912 na cidade de São Paulo. Mesmo sendo formado em Engenharia Civil na Universidade Mackenzie em São Paulo, exerceu outras atividades para além da sua formação acadêmica: foi instrutor de dança, banqueiro, garimpeiro, reflorestador, colecionador de livros raros, vendedor de ferro velho, crítico literário, agricultor e radialista. Segundo biografia fornecida pelo Centro de Memória da Klabin, "entre tantas atividades desempenhadas o pioneirismo para grandes feitos foi também a sua marca. Na área dos esportes, promoveu o futebol em Monte Alegre construindo um estádio em 1949. Como consequência disso introduziu o profissionalismo no futebol do Estado do Paraná o que também fez com que o Clube Atlético de Monte Alegre conquistasse o título de campeão estadual em 1955. Foi o primeiro homem a instalar *lounges* em aeroportos sem vínculos com empresas aéreas. Introduziu os cartões de crédito nos países do bloco socialista europeu do pós-guerra" (s/d., p.01). De acordo ainda com sua biografia organizada pelo centro de memória de sua família, sua chegada à Monte Alegre em 1947 "e o impacto das suas ações na região - especialmente com a construção da Cidade Nova e de tudo o que a envolveu – foram tão profundas que determinaram alterações no mapa do Estado do Paraná" (s/d., p.01).
[83] 1948 - 1959. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959. Possivelmente, esta tiragem cresceu conforme a demanda populacional local.
[84] "[o jornal] fazia parte do povo. Saía debaixo do braço de cada operário, quando este voltava da Fabrica, onde o recebia, para casa: era lido diante da mesa do almoço, no alpendre do quintal, na área da frente, entre os amigos.

escritórios ou representantes da Klabin estes também eram enviados. Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Castro e Tibagi eram alguns dos destinos dos exemplares deste jornal. Segundo o próprio jornal, outro fator que contribuía no aumento significativo do número de leitores dentro e fora do Paraná[85] consistia em uma parceria entre o Lions Club local com os demais espalhados por todo o Brasil[86].

Segundo nota publicada em 1951, O Tibagi tinha correspondentes espalhados pelo Paraná e região. Seus agentes enviavam as últimas notícias de Lagoa, Ventania, Piraí do Sul, Castro, Jaguariaíva, Arapotí, Tibagí, Ortigueira, Ponta Grossa, Curitiba, Assaí e Itararé[87].

O Tibagi era produzido e impresso em prédio próprio[88], longe das edificações onde ocorria a fabricação de papel, no entanto, era totalmente vinculado à indústria: seus funcionários eram contratados pela Klabin, mesmo que não trabalhassem diretamente nas dependências desta[89].

A questão do papel para a imprensa, tão cara aos jornais, não era uma dificuldade efetiva enfrentada pelo jornal O Tibagi, uma vez que o material necessário para sua impressão era produzido nas próprias indústrias Klabin.

O jornal O Tibagi era rico em elementos gráficos e utilizava-se, em geral, da iconografia enquanto legitimadora de uma informação já referenciada por meio do texto. Como exemplo disto, é possível citar o asfaltamento de uma rua, seguido da imagem da mesma[90]. Este recurso também foi utilizado no sentido de divulgar o progresso local.

De acordo com Barbosa (2007), a utilização de imagens "constrói paulatinamente o seu caráter aparentemente objetivo, fazendo com que sejam olhadas como espécies de janelas

---

Companheiro do trabalhador, levava-lhe semanalmente, todas as notícias interessantes, num esforço de informa-lo e distrai-lo." (1948 - 1959. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959).

[85] "Na verdade, O Tibagi está nos corações dos montealegrenses e conquistou a simpatia, não sómente destes, mas de todos os seus inúmeros leitores, espalhados pelo Paraná Inteiro" (Edição comemorativa do 2º aniversário. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1950). "...este semanário já visitou quase tôdas as cidades brasileiras e ainda o exterior, pois O TIBAGI já foi recebido em Lisboa (Portugal)." O TIBAGI percorre o Brasil. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1952.

[86] "Levado a todos os Lions Clubes do Brasil, através das assinaturas do Lions Local; enviado a todos os possuidores de lotes na Cidade Nova, "O TIBAGI" percorre, semanalmente, milhares de quilômetros para alcançar os seus destinatários" (O Tibagi. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958).

[87] São nossos agentes – correspondentes. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi, p.25, 23 de novembro de 1951.

[88] Inicialmente o jornal tinha como endereço a Avenida Brasil, nº 02. Na Edição de 23 de novembro de 1950 o jornal anuncia mudança de endereço: "Este jornal, bem como a Tipografia, mudar-se-ão, dentro de breves dias, para a Rua Ro, ocupando o prédio onde estava instalada a Fábrica de Gazosa "São Pedro". A mudança do maquinário da oficina e da redação verificar-se-á assim que estejam concluídas algumas modificações necessárias no novo prédio" (p.01). Na edição comemorativa do ano seguinte (1951), o jornal aparece alocado na Rua Anita Garibaldi, nº154.

[89] VIEIRA, A.F.B. Entrevista concedida por Seu. J. em 24.01.2014.

[90] VIEIRA, A.F.B. Entrevista concedida por Dona V. em 17.04.14.

e não como imagens" (BARBOSA, 2007, p.32). Assim, as ilustrações são utilizadas como recursos na legitimação de um real construído, dando a sensação de veracidade à informação[91].

O Tibagi era meio de publicidade para empresas aéreas, companhias de seguro, fábricas de bebidas e dos mais variados gêneros alimentícios, lojas, mercados e os mais diversos tipos de empreendimentos[92]. No jornal O Tibagi anunciavam os principais fornecedores da Klabin (FERNANDES, 1974, p.127)[93]. Segundo o próprio hebdomadário o número elevado de anunciantes demonstra o prestígio que O Tibagi possui[94]: "a parte de anúncios diz bem, por si só, do conceito em que é tido O TIBAGI, não só em Monte Alegre como no Estado inteiro, e, mesmo, em muitas partes do Brasil"[95].

Em geral, as edições semanais, que somavam entre 06 e 08 páginas, abordavam temas de interesse à comunidade, com destaque aos acontecimentos locais. Segundo a redatora social do jornal, a escritora Hellê Vellozo Fernandes, "começamos pelo ABC,

[91] De acordo com Barbosa (2007), "essa necessidade da imagem significando o real faz parte de um movimento cultural mais amplo que se instaura a partir da segunda metade do século XIX, quando a descrição fotográfica – fosse ela do ambiente ou das pessoas – passa a ser gradativamente vista como instrumento eficiente para reproduzir o real e a verdade. A tecnologia que se espalha pelos múltiplos universos culturais da cidade é tributária da ideia de reprodução fidedigna" (BARBOSA, 2007, p.36).

[92]Principais anunciantes das edições comemorativas: Açúcar Diana, Armazém de Subsistência das I.K.P., Arno Iwersen&Cia., Atalaia Companhia de Seguros, Auto Peças Wolflandia, Banco Agrícola e Industrial Paraná-Central, Banco Comercial do Paraná, Biscoitos Aymoré, BOA – Brasil Organização Aérea S/A., Brahma Rainha, Guaraná Brahma e Brahma Chopp, Café Belmont, Casa de Móveis Paulista, Cervejaria Adriática S/A, Cigarros Hollywood, Cine Luz e Cine-Harmonia, Companhia Agro Mercantil Paranaense, Companhia Antarctica Paulista, Companhia Seguradora dos Proprietários do Brasil, Crush do Paraná e Santa Catarina, Farinha Láctea Nestlé, Hangar Vicente, Hermes Macedo S.A, Indústrias Alimentícias Abagge LTDA., Indústrias Todeschini Ltda., Indústrias Wagner S/A., Leite Moça, Lojas e Alfaiataria Record, Mate Leão, Minancora, Mobiloil, Moinho Curitibano, Moinho Paranaense Ltda., Mueller Irmãos Ltda., Nescafé, Ouro Fino, Papelaria Requião, Pioneiro de Taxi Aéreo, Posto de Serviço Esso Monte Alegre, Prosdócimo, Rádio Monte Alegre, Seguro de vida em grupo Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A., Serviço de Táxi Aéreo, Sul-América terrestres, marítimos e acidentes – Companhia de Seguro, Vale do Tibagi Comércio e Indústria S.A.

[93] A respeito dos anunciantes do jornal é importante ressaltar que as edições de aniversário, composta em números de página até seis, sete vezes maior que as edições semanais, tinham propagandas em grande parte de suas páginas. Apenas como exemplo, a edição especial de aniversário do ano de 1951 foi impressa em 40 páginas, sendo que em 38 delas havia espaço destinado a algum tipo de publicidade. Tais propagandas variavam no tamanho: desde pequenos informes até páginas inteiras. Segundo o relato do Seu J. – que trabalhou no jornal *O Tibagi* – as edições de aniversário eram iniciadas até oito meses antes de sua publicação (VIEIRA, A.F.B. Entrevista concedida por Seu. J. em 24.01.2014), para que existisse tempo hábil para contatar todos os anunciantes do jornal.

[94] Para corroborar este sentido, publicam felicitações enviadas por seus anunciantes. Como exemplo é possível citar uma publicidade do Moinho Curitibano onde o destaque está na homenagem prestada ao periódico: "Ao ensejo do 3º aniversário de fundação de "O TIBAGI", data que representa um glorioso marco para a Imprensa do Paraná, com cumprimentos à ilustre direção dêsse valoroso orgão, presta também sua homenagem sincera às Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S. A. que construindo a maior fábrica de papel da América do Sul, em Monte Alegre, enriqueceu grandemente o patrimônio material de nosso Estado, a par do que, com rara inteligência, vem norteando a vida da confortável e bela cidade que nasceu com as fábricas ali erguidas e por essa poderosa e patriotica organização" (Publicidade – Moinho Curitibano. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi, p.14, 23 de novembro de 1951).

[95] 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1954. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1954).

selecionando assuntos, estudando o que fôsse de interesse geral, procurando sempre atender às necessidades dos leitores e fazer de O TIBAGI o órgão de ligação que êle se propôs ser"[96]. Sobre as características do jornal, a redatora escreve:

> Como semanário, O TIBAGI não pode ter o caráter sensacionalista[97] dos diários, que em cada vinte e quatro horas selecionam as ocorrências e as transmitem com atualidade. Temos que desempenhar a dupla função de noticiário e revista, com assuntos do momento e da semana. Não podemos remontar fatos passados e forçados a diminuir a parte noticiosa, procuramos satisfazer o leitor com uma leitura variada[98].

Assim, a partir do "que vigora, o que nos orienta e nos ensina [que] é ainda a boa observação pessoal, o estudo paciente, a boa vontade, o auto-didatismo"[99] foram organizadas seções de diversão, literária, sentimental, folhetim, concursos, espaço destinado às contribuições dos leitores. O jornal, então, apresentava colunas fixas como a *Última Hora* e *Crônicas Internacionais*, que traziam notícias sobre os últimos acontecimentos do país e do exterior. Existiam ainda colunas dedicadas ao público feminino como a *O que sabe dos homens e das mulheres* e a *Já conhecia este prato?* e para o masculino, a *Página Esportiva*. Merece destaque também as séries em quadrinhos, bem como a coluna *Sociais*, onde eram abordados os eventos da cidade, como casamentos, batizados e festividades em geral. Além dessas colunas que eram fixas nos primeiros anos do jornal, existia grande espaço reservado para poesias e crônicas.

Para Hellê Vellozo Fernandes, no jornal já foram apresentadas inúmeras temáticas: "das Sociais a Culinária, de Modas a Conselho de Beleza, de Charadística a Novela Policial; de histórico de plantações a recensão de livros"[100]. Mais tarde, 1974, (re)organiza suas memórias[101]em relação à constituição do jornal:

> Como Horácio Klabin diretor-fundador de "O Tibagi", tem boas relações entre proprietários de grandes jornais de Rio e São Paulo, consegue clichês dos fatos mais

[96] O TIBAGI – Um ano a mais. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1951.
[97]É interessante frisar que nas edições consultadas para a realização desse trabalho, nenhuma notícia faz menção a crimes ou delitos cometidos em Monte Alegre, e até mesmo fora da localidade. Hellê Vellozo Fernandes (1974) afirma que a orientação do jornal, "dada pelo diretor Horácio Klabin, exclui o sensacionalismo. Não tem pagina policial" (FERNANDES, 1974, p.127). Não é o objetivo deste trabalho, no entanto, é interessante pensar neste posicionamento adotado pelo jornal da Klabin. Afinal, é sabido que crimes e delitos ali ocorriam, tanto por relatos orais quanto pela citação de Coraiola (2005) que diz: "a inquietação constante do povo, motivada pela falta de policiamento ou mesmo de autoridades que impusessem a lei, ficando refém das ondas de criminalidade que não sofriam qualquer tipo de punição, fez com que começasse um movimento pela emancipação da Cidade Nova de seu município de origem, Tibagi" (CORAIOLA, 2003, p.93-94). Quais seriam as intenções por trás desse posicionamento adotado pelo periódico?
[98] O TIBAGI – Um ano a mais. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1951.
[99] O TIBAGI – Um ano a mais. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1951.
[100] O TIBAGI – Um ano a mais. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1951.
[101] Barbosa (2007), parafraseando Halbwachs, escreve que "a seletividade da memória nada mais é do que a capacidade de ordenar e dar sentido ao passado em função das representações, visões de mundo, símbolos ou noções que permitem aos grupos sociais pensar o presente" (BARBOSA, 2007, p.83).

> atuais. “O Tibagi” torna-se ilustrado, com fotografias de acontecimentos internacionais, com a série em quadrinhos dos bonecos “Acácio” e “Margarida”, com os desenhos das “Curiosidades” de Apla, com as Crônicas de Hél[102], Leo Portela e Al Neto. De outra parte, os redatores monte-alegrenses contribuem com as palavras cruzadas e charadas, os cursos de português e literatura, as seções femininas, as crônicas locais e a colaboração de escritores do Paraná e de outros Estados, o que o monte-alegrense costuma ler e gostar (FERNANDES, 1974, p.127).

Nesse processo de rememoração, a redatora social também escreve sobre a utilização do rádio na obtenção de notícias a serem publicadas no semanário.

Com exceção de Hellê Vellozo Fernandes – que se formou na década de 1960, o jornal não contava com jornalistas profissionais[103], era apenas “fruto do entusiasmo de uma equipe heterogênea, dum senhor de indústria idealista, dum médico polonês, duma professora brasileira, dum advogado poeta, duns jornalistas amadores de coração”[104].

O corpo editorial do jornal permaneceu praticamente o mesmo[105] durante o período que compreende o recorte temporal desta pesquisa: como diretor o seu fundador, Horácio

---

[102] Hellê Vellozo Fernandes assinava a maioria de seus escritos com o pseudônimo Hél.

[103] Na edição de aniversário do ano de 1949 escrevem: “... sem contar com jornalistas profissionais...” (O primeiro aniversário de “O Tibagi”. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949). Anos mais tarde, em 1958, voltam a reiterar a ausência da profissionalização de seus colaboradores: “... um jornal do interior não pode se dar ao luxo de redatores especializados. (...) Não podemos dizer, em sã consciência, que ‘fizemos jornalismo’. Mas realmente podemos afirmar que fizemos o que pudemos” (Apresentação. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 30 de novembro de 1958). É importante lembrar que quando da inauguração do jornal, ainda não havia o jornalismo enquanto uma disciplina. Sua profissionalização se dá durante as décadas de 1950 e 1960. Em 1951 Hellê escreve a esse respeito: “nas capitais já se fala em escolas de jornalismo, mas aqui no interior não é possível satisfazer as otimistas ideias dos bem intencionados” (O TIBAGI – Um ano a mais. O *Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1951.

[104] 1948 - 1959. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.

[105] Nas edições semanais o expediente localizava-se na página 02 do jornal. Nas edições comemorativas não havia um padrão.

Expedientes – Edições Comemorativas:

1949 – Diretor: Horácio Klabin – Sub-diretor: Cacildo B. de Arpelau – Gerente: Germano Molke – Redator-chefe: J. Marenda – Redatora social: H. V. Fernandes – Redator esportivo: J. T. Oliveira;

1950 – Fundador: Horácio Klabin – Sub-diretor: Cacildo B. de Arpelau – Redação: J. Marenda – Redatora social: H. V. Fernandes – Redator esportivo: J. T. Oliveira;

1951 – Diretor: Horácio Klabin – Sub-Diretor: Cacildo R. de Arpelau – Redação: J. Marenda – Página feminina: H. V. Fernandes – Redator esportivo – R. R. Abreu;

1952 – Diretor-fundador: Horácio Klabin – Sub-diretor: Cacilco R. de Arpelau – Redação: J. Marenda – Redatora social: H. V. Fernandes – Redator esportivo: Heroes Martins;

1953 – não apresenta expediente;

1954 – não apresenta expediente;

1956 – não apresenta expediente;

1957 – Diretor fundador: Horácio Klabin – Sub Diretor: Cacildo B. de Arpelau – Direção: João Marenda – Seções social e literária: Hellê Vellozo Fernandes – Seção esportiva: Péricles Pacheco da Silva – Reportagens: João Slysz;

1958 – não apresenta expediente;

1959 – Diretor fundador: Horácio Klabin – Sub Diretor: Cacildo B. de Arpelau – Gerente: João Marenda – Redatores: Noticiário Geral: D. Ribas de Carvalho, Sociais e Literárias: Hellê Vellozo Fernandes – Esportes: Péricles Pacheco da Silva;

1960 – Diretor fundador: Horácio Klabin – Sub Diretor: Cacildo B. de Arpelau – Gerente: João Marenda – Redatores: Sociais e literárias: Hellê Vellozo Fernandes, Esportes: Péricles Pacheco da Silva;

1961 – não apresenta expediente;

Klabin; Cacildo Batista de Arpelau[106] como sub-diretor; João Marenda[107] como redator-chefe[108]; e Hellê Vellozo Fernandes[109], responsável pela redação das Sociais-Literárias. Durante o recorte temporal desta pesquisa, apenas a redação da página esportiva teve mais de um colaborador, tendo trabalhado nesta J. T. Oliveira[110], R. R. Abreu[111], Heroes Martins[112] e Péricles Pacheco da Silva[113].

1962 – Diretor Fundador: Horácio Klabin – Sub Diretor: Cacildo B. de Arpelau – Gerente: João Marenda – Redatores = Sociais e Literárias: Hellê Vellozo Fernandes – Esportes: Péricles Pacheco da Silva;
1963 – não apresenta expediente;
1964 – Diretor Fundador: Horácio Klabin – Sub-Diretor: Cacildo B. de Arpelau – Gerente: João Marenda – Redatores Sociais e Literárias: Hellê Vellozo Fernandes – Esportes: Péricles Pacheco da Silva.

[106] "Ilustre filho de Tibagi e prestigioso prócer político no município, o sr. Cacildo Arpelau é alto funcionário das Industrias Klabin do Paraná de Celulose S/A e atualmente ocupa o cargo de Sub-Delegado de Polícia de Monte Alegre" (Nossa Homenagem a Tibagi – Cacildo Batista de Arpelau. *O Tibagi*. Monte Alegre, 23 de novembro de 1957, p.02).

[107] "João Marenda nasceu em Ponta Grossa no dia 05 de setembro de 1923, filho de Humberto e Laura Biscaia Marenda. Em 1947 passou a trabalhar no Jornal do Paraná onde usava o pseudônimo 'Tristão de Ouro Preto'. Em 1948 transferiu-se para o então Distrito de Ventania (Tibagi), onde trabalhou como encarregado da tipografia para as Indústrias Klabin do Paraná e Celulose S. (...) Deixou as indústrias Klabin em 1968, posteriormente passando a residir em Ponta Grossa, onde em 1970 passou a trabalhar no Jornal Diário dos Campos, permanecendo até seu falecimento, em 09 de maio de 1990". Disponível em: http://www.uepg.br/dicion/verbetes/a-m/marenda_joao.htm. Acessado em: 05.06.2014.

[108] Os primeiros seis meses de jornal contou com Lauro Nery do Canto enquanto redator. (Um ano vencido. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

[109] Hellê Vellozo Fernandes nasceu em Curitiba, em 13 de outubro de 1925 (faleceu no dia 27 de novembro de 2008, aos 83 anos de idade). Filha do professor e escritor Porthos Moraes de Castro Vellozo e de Prudência Araújo Moritz Vellozo, atuou como jornalista desde os 15 anos, escrevendo para jornais como *Diário do Paraná*, *Gazeta do Povo* e *Diário da Tarde*, entre outros. Durante a década de 60 estudou na *Universidade Federal do Paraná* os cursos de Letras e Jornalismo e ministrou aulas nessas áreas. Trabalhou como assessora de imprensa da reitoria da *UFPR* e também foi secretária-executiva da *Comissão Paranaense de Folclore*. Foi membro de várias instituições culturais, como a *Academia de Letras do Paraná* – na qual foi a 4ª ocupante da 37ª cadeira, a *Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno* (Ceará) e a Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Sul. Foi uma das sócio-fundadoras da *Associación Mundial de Mujeres Periodistas e Escritoras*, no México, em 1969. Também foi fundadora da *Associação de Jornalistas e Escritoras Brasileiras*, da qual foi presidente entre 1970 e 1974 e 1985 e 1989. Era membro do *Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Paraná* e participou de diversos congressos dentro e fora do Brasil. (COELHO, 2002, p.251). Como escritora, dedicou-se às crônicas, ficções e à prosa. Participou de obras coletivas, como O livro de *Ajebiana* (1979) e *Antologia didática de escritores paranaenses* (1970), entre outras. Sua primeira obra individual foi *Camafeus* (1945). Após ele, seguiram-se outras publicações, sendo duas delas especificamente a respeito de Monte Alegre: *Nos Campos e nos Pinais* (1970) e *Monte Alegre, Cidade Papel* (1974), livro aqui utilizado como referência. Com seus escritos recebeu diversos prêmios, como o *Prêmio Nestor Victor* 1949: 1º lugar no gênero romance para o livro *Incompreensão*, o *Prêmio Euclides Vergueiro* 1959: 1º lugar no gênero romance para o livro *Os Vergueiros* e o *Prêmio Maria Coleta Alves de Araújo* 1963: 1º lugar no gênero romance histórico para o livro *Pioneiros do Iguatemi*.

[110] Não foram encontrados dados biográficos.

[111] Não foram encontrados dados biográficos.

[112] Não foram encontrados dados biográficos.

[113] "Péricles Pacheco da Silva nasceu em 03 de junho de 1918, na cidade de Curitiba. (...) Formado em Administração, exerceu o cargo de Superintendente Administrativo da Klabin. Na vida pública, foi Deputado Estadual nos anos de 1982 a 1986; e prefeito de Telêmaco Borba na gestão de 1964 a 1968. Teve participação importante por ocasião do desmembramento e criação do Município, e antes disso, também participou da própria fundação da Cidade Nova, trabalhando ao lado de Horácio Klabin. Esportista. Por mais de 15 anos foi presidente do CAMA – Clube Atlético Monte Alegre. Também foi sócio e fundador do Lions Clube de Monte Alegre em 1954". Disponível em: http://telemacoborbaonline.pbworks.com/w/page/31122445/NOSSA%20SENHORA%20DO%20PERP%C3%89TUO%20SOCORRO%20-%20O%20PRESENTE. Acesso em: 05.06.2014.

Apesar do discurso a respeito da não-profissionalização dos colaboradores do jornal, o próprio semanário afirma ser "um jornal completo, com tôdas as características de um grande órgão de nosso país. Um patrimônio para a imprensa nacional"[114]. Por mais que se afirmassem enquanto amadores, havia um intercâmbio entre as práticas de jornalismo dos grandes centros e as realizadas em Monte Alegre. Tal afirmação está pautada nas afirmações supracitadas de Hellê Vellozo Fernandes – quando trata do bom relacionamento de Horácio Klabin com grandes empresas jornalísticas – quanto no fato de a jornalista ter trabalhado na imprensa da capital, atuando em periódicos como Diário do Paraná, Gazeta do Povo e Diário da Tarde.

Por apresentar-se com o objetivo de também "dar aos seus leitores o que há de melhor em produção literária do Estado do Paraná"[115] tem como colaboradores frequentes a Academia de Letras José de Alencar, Academia Feminina Espírito Santense de Letras, Academia Paranaense de Letras, Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, Centro Cultural Euclides da Cunha e Centro de Letras do Paraná. Os nomes mais recorrentes em contribuições eram de poetas e prosadores, tais como Bento Munhoz da Rocha Neto, David Carneiro, Erasmo Piloto, Heitor Stockler, Helena Kolody, Humberto Grande, Loureto Fernandes, Napoleão Teixeira, Rodrigo Junior, Serafim França, Valfrido Piloto, Vasco José Taborda e Wilson Martins, para citar alguns exemplos[116].

Seguindo o padrão das grandes empresas jornalísticas, apresentava juntamente ao corpo editorial a seguinte advertência: "não nos responsabilizamos por conceitos emitidos por nossos colaboradores em artigos assinados"[117]. Mesmo sendo uma prática recorrente nos jornais, é de fato curiosa tal ressalva, uma vez que antes mesmo de ser impresso, o periódico passava pela avaliação dos diretores da Klabin para então as notícias chegarem ao conhecimento da população[118]. Desse modo, por mais que os textos fossem assinados, só eram selecionados para a publicação no jornal aqueles que atendiam a linha editorial de O Tibagi e, mais, que contribuíam para a imagem que o periódico queria construir de si e também dos feitos das IKPC.

Em relação às fontes de receita do jornal, acredita-se que esta era oriunda de investimentos de seu próprio diretor-fundador, Horácio Klabin[119].

---

[114] Um ano vencido. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.
[115] Homenagem. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – segundo caderno, 15 de dezembro de 1962.
[116]Homenagem. *O Tibagi*, Telêmaco Borba – Paraná, p. 02-03, 23 de novembro de 1964.
[117]O Tibagi. Monte Alegre, p.02.
[118] Estas informações foram obtidas em conversas informais com ex-funcionários do periódico.
[119] Esta afirmação é uma pressuposição a partir da leitura do fragmento de entrevista a seguir: "eu conheci o Horácio Klabin pessoalmente. Inclusive, volta e meia ele estava lá na gráfica e ele era uma pessoa altamente

4.4 A produção de sentidos no discurso de O Tibagi

Na busca por visibilidade, por legitimidade ante ao leitor, a imprensa busca se aproximar de seu público por intermédio de diversos mecanismos para o estabelecimento de vínculos de confiança. Entre eles é possível destacar a autorreferência e a heterorreferência (LUHMANN, 2005), que são estratégias de imagem[120] utilizadas nos discursos jornalísticos na produção de efeitos de sentido[121] em seus leitores. Por mais que os meios de comunicação ocupem destacado lugar na produção de sentidos, este lugar precisa ser constantemente assegurado. Nesse sentido, para (re)afirmar sua posição enquanto enunciador são utilizadas estratégias discursivas ou – como neste trabalho denominadas – estratégias de imagem para firmar um contrato de leitura[122] com o público ledor.

A compreensão da noção de estratégia de imagem tem pressupostos nos estudos de Maria Ivete Trevisan Fossá e Daiane Bertasso Ribeiro (2010). Para as autoras, ao se tratar de "imagem" deve-se compreender não apenas "a materialidade de uma representação icônica ou indicial, mas também a imagem que construímos mentalmente e que, em grande parte, carrega juízo de valor, por exemplo, positiva ou negativa, alegre ou triste, confiável ou não-confiável, etc." (FOSSÁ; RIBEIRO, 2010, p.63). Isto significa ir além da compreensão de seu sentido iconográfico, considerando em sua interpretação processos cognitivos, como o pensamento, a percepção e a memória.

As estratégias de imagem também estão presentes nos jornais através do uso de ilustrações, confirmando o sentido de um texto ali publicado, mas se fazem verdadeiramente presentes no discurso, isto é, "na imagem que o jornal constrói de si em seu discurso, pelo

---

dinâmica. E, por sinal, tem-se que um dos mais brilhantes administradores da Indústria Klabin foi Horácio Klabin, que era um homem de uma visão extraordinária. Depois de Horácio Klabin, veio o saudoso Samuel Klabin, que também foi uma figura muito importante, mas daí já diminuindo bastante o investimento da Klabin em coisas que o Horácio Klabin havia criado." (VIEIRA, A.F.B. Entrevista concedida por Seu. J. em 24.01.2014.).

[120] Este trabalho entende imagem a partir das colocações de Fossá e Ribeiro (2010), que dizem: "o termo 'imagem' possui um conceito amplo, não se referindo apenas à materialidade de uma representação icônica ou indicial, mas também à imagem que construímos mentalmente e que, em grande parte, carrega um juízo de valor..." (FOSSÁ; RIBEIRO, 2010, p.63).

[121] Neste trabalho a noção de efeitos de sentido tem pressupostos em Fossá e Ribeiro (2010), que citando Verón (1980), escrevem: "os efeitos de sentido estão no nível das condições de recepção (ou de "reconhecimento") do discurso" (FOSSÁ; RIBEIRO, 2010, p.63). Em outras palavras, é possível dizer que a noção de efeitos de sentido compreende o processo que vai da construção de sentido até a sua apropriação, sendo o texto o ponto de passagem que sustenta a circulação social destes significados.

[122] Neste trabalho, o entendimento da noção de contrato de leitura tem pressupostos teóricos em Fausto Neto (2007). Para este autor, "entende-se, aqui, por contratos de leitura, regras, estratégias e 'políticas' de sentidos que organizam os modos de vinculação entre as ofertas e a recepção dos discursos midiáticos e que se formalizam nas práticas textuais, como instâncias que constituem o ponto de vínculo entre produtores e usuários" (FAUSTO NETO, 2007, p. 10).

modo como é enunciado" (FOSSÁ; RIBEIRO, 2010, p.64). A esse respeito Fossá e Ribeiro (2010) escreveram:

> As estratégias de imagem, que em um primeiro momento propõem-se a referenciar o mundo (heterorreferência), não apenas resultam como também se constituem em estratégias de autorreferencialidade, as quais visam produzir efeitos de sentido ao discurso jornalístico para o seu próprio devir, a fim de firmar um contrato de leitura com o leitor. (FOSSÁ; RIBEIRO, 2010, p.64).

Nesse sentido, entende-se que na formação discursiva do jornalismo há estreita relação entre os discursos autorreferenciais e heterorreferenciais, pois mesmo quando da referência à realidade do mundo (heterorreferência) é possível fazer a referência ao enunciador, construindo sua autoimagem e estabelecendo contratos com o público leitor (autorreferência).

Para Niklas Luhmann (2005), sociólogo alemão que desenvolveu as noções de auto e heterorreferência em relação aos meios de comunicação, o "fazer" da notícia requer seleções. Nesse processo, "só menciona aquilo que fala a seu favor" (LUHMANN, 2005, p.131) e, a partir de sua perspectiva comunicacional, "determina a forma como o mundo deve ser lido" (LUHMANN, 2005, p.133).

A heterorreferência da comunicação se dá pela utilização de temáticas diversas na construção da notícia, atingindo a interesses distintos e, portanto, cada parcela da sociedade. O conhecimento acerca de tais temas, o conhecimento sobre o mundo, é produzido e reproduzido pelos meios de comunicação. Tal conhecimento é uma representação a partir das perspectivas de seu enunciador. Em outras palavras, trata-se da "cópia da realidade e é também assim que ela é enunciada e percebida" (LUHMANN, 2005, p.131).

Em relação a tais representações e a autonomia dos sujeitos em sua recepção, Luhmann (2005) escreve que não seria suficiente falar apenas de uma "suspeita universal de ideologia", antes um "acomodamento geral". Para o autor, "as pessoas decodificam tudo o que é comunicado na direção daquele que o comunica" (LUHMANN, p.2005, p.140). Isso não significa dizer que quem participa da comunicação não tenha reflexão diante dos meios pelos quais esta se estabelece; existem diferentes graus de elaboração de tal reflexão. Antes, "trata-se da observação de que uma sociedade, que deixa sua auto-observação ao encargo do sistema de função dos meios de comunicação, aceita essa mesma forma de observação à maneira da observação de observadores" (LUHMANN, 2005, p.142).

Ainda sobre a capacidade que os meios de comunicação têm de construir a realidade (heterorreferência), o sociólogo escreve que "a 'inocência' social dos meios de comunicação,

seu caráter inofensivo, baseia-se no fato de que eles não forçam ninguém à nada" (LUHMANN, 2005, p.144). Nesse sentido,

> ...quando a mídia impressa põem em circulação (enuncia) os seus textos, ela está reproduzindo a sua leitura do mundo, os seus discursos; portanto, uma realidade construída por meio de todo esse complexo "jogo" de relações de formações discursivas de todos os tipos, e pelas lógicas que regem os dispositivos midiáticos (FOSSÁ; RIBEIRO, 2010, p.65).

Ao tomar contato com os conteúdos noticiáveis publicados em jornais é possível observar dois modos distintos de enunciação: um que trata dos temas (heterorreferência) e outro que trata das funções da comunicação ou a autorreferência.

Na autorreferência, os meios de comunicação fazem alusão às próprias condições, justificando socialmente seu lugar de enunciador. Ao falar de si está "promovendo uma espécie de autorreconhecimento de si enquanto dispositivo jornalístico que prepara o sentido do discurso" (FOSSÁ; RIBEIRO, 2010, p. 68). Isto ocorre porque "a própria linguagem fabrica seus indicadores de realidade" (LUHMANN, 2005, p.146). Em outras palavras é possível dizer que "os processos que engendram a noticiabilidade e suas práticas, se estruturam segundo regras definidas por parâmetros de autorreferências do próprio sistema de produção discursiva" (FAUSTO NETO, 2006, p. 11). Os meios de comunicação acabam por enunciar seus padrões de legitimidade.

Enquanto estratégia discursiva de contrato, a autorreferência se preocupa em enunciar a "realidade da construção", isso significa dizer que a preocupação dos dispositivos midiáticos também se encontra em uma discursividade a respeito das próprias condições de construção da notícia e a imagem que constrói de si em seus discursos e não apenas na "construção da realidade", sua representação do mundo para os leitores. Esse método de firmar com o público leitor contratos baseados na ênfase da imagem de si acaba, muitas vezes, se tornando tão importante quanto a própria heterorreferência.

4.5 A autorreferência em *O Tibagi*

Para entender como se deu a construção da imagem de si em *O Tibagi*, será analisado um *corpus* composto de 43 notícias de autorreferencialidade[123], escritas por Armando A. Pires (01) Daily Luiz Wambier (01), Elsi Ebeling (01), G. Molke (01), Greta Rodelheimer (01),

[123]Além dessas 43 notícias específicas de autorreferencialidade, optou-se por incorporar uma de heterorreferencialidade, onde o jornal constrói o seu contexto histórico de produção.

Helio C. Teixeira (01), Hellê Vellozo Fernandes (09), J. Marenda (03)[124], Marenfis (01) e Paulo de Souza Filho (01). As notícias restantes não foram assinadas[125].

A publicação de notícias autorreferentes é predominante nas capas e páginas subsequentes[126]. Ao todo, 25 foram publicadas na capa – também levando em consideração o segundo e o terceiro caderno, quando havia. A disposição das informações no jornal também é imbricada de significado. Em geral, as notícias mais importantes, as que merecem maior destaque em detrimento de outras, são publicadas nas capas.

A análise – como explicitada na introdução deste trabalho – é temática. A partir de inúmeras leituras do corpus documental foram organizadas treze categorias de análise a seguir problematizadas. São elas: amor à profissão, dificuldades enfrentadas pelo jornal, discurso competente, gratidão à Horácio Klabin, heterorreferência, importância da imprensa, independência política, instituição de tradições, orientação/função do periódico, práticas de caridade, profissionalização no meio jornalístico, realidade da construção e reconhecimento do semanário[127].

4.5.1 Reconhecimento do semanário[128]

Acredita-se que o jornal *O* Tibagi para fazer-se reconhecido se disse reconhecido. Como exemplo, é possível citar a nota publicada no ano de 1952: "a colaboração que abaixo publicamos veio de Portugal, especialmente para O TIBAGI. Por aí se vê que o nosso semanário, nestes três anos de existência, já se tornou bastante conhecido, não só no país como no estrangeiro"[129].

Outra estratégia discursiva para a construção de seu reconhecimento encontra-se nas edições primeiras, onde era bastante recorrente a publicação de notas sobre elogios recebidos de pessoas e empresas jornalísticas importantes. Para exemplificar, é possível citar a edição número 02 de O Tibagi, publicada à 30 de novembro de 1948. Somente nesta página existe

[124] Um de seus textos J. Marenda escreveu a partir de fragmentos de um artigo escrito por Osvaldo Bittencourt, publicado pela primeira vez em *O Tibagi* em 06 de dezembro de 1950.
[125] Uma dessas notícias que não tem assinatura, contém fragmentos de uma carta escrita pelo sr. ministro Altamir de Moura.
[126] Relação entre o número da página e a quantidade de notícias de autorreferência publicadas: página 01, 25 notícias; página 02, 08 notícias; página 03, 03 notícias; página 05, 03 notícias; página 10, 01 notícia; página 14, 01 notícia; página 15, 01 notícia; página 16, 01 notícia; e página 25, 01 notícia.
[127] A apresentação das categorias na problematização se dará por ordem decrescente em relação ao número de ocorrências.
[128] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção ao reconhecimento do semanário através de argumentos como o número elevado de leitores e anunciantes, sua prosperidade e superação de obstáculos.
[129] Redação e Jorge Ramos. *O Tibagi* – Monte Alegre – O Tibagi – Paraná, p.15, 23 de novembro de 1951.

duas menções ao reconhecimento do semanário. A primeira trata de um agradecimento à Horácio Klabin enviado por Ney Leprevost:

> Por especial deferência de V.S., tenho presente o primeiro número de "O Tibagi", o que agradeço. Ao ensêjo, deixo patenteados os melhores vótos de prosperidade a êsse novo órgão de imprensa do Estado, que, pela sua apresentação inicial e suas características de elegância, sobriedade e patriotismo, o capacitam ao mais completo êxito[130].

A segunda passagem que exalta o reconhecimento (imediato) do hebdomadário foi emitida pelo jornal curitibano Diário da Tarde:

> Dirigido pelo nosso brilhante confrade Horácio Klabin, acaba de aparecer em Tibagi o primeiro número do jornal "O Tibagi", órgão que se propõem defender os interesses daquele próspero municipio e que encena em suas páginas farto noticiário, nacional e do exterior, encenando ainda, o referido numero, admiravel monografia sobre aquele municipio, de autoria do sr. Edmundo Mercer Junior, uma página interessante, que muita luz traz sobre a história de Tibagi. O novo jornal se apresenta em excelente feição gráfica e sua matéria é disposta com inteligencia. Ao dirigente e ao corpo redatorial de "O Tibagi", os nossos votos de prosperidades[131].

Além da utilização desse discurso competente que reconhece seus méritos ao mesmo tempo em que contribui ainda mais para o seu reconhecimento, outros textos publicados no jornal enalteciam O Tibagi:

Enquanto um semanário, O Tibagi poderia "ser considerado um dos melhores dentro do nosso Estado[132], pois se tratava de "um jornal completo, com tôdas as características de um grande órgão de nosso país"[133], ocupando um lugar de invejável destaque[134]. "Um patrimônio para a imprensa nacional!"[135]. O já consagrado[136] hebdomadário, "foi recebido com agrado pelos montealegrenses, que procuram, desde logo, cooperar nessa obra louvável"[137], pois conquistou a simpatia e a gratidão[138], "não somente destes, mas de todos os seus inúmeros leitores, espalhados pelo Paraná inteiro"[139]. "E quantos não são os que se lembraram, já com bastante antecedência, do aniversário dêste querido semanário"[140].

---

[130] LEPREVOST, Ney. Recebemos. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03, 30 de novembro de 1948.
[131] Do "Diário da Tarde", de Curitiba, "O Tibagi". *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03, 30 de novembro de 1948.
[132] MOLKE, G. Aos nossos leitores. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[133] MARENDA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[134] WAMBIER, Daily Luiz. A vitória da inteligência. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.10, 23 de novembro de 1950.
[135] MARENDA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[136] MARENDA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[137] MARENDA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[138] SOUZA FILHO, Paulo de. O Tibagi. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.15, 23 de novembro de 1950.
[139] Edição comemorativa do 2º aniversário. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1950.
[140] MARENDA, J. 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1952. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1952.

Para além dos discursos autorreferentes de reconhecimento mais recorrentes (admiração do público ledor; brilhante e esforçada equipe de intelectuais; gratidão dos paranaenses aos serviços prestados pelo jornal; qualidade do jornal, não deixando nada a desejar em comparação com os grandes jornais da imprensa brasileira; respeito, sucesso e prosperidade do jornal), é possível destacar outras estratégias discursivas para a construção de seu reconhecimento: a ancoragem no discurso competente e o número de anunciantes que ali publicavam suas propagandas.

> ...fica evidenciado, de forma tão eloquente, a simpatia que desfruta e o conceito em que é tido êste semanário. Com efeito, nossas páginas aí estão enriquecidas com trabalhos de um grande número de personalidades literárias de primeira linha, não só do Paraná, como de vários outros Estados. São nossos assíduos colaboradores. De outro lado, estão os anunciantes, em número verdadeiramente alentador, reafirmando, com suas presenças, o prestígio de "O Tibagi"[141].

Ainda sobre o reconhecimento do jornal, a estratégia de divulgação dos locais "aquém e além do rio Tibagi"[142] para onde o jornal é enviado e lido[143] corrobora para tanto:

> Aproveitamos a oportunidade para desejar a todos os leitores, anunciantes, autoridades, população em geral de Monte Alegre; leitores de outras localidades do Brasil e do Exterior, anunciantes de Curitiba e de Ponta Grossa – Boas Festas neste final de 1962[144].

Ao discursar sobre um possível reconhecimento estadual – tanto de intelectuais e anunciantes, como de leitores –, trazia ainda mais importância para si, dando maior credibilidade em suas palavras. Ou seja, ao qualificar-se, distinguia-se dos demais, na tentativa de conotar ainda mais reconhecimento ao periódico.

Ao todo, somam-se 51 passagens que tratam do reconhecimento do semanário, publicadas em todas as edições especiais de aniversário que compreendem o recorte desta pesquisa, com exceção do ano de 1963[145].

---

[141] Nosso Aniversário. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1953.
[142] *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02, 15 de dezembro de 1952.
[143] "Damos, a seguir, um quadro com os nomes das cidade e localidades do Paraná e do Brasil, onde O TIBAGI é recebido. Por êste quadro poder se á verificar a difusão que já alcançou até agora o semanário montealegrense: Monte Alegre (Lagoa – Harmonia – Mauá – Guarda-Morias) Ventania)-Itararé – São Pauloo (capital Bom Pirai do Sul, Tibagi – Ortigueira – Jaguariaiva – Rio de Janeiro – Arapoti – Ponta Grossa – Laranjeira do Sul – Santa Maria (R.G.S.) – Apucarana – Londrina – Ribeirão Claro – Wenceslau Braz – Itapeva – Curiuva – Joaquim Tavora – Arauva (?) Reserv – Santo Antonio da Platina – Belo Horizonte (Minas) – Rio Pardo (S. Paulo) – Joinville (Santa Catarina) – Guarapuava – Rio Bom (Apucarana) – Curitiba – Jacarezinho – Jaguapitã – Paranaguá – Palmeira – Maringá – Assai – Pôrto Alegre (R.G.S.) Lavrinhas (Pinhalão) – Imbituva – Castro – Rio Negro – Santos – Paranavaí – São Vicente (São Paulo) – Tomazina Siqueira Campos – Rolandia Juiz de Fora (Minas) Natingui, Ipiranga" (O TIBAGI percorre o BRASIL. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01. 23 de novembro de 1952).
[144] *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02, 15 de dezembro de 1962.
[145] Lembrando, mais uma vez, que a Biblioteca Municipal de Telêmaco Borba não possui os exemplares do jornal publicados no ano de 1955.

4.5.2 Orientação/função do periódico[146]

Se, como vimos no item 4.5.8 – importância da imprensa –, a imprensa passou por um processo de criação de seu campo de atuação, foi necessário também atribuir-lhe funções através de estratégias discursivas. No jornal O Tibagi isso pode ser visualizado com facilidade. São 48 as menções à Orientação/função do periódico, encontradas em todas as publicações que compreendem o recorte temporal desta pesquisa, com exceção dos anos de 1952 e 1957[147].

Entre as funções construídas pelo jornal e atribuídas a si próprio é possível destacar: atender os anseios da coletividade montealegrense[148]; buscar continuamente do ideal de melhor servir[149]; cooperar com as expressões mais altas da cultura e divulga-las[150]; colaborar para um país mais culto[151]; contribuir no processo de evolução de sua comunidade[152]; dedicar-se ao bem estar da população[153]; elevar o nível cultural das gentes[154]; fazer-se propriedade da coletividade[155]; irradiar a luz da civilidade nos sertões[156]; levar aos leitores notícias, informações, pensamentos e opiniões[157]; noticiar, atacar e defender, bem como ensinar, instruir[158]; oferecer aos leitores algo da literatura[159]; prestar auxílio[160] à alfabetização; ser uma instituição que esclarece e a comunidade consulta para saber, elogiar e julgar[161]; servir à

[146] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção aos fins, finalidade, função, missão, diretriz, orientação e intenções do jornal *O Tibagi*.
[147] Lembrando que a Biblioteca Municipal de Telêmaco Borba não possui o exemplar comemorativo de 1955.
[148]23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1954. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1954.
[149] FERNANDES, Hellê Vellozo. Não devia ser assim. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1961.
[150] FERNANDES, Hellê Vellozo. Homenagem. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02 – segundo caderno, 15 de dezembro de 1962.
[151] WAMBIER, Daily Luiz. A vitória da inteligência. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.10, 23 de novembro de 1950.
[152] FERNANDES, Hellê Vellozo. 1948 – Sociais Literárias – 1959. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.
[153] Orientação/função do periódico presente em duas notícias: Nossa Apresentação. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1948 e Primeiro Aniversário de "O Tibabgi". *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[154] MARENDA, J. Um ano vencido. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[155] FERNANDES, Hellê Vellozo. 1948 – Sociais Literárias – 1959. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.
[156] RODELHEIMER, Greta. Salve, O Tibagi. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.25, 23 de novembro de 1951.
[157] FERNANDES, Hellê Vellozo. "O Tibagi" 12 anos. *O Tibagi.* Monte Alegre – Paraná, p.02 – primeiro caderno, 22 de dezembro de 1960.
[158] MARENDA, J. Um ano vencido. *O Tibagi.* Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[159] FERNANDES, Hellê Vellozo Fernandes. Apresentação. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01- segundo caderno, 30 de novembro de 1958.
[160] FERNANDES, Hellê Vellozo. Noticiando... *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.05 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.
[161] SOUZA FILHO, Paulo de. O Tibagi. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.15, 23 de novembro de 1950.

coletividade, contribuindo para o desenvolvimento cultural do Brasil[162]. Além de todas estas atribuições, o jornal O Tibagi se coloca enquanto "porta-voz da cidade-papel, mensageiro de suas notícias, documentário fiel de sua vida e registrador de sua história"[163]. Segundo a redatora social do periódico, Hellê Vellozo Fernandes, O Tibagi tinha sua linha diretriz estabelecida em estatuto, desde sua fundação"[164].

> Porque um jornal que vive para o público, que se faz para o público, tem que satisfazer o gosto do maior número, ser concorde com o modo de vêr da opinião mais geral. Não contrariar, não irritar, não provocar más vontades, incendiar ódios, nem colaborar para o êxito de ruins paixões. E eis, portanto, porque cada ano na existência de um jornal representa soma consideravel de talento, de trabalho, de probidade e honra[165].

Ao apresentar-se como imparcial nas narrativas de autorreferência que constroem sua missão, o jornal tem a capacidade de atingir um público cada vez maior e, consequentemente, produzir mais efeitos de sentido de si e sua imagem.

A notícia intitulada *23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1954* publicada na capa da edição do 6º aniversário de O Tibagi traz a seguinte afirmação: "outro ano é passado na vida de O TIBAGI, para alegria nossa, particularmente, e para a população de Monte Alegre, que vê neste semanário o seu jornal, um amigo dedicado às suas causas"[166]. Tal passagem demonstra com clareza as estratégias de construção da imagem do jornal para assegurar seu lugar enquanto produtor de sentidos. É possível dizer que o periódico organiza seu discurso com o intuito de produzir certos efeitos em seu receptor, levando-o a identificar-se com esse ideal de leitor previamente construído pelo periódico. Assim, se o jornal discursa para um ideal de leitor, mesmo que seu grupo de leitores seja heterogêneo, irá apreender tal discursividade e, de certa forma, transformar-se nesse leitor idealizado. Se publicam que os montealegrenses veem o jornal enquanto um amigo, ele se tornará um amigo.

O que chama bastante atenção nessa passagem, e pode ser ampliado para todo o corpus documental, diz respeito à escolha das palavras na construção da autorreferencialidade. Ao observar o uso do substantivo amigo para chamar o leitor, o jornal demonstra uma tentativa de aproximação com seu público, pois amigo é, acima de tudo, alguém que você

---

[162] Edição comemorativa do 2º aniversário. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1950.
[163] FERNANDES, Hellê Vellozo. Aqui estamos. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1956.
[164] FERNANDES, Hellê Vellozo. Não devia ser assim. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1961.
[165] EBELING, Elsi. Mais um ano de existência de "O Tibagi". *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[166] 23 de novembro de 1948 – 23 de novembro de 1954. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1954.

conhece e compreende. Assim, através da escolha das palavras, o periódico tem a capacidade de produzir sentidos quando de sua autorreferenciação e fazer com que o montealegrense confiasse plenamente nas palavras publicadas pelo seu "amigo dedicado às suas causas".

Na notícia *Um ano a mais!*, publicada em 1951, Hellê Vellozo Fernandes escreve que o jornal estava sempre procurando "atender as necessidades dos leitores e fazer de O TIBAGI o órgão de ligação que êle se propôs ser"[167]. A partir da leitura dessa passagem é possível inferir que o jornal se colocava como mediador dos problemas locais, premissa confirmada pelas práticas de caridade do semanário.

Diante de todas as funções atribuídas pelo jornal a si mesmo não foi encontrado nada referente a ligação do hebdomadário com a Indústria Klabin, entretanto, era de regular frequência publicações da empresa nas edições de aniversário.

Durante a leitura das notícias de autorreferência que tem como intenção a constituição de uma orientação/função do periódico, é possível perceber como o jornal organizou uma narrativa sobre si em relação ao que gostaria que os leitores entendessem enquanto sua função/missão. O discurso produz efeitos não apenas em sua produção, mas também em sua apropriação. Os leitores ao entrarem em contato com tais escritos interiorizavam essa pretensa preocupação do jornal com a elevação cultural local, por exemplo. Em leituras heterorreferentes posteriores – sobre os mais variados temas – esse discurso introjetado interferiria em uma possível leitura crítica das notícias.

Algo interessante a ser destacado em relação a esta estratégia de imagem está presente nas edições especiais do 11º aniversário, em um texto escrito por Hellê Vellozo Fernandes. Nesta notícia é feita menção à sua função/missão sem discorrer qualitativamente sobre qual esta seria. Na narrativa publicada no ano de 1959 a autora escreve: "e vamos seguindo, anônimos na multidão, realizando esta missão sem recompensas, apenas pelo impulso interior que nos obriga, pelo esquisito prazer de continuar, de prestar auxílio, de cumprir uma missão que nos impusemos"[168]. Diferentemente de outras notícias, nesta há o discurso sobre a função/missão do jornal, porém sem deixá-la explícito no enunciado. Refletindo sobre a estruturação dessa estratégia de imagem é possível pressupor que não havia mais a necessidade de reiterar exaustivamente os objetivos do jornal, uma vez que estes já havia sido apropriados pelo público leitor. Provavelmente esse discurso de autorreferência era recorrente, presente também nas edições semanais, sendo tão somente necessário escrever as

[167] FERNANDES, Hellê Vellozo. Um ano a mais! *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1951

[168] FERNANDES, H.V. Noticiando... *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 05 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.

palavras “missão”, “função”, “diretriz”, “orientação” para que os leitores imediatamente associassem às finalidades do jornal já descritas em publicações anteriores.

4.5.3 Dificuldades enfrentadas pelo jornal[169]

A partir da leitura do corpus de análise da autorreferência em O Tibagi, é possível afirmar que o jornal teve muitas dificuldades durante seu percurso. Tal afirmação tem pressupostos nas 48 menções de dificuldades enfrentadas pelo semanário e, também, superadas pelo mesmo. Tais referências foram publicadas nos anos de 1949, 1950, 1951, 1953, 1956, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963 e 1964.

De modo geral, as dificuldades apresentadas pelo jornal estão relacionadas ao fato de se tratar de um jornal de pequeno porte, o que também engloba as dificuldades de ordem técnica e financeira[170]. Há também os problemas relacionados à ausência de inspiração para escrever – e nos primeiros anos do jornal, ausência de colaboradores e de anunciantes[171]. Ainda é possível acrescentar a “crítica maldizente”[172]. Mas apesar de tantas dificuldades o jornal sempre exaltou seu êxito, como é possível perceber em um texto publicado em 1958:

> Uma década de lutas, contra a falta de pessoal, de colaboradores, de gente que quisesse trabalhar por amor à profissão. Uma década de vitórias, também, porque “O TIBAGI” sobreviveu, porque teve sempre os que o sustentam com sua dedicação, superando todas as dificuldades[173].

A exposição das dificuldades enfrentadas pelo jornal no transcurso de seu primeiro ano (e reiterá-lo quase que anualmente) de maneira aberta pode ser entendida como a tentativa de formação de vínculos com leitor. Para Sgorla e Fossá (2008), essas operações autorreferenciais “buscam demonstrar certos esforços da equipe de reportagem para produzir a matéria jornalística, apresentando limites e entraves no caminho, justificando as possibilidades de equívocos buscando promover um efeito de sentido de realidade” (SGORLA; FOSSÁ, 2008, p.08). Ao mesmo tempo, tratar o trabalho da imprensa enquanto um contínuo batalhar[174], que exige sacrifícios e esforços[175], reitera o discurso de que mais se

---

[169] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que tratam das dificuldades enfrentadas pelo jornal e a superação das mesmas.
[170] FERNANDES, Hellê Vellozo. Um ano a mais! *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1951.
[171] MOLKE, G. Aos nossos leitores. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[172] FERNANDES, Hellê Vellozo. Um ano a mais! *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1951.
[173] O Tibagi. *O Tibagi*. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 30 de novembro de 1958.
[174] MARENDA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[175] EBELING, Elsi. Mais um ano na existência de “O Tibagi”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1953.

faz jornalismo por amor, do que pelos benefícios que sua prática pode trazer. Além disso, corrobora para a realidade da construção, categoria a ser trabalhada no item 4.5.4

4.5.4 Realidade da construção[176]

A autorreferência em relação à produção de notícias, à confeição do jornal em edições semanais e de aniversário, às primeiras colunas e como eram feitas, aos trabalhadores do jornal e suas funções, enquanto estratégia de imagem, contribui no firmamento do um contrato de fidelização entre o público e o jornal. Por meio desta estratégia de imagem, os mecanismos internos de funcionamento da imprensa são expostos com o intuito de dar visibilidade ao próprio fazer jornalístico, ao mesmo tempo em que busca a manutenção de seu lugar de produtor de sentido.

Foram identificadas, ao todo, 25 passagens que tratam deste tema, publicadas nos anos de 1950, 1954, 1958, 1959, 1962, 1963 e 1964. Como exemplo é interessante citar um trecho da *Crônica da Cidade* publicada em 1950:

> A confeição de um jornal não é igual a história do pudim feito por mais de mil homens. Dá, entretanto, muito trabalho. Êle principia na redação. E varia muito: às vezes é difícil esse trabalho, e, às vezes, fácil. Depende das "inspirações", pois nem sempre a gente está com vontade escrever, de criticar, e de "descer a lenha". Que o digam os que escrevem.
> Da redação, a matéria vai às oficinas, onde os tipógrafos entram em ação. Explicar o que é o serviço do tipógrafo é bem difícil. Basta dizer que os artigos, as notícias, etc. são compostas tipo por tipo.
> Depois de composta a matéria, tira-se uma prova, a qual é enviada à redação, a fim de ser feita a primeira revisão. (...)
> Feita a revisão, as provas voltam às oficinas para que se proceda a corrigenda necessária.
> A paginação, que vem logo em seguida, requer esfôrço mental e bom gôsto artístico, pois o verdadeiro paginador faz da profissão uma arte. Concluída a paginação, o jornal está quase pronto, faltando sómente alguns acabamentos e a impressão. As páginas vão para o preto, e tira-se nova prova. Corrige-se. Calçam-se os "clichés", quando os há. Verifica-se mais uma vez, se tudo está em ordem, e imprime-se (Parece até receita de bolo.) Vêm ainda a intercalação e a expedição. O jornal toma destino, e está finda a tarefa.

Nessa notícia o processo de produção acaba virando notícia e, com esta discursividade, é trazido para o familiar o não-familiar. Para Barbosa (2007), o texto permite ao seu leitor a "construir não só uma leitura, como o transporta para outro lugar" e acrescenta ainda que "os ambientes descritos são como que recriados, se inserindo ele mesmo naquela

[176] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção à realidade da construção. Como já visto, Luhamann chama de realidade da construção (ou autorreferência) o ato das mídias falarem de si mesmas. Neste trabalho todas as categorias de análise foram organizadas a partir dessa autoimagem. Esta categoria, que parece redundante, irá tratar especificamente da construção discursiva do "como somos feito", na apropriação exata do termo.

descrição, transformando-se, dessa forma, o texto, aprisionado pela sua leitura, numa vivência particular" (BARBOSA, 2007, p.126).

A tentativa de criar familiaridade na produção do jornal traz ao leitor a ilusão de conhecimento sobre a realidade de produção da própria notícia, como se ele tivesse experienciado por ele mesmo o processo de feitura do semanário. Tal sensação também é produtora da credibilidade depositada no trabalho do jornal e na construção das notícias, que não são entendidas como representações e sim como o que de fato aconteceu.

Outra notícia que corrobora para esta produção de sentido foi escrita por Hellê Vellozo Fernandes para o aniversário de O Tibagi, em 1958:

> A hora de comemorar nosso 10º aniversário é irresistível voltar para trás, para os primeiros números de "O Tibagi", naquele ano de 1948, que já vai tão longe. Abrimos o I volume da coleção, sentindo ao volver de cada folha o cheiro de papel guardado – atestando que vários anos se passaram. Lá está nosso primeiro número, com a Crônica Internacional, as notícias de Última Hora, a crônica dos médicos, os Esportes e nós, nas "Sociais". Nem imaginavamos que nossa ação se estendesse por tantos anos...
> O dr. Lauro Nery do Canto, colega desde a primeira edição, deixou-nos para sempre. Outros redatores foram embora. Novos chegaram. João Marenda, que logo surgiu com a sua seção de "Gramática e Literatura" foi o único da velha turma que permaneceu conosco.
> Fizemos de tudo um pouco nestes dez anos; das Sociais a Culinária, de Modas a Conselho de Beleza, de Charadística a Novela Policial; de histórico de plantações a recensão de livros. Fomos repórteres e cronistas, críticos e comentaristas de variados assuntos.
> Um jornal do Interior não pode se dar ao luxo de redatores especializados. A gente tem de se virar em dez, de ajudar um pouco ali, outro pouco acolá... Abandonamos seções que se tornaram desinteressantes; criamos outras, de existência efêmera, de acôrdo com os assuntos do momento. Pensamos sempre em sermos romancista. "O Tibagi" fez-nos cronista mesmo, por força das circunstâncias, do hábito, do que for...
> Não podemos dizer, em sã consciência, que "fizemos jornalismo". Mas realmente podemos afirmar que fizemos o que pudemos, não só dado nossa colaboração irrestrita como publicando nas páginas de "O Tibagi" trabalhos dos maiores prosadores e poetas do Paraná e do Brasil.
> Um dos nossos fins foi sempre divulgar nossa literatura, a par do trabalho de noticiário social local. Este era indispensável; aquele, o mais importante.
> Não nos limitamos a resenhas do movimento literário brasileiro, desde os tempos do Brasil Colônia mas procuramos os trabalhos dos contemporâneos, afim de oferecer aos leitores algo da literatura atual. Na a ano, procuramos melhor matéria, maior contribuição, melhor aperfeiçoamento. Com êsse espírito, nessa diretriz, apresentamos a edição especial do 10º aniversário[177].

Importante levar em consideração quando da leitura do texto de Hellê Vellozo Fernandes que a autora estava ambientada ao mundo das letras e chegou a receber prêmios por seus romances históricos. Essa capacidade que a escritora e jornalista tem de descrever os acontecimentos primeiros acaba por seduzir o leitor, promovendo certa intimidade, que

[177] FERNANDES, Hellê Vellozo. Apresentação. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958.

contribui ao processo de leitura, proporcionando a visualização do narrado e a sensação de veracidade.

Para o público-leitor, saber desse processo de seleção de temas pode contribuir em uma falsa ideia de realidade no discurso organizado pelo jornal. Sabe-se, através desta notícia, como foram organizadas as primeiras edições do jornal. Entretanto, se essa informação adquire um grau de abstração maior, pode se ter a errônea impressão de que se sabe a respeito de todo o funcionamento do jornal e de como tais "realidades" são construídas.

Às vésperas do processo de emancipação da localidade da Comarca de Tibagi – que em breve se tornaria o município de Telêmaco Borba –, a edição de 1963, Hellê Vellozo Fernandes, em sua *Crônica de Aniversário*, acusa o jornal de uma falha cometida: "este ano, preparando as notas e compilando trabalhos para a Edição Especial, reconhecemos uma falha: a falta de notícias de nossas escolhinhas do mato"[178]. Em seguida, faz a retratação, falando a respeito das referidas escolas e deixando uma mensagem às professoras: "continuem em seus postos, ensinando à nossa gente humilde. Mesmo que o trabalho de vocês signifique pouco no computo geral, há de ter alto valor na vida de cada brasileiro alfabetizado"[179].

Observar as estratégias utilizadas nesta notícia é algo bastante interessante, visto que na tentativa de organizar sua imagem, o discurso aponta a si próprio um erro, o admite e o "reverte". Tais colocações contribuem no extermínio de possíveis críticas[180] que estavam sendo tecidas ao hebdomadário. Esta notícia permite inferir que o periódico, além de produzir efeitos de sentido em relação à realidade da construção, se coloca como incentivador do progresso nacional, através do estímulo à educação.

Ainda sobre a realidade da construção, é interessante observar as estratégias discursivas de Hellê Vellozo Fernandes:

> Fim de ano é esta correria: filhos em exame lá em Curitiba e a gente sofrendo por êles aqui; provas nas escolas de mato, com os aluninhos de olho comprido tremendo de mêdo, diante das professoras de Lagoa; uma lista de coisas para comprar, apesar dos preços altos, que vão engolir todinho o décimo-terceiro salário. E a nossa Edição Especial – devoção sagrada, feita com amor, mesmo quando estamos aqui a cair de sono, em véspera de viagem, pensando que devemos sair lá pelas 5 da manhã, para chegar a tempo de assistir à cerimônia de entrega do certificado da conclusão do curso ginasial da Tuli...[181]

[178] FERNANDES, H.V. Crônica de Aniversário. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – segundo caderno, 23 de novembro de 1963.
[179] FERNANDES, H.V. Crônica de Aniversário. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – segundo caderno, 23 de novembro de 1963.
[180] As referências às críticas tecidas ao jornal são feitas nas edições especiais de aniversário dos anos de 1951 (duas vezes), 1961 (três vezes) e 1962 (uma vez).
[181] FERNANDES, Hellê Vellozo. Mensagem de Aniversário. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02 – primeiro caderno, 15 de dezembro de 1962.

O que se observa nesta passagem é o recurso à da exposição de fatos, de certa maneira, comuns ao público, enquanto tentativa de aproximação entre o jornalista – e, por extensão, o periódico – e seus leitores, (re)firmando o contrato entre estes.

4.5.5 Discurso competente[182]

O discurso competente, ou discurso instituído, "é aquele no qual a linguagem sofre uma restrição que poderia ser assim resumida: não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância" (CHAUÍ, 1989, p.07). Nesse sentido, os intelectuais que publicavam seus escritos no jornal, conhecidos no cenário das letras, contribuíam à aceitação do jornal enquanto enunciador de conhecimento. A presença de poesias, prosas, trechos de livros e publicações de cunho acadêmico de tais intelectuais no hebdomadário dava à impressão de que o jornal era, de fato, detentor de uma linguagem autorizada, especialmente porque no discurso competente

> ...os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir, no qual os lugares e as circunstâncias já foram predeterminados para que seja permitido falar e ouvir, enfim, no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados segundos os cânones da esfera de sua própria competência (CHAUÍ, 1989, p.07).

A enunciação do discurso competente por parte desses escritores e estudiosos vem acompanhada de uma norma restritiva já mencionada: visto que "não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância" (CHAUÍ, 1989, p.10),

> "O Tibagi" não é um jornal onde treinam principiantes ou se improvisam em jornalistas os amadores que apreciam ver seus nomes em letra de fôrma. Isso nos tem custado grandes lutas, pois jornal do Interior é tido como casa da sogra, em que tôda gente se acha com o direito de dar palpite. Seguir uma diretriz, com consciência, com princípios, não é tão fácil quanto parece...[183]

Em relação a esta categoria, foram identificadas no corpus documental vinte passagens que tratam dos intelectuais que escreviam para o jornal, publicadas nos anos de 1949, 1953, 1954, 1956, 1957, 1958, 1962 e 1964, e que corroboram para a construção do local de enunciação a partir do discurso competente.

A primeira alusão à existência de um corpo de intelectuais formadores deste discurso competente trata de escritores locais, como Dr. Karl Zappert – que escreveu por anos ao jornal

[182] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que tratam do discurso competente do jornal, utilizando referência aos intelectuais que em *O Tibagi* publicavam.
[183] FERNANDES, Hellê Vellozo. Homenagem. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.02 – segundo caderno, 15 de dezembro de 1962.

a "História de Monte Alegre" – e Dr. Lauro Nery do Canto, com sua pena brilhante[184]. Já na edição comemorativa de 1953 é feita a referência à participação de "um grande número de personalidades literárias de primeira linha, não só do Paraná, como de vários outros Estados"[185], destacando nomes como o de David Carneiro, Sá Barreto, Vasco Taborda e Rodrigo Júnior.

Na edição especial de aniversário do ano de 1954 é feita apenas uma breve menção à riqueza da literatura publicada no jornal. Em 1956, o jornal O Tibagi presta homenagem aos diversos membros do Centro de Letras do Paraná, à Casa de Euclides Bandeira e Emiliano Perneta publicando trabalho em prosa e verso[186]. E em 1957 destaca "dois nomes tão representativos na Poesia do Paraná"[187]: Helena Kolody e Rodrigo Junior, frisando a "valiosa colaboração"[188] dos mesmos desde o primeiro número publicado do jornal.

No ano de 1958 é publicada uma nota de agradecimento às pessoas e instituições que há dez anos vinham colaborando com o jornal:

> Desejaríamos apresentar artigos e trabalhos de todos os escritores da Academia Paranaense de Letras, da Academia de Letras José de Alencar, do Centro de Letras do Paraná, da Academia Lit. Feminina do Rio Grande do Sul, da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras, da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, do Centro Euclides da Cunha e outras entidades literárias que nos prestigiaram com sua colaboração[189].

A presença das publicações desses poetas e prosadores tem relação, para além da legitimação do lugar de enunciador do jornal amparado pelo discurso competente desses intelectuais, com a construção da orientação/função do periódico – categoria já problematizada no item 4.5.2 – e, por conseguinte, à autoimagem do jornal. Segundo O Tibagi,

> Esforçamos para divulgar entre nossos leitores algo do que possuímos mais expressivo em nossas Letras, seja através da poesia, da prosa romântica, seja através dos estudos mais sérios de Crítica, Sociologia, História ou Educação. Em todo caso, divulgamos expressões altas de nossa cultura. "O Tibagi" não é um jornal onde treinam principiantes ou se improvisam em jornalistas os amadores que apreciam ver seus nomes em letra de fôrma[190].

Nesse intuito, uma vez que nas edições especiais de aniversário existia um espaço todo especial para a publicação de prosas e poesias, em 1964 publicam uma notícia a respeito

[184] MARENDA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[185]Agradecimento. *O Tibagi* – Monte Alegre – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953. A participação de poetas e prosadores do Paraná e do Brasil é reiterada nas edições comemorativas do ano de 1958, 1962 e 1964.
[186]*O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p,05, 23 de novembro de 1956.
[187] Notas Breves. *O Tibagi* – Monte Alegre – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957.
[188] Notas Breves. *O Tibagi* – Monte Alegre – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957.
[189] Colaboradores de "O Tibagi". *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.14, 30 de novembro de 1958.
[190] FERNANDES, Hellê Vellozo. Homenagem. *O Tibagi* – Monte Alegre – Paraná, p.02 – segundo caderno, 15 de dezembro de 1962.

dos autores do Paraná, destacando nomes como os de David Carneiro, Loureto Fernandes, Bento Munhoz da Rocha Neto, Erasmo Piloto, Valfrido Piloto, Napoleão Teixeira, Heitor Stockler, Wilson Martins, Humberto Grande e Dalton Trevisan[191].Ao tratar dos poetas paranaenses que "permitiram-nos enriquecer as páginas de "O Tibagi"[192], com suas melhores produções, ofertando ao leitor o que possuímos de mais autêntica poesia", destacam o nome Helena Kolody, Serafim França e Vasco José Taborda.

Acredita-se que esta estratégia do jornal na divulgação dos nomes das letras que contribuíam com O Tibagi foi utilizada para construir para si um lugar de enunciador competente. Apresentar textos de pessoas de renome no cenário das letras denota ao público leitor a sensação de que o jornal é o veículo de disseminação do conhecimento sério e responsável, pois do contrário tais escritores jamais permitiriam a publicação de seus textos.

4.5.6 Amor à profissão[193]

Quando da construção da imagem do periódico, diversas estratégias discursivas são utilizadas. No caso do jornal O Tibagi é possível observar o discurso em relação ao amor à profissão. As publicações que fazem referência ao jornalismo feito por amor foram publicadas nas edições de aniversário de 1949, 1950, 1951, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962 e 1964. Destas, 15 são as passagens fazem alusão ao jornalismo feito por "sacrifício e abnegação e uma boa porção de boa vontade"[194]. Entre as mais emblemáticas, é possível destacar o texto escrito por Paulo de Souza Filho, publicado com o título de "O Tibagi" em 1950[195]:

> Estou muito certo de que a imprensa gose [sic] hoje de confiança pública. Desta forma o negócio jornalístico mostrar-se-á inadequado a todos quantos os considerem apenas como um simples meio de ganhar a vida, porque o jornalismo é mais do que um negócio, um ofício, ou uma profissão: é um modo de vida. Que seja um modo de vida não vamos duvidar, pois todos nós devemos ganhar a vida de um modo certo. Mas a quantos queiram viver "deste modo" somente resistirão os educados, os sérios, os feitos para o árduo, para a disciplina mental e para o anonimato sem glorias. E é nisto apenas que consiste o ser jornalista[196].

[191] Autores do Paraná – Prosa – Homenagem. *O Tibagi* – Monte Alegre – Telêmaco Borba, p.03 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1964.
[192] Autores do Paraná – Poesia – Homenagem. *O Tibagi* – Monte Alegre – Telêmaco Borba, p.03 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1964.
[193] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que tratam do jornalismo feito por amor e não pelos possíveis benefícios que sua prática pode trazer.
[194] MOLKE, G. Aos nossos leitores. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[195] Todo o corpus documental, bem como sua categorização, encontra-se em anexo para consulta.
[196] SOUZA FILHO, Paulo de. O Tibagi. *O Tibagi*, Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.15, 23 de novembro de 1950.

A construção do mito da vocação, da imagem de um jornalismo enquanto "fruto do labor desinteressado de um punhado de idealistas"[197] e feito "com amor, mesmo quando estamos aqui a cair de sono" tem fins políticos e asseguram o lugar de enunciador (BARBOSA, 2007).

O fazer jornalístico, desempenhado de boa vontade[198], entretanto laborioso[199] e parcamente remunerado, conota sentidos ao leitor, que pode dar maior credibilidade às informações escritas por aqueles que se dedicam "diante da máquina de escrever, durante horas e horas, preparando material para mais uma edição"[200]. O amor à profissão fazendo parte deste contrato de leitura levam o leitor entender essa prática – não só discursiva – como parte da própria notícia. É como se fosse impossível ler o jornal sem essa categoria. Assim, a partir das notícias de autorreferência amor à profissão entende-se que a referência ao mundo, ou seja, as notícias publicadas tratando de assuntos gerais, também foram feitas com e por amor.

Interessante ainda refletir que tal estratégia discursiva do "modo de fazer" jornalismo, com amor, é reiterada durante todo o recorte temporal desta pesquisa, renovando o contrato de leitura com leitores antigos e firmando novos.

4.5.7 Gratidão a Horácio Klabin[201]

O jornal O Tibagi, como já mencionado, foi fundado em 1948 por Horácio Klabin, "graças ao esforço de um espírito progressista e amante das boas causas"[202]. As felicitações e demonstração de gratidão ao diretor-fundador possuem 12 ocorrências e correspondem aos anos de 1949, 1950, 1951, 1952, 1953 e 1964. Esse discurso de gratidão certamente foi apropriado pelos leitores do jornal e até os dias de hoje produz efeitos de sentido.

Na edição do primeiro aniversário de O Tibagi, publicada em 1949, é notável o discurso de gratidão ao diretor-fundador do jornal, que "não mediu esforços para dotar Monte Alegre de um jornal que, sendo semanário, pode ser considerado um dos melhores dentro do

[197] Primeiro aniversário de "O Tibagi". Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[198] FERNANDES, Hellê Vellozo. "O Tibagi" 12 anos. *O Tibagi* – Monte Alegre – Paraná, p.02, 22 de dezembro de 1960.
[199] "Vai o número 16 para o alto de nossas páginas. É tão pequeno e significa tanto! Dezesseis anos de luta, de persistência, de crises e de vitórias, de muito trabalho e nenhum ganho" (FERNANDES, Hellê Vellozo. Crônica do dia 23. *O Tibagi* – Telêmaco Borba – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1964).
[200] FERNANDES, Hellê Vellozo. Crônica do dia 23. *O Tibagi* – Telêmaco Borba – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1964.
[201] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção aos feitos de Horácio Klabin, bem como a gratidão prestada a ele.
[202] MARENDA, J. Curiosidades sôbre a imprensa tibagiana. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1951.

nosso Estado"[203]. Ainda nesta edição, felicitam a iniciativa de Horácio Klabin, "que, com a criação de "O Tibagi", objetivava o ideal sublime de elevar o grau cultural de nossa gente"[204].

Em 1951 novamente é feita referência à Horácio Klabin e à sua "luminosa ideia de fundar um jornal 'ad maiorem gloriam' (...) para irradiar a luz da civilisação [sic] nestas paragens solitárias"[205]. Entretanto, o discurso a respeito da gratidão aos feitos de Horácio Klabin toma outro destino, quando é iniciado o loteamento Cidade Nova: "nosso diretor, não mais está fundando jornais, ele deu um passo para diante e funda cidades"[206]

É interessante refletir nesse hiato temporal das demonstrações de gratidão, que consiste entre os anos de 1952 e 1964[207], duas datas bastante significativas na história de Telêmaco Borba. Até 1952 o jornal estava entre os maiores feitos organizados por Horácio Klabin[208] até então. A partir de 1952 dá-se início ao empreendimento Cidade Nova. Retomando o histórico do município publicado no site da Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba, Horácio Klabin

> ...determinou a alteração do mapa do Estado do Paraná, na região Sul do Brasil, construindo uma nova cidade, pois já existiam vários núcleos habitacionais na fazenda de Monte Alegre e para a Indústria era muito oneroso manter todo este pessoal dentro da fazenda que também já não atendia a demanda por mais habitações. Observou-se ainda, que começaram surgir moradias clandestinas do outro lado do rio. Iniciou-se então, do lado oposto à fábrica com relação ao rio Tibagi o loteamento de 300 alqueires de terra, esse loteamento chamou-se "Mandaçaia" e mais tarde foi batizado com "Cidade Nova[209]

Ainda a esse respeito, torna-se interessante acrescentar os escritos do viajante John dos Passos[210] – publicados pela primeira vez em 1963 – acerca dos feitos de Horácio Klabin:

---

[203] MOLKE, G. Aos nossos leitores. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[204] MARENDA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[205] RODELHEIMER, Greta. Salve, O Tibagi. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.25, 23 de novembro de 1951.
[206] RODELHEIMER, Greta. Salve, O Tibagi. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.25, 23 de novembro de 1951.
[207] No ano de 1953 é feita uma pequena menção aos "ilustres instituidores" do jornal *O Tibagi*.
[208] Outra vultosa realização de Horácio Klabin foi a organização do clube dos operários (Clube Atlético Monte Alegre – CAMA) e de um estádio de futebol para a atuação time de futebol – que foi campeão paranaense de 1955.
[209] PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA. Plano Diretor – A Cidade. Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/plano_diretor/cidade.html. Acessado em: 16.06.2014.
[210] A respeito da passagem de John dos Passos por Monte Alegre, Hellê Vellozo escreveu: "em sua descrição, diz que Monte Alegre 'lembra alguma velha cidade fabril da Nova Inglaterra ou do Leste do Canadá'. Em extenso capítulo, que denomina 'O pó vermelho de Maringá', mostra-se impressionado com a Cidade Nova, onde se constróem as primeiras residências" (FERNANDES, 1974, p.136). Hellê Vellozo ainda descreve as impressões de John dos Passos a respeito de seu anfitrião, Horácio Klabin: "'Horácio Klabin era um homem alto, moreno e desencantado, de maneira um tanto distraídas. A sua educação e a sua formação cultural pareciam inteiramente europeias. Estava a par dos mais recentes fatos sobre a literatura no mundo inteiro'. (...) John dos Passos ficou impressionado ainda, com a plantação de oliveiras que Horácio Klabin começara na Cidade Nova." (FERNANDES, 1974, p.136-137). Hellê Vellozo Fernandes, em seu livro, aproveita esse momento para enaltecer as qualidade do chefe e amigo Horácio Klabin: "visto por um escritor famoso ou por um operário, assim era Horácio Klabin, que foi presidente do Diner's Club do Brasil, Alemanha e Portugal, autor com livro publicado, a maior autoridade da América Latina sobre Edgard Alan Poe, produtor da peça "O Juiz" (Carl

> Pela manhã, depois de visitarmos a imensa fábrica de papel, cruzamos o rio para ver a área que Horácio Klabin estava construindo por conta própria na encosta verde que ficava em frente a fábrica. Sua ideia era fornecer casas que operários e técnicos pudessem comprar em prestações, para tirá-los da atmosfera semifeudal da cidade da companhia. Tudo na nova cidade seria independente da indústria de papel (2013, p.142).

Através de tais colocações é possível pressupor que a gratidão devotada à Horácio Klabin fosse, a partir de 1952, não somente em relação ao jornal, mas especialmente à Cidade Nova. E, quando da emancipação da localidade enquanto município, em 1964, as atenções voltam-se outra vez ao periódico: "O TIBAGI pouco a pouco, vai se tornando uma tradição entre os monte-alegrenses, passando a ser indispensável nos lares de nossa Cidade. Foi, indiscutivelmente, bastante feliz o Dr. Horácio Klabin neste seu novo empreendimento"[211].

A gratidão devotada à Horácio Klabin, construída discursivamente por seu jornal, é presente ainda hoje na fala de quem viveu o cotidiano de Monte Alegre e Cidade Nova e tinha acesso ao periódico no período que compreende o recorte temporal desta pesquisa:

> O jornal "O Tibagi", como a "Rádio Sociedade Monte Alegre", nasceu da ideia brilhante, que era um cara apaixonado por Monte Alegre e por tudo que acontecia aqui, Doutor Horácio Klabin. Ele, então, fundou o jornal "O Tibagi" para dar oportunidade da população tomar conhecimento de tudo que acontecia nos bastidores da his... Da administração da cidade e da empresa. A rádio também foi montada exatamente com a finalidade de trazer entretenimento, música e shows e outras coisas mais pra prender a atenção e oferecer ao povo de Monte Alegre algo de diferente, que em outras cidades existia e ele queria que Telê... Monte Alegre também tivesse. Então, graças ao Doutor Horácio Klabin nós tivemos o jornal "O Tibagi" e também a "Rádio Sociedade Monte Alegre"[212].

4.5.8 Importância da imprensa[213]

Por muito tempo a oralidade foi responsável pelo disseminar de informações em comunidades como Monte Alegre. Nestes locais, onde grande parte da população era marcada pela tradição oral, foi necessário criar meios para que as narrativas publicadas em um jornal influenciem no processo comunicacional. Uma estratégia discursiva que vai ao encontro da criação dessa necessidade trata da importância da imprensa.

O jornal O Tibagi faz 12 menções bastante explícitas sobre a importância da imprensa, publicadas nos anos de 1948, 1949, 1950, 1956 e 1957. É interessante refletir que dez das menções à necessidade da imprensa são feitas nos anos iniciais do hebdomadário,

---

Branner) encenada em Nova York, esportista, corintiano e, antes de tudo, o criados de uma cidade" (FERNANDES, 1974, p.137).

[211] O TIBAGI. *O Tibagi* – Monte Alegre – Telêmaco Borba, p.01, 23 de novembro de 1964.

[212] VIEIRA, A.F.B. Entrevista concedida por Seu. J. em 24.01.2014.

[213] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que contribuem na construção da importância da imprensa ou que mencionam esta pretensa importância.

corroborando a inferência de criação de um campo para o jornal. Nesse sentido, em 1948 escrevem sobre a importância da imprensa em geral, "por ser mais que sabido o papél que éla representa na cultura d'um povo, sendo um dos veículos máximos de seu progresso, ao ponto de podermos verificar o gráo de civilisação de um paiz pela proporção existente entre o número de jornais nêle publicados"[214].

Na edição especial de aniversário de 1949, continuam a construir seu campo de atuação a partir do entendimento da necessidade e importância da imprensa:

> Noticiando, atacando e defendendo, o jornal tem a grande finalidade de ensinar, de instruir e de fazer conhecidos a terra e o povo que serve. O jornal é uma necessidade. Para quem escreve, um dos mais belos meios de dar asas ao pensamento; para o leitor, uma escola de utilidade indispensável[215].

No ano seguinte, acrescentam ainda a ideia de que a imprensa exerceu "benéfica influência no sentido de integrar os brasileiros da região na vida nacional, além de lhes oportunizar para alargar os seus conhecimentos e entrar em contacto com tudo quanto ocorre no mundo, na esfera da cultura"[216].

Sintetizando tais estratégias discursivas, o jornal (se) apresenta a imprensa como útil e necessária[217], uma escola de utilidade indispensável[218] e como um apoio

> ...'para saber, elogiar e julgar'... pois o jornal dá coesão, direção, ele agita, prevê [cria] necessidades, articula a luta ao lado dos que precisam. Traz ao lar o rumor das ruas: estabelece e preserva os padrões de moral pública. 'O jornal é o médico, o padre confessor e o advogado da comunidade[219].

Ao tratar da importância da imprensa, ou melhor, ao construir da ideia da importância da imprensa, automaticamente constrói a imagem de si como igualmente importante. A constituição desta imagem não é de todo autônoma, possui estreita relação um projeto político nacional para a imprensa[220].

---

[214] Cem por Cento, a Serviço da Coletividade. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1948.
[215] MARENDA, J. Um ano vencido! *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[216] WAMBIER, Daily Luiz. A vitória da inteligência. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.10, 23 de novembro de 1950.
[217] MARENDA, J. Um ano vencido! *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[218] MARENDA, J. Um ano vencido! *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.
[219] SOUZA FILHO, Paulo de. O Tibagi. *O Tibagi*. Monte Alegre- Paraná, p.15, 23 de novembro de 1950.
[220] Sobre a importância da imprensa Barbosa (2007) escreve: Caberia ao governo, através de múltiplos aparelhos burocráticos criados no período e com o concurso de intelectuais orgânicos dos grupos dirigentes, desempenhar funções cada vez mais complexas, inclusive a de dar orientação ao povo, massa amorfa e indiferenciada. Paralelamente, apresenta-se a necessidade de difundir conhecimentos e noções elementares e, assim, torna-se fundamental o papel dos intelectuais e dos veículos de difusão, isto é, a imprensa" (BARBOSA, 2007, p.105).

4.5.9 Invenção de tradições[221]

Durante a leitura do *corpus* documental foi possível observar a presença de 11 passagens que intentam a invenção de tradições, presentes nas edições especiais de aniversário publicadas nos anos de 1949, 1950, 1951, 1959 e 1964.

A noção de "tradição inventada", desenvolvida em obra organizada por Hobsbawn e Ranger (1997), trata da "utilização de imagens que se referem a um passado longínquo, identificado à tradição, e seu uso para a integração social e legitimação institucional" (CERRI, 2011, p.33). Este termo pode ser entendido enquanto um conjunto de práticas que "visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado" (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p.09). Esse passado histórico apropriado não precisa necessariamente ser remoto, pois "o mecanismo da tradição inventada (...) está sustentado na transformação de algo que é relativamente novo em algo que teria uma existência imemorial ou, no mínimo, se encaixa com uma tal antiguidade" (CERRI, 2011, p.34).

No caso das referências longínquas realizadas pelo jornal O Tibagi, o período ao qual se referem não está tão distante temporalmente, mas suficientemente passado para a nova tradição possa se inserir:

> A imprensa tibagiana conta mais de quarenta e seis anos de existência, (hoje, 47) datando o aparecimento do 1º número de "O Tibagi", de outubro de 1904. Jornal de pequeno formato, obedecia o mesmo a direção de Telêmaco Borba e era editado na sede da Comarca. À semelhança das rosas de Melherbe, teve o mesmo efêmera duração, desaparecendo no ano seguinte, para só voltar a circular em 1948, em Monte Alegre, com farta matéria redatorial e apresentando ótimo feitio tipográfico[222]

A referência à um jornal anterior com o mesmo nome é reiterada em outras passagens, utilizando expressões como "'O Tibagi' I"[223] e "o novo "O Tibagi'"[224], ligando esta nova tradição a um passado histórico, facilitando a incorporação desta "tradição" pelos leitores.

Existe também, por parte do jornal, outra estratégia discursiva para a construção da ideia de tradição. Trata-se de um repetido discurso disseminado pelo próprio periódico, afirmando-se enquanto uma tradição entre os montealegrenses[225]. Para Hobsbawn e Ranger

[221] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção ao passado construído ao jornal para si próprio.
[222] MARENDA, J. Curiosidades sôbre a imprensa tibagiana. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1951.
[223] MARENDA, J. Curiosidades sôbre a imprensa tibagiana. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1951.
[224] O PRIMEIRO "O TIBAGI". *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1959.
[225] Discurso publicado nas edições especiais de aniversário de 1949, 1950 e 1964.

(1997), a invenção das tradições pode ser considerada enquanto um "processo de formalização e ritualização", que possui como característica a referência ao passado, "mesmo que apenas pela imposição da repetição" (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p.12).

Parece bastante oportuno, na construção de uma imagem de si, relatar a existência de um primeiro periódico com o mesmo nome, filiando-se a um passado, trazendo uma origem, criando para os leitores a ideia de tradição, que, no imaginário popular, deve ser mantida e preservada.

É importante também ressaltar que as edições especiais de aniversário, como um todo, também são responsáveis pela invenção de tradições, visto que a "cada aniversário de "O Tibagi" nos leva a um retrospecto de todos estes anos de atividades jornalística na cidade-papel, rememorando como começamos, quanto lutamos e como vamos mantendo nossa publicação"[226]. Ao repetir sua própria história (autorreferência), bem como as histórias relacionadas ao cotidiano da localidade (heterorreferência), assegurava seu lugar de enunciador enquanto ia instituindo todo um passado às gentes daquele lugar, afinal, "toda a tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal" (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p.21).

4.5.10 Heterorreferência[227]

Os trechos que compõem esta categoria são predominantemente oriundos de uma notícia publicada na capa da edição comemorativa do ano de 1964, ano em que o jornal completou 16 anos de existência. Nesta notícia o jornal se propôs a abordar 16 tópicos. Alguns deles configuraram, inclusive, categorias. Entretanto, algumas informações contidas neste inventário anual são de cunho climático, como uma intensa chuva de pedras (item 07), ou meramente informativo, como o que consta no oitavo item da relação: "Após uma década de dominação soviética, a Hungria se levantou para sacudir o jugo comunista-soviético, numa luta épica que está enchendo de admiração todo o mundo"[228]. Ao todo, oito são as menções de heterorreferência nesta notícia.

---

[226] FERNANDES, Hellê Fernandes. Noticiando... *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.05 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.

[227] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que tratam da construção da "realidade" pelo jornal, a heterorreferência. Aqui foram categorizadas as passagens das notícias que abordam assuntos diversos, não necessariamente da imagem de si construída pelo jornal. Foram englobadas na categoria heterorreferência os trechos que não serviam como unidade de contexto e nem atendiam às características para se juntar as outras categorias.

[228] O TIBAGI. *O Tibagi*. Telêmaco Borba – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1964.

Além destas, foi categorizada como heterorreferência uma notícia que faz menção ao contexto de produção do jornal. Contexto este que é também, sabidamente, construído. Por este motivo, torna-se oportuna a transcrição com o intuito de observar como o jornal construiu seu próprio contexto de origem:

> Há 13 anos, aparecia, no cenário da imprensa, O TIBAGI.
> Quando era presidente do Brasil o general Eurico Gaspar Dutra. Nos Estados Unidos, mandava Truman, Harry Truman, que dobrou do tempo no govêrno. Os problemas de então eram os mesmo de hoje. Ou, os problemas de hoje ainda não os mesmos daquela época: Custo de vida, inflação, falta de estradas, falta de energia elétrica, falta de água, enchentes, sêca no Nordeste. Já havia um perigo iminente: a bomba atômica. Só que se não falava ainda na super bomba russa de cincoenta e mais megatons; só que o homem ainda não havia ido ao espaço, mas já pretendia ir, e para isso trabalhava incessantemente. (...)[229] Os problemas ainda são os mesmos: inflação, falta de água, falta de estradas, falta de energia elétrica, enfim a ladainha completa.
> O TIBAGI, em todo êsse tempo, ininterruptamente, aqui esteve de pé, para informar, para anunciar, para criticar e para elogiar, levando ao povo desta cidade e a grande número de brasileiros de outros rincões a sua palavra, marcando a sua presença em todos os acontecimentos.
> Pensamos ter cumprido o nosso dever nesses longos 13 anos, e por isso estamos satisfeitos. Outros anos virão e aqui estaremos. O tempo não nos deterá a marcha para frente.[230]

Feita a leitura desta notícia é possível observar que a heterorreferencialidade, em casos como este, é também utilizada, com efeito, como estratégia na construção de sua própria imagem do periódico, uma vez que, ao resgatar a memória de seus leitores neste retrospecto, demonstra que noticiou fatos marcantes não só em âmbito regional e nacional, mas também internacional.

Ao construir o contexto, trazendo à narrativa um número específico de acontecimentos, dando prioridade a certos fatos em detrimento de outros, deixados ao esquecimento, trata também da própria orientação/função do periódico[231]. Assim é possível inferir que nas notícias de autorreferencialidade a heterorreferencialidade não era apenas utilizada para preencher lacunas do texto, mas também como estratégia de legitimação da imagem do próprio periódico.

[229] Para a realização da leitura completa desta notícia consultar anexos.
[230] Sem cronologia. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1961.
[231] Categoria trabalhada no item 4.5.2.

4.5.11 Independência política[232]

Apesar de poucas menções explícitas à independência política (e também religiosa) – apenas 05 – esta questão parece bastante cara ao jornal, tanto que a primeira edição do jornal estampa em sua capa, com o título Nossa Apresentação, a seguinte notícia:

> Este jornal é uma idéia que ha muito tempo vimos acalentando. Nasce independente, para servir aos interesses legítimos do povo de Tibagi e pra divulgar, ensinar e defender conhecimentos e princípios democráticos.
> Não temos programa que não esteja intimamente ligado ao desejo de progresso e bem estar da nossa gente; não temos princípios que nos proíbam a colaboração de tosos dos bem intencionados, homens de todas as crenças.
> Apenas seremos intransigentes na defesa de nossa democracia e da soberania do povo brasileiro.
> Escolhemos, com o proposito deliberado, o mês de novembro, para o nosso aparecimento, que é o mês da República.
> Quizemos com isso, desde logo, frizar o nosso desideratum a nossa orientação; quisemos também prestar uma reconhecida homenagem a todos os que defendem e lutam pela conservação das nossas tradições e dos nossos ideais democráticos.
> Ao povo de Tibagí a nossa mensagem especial.
> Aqui estamos para dar guarida às suas pretenções e para defender os seus direitos na comunhão paranaense; aqui estamos para prestigiar o seu governo, enquanto bem servir aos interesses da coletividade e aqui estamos para dizer e afirmar do seu denôdo na conquista, formação e defesa da civilização paranaense.[233]

Esta matéria é muito rica em inferências[234]. Dizer-se independente politicamente tem relação com os conceitos de neutralidade e objetividade jornalística, já discutidos no início deste capítulo. A produção das notícias, abordando os mais variados assuntos de maneira "isenta", possibilita ao jornal atingir um número cada vez maior de leitores. Além disso, é possível afirmar que o discurso de uma pretensa independência política por parte do periódico só se sustenta por meio de estratégias narrativas que não evidenciam de maneira tão significativa os posicionamentos políticos e ideológicos do jornal.

As notícias que tratam da independência política do jornal foram publicadas nos anos de 1948, 1949, 1950, 1960 e 1964. Destas, exatamente o mesmo trecho presente na edição de 1960 é novamente publicado em 1964[235].

A este respeito é oportuno comentar que na edição especial de 16 anos do jornal é impressa na capa uma notícia onde se intenta fazer uma retrospectiva, ano a ano, dos principais acontecimentos, tanto em relação ao jornal, quanto aos acontecimentos locais,

---

[232] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção a independência política e religiosa do jornal.
[233] Nossa Apresentação. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1948.
[234] Outras questões importantes presentes neste trecho, que dizem respeito às atribuições de um jornal em relação à população, serão trabalhadas no item 4.5.2, que aborda a Orientação/função do periódico.
[235] "De um jornal como o nosso, que prima pela independência, que não tem côr partidária política ou religiosa, poder-se á pensar que não tem dificuldades a vencer. Nada mais errôneo, porque a própria vida, a luta pela sobrevivência, é uma batalha contínua". 1948 – 1960. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 22 de dezembro de 1960 e O TIBAGI. *O Tibagi*. Telêmaco Borba – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1964.

nacionais e internacionais. Nesse sentido é importante ressaltar a importância que o jornal conotava à construção discursiva de sua independência política (e também religiosa), já que a reiteram nesta reminiscência, que intenta marcar o que foi realmente importante no decorrer dos dezesseis anos de existência do hebdomadário. Além disso, a repetição desta estratégia discursiva para construção de sua imagem cria e reforça novos e antigos contratos de leitura, em relação à neutralidade política de O Tibagi.

4.5.12 Práticas de caridade[236]

Por se tratar de um tema bastante específico, a construção da imagem do periódico através dos discursos sobre suas práticas de caridade soma apenas 05 notícias. No ano de 1950 O Tibagi publicou: "enquanto todos os órgãos da imprensa trabalham indirétamente para o bem da população, 'O Tibagi' terá ação 'direta', e isto pelo fato de que sua renda liquida será totalmente usada para a melhoria das condições de vida em Monte Alegre"[237]. E finaliza incentivando a compra e leitura do jornal, dizendo: "pela simples aquisição d'um exemplar o leitor estará prestando um serviço anônimo de filantropia, serviço êste que reverterá em seu próprio benefício"[238].

Neste caso, o apelo aos sentimentos é duplamente benéfico: possivelmente contribuiu para construção da imagem do jornal enquanto uma instituição que não visa lucros e sim o bem-estar da sua comunidade, ao mesmo tempo em que proporcionou o aumento do seu número de leitores. Por meio desse discurso autorreferente de caridade é possível inferir que O Tibagi se apresenta como uma empresa preocupada com os problemas de Monte Alegre, reafirmando seu lugar de enunciador, enquanto colocam-se como mediadores dos problemas locais.

A referência à doação da renda líquida do jornal à Assistência Social local também foi publicada nas edições comemorativas do 1º e 2º aniversário, reafirmando ao leitor ideia de que ao adquirir um exemplar, estaria automaticamente contribuindo com "instituições beneficentes"[239].

[236] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção às práticas de caridade realizadas pelo jornal *O Tibagi*.
[237] Cem por Cento, a Serviço da Coletividade. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1948.
[238] Cem por Cento, a Serviço da Coletividade. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1948.
[239] FILHO, Paulo de Souza de. O Tibagi. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1948.

4.5.13 Profissionalização no meio jornalístico[240]

Quando Hellê Vellozo Fernandes em 1951 escreveu que nas capitais já se falava em escolas de jornalismo, estava discorrendo a respeito de um processo que teve início a partir da década de 1950. Sobre a profissionalização no meio jornalístico Barbosa (2007) escreve:

> Para os jornalistas é fundamental definir a profissão como algo que se constrói não apenas a partir de um saber prático, mas com vínculos a um saber universitário, para poderem assim galgar um degrau de importância na hierarquia das carreiras existentes. Por outro lado, ao serem detentores cada vez mais de um saber que possibilita – através de suas práticas profissionais – construir um discurso que reflete a realidade social (já que agora informam com isenção o que se passa no mundo), se transformam em atores indispensáveis para tornar visível esse mesmo mundo para um público cada vez mais vasto (BARBOSA, 2007, p.157-158).

As passagens que abordam tal temática foram publicadas em 1949, 1951, 1958 e 1962. Quando da leitura das 04 menções à profissionalização no meio jornalístico é possível observar uma tentativa de compensação. Como exemplo disto é possível citar o texto intitulado Apresentação, escrito por Hellê Vellozo Fernandes e publicado em 30 de novembro de 1958:

> "O Tibagi" fez-nos cronista mesmo, por força das circunstâncias, do hábito, do que for... Não podemos dizer, em sã consciência, que "fizemos jornalismo". Mas realmente podemos afirmar que fizemos o que pudemos, não só dando nossa colaboração irrestrita como publicando nas páginas de "O Tibagi" trabalhos dos maiores prosadores e poetas do Paraná e do Brasil[241].

Como supracitado, é possível observar, em 1958, uma discursividade que intenta superar a ausência de formação acadêmica para o exercício da profissão. Entretanto, esse discurso se inverteu em apenas 04 anos. Em 1962 o jornal "'O Tibagi' não é um jornal onde treinam principiantes ou se improvisam em jornalistas os amadores que apreciam ver seus nomes em letra de fôrma"[242]. Muito se aprende fazendo, mas muito mais se consegue através do discurso e o discurso os fez jornalistas. Além do mais, a ideia de que o jornal montealegrense era tão bom quanto os dos grandes centros já estava sendo propagada desde 1949. Segundo João Marenda, O Tibagi era tão bem feito quanto um jornal de maior porte, com todas as características essenciais ao jornalismo vigente[243].

---

[240] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção à profissionalização no meio jornalístico.

[241] FERNANDES, Hellê Vellozo. Apresentação. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 30 de novembro de 1958.

[242] FERNANDES, Hellê Vellozo. Homenagem. *O Tibagi.* Monte Alegre – Paraná, p.02, 15 de dezembro de 1962.

[243] Todos queriam conhece-lo. E todos se admiravam. Ao contrário d que esperavam, não era um periódico vulgar que aparecia, mas um jornal completo, com tôdas as características de um grande órgão de nosso pais. Um patrimônio para a imprensa nacional. (MARENDA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre- Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949).

4.5.14 Inferências gerais sobre a autorreferência no jornal O Tibagi

No jornal O Tibagi a autorreferência é reiterada, de 1948 a 1964, enquanto estratégia de construção de sua imagem para a sociedade. Todas as categorias autorreferentes trabalhadas, a seu modo, se relacionam entre si, pois, como já visto, os próprios meios de comunicação enunciam seus padrões de legitimidade. Entretanto, as categorias analisadas não se encerram em si, mas tratam da constituição do campo jornalístico. Para Carlos Eduardo Franciscato (2008),

> ...a constituição do campo do jornalismo foi um processo que, além de fatores de ordem econômica, tecnológica, política e sócio-cultural, ocorreu por meio de uma prática argumentativa conduzida pelos próprios jornalistas na disputa por afirmação de princípios, regras e valores de atuação, bem como por espaço e posições no campo (FRANCISCATO, 2008, p.01).

Tais práticas argumentativas eram publicizadas nas páginas dos jornais e debatiam acerca dos princípios que deveriam orientar o fazer jornalístico. Franciscato (2008) afirma que esta atividade "foi uma das estratégias de enraizamento e de construção da legitimação do jornalismo na sociedade" (FRANCISCATO, 2008, p.01).

É possível, então, afirmar que existia a necessidade da circulação desse discurso para a constituição do campo de atuação de O Tibagi por motivos estratégicos. Como o principal local de circulação do jornal se tratava de uma organização fabril, o fluxo de pessoas na localidade variava conforme as necessidades da empresa, entrando e saindo de Monte Alegre pessoas contratadas e demitidas da Klabin. Era, então, necessário constantemente reforçar na memória dos que ali já estavam os discursos de autorreferência, bem como disseminá-lo aos novos trabalhadores da região. Em várias passagens são reiterados discursos que há muito já vinham produzindo sentido em seus leitores e construindo assim a imagem do jornal O Tibagi enquanto "uma tradição entre os montealegrenses"[244] e "indispensável nos lares de nossa Cidade"[245].

Como já visto, durante a leitura das edições comemorativas foi possível perceber um discurso de gratidão ao fundador do jornal, alegando a importância da iniciativa tomada por Horácio Klabin ao abrir sua própria empresa de comunicação. Outro recurso para a construção da imagem do periódico utilizado em vários momentos diz respeito à sua prosperidade, seu reconhecimento na imprensa nacional, e de todas as dificuldades já superadas. Ademais, frisam sua independência política e religiosa, alegando "neutralidade" na

[244] Primeiro Aniversário de "O Tibagi". *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1948.
[245] Primeiro Aniversário de "O Tibagi". *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1948.

exposição dos fatos, premissa sustentada pelo jornalismo vigente. Por fim, reiteram a tão meticulosamente construída (através de estratégias de imagem) função do jornal: informar, anunciar, criticar e elogiar, "levando ao povo desta cidade e a grande número de brasileiros de outros rincões a sua palavra"[246].

Através da análise de conteúdo da autorreferência em O Tibagi, foi possível perceber que o jornal se valeu de estratégias discursivas na organização de sua imagem, assegurando seu lugar de produtor de sentido para a população de Monte Alegre e região. O que se percebe é que os textos publicados no jornal procuram mostrar a seriedade de seus profissionais, o que inspiraria confiança aos leitores em relação ao periódico.

Outro recurso de linguagem interessante de ser analisado trata da referência ao nome do periódico. Em todos os fragmentos discursivos o nome do jornal aparece entre aspas ou em caixa alta. Esse recurso é utilizado tanto em matérias assinadas quanto nas que não possuem assinatura de nenhum jornalista do hebdomadário. Especialmente nas notícias não assinadas, escritas de modo impessoal, a impressão que se tem é a de que este modo de enunciação dissimula a autorreferencialidade, como se esse "O Tibagi" não fosse o mesmo que organizou o que estava sendo exposto, dando uma falsa ideia de neutralidade.

Por fim, após analisar como o jornal criou a imagem de si para seus leitores e como tais discursos contribuíram no estabelecimento do contrato de leitura entre o periódico e seu público leitor, torna-se interessante refletir sobre as notícias de heterorreferencialidade. Se a confiança dedicada ao jornal era tão grande quanto parece, logo, as notícias sobre o mundo não seriam encaradas como construções discursivas sobre o real, mas enquanto a verdade, enquanto a própria realidade.

4.6 A heterorreferência em O Tibagi

Como já visto, as estratégias discursivas/estratégias de imagem utilizadas pelo jornal O Tibagi foram criando, ano a ano, um contrato de leitura com seu leitor. O estabelecimento deste contrato contribuiu à credibilidade depositada pelos leitores ao conteúdo impresso no semanário. Assim, se o periódico montealegrense publicava notícias sobre o local e o regional e estes passaram a fazer parte da história e da memória daquelas gentes, possivelmente tenha sido responsável pela organização e disseminação do discurso fundador de Telêmaco Borba que contribuiu à história oficial local, sancionada pela Prefeitura Municipal da cidade.

[246] O TIBAGI. *O Tibagi*, Telêmaco Borba – Paraná, p. 01 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1964.

Para analisar a contribuição do jornal O Tibagi ao discurso fundador local, foi analisado um conjunto documental composto de 77 notícias de heterorreferencialidade sobre o local e o regional, escritas por Borell Du Vernay, Cacildo Batista Arpelau, D. Moreira, Direção das I.K.P.C., Dr. Nilton Büherer, Engº. Vilém Willer (02), Hellê Vellozo Fernandes (03), João Marenda (02), Karl Zappert (08), Lauro Nery (03), Luiz Vieira, Mágico (02), Marenfis (02), Otavio Camargo, Padre José Austin, Pio Araújo Lara e Praxedes Gomes. As demais notícias não foram assinadas[247].

A publicação de notícias heterorreferentes sobre o local e o regional é frequente nas capas e páginas subsequentes. Ao todo, 10 notícias foram impressas nas capas e 36 até a décima página do periódico – levando em consideração o segundo e terceiro caderno, quando havia. Como já dito, até mesmo o local escolhido para a publicação das notícias são também passíveis de análise, uma vez que as notícias consideradas pelo próprio jornal como mais importantes costumam receber destaque, sendo impressas nas principais páginas.

Para a análise temática da heterorreferência sobre o local e o regional no jornal O Tibagi, foram realizadas diversas leituras do conjunto documental, do qual emergiram onze categorias a seguir problematizadas. São elas: autovalorização; Cidade Nova e seu desenvolvimento; contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; desenvolvimento industrial; feitos da Klabin; gratidão à Horácio Klabin; menções à cidade de Tibagi; passado anterior a chegada dos industriais à região; personalidades ilustres; progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; e relacionamento e vivência em Monte Alegre[248].

Diferentemente da análise autorreferente, onde o assunto abordado era apenas um (a construção da imagem do jornal, mesmo que por diferentes estratégias discursivas – as categorias já problematizadas), as unidades de registro, somadas às suas unidades de contexto, quando estas se fizeram necessárias, giravam em torno de um parágrafo. Na análise da heterorreferência diversos são os temas abordados, por mais que os textos selecionados tratem apenas do local e do regional. Diante disso, optou-se por utilizar a notícia toda enquanto unidade de registro. Esta opção foi tomada a partir das próprias características dos escritos publicados no periódico: os textos são, em sua maioria, pessoais/opinativos e, talvez por este motivo, mais extensos, já que seus autores utilizam-se de todo um enredo para a construção do argumento principal. Sendo assim, a categorização desta análise se dará a partir do assunto

[247] Uma dessas notícias sem assinatura contém fragmentos do livro de Auguste de Saint Hilaire, Viagem à Comarca de Curitiba (1820).
[248] A apresentação das categorias na problematização se dará por ordem decrescente em relação ao número de ocorrências da categoria enquanto assunto central das notícias.

central do texto, mas levando também em consideração os argumentos que contribuíram na construção de tais notícias.

4.6.1 Relacionamento e vivência em Monte Alegre[249]

Esta categoria trata das práticas cívicas, culturais e de lazer dos montealegrenses e cidade-novenses, mas a ênfase será dada trata do relacionamento entre patrões e empregados. Ao todo, são 28 as notícias que abordam o relacionamento e a vivência em Monte Alegre, tendo 04 delas este tema como assunto principal.

Notícia publicada em 1953 trata do comportamento esperado dos atletas que, por ventura, desejassem se tornar flamenguistas. Entre os comportamentos esperados estão a disciplina e o rigoroso seguimento às diretrizes, das quais é possível destacar: obediência às instruções do técnico, "mesmo que na sua opinião estejam erradas"[250], empenhar-se a fundo nos treinos e jogos e zelar pelo material que lhe foi confiado. Ao término da notícia, acrescentam: "que seu exemplo seja emitado por todas agremiações no afan de arregimentar espíritos bem formados para o engrandecimento do desporto montealegrense e de nossa terra"[251]. A partir da leitura deste fragmento é possível dizer que esta discursividade visava a modulação de comportamentos, podendo, muitas vezes, contribuir sentidos para além da esfera do esporte.

Sobre o relacionamento e a vivência em Monte Alegre, Lauro Nery também contribui à modulação de comportamentos quando da primeira publicação de sua coluna, intitulada Harmonia. À escolha do nome justificou:

> Bem traduz o nome desta cidade de trabalhadores, com a finalidade das aspirações sociais, na mentalidade da hora presente: harmonia entre empregadores e empregados e vice-versa, para uma produção mais eficiente, na contribuição da riqueza coletiva. Harmonia é cooperação e compreensão de todos na consecução de um fim[252].

Em uma "Carta a um bom amigo", Karl Zappert se dirige aos funcionários da Klabin, aconselhando-os a como agir em situações delicadas invés de pedir demissão. Entre tais situações é possível citar a demora da concessão do aumento do salário; linha de ônibus lotada, forçando o funcionário se deslocar à pé até à fábrica; desentendimentos com colegas de trabalho; ausência de determinado gênero alimentício nos mercadinhos locais; reclamações

[249] É importante lembrar, mais uma vez, que os sujeitos tem autonomia, por este motivo é possível afirmar que haviam conflitos dentro dos limites da Fazenda Monte Alegre. Entretanto, como trata-se de uma análise discursiva do jornal O Tibagi, o que se expõe a seguir trata-se exclusivamente da perspectiva do periódico acerca do relacionamento e vivência em Monte Alegre.
[250] Mens sana in corpore sano. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.14, 23 de novembro de 1953.
[251] Mens sana in corpore sano. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.14, 23 de novembro de 1953.
[252] NERY, Lauro. Harmonia. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1948.

em relação à habitação; roubo de ferramentas dentro das instalações fabris; brigas de vizinhos; entre outros.

Antes de iniciar suas considerações, o diretor-técnico da Klabin ressalta: "leia e avalie bem, os casos de seus colegas e, aqui somente alguns são transcritos e, cuide também, de conhecer a minha opinião em cada caso"[253]. Interessante observar mais uma vez a utilização da palavra amigo. Em seu texto, Zappert se dirige ao leitor, bem específico neste caso (o operariado da fábrica), 05 vezes chamando-o de amigo.

Quando das reclamações em relação ao clima (chuva demais ou de menos), Zappert escreve que o clima não pode adaptar-se ao gosto de cada morador, mas que "em todo o Paraná o clima é saudável, especialmente para aqueles, que estão dispostos a trabalhar"[254]. Resposta semelhante recebe o caso do colega que foi promovido: "quando há uma vaga de condutor, naturalmente só uma pessoa poderá preenche-la e, si você continuar trabalhando eficientemente, também progredirá no futuro"[255]. Outro exemplo, digno de nota, trata do falecimento do filho de um funcionário e, por este motivo, o trabalhador não deseja mais residir em Monte Alegre:

> Realmente, este é um caso muito triste e lamentavel, porém, por causa desta pouca sorte com este seu filho, o resto da sua família não deveria ser exposto a futuros sofrimentos. Seria muito melhor pensar nos filhos que têm e os que ainda poderão vir, pois, eles poderão desenvolver se bem aqui. (...) Aqui em Monte Alegre todo aquele que deseja e quer trabalhar, ganha para a sua manutenção, goza de amparo nos casos de emergência, e têm um futuro para si e para a sua família[256].

E concluindo seus aconselhamentos, escreveu:

> Continue trabalhando com afinco e interesse, como sempre o fez assim procedendo, Você e a nossa indústria e com ela, toda a nação progredirá, dando margem a que cada filho da nossa terra melhore suas condições de vida. Continuemos, pois, trabalhando para o bem estar de todos[257].

Para escrever este texto, o diretor-técnico se utiliza de discursos que há muito vinham fazendo sentido em Monte Alegre, como o que trata em relação à prosperidade local e da contribuição dos montealegrenses, enquanto trabalhadores da Klabin, ao progresso da nação. É possível perceber também o incentivo dado à melhoria qualitativa do empregado, incentivando-o a trabalhar mais e melhor. Pressupõem-se ainda que este texto tenha sido

[253] ZAPPERT, Karl. Um pouco de filosofia do trabalho (Carta a um bom amigo). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p05 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[254] ZAPPERT, Karl. Um pouco de filosofia do trabalho (Carta a um bom amigo). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p05 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[255] ZAPPERT, Karl. Um pouco de filosofia do trabalho (Carta a um bom amigo). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p05 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[256]ZAPPERT, Karl. Um pouco de filosofia do trabalho (Carta a um bom amigo). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p05 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[257]ZAPPERT, Karl. Um pouco de filosofia do trabalho (Carta a um bom amigo). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p05 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

escrito visando a diminuição da evasão dos trabalhadores do local. Nesse sentido, a oferta de residências[258], bem como outros serviços, aos empregados da Klabin podem ter sido um grande influenciador de sua permanência e potencializador desse processo de modulação de comportamentos.

O discurso que trata do relacionamento e vivência em Monte Alegre empresta sentido a categorias como autovalorização, gratidão à Horácio Klabin, progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre, desenvolvimento industrial, feitos da Klabin, personalidades ilustres e Cidade Nova e seu desenvolvimento.

Entre os discursos que tratam do relacionamento e a vivência em Monte Alegre é possível destacar o apoio da população às atividades desenvolvidas pela indústria[259]; a satisfação da população ao homenagear seu chefe, Horácio Klabin[260]; o conforto das casas residenciais oferecidas pela Klabin tanto para "chefes como para empregados"[261]; a harmonia existente no ambiente de trabalho[262]; o trabalho tanto de técnicos das firmas fornecedoras, "como também aos nossos próprios técnicos e operários, que não pouparam esforços para completar esta obra que deu a Monte Alegre o privilégio de possuir a maior usina hidro-elétrica do Paraná, ainda com a vantagem de haver agora excesso de energia elétrica, coisa, hoje, tão rara no país"[263]; instituições de ensino modelares construídas pela Klabin[264]; a alegria recorrente do montealegrense, especialmente em datas comemorativas[265]; o ininterrupto ritmo de vida em Monte Alegre, em favor de um "progresso constante e sempre

[258] Aviso – Departamento Florestal das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A em Lagoa (Fazenda Alegre). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.19 – segundo caderno, 23 de novembro de 1952.
[259]Monte Alegre e os festejos de 15 de novembro – Solenidades Cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascada – Inauguração do pôsto de reabastecimento "Esso". *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 23 de novembro de 1949, p.08.
[260] NERY, Lauro. Sem Crônica. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 23 de novembro de 1949, p.07.
[261] Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 23 de novembro de 1950, p.21. O argumento de oferta de residências aos funcionários da empresa é ressaltado em outra notícia, acompanhado de outros feitos da Klabin em relação à população, que pode ter contribuído na modulação do relacionamento entre patrões e empregados: "numerosas casas novas foram construídas em Harmonia e, continua-se a construir casas a fim de proporcionar a todos os operários e funcionarios de Monte Alegre um lar, onde estes possam viver confortavelmente e satisfeitos. Iniciou-se a construção de um novo grupo escolar, com a capacidade 1000 crianças e, um jardim de infância que, toda petizada de Harmonia poderá frequentar num futuro próximo. Tambem foi aumentado o hospital adicionando-se ao mesmo um novo e grande prédio de material, que dobrará a capacidade a sua capacidade atual, devendo esta nova ala do hospital ser posta em serviço dentro de poucos meses" (ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.05.
[262] WILLER, Vilém. Retrospecto. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 23 de novembro de 1941, p.25.
[263] WILLER, Vilém. Retrospecto. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 23 de novembro de 1941, p.25.
[264] Página Escolar – Ensino Primário em Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 23 de novembro de 1953, p. 16 – segundo caderno.
[265] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

maior"[266]; a construção da cantina e a complementação da verba para a oferta de merenda escolar por parte da Klabin[267]; a firme diretriz do Clube Atlético Monte Alegre e os divertimentos oferecidos pelo mesmo[268]; as melhorias ocorridas no Harmonia Clube, algumas delas proporcionadas pela Klabin, permitem horas tranquilas de diversão aos seus sócios[269], "gente em perfeita amizade, o que caracteriza a nossa população[270]. Especialmente nos escritos de Karl Zappert o desenvolvimento das escolas, dos clubes locais, as atividades desenvolvidas pela assistência social e médica estão sempre presentes.

A ênfase nos serviços oferecidos à população contribui a um sentimento de gratidão à Klabin pelos serviços prestados, ao mesmo tempo em que tais benefícios contribuíam à permanência de mão-de-obra no local. Tal permanência é considerada importante porque além do próprio realizar do serviço, que poderia atrasar quando de constantes contratações, os trabalhadores mais antigos já estariam habituados ao funcionamento local. Outro viés argumentativo digno de destaque na temática relacionamento e vivência em Monte Alegre diz da modulação de comportamentos por meio do discurso, no qual a cidade, bem como diz o nome do lugar, vive em Harmonia: "harmonia entre empregadores e empregados e vice-versa, para uma produção mais eficiente, na contribuição da riqueza coletiva. Harmonia é cooperação e compreensão de todos na consecução de um fim"[271].

Sobre a modulação de comportamentos, as narrativas sobre o relacionamento entre patrões e empregados chama a atenção:

> Peça importante em Monte Alegre, tão importante como as próprias máquinas de papel, é o dr. Karl Zappert. Diretor Técnico da Fábrica, sôbre seus ombros pesa uma grande parte da vida de Monte Alegre, cuja razão única de existir é devido a êsse colosso de organização, que são as Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A.Todos nós conhecemos Dr. Zappert. Sabemos da sua bondade, do seu espírito de justiça, do seu cavalheirismo, da sua alta capacidade, do seu valor, enfim. Mas, êle, por outro lado, também, conhece a todos nós. Sabe, de-cor, os nossos nomes. Interessa-se pela vida de cada um. Com zêlo e carinho paternais. E porque nós somos tantos e êle um só, eis o interessante de êle nos conhecer assim tão bem. Em nós há a obrigação de conhece-lo; nele revela-se aquêle espírito fino dos homens trabalhados para missões elevadas na vida.

[266] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[267] Direção das IKPC. Cantina Escolar – Grupo Escolar "Manoel Ribas". *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.16 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[268] Clube Atlético Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1954.
[269] Harmonia Clube. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1954.
[270] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.07, 23 de novembro de 1954.
[271] NERY, Lauro. Harmonia. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1948.

> Eis porque êstes ligeiros Traços Biográficos representam, antes de mais nada, um preito de reconhecimento que todos nós, montealegrenses, lhe tributamos[272].

A postura de Karl Zappert, apresentada pelo jornal, em relação aos seus empregados comunga com práticas adotadas pelo "pai dos pobres", Getúlio Vargas. A ausência de intermediários entre o chefe e os empregados – ou entre o presidente e as gentes comuns – contribui à ideia de igualdade entre os mesmos, sublimando as diferenças e objetivos entre uma classe e outra, enquanto os trabalhadores, na ilusão de pertencimento, acabam por trabalhar ainda mais.

De modo semelhante a passagem a seguir conota sentido:

> No retrospecto do ano de 1957, uma data ficou marcada para sempre nos anais da vida em Monte Alegre. No dia 15 de março de 1957 chegou do Rio de Janeiro, a notícia do falecimento do Sr. Wolff Klabin, sendo que que [sic] tôda Monte Alegre ficou abalada com esta infausta notícia. O Sr. Wolff Klabin, o Grande Chefe e Amigo, foi um dos idealizadores e criadores não só da indústria pròpriamente dita mas também de tôdas as instalações sociais de nossa nova cidade, sendo que êle sempre acompanhou, com vivo interesse pessoal, os desenvolvimentos de nosso novo núcleo industrial. A perda dêste grande homem foi um rude golpe para Monte Alegre, porém o seu espírito continuará e a sua memória ficará sempre no coração de todos os que com êle colaboraram durante os primeiros anos de desenvolvimento de Monte Alegre[273].

O relacionamento entre patrões e empregados foi posto em versos e publicado em O Tibagi:

> Sendo o Péricles o chefão, / Mas um chefão camarada. / É cabra bom de coração. / Se do meu voto valesse / Vitório numa eleição, / Esse cabra já seria, / Hoje o chefe da Nação. (...) / E enfim pros amigos todos, / Que moram nesse rincão, / Ia tê vida de conde, / Cada um ia tê bonde / Isso se o Pericles fosse / Mesmo, o chefe da nação. / Mas como ele ainda não o é, / Eu vô andando mesmo a pé / E vô guentando o rojão[274].

Nota-se em tais passagens que os chefes da indústria receberam a conotação de amigo de seus funcionários. Tal alcunha é reiterada diversas vezes nas publicações de O Tibagi, que torna possível dizer que tal relacionamento amigável era oriundo também de tais discursividades. Outro elemento contribuinte à construção desse imaginário a respeito dos chefes, como já mencionado, é a oferta de benefícios aos empregados – que podem não ter percebido tais ações enquanto uma estratégia para o aumento da produção no trabalho.

---

[272] MARENDA, João. Traços Biográficos Dr. Karl Zappert. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1956.
[273] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08, 23 de dezembro de 1957.
[274] VIEIRA, Luiz. Poema para Monte Alegre. *O Tibagi*. Mone Alegre – Tibagi – Paraná, p.11, 23 de dezembro de 1957.

4.6.2 Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre

Enquanto assunto central da notícia, o progresso e a prosperidade na Fazenda Monte Alegre aparece 20 vezes. Como já mencionado, por meio do jornal era possível divulgar os feitos locais na tentativa de atrair atenções para o desenvolvimento local, atraindo mão de obra e investidores. Acredita-se que por este motivo seja tão frequente o uso de imagens.

Em 1950 jornal publicou: "a Fazenda Monte Alegre possui diversos núcleos de habitação. Os três principais são: Harmonia, Lagoa e Muá [sic]. Dêstes, o mais importante é Harmonia, onde está localizada a Fábrica das I.K.P.C."[275]. Por meio deste argumento, seguido de uma lista das atividades oferecidas em Monte Alegre e uma fotografia do Cine Harmonia, é possível pressupor que ao publicar esta notícia visavam, efetivamente, divulgar a Fazenda Monte Alegre, especialmente porque a indústria estava se desenvolvendo no interior, onde os recursos precisavam ser criados. Nesse sentido, é possível pressupor que muitos trabalhadores que temiam se aventurar naquelas terras, mas que ao tomarem conhecimento da estrutura ali desenvolvida, dos benefícios oferecidos aos operários da fábrica, alimentavam a expectativa de mudar de vida[276].

Parece que em 1950 a divulgação do local foi feita de modo mais incisivo, pois são, ao todo, 06 notícias ilustradas que abordam os "Aspectos de Monte Alegre", ressaltando o crescimento e a transformação local através da construção de um hotel[277], das casas residenciais "em vários estilos"[278], do posto de serviço Esso[279], da igreja matriz de Harmonia[280] e da própria fábrica da Klabin[281].

Outra contribuição para a divulgação local foi a poesia escrita por Lauro Nery, publicada também em 1950, que edeniza Monte Alegre:

> A Fábrica e a Cidade, em sonho eu as diviso
> Abençoadas por Deus, porque o Destino quis
> Que fôsse Monte Alegre o próprio paraíso
> Aqui é tudo grande: esta imensa Fornalha,

[275] Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.09, 23 de novembro de 1950.
[276] Esta afirmação também se baseia no depoimento oral cedido por Seu J, que diz que o motivo que levou sua família a se mudar para Monte Alegre foi trabalho. "Na época dos meus pais havia uma dificuldade muito grande de emprego e na minha cidade, Ribeirão Vermelho do Sul, era uma cidadezinha muito pequena, muito pobre, e não havia trabalho. E o meu pai era carpinteiro, tinha um servicinho, mas não era o suficiente pra dar sustentação à família. Minha mãe era costureira até que um primo dela, A. M., já estava trabalhando aqui em Monte Alegre, fizemos um conexão com ele e a minha mãe convidou meu pai: "Vamos para Monte Alegre?!". "Vamos". (...)Então, nós viemos pra cá em busca de trabalho, porque meu pai era carpinteiro e naquela fase grande da indústria ele teve então serviço por muito tempo. E foi muito gratificante o acompanhamento da evolução de Monte Alegre" (Seu J. Entrevista Oral. 2014).
[277] Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.05, 23 de novembro de 1950.
[278] Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.22, 23 de novembro de 1950.
[279] Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.25, 23 de novembro de 1950.
[280] Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1950.
[281] Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.07, 23 de novembro de 1950

> Dá papel, celulose e riqueza ao País
> E o pão de cada dia, ao homem que trabalha[282].

Esta noção de "paraíso" que vai sendo criada em relação à Monte Alegre é corroborada pelas diretrizes do próprio jornal, que não tinha página policial, logo não eram publicadas notícias sobre crimes e delitos no local. Segundo Hellê Vellozo Fernandes, o diretor-fundador do semanário, Horácio Klabin, foi quem deu tal orientação (FERNANDES, 1974, p.127).

Outras maneiras de exaltação ao local que também podem conotar ao trabalhador o status de paraíso à Monte Alegre tratam da oferta de casas aos funcionários da empresa e suas famílias[283]; de ambientes de recreação, como o Harmonia Clube e o Clube Atlético Monte Alegre, que ofereciam atividades recreativas, esportivas e sociais[284] para os momentos de lazer; do Cine Harmonia, "um dos melhores do interior do Estado"[285]; do "cinturão verde", da Colônia Agrícola e da fartura de alimentos comercializados nos armazéns de Harmonia e Lagoa[286]; e da oportunidade de estudo nas escolas espalhadas pela Fazenda Monte Alegre[287].

Outra poesia que diz do progresso e da prosperidade local foi escrita por Luiz Vieira, uma *personalidade ilustre*, "consagrado artista da TV Record e Rádio Nacional do Rio de Janeiro", quando de sua estadia em Monte Alegre. Em seus versos Luiz Vieira trata do "povo todo irmão", do "chefão camarada" e da "vida de conde" que todos ali teriam caso Péricles Pacheco fosse o "chefe da nação". Suas letras também abordam a noção paradisíaca do lugar:

> Em Monte Alegre eu senti / O que é se ter amigos, / Parece que Jesus aqui / Perdoa qualquer castigo / E até transforma em amor, / A ira dos inimigos. Não poderei me esquecer / Dessa cidade elegante. / Pequenina no tamanho. / Mas que é grande bastante / Grande no papel do pinho / No seu povo acolhedor / Grande muito no carinho, / No trabalho e no amor[288].

Como já visto, com o advento de Cidade Nova, as notícias que visavam a exaltação e divulgação local também se estenderam a esta localidade[289].

---

[282] NERY, Lauro. Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1950.
[283] Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.21, 23 de novembro de 1950.
[284]*O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.04, 23 de novembro de 1950, MARENFIS. Crônica da Cidade. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1953, Clube Atlético Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1954, Harmonia Clube. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1954 e MAGICO. Clube Atlético Monte Alegre – Atividades Sociais – Trabalho de uma diretoria. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.06, 23 de dezembro de 1957.
[285] Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.23, 23 de novembro de 1952.
[286] Passeio à Colônia. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957.
[287] Passeio à Colônia. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957.
[288] VIEIRA Luiz. Poema para M. Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.11, 23 de dezembro de 1957.
[289]*O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958.

De modo semelhante aos momentos em que é tema das notícias, o progresso e a prosperidade na Fazenda Monte Alegre serve enquanto enredo para a construção de sentidos em categorias como relacionamento e vivência em Monte Alegre, autovalorização, gratidão à Horácio Klabin, feitos da Klabin e desenvolvimento industrial, visando a divulgação do local, em relação à industrialização e à modernização.

4.6.3 Cidade Nova e seu desenvolvimento

O loteamento Cidade Nova, como já visto, foi uma iniciativa de Horácio Klabin frente ao grande aumento da população dentro dos limites da Fazenda Monte Alegre[290]. Como as casas onde os trabalhadores da Klabin moravam eram cedidas pela indústria, fazia-se necessário criar atrativos para Cidade Nova, objetivando o deslocamento da população. Entre as medidas adotadas, como a venda de lotes em prestações acessíveis aos trabalhadores e a doação das casas em madeira que moravam na fazenda, para serem remontadas no novo loteamento, foi organizada toda uma discursividade em relação do desenvolvimento de Cidade Nova. Nesse intuito, doze são as notícias que tem este assunto como tema central.

A primeira delas, publicada no ano de surgimento de Cidade Nova, em 1952, utiliza a gratidão à Horácio Klabin enquanto argumento na construção do sentido, fundando ali, no estabelecimento do contrato de leitura com o cidade-novense, o sentimento de reconhecimento que a existência do local se deu a partir da iniciativa de Horácio Klabin.

> Diretor-Fundador de O TIBAGI, homem idealista, a quem Monte Alegre deve muitos melhoramentos. Atualmente, continuando o mesmo ritmo de trabalhos, o seu pensamento está voltando para a construção da Cidade Nova, na outra margem do rio Tibagi. E onde, há pouco, mato apenas existia, surgem casas e industrias uma nova cidade para o Paraná[291].

O esvaziamento local somado ao discurso recorrente[292] de gratidão em relação à Horácio Klabin na organização do loteamento Cidade Nova oculta a história dos grupos que espontaneamente ali se fixaram, inaugurando o local a partir da intervenção dos industriais[293].

Outro discurso recorrente sobre Cidade Nova discorre a respeito dos estabelecimentos comerciais[294] e industriais[295] ali em funcionamento e das melhorias feitas

[290] A título de exemplo, em 1956 haviam 20 mil pessoas morando dentro dos limites da Fazenda Monte Alegre (Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956).
[291] Dr. Horácio Klabin. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1952.
[292] "A Cidade Nova, situada à margem esquerda do rio Tibagi, entre Monte Alegre (Harmonia) e a auto-estrada Ponta Grossa - Apucarana, surgiu da ideia e o projeto do dr. Horácio Klabin." (Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.11, 23 de novembro de 1954).
[293] Relembrar citação de Coraiola (2003) e do histórico do município que fala do surgimento de moradias clandestinas no outro lado do rio, em relação à fábrica.

para a população. Entre os principais melhoramentos é possível destacar o arruamento do local, a instalação de rede elétrica e a iluminação pública, a construção da represa, da caixa e do sistema de distribuição de água, a instalação de um centro telefônico automático e construção de casas, escolas e uma igreja católica[296], além de um estádio para a prática de esportes[297]. Duas são as obras de maior destaque e que conotam status de modernidade ao local: a construção da ponte sobre o rio Tibagi[298], ligando a Fazenda Monte Alegre até Cidade Nova, e instalação dos bondes aéreos[299].

Acredita-se que estas narrativas contribuíam à migração da população da Fazenda Monte Alegre para o novo loteamento, já que, segundo o periódico, "Cidade Nova oferece todo o confôrto e possui tudo o que de julga essencial numa cidade"[300]. Nesse sentido, a estratégia discursiva a respeito de que Cidade Nova não deixava a desejar em relação a outros centros habitacionais é presente:

> ...é verdadeiramente impressionante o crescimento de Cidade Nova. Com apenas quatro anos de existência, já vê ficarem pra trás muitas e muitas cidades. Aliás, êste fenômeno no Paraná não é raro. Pelo contrário, estão aqui e ali exemplos de cidade que nasceram como por encanto da noite para o dia. Cidade Nova é assim. Os que conheceram esta região anteriormente a 1952, custarão a acreditar no que estão vendo agora[301].

---

[294] Em 1953 é publicada uma relação dos estabelecimentos comerciais e industriais já instalados em Cidade Nova. No ano seguinte escrevem sobre os novos empreendimentos que ali inauguraram. Dois anos mais tarde tais informações são reiteradas: "Os dados estatísticos revelam que Cidade Nova possui 52 Bares – 34 armazéns – 6 alfaiatarias – 6 barbearias – 4 oficinas mecânicas – 6 lojas de louças – 2 livrarias – 12 lojas de tecidos – 9 fábricas – 2 fotógrafos – 4 açougues – 4 ferrarias – 3 sapatarias – 10 hotéis (incluindo pensões) – 2 churrascarias – 2 padarias – 2 marcenarias – 1 farmácia – 1 pôsto médico – 1 grupo escolar – 1 tipografia – 2 cinemas – 2 torrefações – 1 banco, etc. além disso, Cidade Nova possui 4 igrejas e mais de mil casas residenciais, das quais grande parte de material" (Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956). Em 1957 novamente voltam a listar os negócios ali existentes**.**

[295] Em 1954 abordam a existência de várias [sic] indústrias em Cidade Nova, tais como a Sociedade Comercial e Industrial Socomin Ltda., a Materiais de Construção Paraná S/A, a Empresa Força e Luz Cidade Nova S/A (Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.11, 23 de novembro de 1954). a Serraria Socomin, a Cia. Agro Mercantil Paranaense (Cidade Nova. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956) e a Olibrasa S/A (MARENDA, J. O que é e o que pretende fazer em Cidade Nova a OLIBRASA S/A. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957).

[296] Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.11, 23 de novembro de 1954.

[297] Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956.

[298] Cidade Nova – A Cidade que Cresce. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.

[299] Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956.

[300] Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956.

[301] Cidade Nova – A Cidade que Cresce. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.

Para estabelecer com maior facilidade este discurso progressista em relação ao desenvolvimento da localidade, o jornal O Tibagi criou um *slogan* para Cidade Nova: a cidade que cresce[302], além de criar um imaginário a respeito do local:

> Cidade Nova é um símbolo edificante de trabalho. A ação dignificante dos que a fundaram e o labor incansável daqueles que, nela se fixaram para viverem suas vidas, construíram um dos mais progressistas núcleos populacionais do Paraná. Cidade nova, por isso mesmo, é um verdadeiro fenômeno da natureza, que se transforma a todos os momentos, ganhando a expressão dos grandes centros, auto-suficientes e independentes[303].

A intervenção da prefeitura municipal de Tibagi em relação à Cidade Nova é mencionada apenas duas vezes, quando da construção do grupo escolar municipal, do cemitério e do matadouro[304] e da celebração de dez anos de existência de Cidade Nova, em parceria com a Vale do Tibagi[305]. Em contrapartida, a menção direta à intervenção das industrias Klabin no local pode ser observada em cinco momentos distintos: a construção do Ginásio Estadual "Wolff Klabin"[306], realizada pelos industriais; a edificação de casas entregues aos operários da cidade em terreno doado pela fábrica[307]; o aumento do Ginásio Estadual de Cidade Nova – como já foi o próprio prédio – foi realizado pelas Indústrias Klabin[308]; e, "procurando colaborar com o problema de habitação nesta cidade (...) construíram mais um lote de 23 casas, estando já tôdas vendidas, a preços módicos e em suaves prestações"[309]. A última referência à intervenção da Klabin em Cidade Nova, publicada em 1962, é digna de nota:

> Mercê da boa vontade, compreensão e liberalidade dos Snrs. Diretores das I.K.P.C. S/A., acha-se o Colégio [Estadual Wolff Klabin] devidamente equipado segundo as exigências legais para funcionamento, como ainda, diversos aparelhos além das exigências: amplificador, toca-discos, projetor cinematográfico – (recem doado pelo Snr. Dr. Israel Klabin) – epidiascópio, polióptico, luneta telescópica de grande amplidão.
> Acham-se completos os laboratórios de Física, Química e Ciências Naturais, todos em sala própria, faltando sòmente mesa própria aos laboratórios.
> As demais instalações são completas e dignas de admiração e registro para o padrão dos estabelecimentos do interior; conta o Colégio com 9 salas amplas, bem iluminadas e arejadas, instalações sanitárias completas para os dois séxos, salas para professores, secretária, diretoria, área coberta ampla e sempre que necessário, tem-se

[302] A utilização do termo "cidade que cresce" em relação à Cidade Nova aparece em 5 notícias, publicadas em 1953, 1957 e 1958.
[303] Cidade Nova e seu marcante progresso. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 30 de novembro de 1958.
[304] Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956.
[305] Cidade Nova começa a resolver seus problemas. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.E, 15 de dezembro de 1962.
[306] Cidade Nova e seu marcante progresso. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 30 de novembro de 1958.
[307] Cidade Nova e seu marcante progresso. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 30 de novembro de 1958.
[308] *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08b e 08c, 22 de dezembro de 1960.
[309] *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08b e 08c, 22 de dezembro de 1960.

> transformado em auditório, além de recreio comumente.
> O edifício acha-se bem situado em local sem ruídos, em terreno amplo, bem arborizado [sic], contando com um pequeno horto florestal, em que existe cêrca de 180 especies diferentes da flora brasileira (trabalho dedicado do Departamento Florestal das IKPC).
> As instalações esportivas e para a prática da educação física ainda em fase de complementação, conta com uma cancha improvisada de Basqueteból, duas de Voleiból, e adaptação para futeból de salão, esperando-se para o próximo ano, já devidamente autorizada pelas I.K.P.C., os trabalhos de finalização e colocação do material esportivo e dos aparelhos exigidos pela Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura.
> Agradecemos ao prof. Custódio Netto e ao aluno Lauro do Canto e Souza as informações que nos permitiram êste noticiário[310].

A partir da leitura deste fragmento é oportuno refletir sobre como a Klabin continuava a exercendo sua influência, colocando-se enquanto intermediadora dos problemas locais mesmo em Cidade Nova. O vínculo estabelecido nas relações entre patrões e empregados continuaram até mesmo fora dos limites do território privado da Fazenda Monte Alegre, apesar do discurso de independência do local. Além disso, é interessante observar as estratégias discursivas: o assunto principal desta matéria é o desenvolvimento em Cidade Nova, em relação à educação. Entretanto, as estratégias narrativas para a construção deste "noticiário escolar" contribuíram, efetivamente, para a exaltação aos feitos da Klabin.

A categoria Cidade Nova e seu desenvolvimento aparece acompanhada de outras categorias – já ou a seguir problematizadas – na construção de sentidos, tais como: a autovalorização do local a partir da instalação dos bondinhos aéreos, "únicos no gênero em todo o Brasil"[311]; a contribuição para o desenvolvimento regional e nacional na produção de azeitonas – produto que, em sua maioria, era importado – em Cidade Nova[312]; o relacionamento e vivência em Monte Alegre com a construção de casas para a população; os feitos da Klabin, a gratidão à Horácio Klabin e as menções à cidade de Tibagi.

A categoria Cidade Nova e seu desenvolvimento, além de ter aparecido por doze vezes como o assunto principal tratado nas notícias heterorreferentes sobre o local e o regional, foi utilizada por dez vezes enquanto estratégia argumentativa na construção de outros sentidos. Seu aparecimento mais recorrente está associado à categoria desenvolvimento industrial, uma vez que este era o assunto central da "História de Monte Alegre", escrita pelo diretor técnico da Klabin, Karl Zappert e publicada anualmente nas edições especiais de aniversário de O Tibagi. Além do desenvolvimento industrial da fábrica, Zappert perpassava,

[310] Noticiário Escolar. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03 – terceiro caderno, 15 de dezembro de 1962.
[311] Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956.
[312] MARENDA, J. O que é e o que pretende fazer em Cidade Nova a OLIBRASA S/A. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957.

mesmo que brevemente, pelos acontecimentos sociais de Monte Alegre. A partir do surgimento de Cidade Nova, seus escritos passaram igualmente a abordá-la.

Em 1952, para tratar do progresso e prosperidade local, Zappert escreve: "uma modificação completa do aspéto e do panorama da região rural de Monte Alegre, se constituiu no inicio da construção da Nova Cidade, sita ao lado esquerdo do rio Tibagí e, aliás, exatamente oposta á fábrica[313]" e a acrescenta que numerosas casas e estabelecimentos já estavam sendo instalados. No ano seguinte Zappert volta a reiterar o progresso local argumentando a partir do desenvolvimento crescente de Cidade Nova, impulsionado pela construção da ponte sobre o Rio Tibagi[314]. Em 1954 frisa o progresso cidade-novense em ritmo acelerado escrevendo: "onde há 2 anos atrás viam se apenas vastos campos vazios encontra-se hoje uma imensidade de casas novas desde as mais humildes até prédios"[315]. No ano de 1956 Zappert trata outra vez do desenvolvimento de Cidade Nova. A última de suas menções em relação ao tema é feita em 1958[316] e explica, em grande parte, a iniciativa do desenvolvimento do loteamento fora dos limites da Fazenda Monte Alegre:

> A questão de acomodações de todos os que trabalham em Monte Alegre continua sempre a ser um problema, uma vez que o número dos operários novos aumenta de ano para ano, e, além disso, muitos jovens, filhos de velhos empregados das I.K.P.C. contratem matrimônio e desejam acomodações próprias para a nova família. Embora que a construção de novas casas nunca pode acompanhar os desejos dos novos casais, o número de novas moradias também aumenta continuamente. (...) Muitas das velhas casas de madeira, especialmente na região chamada Acampamento Harmonia, na descida para o Rio Tibagi, foram derrubadas e reconstruídas na Cidade Nova, onde estas casas reconstruídas passaram a ser propriedade dos ex-inquilinos[317].

O que se observa nos fragmentos apresentados acima, escritos por um diretor técnico da Klabin, é a recorrente exaltação ao desenvolvimento de Cidade Nova. Acredita-se que esta prática se dava com o intuito de propagandear o local, visando dois objetivos específicos: esvaziar a Fazenda Monte Alegre e atrair e fixar mão de obra com custo reduzidos à empresa.

Cidade Nova e seu desenvolvimento também aparece na construção argumentativa de outras categorias, como, por exemplo, quando da construção de sentidos em relação à

[313] ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.05, 23 de novembro de 1952.
[314] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[315] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.07, 23 de novembro de 1954.
[316] Trata-se de sua última coluna escrita enquanto morador da Fazenda Monte Alegre.
[317] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958.

gratidão devotada à Horácio Klabin[318], ao desenvolvimento industrial[319], aos feitos da Klabin[320]e ao progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre[321]

4.6.4 Desenvolvimento Industrial

O incremento urbano da região do Alegre se deu a partir do desenvolvimento industrial quando do início da construção da fábrica de papel e celulose, de propriedade da família Klabin. Tal desenvolvimento é assunto principal de 12 notícias heterorreferenciais sobre o local e o regional.

A primeira edição da coluna *História de Monte Alegre*, organizada por Karl Zappert, foi publicada em 13 edições entre 25 de janeiro e 25 de abril de 1949. Em tais edições foram abordados diversos assuntos[322], como a escolha dos locais para a instalação da fábrica, da usina hidroelétrica e dos núcleos habitacionais, os estrangeiros que vieram para trabalhar na Klabin, a abertura de estradas e caminhos, as festividades em datas comemorativas, as melhorias nas instalações fabris, o início da produção de papel e assim por diante. Seus escritos tratavam de uma rememoração de um passado local inaugurado a partir da chegada dos industriais, tendo como principal assunto – assim como as publicadas nos anos subsequentes – o desenvolvimento industrial local. E são 07 os escritos de Zappert que apresentam o desenvolvimento industrial como assunto principal, em geral acompanhadas da autovalorização, do progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre, dos feitos da Klabin, do relacionamento e vivência em Monte Alegre e Cidade Nova e de seu desenvolvimento. Raras são as menções à cidade de Tibagi ou ao passado anterior a chegada dos industriais à região, contribuindo na construção de sentidos. As demais notícias que tem o desenvolvimento industrial local como assunto foram escritas por: Wilém Viller (02), Hellê Vellozo Fernandes e pela direção do Departamento Florestal da Klabin[323].

O argumento do desenvolvimento industrial foi utilizado para contribuir na construção de sentidos quando o assunto principal era Cidade Nova e seu desenvolvimento

[318] Dr. Horácio Klabin. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1952 e AUSTIN, Padre José. Paróquia NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO – UM POUCO DE HITÓRIA. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.10 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[319] Cerâmica Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.6, 23 de novembro de 1953.
[320] Em agosto estarão funcionando os bondes aéreos. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.
[321]*O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958.
[322] "O Tibagi começa publicar a partir de hoje o primeiro d'uma serie de artigos sobre a história de Monte Alegre, compilados e redigidos pelo Dr. Zappert diretor técnico das I. K. P. C.. Um dos pioneiros de M. A. conhecendo todos os detalhes de sua formação, desde o início até a presente data, não ha pessoa melhor informada para o assunto de que trata em seus artigos" (História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 25 de janeiro de 1949).
[323] Além destas, existe uma notícia sobre a Cerâmica Cidade Nova que não foi assinada.

(02), em relação às fábricas e estabelecimentos comerciais que ali estavam se instalando, e os feitos da Klabin (01) na produção de papel nacional.

Acredita-se que a utilização do desenvolvimento industrial enquanto assunto principal da notícia e/ou estratégia argumentativa servia não apenas enquanto propagandeadora do crescimento industrial local, capaz de atrair mão de obra, mas também revelava o poderio – não só, mas também – econômico da Klabin, assegurando seu lugar de detentor do poder simbólico.

4.6.5 Gratidão à Horácio Klabin

Assim como na autorreferência a figura de Horácio Klabin era exaltada em relação aos seus feitos à população montealegrense e da região, na heterorreferência este recurso também se faz presente. Ao todo são 08 as notícias que tem como tema de destaque a gratidão à Horácio Klabin. Destas, 03 menções foram publicadas no ano de 1949, quando de uma grande festa local em comemoração a emancipação do Paraná, ao "segundo ano de benfazeja e proveitosa gestão [de Horácio Klabin] na administração das I.K.P"[324] e a inauguração de um posto de gasolina[325].

A primeira publicação que denota gratidão à Horácio Klabin trata-se de uma poesia escrita por Praxedes Gomes[326]:

> "Dr. Horácio Klabin / Muito Respeitosamente / Prestou essa homenagem / Esta comissão presente / Por vós ser merecedô / E ser um home potente / Doutô Horácio Klabin / Home de muito Valô / Não é só industriá / Como tambem diretô / E tambem do povo pobre / É um grande ajudadô / Devemo nós dar um viva / Ao Dia 15 de Novembro / Viva doutô Horácio! / (...)"[327].

Pelo modo de enunciação é possível pressupor que o autor da referida poesia era uma pessoa simples. Isso implica sentidos em relação à construção de tal gratidão, uma vez que não somente as pessoas importantes o cenário da Fazenda Monte Alegre, próximas à Horácio Klabin, o admiravam, mas as gentes comuns daquelas terras, que o viam enquanto "um grande ajudadô". Esta ideia de gratidão à Horácio Klabin associada à sua benevolência é também reiterada nos demais textos publicados em 1949: "nesta mesma ocasião [festejos do

[324] Monte Alegre e os festejos de 15 de Novembro – Solenidades cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascadas – Inauguração do posto de reabastecimento "Esso". *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08, 23 de novembro de 1949.

[325] Mesmo não sendo destacado na notícia do jornal, acredita-se que também fora comemorado o aniversário de um ano do jornal *O Tibagi*, já que a churrascada foi realizada às vésperas do periódico completar 01 ano.

[326] Não foram encontrados dados biográficos.

[327] GOMES, Praxedes. A homenagem do dia 15. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1949.

dia 15 de novembro ou "a grande churrascada em homenagem ao sr. dr. Horácio Klabin"[328]], os corpos docente e discente do grupo escolar local ofereceram ao sr. dr. Horácio Klabin, um artístico cinzeiro de alabastro, como prova de reconhecimento"[329] e Cacildo Batista de Arpelau discursou, "falando em nome de todos (...), ressaltando as qualidades do homenageado como chefe exemplar e como amigo do povo de Monte Alegre"[330].

Para a compreensão da organização discursiva para a construção da gratidão à Horácio Klabin, torna-se oportuna a transcrição completa do referido discurso:

> A idéia de poucos se transformou, rapidamente, no desejo de todos, como que irmanados os homens de boa vontade por idênticos sentimentos. Assim acontece, quando uma iniciativa assenta-se nos alicerces da sinceridade e da justiça.
> Seja-me permitido dizer que antes melhor oportunidade não tive, como a de hoje, para, num preito de gratidão e reconhecimento, homenagearmos aquele que tem sabido liderar e orientar a batalha que travamos, pelo bem comum. Dr. Horácio. O verdadeiro triunfo de um chefe de emprêsa consiste em proporcionar o bem estar aos seus subordinados. Nos conturbados dias que correm, laborará em êrro aquele que, no exercício de funções de mando, desprezar êste importante fator, que é a razão de ser das boas relações entre o capital e o trabalho. Felizmente, no caso de Monte Alegre, a vossa preocupação constante, que todos reconhecem, tem sido a de conciliar os interesses patronais com os dos empregados, tudo fazendo, sem medir sacrifícios, para dignificar o esfôrço humano e valorizar o homem pelo trabalho.
> Graças à essa inteligente diretriz, poude a vossa administração realizar, em apenas dois anos, o que outras não conseguiram durante um quinquênio. Por isso mesmo, a vida dos montealegrenses está organizada em bases sólidas, que se ajustam aos imperativos sociais de nossos dias e aos anseios latentes da consciência coletiva.
> Sem favor algum tudo de grandioso e notável que Monte Alegre apresenta, no setor econômico-social, devemos à vossa clarividente administração, que nesta data completa mais um aniversário.
> Homem democrata e amigo que sois, tornastes digno da gratidão e da estima de todos nós, que aproveitamos esta oportunidade para reiterar os nossos melhores propósitos de cooperação à vossa já vitoriosa administração. Queira aceitar a saudação amiga dos trabalhadores de Monte Alegre. Tenho dito"[331].

A partir da leitura deste discurso é possível afirmar que a maneira como os trabalhadores são tratados (oferta de casas, assistência social, médica e hospitalar, escolas, etc.) correspondem à visão da empresa, na pessoa de seu administrador, no relacionamento

[328] Monte Alegre e os festejos de 15 de Novembro – Solenidades cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascadas – Inauguração do posto de reabastecimento "Esso". *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08, 23 de novembro de 1949.
[329] Monte Alegre e os festejos de 15 de Novembro – Solenidades cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascadas – Inauguração do posto de reabastecimento "Esso". *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08, 23 de novembro de 1949.
[330] Monte Alegre e os festejos de 15 de Novembro – Solenidades cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascadas – Inauguração do posto de reabastecimento "Esso". *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08, 23 de novembro de 1949.
[331] Monte Alegre e os festejos de 15 de novembro – Solenidades Cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascada – Inauguração do posto de reabastecimento "Esso". *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08, 23 de novembro de 1949.

entre patrões e empregados. Entretanto, há um esvaziamento narrativo nesse sentido e os ouvintes desta fala, bem como os leitores de sua versão impressa, são atingidos pelo discurso de gratidão aos benefícios concedidos, não trazendo à reflexão os interesses políticos e econômicos de tais benesses.

Ainda em relação à solenidade é fundamental destacar a escolha das palavras. Assim como na análise da autorreferência, na heterorreferência sobre o local e o regional a expressão "amigo" se faz presente tanto na transcrição do discurso de Cacildo Batista de Arpelau, quanto na própria notícia: "Coroada de mais completo êxito, a homenagem ao dr. Horácio Klabin foi mais uma prova do reconhecimento do povo de Monte Alegre, que reconhece nele um chefe, um idealizador e um amigo"[332]. Nesse mesmo sentido, em crônica sobre as festividades do dia 15 de novembro de 1949, Lauro Nery afirma ter sido justa a homenagem da população à Horácio Klabin, uma vez que ele seria o responsável pelo "surto" de realizações em Monte Alegre, dizendo:

> ...é muito comum quando alguém sobe, esquecer os companheiros da véspera e colocar-se num plano superior. O homenageado de Monte Alegre, desceu da sua justa e não procurada superioridade para igualar-se a todos, como se todos fôssem e êle também, um único coração[333].

A "aproximação" que ocorre por intermédio destas estratégias narrativas contribui à manutenção das relações paternalistas no local, de maneira semelhante às práticas do Governo Vargas.

Além da gratidão devotada à Horácio Klabin em relação ao bem estar dos empregados da indústria e à fundação do jornal O Tibagi, o surgimento de Cidade Nova também é conotado ao diretor da Klabin. Segundo o semanário, Monte Alegre "deve" à Horácio muitos de seus melhoramentos e o mesmo aplica-se à Cidade Nova, pois "onde, há pouco, mato apenas existia, surgem casas e industrias, uma nova cidade para o Paraná"[334]. Assim como já observado em outras categorias anteriormente problematizadas, mais uma vez aparece nítido no discurso do jornal o esvaziamento local, ocultando outros agentes históricos também presentes[335].

---

[332] Monte Alegre e os festejos de 15 de Novembro – Solenidades cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascadas – Inauguração do posto de reabastecimento "Esso". *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08, 23 de novembro de 1949.

[333] NERY, Lauro. Sem Crônica. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.07, 23 de novembro de 1949.

[334] Dr. Horácio Klabin. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1952.

[335] Segundo o histórico do município, publicado no site da Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba, "começaram a surgir moradias clandestinas do outro lado do rio. Iniciou-se então, do lado oposto à fábrica com relação ao rio Tibagi o loteamento de 300 alqueires de terra, esse loteamento chamou-se "Mandaçaia" e mais tarde foi batizado de Cidade Nova" (Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/a_cidade/historico/historico.php. Acessado em: 22.12.2014.)

Outro discurso publicado pelo jornal promovendo gratidão à Horácio Klabin diz respeito aos seus feitos junto ao esporte em Monte Alegre, especialmente por suas ações em benefício do Clube Atlético Monte Alegre. Estruturalmente é possível falar da construção do prédio para o funcionamento do bar e sorveteria na sede do clube e do estádio[336]. Entretanto, o que o tornou presidente de honra do clube[337] foi o incentivo dado à profissionalização e o investimento na contratação de profissionais, o que garantiu ao clube a conquista do Campeonato Paranaense de 1955. A esse respeito ainda, o hebdomadário, em uma rememoração da história do C.A.M.A., publicou:

> Tudo ou quasi tudo deve-se ao seu querido patrono Dr. Horácio Klabin, um esportista que nunca mediu esforços o sentido de ver projetado o nome do C.A.M.A como uma das maiores falanges paranaenses do pebol bretão. O patrono do Clube, o incentivador do alvi-negro em suas jornadas teve em 1955 a alegria de ver culminando seu idealismo com a conquista do cetro maximo paranaense. O esforço e a abnegação do Dr. Horácio Klabin tornaram-se legendários dentro do Clube como uma marca de glorias e conquistas[338].

Nesta mesma notícia, publicada em 23 de novembro de 1956, estendem os elogios à Péricles Pacheco da Silva, que, pela leitura do corpus documental, parece ter sido o braço direito de Horácio Klabin. Por isso, em igual medida, as congratulações e gratidões estendem-se a ele também: "não se pode igualmente deixar de destacar o dinamismo e a dedicação do grande Presidente Péricles Pacheco da Silva que sob direção do grêmio de Harmonia traçou diretrizes de engrandecimento, merecendo assim os mesmos louvores"[339].

A última notícia que traz a gratidão à Horácio Klabin enquanto tema principal foi escrita por Hellê Vellozo Fernandes. Diferentemente das anteriores, a referida notícia não apresenta com clareza a quem os montealegrenses devem ser gratos[340]:

> Alguém pensou em fazer tudo isso.
> Alguém possibilitou a obra gigantesca. Alguém a tornou realidade. Alguém é a palavra que oculta os nomes dos homens titãs dos criadores de tudo o que vemos em torno de nóis, tão integrado nos hábitos quotidianos, que nem siquer é notado como uma realização notável[341].

Esse "alguém" sem rosto e sem nome corrobora para uma gratidão geral em relação à Klabin como um todo por seus feitos na região. A existência de uma história que contribui à

[336] O Estádio Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08, 23 de novembro de 1952.
[337] Clube Atlético Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1954.
[338] Dr. Horácio Klabin e Péricles Pacheco da Silva, pedestais da tradição alvi-negra – A "Pantera Negra" Campeã Paranaense. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.04, 23 de novembro de 1956.
[339] Dr. Horácio Klabin e Péricles Pacheco da Silva, pedestais da tradição alvi-negra. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.04, 23 de novembro de 1956.
[340] Por meio do fenômeno da conclusão é possível dizer que entre essas pessoas sem nome merecedoras de gratidão encontra-se Horácio Klabin.
[341] FERNANDES, Hellê Vellozo. Os Homens Titãs. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1961.

valorização dos feitos da Klabin ao lugar, favoreceu a construção de um sentimento de gratidão que estende-se aos dias atuais.

A gratidão à Horácio Klabin contribui enquanto argumento para a construção de sentidos sobre o desenvolvimento industrial, ao progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre, Cidade Nova e seu desenvolvimento. No total de 05 menções, o discurso de gratidão diz respeito ao jornal O Tibagi, *"*que veio melhorar o nível cultural desta comuna, tal como muitas outras inovações e iniciativas realizadas aqui pelo Dr. Horácio Klabin"[342]; à construção do Estádio para o Clube Atlético Monte Alegre, que recebeu o nome de Estádio Horácio Klabin[343]; e a organização da OLIBRASA S/A, para o plantio e comercialização de azeitonas e óleos de oliva[344].

4.6.6 Passado anterior a chegada dos industriais à região

Como já visto na introdução deste trabalho, a "história oficial" de Telêmaco Borba, publicada no site da prefeitura, não dedica espaço ao passado anterior a chegada da família Klabin à região. No caso das notícias heterorreferentes publicadas no jornal O Tibagi sobre o passado local e regional isto não é diferente! Entre as 77 notícias que compõem o corpus documental de análise, 08 são os textos que tem esta categoria como assunto principal.

Em relação ao todo documental e o número de aparições das demais categorias, é possível dizer que o passado anterior a chegada dos industriais à região é, de certa forma, expressivo. Entretanto, esta premissa só se confirma numericamente. A partir da análise do conteúdo dessas notícias observou-se que o passado que é narrado é pitoresco, peculiar. Os títulos das notícias, seguidas de breves explanações, exemplificam: "Pedro Pinheiro – Um Herói", apresenta a história de um garimpeiro destemido que salvou inúmeras vidas e já retirou das águas do Tibagi quase duas dezenas de cadáveres; "História do primeiro diamante encontrado no Tibagi", que discorre romanticamente o ocorrido; "O Monge de Tibagi", trata da figura do monge que vivia nu e da religiosidade popular na região do Tibagi; e "Curiosidades da terra do diamante", que conta de maneira heroica a história do primeiro morador do local onde hoje se localiza a cidade de Tibagi.

A respeito da história local anterior à chegada dos industriais, na primeira edição do jornal, em 1948, foi publicada a "Monografia histórica corográfica de Tibagí". O texto

[342] WILLER, Vilém. Retrospecto. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.23, 23 de novembro de 1951.
[343] Clube Atlético Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1954.
[344] MARENDA, João. O que é e o que pretende fazer em Cidade Nova a OLIBRASA S/A. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03 – terceiro caderno, p23 de dezembro de 1957.

publicado no jornal, organizado por Otavio Camargo com base nos escritos de Edmundo Mercer Junior, tem início nas "entradas de homens brancos pelos interiores tibagianos" (Aleixo Garcia, Jorge Sedenho, Cabeza de Vaca e Ulderico Schemiedel). Então, assinala a presença do jesuíta nas terras do Tibagi[345]:

> "A ação dos padres de Loiola, no Guairá, desenvolveu-se quase toda éla, no antigo território tibagiano". Assim, das varias "REDUÇÕES" jesuíticas que vêm assinaladas no mapa do antigo município de Tibagí, que o mesmo autor organisára, conclue-se que na atual extensão geográfica desta comunidade os padres chefiados por Montóya estabeleceram os aldeamentos de "ENCARNAÇÃO", nas terras do cacique "PINDOBÉ", á margem do Rio Tibagí, nos fundos da fazenda hoje "MONTE ALEGRE", e "SÃO MIGUEL", logar que demora uns 12 quilometros da cidade séde do município[346].

Em seguida aborda a pequena duração das ações jesuíticas na região, em decorrência do apresamento de índios por Antonio Raposo Tavares, Manoel Preto e Fernão Dias Paes Lemes. A história de Tibagi perpassa episódios relacionados à Fazenda Fortaleza, José Felix da Silva, seu capitão do mato, Antônio Machado Ribeiro, e a constante peleia contra os indígenas habitantes daquelas terras. Apresenta ainda uma "versão lendária" da fundação de Tibagi, dando ênfase ao combate da "Mortandade", "hoje séde da Harmonia, na fazenda Monte Alegre de propriedade das grandes Indústrias Klabin"[347], onde diversos indígenas caingangues foram assassinados. Quando de um desentendimento entre o coronel José Felix e Machadinho a respeito da posse das terras requeridas em carta de sesmaria, o capitão do mato mudou-se para as terras que mais tarde viriam compor o município de Tibagi.

Segundo esta monografia, não houve como resultado de tais incursões a formação de povoados, antes o esvaziamento da terra a partir da ação dos bandeirantes paulistas. Entretanto, "o mesmo não aconteceu com os "posseiros". Estes, na ânsia de aumentar seus domínios, edificavam moradias, erigiam capelas, aliciavam muita gente para o custeio de enórmes manadas de gado e, desse modo, irradiaram, aos poucos, o povoamento do sólo"[348]. A respeito do povoamento do território tibagiano, a monografia afirma não haver "qualquer parcela de contribuição do elemento negro"[349].

Esta monografia é uma das únicas sistematizações da história local e regional publicadas no jornal O Tibagi, ao lado da primeira publicação da "História de Monte Alegre"

---

[345] É possível que esta monografia tenha influenciado as obras estudadas no primeiro capítulo, pois há semelhantes no modo de enunciação de tais acontecimentos.

[346] CAMARGO, Otavio. Notícias do município – Monografia histórica corográfica de Tibagí. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná. p.02, 23 de novembro de 1948.

[347]

[348] CAMARGO, Otavio. Notícias do município – Monografia histórica corográfica de Tibagí. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná. p.02, 23 de novembro de 1948.

[349] CAMARGO, Otavio. Notícias do município – Monografia histórica corográfica de Tibagí. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná. p.02, 23 de novembro de 1948.

de Karl Zappert, em 1949. Entretanto, por ter sido publicada na primeira edição do jornal, quando a tiragem não passava de 500 exemplares, e pelo fluxo contínuo de trabalhadores sendo contratados e demitidos, conforme as necessidades da construção da empresa, acredita-se que o acesso às informações do passado anterior a chegada dos industriais por intermédio desta publicação não foi abrangente. Além disso, como já visto na primeira parte deste trabalho, os livros que intentam contar a história de Telêmaco Borba também fizeram uso do jornal O Tibagi enquanto fonte de pesquisa. Entretanto, a primeira edição do jornal, onde a referida monografia foi publicada, não está disponível para consulta no acervo da Biblioteca Municipal de Telêmaco Borba, o que contribui ainda mais à ausência de menções sistemáticas sobre o passado anterior a chegada dos industriais[350].

Somente em 1957 outra notícia irá fazer breves referências ao passado narrado na monografia, tratando da riqueza mineral da região do Tibagi, dos cientistas e historiadores que por ali passaram, das figuras míticas como o "Monge de Tibagi", das ruínas jesuíticas e da Fazenda Fortaleza. Conclui-se o texto da publicação com a seguinte passagem:

> Bandeirantes aventureiros, indigenas, jesuitas, historiadores, pioneiros e garimpeiros formam todos, um conjunto grandioso de acontecimentos, registrados uns, memorados outros, tudo merecendo a pena de um romancista ou de um historiador, para que o nome hoje obscuro de Tibagi tenha o relêvo que merece, pelo seu passado lendário e epopeico[351].

Apesar da importância em se falar do passado – principalmente no que diz respeito à formação identitária –, esta notícia não apresenta clara filiação entre a história de Monte Alegre e Cidade Nova à história de Tibagi.

As demais menções ao passado anterior a chegada dos industriais à região dizem respeito ao coronel Telêmaco Morosine Borba[352]; a estadia de Auguste Sain-Hilaire na Fazenda Fortaleza e a referência do naturalista francês à Vila de Tibagi, formada a partir da reunião de colonos amedrontados pelos indígenas que ali viviam[353].

Mesmo não havendo clara filiação à história de Tibagi, a referência a tais acontecimentos anteriores à instalação da Indústria Klabin na região contradiz o próprio discurso do jornal em relação ao esvaziamento local. É possível pressupor a partir destas

[350] Para a realização deste trabalho, a primeira edição do jornal foi consultada no acervo pessoal de Eduardo Lagos, ao qual agradeço a disposição em ajudar.
[351] Nossa homenagem a Tibagi – Tibagí Desconhecido e Olvidado. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.
[352] Notas Paranistas. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.04, 23 de novembro de 1948 e Nossa homenagem a Tibagi – Cel. Telêmaco Borba. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.
[353] Redação e Fragmentos escritos por Saint Hilaire. História do Paraná – Viagem ao interior do Brasil em 1820. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1954.

referências que já haviam sujeitos habitando estas paragens, mas marginalizados em relação à história oficial.

4.6.7 Feitos da Klabin

Os feitos da Klabin são o assunto principal de 06 notícias de heterorreferência sobre o local e o regional. Digno de nota é o texto escrito por Borell Du Vernay, chefe da 6ª Inspetoria Estadual de Ensino[354], em relação aos feitos da Klabin:

> Si possuísse pendores literários, iria escrever sôbre as belezas da região dêsse miraculosos Tibagí, em que foi se engasgar uma das mais expressivas criações da moderna vida sul-americana – a Fábrica de Monte Alegre. Mas a vida tem para mim um sentido objetivo e eu prefiro, fugindo aos devaneios intelectuais e valendo-me do feliz enséjo do 2º aniversário de O Tibagi, enviar daqui o meu sincero aplauso à iniciativa dos Klabins, qual seja a de criar num pedaço do "hinterland" paranaense, esse maravilhosos núcleo de civilização e progresso, que, aliás, ainda não conheço, mas do qual sinto os reflexos de sua magnificência.
> Com efeito, instalando em Monte Alegre a grande indústria de papel, resolvendo, com isso, um grave problema nacional, a organização Klabin chantou em seu solo um extraordinário marco civilizador, que, em futuro próximo, há de proporcionar ao Paraná as mais risonhas perspectivas de riqueza.
> Benditos os homens que criam e produzem! São os modernos bandeirantes que fortalecem a Nação e prodigalizam, com a sua capacidade de agir, a felicidade coletiva.
> Monte alegre, mercê da energia criadora dos Klabins, surge, para o Paraná como uma nova força propulsora de adiamento e está destinada a desempenhar, em sua história, um papel dos mais relevantes.
> Além do que poderá representar, no que tange propriamente à economia, releva ressaltar o influxo social, que nascerá de sua pujança[355].

Ao apresentar a Indústria Klabin enquanto representante da civilização e do progresso local, Borell Du Vernay expressa uma mentalidade do período a respeito da modernidade, em que há a desvalorização do que já havia no local, para a exaltação do novo e da chegada do moderno, por meio do empreendimento da família Klabin.

Ainda em relação à transformação da paisagem no interior, entre os feitos da indústria o jornal O Tibagi destaca o funcionamento dos bondes aéreos[356], ligando Harmonia à Cidade Nova. Tal transformação não limitava-se apenas à arquitetura, com ares europeus, mas estendia-se às gentes daquelas paragens.

---

354 Informação disponível em: http://www.pgojoaoduvernay.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=45. Acessado em 15/12/2014.

355 DU VERNAY, Borell. Monte Alegre – um luminoso marco na estrada. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.21, 23 de novembro de 1950.

356 Em agosto estarão funcionando os bondes aéreos. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.

Como já visto na análise da autorreferência, a Klabin, por meio do jornal O Tibagi, se apresentava enquanto contribuinte no processo de evolução de sua comunidade[357], cooperando para um país mais culto[358]. Desse modo, "à proporção que as Indústrias Klabin desenvolveram a exploração dos pinheiros e consequente fabricação de celulose, também se foi ampliando o ensino primário na fazenda"[359]. E como será possível observar ao longo desta análise, o investimento da Klabin na educação, por meio da construção e manutenção de escolas, parece ter sido efetivo, segundo as frequentes menções de O Tibagi em relação a este aspecto[360].

Enquanto assunto principal da notícia, os feitos da Klabin estão centrados na construção e manutenção das escolinhas de acampamento[361]. Em 1956 o jornal O Tibagi publicou:

> ...6 escolinhas são mantidas pela companhia, nos diversos acampamentos do mato, onde a distância impede as crianças de virem frequentar os cursos regulares. (A fiscalização da mesma é feita pela Direção do Grupo de Lagoa). Desse modo, está Monte Alegre perfeitamente aparelhada do ponto de vista da instrução primaria, embora sempre cuidando de ampliações, por causa do aumento constante da frequência escolar. Cabe ainda neste relatório, referências aos Jardins de Infância de Harmonia e Lagoa, ambos mantidos pelas Indústrias, sob a direção das sras. Irma Banatkowski e Edith Gordan[362].

Em 1961, 18 eram as escolas florestais em funcionamento sob comando da indústria Klabin.

A última notícia de heterorreferência sobre o local e o regional onde os feitos da Klabin recebem destaque nas notícias diz respeito à implantação da cantina no Grupo Escolar Manoel Ribas. Diante disso, o jornal publicou que "as I.K.P.C concordaram não só com a construção da Cantina, como também em dotá-la de todos os apetrechos necessários ao

---

[357] FERNANDES, Hellê Vellozo. 1948 – Sociais Literárias – 1959. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.

[358] WAMBIER, Daily Luiz. A vitória da inteligência. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.10, 23 de novembro de 1950.

[359] Ensino Primário em Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná – p,16 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

[360] Acredita-se que a preocupação com o ensino na Fazenda Monte Alegre estivesse relacionado à educação de futura mão-de-obra.

[361] FERNANDES, Hellê Vellozo. Escolas do Mato. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03, 22 de dezembro de 1960.

No interior de Monte Alegre haviam núcleos populacionais fixos, como Lagoa e Harmonia, mas também haviam os acampamentos, que eram montados e desmontados pelo interior da Fazenda conforme a necessidade de extração de matéria-prima do local. Como a exploração de um dado pedaço de terra podia demorar meses, próximo dali eram construídas casas de madeira para que os funcionários e suas famílias pudessem morar. Devido a distância até Harmonia ou Lagoa, onde haviam escolas para que seus filhos pudessem estudar, dificultando a educação dessas crianças, a Klabin achou por bem oferecer a infraestrutura para que fossem educados nos próprios acampamentos.

[362] Ensino Primário em Monte Alegre. *O Tibagi*.Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.16 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

funcionamento; de pagar duas funcionárias para nela trabalharem e completar a verba necessária à manutenção"[363]. Esta notícia, assinada pela direção das I.K.P.C. ressalta a adesão dos pais, quando reunidos para a decisão de implementação da cantina escolar, enquanto um ato de louvor e gratidão à benevolência da indústria.

Enquanto estratégia linguística na construção de sentidos outros, os feitos da Klabin são ressaltados 11 notícias que abordam a construção de um campo de aviação[364], a implementação de merenda escolar[365], a doação de um terreno "grande e estratégico" para a Congregação dos Redentoristas[366], a construção de uma nova sede para o Harmonia Clube[367], a edificação do Colégio Estadual "Wolff Klabin"[368] e posterior aumento[369], oferta de assistência social, média e hospitalar aos trabalhadores dos acampamentos do mato[370] e concessão das casas de madeira aos funcionários que adquiriram lotes em Cidade Nova[371].

Segundo o jornal O Tibagi, "o maior trabalho realizado" pela Klabin foi "sem dúvida" a implementação das Escolas Florestais: "quando o problema era deixar a criança do mato analfabeta ou alfabetiza-la com um mínimo de recursos, houve por bem a diretoria das IKPC decidir que se tentasse esse mínimo"[372]. O mínimo a que se referem nesta notícia trata-se do corpo docente de tais escolas. Por serem acampamentos muito distantes dos núcleos populacionais e pela escassez de profissionais da educação dentro da Fazenda Monte Alegre, as mulheres dos trabalhadores de tais acampamentos que fossem alfabetizadas eram orientadas em Cursinhos de Férias e nas visitas da inspetoria da Klabin[373]. As benesses da Klabin em relação às crianças dos acampamentos florestais não restringiam-se somente à escolaridade. Ao término do ano letivo, na festa de encerramento eram agraciadas com refrigerantes, balas e sanduíches oferecidos pela indústria.

---

[363] IKPC. Grupo Escolar "Manoel Ribas". *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.23 de novembro de 1953.
[364] ARPELAU, Cacildo Batista. Mais dois anos de honesta e proveitosa administração. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.04, 23 de novembro de 1949.
[365] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[366] AUSTIN, Padre José. Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.10 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[367] Harmonia Clube. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1954.
[368] Cidade Nova e seu marcante progresso. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 30 de novembro de 1958.
[369]*O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08b e 08c, 22 de dezembro de 1960.
[370] FERNANDES, Hellê Vellozo. Em pleno reflorestamento – um ano de trabalho. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.16 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958.
[371] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958.
[372] Noticiário Escolar. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná,p.03, 15 de dezembro de 1962.
[373] Noticiário Escolar. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná,p.03, 15 de dezembro de 1962.

A partir da análise das notícias de heterorreferência sobre o local e o regional, os feitos da Klabin nada mais são que ações de caridade e de auxílio à população. A partir da prática, mas especialmente por sua enunciação, colocam-se, mais uma vez, enquanto mediadores dos conflitos e, principalmente, das necessidades dos moradores locais.

4.6.8 Personalidades Ilustres

O discurso competente está para a autorreferência como a presença de personalidades ilustres estão para a heterorreferência. Como já dito, entre as consequências – para não dizer objetivos – do jornal na publicação de notícias sobre o local e regional era a divulgação do progresso e da prosperidade local. Ao discursar sobre a presença de pessoas ilustres na Fazenda Monte Alegre e/ou Cidade Nova, conotava status à localidade, voltando os olhares dos leitores do periódico para o "progressista distrito da Terra de Telêmaco Borba"[374].

São quatro as notícias que tem como tema principal personalidades ilustres locais, sendo destacadas as qualidades de: Cacildo Batista de Arpelau, que "além do Alto cargo de Chefe da Seção do Pessoal das I.K.P.C. – S.A, é zeloso Sub-Delegado de Polícia de Monte Alegre, funções que vem desempenhando com geral agrado"[375]; Péricles Pacheco da Silva, "superintendente da Rádio Sociedade Monte Alegre Ltda. e membro destacado da Diretoria das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A; Lauro Nery do Canto, "grande amigo nosso, de Monte Alegre, grande amigo de 'O Tibagi'"[376]; e Karl Zappert, quando da publicação de sua biografia. O trecho a seguir foi retirado da biografia de Karl Zappert, publicada em 1956, e contribui à modulação do relacionamento entre patrões e empregados:

> Peça importante em Monte Alegre, tão importante como as próprias máquinas de papel, é o dr. Karl Zappert.
> Diretor Técnico da Fábrica, sôbre seus ombros pesa uma grande parte da vida de Monte Alegre, cuja razão única de existir é devido a êsse colosso de organização, que são as Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A. Todos nós conhecemos Dr. Zappert. Sabemos da sua bondade, do seu espírito de justiça, do seu cavalheirismo, da sua alta capacidade, do seu valor, enfim. Mas, êle, por outro lado, também, conhece a todos nós. Sabe, de-cor, os nossos nomes. Interessa-se pela vida de cada um. Com zêlo e carinho paternais. E porque nós somos tantos e êle um só, eis o interessante de êle nos conhecer assim tão bem. Em nós há a obrigação de conhecê-lo; nele revela-se aquêle espírito fino dos homens trabalhados para missões elevadas na vida. Eis porque êstes ligeiros Traços Biográficos representam, antes de mais nada, um preito de reconhecimento que todos nós, montealegrenses, lhe tributamos[377].

[374] VERNAY, Borell Du. Monte Alegre – um luminoso marco na estrada. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.21, 23 de novembro de 1950.
[375] Sr. Cacildo Batista de Arpeulau. *O Tibagi*. Monte Alegre – tibagi – Paraná, p.16, 23 de novembro de 1956.
[376] Dr. Lauro Nery do Canto. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.16, 23 de dezembro de 1957.
[377] MARENDA, João. Traços Biográficos Dr. Karl Zappert. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1956.

A categoria personalidades ilustres empresta sentido ao passado anterior a chegada dos industriais à região, quando da exaltação à figura de Telêmaco Morosine Borba[378]; à gratidão à Horácio Klabin, legitimando e reforçando seus feitos para a construção de um sentimento de reconhecimento[379]; ao progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre, destacando os feitos de Samuel Klabin em relação ao apoio prestado ao Harmonia Clube[380].

Na categoria feitos da Klabin há destaque para a presença do então Presidente do Brasil, Getúlio Vargas, em Monte Alegre[381]. Quando do desenvolvimento industrial, especialmente nos textos escritos por Karl Zappert, há referências aos ilustres que por aquelas terras passaram: "recordando as inúmeras visitas que, mais uma vez, honraram Monte Alegre com a sua presença, durante este último ano, não há dúvida em constatar, que a mais empolgante, famosa e inesquecível foi a do Senhor Presidente da República, S. Excia. Dr. Getulio Vargas"[382], acompanhado Governador do Estado na época, Dr. Bento Munhóz da Rocha, e dos Ministros da Fazénda e da Viação e Óbras públicas, "além de outras personagens ilustres que compunham a sua comitiva"[383]. De acordo com Zappert, tanto esta como a visita anterior de Getúlio à Monte Alegre, que data 25 a 27 de janeiro de 1944, foi uma das mais importantes da história local.

Segundo o autor da coluna anual História de Monte Alegre, "é quase impossível relatar todas as visitas que aqui estiveram durante o ano que passou", mas não deixa de fazer sua tentativa. Relata que por ali passaram "uma grande comissão de afamados economistas, chefiados pelo atual [1953] presidente do Banco do Noroeste"[384]; membros "ilustres"[385] da Associação Brasileira de Normas e Técnicas; representantes do 1º Congresso Florestal, que

[378] Notas Paranistas. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.04, 23 de novembro de 1948.
[379] NERY, Lauro. Sem Crônica. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.07, 23 de novembro de 1949, O Estádio Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.8, 23 de novembro de 1952, Dr. Horácio Klabin e Pericles Pacheco da Silva, pedestais da tradição alvi-negra. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.04, 23 de novembro de 1956 e FERNANDES, Hellê Vellozo. Os Homens Titãs. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1961.
[380] Harmonia Clube. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1954.
[381] Ensino Primário em Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.16 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[382] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[383] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[384] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[385] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

apreciaram e elogiaram o serviço de reflorestamento realizado em Monte Alegre[386]; professores e estudantes das escolas superiores da Universidade de Curitiba[387]; membros das diversas armas militares e de altas patentes da Aeronáutica Nacional, bem como a Escola Superior de Guerra[388]; industriais estrangeiros[389]; e uma comitiva composta de "proprietários de importantes jornais brasileiros e de jornalistas, os mais ilustres"[390].

Zappert, em 1957, noticia o falecimento de Wolff Klabin, aproveitando a oportunidade de ressaltar as qualidades do "grande chefe e amigo", que, segundo o autor, foi um dos idealizadores e criadores da indústria, bem como de todas as instalações sociais dali. Zappert finaliza suas considerações a esse respeito dizendo: "a perda dêste grande homem foi um rude golpe para Monte Alegre, porém o seu espírito continuará e a sua memória ficará sempre no coração de todos os que com êle colaboraram durante os primeiros anos de desenvolvimento de Monte Alegre"[391].

Ao todo, 16 são as vezes que o jornal utiliza como argumento as personalidades ilustres locais, regionais e nacionais, sendo em 04 notícias o tema principal. A partir da análise, duas são as interpretações possíveis: a primeira, já mencionada, trata de assegurar as qualidades locais a partir da apreciação de sujeitos conhecidos e conceituados da população. Já a segunda diz respeito à criação de um lugar de reconhecimento para pessoas da própria sociedade montealegrense e/ou cidade-novense.

4.6.9 Menções à cidade de Tibagi

Durante a leitura do corpus documental de notícias heterorreferentes sobre o local e o regional foi possível observar 02 textos que tem enquanto assunto principal a cidade de Tibagi. A primeira menção foi publicada em 1949 e trata do terceiro mandato de Leopoldo Leonel de Sá Mercer na prefeitura municipal de Tibagi. Já o segundo, publicado em 1957 sem assinatura, trata dos rumos que a cidade vinha tomando:

> Tibagi possui muitos fatores favoráveis que poderiam impulsionar o seu progresso, libertando-a da estagnação e do marasmo: bom clima, boas águas, enorme extensão

[386] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[387] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[388] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[389] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[390] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[391] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08, 23 de dezembro de 1957.

> territorial, terras boas para diversas culturas dependendo apenas de métodos modernos para o melhor aproveitamento de suas características. (...) Possui, pois, a comuna, tudo ou quase tudo quanto é necessário para projetar-se na concêrto dos demais municípios paranaenses como um paradigma de progresso. Falta, porém ao tibagiano, em geral, o espírito de iniciativa, o arejamento das idéias e a fôrça de vontade para combater a inercia e o individualismo.O tibagiano não possui o espirito coletivo: (...) São numerosas as pessoas que aqui vivem e ganham sua vida, aqui nasceram e educaram os filhos, mas que se tornam proprietários fóra daqui, desprezando a cidade que lhes deu tudo. (...) "Tibagi não vai". (...)A natureza foi pródiga para com Tibagi: clima, águas, terras, gemas preciosas, topografia linda. (...) Falta-nos, portanto, apenas o elemento humano, o tibagiano, evoluir, (...) E, o que é melhor, terá desaparecido essa triste história de que Tibagi "não vai"[392].

A leitura desta notícia permite ricas inferências, principalmente em relação à questão identitária do cidadão montealegrense e cidade-novense. A primeira questão que se coloca pressupõe (porque não está explícito no texto, mas conclui-se a partir da experiência reflexiva humana) uma oposição entre o ideal de modernidade presente nos núcleos habitacionais urbanos relacionados à Klabin e o marasmo da pacata Tibagi. Por meio da observação da construção do texto, também é possível observar questões relativas ao pertencimento. O autor (oculto porque esta notícia não foi assinada) parece não saber direito a respeito de sua formação identitária, pois ora escreve sobre Tibagi de modo impessoal, ora se coloca como participante da história do município. Talvez seja por este motivo que o jornal O Tibagi, quando da publicação de notícias referentes à história local e regional as apresentem enquanto curiosidades, e sem filiação.

Outra curiosidade que merece destaque em relação à construção das frases nas notícias diz respeito à utilização do termo cidade/município para referir-se à Fazenda Monte Alegre e à Cidade Nova, muito antes da emancipação do local. Apesar do estado se fazer presente nos núcleos populacionais urbanos ligados à Klabin por meio de Tibagi, quando o assunto era o desenvolvimento urbano, econômico e social – por exemplo –, Monte Alegre e Cidade Nova se destacavam em relação ao município pertencente. Acredita-se que o motivador desse discurso foi a noção de progresso e a oposição campo x cidade, também presente no ideal de modernização.

Enquanto estratégias para a construção de outros sentidos, as menções à cidade de Tibagi estão presentes quando o assunto principal é a autovalorização, o passado anterior a chegada dos industriais à região, personalidades ilustres, progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; e Cidade Nova e seu desenvolvimento, totalizando 11 ocorrências. Tais alusões são bastante ligeiras, citando a cidade apenas para situar geograficamente a indústria

[392] Tibagi Não vai. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.16, 23 de dezembro de 1957.

Klabin[393] ou a história de vida de Karl Zappert[394] e Telêmaco Morocines Borba[395]. Como pode ser visto, outras menções à cidade estão relacionadas ao passado anterior a chegada dos industriais à região.

4.6.10 Autovalorização[396]

Entre as notícias heterorreferentes sobre o local e o regional identificadas nas edições especiais de aniversário foi encontrada apenas uma em que a autovalorização pode ser compreendida enquanto o assunto central do texto:

> As Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A, com as suas Fabricas e os seus núcleos de população, de escritórios e de operários, situadas em Monte Alegre, município de Tibagi, neste Estado, são no gênero o maior potencial industrial da América do Sul[397].

Por se tratar de uma notícia presente no primeiro exemplar do jornal O Tibagi, momento em que o contrato de leitura começa a ser estabelecido, fez-se necessária a referência à cidade de Tibagi, uma vez que o periódico não era veiculado apenas dentro dos limites da Fazenda Monte Alegre. Era necessário situar o leitor para que o discurso sobre o progresso e a prosperidade local contribuíssem à sua autovalorização.

A autovalorização, apesar de não ser o assunto principal tratado nas notícias heterorreferentes, foi utilizada 18 vezes como estratégia linguística na construção de outros sentidos. A principal recorrência de auto afirmação encontra-se relacionada ao desenvolvimento industrial local. Afirmam-se enquanto a maior fábrica de papel da América do Sul[398], que, por sua vez, possui a maior máquina de papel da América do Sul[399], da qual a imprensa brasileira se abastece[400].

---

[393] Notas Paranistas. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.04, 23 de novembro de 1948.
[394] MARENDA, João. Traços Biográficos Dr. Karl Zappert. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1956.
[395] Nossa Homenagem a Tibagi – Cel. Telêmaco Borba. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.
[396] Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de heterorreferencialidade sobre o local e o regional que exaltam o reconhecimento da Klabin e, por extensão, Monte Alegre e Cidade Nova.
[397] Notas Paranistas. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.04, 23 de novembro de 1948.
[398] Em alguns momentos referem-se à Klabin como a maior fábrica de papel da América Latina. CAMARGO, Otavio. Notícias do Município – Monografia histórica corográfica de Tibagí. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02, 23 de novembro de 1948; Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.07, 23 de novembro de 1950; Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.23, 23 de novembro de 1952; e Cidade Nova. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1956.
[399] ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.05, 23 de novembro de 1952.
[400] Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.07, 23 de novembro de 1950.

Ainda em relação ao maquinário, *a* autovalorização exalta a qualidade de tais equipamentos fazendo referência à sua qualidade, capacidade[401], modernidade[402] e exclusividade[403]. Este reconhecimento se estende aos produtos fabricados por meio de tais máquinas e comercializados pela Klabin:

> ...o mercado nacional aceitou, em rítimo [sic] crescente, os nossos produtos, reconhecendo, assim que estes produtos atingiram nível igual aos produtos estrangeiros, muito especialmente, no que diz respeito à celulose. As fábricas de papel de todos os estados do país, não faltaram com elogios á bôa melhora alcançada aqui. Desta maneira, a indústria de Monte Alegre se colocou na vanguarda, junto ás indústrias idênticas de outros paises[404].

Outra estratégia linguística para a autovalorização versa sobre as construções locais: o Hotel Ikapê só pode ser comparado aos das capitais[405]; o Estádio Monte Alegre "continua sendo" o mais completo e moderno do interior do Estado do Paraná[406]; o grupo escolar e o jardim de infância são modelares, como poucos estabelecimentos escolares no país[407]; o hospital de modernas instalações, oferece serviços cirúrgicos e de raio X como poucos no Paraná[408]; a arquitetura suíça da sede do Harmonia Clube[409]; e a instalação dos bondes aéreos sobre o rio Tibagi, "os únicos no gênero em todo o Brasil"[410].

A última estratégia linguística de autovalorização utilizada nas notícias de heterorreferência diz respeito aos feitos locais, como a produção de fubá da Secção de

---

401 "...a fábrica de Monte Alegre possui agora, a maior superclandra (?), a maior cortadeira transversal e a mais eficiente rebobinadeira de todas as fabricas de papel do Brasil". ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12, 23 de novembro de 1953.

402 "Na parte industrial há especialmente a mencionar que a nova e moderníssima máquina de papel nº.4 cujo embarque atrazou tanto devido ás dificuldades nos Estados Unidos, afinal chegou, sendo montada entre os meses de Abril e Agosto de 1954 e iniciou seus serviços em 15 de Setembro do ano em curso. Esta máquina sem dúvida é hoje em dia a mais moderna e aliás também a mais bonita máquina de papel em toda América Latina" (ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.07, 23 de novembro de 1954) e "outros equipamentos estão sendo adicionados, completados, e a fábrica, com ruas asfaltadas, cada vez mais limpas, com novos prédios de boa arquitetura, como o da Maquina 5, poderá enfrentar a comparação com fabricas modernas de paises avançados" (WILLER, Vilém. Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.16, 23 de novembro de 1959.

403 "Na própria fábrica iniciou-se um grande aumento na fábrica de Celulose Sulfato, como também a instalação de um novo processo chamado Pasta Chemi-Mecânica. Êste processo só existe, em funcionamento, em duas outras fábricas no mundo inteiro" (ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.11, 23 de novembro de 1956) e "Êsse sistema de recuperação de soda, que é, sem dúvida, a primeira dêste tipo em toda a América Latina, e poucas fábricas, nos países norte-americanos e europeus, têm instalações tão modernas como aquela aqui em Monte Alegre" (ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12, 23 de novembro de 1958).

404 ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.05, 23 de novembro de 1952.

405 Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.23, 23 de novembro de 1952.

406 O Estádio Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08, 23 de novembro de 1952.

407 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12, 23 de novembro de 1953.

408 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.07, 23 de novembro de 1954.

409 Harmonia Clube. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.14, 23 de novembro de 1956.

410 Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956.

Agronomia, "tão bom quanto qualquer outro"[411], e a vitória do Clube Atlético Monte Alegre no campeonato paranaense de 1955, "a mais bela conquista jamais conseguida por clubes interioranos"[412].

O que chama a atenção para a utilização da autovalorização enquanto argumento para a construção dos textos jornalísticos heterorreferentes é a ênfase dada, especialmente em relação à indústria e, por extensão, ao progresso e a prosperidade na Fazenda Monte Alegre.

Como é sabido, o jornal era distribuído não somente nos limites da fazenda e em Cidade Nova, mas os extrapolava, chegando ao conhecimento da população em geral, fossem eles investidores ou trabalhadores. Assim, tais estratégias discursivas contribuíam na construção da imagem da Fazenda Monte Alegre, atraindo o olhar para o local. Tal postura parece ter obtido êxito, pois segundo Dona V., seus pais vieram de Paranaguá pois a notícia de trabalho na Klabin, que "já era conhecida no mundo inteiro", havia se espalhado[413].

4.6.11 Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional

O discurso a respeito da contribuição da Klabin – e, por extensão, de Monte Alegre e Cidade Nova – para o desenvolvimento regional e nacional não aparece em nenhuma das 77 notícias de heterorreferencialidade enquanto assunto principal. Entretanto, onze foram as vezes em que esta ideia foi utilizada enquanto estratégia discursiva na construção de outros sentidos, tais como: Cidade Nova e seu desenvolvimento, desenvolvimento industrial, feitos da Klabin, personalidades ilustres, progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre e relacionamento e vivência em Monte Alegre.

As referências à contribuição para o desenvolvimento regional e nacional são recorrentes nos textos escritos e/ou relacionados à Karl Zappert, especialmente em História de Monte Alegre. Como já mencionado, esta coluna, publicada anualmente, descreve os principais acontecimentos relacionados à Klabin, com ênfase no desenvolvimento industrial. Para tanto, versa sobre a contribuição da indústria Klabin para a imprensa, por meio da fabricação de papel jornal[414] e de "vários tipos de papel que vinham escasseando ultimamente"[415]. Além disso, contribui na construção do imaginário acerca da função do

[411] Passeio à Colônia. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08, 23 de dezembro de 1957.
[412] Clube Atlético Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03, 23 de novembro de 1959.
[413] VIEIRA, A.F.B. Entrevista concedida por Dona V. em 17.04.2014.
[414] KARL, Zappert. História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.05, 23 de novembro de 1951 e KARL, Zappert. A História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p, 05, 23 de novembro de 1952.
[415] KARL, Zappert. História de Monte Alegre. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.07, 23 de novembro de 1954.

trabalhador local: "acho, que todos os que aqui trabalham devem orgulhar-se deste fáto, pois que demonstra entre outras coisas, uma bôa vontade e um senso de responsabilidade extraordinarios de todos os operários daqui em bem servir á Pátria"[416].

Karl Zappert também escreveu uma *carta a um bom amigo*, discorrendo a respeito de sua opinião diante dos conflitos vivenciados pelos empregados da fábrica. Nela faz referência à contribuição local para o desenvolvimento regional e nacional, dizendo: "continue trabalhando com afinco e interesse, como sempre o fez assim procedendo. Você e a nossa indústria e com ela, toda a nação progredirá, dando margem a que cada filho da nossa terra melhore suas condições de vida"[417].

Como é possível perceber, o discurso a respeito da contribuição da Klabin - e da Fazenda Monte Alegre e Cidade Nova, por extensão – são frequentes nos escritos de Karl Zappert. Talvez seja por este motivo que até mesmo sua biografia, organizada por João Marenda, também utilize este tema enquanto estratégia argumentativa[418]. Tal referência igualmente não foi deixada de lado quando Vilém Willer assumiu a função de descrever o desenvolvimento industrial local, em decorrência do regresso de Zappert para a Europa:

> A construção e a montagem da Máquina 5 ocuparam o primeiro semestre do ano. Com os esforços concentrados do pessoal técnico, foi terminada a contagem dentro do prazo programado e a máquina iniciou seu funcionamento regular no dia 17 de julho. A capacidade de aproximadamente 3500 kg por hora de celulose, seco ao ar, ultrapassa o programa prévio e permite uma produção bruta de 3.000 toneladas por mês, vendidas às outras fábricas de papél, economizando ao país cambiais, pela redução da importação de celulose estrangeira[419].

A contribuição para o desenvolvimento regional e nacional enquanto estratégia discursiva na construção argumentativa sobre o desenvolvimento industrial local contribui na instituição do imaginário acerca do papel do trabalhador da indústria Klabin, ao mesmo tempo em que modula seu comportamento, uma vez que o operário deve esforçar-se ao máximo para contribuir com a riqueza coletiva[420].

A industrialização enquanto contribuição para o desenvolvimento regional e nacional não está atrelada somente à indústria de papel, mas também a outra realização Klabin: o plantio de oliveiras, que, segundo o jornal O Tibagi, resolveria um dos problemas nacionais

[416] KARL, Zappert. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[417] KARL, Zappert. Um pouco de filosofia do trabalho (Carta a um bom Amigo). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.5 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[418] MARENDA, João. Traços Biográficos Dr. Karl Zappert. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1956.
[419] WILLER, Engº Vilém. Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.16, 23 de novembro de 1959.
[420] NERY, Lauro. Harmonia. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1948.

(importação). A Olibrasa S/A trata-se de "um projeto que honra o Brasil (...) e temos a certeza de que esta realização será um orgulho não só para nós, mas também para o Paraná porque assim, de fato, se trabalha pelo Brasil"[421].

A respeito de Cidade Nova, trata-se de

> Uma modificação completa do aspéto e do panorama da região rural de Monte Alegre, se constituiu no inicio da construção da Nova Cidade, sita ao lado esquerdo do rio Tibagí e, aliás, exatamente oposta á fábrica. (...) A área de Nova Cidade foi loteada no princípio deste ano e, já estão sendo erguidas numerosas novas casas, destinadas aos futuros lares e estabelecimentos modernos. Espera se, que no próximo ano, este novo empreendimento se desenvolverá grandemente, contribuindo, assim, para o maior progresso do Estado do Paraná[422].

As modificações no aspecto da paisagem local, dentro da perspectiva da modernização e industrialização, também contribuíram ao desenvolvimento regional e nacional quando da construção da "maior usina hidro-elétrica do Paraná, ainda com a vantagem de haver agora excesso de enêrgia elétrica, coisa, hoje, tão rara no país"[423] e da ponte sobre o rio Tibagi, ligando a Fazenda Monte Alegre à Cidade Nova.

4.6.12 Inferências gerais sobre a heterorreferência no jornal O Tibagi

Ao analisar os conteúdos dos textos do jornal O Tibagi sobre o local e o regional é possível afirmar que os discursos autorreferentes e heterorreferentes são complementares, uma vez que o detentor do poder simbólico precisa, primeiramente, assegurar seu lugar de construtor de realidade à população. Em outras palavras, o jornal necessitava assegurar sua posição de enunciador, firmar seu contrato de leitura com o público, para então (in) formar as pessoas sobre a história local, preenche-los de sentidos.

Em O Tibagi a heterorreferência contribui na formação de sentidos no que diz respeito ao imaginário sobre a "maior fábrica de papel e celulose da América do Sul"[424] e à valorização local e das pessoas ilustres que por ali passaram, pois "Cidade Nova é a cidade que cresce"[425] e a Fazenda Monte Alegre é um progressista distrito[426], em decorrência do desenvolvimento industrial e da benevolência da Klabin. Além destes sentidos, a modulação de comportamentos no que diz respeito ao relacionamento e a vivência em Monte Alegre por

[421] MARENDA. O que é o que pretende fazer em Cidade Nova a OLIBRASA S/A. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957.
[422] ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.05, 23 de novembro de 1952.
[423] WILLER, Vilém. Retrospecto. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.25, 23 de novembro de 1951.
[424] Notas Paranistas. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.04, 23 de novembro de 1948.
[425] Cidade Nova – A Cidade que Cresce. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.
[426] VERNAY, Borell Du. Monte Alegre – um luminoso marco na estrada. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.21, 23 de novembro de 1950.

meio de narrativas que incentivavam o trabalhador a contribuir para o progresso da nação[427], a ter relações harmoniosas[428], ser agradecido ao seu chefe e amigo Horácio Klabin[429].

Ao observar as categorias que emergiram com a análise de conteúdo das notícias heterorreferentes sobre o local e o regional é possível questionar a participação do jornal na construção do discurso fundador de Telêmaco Borba, já que poucas são as menções ao passado anterior a chegada dos industriais e à cidade de Tibagi. Entretanto, justamente por esta ausência de filiação ao passado, somada ao fato da população ser atingida por inúmeros outros discursos, foi sendo criado um sentimento de filiação a estas novas narrativas publicadas pelo jornal, ao mesmo tempo em que se estabelecia o discurso fundador local.

[427] ZAPPERT, Karl. Um pouco de filosofia do Trabalho (Carta a um bom Amigo). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.05 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.
[428] NERY, Lauro. Harmonia. *O Tibagi.* Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1948.
[429]Monte Alegre e os festejos de 15 de novembro – Solenidades Cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascada – Inauguração do pôsto de reabastecimento "Esso". *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.08, 23 de novembro de 1949.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da noção de região empregada neste trabalho permite extrapolar os limites e fronteiras de um município, pensando sua história local a partir de todos os sujeitos que por ali já passaram. Dessa forma, a história da cidade de Telêmaco Borba, em relação ao histórico publicado no site da Prefeitura Municipal, não teria início somente em 1941, com a compra das terras correspondentes à Fazenda Monte Alegre pela família Klabin, mas é anterior, pois por ali passaram indígenas, bandeirantes, tropeiros, sesmeiros, trabalhadores... Entretanto, como visto na primeira parte do trabalho, as relações políticas e de poder estabelecidas pelo grupo Klabin contribuíram à "inauguração" do local com a chegada do empreendimento.

Para manter-se enquanto detentor do poder, o grupo Klabin precisava afirmar sua posição de construtor da "realidade". Assim, o jornal de propriedade de Horácio Klabin desempenhou papel fundamental nesta manutenção. Em igual medida, para o jornal O Tibagi também era necessário garantir seu lugar de enunciador, firmando um contrato de leitura com o público, para, então, produzir efeitos de sentido. Assim, as estratégias utilizadas na construção de sua imagem para a população montealegrense foram a autorreferência e a heterorreferência.

Os discursos de autorreferência e heterorreferência aqui analisados tratavam de temas locais e regionais, permitindo inferir a respeito da visão do grupo e as estratégias argumentativas por ele utilizadas. Esses discursos visavam preencher a população de sentidos, buscando formar uma visão homogênea sobre a história local. Assim, as narrativas disseminadas tratavam: de enaltecer o lugar e a empresa; do desenvolvimento de Cidade Nova, conotando seu surgimento à Horácio Klabin, que por este e outros motivos seria digno da gratidão da população; da contribuição da Klabin no incremento do estado e da nação; do desenvolvimento industrial local, visando atrair trabalhadores e investidores; da benevolência da Klabin com seus feitos assistencialistas em relação aos seus empregados; da constante presença de personalidades ilustres no local, conotando prestígio à Monte Alegre; da modulação de comportamentos, bem como do relacionamento entre patrões e empregados. Tais discursos preenchiam os leitores de O Tibagi, contribuindo à formação de sentidos sobre o local e o regional, e, sobretudo, sobre sua própria identidade, pois filiavam-se a esta narrativa, que por ter sido publicada no jornal – que já tinha estabelecido seu lugar de

enunciador por meio de estratégias discursivas/ estratégias de imagem – ganha conotação de verdadeira, oficial.

Para que tais estratégias argumentativas produzissem sentidos, a história anterior à indústria foi "esquecida"[430] para dar lugar a uma outra, construída, sistematizada discursivamente conforme interesses particulares. Há aí, no lugar do resgate passado, a instauração de uma história, inaugurada com a chegada da indústria, do novo, do moderno ao lugar – em conformidade com os ideais da época. O que faz o discurso disseminado pela Klabin por meio do jornal O Tibagi é a criação de uma nova tradição, "ele re-significa o que veio antes e instituiu aí uma memória outra" (ORLANDI, 2003, p.13), desautorizando o sentido anterior. Nesta prática, "instala-se uma outra 'tradição' de sentidos que produz outros sentidos neste lugar" (ORLANDI, 2003, p.13), que ao tornar-se familiar, a história passa a ser percebida enquanto evidente, que foi assim e que só poderia ser daquele jeito[431].

Se, por ventura, as menções feitas à cidade de Tibagi e ao passado anterior à chegada dos industriais tivessem um sentido de filiação[432], e não fossem considerados principalmente acontecimentos curiosos dignos de nota pela peculiaridade que tem[433], certamente a identidade do cidadão telemacoborbense seria outra.

Acredita-se, dessa maneira, que a influência do jornal O Tibagi à construção do discurso fundador de Telêmaco Borba não está no fato deste publicado uma história sistemática sobre o local, porque não o fez. Antes trata-se do não contar, do não-dizer, que também é necessário para que o sentido que se pretendia dar fizesse sentido. É justamente esta ausência de filiação ao passado que contribui à familiarização com outros discursos. A disseminação de narrativas sobre a chegada do progresso àqueles "sertões", entre outras estratégias argumentativas já exploradas, emprestou sentido à criação de uma nova história

[430]Orlandi (2012), pautada nos escritos de M. Pêcheux (1975), apresenta dois tipos de esquecimento: o ideológico e o enunciativo. O primeiro trata de uma forma de esquecimento, muitas vezes inconsciente, e passa a compor o sentido a partir do modo pelo qual o sujeito é afetado pela ideologia. O segundo tipo de esquecimento, o enunciativo, faz com que os sujeitos, ao falarem, o façam de determinada maneira e não de outra, ou seja, esta forma de esquecimento está significando no dizer, mesmo que o enunciador não tenha percepção disso.

[431] A esse respeito é possível dizer que "a história está ligada a práticas e não ao tempo em si. Ela organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não a cronologia: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas a relação com o poder" (ORLANDI, 2008, p.42). Se a cronologia fosse o parâmetro determinante da organização da história de um determinado lugar, talvez a história oficial de Telêmaco Borba começasse muito antes e não em 1941, como oficializou a PMTB quando a publicação de seu histórico no site do município.

[432]Quando da organização da história "inaugural" da localidade, não houve filiação a acontecimento anteriores à chegada da Klabin ao lugar, mas que esta filiação foi feita e reforçada em relação às ações da própria indústria, pela indústria.

[433] Para Orlandi (2008), existem momentos em que um discurso se faz passar por outro, ou seja, "apaga-se o discurso histórico e produz-se um discurso sobre a cultura. Com efeito deste apagamento, a cultura resulta num 'exotismo" (ORLANDI, 2008, p.21).

para o lugar, com data de inauguração: 1941, com a aquisição das terras correspondentes à Fazenda Monte Alegre pelas Indústrias Klabin. A partir de tais discursos, a identidade dos trabalhadores da indústria, oriundo de diversas partes do país e do exterior, já foi formada tributando a existência do lugar a partir da indústria. E, assim, vem passando de geração em geração esta "herança" histórica e identitária.

6 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Pierre Nora, ou o historiador da memória (entrevista). História Social, Campinas – SP, nº06, 1999, p.30.
CARVALHO, Dinizar Ribas. *Telêmaco Borba – o município*: História política da capital do papel e da madeira. Curitiba: o autor, 2006.

CENTRO DE MEMÓRIA DA KLABIN. *Histórico do Sr. Horácio Klabin*. s/d.

CERRI, L. F. *Ensino de História e consciência histórica*: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHAUÍ, Marilena. O Discurso competente. In: CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia*. São Paulo: Cortez, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítica de Escritoras Brasileiras*: 1711-2001. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=hn8f_Vs-mZAC&pg=PA251&lpg=PA251&dq=Hell%C3%AA+Vellozo+Fernandes+faleceu+em&source=bl&ots=tQpqQnkWZ7&sig=Og0RmAMXkXjyiwYgRyvcJIU80NE&hl=pt-BR&ei=-Dl0TvOkEYWtgQfQw4wC&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=8&ved=0CEkQ6AEwBw#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 02/05/2013.

CORAIOLA, André Miguel Sidor. *Capital do Papel:* a história do município de Telêmaco Borba. Curitiba: A. M. S. Coraiola, 2003.

CUNHA, Anacília Carneiro da. *Homem de Papel: Análise Histórica do Trabalhador das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A (1942-1980).* [Dissertação] Curitiba, UFPR, 1982.

DAMASCENA JR., Gildete. O discurso de modernidade na Era Vargas como instrumento de poder e na afirmação de uma classe de gestores no estado brasileiro. Disponível em: http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(21).pdf. Acessado em: 23.12.2014.
ENNE, Ana Lúcia. S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. *Revista Fronteiras* – estudos midiáticos. VI(02): 101-116, julho/dezembro, 2004.

FAUSTO NETO, Antônio. Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos. In: Diálogos Possíveis - *Revista da Faculdade Social da Bahia*. Ano 6, n.2 (jul./dez) Salvador: FSBA, 2007.

_____. *Mutações nos Discursos Jornalísticos*: Da 'construção da realidade' a 'realidade da construção'. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1804-1.pdf. Acessado em: 28/10/2014.

FERNANDES, Hellê Vellozo. *Monte Alegre - Capital do Papel*. Curitiba, 1974.

FONSECA JUNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). *Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FOSSÁ, M.I.T.; RIBEIRO, D.B. A produção de sentidos em discursos jornalísticos por meio de estratégias de imagem. *Revista Comunicação Midiática*, v.5, n.1, p.61-75, set./dez. 2010.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A construção do campo do jornalismo em uma perspectiva histórica. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 18, p. 1-18, janeiro/junho 2008.

GALVÃO, O.C.; SANTOS, M.J.C. dos. *Nas ondas do rádio: nascimento e evolução da radiofonia em Telêmaco Borba*. Telêmaco Borba, 2011.

GINZBURG, C. Relações de força. São Paulo: Cia das Letras, 2002

GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In. História da vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2005.

MARGALHO, Maurício Gonçalves. *Klabin: os empresários, a empresa e as estratégias de construção da hegemonia (1930-1951)*. [dissertação]. Niterói, UFF, 2008.

MELO, Isabelle Anchieta de. A defesa de uma nova objetividade jornalística: a intersubjetividade. BOCC. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, v. 01, p. 07, 2007. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-intersubjectividade.pdf. Acesso em: 10.10.2013.

MOURELLE, Thiago Cavalieri. Apontamentos sobre a modernidade e seus reflexos sobre o Brasil do século XX. In: *Revista Contemporânea* – Dossiê Nuestra America. Ano 2, nº2, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: dez. de 1993.

OLIVEIRA, Rosimar Regina Rodrigues de. A "Marcha para o Oeste" no Brasil: entre a civilização e o sertão. [Tese]. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2013.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos. 10ª ed. Campinas, SP – Pontes Editores, 2012.

_____. Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo. Editora Cortez, 2008.

_____ (org.). Discurso Fundador – A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2003.

PASSOS, John dos. *O Brasil em movimento*. São Paulo: Saraiva, 2013.

POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

_____. "Memória, esquecimento, silêncio." In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA. *Histórico.* Disponível em: http://www.pmtb.pr.gov.br/a_cidade/historico/historico.php. Acesso em: 15/02/2014.

_____. *Plano Diretor de Desenvolvimento de Telêmaco Borba*. Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/plano_diretor/Analise%20Tematica/perfil%20(completo).pdf. Acessado em: 26.02.2015.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº31, 2003, p.147-160.

SGORLA, Fabiane, FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Estratégias e operações de autoreferencialidade no Telejornalismo. In: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação.* 2002.Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf. Acesso em: 07.08.2014.

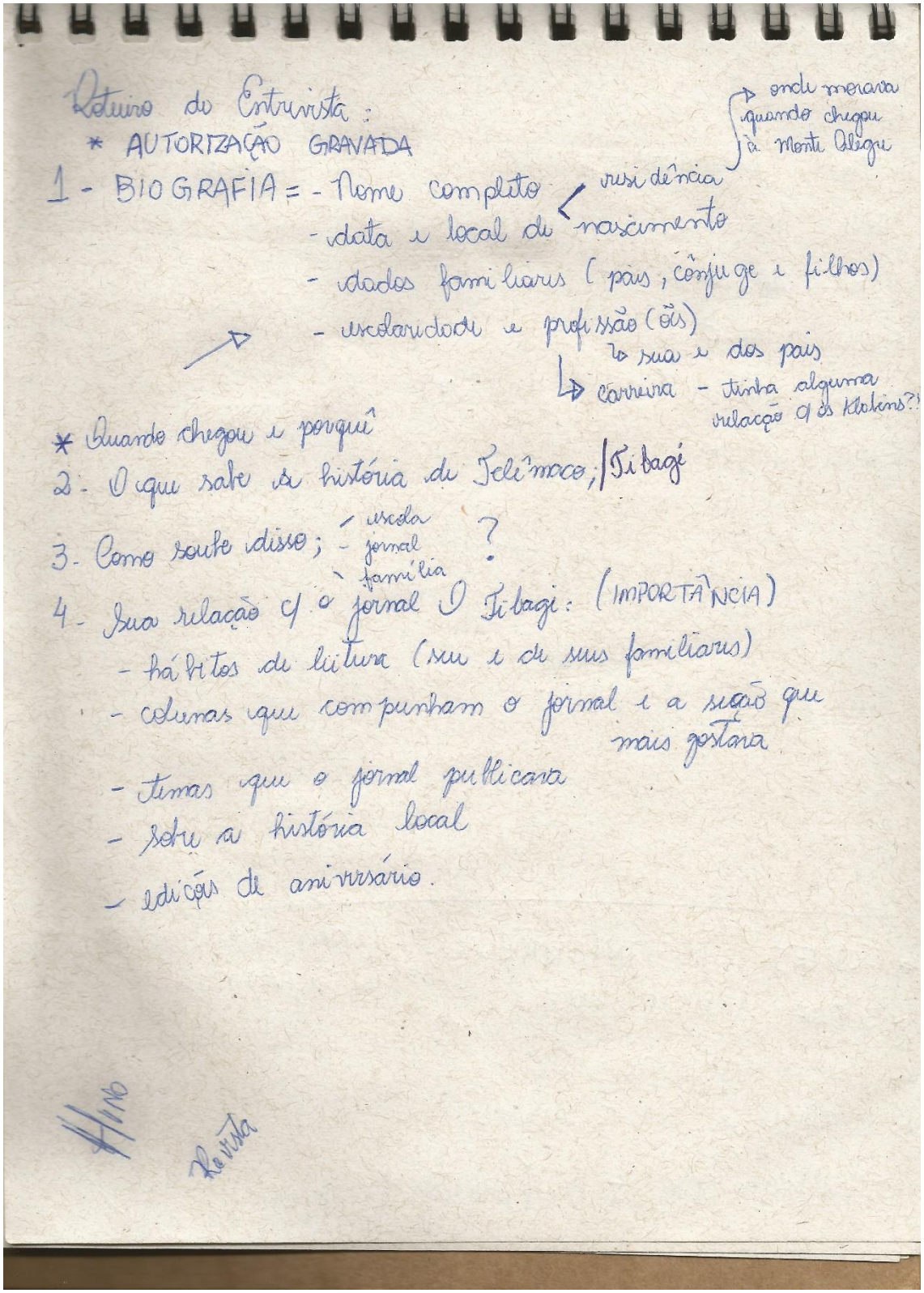
WILLER, Marcelo. Harmonia: uma utopia urbana para o trabalho. [Dissertação]. URPF: Curitiba, 1997.

FONTE:

O Tibagi - Monte Alegre – Paraná - Edições nº 01, nº 52, nº 103, nº 154, nº 203, nº 250, nº 298, nº 396, nº 445, nº 491, nº 540, nº 583, nº 636, nº 682, nº 720 e nº 780.

7 ANEXOS

7.1 Roteiro da Entrevista – Caderno de Campo



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Para além do papel: análise do discurso fundador da história, memória e identidade da cidade de Telêmaco Borba

Pesquisador: Miguel Archanjo de Freitas Junior

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 31378914.7.0000.0105

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Ponta Grossa

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 676.944

Data da Relatoria: 04/06/2014

Apresentação do Projeto:

A imagem que se tem sobre Telêmaco Borba e seus munícipes nem sempre foi como hoje é dimensionada, por isso considera-se importante o estudo de sua configuração espaço-temporal - problematizando o conceito de regional - analisando os discursos que constituíram a região como tal, organizaram memórias e contribuíram na formação de identidade dos cidadãos. Através da metodologia da História Oral serão entrevistados

colaboradores que viveram o período de implantação da indústria Klabin, bem como o processo de constituição do núcleo fabril, com o intuito de apreender um discurso fundador da localidade e a organização da memória oficial por este agente histórico. A partir da apreensão desse discurso fundador, será investigado o papel da Klabin no processo de constituição de uma memória oficial, através da análise de discurso (ORLANDI, 2010) do jornal O Tibagi, produzido e distribuído gratuitamente pela indústria na localidade e região.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Analisar o discurso fundador da história e da memória oficial de Monte Alegre.

Objetivo Secundário:

- Apreender o discurso fundador da localidade a partir da metodologia da História Oral;
- Investigar o papel da Klabin no processo de constituição de uma memória oficial por meio do jornal O Tibagi;
- Estudar a influência do jornal O Tibagi na construção desse discurso fundador e da memória oficial.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos da pesquisa são ínfimos, uma vez que, após a realização da entrevista, o colaborador terá acesso à transcrição de sua fala e poderá escolher o que deseja manter e o que deve ser retirado da transcrição final, não comprometendo, assim, sua integridade. Após este procedimento o entrevistado receberá uma carta de aceite que deverá assinar, dando ou não a autorização para a utilização de sua fala para fins científicos,

especificando se seu nome poderá ser usado ou deverá ser adotado um pseudônimo.

Benefícios:

A realização dessas entrevistas, bem como a pesquisa como um todo, contribuirão no sentido de apreender as disputas em torno da história, da memória e da identidade do cidadão telemacoborbense, bem como o discurso fundador da localidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa trata de um tema relevante visto os poucos dados históricos sobre o município de Telêmaco Borba.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está escrito de forma clara.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

7.3 Termos de Esclarecimento Livre e Consentido

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS
Av.: Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 CEP: 84030-900 Bloco M, Sala 100
Campus Uvaranas Ponta Grossa Fone: (42) 3220.3108e-mail: seccoep@uegp.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da pesquisa "Para além do papel: análise do discurso fundador da história, memória e identidade da cidade de Telêmaco Borba", realizadapela pesquisadora Ana Flávia Braun Vieira, sob a orientação do Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Júnior. Este estudo busca analisar a existência de um possível discurso fundador da história de Monte Alegre, construtor da memória e da identidade do cidadão telemacoborbense.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista oral, que objetiva apreender o discurso sobre a história local e regional, para posterior análise comparativa entre estas narrativas e as discursividades do jornal O Tibagi.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos, uma vez que, após a realização de sua entrevista, o (a) Sr (a) terá acesso à transcrição de sua fala e poderá escolher o que deseja manter ou o que deve ser retirado da transcrição final, preservando, assim, sua integridade. Após este procedimento, o (a) Sr (a) assinará, se este for o seu desejo, uma carta de aceite, dando a autorização para a utilização de seu depoimento para fins científicos e especificando se deseja que seu nome seja usado como fonte nas pesquisas ou se será necessária a adoção de um pseudônimo.

O (a) Sr (a) terá o direito de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem que haja qualquer tipo de prejuízo para sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados cientificamente.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (42) 9800.4600, bem como com a Comissão de Ética em Pesquisa

com Seres Humanos da Universidade Estadual de Ponta Grossa pelo telefone (42) 3220.3108 ou dirigir-se à Av.: Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 – Ponta Grossa – Paraná.

Consentimento Pós–Informação

Eu,

_____

_____, CPF nº. _____, fui informado (a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não terei qualquer tipo de vantagem financeira e que posso sair quando quiser sem que haja qualquer tipo de prejuízo. Este documento foi emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/ ____/ _____

_____

Assinatura do participante

_____

Assinatura do pesquisador

7.4 Cartas de cessão de direitos autorais

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL E COMPROMISSO ÉTICO DE NÃO IDENTIFICAÇÃO DO DEPOENTE

Pelo presente documento, **eu:**

_____,

RG:_____, emitido pelo(a):_____,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

_____

_____,

declaro ceder à pesquisadora Ana Flávia Braun Vieira, CPF:048.515.729-21, RG: 10.318.987-0, emitido pela Secretaria de Segurança Pública do Paraná, domiciliada – quando em Telêmaco Borba – na Rua Caramuru, nº102 – Centro – Telêmaco Borba – PR e – quando em Ponta Grossa – na Rua João Holzmann, nº55, apartamento 107 – Uvaranas – Ponta Grossa – PR **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora/entrevistadora aqui referida**, na cidade de _____, Estado _____, em ____/____/____, **como subsídio à construção de sua dissertação para a conclusão do curso de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa**. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo. **A pesquisadora se compromete a preservar meu depoimento no anonimato, identificando minha fala com nome fictício ou símbolo não relacionados à minha verdadeira identidade**.

Local e Data:

_____, _____ de _____ de _____

_____

(assinatura do entrevistado/depoente)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, **eu,**

_____,

RG:_____, emitido pelo(a):_____,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

_____

_____,

declaro ceder à pesquisadora Ana Flávia Braun Vieira, CPF:048.515.729-21, RG: 10.318.987-0, emitido pela Secretaria de Segurança Pública do Paraná, domiciliada – quando em Telêmaco Borba – na Rua Caramuru, nº102 – Centro – Telêmaco Borba – PR e – quando em Ponta Grossa – na Rua João Holzmann, nº55, apartamento 107 – Uvaranas – Ponta Grossa – PR **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora/entrevistadora aqui referida**, na cidade de _____, Estado _____, em ____/____/____, **como subsídio à construção de sua dissertação para a conclusão do curso de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa**. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Local e Data:

_____, _____ de _____ de _____

_____
(Assinatura do entrevistado/depoente)

7.5 Entrevistas orais

7.5.1 Seu C. – Homem – 76 anos

Eu nasci em Araucária, no dia 15 de janeiro de 1938. (...)[434] O ginásio eu fiz em Curitiba, no Colégio Iguaçu e o curso técnico em contabilidade também no Colégio Iguaçu. Não conclui o curso de ciências políticas. Em Monte Alegre foi o meu primeiro emprego. Foi e ali permaneci por 35 anos.

Em Monte Alegre já residia uma irmã minha, aliás, uma irmã e um irmão, e eu vim passar umas férias aqui e fiquei gostando. E quando era pra eu retornar, depois de acabada as férias, o meu cunhado me convidou pra ver se eu queria trabalhar aqui em Monte Alegre. Teria uma vaga no hospital, na Organização Montealegrense de Saúde. E como eu tava me formando em técnico em contabilidade, eu aceitei a vaga justamente pra técnico em contabilidade. Foi assim que eu vim pra Telêmaco. Pra Monte Alegre, depois Telêmaco.

Onde eu trabalhava era uma organização médico-hospitalar-farmacêutica. Então eu fiquei responsável pela parte contábil e depois quando eu passei para a ORMASA mesmo, que era a cabeça das três firmas, aí assumi mais a parte de finanças: fui gerente financeiro da firma. Ali eu trabalhei de 1958, começo de 58, até... 35 anos eu fiquei ali, até me aposentar.

Bem, Monte Alegre começou... Começou a desenvolver Monte Alegre... era Cidade Nova... Começou a ser criada Cidade Nova e segundo a gente conhece a história, essa parte de Cidade Nova pertencia a um dos membros da Klabin, que era o Horácio Klabin, sócio também da empresa. Aí, parece que repartiram: Horácio Klabin ficou com a parte de Cidade Nova e aí começou a cidade. Os moradores de Harmonia, de Monte Alegre, que eram funcionários da Klabin. Como tava crescendo muito o número de funcionários, entenderam que precisava diminuir um pouco a população lá. Então começaram a vender lotes aqui, o Horácio Klabin vendia os lotes, e a Klabin dava o material: casas pra desmontar e montar aqui. E aí foi crescendo Cidade Nova e o tempo desenvolvendo naturalmente como foi, se criou a mentalidade de que deveria se tornar município. E foi quando começou a luta aqui pelo município. Eu sei muito pouco da história antes dos Klabin. (...) Eu conheço a história através de livros. Tem livros como o da dona Hellê, que ela escreveu, e tem o livro também... Eu até tenho esses livros, o do Ribas de Carvalho, que escreveu do começo, do André Coraiola...

Eu gostava muito de ler o jornal O Tibagi. Inclusive, às vezes colaborava publicando algumas colunas. E quando eu cheguei aqui eu me envolvi muito na questão do esporte

[434] Foram suprimidos dos depoimentos passagens que pudessem revelar a identidade dos colaboradores.

também, do rádio. E O Tibagi nós éramos parceiros, a Rádio Monte Alegre e o jornal O Tibagi. Lia muito O Tibagi, gostava de O Tibagi e lamentei profundamente quando acabou o jornal O Tibagi. Ter um jornal em Monte Alegre era de suma importância, primeiro porque divulgava nossa ci... Divulgava Monte Alegre, não era cidade ainda. Divulgava, levando para todo o Paraná – porque não, né? – o que acontecia por aqui. E era também um meio de... Da família ficar conhecendo um pouco mais entre si, entre os moradores, sabendo as notícias. Às vezes, sem saber, ia conhecendo através do jornal O Tibagi. Achei fundamental e sempre achei que a imprensa é fundamental, né? De modo geral, eu sempre gostei de ler o jornal todo. Modéstia à parte, mas eu gosto muito de ler! Eu gosto muito, eu gostava de ler. Mas como eu estava muito envolvido com esporte, a página de esporte era a que mais me chamava atenção. Então, eu lia tudo, mas me dedicava mais à parte de esportes.

Eu percebia em grande parte dos meus amigos e familiares o hábito da leitura do jornal O Tibagi. Inclusive os meus colegas de rádio também, tudo gostava de ler o jornal também. Até servia o jornal O Tibagi pra programas de informações na rádio na época. Muitas notícias eram tiradas do jornal O Tibagi pra lá. As pessoas da comunidade liam bastante o jornal. Era um jornal que tinha... Era lido. Tinha bastante leitores. Era um jornal que era aguardado com expectativa assim... O dia da chegada dela pra gente poder ler.

Eu me lembro que a coluna da dona Hellê era muito lida. Tinha a do João Marenda, que era um dos encarregados, o gerente do jornal, também tinha a coluna dele. Outras partes também compunham o jornal, mas realmente essa dona Hellê eram matérias, as colunas dela, os artigos dela eram muito lidos.

Eu não lembro de matérias no jornal que falavam da história de Monte Alegre. Bom... No jornal publicavam alguns artigos da dona Hellê sobre isso, né? Mas eram também alguns artigos assim dela, né? Sobre a história de Monte Alegre, sobre como começou, etc.

7.5.2 Seu I. – Homem – 78 anos

Eu nasci em 04 de 02 de 36, em Espírito Santo de Dourado (MG). O meu (...) era lavrador e minha mãe (...) era do lar. Meus pais não tinham estudo. O meu pai era analfabeto de tudo. Eu tirei o primário completo, sabe? Nós não viemos pra Monte Alegre direto. Primeiro nós viemos pra Siqueira Campos e depois pra Ibaiti e depois pra Telêmaco Borba. Meu sogro tinha conhecimento já com algumas pessoas daqui e ele indicou pra nós vir arrumar serviço aí. Isso foi no ano de 57. Eu trabalhei... Eu fui encarregado de turma na fabricação de cloro, cloro e soda. Trabalhei 26 anos, até me aposentar.

O que eu sei sobre a história daqui é que quando nóis chegamo aqui pertencia à Comarca de Tibagi. E eu... Muitas vezes tive que... Pra... Pra arrumar documento assim tive que ir em Tibagi. E depois a história de Telêmaco Borba começou com o jornal "O Tibagi", com... Difícil... A turma de... O Coronel Telêmaco Borba era o fundador disso aqui, né? E ele teve, quando começou aqui... Picadas assim... Já tinha aqui em Telêmaco Borba. Então foi o começo da história de Telêmaco Borba sobre a função desse Telêmaco. Eu nunca ouvi falar que tinha índio por aqui. Quando eu cheguei aqui já não tinha mais... Pode ter aqui na Serra do Cadeado, mas aqui em Telêmaco Borba não.

Muito vago assim eu lia a história... A história no jornal "O Tibagi". Era distribuído de graça na Klabin e eu pegava. Todo o dia, quando a gente saía da Fábrica, que chegava o dia deles entregar o jornal, aparecia na portaria o cara distribuindo o jornal. Eu levava pra casa. Algumas vez eu li, outras não. De quando eu li, gostava sempre do... De esporte, né? Falavam bem do esporte no tempo que tinha o C.A.M.A., né? E então falava do esporte. Mas eu li por... Por... Por assim... Por... Não se... Não era vício meu, mas tinha muita gente que lia, né? Pois era importante porque trazia a história de Telêmaco Borba, né? Completo. E eu sempre li, mas por esporte. Eu lembro de uma coisa: sempre tinha a história... A história ali, mas eu num... Num... Nunca cheguei a ler. Não tinha o hábito de ler.

7.5.3 Seu J. – Homem – 79 anos

Eu nasci em Ribeirão Vermelho do Sul, Estado de São Paulo, no dia 31 de agosto de 1935. Meu pai, ofício de carpinteiro (...). Minha mãe, doméstica, costureira profissional (...).Meus pais eram pessoas bem simples, bem... Sem uma formação. Naquele tempo não existia as facilidades que existem hoje da escolaridade. Eles tinham o primário, né? E ficou por ali. Mas minha mãe sempre foi uma mulher muito inteligente, muito dedicada, e meu pai, apesar de trabalhar no serviço rude, de carpinteiro, era um cidadão consciente, honesto e muito dedicado à família. E a escola da vida que ele teve, só faltou ele receber o diploma. Foi uma criatura maravilhosa! Sobre a minha escolaridade, no tempo da minha adolescência eu morei aqui em Monte Alegre, desde 1942, e não havia facilidade de estudo. Por exemplo, se eu precisasse depois da... De conclusão do primário precisasse ir para uma cidade, aonde pudesse cursar o Colegial – que na época era muito importante –, era muito difícil porque tinham despesas bastante grandes e meus pais não tinham posses. Infelizmente eu não consegui, eu não pude estudar mais do que simplesmente o primário. Mas é a história do meu

pai: se a vida que eu tenho me desse diploma, eu estaria diplomado, porque graças a Deus tenho a escola da vida.

A minha carreira profissional começou em tempo bem recentes à minha adolescência, porque naquele tempo poderia... As pessoas podiam trabalhar. Hoje não, porque tem uma data limite que não pode trabalhar – o que a gente lamenta bastante, por isso que tem bastante bandido, bastante marginais por aí. Eu, então, fiquei somente na parte do colegial e fui trabalhar, como todo mundo da época, na Klabin. Meu primeiro emprego foi na gráfica da Klabin, quando tinha... 17 anos? Dezessete anos. Eu trabalhava no jornal O Tibagi. Eu entrei na gráfica como contínuo, na época eles falavam que os jovens que iam trabalhar na Klabin, menor idade, eram contínuos. Então, eu fui trabalhar na gráfica. Fazia a limpeza da gráfica e no dia de circulação do jornal O Tibagi eu entregava de porta em porta o jornal O Tibagi. Mas muito curioso, como sempre fui, eu fui me dedicando, junto com os amigos de trabalho, e em cada setor da gráfica eu sempre estava presente e consegui bastante conhecimento e acabei saindo de lá como impressor do jornal. Então, a minha dedicação ao trabalho foi coisa assim... Marcante, né? E depois da gráfica eu fui trabalhar na indústria, lá embaixo, na Fábrica. Fiquei ali até... Meus dezoito anos, depois fui para o exército. Eu optei pelo tiro de guerra na cidade de Itararé, que é vizinha da minha cidade de nascimento, né? Fiz o tiro de guerra. Voltando de lá, é... Fui pra Klabin – que eu estava de licença –, trabalhei mais uma temporada e me deu na cabeça de procurar outros caminhos, fora de Telêmaco... De Monte Alegre, e fui pra Mogi das Cruzes, aonde morava um tio meu. Lá fiquei um ano... Um ano e meio, até que recebi a notícia de falecimento do meu pai. Daí eu voltei pra cá, pra dar suporte à minha família, e fui trabalhar na... Na... Farmácia, inclusive na farmácia aonde um cunhado do Seu C. era o gerente, (...). E fiquei trabalhando ali mais dois anos. Eu sempre estive envolvido com rádio e quando eu trabalhava na farmácia, eu fazia free lance na rádio. E sempre adorei, porque quando moleque eu fazia animação de programa de auditório nos áureos tempos da Rádio Sociedade Monte Alegre, do saudoso professor (...). E eu tinha, eu e mais dois amigos, um trio, chamado (...), e a gente cantava todos os domingos (...). E, de repente, minha voz ficou oitavada, quando naquela fase da adolescência, e eu não alcançava mais as notas pra fazer a parceria de voz com os outros dois companheiros. Então, deixei de cantar. E o professor(...) me via ali acabrunhado do ladinho, porque sempre estava presente, e me chamou um dia lá: "Ei, cara, eu estou notando que você poderá me ajudar aqui no palco". Eu disse: "Eu não sei como ajudar no palco. Fazer o que?" Ele disse: "Você vai... Eu vou fazer a parte de animação e você vai anunciar o nome de cada participante, dar o nome da música que ele vai cantar e o

tom para o conjunto regional que vai acompanhar o candidato". E fui... Primeira vez, primeiro domingo, segundo domingo, terceiro domingo, no quarto domingo, no ensaio – que eu direcionava o ensaio juntamente com as crianças – ele disse: "Se prepare que amanhã o programa é por tua conta!". Responsabilidade. Bom, encarei aquilo com a maior expectativa e me dei bem graças a Deus. Fui aprovado e então eu passava a animar o programa (...) todos os domingos. E... voltei então. Continuei trabalhando na farmácia, até que eu recebi um convite do novo diretor da rádio, que... Saudosa memória, (...), irmão da Dona E.[435], que me via ali também envolvido no programa de auditório, me chamou: "Você não quer participar do quadro de funcionários da rádio?". Eu disse: "Eu não, eu não posso, tenho compromisso". "Você faz o seguinte: vai fazer free lance. Vai um determinado horário, depois do teu expediente você faz então um determinado horário na rádio. Topa?". "Topo". E então comecei a trabalhar ali. De repente, ele me chamou: "Olha, agora já venceu a oportunidade do teste. Você pede a conta lá da farmácia, vem trabalhar definitivamente aqui. Você vai ser o programador da rádio e responsável por este programa, este programa e este programa". Mais uma vez, muito entusiasmado, aceitei a ideia. Bom... Fiquei ali na rádio... Acho que uns três anos... É. Uns três anos... Depois é que eu fui pra Mogi das Cruzes, né? E quando meu pai faleceu, depois de dois anos, eu voltei pra cá pra dar suporte à minha família. Nesta fase de transição, que a minha mãe e meus irmãos... Eu assumi a responsabilidade da família. E o... Doutor... É... Não me recordo agora o nome dele, que era diretor da ORMASA... Doutor Paulo Rios Fernandes, que era o diretor da ORMASA, me deu oportunidade e o emprego na farmácia. E então eu encarei ali na farmácia. Daí depois é que eu fui pra rádio, né? E na rádio fiquei. Trabalhei na rádio 19 anos. A rádio mudou-se pra Cidade Nova, né? Depois desta fase eu me casei, construí minha casinha na Avenida (...) defronte ao (...) hoje, né? E... Trabalhei esse tempo todo na rádio. Até que apareceu uma oportunidade, caída do céu, de uma torrefação de café, uma indústria de torrefação de café. Eu, muito corajoso, analisei todos os detalhes e "dá pra encarar", né? Minha esposa (...) ajudou bastante também, deu apoio, deu suporte. E nós compramos a torrefação. E eu, então, dividia o meu tempo entre a torrefação e continuava como subgerente da rádio, que nesta época o Doutor (...) era diretor, mas ele deixava tudo por minha conta. Eu é que fazia os contatos comerciais, eu é que mexia... Fatura, enfim, era o tipo de pessoa curinga pra ele, né? (...) Então a minha vida profissional prendeu-se nisto aí, né? Fiquei na torrefação de café 18 anos. Por circunstâncias e normas do IBC, que

[435] Seu J. faz referência a outra colaboradora já entrevistada, a Dona E. Como ainda não foi assinado por ela o documento que permite a utilização de seu depoimento para fins científicos, esta entrevista não consta neste material de qualificação. Outras três entrevistas já foram realizadas e pelo mesmo motivo não serão aqui problematizadas.

era o Instituto Brasileiro do Café, eu fui obrigado a optar: ou ficaria em Telêmaco Borba ou entraria numa empresa que estava sendo fundada em Londrina, aonde se formou uma cooperativa de 69 torradores de café, pra formar um grupo grande e forte. E eu entrei na COTAN. Inclusive, tem uma marca que me envaidece muito, que é marca nacional hoje da indústria que existe ainda em Rolândia: "Café (...)". Era minha marca, nasceu aqui e eu tenho orgulho desta marca ser escolhida pra ser a marca nacional da empresa. E fiquei em Londrina dois anos e meio. Não deu certo que... Aconteceram diversos fatores, de abuso de poder econômico, de abuso de alguns companheiros e acabaram colocando em situação financeira um pouco suspeita e eu havia alertado, porque fazia parte da diretoria, porque a minha cota que era de 780 sacas de café/mês, que eu produzia, eu então era um dos associados com o maior número de cotas individualmente, então eu fazia parte da diretoria. E eu então alertei os companheiros de que nós estávamos extrapolando os limites que nós tínhamos e que dava dúvidas com relação ao futuro. Não sei se eu tava antevendo o que que aconteceu, mas dali uns oito meses aconteceu aquela geada forte que dizimou todo o cafezal do Norte do Paraná. Então, os estoques de café que a gente tinha diminuiu violentamente, em até 80%, e a gente não conseguia comprar café mais a preço de mercado, ficou tudo no câmbio negro. E eu, então, fui convocado, como os demais, pra injetar um pouco mais de capital pra que tivesse suporte para a compra de café, para que... O nosso crédito, inclusive, diminuiu, porque a oferta e a procura faz com que isso aconteça. Eu então... "Não, eu não vou colocar nenhum tostão a mais aí, eu não vou fazer sacrifício nenhum. A minha parte está à venda!". Então, foi um tumulto violento entre os companheiros porque não queriam que eu deixasse, mas eu expus os motivos, né? "Eu não quero arriscar mais nada, vocês querem arriscar tudo, então, fiquem aí". E teve um cidadão de Mandaguari e... Que era sócio também, que tinha torrefação, que tinha... É... 380 sacas de cotas. E ele perguntou: "Tu queres quanto pela tua parte?" Eu disse: "Bom, não vou dizer pra você quanto que eu quero agora, mas se você tem interesse, então vamos sentar pra conversar". Ah, então foi aquele tumulto porque ninguém esperava que fosse aparecer alguém na hora e que quisesse comprar minha cota! Muito bem. Saímos dali e fomos pro hotel e esboçamos lá um planejamento de quanto é que eu queria e de quanto seria a entrada e acabamos fechando o negócio. E eu peguei o dinheiro e tinha um pouco de dinheiro ainda da minha parte pra receber da firma e a firma tinha comprado café americano e o café americano tinha um setor de frios e embutidos: mortadela, salsicha, presunto... E eu estava por dentro também daquilo ali, porque fui gerente durante seis meses, e então eu conhecia um pouco da... Daquela área, né? Então propus de comprar pelo valor que

eu tinha pra receber da COTAN e comprar aquele equipamento. Comprei o equipamento, mudei o equipamento para uma... Uma estrutura que eu construí com câmara fria, com estufas, etc. e tal, e passamos pra lá. Lá eu não tive muita sorte, porque quando eu atingi o ponto X do meu projeto... Eu tinha 22 vendedores de frios, que vendiam no Norte do Paraná todo. Então estava exatamente na ponta daquilo que eu havia planejado. Aí então aconteceu que o... O Garrastazu Médici, que era o Presidente da República na época, cancelou o abate de gado no Brasil. Era só carne importada. Com isso aí houve uma dificuldade grande, porque industrializar carne natural, virgem é uma coisa e industrializar carne frigorificada é bem mais difícil. Dá pra fazer, mas tem uma série de detalhes que tem que ser observado. O que aconteceu? Eu tive dificuldade de conseguir comprar. Outros frigoríficos matavam o gado em regiões não apropriadas. Matavam suínos também. Então, se sustentando. E eu não consegui. Aconteceu que eu quase fui à falência. Até que apareceu um cidadão interessado, que ele já vendia frios do Estado de São Paulo e tinha um entreposto de vendas lá em Londrina. Como as minhas instalações eram muito boas, com câmaras frigoríficas, tudo certinho, ele se interessou, porque assim ele podia conservar os produtos que ele vendia em condições de mercado tranquilas. Daí, vendi pra ele e vim pra Telêmaco Borba novamente. Fui administrar um posto de gasolina de um amigo meu. Ali fiquei dois anos. Depois disso eu inventei de partir para o comércio. Daí a minha mãe tinha um... Tinha a casinha que a gente construiu no começo da minha vida, né? Ali na frente do (...). E eu, então, me instalei ali com uma loja de caça e pesca e artigos para presente. E ficou na história também o nome da loja: (...). Não sei se você tem lembrança, mas você é aqui de Telêmaco Borba... Mas já faz bastante tempo. (...) E fiquei ali (...) é... Quatro, cinco... Quatro ou cinco anos. Dali eu... Vendi a minha parte ali pro meu cunhado e vim trabalhar com a marcenaria que eu tinha aqui no fundo do quintal. Daqui eu fui pro Distrito Industrial, montei uma serraria, né? Arrumei um sócio. De repente não dei mais certo, o sócio comprou a minha parte; eu vendi pra ele. E nesse espaço de tempo veio a política. (...) Tive uma sorte muito grande porque montei uma estrutura de marketing político e que deu certo. Eles [os candidatos para quem trabalhou] fizeram uma votação extraordinária! Como eu estava já dentro do esquema, eu fui convidado a ser o Secretário de (...) do município. Aí, então, eu tive uma parte marcante na administração (...) só que na sequência nós perdemos a eleição pro (...). E eu fiquei bastante desgostoso. Como não tinha acesso a nenhuma indústria, nenhum outro compromisso, fui pra Curitiba. Eu já tinha um apartamento lá, fui pra Curitiba. Em Curitiba eu montei uma panificadora, junto com meu filho: a (...). Ficamos lá três anos com a (...) e depois eu deixei pros filhos. Voltei pra cá.

Tinha esta propriedade que nós estamos (...). Tinha uma área bastante grande disponível e eu então, com a minha esposa, estudamos a possibilidade de construir um prédio, como você hoje pode apreciar, com lojas pra alugar pra eu poder ter uma fonte de renda tranquila e aproveitar da minha aposentadoria. Quando eu saí da prefeitura eu requeri minha aposentadoria e foi liberado. Então, eu já tinha a minha aposentadoria garantida. E de lá pra cá estamos até hoje, até hoje graças a Deus, aqui nesta lutinha de sempre, né? Adoro Telêmaco Borba! É a minha terra natal, porque eu estou aqui em Monte Alegre desde 1942, né? Hoje eu tenho 79 anos, então, significa 72 anos de Monte Alegre. Eu me sinto feliz porque vi nascer Harmonia, porque quando eu cheguei aqui só tinha Lagoa, a cidade de Lagoa. Não havia nem estrada ligando Lagoa com Harmonia. Nós passamos com estradinha de carroça, num caminhãozinho Ford 42, de um primo da minha mãe que já morava aqui, e fizemos nossa vida aqui em Monte Alegre. Então, eu sou mais que filho daqui.

Na época dos meus pais havia uma dificuldade muito grande de emprego e na minha cidade, Ribeirão Vermelho do Sul, era uma cidadezinha muito pequena, muito pobre, e não havia trabalho. E o meu pai era carpinteiro, tinha um servicinho, mas não era o suficiente pra dar sustentação à família. Minha mãe era costureira até que um primo dela, (...), já estava trabalhando aqui em Monte Alegre, fizemos um conexão com ele e a minha mãe convidou meu pai: "Vamos para Monte Alegre?!". "Vamos". 1942. Começando, entende? Um sacrifício enorme, não tinha casa pra morar, era um rancho onde tinham três, quatro, cinco famílias. Não tinha lugar pra cozinhar. Meu pai fez uma barraca de lona. De lona não, de sacos de estopa, né? Pra minha mãe poder cozinhar, porque lá no rancho onde todos moravam não tinha mais condições de se ter uma cozinha, né? Então, foi uma luta, um sacrifício muito grande. Então, nós viemos pra cá em busca de trabalho, porque meu pai era carpinteiro e naquela fase grande da indústria ele teve então serviço por muito tempo. E foi muito gratificante o acompanhamento da evolução de Monte Alegre. A gente teve oportunidade de ver. Quando nós chegamos aqui não tinha nada no pátio aonde era pra ser construída a fábrica, a gente assistiu... No começo um tratorzinho muito pequeno trabalhando, mas sem desenvolver o que precisava. Mas veio a guerra e não tinha combustível, o tratorzinho então foi encostado. Os caminhões que a empresa tinha foram alterados e modificados com combustão de gasogênio, que seria um gás de lenha que tocava o motor, porque não tinha combustível. E pra não parar a construção da fábrica foi contratado dois empreiteiros de Minas Gerais, que trouxeram pra cá perto de... 82... Pessoas com gaiotinhas de duas rodas puxadas por um burrinho. Então, foi feito na base da pá e picareta. Então, aquele burrinhos,

um atrás do outro, né? Levando terra e espalhando. Era totalmente manual, puxada pelos burrinhos, né? Era o Zé Mário e Zé... Nunes. Os dois que trouxeram esse pessoal lá de Minas e tocaram. Inclusive, foram responsáveis por toda a parte de terraplanagem da Fábrica. Daí, lógico, começaram a construção. Prédio A foi aquela festa de inauguração. Detalhe importante deste evento que aqui existia lei seca, não podia entrar bebidas de álcool. Então, foi matado dois ou três bois e foi trazido um caminhão de guara... De gasosa de Piraí do Sul pro povo acompanhar o churrasco, mas o que deu de nego bêbado... Era impressionante! O pessoal trazia pelo Rio Tibagi. Aqui tinha dois ou três alambiques desse lado de cá, não tinha nada a ver com Monte Alegre, mas era vizinho. Então passava pelo rio... Passavam garrafões de pinga. Então, a turma fez a festa e muita gente saiu embriagado de lá.

Sobre a história do município, inicialmente é... Devido a questões de interesse da Klabin, existia uma área bastante grande aqui, do lado de cá do rio, onde nós estamos hoje, e a Klabin não permitia que mexessem em nada das casas aonde os operários trabalhavam e os ex-operários – porque quando a Fábrica começou a funcionar, pedreiros e carpinteiros foram dispensados – e eles não tinham pra onde ir porque não tinham mais trabalho. Então, eles começaram a ter problemas que desmanchavam cercas e desmanchavam... Faziam alteração na estrutura das casas onde cada um morava e era proibido fazer isso. Até que o Doutor Horácio Klabin, que era o diretor na época da empresa, achou por bem fazer o loteamento do lado do Rio Tibagi e convidou o saudoso engenheiro Max Staudacher pra fazer o projeto Cidade Nova. Essa área de terras aqui era uma sociedade, parte da Klabin, Horácio Klabin, e uma parte do Arthur Claudino dos Santos. Mas foi feito um acerto e foi fundada então Cidade Nova Vale do Tibagi, que era a corretora e responsável pela venda dos lotes. Meu pai comprou na época, por incentivo da minha mãe, dois lotes e na cláusula de contrato existia é... um item que falava que quando se acontecesse da falta do chefe de família, a cabeça da família, seria o saldo devedor quitado e a viúva receberia o documento definitivo do imóvel. E quando o meu pai faleceu a minha mãe recebeu então o título, sem ônus, da parte que coube pra ela, né? E era uma cidadezinha sem nada, absolutamente nada de conforto. As ruas eram de terra, gado solto pela rua, né? Não existia uma norma de como se deveria construir, apesar de que a Vale do Tibagi tinha normas, mas ninguém seguia. E a Klabin começou a doar as casas que cada um residia lá em Harmonia. Começou a doar aquelas casas, dando até oportunidade de condução, da pessoa desmontar a casa, que eram todas de madeira... Davam conduções pra cada um fazer, naquele lote que foi comprado da Vale do Tibagi, a sua própria casinha. E a cidade foi evoluindo nesta parte. Só que foi crescendo desordenadamente. Não

tinha condições, porque o fluxo de construção era bastante grande. E, lógico, até hoje nós vemos que a cidade... A intenção do Max Staudacher foi muito boa no projeto que ele fez, mas na prática não conseguiram dar ênfase àquilo que havia sido determinado no projeto. Inclusive no projeto a Avenida Horácio Klabin, que na época era Avenida Apucarana – porque era a saída e entrada da Harmonia pra Apucarana, onde a Klabin tinha já alguns transportes de madeira daquela região – e aquela avenida devido a esse movimento de caminhões tornou-se a via principal de Cidade Nova. Na realidade, no projeto, a rua principal é aquela Marechal Deodoro, lá em cima perto da...Da... Rua do Cruzeiro, e de lá então a avenida Samuel Klabin e saía lá no bonde aéreo. Essa era a via principal, mas devido ao movimento a Avenida Apucarana tornou-se a principal. Depois, Horácio Klabin em homenagem ao Doutor Horácio Klabin. Mas então era campo, eram enormes árvores de... De... Araucária, né? Inclusive, eu tenho algumas fotografias aqui. E... Devagarzinho, vagarzinho, foi se formando, foi se formando, foi se formando... E hoje é a cidade que nós amamos com 72 mil habitantes, cheia de problemas, é claro! Cheia de problemas e que... Foi feito um projeto, mas esse projeto foi determinado e não seguido à risca, mas... Faz parte.

Eu tenho pouco conhecimento da história antes da chegada da Klabin. A chegada dos industriais se deu em 1938, quando o Getúlio Vargas começou a sentir que havia problemas de papel jornal, que eram importados. Resolveu dar incentivo aos Klabins, que já tinham indústria em São Paulo, e... Ofereceu a eles a oportunidade de ter uma indústria de papel aqui nesta região, que era tudo... Toda essa região pertencia à União e ao Estado do Paraná. Foi feito então o contato. Os homens do Getúlio Vargas fizeram contato com o... Manoel Facão que eles falam, Manoel Ribas, e foi feito um trato de que parte da área do Estado seria doado para a Indústria Klabin. E a parte da... E a parte da Federal o Getúlio Vargas daria para as indústrias para que eles montassem a fábrica de papel. Por que fábrica de papel? Porque aqui era a maior região de disponibilidade de araucária, que era madeira nobre para ter as fibras necessárias para fazer papel jornal. E dali então, segundo o meu conhecimento, eu não tenho conhecimento de outra coisa sobre o passado daqui senão esta. Você tem alguma coisa que eu posso confirmar ou não?[436]

Eu acredito... Teria. Fala-se, inclusive, que ali em Harmonia, onde é o Hotel Ikapê, né? Ali houve uma batalha sangrenta entre índios e forças do governo. Mas o que eu tenho conhecimento desses troços bem antigos é esta parte. Ali é a região que foi conhecida como...

[436] Nesse momento da entrevista houve uma pequena alteração no roteiro. Minha resposta à pergunta do Seu J foi: "Eu já li alguma coisa sobre ter indígenas aqui na nossa região...", procurando estimular sua memória em relação a um passado um pouco mais remoto.

O pico da mortandade. Mas é uma história que poucos sabem, poucos contam os detalhes. (...) Hellê Fernandes! Ela escreveu um livro, "História de Monte Alegre". Um espetáculo! Narrando tudo que aconteceu em Monte Alegre. Até se você tiver a oportunidade de... Você pode, inclusive, na biblioteca, ter acesso a esse livro. É um espetáculo! Ali tem detalhes enormes que vai enriquecer muito o teu projeto. Ela era uma escritora... Falecida já. Era uma escritora apaixonada também por Monte Alegre e era uma pessoa muito dada de dentro da família da... Da... Dos Klabins, né? Então, ela, inclusive, narrou esse pedacinho do pico da mortandade.

O jornal O Tibagi, como a "Rádio Sociedade Monte Alegre", nasceu da ideia brilhante, que era um cara apaixonado por Monte Alegre e por tudo que acontecia aqui, Doutor Horácio Klabin. Ele, então, fundou o jornal O Tibagi para dar oportunidade da população tomar conhecimento de tudo que acontecia nos bastidores da his... Da administração da cidade e da empresa. A rádio também foi montada exatamente com a finalidade de trazer entretenimento, música e shows e outras coisas mais pra prender a atenção e oferecer ao povo de Monte Alegre algo de diferente, que em outras cidades existia e ele queria que Telê... Monte Alegre também tivesse. Então, graças ao Doutor Horácio Klabin nós tivemos o jornal O Tibagi e também a "Rádio Sociedade Monte Alegre". O jornal era de graça, entregue de casa em casa. Eu fazia isso! De casa em casa, de graça o jornal, além de estar na portaria da fábrica disponível também os jornais da semana pra todos os operários. Não se cobrava um tostão pelo jornal. As pessoas, entre outros motivos, liam o jornal porque não tinha outra coisa pra fazer. Claro que não todo mundo, né? Porque havia as exceções, né? Mas havia sim um fluxo bastante grande do uso do jornal. Inclusive, a gente fazia pesquisa naquela época já, com um cantinho lá, né? É... "Responda para o jornal O Tibagi tal coisa". E as pessoas cortavam aquele... Aquele pedacinho, diziam e mandavam, colocavam numa urna e com isto a gente via o fluxo de interesse com o jornal.

O que eu mais gostava de ler no jornal era os escritos da Dona Hellê Fernandes. Dona Hellê Fernandes e eu também gostava muito dos artigos escritos pelo redator-chefe do jornal, que era o João Marenda. Escrevia muito bem e como a gente estava ali envolvido... Inclusive, eu aprendi até compor... Aqueles tipos gráficos, né? A compor. Então, eu... Lógico, compondo a gente tomava conhecimento de todo o conteúdo da matéria, né? Então, eu também fazia esta parte, né? Entrei como contínuo, passei até como gráfico e depois saí de lá como impressor do jornal. As maquinonas lá, a gente colocava o papel e saía impresso lá na frente.

A Dona Hellê escrevia de tudo, escrevia de tudo. E o João Marenda também. Havia os comentários de futebol... A Dona Hellê não. A Dona Hellê era mais... Mais assim... É... Era voltada para... Ela escrevia diversos temas, entende? Mas era voltado mais para poesia, contos... Era uma mulher muito inteligente, né? E... Se você ler o jornal... O livro dela, por ali você vê. E depois, é claro, que tinham outras colunas, que era a coluna de esportes, que o José Cação escrevia. Daí nós tínhamos a... Na época, o Clube Atlético Monte Alegre, que, inclusive, era um time que fazia parte do futebol paranaense e, por sinal, foi campeão paranaense de futebol... Tudo isso aí deve-se ao Doutor Horácio Klabin, que ele destinava uma verba da empresa pra dar sustentação à contratação dos atletas que faziam parte do Clube Atlético Monte Alegre. Tudo isso daí pra divulgar Monte Alegre. Então, você veja a paixão do Horácio Klabin! Nós devemos tudo a ele. Ele era apaixonado... Eu conheci o Horácio Klabin pessoalmente. Inclusive, volta e meia ele estava lá na gráfica e ele era uma pessoa altamente dinâmica. E, por sinal, tem se que um dos mais brilhantes administradores da Indústria Klabin foi Horácio Klabin, que era um homem de uma visão extraordinária. Depois de Horácio Klabin, veio o saudoso Samuel Klabin, que também foi uma figura muito importante, mas daí já diminuindo bastante o investimento da Klabin em coisas que o Horácio Klabin havia criado. Ele se dedicava mais à empresa e aquilo que interessava mais financeiramente a eles, né?

Olha, não se falava muito no jornal da história local e de seus detalhes, mais a Dona Hellê que tinha... Alguns artigos que ela falava sore a Fazenda Velha, o ponto onde começou a empresa Klabin, quando recebeu do Getúlio Vargas as terras. Então, ali foi o QG da indústria e dali então o desenvolvimento para a criação da Usina de Mauá, mas a sede era na Fazenda Velha. Tinha estrada. Já começaram a construir a usina, depois, aos poucos, foi criando a localidade de Lagoa, onde eram construídas as casas para os operários que trabalhavam na usina. E depois de lá, então, pra Fábrica. Quem escrevia também sobre Monte Alegre era o Zappert, que era... Foi um dos primeiros diretores industriais da indústria... Da Klabin, né? Ele era alemão, né? Eles escrevia... Acho que era austríaco! E a Dona Hellê também dava suporte a estes artigos, fazendo revisão. Ela também era revisora do jornal, em parceria com o João Marenda, né? O livro dela eu tinha, eu devo ter por aí, nos meus arquivos. E o jornal O Tibagi eu tinha até o tempo que eu trabalhava na prefeitura, eu tinha uma coleção desde o início até a época que eu trabalhava na prefeitura. Depois, acabaram com o jornal O Tibagi, lamentavelmente nas mãos do (...), não sei porquê aconteceu, e ficou para a Cidade Nova Indústria e Comércio administrar o... Arquivo. E ficou nos arquivos da Rádio

Monte Alegre, que pertencia ao Horácio Klabin, né? Bastante tempo, todo aquele material. Daí aconteceu que foi vendida a rádio. Junto com o acervo de discos que tinha a rádio, alguém da direção na época vendeu os discos e ficou lá os jornais a deus dará. Até que o (...), jornalista, se interessou pelo acervo do jornal O Tibagi e conquistou o direito sobre todo o arquivo do jornal O Tibagi. E de lá, me parece, foi negociado. O (...) cedeu pra biblioteca ou o município comprou, entende? O fato é que está lá na biblioteca.

As edições de aniversário eram mais comerciais, porque a Klabin tinha muitos fornecedores e esses fornecedores, então, eram solicitados a prestigiar o aniversário do município com partes, inclusive páginas inteiras, de... Você pode ver ali que tem grandes números de empresas fornecedoras da Klabin que compravam a folha inteira. Então, tinha edição do jornal de aniversário que tinha três, quatro cadernos e cada caderno com vinte... Dez páginas, vinte folhas. Então, era uma festa enorme! Inclusive, dava um trabalho danado. A gente começava a fase de aniversário oito meses antes, porque tinha a parte comercial que vinha chegando aos poucos. A gente ia preparando as páginas, né? Imprimia e deixava ao lado e depois a gente ia compondo até formar o caderno, né?

7.5.4 Dona L. – Mulher – 73 anos

Eu nasci em Ibaiti, dia 05 de 08 – agosto é 08, né? – de 1941. Meu pai era lavrador (...) e a mãe do lar (...). Eu fui casada com (...), em 1958. A profissão dele era mecânico, torneiro mecânico. E... Que mais? Eu tenho uma filha. Única. A profissão dela... Ela é formada em administração de empresas e ela tem o posto de administradora. Eu estudei até a segunda série, aquele tempo era do ginásio. Eu fiz o primário e estudei até a segunda do ginásio que a gente chamava naquela época. Eu fui a vida toda do lar, nunca fiz nada!

Eu vim parar em Monte Alegre porque o meu cunhado com a minha irmã, dois cunhados e duas irmãs casaram e vieram morar aqui em Telêmaco Borba. Não era Telêmaco Borba, era Monte Alegre, né? E Cidade Nova que eles falavam. Daí, eu vim passear pra cá e conheci o (...) [seu falecido esposo] e dentro de quatro meses nós casamos. Ele já morava aqui. Trabalhava na fábrica Klabin aqui, é... Indústria Klabin de Monte Alegre, né? E daí a gente se conheceu e dentro... Namoramo, noivamo, casamo dentro de quatro meses. Casamo em 26 de abril de 1958.

Quando eu vim pra cá tavam fazendo essa Cem Casas aqui que tem aqui em Telêmaco Borba. É... Então, o primeiro... Quando saiu, os meus dois cunhados compraram casa aqui e eu vim casar aqui em Telêmaco. Não era Telêmaco, era Cidade Nova, né? Eu vim... O meu casamento foi o primeiro que aconteceu nessas Cem Casa aqui. Aqui, né?

Cidade Nova. Lá na... Lá em cima, que... As Cem Casa ficava aqui embaixo, numa descida, numa grota, né? E daí lá em cima só tinha uma avenida, que era essa Avenida Horácio Klabin agora, né? Mais... E não tinha nada, só o Bar de Pedra, que eles falavam, não tinha banco, não tinha nada. Algumas casas, sabe? Os primeiros que chegaram aqui, os primeiros mesmo eu não tenho assim o nome certo, né? Mas um deles foi meu sogro, mas ele morava na Ci... Em Harmonia, que é Monte Alegre, né? Depois ele veio pra cá. E... Ele... Ele veio, veio da Reserva, né? Bem novo, sabe? E ficou aqui até 76 anos, quando ele faleceu. E outras pessoas assim eu não recordo bem o nome, sabe? Mas... Bastante. Inclusive, o Seu I.... O (...), que foi casado cas minhas irmã, eles também foi um dos primeiro a morar aqui em... Na... Na... Na Cidade Nova. E tinha um senhor por nome de (...), mas eu não sei o no... O sobrenome, né? Tinha (...), que era nosso vizinho; também não sei o nome, assim, o sobrenome, né? Quero ver quem mais que morava aqui que eu... Que eu me lembro... (...), que até foi meu testemunha de casamento, mas também... Parece que é (...) era o nome dele. E (...) também. Não era parente, mas foi testemunha meu e também veio pra cá quando tava começando Telêmaco Borba. Quero ver se eu lembro de mais alguém... Tem bastante, mas assim na... No momento a gente num... Num lembra e quando a gente lembra, não sabe o sobrenome. Tinha um senhor também por nome de (...), já tudo falecido, né? Também morava aqui nas Cem Casa, que aqui era tudo mato. Tinha só um carreiro, nem num era rua assim, sabe? Era um carreiro que dava lá no bonde lá e o resto matagal mesmo. Pra ver... Quem vem agora pra ver como está...

Eu não sei de nada da história de antes dos Klabin chegar. Disso eu não sei de nada. Quem podia saber era meu marido, mas ele faleceu, né? Então, disso eu não sei. Eu vim pra cá em 58 e daí não sei o que aconteceu antes. Eu nunca aprendi sobre isso. A gente tinha jornal tudo, mas aí, com o tempo, vai ficando pobre o jornal, né? 50, 56 anos atrás... Acabei jogando fora. O meu marido gostava muito de ler o jornal, eu não. Ele lia. Ele gostava. De vez em quando até comentava comigo do que lia, mas já faz tanto tempo que eu me esqueci. A gente já não sei lembra, mais né? Vai ficando caduca, velha...

7.5.5 Dona V. – Mulher – 79 anos

Eu nasci em Paranaguá, dia 16 de outubro de 1935. O nome do meu pai era (...), ele era... Naquela época ele trabalhava nas minas de ouro, né? Como é que era? Acho que diz garimpeiro. A minha mãe (...) era do lar. Eu tenho o segundo grau completo, né? Fiz magistério e... Sou professora aposentada.

Eu vim com meus pais pra Monte Alegre quando eu tinha oito aninhos. Meu pai veio trabalhar na Klabin. A Usina de Mauá, né? Ele veio ajudar a fazer a Usina de Mauá. Viemos

de Paranaguá pra Monte Alegre. A Klabin já era conhecida no mundo inteiro, né? Então, os próprios amigos... Não foi só ele que veio trabalhar, muitos amigos, né? Aí ele já veio, mas já veio como chefe. Ele tinha 600 homens no comando dele. É... Já começou bem, né?

Bom, Monte Alegre foi o primeiro lugar que a gente esteve, em Harmonia – Monte Alegre, né? Monte Alegre foi assim: a Klabin... Os irmãos Klabin, né? Compraram esses terrenos aí todos de uma viúva. Eu não lembro bem quantos alqueires era, mas eles compraram. E ali onde eles viram que dava uma fábrica de papel. Esse Monte Alegre, né? Aí Telêmaco Borba, já um dos Klabin, Doutor Horácio Klabin, comprou tudo isso aqui, que aí veio... Era Cidade Nova. Aí depois é que veio ser Telêmaco Borba. E ele começou... No começo ele deu muito lote pros que trabalhavam na Klabin, né? E depois eles começaram de vender. Montaram um escritório aqui, que era o Vale do Tibagi, né? E começaram de vender os lote bem baratinho. Começaram de dar as casa também da Klabin aí, de Harmonia, que Harmonia eles queria levar à município e a Klabin não queria, então pra não levar à município eles tiveram que... Começaram a dar as casas pros empregado. Então, aqui, se for rodear aqui... Telêmaco tem muita casa de madeira que era da Klabin. Madeira boa, né? E teve pessoas assim... Eu tenho amigo que de uma casa que ele ganhou, ele fez duas, porque as paredes era dupla. Duas casas. E tudo madeira boa! Madeira deles, né? Então aí começou Telêmaco Borba, né?

Antes dos Klabin chegar só tinha terra, filha. Essa viúva, a família dessa viúva aí, a família era muito grande. Eles tinham mui... Toda essa terra aqui que pega Harmonia, Lagoa, vai até Ventania, tudo era dela. Da família, né? Mas como ela ficou viúva e aí a Klabin veio pra cá e viram essas terras, perto do Rio Tibagi. Então, que fábrica que não dava, né? Como deu, né? Tá aí. Então, mas antes assim... É uma pena porque eu tinha um livro. A gente empresta as coisas pros outros e não me devolveram... Esse livro tinha alguma coisa sobre o passado de antes dos Klabin, né? Mas... Só que agora, no momento... Não lembro assim. Eu sei que tinha plantação, muita plantação de pinheiro, né? Que a Klabin aproveitou também barbaridade desses pinheiros pra fazer as casas, né? Muito pinheiro. Mas como essa família... Eles tinham essas terra, mas eles não tinham assim... Dinheiro pra fazer alguma coisa, né? Então, ela vendeu tudo pra Klabin, né? Klabin comprou tudo.

Eu soube dessa história dessa mulher através da escola, filha. Quando eu tava na escola uma das professora contou a história, né? Porque as crianças perguntavam, as crianças tinham curiosidade. Os maiorzinho perguntavam, né? E tinha essa história. Essa professora, Dona Ivone, que era história... Ela era formada em História, aí ela também foi pesquisar e

descobriu como que a Klabin comprou, de quem, aí ela passou pra nóis. Isso a gente aprendeu na escola. Agora é claro que a Klabin tem tudo isso, né? Mas... Pra alguém te ajudar na Klabin, pra você ver isso... Né? Se tivesse conhecimento com algum dos diretores... Né?

Eu li o jornal O Tibagi por muito tempo. Eu recebia em casa, né? Como fundadora, né? Nóis, os fundadores, recebia o jornal em casa. Eu digo fundadores porque nóis fomos um dos primeiros a vir de Harmonia pra Cidade Nova e ganhamos a assinatura do jornal. Recebia em casa. Muitos anos.

A importância do jornal em Monte Alegre era grande porque... Você sabia de muita coisa através do jornal O Tibagi, né? Tanto daqui quanto de fora assim. Tudo que pertence aqui, ao Campos Gerais, né? Em Ponta Grossa... Então, a gente sabia das notícias através d"O Tibagi". E tudo que acontecia aqui também eles iam fazendo... Vamos dizer... O asfalto. Tiravam fotografia e colocavam n'O Tibagi. Esse Tibagi... Esse jornal ia pra fora, né? Muita gente acompanhou aqui e vinham também pra cá por causa do jornal O Tibagi. Ficavam vendo as notícias, o que que tava acontecendo aqui e aí começou de vim vir gente pra trabalhar na Klabin, né? Como agora. Você vê, esse movimento tremendo aí que vai ter agora. Eles já tão lidando lá cas terra, né? Então é outra fábrica da Klabin, né?[437] Então, você vê... O jornal, ele tem... é, vamos dizer assim... Um valor muito grande, né? Oh, que nem agora. Agora mesmo a (...) trouxe pra mim ali o jornal, né? Nossa! Então aqui você já vai olhar o que que aconteceu aqui em Telêmaco. A maior parte fica sabendo por causa do jornal ali, olha. Né? É muito importante e o jornal O Tibagi foi pra nóis, naquela época, foi muito importante. Muito mesmo. A gente sabia tudo, né? Porque aqui nóis tava isolado, né? Bem dizer, né? Aquela época não tinha televisão... né? Nem internet, era só radinho, né? Aí que veio até depois a "Radio Monte Alegre" e tudo, que era do Doutor Horácio, né? A gente sabia todas as coisa.

As pessoas liam pra valer o jornal, filha, porque o jornal O Tibagi, pra nóis, foi uma novidade muito grande. E ficamos sabendo quanta coisa pelo jornal O Tibagi! Né? As professora principalmente. Ia pra nóis um monte lá, cada uma pegava um e na hora do recreio todo mundo com o jornal O Tibagi na mão. Aí comentava... Quanta coisa nóis aproveitamos assim, por exemplo, reportagem, pra passar pras criança, né? Através d'O Tibagi. Eu lia ele inteiro. Gostava de tudo, porque tudo que tava ali pra nóis era novidade, né? Mas agora lembrar... Nem dos jornalista a gente não lembra. Isso aí só a Klabin pode te ajudar, né? O escritório lá, a administração. Porque eles devem ter, filha, o jornal arquivado. Imagine...

[437] Está se referindo a construção de uma nova indústria Klabin no Paraná, localizada na cidade de Ortigueira.

Eu não lembro pra te dizer se no jornal falavam alguma coisa do passado daqui. Interessante, né? Pra você ver... Eu lia tudo. Tim tim por tim tim. Até o final, né? Ele era um jornal pequeno, né? Cê lia num instantinho, mas... Disso eu não lembro, a memória não ajuda. Mas era assim... Foi um jornal que agradou em cheio, pois você veja bem... É uma pena assim porque a gente devia ter guardado uns exemplares, né? Imagine... Né? Aquela época assim... Mas a gente... Passa despercebido. Pode ser que alguém tenha! Pode ser! Ponha na rádio, filha, perguntando se alguém tem exemplares do jornal. Te garanto que vai aparecer! Imagine... Aí quanta coisa você vai ver ali, né?

Você me falou que ficou intrigada quando leu sobre índios aqui na região[438], mas índio tem até hoje, filha. Essa turma aí... Bom, você não tá mais aqui, né? Mas na rua a gente vê, né? Dorme lá na rodoviária, aqueles ali já são descendentes dos... Sabe? De famílias que já andavam por aqui, que existia existia, porque isso foi falado muito, né? Agora você veja: em Ortigueira tem índio, em Reserva tem índio... Será que já não é daquelas famílias que... Do começo? Arrisca, né? É... Tem sim. Documento sobre isso tem, agora tinha que ver onde é que estão estes documentos, né? Tem que ter!

Agora assim, esses mais antigos... Que nem aquele senhor que carregava o Doutor Horácio nas costas, pra ele não sujar o sapato no dia que chovia, né? Só que o pai não existe, mas os filhos existe. E aqueles filho deve ter alguma coisa, né? Mas a gente... Não sei nem o nome. Sei o nome assim quando eu encontro eles, que agora eles estão já na terceira geração do pai, né? Quando eu encontro eles assim, eu lembro, né? "Ah! O pai dele que carregava...". E é verdade. Carregava ele nas costas pra ele não sujar o sapato! E eles tem a casa deles ali nas Cem Casas , a família, porque o Doutor Horácio antes de morrer deu a casa pra família. É... Você vê. Tem história assim, né? Tem. Só que... assim... É difícil de... Eu sei que eu agradeço a Deus Telêmaco Borba existir, né filha? Eu vim pra cá com oito anos. Imagine... Criar os filhos. Agora já tô com bisneto aí. Pra mim é uma honra muito grande, que nem a igreja, né? Fundadora da igreja. Pense bem, né?! Pra gente é uma honra tão grande ser fundadora da igreja (...), né? Fundadora da cidade. A hora que eu morrer tenho que ter o nome aí, né? Numa rua, né?

[438] A questão do passado anterior aos Klabins também foi abordada por Dona V. a partir do estímulo da oralista.

7.6 Categorização para a análise da autorreferência			
Categoria	Id.	Cabeçalho da Edição	Unidade de Contexto
Importância da imprensa	1948a1	O Tibagi - Terça-feira, 23 de novembro de 1948 - Ano 1 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil - nº 01 - Edição de hoje: 6 páginas - 50 centavos - Página: CAPA - Título: Cem por Cento, a Serviço da Coletividade - Autor: XXX - Observações:	Não queremos nêste artigo, escrever sobre a **importância da imprensa em geral, por ser mais que sabido o papél que éla representa na cultura d'um povo**, sendo um dos **veículos máximos de seu progresso**, ao ponto de **podermos verificar o gráo de civilisação d'um paiz pela proporção existente entre o numero de jornais nêle publicados.**
Importância da imprensa e Práticas de caridade	1948a2	O Tibagi - Terça-feira, 23 de novembro de 1948 - Ano 1 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil - nº 01 - Edição de hoje: 6 páginas - 50 centavos - Página: CAPA - Título: Cem por Cento, a Serviço da Coletividade - Autor: XXX - Observações:	Porém para "O" Tibagi" precisamos abrir um capitulo especial, pois trata-se d'um caso excepcional. Será o unico pertencente cem por cento à coletividade. **Enquanto todos os órgãos da imprensa trabalham indirétamente para o bem da população, "O Tibagi" terá ação "direta"**, e isto pelo fato de que **sua renda liquida será totalmente usada para a melhoria das condições de vida em Monte Alegre.**
Práticas de caridade	1948a3	O Tibagi - Terça-feira, 23 de novembro de 1948 - Ano 1 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil - nº 01 - Edição de hoje: 6 páginas - 50 centavos - Página: CAPA - Título: Cem por Cento, a Serviço da Coletividade - Autor: XXX - Observações:	**Pela simples aquisição d'um exemplar o leitor estará prestando um serviço anônimo de filantropia, serviço êste que reverterá em seu próprio benefício.**

Independência política e Orientação/função do periódico	1948b1	O Tibagi - Terça-feira, 23 de novembro de 1948 - Ano 1 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil - nº 01 - Edição de hoje: 6 páginas - 50 centavos - Página: CAPA - Título: Nossa apresentação - Autor: XXX - Observações:	Este jornal é uma idéia que ha muito tempo vimos acalentando. **Nasce independente**, para **servir aos interesses legítimos do povo de Tibagi e pra divulgar, ensinar e defender conhecimentos e princípios democráticos.**
Orientação/função do periódico	1948b2	O Tibagi - Terça-feira, 23 de novembro de 1948 - Ano 1 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil - nº 01 - Edição de hoje: 6 páginas - 50 centavos - Página: CAPA - Título: Nossa apresentação - Autor: XXX - Observações:	Não temos **programa** que não esteja intimamente ligado ao **desejo de progresso e bem estar da nossa gente**; não temos **princípios** que nos proíbam a colaboração de tosos dos bem intencionados, homens de todas as crenças. Apenas seremos intransigentes na **defesa de nossa democracia e da soberania do povo brasileiro.**
Orientação/função do periódico	1948b3	O Tibagi - Terça-feira, 23 de novembro de 1948 - Ano 1 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil - nº 01 - Edição de hoje: 6 páginas - 50 centavos - Página: CAPA - Título: Nossa apresentação - Autor: XXX - Observações:	Escolhemos, com o proposito deliberado, o mês de novembro, para o nosso aparecimento, que é o mês da República. Quizemos com isso, desde logo, **frizar o nosso desideratum a nossa orientação**; quisemos também **prestar uma reconhecida homenagem a todos os que defendem e lutam pela conservação das nossas tradições e dos nossos ideais democráticos.**
Orientação/função do periódico	1948b4	O Tibagi - Terça-feira, 23 de novembro de 1948 - Ano 1 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil - nº 01 - Edição de hoje: 6 páginas - 50 centavos - Página: CAPA - Título: Nossa apresentação - Autor: XXX - Observações:	**Ao povo de Tibagí a nossa mensagem especial. Aqui estamos para dar guarida às suas pretenções e para defender os seus direitos na comunhão paranaense**; aqui estamos para prestigiar o seu governo, enquanto tem servir aos interesses da coletividade e aqui estamos para dizer e afirmar do seu denôdo na conquista, formação e defesa da civilização paranaense.

Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1949a1	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Aos nossos leitores - Autor: G. Molke - Observações:	Como todos os leitores sabem **completa hoje "O Tibagi" seu primeiro aniversário**. Isso para muitos é uma data sem pouca importância, mas **para nós** que somos ligados diretamente ao nosso semanário **significa uma grande vitória.**
Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1949a2	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Aos nossos leitores - Autor: G. Molke - Observações:	Como muito de nossos leitores devem saber, **é mais difícil dirigir um jornal pequeno** do que um diário de grande circulação, **devido aos motivos de ordem técnica e financeira.**
Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Independência política	1949a3	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Aos nossos leitores - Autor: G. Molke - Observações:	Pois um semanário **luta com dificuldades de toda espécie**, o noticiário tem que ser escolhido sem incorrer em grandes despesas, o que nos jornais de grande circulação é recompensado pelas tiragens de dezenas de milhares de jornais. **As colaborações tornam-se difíceis**, pois a nossa cidade não oferece material suficiente para tal, as reportagens se limitam aos acontecimentos locais ou dependem na maioria de empresas jornalísticas, ocasionando despesas. **Os semanários do interior na sua maioria não podem ser de côr política para conservar sua independência moral e cívica**. **Os anunciantes são poucos** devido a sua circulação semanal ou pouca aceitação por meio da população, que gostam mais de títulos espalhafatosos com quatro ou cinco linhas de reportagem do que de artigos de interesse geral.

Amor à profissão	1949a4	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Aos nossos leitores - Autor: G. Molke - Observações:	Porisso **ser jornalista do interior significa sacrifício e abnegação e uma boa porção de boa vontade**, sem a qual um jornal pequeno não pode sobreviver.
Gratidão à Horácio Klabin e Reconhecimento do semanário	1949a5	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Aos nossos leitores - Autor: G. Molke - Observações:	Neste ponto **devemos agradecer ao Dr. Horário Klabin que não mediu esforços para dotar Monte Alegre de um jornal** que, sendo semanário, **pode ser considerado um dos melhores dentro do nosso Estado.**
Gratidão à Horácio Klabin	1949a6	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Aos nossos leitores - Autor: G. Molke - Observações:	E **graças ao esforço do nosso diretor e seus auxiliares** é que podemos festejar hoje o primeiro aniversário do "O Tibagi" ao qual desejamos uma vida longa e prospera em prol da população de Monte Alegre e do Paraná.
Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Orientação/função do periódico	1949b1	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Primeiro Aniversário de "O Tibagi" - Autor: XXX - Observações:	Ao completarmos **um ano de existência, um ano de existência dedicado ao bem estar de nossa população, é com justo orgulho, que podemos confirmar a vitória desta nossa iniciativa.**

Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Orientação/função do periódico	1949b2	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Primeiro Aniversário de "O Tibagi" - Autor: XXX - Observações:	"O Tibagi", caçula da imprensa paranaense começa sua carreira com o pé direito, e hoje, **após doze meses de luta, continua na marcha ascendente e esta visando a elevação do nosso nível cultural.**
Amor à profissão, Invenção de tradições, Importância da imprensa e Profissionalização no meio jornalístico	1949b3	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Primeiro Aniversário de "O Tibagi" - Autor: XXX - Observações:	**Sem contar com jornalistas profissionais**, "O Tibagi", **fruto do labor desinteressado de um punhado de idealistas**, pouco a pouco **vai se tornando uma tradição entre os montealegrenses**, **passando a ser indispensável nos lares desta cidade**, e assim sendo podemos prever um futuro triunfante e esperançoso para êste jornal, o qual já é impresso no papel verde da esperança.
Invenção de tradições e Reconhecimento do semanário	1949c1	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre - Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Um ano vencido - Autor: J. Marenda - Observações:	Há precisamente um ano, a população de Monte Alegre era brindada com um jornal. Saía na rua o primeiro número do recém-nascido "O Tibagi". Era uma correria enorme. Todos queriam conhece-lo. **E todos se admiravam**. Ao contrário d que esperavam, **não era um periódico vulgar** que aparecia, **mas um jornal completo, com tôdas as características de um grande órgão de nosso pais. Um patrimônio para a imprensa nacional.**

Gratidão à Horácio Klabin, Importância da imprensa e Práticas de caridade	1949c2	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre - Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Um ano vencido - Autor: J. Marenda - Observações:	E de quem, a ideia da criação de um jornal em Monte Alegre? - Em se tratando de **uma cousa tão útil e necessária para uma cidade**, foi, indiscutivelmente, bastante feliz, porque o seu jornal surgia com uma característica diferente: **a renda liquida destinada à Assistência Social. Somente de uma grande alma é que se pode esperar iniciativa tão nobre.**
Reconhecimento do semanário	1949c3	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre - Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Um ano vencido - Autor: J. Marenda - Observações:	**"O Tibagi" foi recebido com agrado pelos montealegrenses, que procuraram, desde logo, cooperar nessa obra louvável.**
Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1949c4	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre - Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Um ano vencido - Autor: J. Marenda - Observações:	E se é verdade que **a imprensa é um contínuo batalhar, as lutas nasceram com o jornal. Vencendo umas e tendo pela frente outras, "O Tibagi" chega glorioso à sua primeira etapa.** Um ano vencido!
Discurso competente	1949c5	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre - Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Um ano vencido - Autor: J. Marenda - Observações:	Além do corpo redatorial, êste jornal sempre contou com **ótimos e assíduos colaboradores**, e entre êles o **dr. Karl Zappert**, com sua "História de Monte Alegre", **d. Greta Rödelheimer Fuchs**, com artigos esparsos, e tantos outros não menos inteligentes e esforçados, que deleitam os leitores dêste jornal com trabalho variados e interessantes.

Discurso competente	1949c6	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre - Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Um ano vencido - Autor: J. Marenda - Observações:	Não podemos esquecer também os seis primeiros meses que "O Tibagi" contou com a **pena brilhante e agradável do dr. Lauro Nery do Canto**, veterano e incansável lidador da imprensa, que redatoriou com maestria e inteligência.
Importância da imprensa e Orientação/função do periódico	1949c7	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre - Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Um ano vencido - Autor: J. Marenda - Observações:	**Noticiando, atacando e defendendo, o jornal tem a grande finalidade de ensinar, de instruir e de fazer conhecidos a terra e o povo que serve. O jornal é uma necessidade.** Para quem escreve, um dos mais belos meios de dar asas ao pensamento; para o leitor, **uma escola de utilidade indispensável.** De fato, nos dias presentes, não se compreende um homem que não leia e que não esteja a par dos acontecimento locais, nacionais e internacionais. Quem assim procedesse, seria um esquisito, alheio à própria vida e à época em que vive.
Gratidão à Horácio Klabin e Orientação/função do periódico	1949c8	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre - Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Um ano vencido - Autor: J. Marenda - Observações:	Unindo-nos, portanto, a todos os montealegrenses e a quantos **êste jornal tem servido, felicitamos a iniciativa vitoriosa do nosso diretor dr. Horácio Klabin**, que, com a criação de "O Tibagi", objetivava o **ideal sublime de elevar o grau cultural de nossa gente.**

Reconhecimento do semanário	1949c9	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 - Edição de 10 páginas - 1 cruzeiro - Ano 01 - Monte Alegre - Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 - nº.52 - Página: CAPA - Título: Um ano vencido - Autor: J. Marenda - Observações:	Demos, pois, um viva ao esperançoso e **já consagrado "O Tibagi"**, desejando-lhe um futuro sempre de maior destaque na imprensa paranaense e do Brasil.
Importância da imprensa	1950a1	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Ho+A1:D241rácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 10 - Título: A vitória da inteligência - Autor: Daily Luiz Wambier - Observações: Especial para O TIBAGI	**Não sei de trabalho mais nobre do que se faz em benefício da cultura de nossa gente, principalmente das populações localizadas no interior do Brasil**. O nosso país, em que pese o nosso otimismo, ainda constitui uma vastíssima planície onde as mediocridades pululam, ao lado da ignorância mais lamentável. Nunca se procurou proporcionar, à gente interiorana, os elementos adequados para lhe despertar o interêsse pelas coisas do espírito. A escassez dos meios de formação de cultura, por mais rudimentar que ela fôsse, sempre se fêz sentir nas regiões situadas no interior brasileiro. Daí, sem dúvida, as condições de vida dêsse povo, por assim dizer divorciado da comunhão brasileira, cujo ponto alto se encontrava na faixa litoreana.

Importância da imprensa	1950a2	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Ho+A1:D241rácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 10 - Título: A vitória da inteligência - Autor: Daily Luiz Wambier - Observações: Especial para O TIBAGI	Aos poucos, porém, de anos a esta parte, foi-se formando outra mentalidade por parte dos responsáveis pelos destinos da nacionalidade. Mentalidade que lhes sugeriu uma vista de olhos mais ampla para a zona, de sorte a trazer as suas populações ao convívio espiritual dos seus patrícios. A lado dêsse trabalho **cumpre destacar a tarefa realizada pelo jornal. Êle se tornou mais acessível à leitura dos semianalfabetos**, embora ainda não pudessem assimilar o que passava pelos olhos, com a precisão necessária. Teimou-se, todavia, na adoção dessa política. E os resultados foram dos melhores. Ainda não chegamos, evidentemente, ao ponto desejado, mas o que foi feito é algo que nos enche de satisfação e nos deixa entrever, para breve, a plena solução de um dos mais sérios problemas brasileiros.
Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1950a3	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Ho+A1:D241rácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 10 - Título: A vitória da inteligência - Autor: Daily Luiz Wambier - Observações: Especial para O TIBAGI	Ao lado dos veículos que tanto fizeram em prol da concretização das medias em referência, justo é que se ponha em evidência o trabalho dêsse simpático e vitorioso semanário de Monte Alegre, O TIBAGI. Está êle comemorando o seu segundo ano de existência, tôda ela consagrada à cultura de nossa gente interiorana. Sòmente esse fato indica os progressos conseguidos para atingirmos a meta em vista. Um semanário do interior, que nasce onde nunca antes se falara de jornal, e que, **mesmo com dificuldades**, chega ao vigésimo quarto mês de vida, é porque encontrou campo apropriado para florescer e frutificar.

Importância da imprensa	1950a4	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Ho+A1:D241rácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 10 - Título: A vitória da inteligência - Autor: Daily Luiz Wambier - Observações: Especial para O TIBAGI	E, encontrando receptividade no meio, **exerceu benéfica influência no sentido de integrar os brasileiros da região na vida nacional, além de lhes oportunizar para alargar os seus conhecimentos e entrar em contacto com tudo quanto ocorre no mundo, na esfera da cultura.**
Reconhecimento do semanário	1950a5	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Ho+A1:D241rácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 10 - Título: A vitória da inteligência - Autor: Daily Luiz Wambier - Observações: Especial para O TIBAGI	Ainda é cedo, por certo para se fazer um balanço mais justo a respeito do que **O TIBAGI** há executado em favor da concretização dos nossos velhos e queridos sonhos de um Brasil-interior mais culto. Contudo, o que já se observa atribui ao **prestigioso órgão de imprensa um lugar de invejável destaque.** Os meus calorosos cumprimentos à brilhante e esforçada equipe de intelectuais que estão desbravando a zona tibagiana e contribuindo valorosamente para a solução de problema muito importante, de todo Brasil.
Importância da Imprensa	1950b1	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 03 - Título: Crônica da Cidade - Autor: Marenfis - Observações:	Hoje, vamos conversar um pouco. Nada de crônica, se é que de crônicas possa chamar tudo o que tem saído nestas colunas. E falemos sobre o jornal. O jornal – essas folhas de papel que se vendem aí por determinado preço – todos o conhecem embora **nem sempre lhe dêm o justo valor e compreendam a sua sublime finalidade**. O jornal por dentro, porém – redação e oficinas – poucos sabem o que seja.

Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Realidade da construção	1950b2	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 03 - Título: Crônica da Cidade - Autor: Marenfis - Observações:	A confeição de um jornal não é igual a história do pudim feito por mais de mil homens. **Dá, entretanto, muito trabalho. Êle principia na redação.** E varia muito: **às vezes é difícil esse trabalho, e, às vezes, fácil. Depende das "inspirações", pois nem sempre a gente está com vontade escrever, de criticar, e de "descer a lenha".** Que o digam os que escrevem.
Realidade da construção	1950b3	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 03 - Título: Crônica da Cidade - Autor: Marenfis - Observações:	**Da redação, a matéria vai às oficinas, onde os tipógrafos entram em ação. Explicar o que é o serviço do tipógrafo é bem difícil.** Basta dizer que os artigos, as notícias, etc. são compostas tipo por tipo. E nessa operação de levar a mão à caixa e tirar o tipo necessário para formar as palavras, passa o tipógrafo o dia inteiro. Fazendo ligeiro cálculo matemático, verificaremos que no fim de cada edição de seis páginas, - como sai comumente o Tibagí, o tipógrafo terá feito aproximadamente sessenta mil desses movimentos. Há ainda a distribuição, depois de impresso o jornal, de todos os tipos empregados. Êles devem voltar aos seus respectivos lugares. São, portanto, centro e vinte mil movimentos, não contando os "ameaços"... Deve-se esclarecer que os diários possuem máquinas – linotipos – que fazem esse serviço com muita rapidez.
Realidade da construção	1950b4	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 03 - Título: Crônica da Cidade - Autor: Marenfis - Observações:	**Depois de composta a matéria, tira-se uma prova, a qual é enviada à redação, a fim de ser feita a primeira revisão.** O revisor é o Marenfis (Não confundam com Marenda); os "gatos" que saem no jornal são obra dele, isto é, cochilo, muito comum, aliás, na imprensa.

Realidade da construção	1950b5	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 03 - Título: Crônica da Cidade - Autor: Marenfis - Observações:	**Feita a revisão, as provas voltam às oficinas para que se proceda a corrigenda necessária.**
Realidade da construção	1950b6	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 03 - Título: Crônica da Cidade - Autor: Marenfis - Observações:	**A paginação, que vem logo em seguida**, requer esfôrço mental e bom gôsto artístico, pois o verdadeiro paginador faz da profissão uma arte. **Concluída a paginação, o jornal está quase pronto, faltando sómente alguns acabamentos e a impressão.** As páginas vão para o preto, e tira-se nova prova. Corrige-se. Calçam-se os "clichés" , quando os há. Verifica-se mais uma vez, se tudo está em ordem, e imprime-se (Parece até receita de bolo.) **Vêm ainda a intercalação e a expedição.** O jornal toma destino, e está finda a tarefa.
Amor à profissão	1950b7	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 03 - Título: Crônica da Cidade - Autor: Marenfis - Observações:	Disse-me alguém, muito acertadamente, quando iniciei as lides jornalísticas, que a **imprensa vicia**; é como um aperitivo que se toma antes de cada refeição, ou como o fumo. Exato. Vicia mesmo. E é por isso que, mesmo nos dias mais afanosos e agitados, **é doce o trabalho. Dá gosto.**

Reconhecimento do semanário	1950c1	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 01- Título: Edição comemorativa do 2º aniversário - Autor: XXX - Observações: fotografia (legenda: Monte Alegre – I.K.P. – o clichê mostra pequena parte de um dos cosinhadores [sic] da Fábrica)	"O Tibagí", na passagem de seu 2º Aniversário de fundação, rende homenagem aos seus amáveis leitores, assinantes, colaboradores e anunciantes pelo **apôio e preferêcia** que espera continuar recebendo. A data de hoje é festa para esta ca(ilegível). Completa dois anos O TIBAGI. A árvore plantada no dia 23 de novembro de 1948, **floresceu e tornou-se frondosa.** Os prelos rodaram pela primeira vez e prometem não parar jamais.
Reconhecimento do semanário	1950c2	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 01- Título: Edição comemorativa do 2º aniversário - Autor: XXX - Observações: fotografia (legenda: Monte Alegre – I.K.P. – o clichê mostra pequena parte de um dos cosinhadores [sic] da Fábrica)	Na verdade, **O Tibagi está nos corações dos montealegrenses e conquistou a simpatia, não sómente destes, mas de todos os seus inúmeros leitores, espalhados pelo Paraná inteiro.**
Invenção de tradições	1950c3	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 01- Título: Edição comemorativa do 2º aniversário - Autor: XXX - Observações: fotografia (legenda: Monte Alegre – I.K.P. – o clichê mostra pequena	**Já é uma tradição; é uma necessidade.**

		parte de um dos cosinhadores [sic] da Fábrica)	
Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1950c4	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 01- Título: Edição comemorativa do 2º aniversário - Autor: XXX - Observações: fotografia (legenda: Monte Alegre – I.K.P. – o clichê mostra pequena parte de um dos cosinhadores [sic] da Fábrica)	É motivo de justo orgulho, para nós que **aqui labutamos**, vermos já passados **vinte e quatro meses de lutas**. E na data de hoje, completa êste jornal mais uma etapa gloriosa; mais uma vitória vencida.
Gratidão à Horácio Klabin, Orientação/função do periódico e Práticas de caridade	1950c5	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103 - Página: 01- Título: Edição comemorativa do 2º aniversário - Autor: XXX - Observações: fotografia (legenda: Monte Alegre – I.K.P. – o clichê mostra pequena parte de um dos cosinhadores [sic] da Fábrica)	O corpo redatorial de **O TIBAGI**, valendo-se do feliz ensejo, **rende homenagens ao seu ilustre fundador, sr. dr. Horácio Klabin**, ora ausente de Monte Alegre, que, idealista cem porcento, teve, ao iniciar tal empreendimento, o escopo exclusivo de **servir a coletividade**, ou seja, **contribuindo para o desenvolvimento cultural de nosso povo, e destinando o lucro liquido do jornal para a Assistência Social.** E o fato de ter O TIBAGI chegado, com a mesma finalidade, até esta data, representa uma significativa vitória que há de repetir-se pelos anos a fora.

Orientação/função do periódico e Práticas de caridade	1950d1	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103- Página: 15 - Título: O Tibagi - Autor: Paulo de Souza Filho - Observações:	Não é necessário irmos longe para descobrir **o altruísmo e as verdadeiras finalidades da imprensa montealegrenses**. Basta notarmos apenas "que **a renda líquida do semanário reverte para instituições beneficentes"**. Isto é o nobre, isto é o tudo.
Amor à profissão	1950d2	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103- Página: 15 - Título: O Tibagi - Autor: Paulo de Souza Filho - Observações:	Quem não é da senda de imprensa, vê na profissão a cornucopia das riquezas, de onde flue [sic] manancial de outro. Porém os de dentro, e somente estes, **os jornalistas de tarimba, de intuição, de alma, podem observar o sacerdócio da profissão, da arte de Gutemberg.**
Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Orientação/função do periódico	1950d3	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103- Página: 15 - Título: O Tibagi - Autor: Paulo de Souza Filho - Observações:	O Tibagi, como jornal, e mais ainda, como imprensa de interior, só pode escrever como um bandeirante, com as armas da letra, como um "corta pau" de papel, devastando o bravio mental, cavando fundo, até a terra humus de onde fluem todos os proveitos da vida, o saber. Este esforço leva menos de um ano, ou talvez mais que um século. Mas os milagres da imprensa vingam como a vontade das plantas. O TIBAGI, com apenas dois anos de idade, lançou sua cordoalha de nutrição para o solo, e como o Imbê, **floresceu** bem mais alto que a superfície, aurindo da terra e dos ares, e firmando pela sequola paranaense. **Esta é a luta pelo alimento, a disputa da posição, a vontade de ser útil.**

Amor à profissão	1950d4	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103- Página: 15 - Título: O Tibagi - Autor: Paulo de Souza Filho - Observações:	John H. Sorrell, editor americano, respondendo a um jovem que lhe perguntava se devia tornar-se jornalista, disse: "Estou muito certo de que a imprensa gose [sic] hoje de confiança pública. Desta forma o negócio jornalístico mostrar-se-á inadequado a todos quantos os considem apenas como um simples meio de ganhar a vida, porque **o jornalismo é mais do que um negócio, um ofício, ou uma profissão: é um modo de vida**".
Amor à profissão	1950d5	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103- Página: 15 - Título: O Tibagi - Autor: Paulo de Souza Filho - Observações:	Que seja **um modo de vida** não vamos duvidar, pois todos nós devemos ganhar a vida de um modo certo. Mas a quantos queiram viver "deste modo" **somente resistirão os educados, os sérios, os feitos para o árduo, para a disciplina mental e para o anonimato sem glorias.** E é nisto apenas que consiste o ser jornalista.
Independência política	1950d6	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103- Página: 15 - Título: O Tibagi - Autor: Paulo de Souza Filho - Observações:	Mais adiante Sorrell pondera: "**Uma imprensa livre**, em suas ações, é um pouco de tudo: e ela que dá as notícias primeiras, é um casamento, nascimento ou morte; é inaugurações disto ou o preço daquilo; reportagens sobre tudo, informando o que é novo e interessante".
Orientação/função do periódico	1950d7	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103- Página: 15 - Título: O Tibagi - Autor: Paulo de Souza Filho - Observações:	**"É uma instituição que esclarece, e na qual a comunidade se apoia para saber, elogiar e julgar".**

Importância da imprensa, Orientação/função do periódico e Reconhecimento do semanário	1950d8	O Tibagi - Quinta-feira, 23 de novembro de 1950 - 28 páginas - 2 cruzeiros - ano II - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e administração: Avenida Brasil, 02 - nº.103- Página: 15 - Título: O Tibagi - Autor: Paulo de Souza Filho - Observações:	"Jornalismo é profissão para cavalheiros". E nesta escola cavalheiresca, desejo render as minhas homenagens mais sinceras ao armeiro do hinterland, O TIBAGI. E vontade nossa e de todos os **paranaenses gratos**, que seus prelos rodem sempre, que suas páginas abram-se como a vida, como a luz, como a fé; aonde nós possamos mirar, acreditar e ver sempre o retrato do tempo, "**apoiar-se para saber, elogiar e julgar**"... pois **o jornal dá coesão, direção, ele agita, prevê necessidades, articula a luta ao lado dos que precisam.** Traz ao lar o rumor das ruas: estabelece e preserva os padrões de moral pública. "O jornal é o médico, o padre confessor e o advogado da comunidade". Minhas felicidades.
Invenção de tradições	1951a1	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre - Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 01- Título: Curiosidades sôbre a imprensa tibagiana - Autor: J. Marenda - Observações: Fotografia de "O Tibagy", 1905 – 13º edição	Grande parte da correspondência enviada a êste jornal passa pela cidade de Tibagí, não raro, com algum prejuízo para nós. Lá, não sendo encontrado destinatário, a correspondência é devolvida ao correio de Ponta Grossa, de onde empreende nova caminhada para o seu verdadeiro destino: Monte Alegre. Dirão os leitores ser isto natural, pela confusão que o nome dêste semanário causa aos funcionários dos correios, já que é o mesmo da cidade de Tibagí. Na realidade, em parte é isto mesmo; mas, nem sempre. Acontece, seguido, o endereço estar errado. E êste cochilo é, às vezes, imperdoável, principalmente quando se trata de pessoas, sociedades, etc. que nos solicitam a publicação de algo de seus interesses. Imperdoável, porque no cabeçalho de O TIBAGI está em caixa alta o nome do lugar, isto é, Monte Alegre. Mas se eu disser aos prezados leitores que **a cidade de Tibagí, sede da Comarca dêste Município, já teve um jornal**, muitos não acreditarão. No entanto, é pura verdade. **E mais admirados ficarão, por certo, ao saberem que êsse jornalzinho, que não existe mais há muito tempo, se chamava também O TIBAGI.**

Invenção de tradições e Reconhecimento do semanário	1951a2	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre - Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 01- Título: Curiosidades sôbre a imprensa tibagiana - Autor: J. Marenda - Observações: Fotografia de "O Tibagy", 1905 – 13º edição	O tibagiano Osvaldo Bittencourt, em artigo que nos enviou por ocasião do segundo aniversário dêste jornal, diz o seguinte, referindo-se ao assunto: "Oportuno se torna rememorarmos um fato curioso que talvez a maioria dos leitores desconheça. A imprensa tibagiana conta mais de quarenta e seis anos de existência, (hoje, 47) datando o aparecimento do 1º número de "O Tibagi", de outubro de 1904. Jornal de pequeno formato, obedecia o mesmo a Telêmaco Borba e era editado na sede da Comarca. À semelhança das rosas de Melherbe, teve o mesmo efêmera duração, desaparecendo no ano seguinte, para só voltar a circular em 1948, em Monte Alegre, com farta matéria redatorial e apresentando ótimo feitio tipográfico".
Invenção de tradições	1951a3	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre - Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 01- Título: Curiosidades sôbre a imprensa tibagiana - Autor: J. Marenda - Observações: Fotografia de "O Tibagy", 1905 – 13º edição	Ao que nos consta, o nosso diretor, dr. Horácio Klabin, ao fundar O TIBAGI desconhecia a existência, em tempos idos, de outro jornal com o mesmo título. Curiosa coincidência pois. **"O Tibagi" I**, o editado na sede da Comarca, era, de fato, um "jornal de pequeno formato". Media vinte centímetros por trinta. Espaço para matéria, quinze por vinte e cinco. Era composto em três colunas por página, tendo cada coluna cinco centímetros. Era proprietário do pequeno semanário o sr. João Capillé, e Redator-Chege o grande e conhecido tibagiano Telêmaco Borba.

Gratidão à Horácio Klabin e Invenção de tradições	1951a4	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre - Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 01- Título: Curiosidades sôbre a imprensa tibagiana - Autor: J. Marenda - Observações: Fotografia de "O Tibagy", 1905 – 13º edição	Baseado pelo conteúdo de um dos números que nos chegou às mãos, podemos prognosticar que "O Tibagi" de então devia agradar plenamente seus leitores. Duas páginas eram dedicadas quase exclusivamente ao movimento social da cidade e do município, que – diga-se de passagem, era vastíssimo naquele tempo, indo suas fronteiras fincar-se no norte do Estado. Quem hoje tem a satisfação de ler um dos números do simpático jornalzinho encontra muita cousa curiosa, como a ortografia, a redação, etc. a propósito, tomamos a liberdade de transcrever aqui uma nota de aniversário: "No dia 27 do mez passado colheu mais uma flôr de abobora no quintal de sua existencia o Snr. João Capillé, proprietário desta folha. Meus parabens. Seu Typographo". Coisa curiosa também é observar os preços vigorantes naquela época. Eis o que nos mostra o anúncio que segue: "O abaixo assinado acaba de receber grande e variado sortimento de fazendas modernas e armarinho e está vendendo por preços sem concorrencia e para provar dá um peça de algodãozinho por 2$000 e assim por diante tudo". Em outro reclame, alguém oferece nada menos de mil alqueires de terreno pelo preço de quatro conto de réis. Bem, isto foi lá nos começos do longínquo ano de 1905. **Nesse ano desapareceu "O Tibagi", de Tibagi. Em 1948, decorrido um período de quarenta e três ano, nasceu "O Tibagi", de Monte Alegre, graças ao esfôrço de um espírito progressista e amante das boas causas, o Diretor das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A., sr. dr. Horácio Klabin.**
Reconhecimento do semanário	1951a5	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre - Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 01- Título: Curiosidades sôbre a imprensa tibagiana - Autor: J. Marenda - Observações:	Hoje, "O TIBAGI" completa três anos que existência. Há festas nesta casa. **A grande família, assinantes e leitores, alegra-se com o feliz acontecimento.** Que a jornada que empreendeu "O TIBAGI" – **a jornada da boa imprensa** – não tenha mais fim, é o que desejamos, neste dia tão significativo. E aqui ficam alguns registros sôbre a imprensa tibagiana.

		Fotografia de “O Tibagy”, 1905 – 13º edição	
Amor à profissão, Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Profissionalização no meio jornalístico	1951b1	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre - Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 02 - Título: O TIBAGI – Um ano a mais! - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Nestes três anos de tirocínio jornalístico, se não conseguimos uma extraordinária melhoria, muito estudamos e coletamos para o nosso acervo de experiências. **Nas capitais já se fala em escolas de jornalismo**, mas aqui no interior não é possível satisfazer as otimistas idéias dos bem intencionados fundadores de cursos para a classe. **O que vigora, o que nos orienta e nos ensina é ainda a boa observação pessoal, o estudo paciente, a boa vontade, o auto-didatismo**, enfim. Temos que progredir por nós mesmos, à custa da atividade que podemos desenvolver. **Começamos como amadores e demos no desempenho de nossa tarefa o melhor do nosso esfôrço**. A crítica honesta estimula-nos com sua argúcia ao apontar nossos erros. **A crítica maldizente** mostra-nos o quanto é preciso ser persistente para não esmorecer. Em todo caso, **resta-nos a tranquila consciência de quem realiza um trabalho com todo o poder da própria fôrça.**
Orientação/função do periódico	1951b2	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre - Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 02 - Título: O TIBAGI – Um ano a mais! - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Começamos pelo ABC, selecionando assuntos, estudando o que fôsse de interesse geral, procurando sempre **atender às necessidades dos leitores e fazer que O TIBGI o órgão de ligação que êle se propôs ser**.

Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1951b3	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre - Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 02 - Título: O TIBAGI – Um ano a mais! - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Como semanário, O TIBAGI não pode ter o caráter sensacionalista dos diários, que em cada vinte e quatro horas selecionam as ocorrências e as transmitem com atualidade. **Temos de desempenhar a dupla função de noticiário e revista**, com assuntos do momento e da semana. Não podemos remontar fatos passados e forçados a diminuir a parte noticiosa, procuramos satisfazer o leitor com uma leitura variada.
Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1951b4	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre - Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 02 - Título: O TIBAGI – Um ano a mais! - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**O leitor não nos tem ajudado** grandemente quando lhe pedimos a opinião sôbre temas do seu interesse. Criamos secções de diversão, literária, sentimental, folheTim, concursos, colunas abertas à sua manifestação, sem recebermos da sua parte colaboração que necessitávamos. **Muitas vezes chegamos a desanimar**. Era como nos dirigíssemos para um local deserto, onde nenhuma voz respondia e uma total indiferença dominasse os fracos anseios de resposta.
Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Reconhecimento do semanário	1951b5	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre - Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 02 - Título: O TIBAGI – Um ano a mais! - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Persistimos e êste número de aniversário não é somente **uma vitória do nosso esfôrço; é um presente régio do nosso público ledor, dos nossos colaboradores que aparecem, numerosos, para estimular e valorizar nosso trabalho.** Velhos amigos, sempre fiéis, estendem-nos a mão e outros, que nossos olhos cegos não haviam percebido, acorrem a nosso chamado. Com nosso entusiasmo, sob vivificante hausto de energia, reencetamos a tarefa, no limiar de outro ano de atividades. E bem sinceramente, com os corações felizes, enviamos a todos que conosco cooperam e nosso agradecimento jubiloso.

Gratidão à Horácio Klabin e Orientação/função do periódico	1951c1	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 25 - Título: Salve, O Tibagi - Autor: Greta Rodelheimer - Observações: Coluna Prata da Casa (03)	É um refrão velho que diz que o tempo voa. O tempo você é verdade, e está voando num avião a jato. Parece mentira que passou mais um ano desde aquela data, em que **o nosso querido diretor, Dr. Horácio Klabin, teve – em 1948 a luminosa idéia de fundar um jornal, "ad maiorem gloriam"** deste Monte Alegre de nossos pecados, e **para irradiar a luz da civilisação [sic] nestas paragens solitárias.**
Gratidão à Horácio Klabin e Reconhecimento do semanário	1951c2	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 25 - Título: Salve, O Tibagi - Autor: Greta Rodelheimer - Observações: Coluna Prata da Casa (03)	**Foi um grande sucesso**. E ao transmitir **ao Dr. Horácio meus mais sinceros parabens**, desejo ao nosso "O Tibagi" que aumente em volume, sabedoria a número de leitores.
Gratidão à Horácio Klabin	1951c3	O Tibagi - Sexta-feira, 23 de novembro de 1951 - 40 páginas - 2 cruzeiros - ano IV - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi - nº.154 - Página: 25 - Título: Salve, O Tibagi - Autor: Greta Rodelheimer - Observações: Coluna Prata da Casa (03)	**Nosso diretor, não mais está fundando jornais, ele deu um passo para diante e funda cidades**; tambem eu – mais modesta – mudei de tema e em vez de "chupar na pena", exprimindo ideias, estou mexendo colheres de pau e canelas, para dar de comer a numerosa e difícil freguesia. Tudo isto, porem, não é óbice, para não desejar a "O Tibagi" aos seus colaboradores infatigáveis e aos seus leitores um ardoro. "Vivant Crescant, floreant!"

Reconhecimento do semanário	1952a1	O Tibagi - 52 páginas - ano V - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº203. - Página: 01- Título: 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1952. - Autor: J. Marenda - Observações:	O TIBAGI está festejando seu quarto aniversário de fundação. Eis o motivo da festa de hoje, que os prezados assinantes e leitores já estivessem estranhando. Eis também o por que de o nosso semanário estar circulando com um número de páginas várias vezes maior que nas edições comuns. E nada mais justo. Quando uma pessoa da família ou de nossa estíma faz anos, procuramos fazer algo que denote a nossa afeição e que fique na lembrança do homenageado. Demonstramos, enfim, que nos lembramos daquela data. **E quantos não são os que se lembraram, já com bastante antecedência, do aniversário dêste querido semanário.**
Reconhecimento do semanário	1952a2	O Tibagi - 52 páginas - ano V - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº203. - Página: 01- Título: 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1952. - Autor: J. Marenda - Observações:	Já não nos referimos as pessoas de casa, que, de há muito, vinham estudando a melhor maneira de comemorar o acontecimento, mas, também a outros e **tantos colaboradores** – muitos anônimos, a êste **número apreciável de anunciantes**, que, além de cooperarem em uma das partes importantes da vida do jornal – a financeira – contribuiram ainda grandemente na feição festiva desta edição. **Muita gente, enfim, se lembrou do hebdomadário verde de Monte Alegre.** E isto é um bom sinal. Representa mais uma expressiva vitória, entre tantas, de O TIBAGI. Terminando, unindo-nos **a quantos já enviaram felicitações a êste jornal**, pela passagem de seu quarto aniversário, queremos desejar, de-coração, a O TIBAGI um futuro de muito progresso, sempre mais brilhante, de vitórias contínuas...
Gratidão à Horácio Klabin	1952a3	O Tibagi - 52 páginas - ano V - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº203. - Página: 01- Título: 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1952. - Autor: J. Marenda - Observações:	**Que O TIBAGI espelhe sempre o idealismo de seu Diretor-fundador Dr. Horácio Klabin.**

Reconhecimento do semanário	1952b1	O Tibagi - 52 páginas - ano V - Monte Alegre – Paraná - Fundador: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº203. - Página: 01 - Título: O TIBAGI percorre o BRASIL - Autor: XXX - Observações:	Damos, a seguir, **um quadro com os nomes das cidade e localidades do Paraná e do Brasil, onde O TIBAGI é recebido. Por êste quadro poder se á verificar a difusão que já alcançou até agora o semanário monte-alegrense**: Monte Alegre (Lagoa – Harmonia – Mauá – Guarda-Morias) Ventania)-Itararé – São Pauloo (capital Bom Pirai do Sul, Tibagi – Ortigueira – Jaguariaiva – Rio de Janeiro – Arapoti – Ponta Grossa – Laranjeira do Sul – Santa Maria (R.G.S.) – Apucarana – Londrina – Ribeirão Claro – Wenceslau Braz – Itapeva – Curiuva – Joaquim Tavora – Arauva (?) Reserv – Santo Antonio da Platina – Belo Horizonte (Minas) – Rio Pardo (S. Paulo) – Joinville (Santa Catarina) – Guarapuava – Rio Bom (Apucarana) – Curitiba – Jacarezinho – Jaguapitã – Paranaguá – Palmeira – Maringá – Assai – Pôrto Alegre (R.G.S.) Lavrinhas (Pinhalão) – Imbituva – Castro – Rio Negro – Santos – Paranavaí – São Vicente (São Paulo) – Tomazina Siqueira Campos – Rolandia Juiz de Fora (Minas) Natingui, Ipiranga. Além disso, contando-se remessas isoladas, **este semanário já visitou quase tôdas as cidades brasileiras e ainda o exterior**, pois O TIBAGI já foi recebido em Lisboa (Portugal).
Discurso competente e Reconhecimento do semanário	1953a1	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 - 5º aniversário - Edição de hoje: 03 cadernos - 48 páginas - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº250 - Página: 1ª página – terceiro caderno - Título: Agradecimento - Autor: Redação - Observações:	Aos **srs. drs. David Carneiro**, presidente do Centro de Letras do Paraná, **Sá Barreto**, presidente da Academia Paranaense de letras, **Vasco Taborda**, presidente da Academia de Letras José de Alencar, agradecemos as colaborações enviadas, com especial referência ao inestimável trabalho do **dr. Rodrigo Junior**, que teve a fineza de reuni las e remete las a nossa redação.

Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Orientação/função do periódico	1953b1	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 - 5º aniversário - Edição de hoje: 03 cadernos - 48 páginas - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº250 - Página: 1ª página – terceiro caderno - Título: Mais um ano na existência de "O Tibagi" - Autor: Elsi Ebeling - Observações:	**A soma de sacrifícios, esforços e cuidados que exige uma emprêsa jornalística** cada ano que passa em sua existência, só a pode calcular e apreciar quem de perto tenha seguido passo a passo **a luta continua, insistente e fatigante dos que de noite e dia pensam e trabalham para a prosperidade de um jornal.** Para que êle se firme na simpatia do público e **satisfaça integralmente a sua missão**.
Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1953b2	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 - 5º aniversário - Edição de hoje: 03 cadernos - 48 páginas - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº250 - Página: 1ª página – terceiro caderno - Título: Mais um ano na existência de "O Tibagi" - Autor: Elsi Ebeling - Observações:	E **esse esforço, êsses sacrifícios** têm sua razão na cincunstancia que se dá com êste gênero de empresas, que na menor causa pode estar a sua ruina moral e material.
Orientação/função do periódico	1953b3	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 - 5º aniversário - Edição de hoje: 03 cadernos - 48 páginas - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº250 - Página: 1ª página – terceiro caderno - Título: Mais um ano na existência de "O Tibagi" - Autor: Elsi Ebeling - Observações:	Porque **um jornal que vive para o público**, que **se faz para o público**, tem que **satisfazer o gosto do maior número, ser concorde com o modo de vêr da opinião mais geral. Não contrariar, não irritar, não provocar más vontades, incendiar ódios, nem colaborar para o êxito de ruins paixões**. E eis, portanto, porque cada ano na existência de um jornal representa soma consideravel de **talento, de trabalho, de probidade e honra.**

Orientação/função do periódico	1953b4	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 - 5º aniversário - Edição de hoje: 03 cadernos - 48 páginas - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº250 - Página: 1ª página – terceiro caderno - Título: Mais um ano na existência de "O Tibagi" - Autor: Elsi Ebeling - Observações:	Porque, sem estes elementos, um jornal não caminha, não truinfa, visto que não pode satisfazer a **sua missão social,** quando não se inspire para isso nos mais integros **princípios da honestidade**, que tem de ser a sua força principal.
Dificuldades enfrentadas pelo jornal, Gratidão à Horácio Klabin e Orientação/função do periódico	1953b5	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 - 5º aniversário - Edição de hoje: 03 cadernos - 48 páginas - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº250 - Página: 1ª página – terceiro caderno - Título: Mais um ano na existência de "O Tibagi" - Autor: Elsi Ebeling - Observações:	Celebrando hoje, pois, êste jornal mais um ano de existência, tal fato assinala evidentemente que não foram baldados **os sacrificios e os esforços**, em tão longo periodo desenvolvido, e que êles **se orientam pelos mais úgidos sentimentos de honra, mercê do que a simpatia pública está com êste semanário, e do lado dos seus ilustres instituidores.**
Reconhecimento do semanário	1953b6	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 - 5º aniversário - Edição de hoje: 03 cadernos - 48 páginas - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº250 - Página: 1ª página – terceiro caderno - Título: Mais um ano na existência de "O Tibagi" - Autor: Elsi Ebeling - Observações:	Parabéns, pois, a todos os que para tão belo êxito têm colaborado e que por longos anos esta emprêsa possa viver, sempre **prospera honrada e respeitada.**

Dificuldades enfrentadas pelo jornal, Discurso competente e Reconhecimento do semanário	1953c1	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 - 5º aniversário - Edição de hoje: 03 cadernos - 48 páginas - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº250. - Página: CAPA - Título: Nosso aniversário - Autor: XXX - Observações:	Êste ano, nossa edição especial tem duplo significado: é comemorativa do 5º aniversário de nosso jornal, e, ao mesmo tempo uma homenagem ao Paraná pelo transcurso do 1º Centenário de sua emancipação política. Dois marcantes acontecimentos. "O Tibagi" completa mais um ano. **Vence mais uma etapa**. A alegria que invade nossos corações, **todos que nesta tenda labutamos**, é imensa e indescritível. E isto por que, mais uma vez, fica evidenciado, de forma tão eloquente, **a simpatia que desfruta e o conceito em que é tido êste semanário.** Com efeito, **nossas páginas aí estão enriquecidas com trabalhos de um grande número de personalidades literárias de primeira linha, não só do Paraná, como de vários outros Estados.** São nossos assíduos colaboradores.
Reconhecimento do semanário	1953c2	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 - 5º aniversário - Edição de hoje: 03 cadernos - 48 páginas - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº250. - Página: CAPA - Título: Nosso aniversário - Autor: XXX - Observações:	De outro lado, estão **os anunciantes**, em número verdadeiramente alentador, **reafirmando**, com suas presenças, **o prestígio de "O Tibagi".**
Reconhecimento do semanário	1953c3	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 - 5º aniversário - Edição de hoje: 03 cadernos - 48 páginas - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº250. - Página: CAPA - Título: Nosso aniversário - Autor: XXX - Observações:	A todos, aproveitamos a oportunidade para lhes deixar aqui os nossos agradecimentos sinceros. Por tudo isso, "O Tibagi" inicia o novo ano de sua existência mais confiante. **Já lhe está reservado o lugar a que realmente faz jus, no cenário da imprensa.**

Reconhecimento do semanário	1954a1	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1954 - 5º aniversário - Edição de hoje: 52 páginas - 2 cruzeiros - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº298. - Página: CAPA - Título: 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1954 - Autor: XXX - Observações:	Outro ano é passado na vida de O TIBAGI, para alegria nossa, particularmente, e para **a população de Monte Alegre, que vê neste semanário o seu jornal, um amigo dedicado às suas causas.**
Orientação/função do periódico	1954a2	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1954 - 5º aniversário - Edição de hoje: 52 páginas - 2 cruzeiros - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº298. - Página: CAPA - Título: 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1954 - Autor: XXX - Observações:	Com efeito, neste ano que acaba de transcorrer, procuramos, como nos anteriores, desde a primeira edição, em 1948, **atender da melhor maneira e na medida do possível, os anseios da coletividade montealegrenses, em nosso mister de noticiar, informar e orientar.**
Discurso competente	1954a3	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1954 - 5º aniversário - Edição de hoje: 52 páginas - 2 cruzeiros - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº298. - Página: CAPA - Título: 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1954 - Autor: XXX - Observações:	Esta edição circula bastante aumentada, **rica em literatura**, informações e notícias, clichés, etc. graças ao esfôrço de um pugilo de colaboradores sempre a postos.

Reconhecimento do semanário	1954a4	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1954 - 5º aniversário - Edição de hoje: 52 páginas - 2 cruzeiros - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº298. - Página: CAPA - Título: 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1954 - Autor: XXX - Observações:	**A parte de anúncios diz bem, por si só, do conceito em que é tido O TIBAGI, não só em Monte Alegre como no Estado Inteiro, e, mesmo, em muitas partes do Brasil.**
Orientação/função do periódico	1954a5	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1954 - 5º aniversário - Edição de hoje: 52 páginas - 2 cruzeiros - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº298. - Página: CAPA - Título: 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1954 - Autor: XXX - Observações:	Prometendo continuar sempre na mesma **linha de conduta a que nos propusemos seguir, e procurando sempre melhor servir**, aproveitamos a oportunidade para externar aqui os nossos sinceros e profundos agradecimento a quantos – colaboradores e anunciantes – contribuiram para o maior brilhantismo desta dição Especial.
Realidade da construção	1954b1	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1954 - 5º aniversário - Edição de hoje: 52 páginas - 2 cruzeiros - Ano VI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº298. - Página: CAPA - Título: Nota sôbre os anônimos - Autor: XXX - Observações:	Nesta nossa edição gigante cabe aqui neste cantinho algumas frases, para que nelas o leitor detenha por instantes seus olhos confraternizando conosco numa homenagem aos anônimos tipógrafos, paginadores e colaboradores do jornal, que **dias a fio, noites a dentro até o raiar da madrugada, trabalharam incansavelmente para a edição especial do aniversário de "O Tibagi".** E nos ao invés de felicitarmos, felicitamo nos por termos contado com sua valiosa cooperação.

Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1956a1	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 - 8º aniversário - Edição de hoje: 44 páginas - Ano VIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº396. - Página: 02 - Título: Aqui estamos - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Não vamos falar de Suez, nem comentar sôbre a terrível ameaça que paira sobe o mundo. Não vamos dizer das ameaças da Rússia, nem das bombas de cobalto e hidrogênio que entram na linguagem internacional dos E.U. O nosso direito de opinar não modificará a tremenda engrenaram que move os acontecimento mundiais. Ter a consciência do desvario que vai lá por fóra pode fazer-nos mais modernos, mas não nos torna mais felizes. Fiquemos hoje, pois, aqui pela cidade-papel, olhando à pinheirama compacta que nos circunda, com a exuberante vitalidade das plantações novas, reafirmando a indestrutível força da natureza. Esqueçamos até os magnos problemas individuais, **as ações que põem em perigo a nossa segurança e destroem nosso trabalho**; que desfazem **as parcas regalias de anos e anos de devotação e roubam-nos o entusiasmo e abalam-nos a boa fé**. Olvidemos ganância, a **exaurir-nos as forças quando já demos os melhores anos de nossa dia ao trabalho da comunidade**, como célula dum organismo poderoso. Digamos apenas que pela 8ª vez aqui estamos a comemorar uma data natálica.
Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1956a2	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 - 8º aniversário - Edição de hoje: 44 páginas - Ano VIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº396. - Página: 02 - Título: Aqui estamos - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Aqui estamos, com o **prazer íntimo do dever cumprido** – que ninguém pode roubar. Aqui estamos com a **orgulhosa satisfação de termos vencido tantas lutas, tantas canseiras e tantos obstáculos.**

Orientação/função do periódico	1956a3	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 - 8º aniversário - Edição de hoje: 44 páginas - Ano VIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº396. - Página: 02 - Título: Aqui estamos - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	"O Tibagi" comora outro ano de existência, de **trabalho em prol da comunidade, como porta-voz da cidade-papel, mensageiro de suas notícias, documentário fiel de sua vida e registrador de sua história.**
Orientação/função do periódico	1956a4	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 - 8º aniversário - Edição de hoje: 44 páginas - Ano VIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº396. - Página: 02 - Título: Aqui estamos - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Continuaremos avante, conscientes da modéstia de nossos recursos e igualmente **conscientes da responsabilidade de nossa missão**. Por isso enviamos a todos os amigos o nosso abraço de gratidão, pela solidariedade; aos leitores a promessa de que **prosseguiremos a servi-los, com os maiores esforços e a melhor boa vontade.**
Discurso competente	1956b1	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 - 8º aniversário - Edição de hoje: 44 páginas - Ano VIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº396. - Página: 05 - Título: XXX - Autor: XXX - Observações: pequena nota na Página do Centro de Letras do Paraná	'O Tibagi', publicando trabalhos em prosa e verso, de **diversos membros do Centro de Letras do Paraná**, presta à mais ativa entidade literária de nosso Estado, a tradicional **Casa de Euclides Bandeira e Emiliano Perneta** sua modesta homenagem.

Discurso competente, Importância da imprensa, Orientação/função do periódico e Reconhecimento do semanário	1956c1	O Tibagi - Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 - 8º aniversário - Edição de hoje: 44 páginas - Ano VIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº396. - Página: CAPA - Título: O Tibagi - Autor: Helio C. Teixeira - Observações:	Sempre dedicamos à Imprensa dos Estados uma atenção tôda especial. **A maioria dos jornais do interior do nosso país representa uma elevada expressão de cultura e inteligência do povo brasileiro. Frequentemente, encontramos nessa folhas a revelação de profissionais da pena capazes de horar qualquer grande jornal da Capital.** Por isso, é com verdadeiro interêsse que procuramos conhecer a atividade intelectual da Provincia, através dos melhores órgãos de sua Imprensa. **Ainda recentemente, conhecemos um ótimo jornal de uma próspera e culta cidade do Estado do Paraná. Referimo-nos a "O Tibagi"** que, neste mês, conta mais um ano de existência. Não podíamos, portanto, deixar de contribuir para a comemoração de tão festiva data com nossas palavras modestas porém sinceras de **profunda admiração, de espontânea simpatia e de grande contentamento**, que também constituem nossos melhores votos de constante progresso, desejando **que êsse vitorioso jornal continue, conforme sempre o tem feito, com sua nobre missão de sempre levar a seus leitores a mensagem de cultura e sentimento, que tem honrado tanto a Imprensa de nosso País.** Embora distante realizando nosso trabalho na Capital, jamais deixaremos de acompanhar a atividade de "O Tibagi", pois **a leitura de suas páginas constitui sempre um motivo de verdadeira satisfação para nós.** Felizmente, portanto, não sentimos a mesma indiferença dedicada a outros pontos do País pela maioria dos que vivem na Metrópole: nossa atenção, muito ao contrário, esta sempre voltada para todos os pontos da nossa Patria, **onde existem, como em Monte Alegre, brasileiros que estudam e produzem, com eficiência, tanto material como intelectualmente.** E, agora, concluindo esta pequena homenagem, renovamos nossos votos de perene felicidade e constante progresso com nosso pensamento e nossa emoção confiantes nas **mensagens de cultura e sentimento que sempre têm sido transmitidas por "O Tibagi"**. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1956. Helio C. Teixeira

Discurso competente	1957a1	O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 - Página: CAPA – terceiro caderno - Título: Notas Breves - Autor: XXX - Observações: Página Sociais Literárias	Publicando aos lados de artigo de apresentação desta página poesias de **Helena Kolody e Rodrigo Junior**, prestamos a êsses **dois nomes tão representativos na Poesia do Paraná** uma singela homenagem. **Desde o início** de nossa atividade como redatores – quer dizer, desde o primeiro número de "O Tibagi" – **contamos com a valiosa colaboração de ambos.** Particularmente, expressamos nossa sincera alegria pela leal amizade que nos dedicam.
Importância da imprensa	1957b1	O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 - Página: CAPA – terceiro caderno - Título: "O Tibagi" na Espanha - Autor: A Redação - Observações: com fragmentos escritos pelos sr. ministro Altair de Moura	Já por diversas vezes temos escrito sôbre a imperiosa necessidade de uma maior propaganda do Brasil no Exterior. Ainda não nos conhecem suficientemente os outros povos, mesmo os que, por razões várias, vivam mais em contacto com nossas cousas e nossa gente. Porisso é consolador e muito agradável quando um e outro de nossos representantes saem da regra geral e fazem exceções. É o caso do sr. ministro Altamir de Moura, cônsul geral do Brasil em Barcelona, Espanha, que está organizando exposições pictóricas e plásticas, acompanhadas de projeções cinematográficas, e a exibição, pela primeira vez de jornais, revistas e de tôda classe de material que traduza a arte gráfica do Brasil. E, nesse particular, **temos muito que mostrar de bom, que, se não supera o material existente em outros paises ao menos mostrará o nosso grau de progresso, o nosso trabalho e vontade de aperfeiçoamento e de criação.**

Reconhecimento do semanário	1957b2	O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 - Página: CAPA – terceiro caderno - Título: "O Tibagi" na Espanha - Autor: A Redação - Observações: com fragmentos escritos pelos sr. ministro Altair de Moura	Transcrevemos, a seguir, alguns tópicos da carta que acabamos de receber do sr. ministro Altamir de Moura: "O Consulado Geral sob minha direção vem executando, em Barcelona, uma série de medidas tendentes a promover maior conhecimento das modernas realizações brasileiras. Dentre as iniciativas de interêsse cultural, figuram, em primeiro plano, exposições pictóricas e plásticas, acompanhadas de projeções cinematográficas, e a exibição, pela primeira vez, de jornais, revistas e de tôda classe de material que traduza a arte gráfica do Brasil. Espero que o programa a ser realizado pelo Consulado Geral desperte o maio interêsse da parte de nossos organismos culturais e da imprensa brasileira, que sempre acolheram com simpatia iniciativas dessa natureza. Considerando, assim, a especial circunstância, é com sincera satisfação que me dirijo a Vossa Senhoria, confiante no seu apôio e cooperação ao programa de ação cultural em referência. **Estimaria, destarte, receber, se possivel, alguns exemplares de "O Tibagi", o que contribuiria, de maneira valiosa, para se levar a cabo êsse empreendimento."**
Reconhecimento do semanário	1957b3	O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 - Página: CAPA – terceiro caderno - Título: "O Tibagi" na Espanha - Autor: A Redação - Observações: com fragmentos escritos pelos sr. ministro Altair de Moura	É dupla, pois a nossa satisfação. Já porque se nossas palavras nunca foram ouvidas, o fato veio dizer-nos que faláva-mos certo, e já porque **"O Tibagi" estará presente em Espanha, e isto, de qualquer maneira, é uma honra para nós.** Ao sr. ministro Altamir de Moura nossos parabéns e nosso aplauso pela iniciativa.

Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Reconhecimento do semanário	1958a1	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA - Título: 10º Aniversário - Autor: XXX - Observações:	Dez anos, na vida comum, pouco representam, efetivamente. Todavia, para o modesto jornal do interior, que luta com lógicas e naturais dificuldades para se manter, longe do poderio e da pujança das grandes Cidades, dez anos de atividades é algo de muita significação, que orgulha aqueles que mais se empenharam na conecução [sic] de tão elevada conquísta, e enche de satisfação ao grande número de leitores que vivem neste núcleo de tão grande expressão e projeção industrial do Brasil. “O TIBAGI” surgiu, talvez, de um sonho acalentado, igual a tantos outro que, infelizmente, não tem conseguido os frutos para a sua definitiva fixação á vida quotidiana. Mas, “O TIBAGI” galgou os mais difíceis degraus da sua subsistência. Hoje orgulhosamente, pode dar expansão aos efeitos do seu trabalho, ainda encontrando, é verdade, enormes dificuldades, mas já agora, superando-as com facilidade maior, com o mesmo entusiasmo daqueles que, em anos que já se foram, firmaram-no em posição que poucos conseguiram alcançar.
Reconhecimento do semanário	1958a2	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA - Título: 10º Aniversário - Autor: XXX - Observações:	Nesta edição especial que hoje estamos entregando ao público leitor de Monte Alegre e de tantos outros locais onde “O TIBAGI” chega com toda a receptividade de sua modéstia, fixamos um marco indelevel de nossa passagem pela história da imprensa brasileira.
Reconhecimento do semanário	1958a3	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA - Título: 10º Aniversário - Autor: XXX - Observações:	São dez anos. Tempo que dignifica o trabalho daqueles que iniciaram a meritória obra, e que entusiasma aqueles outros que se incumbiram de continua (ilegível), pelos dias do futuro.Como é assim que nascem os grandes, esperemos que o futuro, um dia, transforme a modéstia de hoje, que já tanto nos ufana, em potência imorredoura, igual a tantas outras que o nosso País conhece e orgulhosamente possui.

Realidade da construção e reconhecimento do semanário	1958b1	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA – segundo caderno - Título: Apresentação - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	A hora de comemorar nosso 10º aniversário é irresistível voltar para trás, para os primeiros números de "O Tibagi", naquele ano de 1948, que já vai tão longe. Abrimos o I volume da coleção, sentindo ao volver de cada folha o cheiro de papel guardado – atestando que vários anos se passaram. Lá está **nosso primeiro número, com a Crônica Internacional, as notícias de Última Hora, a crônica dos médicos, os Esportes e nós, nas "Sociais". Nem imaginavamos que nossa ação se estendesse por tantos anos...**
Realidade da construção	1958b2	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA – segundo caderno - Título: Apresentação - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**O dr. Lauro Nery do Canto, colega desde a primeira edição, deixou-nos para sempre. Outros redatores foram embora. Novos chegaram.** João Marenda, que logo surgiu com a sua seção de "Gramática e Literatura" foi o único da velha turma que permaneceu conosco.
Realidade da construção	1958b3	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA – segundo caderno - Título: Apresentação - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**Fizemos de tudo um pouco nestes dez anos; das Sociais a Culinária, de Modas a Conselho de Beleza, de Charadística a Novela Policial; de histórico de plantações a recensão de livros. Fomos repórteres e cronistas, críticos e comentaristas de variados assuntos.**

Realidade da construção	1958b4	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA – segundo caderno - Título: Apresentação - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Um jornal do Interior não pode se dar ao luxo de redatores especializados. A gente tem de se virar em dez, de ajudar um pouco ali, outro pouco acolá... **Abandonamos seções que se tornaram desinteressantes; criamos outras, de existência efêmera, de acôrdo com os assuntos do momento.** Pensamos sempre em sermos romancista. "O Tibagi" fez-nos cronista mesmo, por força das circunstâncias, do hábito, do que for...
Discurso competente e Profissionalização no meio jornalístico	1958b5	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA – segundo caderno - Título: Apresentação - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**Não podemos dizer, em sã consciência, que "fizemos jornalismo".** Mas realmente podemos afirmar que fizemos o que pudemos, não só dado nossa colaboração irrestrita como **publicando nas páginas de "O Tibagi" trabalhos dos maiores prosadores e poetas do Paraná e do Brasil.**
Orientação/função do periódico	1958b6	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA – segundo caderno - Título: Apresentação - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**Um dos nossos fins foi sempre divulgar nossa literatura, a par do trabalho de noticiário social local.** Este era indispensável; aquele, o mais importante.

Orientação/função do periódico	1958b7	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA – segundo caderno - Título: Apresentação - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Não nos limitamos a resenhas do movimento literário brasileiro, desde os tempos do Brasil Colônia mas procuramos os trabalhos dos contemporâneos, **afim de oferecer aos leitores algo da literatura atual.** Na a ano, procuramos melhor matéria, **maior contribuição,** melhor aperfeiçoamento. **Com êsse espírito, nessa diretriz**, apresentamos a edição especial do 10º aniversário.
Discurso competente e Reconhecimento do semanário	1958c1	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: 14 – segundo caderno - Título: Colaboradores de "O Tibagi" - Autor: A Redação - Observações:	Expressando nosso agradecimento aos colaboradores de "O Tibagi", que durante uma década **valorizaram estas páginas com suas produções** em prosa e verso, prestamo-lhes aqui, nossa homenagem. Desejaríamos apresentar artigos e trabalhos de todos os escritores da **Academia Paranaense de Letras, da Academia de Letras José de Alencar, do Centro de Letras do Paraná, da Academia Lit. Feminina do Rio Grande do Sul, da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras, da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, do Centro Euclides da Cunha e outras entidades literárias que nos prestigiaram com sua colaboração.** Com a falta de espaço não o permite, escolhemos representantes dessas associações culturais, expressando através da publicação do trabalho de cada um, nessa homenagem a todos. (Nota da Redação)

Reconhecimento do semanário	1958d1	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA – segundo caderno - Título: O Tibagi - Autor: XXX - Observações	Jornais do Interior do Estado já surgiram vários. Deles, porém, que noticias temos? Mesmos os das cidades maiores, como Londrina e Ponta Grossa, reduzem o seu campo de ação, senão à própria localidade, há mais alguns lugares de derredor. E aí ficam. Deles pouco ou nada se sabe. Uns têm breve existência. Outros duram mais. **Não temos notícias de que algum transponha as fronteiras do Estado, levando sua mensagem a diversas partes do país; nenhum faz isso, além de "O Tibagi", o hebdomadário da cidade papel, o jornalzinho de Monte Alegre do Paraná.**
Reconhecimento do semanário	1958d2	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA – segundo caderno - Título: O Tibagi - Autor: XXX - Observações	**Levado a todos os Lions Clubes do Brasil, através das assinaturas do Lions local; enviado a todos os possuidores de lotes na Cidade Nova, "O TIBAGI" percorre, semanalmente, milhares de quilômetros para alcançar os seus destinatários.**

Realidade da construção e Orientação/função do periódico	1958d3	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA – segundo caderno - Título: O Tibagi - Autor: XXX - Observações	Leva consigo, algo da vida deste Paraná tão falado e tão pouco conhecido lá fora; conta da vida na terra dos pinhais, onde as altivas araucárias não servem apenas para inspirar os poetas, enamorados da sua magestade [sic]. Fala do rude trabalho nos acampamentos dos lenhadores, onde os troncos centenários são abatidos a golpes de machado; onde zinem as serras, a transformá-los em toras; onde arranham as rapilhadeiras, a prepara-los para "lascas" – as achas enormes do caule partido, destinado ao fabrico de papel. Quem só pensou nas serrarias, no pinho para construção de casas e móveis, fica admirado ao saber que vai para os picadores e passa a cavaco, de cavaco segue adiante, para tanques, pára cozinhadores, para máquinas, recebendo tratamentos vários, até sair papel, enrolado em bobinas colossais. Essa transformação está presente em cada página de "O TIBAGI", expressa de mil formas, a historiar a vida dos homens que realizam tal trabalho. Os seus sucessos, as suas tristezas, a sua vida na sociedade e no trabalho, os acontecimentos que os abalam ou os felicitam estão todos contidos no jornal, através das crônicas, dos comentários, do noticiário e das reportagens. A êsse homens [sic], "**O TIBAGI" também presta seu serviço, documentando seus feitos, assinalando a sua passagem na cidade-papel, tranzendo-lhes das notícias do mundo inteiro, mensageiro fiel de todas as notícias, com dez ano de trabalho ininterrupto.**
Amor à profissão e dificuldades enfrentadas pelo jornal	1958d4	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: CAPA – segundo caderno - Título: O Tibagi - Autor: XXX - Observações	**Uma década de lutas, contra a falta de pessoal, de colaboradores, de gente que quisesse trabalhar por amor à profissão. Uma década de vitórias, também, porque "O TIBAGI" sobreviveu, porque teve sempre os que o sustentam com sua dedicação, superando todas as dificuldades.**

Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Orientação/função do periódico	1958e 1	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: 16 - Título: Saudação ao Tibagi - Autor: Armando A. Pires - Observações	O Tibagi sorrindo democraticamente para êste fim de Novembro, envelhece mais um pouco. Envelhece mas continua bem disposto, como quando apareceu pela primeira vez, em 23 de Novembro de 1948. **Dez anos foram vencidos com galhardia**, pelo jornal jovial de Harmonia. **Nunca o nosso TIBAGI semeou uma inimizade, um atrito em sua carreira jornalística.**
Reconhecimento do semanário	1958e 2	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: 16 - Título: Saudação ao Tibagi - Autor: Armando A. Pires - Observações	Lutando para fazer um jornalismo interiorano moderno, **O TIBAGI conquistou o coração de nossa gente. É o jornal simpático, simples, amável, democrático que compreende a alma do Paraná.** Sem apelas para o sensacionalismo embaraçoso e corriqueiro, O TIBAGI soube mostrar seu Ideal. Tinha a alma pura e singela, como nossas florestas. Possuia coração caladão, como nossos rias e nossos campos. Mostrando caminhos suaves, sendo lírico sem aborrecer, não esquecendo também de abrir suas páginas para o rádio e o esporte, O TIBAGI foi marchando com um espírito que mais parecia poeira dourada na terra estimulante dos pinheirais.
Orientação/função do periódico e Reconhecimento do semanário	1958e 3	O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 - 3 Cadernos - 10º aniversário - Ano X - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº491. - Página: 16 - Título: Saudação ao Tibagi - Autor: Armando A. Pires - Observações	Meditando com os problemas da pátria, o jovem aniversariante de nossa Imprensa, **também mostrou onde estava a verdade e a direção exata.** Assim é O TIBAGI. Poesia solta na terra dadivosa do Paraná. Companheiro de todos os sonhos que despertam em Harmonia. É como um irmão da gente que nos abraça comovido tôdas as quintas-feiras. É como um pouco de luz e ar que nos revigora quando nas jornadas da vida, sentimos que a luta é ingrata. É bem porisso que dirigentes e funcionários da Rádio Sociedade Monte Alegre, se sentem felizes em saudá-lo quando êle compléta **dez anos de bons serviços à nossa coletividade.** DEPARTAMENTO de PRODUÇÃO da ZYS-22. Armando A. Pires

Realidade da construção	1959a1	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: 1948 – Sociais Literárias – 1959 - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	O Tibagi – 11 anos, desde o dia em que nos reunimos, certa noite, num pavilhão velho, de madeira, que existia à entrada de Harmonia, para **ver os tipógrafos comporem e paginarem nossos primeiros artigos para este jornal.**
Realidade da construção	1959a2	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: 1948 – Sociais Literárias – 1959 - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**O Marenda já trabalhava lá**, naquela época... e foi o único da velha equipe que continuou conosco. O **dr. Horácio, depois de um dia de trabalho na administração, em mangas de camisa, no meio dos empregados, ajudava a corrigir e orientava a impressão.** Estávamos todos cheios de entusiasmo.
Realidade da construção	1959a3	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: 1948 – Sociais Literárias – 1959 - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**O sr. Germano era o chefe da tipografia** e não cabia em si de contente, com o resto magro resplendendo de alegria. **O dr. Leonardo, que nos bastidores estimulara a todos e dera opiniões valiosas**, foi conosco até lá. Também ele disfarçava mal a exultação que tomava conta de todos nós. Mas o mais alegre era o **dr. Lauro**, que seria **o redator principal** e **rabiscava os últimos manuscritos dedicados à impressão.**

Amor à profissão e Realidade da construção	1959a4	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: 1948 – Sociais Literárias – 1959 - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Assim surgiu **"O Tibagi" fruto do entusiasmo de uma equipe heterogênea, dum senhor de indústria idealista, dum médico polonês duma professora brasileira, dum advogado poeta, duns jornalistas amadores de coração.**
Realidade da construção	1959a5	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: 1948 – Sociais Literárias – 1959 - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Na cidade as reações foram as mais diversas imagináveis. Nunca havia existido um jornal em Monte Alegre. As publicações que vinham de fora chegavam com grande atraso, inteiramente desatualizadas e logicamente, nada diziam da vida da cidade papel. Havia muita gente, mesmo, que teve no nosso jornalzinho verde o seu primeiro jornal. Era uma **edição acanhada**, de quinhentos exemplares semanais, quando muito.
Realidade da construção	1959a6	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: 1948 – Sociais Literárias – 1959 - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**Nós mesmos, os redatores, procuravamos caminho, fazendo de tudo um pouco**, tentando seções que duravam apenas meses e, às vezes, nem chegavam a interessar. **Na hora de fazer o noticiário era um tal de correr para o rádio e ouvir as últimas que até riamos de nós mesmos...**

Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Realidade da construção	1959a7	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: 1948 – Sociais Literárias – 1959 - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Muita gente não gostava; tinha medo de que o nome saísse em letra de fôrma. Reclamava, mesmo, se lá uma festa citavamos, por mera gentileza, o seu comparecimento. Os clubes (alguns nem existiam) não publicavam seus noticiários. **Nós tínhamos de implorar uma notinha**, com muito jeito, para que ao lhe dar publicidade não houvesse zangas e amúos.
Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1959a8	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: 1948 – Sociais Literárias – 1959 - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**A imprensa, como toda cousa nova em meio pequeno, encontrava certa agressividade, ou dizendo melhor, certa incompreensão.** Houve um período de contra franco e decidido. "O Tibagi vai acabar, é inútil, ninguém o lê".
Dificuldades enfrentadas pelo jornal, Orientação/função do periódico e Reconhecimento do semanário	1959a9	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: 1948 – Sociais Literárias – 1959 - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Foi então que descobrimos que **nosso esforço não fora vão.** "O Tibagi" não acabou, porque **tornara-se propriedade da coletividade; era-lhe util, refletindo sua vida diária, registrando sua história, documentando suas vitórias, chorando suas máguas. Fazia parte do povo**; ía debaixo do braço de cada operário, quando este voltava da Fabrica, onde o recebia, para casa: era lido diante da mesa do almoço, no alpendre do quintal, na area da frente, entre os amigos. Companheiro do trabalhador, levava-lhe semanalmente, todas as notícias interessantes, **num esforço de informa-lo e de distrai-lo.**

Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Orientação/função do periódico	1959a10	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: 1948 – Sociais Literárias – 1959 - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	E assim foi se mantendo, ano após ano, a servir a população de Monte Alegre. E assim continua, **fruto do esforço de uma equipe que conseguin [sic] vencer, até agora, todos os obstáculos, num serviço em prol da evolução de sua comunidade.**
Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1959b1	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 5 – primeiro caderno - Título: Noticiando... - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Ano vai... ano vem... Cada aniversario de "O Tibagi" nos leva a um retrospecto de **todos estes anos de atividade jornalistica na cidade-papel, rememorando como começamos, quanto lutamos e comovamos mantendo nossa publicação.**

dificuldades enfrentadas pelo jornal, Orientação/função do periódico, Realidade da Construção e Reconhecimento do semanário	1959b2	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: 5 – primeiro caderno - Título: Noticiando... - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**O impulso inicial sempre é dado com aquela força entusiasta que caracteriza todos os princípios**. Na verdade, o começo não é difícil; a continuidade quotidiana, **a fuga à rotina a vitória sobre as pequenas pedras do caminho e que torna árdua a missão**. Companheiros vã nos deixando; companheiros vão ficando para trás. Nós que éramos tantos, vamos com estranheza olhando para os lados e descobrindo caras desconhecidas, que nada tinham a ver conosco... e procuramos em vão os que já nos deixaram. É o encontro com a realidade, sem tempo para lamúrias ou epitáfios. E vamos seguindo, anônimos na multidão, **realizando esta missão sem recompensas, apenas pelo impulso interior que nos obriga, pelo esquisito prazer de continuar, de prestar auxilio, de cumprir uma missão que nos impusemos. Agradecemos aos leitores a atenção que nos dão**, permitindo-nos alcançar **o objetivo de levar a cada um o noticiário da vida social em nossa cidade.** Desejamos a todos Boas Festas e almejamos que tenham um Ano Novo Feliz, cheio de realizações e de alegrias.
Invenção de tradições	1959c1	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário - Ano XI - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº540. - Página: CAPA - Título: O PRIMEIRO "O TIBAGI" - Autor: XXX - Observações: foto da capa do 13º exemplar de O Tibagi de 1905	Assim que surgiu "O Tibagi". Indealizado [sic] e confeccionado pelas tibagianos que procuraram dar-lhes o necessário incentivo, Era editado na própria sede do Município. Com o surgimento de Monte Alegre, **realizou-se a ideia e surgiu, então, o novo "O Tibagi"**, que já completa os seus onze anos de atividades ininterruptas.

Amor à profissão e Orientação/função do periódico	1960a1	O Tibagi - Quarta-feira, 22 de Dezembro de 1960 - 12º aniversário - Edição de Hoje: 20 páginas - Ano XII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº583. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: "O Tibagi" 12 anos - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Mais um ano vencido. **Um pouco de nós mesmo, da energia de nossas vidas fluiu para cada página impressa, levando aos leitores, semana após semana, o noticiário, as informações, os pensamentos e opiniões que logramos captar**. E aqui estamos, novamente ofertando nossa Edição Especial de aniversario, em comemoração a mais uma etapa de trabalho realizado.
Amor à profissão e Orientação/função do periódico	1960a2	O Tibagi - Quarta-feira, 22 de Dezembro de 1960 - 12º aniversário - Edição de Hoje: 20 páginas - Ano XII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº583. - Página: 2 – primeiro caderno - Título: "O Tibagi" 12 anos - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Com o Natal às portas e o Ano Novo que se avizinha, essa comemoração inclue uma mensagem de Boas Festas e Votos de Felicidade a todos nossos leitores. Ano acabado é ano velho que se vai, levando no bojo seu acêrvo de alegrias e tristezas – substratum da luta quotidiana, do ato simples de viver. Ano que entra é Ano Novo que chega simbolizando promessas alvissareiras reavivando esperanças. A todos que nos lêm desejamos que o Ano Novo seja o Ano Bom, com promessas concretizadas em realizações produtivas e esperanças transformadas em estímulos revigoradores. **E aqui continuaremos, a postos, cumprindo nossa missão humilde, mas sempre desempenha de boa vontade, para fazer de "O Tibagi" o veiculo de notícias, certo e assíduo, de todo monte-alegrense.**

Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Independência política	1960b1	O Tibagi - Quarta-feira, 22 de Dezembro de 1960 - 12º aniversário - Edição de Hoje: 20 páginas - Ano XII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº583. - Página: CAPA - Título: 1948 – 1960 - Autor: XXX - Observações:	Embora a data da fundação de nosso jornal seja dia 23 de novembro, com a edição de hoje estamos festejando o seu aniversário, que é o 12º. **De um jornal como o nosso que prima pela independência, que não tem côr partidária politica ou religiosa, poder-se-á pensar que não tem dificuldades a vencer**. Nada mais errôneo, porque a própria vida, **a luta pela sobrevivência, é uma batalha contínua**. E êsses 12 anos, que tão de pressa se foram, representam **luta e sacrifícios.** Temos, entretanto, a **satisfação da vitória**, que, se por vêzes foi modesta, não deixa, por outro lado, de ter o seu valor.
Orientação/função do periódico	1960b2	O Tibagi - Quarta-feira, 22 de Dezembro de 1960 - 12º aniversário - Edição de Hoje: 20 páginas - Ano XII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº583. - Página: CAPA - Título: 1948 – 1960 - Autor: XXX - Observações:	**“O Tibagi” acredita ter cumprido a sua finalidade até aqui: ser um jornal e o jornal dos montealegrenses.**
Reconhecimento do semanário	1960b3	O Tibagi - Quarta-feira, 22 de Dezembro de 1960 - 12º aniversário - Edição de Hoje: 20 páginas - Ano XII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº583. - Página: CAPA - Título: 1948 – 1960 - Autor: XXX - Observações:	**Queremos agradecer aqui a colaboração que sempre nos dispensaram os prezados assinantes, as autoridades, a indústria, o comércio em geral.** Aproveitamos a oportunidade para desejar a todos Boas Festas e os melhores votos de um Novo Ano repleto de progressos e felicidade.

Orientação do periódico e Reconhecimento do semanário	1961a1	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: 3 - primeiro caderno - Título: Crônica de aniversário – Não devia ser assim - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Estas palavras, então, seriam melífluas e melodiosas, soando como baladas aos ouvidos do leitor. Contariam apenas do prazer que temos ao transcorrer mais um aniversário de "O Tibagi", assinalando treze anos conpletos [sic] de trabalho realizado. **O hebdemadário [sic] da cidade-papel é hoje uma instituição da comunidade. E o mensageiro público da vida em Monte Alegre, levando a cada trabalhador das IKPC operário, chefe ou diretor, e a cada habitante da cidade, a resenha de notícias, os comentários de que vai por aqui e lá por fora.**
Amor à profissão, Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Reconhecimento do semanário	1961a2	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: 3 - primeiro caderno - Título: Crônica de aniversário – Não devia ser assim - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	E dentro do nosso coração haveria a benfazeja **a sensação de tarefa realizada, o merecido regozijo pelo esforço recompensado**, se não houvesse as facções. As facções que destroem e estímulo, com **crítica arrasadora**; que não se apercebem da pertinácia **em busca de ideal de melhor servir**. Não fazem nada por nós, não conhecem palavras de aplauso justo: não sabem que, em toda **missão de amor**, é preciso uma fonte de restauração. Mas criticam: criticam com violência, incapazes de valorizar o labor alheio. E são várias as facções... e vêm de velhas datas.
dificuldades enfrentadas pelo jornal	1961a3	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: 3 - primeiro caderno - Título: Crônica de aniversário – Não devia ser assim - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Antes, se resumia-mos o noticiário da semana, a facção I, dos noticiáristas de bate-papo, resmungava: Hum, quanto papel perdido... Se tudo já passou... Depois, quando nos restringíamos aos fatos do momento, reclamava: Mas por que o jornal, sendo semanal, não faz um retrospecto dos acontecimentos da semana?

dificuldades enfrentadas pelo jornal	1961a4	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: 3 - primeiro caderno - Título: Crônica de aniversário – Não devia ser assim - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Quando publicávamos notícia dum acidente ou morte violenta, criticava: Onde se viu? Para que levar ao seio das famílias o desassossego, divulgando tais fatos? Se silenciávamos sôbre assassinos ou catástrofes, pontificava: O jornal é tão ruim que nem menciona uma desgraça tão importante.
Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1961a5	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: 3 - primeiro caderno - Título: Crônica de aniversário – Não devia ser assim - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Havia a facção 2, inimiga de assunto femininos. Para que isso, tomando espaço no jornal. Mulher não lê mesmo. Quando ficamos sem a redação de modas, culinária, conselhos de beleza e assuntos congêneres bradou: Onde se viu tal supressão? Jornal semanal é meio revista. Tem de ter tudo um pouco. Assim, que vão ler as mulheres no jornal?

Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1961a6	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: 3 - primeiro caderno - Título: Crônica de aniversário – Não devia ser assim - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	A facção 3 importava-se diretamente com as Sociais. Naqueles tempos os clubes ainda não tinham a compreensão de quanto lhes é útil o noticiário social do jornal. Era preciso, com muito jeito, pedir licença para divulgar festas ou datas magnas. Havia um protesto indiginado: - "O Tibagi" deve ter um cronista-social. Só noticiário é cousa paga, não contenta... É preciso alguém profissional, que saiba apreciar, que mantenha continuidade no assunto, que não torne dependente de haver tempo ou vontade de colaboradores ocasionais ou bem intencionados amadores... Quando tomamos a pulso o noticiário social, com a credencial de treze anos de serviço, a mesma facção protestou: - Já viu exclusividade mais abusiva? Um jornalzinho de interior com cronista social... Cada um deve escrever o que quiser e publicar quando quiser. Aqui tudo é uma grande família...
Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Orientação/função do periódico	1961a7	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: 3 - primeiro caderno - Título: Crônica de aniversário – Não devia ser assim - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	E houve as facções 4, 5, 6, 7... sei lá quantas... Umas queriam chance aos principiantes, outras tentavam forçar-nos a não publicar "cousa mal escrita de principiantes", umas exigiam que tomássemos por modelo os grandes jornais de Rio e São Paulo, outras opinavam que imitássemos simples boletins de fábrica: umas nos propunham apoio a partidos políticos, outras nos confundiam com folhetins de poesia barata... E no meio de tanta solicitação e de tão feroz crítico, **"O Tibagi" continuou um jornal, dentro de suas possibilidades: simplesmente um jornal, com uma linha diretriz estabelecida em estatuto, desde sua fundação; procurando servir à comunidade da melhor maneira possível: lutando para não submergir nas ondas das facções.**

Amor à profissão e dificuldades enfrentadas pelo jornal	1961a8	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: 3 - primeiro caderno - Título: Crônica de aniversário – Não devia ser assim - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	1961 foi um ano de lutas. **E nós, que, trabalhos por amor: que não vivemos de "O Tibagi", vencemos mais um ano** porque de alguma fonte jorrou o estímulo: do silêncio dos que não fazem a crítica destruidora e recebem de boa vontade o que lhes pudemos dar, num grande esfôrço.
Reconhecimento do semanário	1961a9	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: 3 - primeiro caderno - Título: Crônica de aniversário – Não devia ser assim - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Simboliza apôio e estímulo "O Tibagi" que vai dobrado, no bolso de operário, para sua cada: **que é lido no alpendre, entre amigos; que está na mesa de escritório, no balcão da casa comercial, no jipe do funcionário... que chega noutras cidades, em casa de amigos, levando notícias da cidade-papel; que é consultado na rua ou discutido no clube; que está em toda parte de Monte Alegre e em muitas outras partes, fora de Monte Alegre.**
Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Orientação/função do periódico	1961a10	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: 3 - primeiro caderno - Título: Crônica de aniversário – Não devia ser assim - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Nossa procura silenciosa, sempre crescente, exigente, está a nossa recompensa. Sem palavras. Valiosa por significar compreensão, utilidade. Se nos faleceram forças para um trabalho melhor, se tentaram deter-nos, tudo passou. **Vencemos mais uma etapa** e podemos dizer, com a consciência tranquila: **missão cumprida.**

Heterorreferência (a notícia contextualizao o momento de surgimento do jornal)	1961b1	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: CAPA - Título: Sem cronologia - Autor: XXX - Observações:	Há 13 anos, aparecia, no cenário da imprensa, O TIBAGI. Quando era presidente do Brasil o general Eurico Gaspar Dutra. Nos Estados Unidos, mandava Truman, Harry Truman, que dobrou do tempo no govêrno. Os problemas de então eram os mesmo de hoje. Ou, os problemas de hoje ainda não os mesmos daquela época: Custo de vida, inflação, falta de estradas, falta de energia elétrica, falta de água, enchentes, sêca no Nordeste. Já havia um perigo iminente: a bomba atômica. Só que se não falava ainda na super bomba russa de cincoenta e mais megatons; só que o homem ainda não havia ido ao espaço, mas já pretendia ir, e para isso trabalhava incessantemente. Perdemos um Campeonato mundial no Maracanã, Luto no Brasil. Em 1950, o sr. Getúlio Vargas voltava à crita [sic] das atenções, uma vez que, candidato à presidência da República, vencera com uma margem surpreendente de votos. Logo depois, o sr. João Goulart, ministro do Trabalho no govêrno Vargas, é o pivô de uma crise. Surge o chamado Manifesto dos Coronéis e o jovem ministro é aconselhado, por seu padrinho político, a deixar a posta. É presidente dos Estados Unidos o general Eisenhower, que também engajou no poder. Em 54, a nação é traumatizada com o suicídio do presidente Vargas, clímax de uma crise político-militar. Faruk, do Egito, é apeado do poder por um golpe militar e foge para o exílio. Outro golpe, e Gamal Abdel Nasser assume o poder. Morre Stalin. Giovani Grenchi faz um com govêrno na Itália. A França caminha para o caos do regime, com as sucessivas quedas de gabinetes e reaparece Charlles De Gaulle. A Hungria é massacrada. Os ingleses bambardeam [sic] o Egito, e Nasser acaba conseguindo para si o canal de Suez. Peron é apeado do poder. Morre Pio XII. Tenório e sua Lurdinha continuam em evidência: é morto o delegado Imparato. A Itália perde o seu mais luxuoso navio comercial, o Andrea Dória, nas costas dos Estados Unidos. O Brasil fez feio na Suiça, no Campeonato Mundial, mas quatro anos depois é Campeão Mundial. Um caso diplomático em Portugal com o embaixador Alvaro Lins. O velho Cherchil, cansado mas não vencido, deixa a politica. Antony Eden seria raposa da política inglesa, a saúde o fasta definitivamente da vida pública. São Paulo completa quatrocentos anos. Não havia Brasília, que Juscelino também ainda não havia no cenário político nacional. Viriam outros fatos antes dele: a queda de dois presidentes numa só vez – Café Filho e Carlos Luz. O 11 de Novembro e a Volta dos Quadros Constitucionais vigentes, com Lott, que, mais tarde ganharia uma espada de ouro por isso. E que um pouco mais tarde, não se sabe se também por isso, perderia fragorosamente uma eleição. Que quebraria a perna, que seria preso, que ainda anda por aí defendendo seus pontos de vista, embora seja militar e não devesse fazer declarações. Com Juscelino veio Brasília; vieram Três Marias, Furnas; as fábricas de automóveis, as siderúrgicas; vieram estradas, a Belém – Brasília, a Brasília – Acre, a BR-2, a BR-14. Mas dizem que Juscelino fêz um mau govêrno; que o general Dutra nada fêz; que o sr. Getúlio Vargas foi um verdadeiro desastre para a

			Nação. O povo suportou e esperou pacientemente. Em 1960 votou num homem que iria salvar o país, o sr. Janio Quadros. Renunciou depois de sete meses e ainda hoje não se sabe porque. É presidente do Brasil o sr. João Goulart. Presidente, com a diferença de que há agora um Gabinete que também governa, ou que devia governar. Os problemas ainda são os mesmos: inflação, falta de água, falta de estradas, falta de energia elétrica, enfim a ladainha completa.

Orientação/função do periódico e Reconhecimento do semanário	1961b2	O Tibagi - Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário - Edição de Hoje: 52 páginas - 3 cadernos - Ano XIII - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº636. - Página: CAPA - Título: Sem cronologia - Autor: XXX - Observações:	O TIBAGI, em todo êsse tempo, ininterruptamente, aqui esteve de pé, para informar, para anunciar, para criticar e para elogiar, levando ao povo desta cidade e a grande número de brasileiros de outros rincões a sua palavra, marcando a sua presença em todos os acontecimentos. Pensamos ter cumprido o nosso dever nesses longos 13 anos, e por isso estamos satisfeitos. Outros anos virão e aqui estaremos. O tempo não nos deterá a marcha para frente.
Realidade da construção	1962a1	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - primeiro caderno - Título: Comentário da Semana – Mensagem de Aniversário - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Nesta última semana, sempre que os olhos ardem, consultamos **o relógio; passou da meia-noite**. Felizmente os vizinhos estão dormindo há muito e não reclamaram (pelo menos que soubéssemos) do **téc-téc da máquina de escrever**.
Amor à profissão e Realidade da construção	1962a2	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - primeiro caderno - Título: Comentário da Semana – Mensagem de Aniversário - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Fim de ano é esta correria: filhos em exame lá em Curitiba e a gente sofrendo por êles aqui; provas nas escolas de mato, com os aluninhos de olho comprido tremendo de mêdo, diante das professoras de Lagoa; uma lista de coisas para comprar, apesar dos preços altos, que vão engolir todinho o décimo-terceiro salário. E a nossa Edição Especial – devoção sagrada, **feita com amor, mesmo quando estamos aqui a cair de sono**, em vésperar de viagem, pensando que devemos sair lá pelas 5 da manhã, para chegar a tempo de assistir à cerimônia de entrega do certificado da conclusão do curso ginasial da Tuli...

Realidade da construção	1962a3	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - primeiro caderno - Título: Comentário da Semana – Mensagem de Aniversário - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Tempo impiedoso, que vai passando, a jato, deixando-nos velho. Ainda há uns tempo atrás ela era uma garotinha que usava o avental xadrês [sic] do Jardim da Infância... Olhamos em torno e a lembrança foge para as primeiras comemorações de aniversário, em que a esta hora, ainda inseguras, timidamente, **íamos até a redação ver como seguiam os trabalhos... e lá encontravamos nosso diretor às voltas com a paginação, em manga de camisa, cabelo despenteado e rosto feliz.**
Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Orientação/função do periódico	1962a4	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - primeiro caderno - Título: Comentário da Semana – Mensagem de Aniversário - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Feliz sempre nos sentimos todos nós, da velha equipe de "O Tibagi". Parece incrível que já estejamos no 14º ano de atividade jornalística em Monte Alegre! E **os que nos destratam e torcem o nariz, os que só sabem criticar e reclamar do nosso trabalho**, não gozarão jamais esta **doce alegria de missão cumprida, semana após semana, ano após ano.** E não destruirão, com sua acrimonia ou seu intrometimento, o nosso trabalho paciente, já realizado!

Reconhecimento do semanário	1962a5	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - primeiro caderno - Título: Comentário da Semana – Mensagem de Aniversário - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	E lembramos também os amigos, que estão aqui perto e nos compreendem, e recebem com um sorriso amistoso a nossa mensagem sincera: e os que estão longe, em **outras terras alem, dos mares, e lerão com um sorriso de saudade as notícias da boa terra da cidade papel...** E muito gratos nos sentimos a todos, por nos estimularem a prosseguir, cada vez que desdobram "O Tibagi" e passam os olhos por suas páginas. E a todos, neste nosso dia de festa, muito sinceramente desejamos um Natal feliz em seus lares, junto a seus entes queridos; um 1963 próspero em seus negócios, pleno de Saúde e alegria.
Discurso competente e Reconhecimento do semanário	1962b1	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - segundo caderno - Título: Homenagem - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Dedicamos esta página a **nomes ilustres das Letras Paranaenses e que têm brindado os leitores de "O Tibagi", ano após ano, com sua preciosa colaboração.**
Discurso competente e Orientação/função do periódico	1962b2	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - segundo caderno - Título: Homenagem - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Apesar de "O Tibagi" ser um jornal modesto, duma cidade pequena de Interior, tem procurado dar sempre aos seus leitores **o que há de melhor em produção literária do Estado do Paraná. Os nomes mais representativos** aqui têm estado presentes, quer por meio de artigos especiais, quer por intermédio de excertos de suas obras.

Discurso competente e Orientação/função do periódico	1962b3	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - segundo caderno - Título: Homenagem - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**Esforçamos para divulgar entre nossos leitores algo do que possuímos mais expressivo em nossas Letra**s, seja através da poesia, da prosa romântica, seja através dos estudos mais sérios de Crítica, Sociologia, História ou Educação. Em todo caso, **divulgamos expressões altas de nossa cultura.**
Discurso competente, Orientação/função do periódico e Profissionalização no meio jornalístico	1962b4	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - segundo caderno - Título: Homenagem - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**"O Tibagi" não é um jornal onde treinam principiantes ou se improvisam em jornalistas os amadores que apreciam ver seus nomes em letra de fôrma. Isso nos tem custado grandes lutas**, pois jornal do Interior é tido como casa da sogra, em que tôda gente se acha com o direito de dar palpite. **Seguir uma diretriz, com consciência, com princípios**, não é tão fácil quanto parece...
Dificuldades enfrentadas pelo jornal, Orientação/função do periódico e Reconhecimento do semanário	1962b5	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - segundo caderno - Título: Homenagem - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Mas **"O Tibagi", com plena consciência do papel que representa em sua comunidade**, tem conseguido manter-se num alto nível, **reconhecido por todos aqueles que entendem do assunto**. Isso não quer dizer que não possa melhorar. Nós sabemos que pode e como pode. O que ocorre, contudo, é que **muitas vezes nos falecem recursos** para fazer melhorias ou inovações. Elas virão com o tempo.

Dificuldades enfrentadas pelo jornal, Discurso competente, Orientação/função do periódico e Reconhecimento do semanário	1962b6	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - segundo caderno - Título: Homenagem - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	Não da parte dos **críticos destruidores**, que julgam seres os únicos viventes capazes de realizar algo melhor, implantado na imprensa a tirania de suas opiniões irredutíveis. Elas virão do **nosso esfôrço sem rompantes**, que nos tem permitido manter "O Tibagi" ano após ano, embate após embate, sabe Deus a que preço... Elas virão da **colaboração inestimável dos altos expoentes da cultura paranaense e que não deixarão de nos dar seu apôio**. Elas virão do nosso **público fiel**, que êste ano mais do que antes, soube **prestigiar o seu jornal**, soube **avaliar o seu esfôrço, soube valorizar a sua luta pela sobrevivência e pelo bem servir.**
Reconhecimento do semanário	1962c1	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - segundo caderno - Título: XXX - Autor: XXX - Observações:	Com esta edição – que ora entregamos aos prezados leitores – estamos comemorando quatorze anos de vida. A data é de festas, portanto, com a qual se rejubilam os que aqui trabalham, alguns dos quais desde o planejamento do primeiro número surgido no dia 23 de novembro de 1948; é de festas também a data para todos os montealegrenses, de **aquém e de além do rio Tibagi.**
Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Reconhecimento do semanário	1962c2	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - segundo caderno - Título: XXX - Autor: XXX - Observações:	Se fizemos bem o nosso trabalho durante êste quase três lutros [sic], cabe ao leitor julgar – êle, que tem **acompanhado nossos passos**, com um interesse que anima e conforta. **Saberá êle também das dificuldades por que passam todos os jornais do interior. E certamente há de compreender que esfôrço e boa vontade nunca nos faltaram.**

Reconhecimento do semanário	1962c3	O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário - Edição de Hoje: 56 páginas - 3 cadernos - Ano XV - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº682. - Página: 2 - segundo caderno - Título: XXX - Autor: XXX - Observações:	Aproveitamos a oportunidade para desejar a **todos os leitores, anunciantes, autoridades, população em geral de Monte Alegre; leitores de outras localidade do Brasil e do Exterior, anunciantes de Curitiba e de Ponta Grossa** – Boas Festas neste final de 1962. E que o Ano Nôvo lhes seja de prosperidade, num mundo de paz e de concórdia.

Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Realidade da construção	1963a1	O Tibagi - 23 de novembro de 1963 - 14º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº720. - Página: 2 - segundo caderno - Título: Crônica de Aniversário - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**O aniversário de "O Tibagi" significa mais uma jornada vencida, mais um ano de labor**. Estamos contentes com **mais essa vitória**. Somos apenas um elemento da equipe que, semana após semana, está presente diante dos olhos do leitor, dando-lhe o **melhor dos seus esforços**. Isso talvez não seja muito, mas é tudo que podemos fazer. Este ano, preparando as notas e compilando trabalhos para a Edição Especial, reconhecemos uma falha: a falta de notícias de nossas escolhinhas do mato. Desde que surgiu a primeira, no meio de um acampamento de plantadores de pinhão, vivemos com elas em todos seus momentos, participando da luta pela abstenção das professoras, a frequência dos alunos, o ministrar das aulas, a organização dos cursinhos... todos os passos, enfim, que significaram luta e trabalho. É prazer, também. O prazer inestimavel de ver crianças aprendendo a ler e escrever, no meio dos pinhais, à margem dos córregos, nas clareiras da mata. Quando todas as barreiras principais foram removidas, já não eram uma, nem duas as escolhinhas que as IKPC mantinham pelo meio dos pinhais. Eram vinte e cinco, até o mes de junho p.p. Pela primeira vez não estaremos presentes nos exames finais, acompanhando a equipe de boa vontade do Grupo Escolar de Lagoa; não participaremos das modestas festinhas de encerramento; não veremos nossos aluninhos do mato, de olhos brilhantes, recebendo seu cartão de promoção, seus premios de Lions Clube. De longe, cabe-nos, contudo, deixar nossa mensagem às modestas professoras do meio dos pinheirais: - Continuem em seus postos, ensinando à nossa gente humilde. Mesmo que o trabalho de vocês signifique pouco no computo feral, há de ter alto valor na vida de cada brasileiro alfabetizado. Não desanimem quando forças negativas as quiserem prostrar! É tão sublime a missão de vocês!

Dificuldades enfrentadas pelo jornal, Orientação/função do periódico e Realidade da construção	1963b1	O Tibagi - 23 de novembro de 1963 - 14º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº720. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	Houve o primeiro aniversário, e lògicamente, a euforia pelos cinquenta e tanto números que se seguiram àquele do dia 23 de novembro de 1948. Para comemorar o primeiro ano, fizemos pose para as objetivas e nossos clichés foram publicados no número de aniversário. Veio o segundo ano. O mesmo entusiasmo, e a vontade de acertar, de melhorar, de progredir, de **ser útil**. Vieram outros anos, outros aniversários, outras edições especiais. O tempo correu, e quando O TIBAGI completou fez anos de existência, nós mesmos nos admiramos, da velocidade do tempo e da extensão do caminho percorrido. Eis, porém, que **hoje completamos quinze anos de lutas, e um jornal é luta constante**. Quinze anos representam comemoração maior e mais significativa. A data fornece motivos para a gente parar um instante e meditar. Se nossos espíritos ainda são os mesmos, empregnados ainda daqueles mesmos sentimentos e daquele mesmo ardor da primeira edição, muitos dos prezados leitores são outros. Vieram depois, ou nos conheceram depois, e justo é que almejem um jornal cada vez melhor. É o que prometemos fazer, quando entregamos aos prezados leitores, anunciantes, à coletividade montealegrenses, êste número comemorativo dos 15 anos de O TIBAGI.
Discurso competente e Orientação/função do periódico	1964a1	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: 03 - primeiro caderno - Título: Autores do Paraná - Prosa - Homenagem - Autor: XXX - Observações:	É da **nossa intenção**, ao **publicar trabalho de alguns prosadores paranaenses**, homenagear a todos que, em todos êstes anos, muito bondosamente têm colaborado com “O Tibagi”.

Discurso competente	1964a2	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: 03 - primeiro caderno - Título: Autores do Paraná - Prosa - Homenagem - Autor: XXX - Observações:	São, todos eles, **nomes consagrados no mundo intelectual do nosso Estado, representantes lídimos de nossas Letras. Às qualidades de seu talento de escritores**, aliam a alta compreensão de que se deve ajudar aos moços, aos pequenos, aos que têm vontade real de fazer algo em benefício da sua comunidade.
Orientação/função do periódico	1964a3	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: 03 - primeiro caderno - Título: Autores do Paraná - Prosa - Homenagem - Autor: XXX - Observações:	Lêm "O Tibagi", o jornal da cidade papel, e na sua luta e acompanham através dos anos. Sabem que embora modesto, do Interior, **"O Tibagi" sempre procurou oferecer a seus leitores produções de nossas maiores expressões literárias.**
Discurso competente	1964a4	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: 03 - primeiro caderno - Título: Autores do Paraná - Prosa - Homenagem - Autor: XXX - Observações:	Assim, estiveram em nossas páginas, nestes 16 anos de existência, trabalho de **David Carneiro, Loureto Fernades, Bento Munhoz da Rocha Neto, Erasmo Piloto, Valfrido Piloto, Napoleão Teixeira, Heitor Stockler, Wilson Martins, Humberto Grande, para citar apenas alguns prosadores**, uma vez que temos outra página dedicada aos poetas. Com a sua cooperação preciosa, continuaremos em nossa meta: ao leitores, o que podemos dar de melhor.
Discurso competente	1964a5	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: 03 - primeiro caderno - Título: Autores do Paraná - Prosa - Homenagem - Autor: XXX - Observações:	N.R. – Incluimos, desta vez, um conto de **Dalton Trevisan**, transcrito da "Gazeta do Povo", de Curitiba. **Dalton Trevisan, um nome da geração nova, é considerado um dos maiores contistas contemporâneos do Brasil.**

Discurso competente	1964b1	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: 03 - primeiro caderno - Título: Autores do Paraná - Poesia - Homenagem - Autor: XXX - Observações:	**É numerosíssima a relação de poetas paranaenses** que poderíamos citar, em nossa Edição Especial. Muitos deles, através dos anos, permitiram-nos **enriquecer as páginas de "O Tibagi", com suas melhores produções, ofertando ao leitor o que possuímos de mais autêntica poesia.** Restringimos, porém, a alguns deles, como **Helena Kolody, Serafim França, Vasco José Taborda** e poucos mais, por terem sido assíduos de nossas páginas. É interessante observar que, no Paraná, onde o homem – padrão é distrito como reservado, de poucas palavras, tímido, sempre vicejaram os poetas mais líricos, mais arrojados e mais românticos. E mais – num número muitas vezes maior que o de prosadores, sendo que pouquíssimos entre êstes não são relacionados, igualmente, como poetas. A todos, no dia do nosso 16º aniversário, a nossa homenagem.

Amor à profissão, Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Realidade da construção	1964c1	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: 02 - primeiro caderno - Título: Crônica do cia 23 - Autor: Hellê Vellozo Fernandes - Observações:	**Aqui estamos outra vez, diante da máquina de escrever, durante horas e horas, preparando material para mais uma edição de aniversário de "O Tibagi"**. Vai o número 16 para o alto de nossas páginas. É tão pequeno e significa tanto! **Dezesseis anos de luta, de persistência, de crises e de vitórias, de muito trabalho e nenhum ganho**. Por que, então, a persistência no esfôrço colosso? Muita gente não vai entender a respostas. Pensamos nela ao transcrever a poesia de Serafim França, o Morcego, que vai publicada na página de Poesia. Pensamos nela porque de fato, os Morcegos atrapalham bastante, mas nem por isso as Borboletas deixam de existir. E as Borboletas significam para nós, o Sonho, o ideal a atingir, a Essência da experiência vivida, somo estímulo e orientação. Se temos dentro de nós algo de bom, se fazemos algo de produtivo, alguém há de receber o benefício, oriundo dessas semanas de trabalho, atravez dos anos. Nenhum esfôrço é vão. O que pode ser desprezado por um, pode ser tesouro precioso para outro. As vidas significam tão pouco no encadear da corrente da Vida... Relemos os quinze cadernos anuais de "O Tibagi", a nossa frente. Céus! Quantas vidas retratadas ali dentro, quanta gente que se foi, quanto trabalho se fez... O mundo lá fora, continua ululando, no borborinho dos grandes acontecimentos. E nós míseras e [ilegível] parcelas, somos sacudidas pelos fatos do qual não participamos. E quanto nos incomodamos em êles! Como se, em nossa pequenez, pudéssemos fazer algo mais do que entende-las... Entender – que palavra de significado difícil! Talvez por estar tão estreitamente ligada à tolerância que as fundas experiências dão... e quanto as experiências não trazem tolerância, quão triste é o espetáculo da ruína humana! Enfim, cada um vai vivendo como pode e fazendo o que pode. Uns com mais, outros com menos vontade. Uns procurando construir, outros se entretendo a destruir o trabalho do próximo. É a lei da sobrevivência, herdada da jângal... E o mundo existe com o que ficou do trabalho dos que construiram – mesmo por aqueles que constituiram a parcela mais ínfima – eis a resposta.

Gratidão à Horácio Klabin e Invenção de tradições	1964d1	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	1 – O TIBAGI pouco a pouco, **vai se tornando uma tradição entre os montealegrenesses, passando a ser indispensável nos lares de nossa Cidade. Foi, indiscutivelmente, bastante feliz o dr. Horácio Klabin neste seu novo empreendimento.**
Reconhecimento do semanário	1964d2	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	2 – A árvore, plantada em 23 de novembro de 1948, **floresceu e tornou-se frondosa**. Os prelos rodaram a primeira vez e prometem não parar jamais.
Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Reconhecimento do semanário	1964d3	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	3 – Persistimos, e êste número de aniversário não é sòmente **uma vitória do nosso esfôrço; é um presente régio do nosso público ledor, dos nossos colaboradores, que aparecem, numerosos, para estimular e valorizar nosso trabalho.**
Heterorreferência	1964d4	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	4 – O TIBAGI está festejando seu quarto aniversário de fundação. Eis o motivo da festa de hoje, que os prezados assinantes e leitores já estivessem estranhando. Eis também o por que de o nosso semanário estar circulando com um número de páginas várias, vêzes maior que nas edições comuns.

Heterorreferência	1964d5	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	5 – Êste ano, nossa edição especial tem duplo significado: é comemorativa do 5º aniversário de nosso jornal, e, ao mesmo tempo, uma homenagem ao Paraná pelo transcurso do 1º Centenário de sua emancipação política.
Invenção de tradições	1964d6	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	6 – O aniversário de O TIBAGI é uma boa oportunidade para r**elatar anualmente a história do surpreendente progresso de Monte Alegre** no decorrer dos doze meses passados – Dr. Karl Zappert.
Heterorreferência	1964d7	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	7 – Nos retrospecto anual, do período compreendido entre o último aniversário de O TIBAGI e o dia 23/11/55, há uma data que todos aqueles que vivem em Monte Alegre nunca irão esquecer: o dia 18 de junho, o dia da chuva de pedras. Dr. Karl Zappert.
Heterorreferência	1964d8	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	8 – Após uma década de dominação soviética, a Hungria se levantou para sacudir o jugo comunista-soviético, numa luta épica que está enchendo de admiração todo o mundo.

Invenção de tradições	1964d9	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	9 – No dia 15 de março de 1957, chegou, do Rio de Janeiro, **a notícia do falecimento do sr. Wolff Klabin. Tôda Monte Alegre ficou abalada com esta infausta notícia. O sr. Wolff Klabin, o grande chefe e amigo, foi um dos idealizadores e criadores não só da indústria pròpriamente dita, mas também de tôdas as instalações sociais de nossa cidade – Dr. Karl Zappert.**
Dificuldades enfrentadas pelo jornal	1964d10	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	10 – dez anos, na vida comum, pouco representam, efetivamente. Todavia, para o modesto jornal do interior, que **luta com lógica e naturais dificuldades para se manter longe do poderio e da pujança das grandes Cidades**, dez anos de atividades é algo de muita significação, que orgulha aquêles que mais se empenharam na consecução de tão elevada conquista.
Heterorreferência	1964d11	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	11 – O dr. Karl Zappert, que prestou, desde os primórdios de Monte Alegre, serviços inestimáveis ao desenvolvimento industrial da cidade, despediu-se, no ano que se finde, de todos os montealegrenses, para o Velho Mundo, deixando a sua função de Diretor-Técnico das I.K.P.C. – S.A.
Dificuldades enfrentadas pelo jornal e Independência política	1964d12	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	12 – De um jornal como o nosso, que **prima pela independência, que não tem côr partidária política ou religiosa**, poder-se á pensar que não tem dificuldades a vencer. Nada mais errôneo, porque a própria vida, **a luta pela sobrevivência, é uma batalha contínua.**

Orientação/função do periódico	1964d13	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	13 – O TIBAGI, em todo êsse tempo, ininterruptamente, aqui esteve de pé, para **informar, para anunciar, para criticar e para elogiar, levando ao povo desta cidade e a grande número de brasileiros de outros rincões a sua palavra, marcando a sua presença em todos os acontecimentos.**
Reconhecimento do semanário	1964d14	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	14 – Se fizemos bem o nosso trabalho durante êstes quase três lustros, cabe ao leitor julgar – êle que **tem acompanhado nossos passos, com um interesse que anima e conforta.**
Heterorreferência	1964d15	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	15 – Se nossos espíritos ainda são os mesmos, empregnados ainda daqueles mesmos sentimentos e daquele mesmo ardor da primeira edição, muitos dos prezados leitores são outros. Vieram depois, e justo é que almejem um jornal cada vez melhor.
Heterorreferência	1964d16	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	16 – E êste ano, que marca o 16º ano de O TIBAGI, não é, evidentemente, um ano igual aos tantos que se foram na voragem do tempo, na história de nossa terra e de nosso povo. Com efeito, Monte Alegre virou município, e já nem mais tem aquêle nome, mas é hoje Telêmaco Borba. Houve campanha eleitoral renhida. Elegemos prefeito e vereadores. É a emancipação política dêste promissor torrão paranaense, que já se projeta por aí a fora.

Heterorreferência	1964d17	O Tibagi - 23 de novembro de 1964 - 15º aniversário - Monte Alegre – Paraná - Diretor: Horácio Klabin - Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 - nº780. - Página: CAPA - Título: O TIBAGI - Autor: XXX - Observações:	Como se vê, houve mudança grande. E, por isso tudo, O TIBAGI não pode também continuar só no que era. Tem de ser o que sempre foi, e mais o que dele se espera no presente e no futuro. É o que se pretende fazer no ano entrante de 1965.

7.7 Categorização para a análise da heterorreferência				
Cabeçalho da Edição	Unidade de Contexto	Assunto	Categoria	Ideias de corroboram ao sentido do texto
O TIBAGI – Terça-feira, 23 de novembro de 1948. Ano 1 – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Avenida Brasil – nº 01 – Edição de hoje – 6 páginas – 50 centavos Página: CAPA Título: Harmonia Autor: Lauro Nery Observações:	A você **Harmonia, que como um presépe se ostenta no alto, com o seu casarêdo branco, as suas vilas residenciais**, no silencio evocativo das árvores de lá em baixo, quase coleando o caudaloso Tibagí, **a fábrica de papel e Celulose, que "Industrias Klabin do Paraná de Celulose S/A supervisionou e doou ao Paraná e ao Tibagí**, **para a felicidade do Brasil**, a homenagem do prefixo, desta secção. Bem traduz o nome desta **cidade de trabalhadores**, com a finalidade das aspirações sociais, na mentalidade da hora presente: **harmonia entre empregadores e empregados e vice-versa, para uma produção mais eficiente, na contribuição da riqueza coletiva. Harmonia é cooperação e compreensão de todos na consecução de um fim.** Da harmonia constante, do movimento da terra temos o resultado matemático dos dias e das noite e das quatro estações do ano. Uma modificação que houvesse no equilíbrio de nosso planeta, no espaço e a terra ruiria pelos abismos cósmicos, transformando em cáos, o fenômeno da vida. Harmonia é ritmo, é musica, é poesia, é bem estar, é serenidade. **Harmonia é democracia, porque democracia, é a independencia. Harmonia, entre os poderes publicos constituídos.** Harmonia, pois, o prefixo de nóssa secção, sobre os mais variados assuntos, que publicaremos nos demais números, desta fôlha nascente, nos mês da República e que não sairão dos limites do prefixo que escolhêmos: **harmonia entre os homens; harmonia entre municípios; harmonia entre os Estados Federado; harmonia do Brasil com os demais países civilizados e democratas.**	Justificativa da escolha do nome da coluna escrita por Lauro Nery. Segundo o mesmo, esta se deu pela "harmonia" existente no local que recebe este nome.	Relacionamento e vivência em Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional;

O TIBAGI – Terça-feira, 23 de novembro de 1948. Ano 1 – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Avenida Brasil – nº 01 – Edição de hoje – 6 páginas – 50 centavos Página: 04 Título: Notas Paranistas Autor: Observações: foram transcritas apenas as notas que atendem aos objetivos da dissertação.	"O saudoso **tibageano Telemaco Morosine Bórba**, grande historiador e geógrafo, foi o maior indianista do Paraná".	Nota sobre o Coronel Telêmaco Augusto Enéas Morosini Borba	Passado anterior à chegada dos industriais à região	Personalidades ilustres;
O TIBAGI – Terça-feira, 23 de novembro de 1948. Ano 1 – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Avenida Brasil – nº 01 – Edição de hoje – 6 páginas – 50 centavos Página: 04 Título: Notas Paranistas Autor: Observações: foram transcritas apenas as notas que atendem aos objetivos da dissertação.	"As Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A, **com as suas Fabricas e os seus núcleos de população**, de escritórios e de operários, situadas em Monte Alegre, município de Tibagi, neste Estado, **são no gênero o maior potencial industrial da América do Sul".**	Nota sobre as Indústrias Klabin	Auto valorização	Menções relacionadas à cidade de Tibagi; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre;

O TIBAGI – Terça-feira, 23 de novembro de 1948. Ano 1 – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Avenida Brasil – nº 01 – Edição de hoje – 6 páginas – 50 centavos Página: 02 Título: Notícias do Município – Monografia histórica corográfica de Tibagí Autor: Otavio Camargo Observações:	Do arquivo da **Prefeitura Municipal de Tibagí, da época em que era Prefeito do Dr. Edmundo Mercer Junior**, foi pelo mesmo compilada e escrita a seguinte monografia: I – DEVASSAMENTO DO TERRITORIO I. – Edmundo A. Mercer, em preciosa monografia ainda por publicar-se, refere-se, como primeiras as seguintes **<<ENTRADAS>> de homens brancos pelos interiores tibagianos.** A – **Aleixo Garcia, soldado portugueses da gente que veio com Martin Affonso – o insigne capitão donatário e fundador de São Vicente – e seus três companheiros de expedição, foram, segundo abalisadas opiniões, os primeiros europeus, ou homens civilisados, que conheceram a opulenta região do antigo município de Tibagí.** O autor citado, historiador escrupuloso e devotado ao estudo, marca para ésta viagem de penetração a éra **entre 1531 e 1532.** B - Após Aleixo Garcia e possivelmente ao seu encalço, varou ésta terra **outro portugues, Jorge Sedenho, que**, "foi com toda sua gente, sacrificado no Rio Paraná, a montante dos saltos das 7 Quedas, pelos **índios do poderoso cacique Guaraçaba,** senhor daquélas paragens". C – **D. Alvar Nunes Cabeza de Vaca**, administrador das províncias castelhanas do Rio da Prata, desembarcou da ilha de Santa Catarina com 400 soldados de 26 cavalos, atravessou também, por volta de 1541, êste município, em demanda do Paraguaí. O historiador sustenta êste fato, baseado no intenerário daquele "ADELANTADO DE CASTELA" constante de um mapa, organizado em **1640**, e que se acha apenso ás alegações da Republica Argentina, na questão das Missões. D – **Um viajante alemão, Ulderico Schemiedel, transportando-se da Paraguaí para São Paulo, teria também, nos primórdios de nossa nacionalidade, pisado o solo tibagiano. Depois destes exploradores assinala Edmundo A. Mercer, que cabe a vez dos jesuitas hespanhóes.** E si os primeiros foram simples viajores, **estes, apostaram ás terras do velho Tibagi com o animo de nelas permanecer.** É o autor de tantas vezes citado quem diz, no seu estilo tão simples e atraente: "Aos jesuitas estava, pois, a obra verdadeiramente humanitária, mas não compreendida, de **reduzir os nossos gentios á civilisação**, num embate de invulgar estoicismo de que só écapaz o missionário da Fé de da Religião". E acrescenta, **"A ação dos padres de Loiola, no Guairá, desenvolveu-se quase toda éla, no antigo território tibagiano". Assim, das varias "REDUÇÕES" jesuíticas que vêm assinaladas no mapa do antigo município de Tibagí,** que o mesmo autor organisára, conclue-se que na atual extenção geográfica desta comunidade os padres chefiados por Montóya **estabeleceram os aldeamentos de "ENCARNAÇÃO", nas terras do cacique "PINDOBÉ", á margem do Rio Tibagí, no fundos da fazenda hoje "MONTE ALEGRE", e "SÃO MIGUEL", logar que demora uns 12 quilometros da cidade séde do município**. **Pouco, relativamente muito pouco mesmo, durou a ação benéfica dos jesuitas.** **Logo lhes caíram em cima os paulistas escravizadores de índios, ANTÔNIO RAPOSO TAVARES e MANOÉL PRETO, aí por 1629, destroem varias daquélas reduções entre élas a de "São Miguel", e arrebanham milhares de índios. "Encarnação" também fica arrasada ante "a sanha das famigeradas bandeiras".** Finalizando êste capitulo, acrescente-se a **estadia, prolongada e feliz, de Fernão Dias Paes Lemes o "CAÇADOR DE ESMERALDAS" entre nós.** Fernão 'Dias, com efeito, foi na Serra da Apucarana, neste município, que o celebre paulista, depois de embair a bôa fé dos caciques "TOMBU", "CONDÀ e "GRAVATY", levou os seu cinco mil índios para São Paulo, salvando, desse modo, os prejuízos da expedição cujo fim é bem conhecido.	Origens da cidade de Tibagi	Passado anterior à chegada dos industriais à região	Menções relacionadas à cidade de Tibagi; Auto valorização

2. – O paulista **José Félix da Silva Passos**, cuja historia já foi até romanceada, **fundou, neste município, nos fins do século XVIII, uma fazenda (hoje Fortaleza), abrangendo as atuais fazendas de Monte-Alegre, Fazendinha e Ventania.** Hostilizado pelos Kaingangues, fortifica o arraial e organisa uma milícia e abre a luta, cruenta e intérmina. E já Sargento-Mór o vilarejo de sua fazenda fica conhecido pelo nome de "FORTALEZA".

Um seu capitão de mato, de nome ANTONIO MACHADO RIBEIRO, desavem-se com seu chefe, passa-se para a margem esquerda do rio Tibagí e, sobre uma colina próxima ás ribanceiras da grande artéria fluvial, **estabelece sua posse**. Estamos nos anos que vão **1790 a 1800. Em 1820 o sábio SAINT HILAIRE, já pode avistar, de longe, um povoadozinho, o mesmo que se transformou, mais tarde, na cidade de Tibagí e que outro não éra senão o arraial de Antônio Machado Ribeiro.**

Nas cartas de sesmarias do começo de século XVIII lê-se óra Tibagí, óra Tubagí, que em guaraní quer dizer: "ALDEIA DO MACHADO", RESPECTIVAMENTE. Escreviam também "TIBAGÍ" e "ITIBAGÍ".

3. – Como já assinalamos, **abstração feita das tentativas dos inacianos, das primeiras penetrações em território tibagiano, nenhum povoado resultou**. Antes pelo contrário, **as "RAZIAS" dos bandeirantes paulistas tiveram o condão de quase despovoar o território do município.**

Já o mesmo não aconteceu com os "posseiros". Estes, na ânsia de aumentar seus domínios, edificavam moradias, erigiam capelas, aliciavam muitas gente para o custeio de enórmes manadas de gado e, desse modo, irradiaram, ais poucos, o povoamento do sólo.

4. – **Ainda existe no município índios remanescente de antigas tribos**, EDUNDO A. MERCER, sustenta, com véras razões, que **os primitivos íncolas déstas plagas foram os guaranis**, da grande nação Tupí. **Após o êxodo memorável dêste gentio, rumo às missões do sul, com os padres jesuitas, nosso território ficou despovoado de índios, até que os goinazes ou caingangues, do planalto de Piratininga, "renitentes á civilização" e incapazes de suportar o cativeiro, emigraram para cá.**

São coroados ou caingangues, pois os índios que ainda existiam neste município, em terras a eles reservadas.

Um dos "RESERVADOS" denomina-se "CAMBARÁ" e está situado no distrito de Ortigueira. Outro, o de "MARRECAS", fica localizado no distrito de Natinguí.

***

5º, - Terra que começou a formar-se e a povoar-se com mais acentuada densidade já no regimen das leis que procederam á abolição da escravatura, e que não contava ainda com um desenvolvimento apreciavel quando sobreveio a "lei aurea" **não se percebe quase no devassamento do território tibagiano qualquer parcéla de contribuição do elemento negro. O pouco que se nota, contudo, refe-se às mais antigas fazendas de criar, onde o negro éra empregado nas lides do campo.**

***

6º, - É ainda Edmundo A. Mercer, filho ilustre e historiador veraz de sua terra, quem nos narra a versão **lendária da fundação de Tibagí**: "José Félix da silva, cedendo ao espírito de arrojo do Paulista, abandona a paragem da Lança, pequena demais para conter as suas ambições de bandeirante, e galga o planalto que encima a "SERRA DE FURNAS". Firma aí sua posse, mas

tem que se haver com a recalcitrância do incola **kaingangue!**
Este não entrega a terra sinão a preço muito sangue!
E a luta se abre cruenta e intérmina!
José Félix, - já Sagento-Mor, fortifica-se, levando muralhas de terra em redor do vilarejo de sua fazenda e organiza a milícia!
Antonio Machado Ribeiro paulista intrépido, seu capitão de mato, se desfaz em lances épicos e **quebra a resistência do aborígene no sangrento combate da "MORTANDADE" (Hoje séde da Harmonia, na fazenda Monte Alegre de propriedade das grandes Indústrias Klabin.) Como recompensa a tanto valor, José Félix manda a machadinho (esse éra a alcunha de Machado Ribeiro,) possar os campos do quadrante "TIBAGI" – Iapó.**
Vem as sesmarias, e oh! Suprema ingratidão!
O Sargento-Mor, submetido ao império de sua desmedida ambição, abrange nos limites de sua carta, o patrimônio de seu batedor de índios!
Cedendo á prepotência, porém, sem desanimo, **Machado Ribeiro cruza o Tibagí e, na ribanceira esquerda ha algumas centenas de metros para cima da confluencia do "Iapó" estabelece nova possessão.**
Nova luta, mais cruenta, tem que sustentar com os coroados!
Mas, venceu e, em auto judicial que existe no cartório do Juiz de Paz, afirmou ele, para sempre nas terras da Fazenda do Tibagí, o seu direito, quando o Juiz, com a solenidade de então, disse: Posse! Posse! Posse!
Algum tempo depois, defrontando-se com o Sargento-Mor, usurpador de sua primitiva vem-feitoria, houve entre eles, segundo as crónicas do tempo, o seguinte diálogo: "como vae o copadre em sua nova fazenda? (Ribeiro era compadre de José Félix). Bem, diz Machadinho, apoiando a dextra em sua arma pederneira, - Tenho, é verdade sofrido muito; perdi dois filhos varados pelas flechas dos bugres, mas graças a Deus **legalisei a minha posse** e, agora... quero que prevenir de uma cousa: Se o compadre fizer como da outra vez... a sua vida está dentro deste cano, - e apontou para a espingarda"...

II – CORRENTES DE POVOAMENTO, PROCEDENDIAS E OBJETIVOS
7º. – C**omo já dissemos, os fazendeiros, criadores de gado foram os primeiros povoadores do Municipio, O Sagento-Mor José Félix da Silva, estabelecido na sesmaria da "Fortaleza" éra (ilegível), ANTONIO MACHADO RIBEIRO seu ex-capitão de mato é tido como verdadeiro fundador de Tibagí.** Éra do mesmo modo paulista, natual da Freguezia de Cotia, então termo da cidade de São Paulo.
Sabe-se que aqui faleceu, a 28 de agosto de 1809 e éra filho de Inacio Machado da Silva. **O auto de posse da "fazenda do Tibagí", dada e julgada por sentença do Juiz da Vila de Castro, em favor de Machado Ribeiro, conhecido vulgarmente por "MACHADINHO", DATA DE 28 DE JUNHO DE 1794. O DA FAZENDA Fortaleza é, contudo, anterior.**
Os demais primitivos povoadores foram, na maioria, provindo de "PITANGUY" (Ponta Grossa), Castro e Lança (Piraí do Sul).

–
8º. – Segundo a tradição e na conformidade dos documentos antigos, **as cartas de sesmarias concedidas a Antonio Machado Ribeiro foi a causa determinante mais próima do**

	povoamento da cidade de Tibagí. Entretanto, **fator preponderante na formação do núcleo urbano foi também a ereção da capéla**, o que se deu (ilegível) a doação à santa protetora, sob cuja invocação se fez a obra, de determinada área em volta e que veio a constituir, mais tarde, o patrimonio da cidade. – IV – ANA BÉJE, filha de Machadinho, foi quem erigiu a capéla. Seu irmão, Manoel das Dores, foi o doador do patrimonio com a extensão de 1000 por 500 braças em quadro, A capéla foi erigida sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade. Tibagi – Outubro de 1948 *** QUADRO COM INFORMAÇÕES SOBRE TIBATI, INTITULADO "TIBAGÍ" HISTÓRICO: **O município de Tibagí foi creado pela lei provincial nº. 302, de 18 de março de 1872. A sua instalação deu-se no dia 10 de janeiro de 1873**, sendo presidente da província do Paraná o Dr. Venancio José de Oliveira Lisbôa. **O município de Tibagí, foi desmembrado do de Castro, que por sua vez pertenceu ao de Curitiba.** Depois de entidade municipal autônoma, sofreu os desmembramentos seguintes: Reserva, São Jeronimo. Deste último, por vez, originaram os de Sertanopolis, Assaí, Cornélio Procópio, Londrina, Apucarana e parte do municipio de Bandeirantes. PREFEITOS: Já teve o municipio 27 prefeitos, entre êles, o Cl. Telemaco Borba, Frederico H. Mercer, Leopoldo Leonel de Sá Mercer, Guataçará Borba Carneiro, Dr. Edmundo Mercer Junior, Dr. Laurentino B. Mercer. LIMITES: Os limites municipais são os seguintes: Londrina e Apucaranas ao Norte; Sul, Ponta Grossa. Este: Castro e Jaguariaiva. A Oéste Reserva. SUPERFICIE: 8.000 quilometros aproximadamente. ALTITUDE: Em média, 730 metros e sua população é de 48.000 habitantes. VIAS DE COMUNICAÇÕES: Estradas de rodagem para todas as sedes dos 4 distritos: Ortigueira, Alto do Amparo, Natingui e Ventania, ligando também Tibagí a Ponta Grossa, Castro, Reserva, Fazenda Monte Alegre e Agua-Clara, além da grande rodovia estadual em construção Tibagí-Apucarana. **O Tibagí foi povoado pelo bandeirante Antonio Machado Ribeiro** (Machadinho, nos fins do século XVIII, firmando o mesmo sua posse em 1794; um seu filho de nome Manoel das Dores fez doação de um terreno (hoje séde da cidade) á Nossa Senhora dos Remédios, construindo uma sua irmã Ana Beje, no centro do Patrimonio uma capéla, onde se ergue hoje a majestosa igreja matriz. **A Freguezia foi creada pela lei nº;15, de 16-5-846 e canonicamente instalada em 1851**. **Em 18 de março de 1872 o povoado foi elevado á categoria de Vila e municipio, com a anterior denominação de Tibagí. Subiu à cidade no ano de 1904, com elevação a Séde da Comarca.** A cidade está situada na margem esquerda do rio que lhe da nome á 24º 30' 49 ltitude sul e 50' 24' 55'' longitude oeste do Rio de Janeiro. A cidade foi muito bem de lineada sendo as suas avenidas e ruas perfeitamente paralélas entre si: está situada a noroeste do Estado a Êste do municipio e ao centro do distrito da séde: a noroeste de Curitiba e ligada aquéla Capital por um rodovia de 90 quilometros até cidade de Ponta Grossa e dali a Capital do Estado 183 quilometros; para Castro 63 quilometros e desta cidade a Capital 135 ***			

	Tibagí, berço do poeta Jonas Borges Martins que viveu em Castro; terra querida do ilustre enciclopedista e sábio Cl. Telemaco Borba, assemelha-se a um lindo cromo pintado por mão divina, na margem esquerda do majestosos e lendário Tibagí, que lhe deu o nome; estradas e transportes em ônibus partem da séde em todas as direções milhares de operários trabalham na estrada de Apucarana, que ligará Tibagí ao Norte, passando pelas fertis e ricas terra de Ortigueira. Vemos também, como luminosa estrela engastada no distrito da séde, a poderosa firma Indústria Klabin do Paraná de Celulose S/A**, a maior fabrica de papel da América do Sul**, (ilegível) suas turbinas acionadas pelo potencial hidraulico do Salto Mauá, do Rio Tibagí. ESTA PARTE FOI ESCRITA POR OTAVIO CAMARGO			

Edição: Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 – Edição de 10 páginas – 1 cruzeiro – Ano 01 – Monte Alegre Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 – nº.52 Página: 02 Título: A homenagem do dia 15 Autor: Praxedes Gomes (?) Observações:	**Dr. Horácio Klabin** **Muito Respeitorsamente** **Prestou essa homenage** Esta comissão presente **Por vós ser merecedô** **E ser um home potente** **Doutô Horácio Klabin** **Home de muito Valô** **Não é só industriá** **Como tambem direto** **E tambem do povo pobre** **É um grande ajudadô** **Devemo nós dar um viva** **Ao Dia 15 de Novembro** **Viva doutô Horácio!** Neste minuto me lembro Tambem a boa comissão E seus mais distintos membro Quem promoveu esta festa Então tudo nesta lista Onde tem seu Alcebiades E seu Cacildo Batista O tenente Henrique Dias E o sr. Doutô Weliska Senhor João Guedes Cardoso Nosso ilustre dirigente Da grande festividade Ele foi um promovente E desde manhã cedinho Seu Leonidas foi na frente E tem mais quatro senhores São estes que estão aqui: Seu Guilherme, Coleto E Juarez do TIBAGI Seu Albino e seu Teixeira E foi somente o que eu vi **Dia 15 de Novembro**	Poesia em decorrência das festividades do dia 15 de novembro de 1948. Neste dia foi comemorado o aniversário de Horácio Klabin. (Além disso, houve comemoração cívica do aniversário da proclamação da república no Brasil, a inauguração de um posto de gasolina e, possivelmente, o lançamento do jornal Tibagi. A festividade foi comeomorada com uma churrascada).	Gratidão à Horácio Klabin	Relacionamento e vivência em Monte Alegre;

Houve uma grande festança
Mataram deiz novilhota
Foi grande esta comilança
Comeram grande e pequeno
Também velhos e creança

É preciso que se exprique
A coisa como se deu
Gente de todo lado
Neste dia apareceu
Cuidado que se enganou
Quem dissé que não comeu

Fomo lá prá churrascada
As onze e trinta do dia
E as quatorze foi o jogo
Dos quadro de Harmonia
Que jogou um quadro do [C.A.M.A.]
Com outro da Engenharia

As onze inauguraram
O posto de gasolina
Que indo lá no churrasco
Ele ficava na esquina
Teve estôro de champanha
Foi uma festa bem fina

E o jogo principar
Foi as dezesseis do dia
Com o quadro ferroviário
E o C.A.M.A. de Harmonia
Eu tinha quasi na certa
Que o Ferroviário perdia

Amaru (?) foi o golero
Do quadro futebolista
Beque, Gaucho e Paulista
No mesmo quadro jogava
Edilson e Lamparina;

Ramon Eloy e Matias
Tambem foram da defesa
O quadro jogou bom (?)

	Todos fazendo proeza Do outro quadro não falo Porque não tenho certesa. Desculpe as minhas trova Porque são verso do nato (?) De ser um poeta afamado (?) Tenho vontade de falar (?) Me chamo Praxedes Gomes (?) Sou caboclo pacato (?)			

Edição: Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 – Edição de 10 páginas – 1 cruzeiro – Ano 01 – Monte Alegre Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 – nº.52 Página: 04 Título: Mais dois anos de honesta e proveitosa administração Autor: Cacildo B. Arpelau Observações: há uma fotografia do Leopoldo Leonel de Sá Mercer	Como é do conhecimento público, **principalmente dos tibagianos**, em novembro de 1947, precisamente no dia 30, ao investir-se, pela **terceira vez, no elevado cargo de Prefeito Municipal de Tibagí, o sr. Leopoldo Leonel de Sá Mercer** proferiu brilhante oração de agradecimento aos que **escolheram seu nome para dirigir os destinos da terra do inolvidável Telêmaco Borba.** Espírito culto, aliado a uma franqueza ímpar, S. Excia. Fez questão de frisar, naquela ocasião, que não levava para seu govêrno um plano de trabalho previamente traçado, mas tão somente, a experiência que adquirira nos longos anos de sua existência que devotara à vida pública. Concluindo sua locução, contestou, de modo incisivo, as injustas acusações de seus adversários políticos, segundo as quais êle se encontrava incapaz para o trabalho por fôrça de sua idade avançada. São suas estas palavras: "Há os que apregoam, levianamente, que estou velho, cansado e fisicamente vencido. A êstes, quero provar e responder que não nasci em berço de veludo e que o patrimônio moral que me encontro em plena disposição de trabalhar não só por uma questão de habito, como, principalmente, animado pelo propósito de servir, mais uma vez, o torrão natal". **Hoje, decorridos dois anos de sua gestão, é-nos grato constatar, sem interesse particular ou político-partidário, quão proveitosa para o município tem sido a administração dêsse ilustre tibagiano.** Homem afeito ao trabalho cheio de amor à terra natal, entusiasta consciente de sua grandeza, aceitou o pôsto para o qual fôra escolhido nas eleições livres e democráticas de 16 de novembro de 1947, onde vem prestando, com dedicação e honestidade, como o fez nos períodos de 1920 a 1930 e de 1939 a 1941, os mais relevantes serviços ao município. Dentre as suas inúmeras realizações, destacam-se as que, a seguir, passamos a enumerar: construção do Matadouro Municipal, com todos os requisitos de higiene; construção de casas escolares dos distritos de Alto do Amparo, Natingui, Ortigueira, Ventania e no povoado de São Domingos; construção de um edifício para garage e ampliação do prédio da Prefeitura, com a construção de mais uma sala para as reuniões da Câmara de Vereadores; reconstrução das estradas das Imbauzinho/Lageado Bonito, Lageado/Natingui, Tibagí/Ortigueira e Tibagí/Pontão. **Com o auxílio das possantes Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A, construiu, na sede do município, um excelente campo de aviação, ainda com a ajuda valiosa desta importante firma industrial, reconstruiu a estrada que liga Tibagí ao distrito de Ventania e a à Fazenda Monte Alegre.** Adquiriu por intermédio do Governo do Estado, uma Moto (?) Niveladora, marca American Maintner, modelo 30, pela quantia de Crs 148.509,90, destinada aos serviços de conservação de estradas públicas. Para essas realizações e muitas outras que deixamos de mencionar, não faltou à S. Excia., como certamente não faltará no futuro, o integral apoio da Câmara de Vereadores, composta dos Snrs. Alberto da Silva Paraná – Presidente -, Manoel Bento dos Santos – 1º secretário -, Laurindo Barbosa de Macedo – 2º Secretario -, Martinine (?) Borba Carneiro, Severo Batista Leal, Braulio Bueno de Camargo, Waldemir Carvalho, Oswaldo Gomes de Lima, João Neves Bittencourt, Aguinaldo Guimarães Cunha, Agostinho Dal Col e do autor destas linhas. Incontestavelmente, Leopoldo Leonel de Sá Mercer é um técnico no manejo da máquina administrativa municipal. O que êle conseguiu realizar, nesse curto período de sua gestão, constituiu, sem dúvida, um atestado eloquente da sua capacidade de trabalho.	Terceiro mandato de Leopoldo Leonel de Sá Mercer na prefeitura municipal de Tibagi	Menções à cidade de Tibagi	Passado anterior à chegada dos industriais; Feitos da Klabin;

Edição: Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 – Edição de 10 páginas – 1 cruzeiro – Ano 01 – Monte Alegre Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 – nº.52 Página: 08 Título: Monte Alegre e os festejos de 15 de novembro – Solenidades Cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascada – Inauguração do pôsto de reabastecimento "Esso" Autor: Observações:	Mais um dia ficou anotado nos anais de Monte Alegre. De fato, **o Dia 15 de Novembro foi mais uma data brilhantemente comemorada nesta cidade, cuja população não vacilou em emprestar o seu valioso apôio para o completo êxito das solenidade.** Com a presenta de tôdas as autoridades locais, Diretores da I.K.P., escolares e uma considerável massa popular, tiveram início, no Estádio Monte Alegre, as solenidades cívicas alusivas à data. Procedeu-se ao hasteamento da Bandeira ao som do Hino Nacional e, em seguida, falou sôbre a proclamação da República a srta. Ester Cartes, professora do Grupo Escolar "11 de Junho", que pronunciou a seguinte oração: "Exmas autoridades, Senhoras, Senhores e Crianças! A efeméride que hoje transcorre, assinala para o Brasil, uma das maiores datas nacionais. A concretização do anceio enraizado em milhares de brasileiros amantes da liberdade democrática, indômitos pela sua formação histórica, cujo sangue de muitos tem custado no decorrer dos tempos. Mito embora, o povo reconhecesse em D. Pedro II, imperador do Brasil naquela época, nobres qualidades que mereciam respeito e admiração, urgia a necessidade de emancipação da prática brasileira; o movimento em pról da República, tomara vulto, tendo à frente como principais incutidores, Quintino Bocaiuva, Campos Sales, Benjamin Constant e outros. Era o Brasil a única exceção entre as repúblicas em que se dividia o território da América. Um govêrno profundamente centralizador não era de fato o mais conveniente ao Brasil; a imensidade de território, a dificuldade de comunicação entre as províncias e capital, os antigos hábitos de autonomia é que aconselhavam a federação como regime mais adequado ao país. Havia políticos que achavam poder ser feita a federação dentro do regime monárquico: outros porém, pensavam que a centralização, de tal forma estava fundida com o império que destruí-la era derrubá-la! Por isso, julgavam impossível a federação sem república. Fundaram-se clubs e jornais republicanos; a propaganda, todavia não alcançava empolgar a opinião pública, como o fizera na campanha abolicionista. Dois fatos porém, apressaram o advento da republica: um, desgosto dos senhores de escravos, prejudicados com a abolição sem indenização; outro, mais decisivo, "a questão militar". Como o ministério projetava reorganizar e armar a guarda nacional, espalhou-se a notícia de que o exército seria dissolvido, o que causou indignação nos meios militares. A principal figura do exército era o Marechal Deodoro da Fonseca; estava êle tão irritado com o governo que dizia, tudo fazia para desprestigiar e diminuir e perseguir o exercito. Mas apesar de tudo, Deodoro hesitava. Custava-lhe muito amargurar os últimos dias do velho imperador; porém, as relutâncias de Deodoro foram vencidas por Benjamin Constant que era o cérebro da revolução. E na madrugada de 15 de novembro de 1889, Deodoro da Fonseca, à frente da parte da guarnição revoltada diante do Quartel General, onde o ministério reunido deliberava. Colocando-se à frente das tropas revoltadas, Deodoro proclamou a República, que foi saudada com uma salva de 21 tiros de canhão, enquanto a banda de música, tocava o Hino Nacional. Ao encerrar-se o segundo quatrigenio da republica era gravíssima a situação financeira. As revoluções que convulcionaram o país, tinham esgotado os recursos do tesouro; nosso crédito estava prejudicado e, com ele a confiança do estrangeiro em nossa terra. Prudente de Morais, entretanto, nos últimos meses de seu governo tinha já tomado providencias em face da difícil, crise.	Festividades do dia 15 de novembro de 1948. Neste dia foi comemorado o aniversário de Horácio Klabin. (Além disso, houve comemoração cívica do aniversário da proclamação da república no Brasil, a inauguração de um posto de gasolina e, possivelmente, o lançamento do jornal Tibagi. A festividade foi comeomorada com uma churrascada).	Gratidão à Horácio Klabin	Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Personalidades ilustres; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre;

Campos Sales, eleito presidente iniciou um regime de rigorosa economia, terminou seu trabalhoso quatrigênio resolvendo vitoriosamente a situação financeira.
Antes da proclamação da república, nossa rede ferroviária era de menos de outo mil quilômetros. Ao findar-se a primeira republica, estavam aberto ao trafego no país, cerca de 3 mil Km de estrada de ferro.
Foi grande o desenvolvimento da indústria; fundaram-se numerosas fábricas, multiplicaram-se as usinas hidro-eletricas.
Apesar de ainda continuar elevada a percentagem de analfabetos, houve nos primeiro lustros do governo republicano sensível progresso cultural.
Criaram-se, para instrução primaria numerosas escolas e os primeiros grupos escolares, insuficientes porem, para atender as necessidades do pais; o número de escolas que ao findar-se o regime monárquico, não passava de 7.500, 1840 passu a 42 mil; em consequência baixou bastante a alta percentagem dos analfabetos.
É evidente o progresso geral, apesar das dificuldades decorrentes novo conflito mundial. A população em 1889, orçava por 15 milhões, elevou-se a cerca de 50 milhões de habitantes. O problema entretanto, continua a ser dos de maior relevo para a verdadeira grandeza da querida terra que a Providencia nos deu; sua completa e pronta solução de todos os brasileiros, com a decisão, a fé, o devotamento que caracterizam o verdadeiro patriotismo"

X X X

A oradora foi vivamente aplaudida pelos presentes. Teve prosseguimento o programa com vários números de declamações por alunos e alunas do Grupo Escolas "11 de Junho", ou sejam: Cacilda de Arpelau, Ademar Menta, Elena Elizabeth Riederer, Olívio Mendes, José Batezate, Líneo Voigt, Iináh Rezende, Olga Juck, Tereza Spunar e Ivone C. Martins, os quais se saíram otimamente. Foi cantado, a seguir, o hino à Bandeira Nacional.
Nesta mesma ocasião, os corpos docente e discente do grupo escolar local ofereceram ao sr. dr. Horácio Klabin, um artístico cinzeiro de alabastro, como prova de reconhecimento.
Fazendo o oferecimento, falou rapidamente a srta. Profa. Medéia Lezan e uma aluna fêz a entraga do objeto. O sr. dr. Horácio agradeceu, visivelmente satisfeito, o gesto das professoras e dos alunos.
Terminadas as solenidades cívidas, houve várias provas esportivas a cargo dos escolares, que deleitaram grandemente a quantos compareceram ao Estádio local, culminando com uma renhida peleja futebolística entre os alunos dos períodos da tarde e da manhã. Saiu vencedora a equipe da manhã pelo escore de 3x1.
E assim terminou, com raro brilhantismo, a parte cívica do Dia 15 de Novembro, que se realizou, como dissemos, em nossa praça de esportes.

A inauguração do Pôsto de Reabastecimento "ESSO"
Precisamente às 11 horas da manhã, perante uma grande parte da população de Monte Alegre, presentes os Diretores das I.K.P., autoridades civis e eclesiásticas, representantes da Standard Oil Company of Brasil, tiveram início as solenidades de inauguração do Pôsto de Reabastecimento "Esso", localizado na entrada da cidade de Harmonia, no comêço da avenida Brasil, Pôsto êste

que está a cargo do sr. Albino C. Romeiro.
Convidado para proceder a inauguração, usou da palavra, em português, o dr. Ladislaw Rys, superintendente das I.K.P., que foi bastante aplaudido em suas palavras.
Falou em seguida o dr. Hélio Santana, que juntamente com o sr. Osvaldo Obroslaki, vieram representar a Standart na inauguração.
Depois da dada a bênção pelo revmo. pe. José e declarado inaugurado, o prédio foi franqueado ao público para visitas, ocasião em que foi oferecida uma taça de "champagne" aos presentes.

Churrascada e homenagem ao Dr. Horácio Klabin

No bosque próximo à Caixa Dágua, várias dezenas de mesas e bancos esperavam a população de Monte Alegre, para **a grande churrascadas em homenagem ao sr. dr. Horácio Klabin, pelo seu segundo ano de benfazeja e proveitosa gestão na administração das I.K.P.**
Uma verdadeira multidão dirigiu-se para o mencionado local, onde a Comissão promotora dos festejos havia preparado tudo da melhor maneira possível. Basta dizer que, ao contrário do que soi [sic] acontecer nessas ocasiões, não houve correrias, nem atropelamentos, saindo todos otimamente impressionados e satisfeitos.
Notava-se entre a multidão, além do homenageado, a presença do dr. Ladislaw Rys, Superintendente das I.K.P., dr. Karl Zappert, Diretor técnico da Fábrica, as pessoas mais gradas da sociedade de Monte Alegre, autoridades civis e eclesiásticas, e várias pessoas de destaque das cidades visinhas [sic], como o sr. Leopoldo Leonel de Sá Mercer, prefeito da cidade de Tibagí, capitão Jaime do Nascimento, Delegado de Polícia da mesma cidade, e muitos outros visitantes ilustres.
Houve, tanto nas solenidades cívicas no Estádio, como na churrascada, um completo serviço de alto-falantes, a cargo dos srs. Juarez Oliveira e Valter Araujo Martins.
Durante o churrasco, usou da palavra o sub-diretor desta folha, **sr. Cacildo B. de Arpelau, que, falando em nome de todos, ofereceu a homenagem ao sr. dr. Horácio Klabin, ressaltando as qualidades do homenageado como chefe exemplar e como amigo do povo de Monte Alegre.**
Transcrevemos abaixo o discurso do sr. Cacildo:
"Ilmo. Snr. Dr. Horacio Klabin.
Ilmo. Snr. Ladislaw Rys.
Snrs. Diretores.
Autoridades: Civis e Eclesiásticas.
Meus senhores e minhas senhoras.
A idéia de poucos se transformou, rapidamente, no desejo de todos, como que irmanados os homens de boa vontade por idênticos sentimentos.
Assim acontece, quando uma iniciativa assenta-se nos alicerces da sinceridade e da justiça.
Seja-me permitido dizer que antes melhor oportunidade não tive, como a de hoje, para, **num preito de gratidão e reconhecimento, homenagearmos aquele que tem sabido liderar e orientar a batalha que travamos, pelo bem comum.**
Dr. Horácio. O verdadeiro triunfo de um chefe de emprêsa consiste em proporcionar o bem estar aos seus subordinados. Nos conturbados dias que correm, laborará em êrro aquele que, no exercício de funções de mando, desprezar êste importante fator, que é a razão de ser das **boas relações entre o capital e o trabalho.**

Felizmente, no caso de Monte Alegre, a vossa preocupação constante, que todos reconhecem, tem sido a de conciliar os interesses patronais com os dos empregados, tudo fazendo, sem medir sacrifícios, para dignificar o esfôrço humano e valorizar o homem pelo trabalho.
Graças à essa inteligente diretriz, poude a vossa administração realizar, em apenas dois anos, o que outras não conseguiram durante um quinquênio.
Por isso mesmo, a vida dos montealegrenses está organizada em bases sólidas, que se ajustam aos imperativos sociais de nossos dias e aos anseios latentes da consciência coletiva.
Sem favor algum tudo de grandioso e notável que Monte Alegre apresenta, no setor econômico-social, devemos à vossa clarividente administração, que nesta data completa mais um aniversário.
Homem democrata e amigo que sois, tornastes digno da gratidão e da estima de todos nós, que aproveitamos esta oportunidade para reiterar os nossos melhores propósitos de cooperação à vossa já vitoriosa administração.
Queira aceitar a saudação amiga dos trabalhadores de Monte Alegre.
Tenho dito".

X X X

Falou, em seguida o dr. Horácio Klabin, agradecendo a homenagem e dizem que mais uma vez não poude renunciar a manifestação expontânea [sic] dos montealegrenses.
Usaram da palavra ainda, além do sr. Baraquias de Freitas, **o sr. dr. Lauro Nery,** ex-redator chefe desta folha, que, em brilhante improviso, e com aquela facilidade que lhe é peculiar, **exaltou a figura do homenageado.**
Num ambiente puramente familiar, e dentro da melhor ordem, prolongou-se a churrascada até as 14 horas, quando a maioria dos presente se retiraram para a nossa praça de esportes, onde os aguardava uma renhida peleja intermunicipal.
Coroada de mais completo êxito, a homenagem ao dr. Horácio Klabin foi mais uma prova do reconhecimento do povo de Monte Alegre, que reconhece nele um chefe, um idealizador e um amigo. E isto se notava na fisionomia de quantos estiveram presentes à homenagem, pelos comentários e pelas conversas particulares e de rodas que o repórter, indiscreto, sempre gosta de escutar.
Os festejos do Dia 15 de Novembro foram, portanto, uma verdadeira consagração.

Edição: Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 – Edição de 10 páginas – 1 cruzeiro – Ano 01 – Monte Alegre Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 – nº.52 Página: 10 Título: Monte alegre nos esportes Autor: D. Moreira Observações:	Marcada a data da excursão do C.A.M. Alegre, à São Paulo e Rio Em reunião que a diretoria do "Clube Atlético Monte Alegre", fez realizar, na noite de 16 do corrente, com a presença de seu **presidente de honra, sr. dr. Horácio Klabin**, ficou em definitivo, assentada a fata de 6 de janeiro p. vindouro, para sua partida desta cidade, devendo disputar duas partidas em São Paulo, e uma no Rio. A primeira partida, em São Paulo, será com o "Clube de Regatas Nitro Química", devendo a embaixada seguir para o Rio, onde enfrentará o forte esquadrão do "Manufatura", em partida noturna, regressando novamente á São Paulo, para sua ultima partida, contra o "Klabin E. Clube". Reina o mais intenso jubilo no seio da família alvi-negra, bem como entre os meios desportistas locais, por esta noticia, por todos os meios, alvissareira, estando o técnico "Cid", em afãn, no preparo de seus pupilos, para esta excursão, que além do caráter esportivo, será um premio para os rapazes do C.A.M.A. que com tanto denodo, souberam enfrentar os revezes e as vitorias, na presente temporada. O "Engenharia" também excursionará A convite "Tibagiano Esporte Clube", da visinha [sic] cidade que empresta seu nome ao nosso semanário, deverá excursionar, domingo próximo, dia 27, o "Esporte Clube Engenharia Civil", para ali desputar [sic] uma partida amistosa, entre seus primeiros e segundos quadros. A embaixada "Rubro Negra", deverá seguir desta localidade, domingo próximo, pela manhã, em caminhão cedido pelo seu presidente. Para essa excursão de extrêa [sic], dos comandos de Olavo, seu técnico, está preparando os seus conjuntos, com o maior afinco. Nova séde do Clube "Atlético Monte Alegre" **Num gesto nobre de verdadeiro patrono do esporte de Monte Alegre, o sr. Dr. Horácio Klabin, vem mais uma vez ao encontro das aspirações dos desportistas locais, fazendo com que a "Sociedade Anonima", mande construir mais um andar no prédio onde irá funcionar o Bar e Sorveteria, para a Séde Social do Clube Atlético Monte Alegre.** **Sem sombra de dúvida esse é um empreendimento de vulto financeiro e social que merece os melhores elogios ao sr. dr. Horário Klabin e aos dirigentes do alvi negro, que muito e anonimamente têm feito pelo engrandecimento esportivo e social do nosso Monte Alegre**, ora nos brindando com a apresentação de clubes de renome, ora melhorando o nível social com a creação de um Gremio feminino e com incentivos aos divertimentos de seus associados e etc. A nova sede, ora em construção, constará de duas salas, uma para reuniões da diretoria, uma biblioteca, um amplo e confortável salão para bailes, toilete e dois sanitários, instalações essas, que satisfarão a contento e darão mais pujança e valor, ao clube representativo de nossa localidade.	Clube Atlético Monte Alegre, seu desempenho nos esportes e a construção da Sede Social do Clube.	Gratidão à Horácio Klabin	

Edição: Quarta-feira, 23 de novembro de 1949 – Edição de 10 páginas – 1 cruzeiro – Ano 01 – Monte Alegre Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Avenida Brasil, 02 – nº.52 Página: 07 Título: Sem Crônica Autor: Lauro Nery Observações:	No dia 15 do corrênte cheguei de surpresa aqui em Monte Alegre, graças à bondade do Chanda Nocera que conduziu-me em seu automóvel. Logo à entrada da cidade industrial, observei uma fumaça que vinha do bosque e uma fila enorme de espêtos enfiando saborosos pedaços de churrascos. Não era preciso ser inteligente para concluir que havia **festa na praça, extra a da proclamação da República.** Soube mais terde, em casa do Evilásio tratar-se do **segundo aniversário da administração do dr. Horácio Klabin nesta comuna e achei justa a homenagem dos montealegrenses à ela aderindo de pronto.** Minha primeira idéia: devia também comer o churrasco, porque o resto viria depois. Meu genro, filha e netos se endomingaram e eu também me endominguei e a passos lentos, trocando impressões rumamos para o lado da festa. Logo depois da "Tipografia", havia um prédio novo, com muita gente a observá-lo e do outro lado da rua, uma fila enorme de automóveis, como os da avenida João Pessoa, em Curitiba. Era a inauguração do pôsto "ESSO", entregue ao snr. Albuno Romeiro. **Lá estavam os maiorais de Monte Alegre, inclusive o dr. Horácio, dr. Rys, dr. Zappert, snrs. Péricles, Cacildo, dr. João, Cel. Leopoldo Leonel de Sá Mercer, prefeito municipal de Tibagi, as autoridades militares, cap. Jayme do Nascimento, delegado de política regional em Tibagi e primeiro tenente José Henrique Dias, delegado de polícia em Monte Alegre, as autoridades eclesiásticas, professores, médicos, técnicos, funcionários, operários e pessoas que não representavam cousa alguma, como o que escreve estas linhas.** Houve falatório e ocorreu champanhe. Depois, fomos para o churrasco. Em tablado alto, a orquestra dirigida pelo Izaias R. de Carvalho, alegrava o ambiente. Observando-a de perto, as maiorais da redação e da gerência do "Tibagi": Marenda, Germando, d. Helê e Juarez. O churrasco estava ótimo e havia gente que não acabava mais. Alguém anunciou no microfone: "vai falar **o sr. Cacildo Batista de Arpelau".** Em profundo silêncio, subiu ao tablado o simpático diretor do Pessoal e sub-diretor desta folha, que em nome de todos, **leu magnífico discurso e dizendo das qualidades do homenageado dr. Horácio Klabin, do surto das suas realizações no território desta comuna.** Visivelmente emocionado, o dr. Klabin agradeceu. O resto da festa eu não a assisti. Fiquei em casa conversando com os parentes, recordando episódios, na emotividade das almas e dos corações que se compreendem. A noite desceu quente e calma. **Monte Alegre estava satisfeita porque fizera uma homenagem justa a seu chefe.** **É muito comum quando alguém sobe, esquecer os companheiros da véspera e colocar-se num plano superior. O homenageado de Monte Alegre, desceu da sua justa e não procurada superioridade para igualar-se a todos, como se todos fôssem e êle também, um único coração.**	Crônica sobre as festividades do dia 15 de novembro de 1949	Gratidão à Horácio Klabin	Personalidades ilustres; Relacionamento e vivência em Monte Alegre;

O Tibagi – quinta-feira, 23 de novembro de 1950 – 28 páginas – 2 cruzeiros – ano II – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e administração: Avenida Brasil, 02 – nº.103 Página: 09 Título: Aspectos de Monte Alegre Autor: Observações: Imagem do Cine Harmonia	**A Fazenda Monte Alegre possui diversos núcleos de habitação. Os três principais são: Harmonia, Lagoa e Muá [sic]. Dêstes, o mais importante é Harmonia, onde está localizada a Fábrica das I.K.P.C.** Existe aqui 1 cinema, diversos bares, igrejas (1 católica e 1 presbiteriana), 1 açougue, 1 padaria, 1 armazém de subsistência (Armazém Central), 1 jornal, 1 campo de futebol (Estádio Monte Alegre), 6 hotéis, 1 hospital, 1 farmácia, 1 filial do Banco Comercial do Paraná, 1 estação de rádio, 2 grupos escolares, 1 casa de fazendas (Lojas Record), 1 casa de móveis (Paulista), 2 alfaiatarias, 1 sapataria (Prada), 2 oficinas mecânicas, 1 pôsto de gazolina [sic] (Pôsto Esso), 1 cemitério, Coletoria Estadual, perfeito serviço de água e esgôto, diversos clubes de futebol e recreativos e, aproximadamente, 900 casas residenciais, etc. Aparece na foto acima a fachada do **Cine Harmonia, sem duvida alguma, um dos mais modernos do interior do Estado.** O Cine Harmonia tem capacidade para quinhentas pessoas e está localizada na Avenida Brasil.	Apresentação dos estabelecimentos comerciais locais	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Auto valorização
O Tibagi – quinta-feira, 23 de novembro de 1950 – 28 páginas – 2 cruzeiros – ano II – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e administração: Avenida Brasil, 02 – nº.103 Página: 05 Título: Aspectos de Monte Alegre Autor: Observações: Imagem do hotel	**Monte Alegre, e principalmente Harmonia, cresce e se transforma**. Naturalmente, nos tempos de construção da Fábrica o desenvolvimento foi mais acentuado. **Não obstante estar a Fábrica em pleno funcionamento, a cidade continua crescendo e se transformando. As construções são de caráter definitivo e majestosos edifícios estão surgindo.** O "cliché" mostra um hotel, ainda em fase de acabamento. **O referido hotel está localizado na lomba de uma colina, de onde maravilhoso panorama se descortina.** Daqui aparece a Fábrica, lá embaixo, e, mais além, o Tibagi, espumante, ora pulando cachoeiras, ora descansando nos remansos do leito.	Aspectos de Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	
O Tibagi – quinta-feira, 23 de novembro de 1950 – 28 páginas – 2 cruzeiros – ano II – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e administração: Avenida Brasil, 02 – nº.103 Página: 07 Título: Aspectos de Monte Alegre Autor: Observações: Imagem da fábrica	**Eis aqui a maior fábrica de papel da América do Sul**, plantada no sertão de Monte Alegre. Daí saem papel e celulose. Aí **a imprensa brasileira se abastece**. Aparece na foto a descomunal chaminé, medindo noventa e cinco metros de altura.	Aspectos de Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Contribuição para o desenvolvimento regioinal e nacional; Auto valorização;

O Tibagi – quinta-feira, 23 de novembro de 1950 – 28 páginas – 2 cruzeiros – ano II – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e administração: Avenida Brasil, 02 – nº.103 Página: 22 Título: Aspectos de Monte Alegre Autor: Observações: fotografia de uma das residências de Monte Alegre	**As construções de Monte Alegre distinguem-se pela originalidade.** É esta uma das primeiras cousas que o visitante nota ao aqui chegar. **Existem vários estilos de casas residenciais.** A foto mostra uma das casas recentemente construídas em Monte Alegre: a residência do sr. Péricles Pacheco da Silva.	Aspectos de Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	
O Tibagi – quinta-feira, 23 de novembro de 1950 – 28 páginas – 2 cruzeiros – ano II – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e administração: Avenida Brasil, 02 – nº.103 Página: 25 Título: Aspectos de Monte Alegre Autor: Observações: Fotografia do posto de gasolina	Vemos na foto o **Pôsto de Serviço "Esso"** desta cidade, que está a cargo do sr. Albino C. Romeiro. O referido Pôsto está localizado no princípio da Avenida Brasil, na entrada da cidade.	Aspectos de Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	
O Tibagi – quinta-feira, 23 de novembro de 1950 – 28 páginas – 2 cruzeiros – ano II – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e administração: Avenida Brasil, 02 – nº.103 Página: 02 Título: Aspectos de Monte Alegre Autor: Observações: fotografia da igreja católica em Harmonia	**Bastante original é a igreja matriz de Harmonia**, que aparece na foto. **Foi construída recentemente para substituir antiga capela situada em um dos bairros da cidade.** Cuidam da paróquia de N. S. do Perpétuo Socorro zelosos sacerdotes à Ordem dos Redentoristas. É vigário o revmo. P. Bernardo Reiner.	Aspectos de Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	

O Tibagi – quinta-feira, 23 de novembro de 1950 – 28 páginas – 2 cruzeiros – ano II – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e administração: Avenida Brasil, 02 – nº.103 Página: 21 Título: Monte Alegre – um luminoso marco na estrada Autor: Borell Du Vernay Observações:	Si possuísse pendores literários, iria escrever sôbre as **belezas da região dêsse miraculosos Tibagí**, em que foi se engasgar **uma das mais expressivas criações da moderna vida sul-americana – a Fábrica de Monte Alegre.** Mas a vida tem para mim um sentido objetivo e eu prefiro, fugindo aos devaneios intelectuais e valendo-me do feliz enséjo do 2º aniversário de O Tibagi, enviar daqui **o meu sincero aplauso à iniciativa dos Klabins, qual seja a de criar num pedaço do "hinterland" paranaense, esse maravilhosos núcleo de civilização e progresso, que, aliás, ainda não conheço, mas do qual sinto os reflexos de sua magnificência.** **Com efeito, instalando em Monte Alegre a grande indústria de papel, resolvendo, com isso, um grave problema nacional, a organização Klabin chantou em seu solo um extraordinário marco civilizador, que, em futuro próximo, há de proporcionar ao Paraná as mais risonhas perspectivas de riqueza.** Benditos os homens que criam e produzem! São os modernos bandeirantes que **fortalecem a Nação e prodigalizam, com a sua capacidade de agir, a felicidade coletiva.** **Monte alegre, mercê da energia criadora dos Klabins, surge, para o Paraná** como uma nova força propulsora de adiamento e está destinada a desempenhar, em sua história, um papel dos mais relevantes. **Além do que poderá representar, no que tange propriamente à economia, releva ressaltar o influxo social, que nascerá de sua pujança.** Devemos, pois, à Klabin, nessa zona em que se implantou, uma ação despertadora das energias próprias do nosso caboclo, um tonus intensificador da vida local, uma como que revivescência de fermentos a redobrarem o vulto e a fôrça viva das manifestações de sua atividade, tão admiravelmente construtiva. Com sua preciosa colaboração, ampliou-se o horizonte paranaense e subirá de nível de nossa existência coletiva. Nenhuma ligação tenho com os construtores de Monte Alegre. **Conheço-os apenas de nome, pela projeção de seu notável empreendimento. Nunca visitei o hoje progressista distrito da Terra de Telemaco Borba.** Nada impede, entretanto, que, destas colunas, manifeste o meu orgulho e a minha alegria. **Orgulho, por tudo quanto engrandece a minha terra; alegria, pela felicidade de outrem, dos que podem hoje viver em função da grandeza de Monte Alegre**.	Exaltação à Klabin por suas realizações no Estado do Paraná.	Feitos da Klabin	Passado anterior à chegada dos industriais; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; Contribuião para o desenvolvimento regional e nacional;

O Tibagi – quinta-feira, 23 de novembro de 1950 – 28 páginas – 2 cruzeiros – ano II – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e administração: Avenida Brasil, 02 – nº.103 Página: 02 Título: Monte Alegre Autor: Lauro Nery Observações:	A paisagem se estende em campos, rios, montes e pinheiros sem conta: as bravas sentinelas Que resistem ao tempo e zombam das procelas E fecham lado a lado os longos horizontes. Nas matas, de onde a onde, a musica das fontes E as aves a gorjear, na plumagens mais belas, Vão saltando e trinando, altivas, tagarelas, Nas estradas, jardins, nos postes e nas pontes, **A Fábrica e a Cidade, em sonho eu as diviso** **Abençoadas por Deus, porque o Destino quis** **Que fôsse Monte Alegre o próprio paraíso** **Aqui é tudo grande: esta imensa Fornalha,** **Dá papel, celulose e riqueza ao País** **E o pão de cada dia, ao homem que trabalha.**	Poesia sobre Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Contribuição para o desenvolvimento regioinal e nacional; Relacionamento e vivência em Monte Alegre;
O Tibagi – quinta-feira, 23 de novembro de 1950 – 28 páginas – 2 cruzeiros – ano II – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e administração: Avenida Brasil, 02 – nº.103 Página: 21 Título: Monte Alegre Autor: Observações: fotografia de uma das casas de Monte Alegre	**O confôrto das casas residenciais de Monte Alegre é uma cousa muito admirada. Tanto chefes como empregados, todos têm confortáveis residências.** **Eis aqui a residência de um funcionário das I.K.P.**	Aspectos de Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Relacionameto e vivência em Monte Alegre

O Tibagi – quinta-feira, 23 de novembro de 1950 – 28 páginas – 2 cruzeiros – ano II – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e administração: Avenida Brasil, 02 – nº.103 Página: 04 Título: não há título Autor: Observações: Imagem + legenda	**Indispensável, por sem dúvida, para uma cidade é o clube de danças.** A parte superior do edifício que aparece na foto é a sede do C.A Monte Alegre. O salão foi inaugurado no dia 15 do correndo, é magnífico.	Aspectos de Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	

O Tibagi – sexta-feira, 23 de novembro de 1951 – 40 páginas – 2 cruzeiros – ano IV – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi – nº.154 Página: 25 Título: Retrospecto Autor: Vilém Willer Observações: Coluna Prata da Casa (02) – Colaborações de Monte Alegre e especais para o número de aniversário de "O TIBAGI"	Como cidadão desta fazenda, sómente pouco mais velho do que o nosso aniversariante "O TIBAGI", participei há três anos passados, da emoção que causou aos montealegrenses **o aparecimento do primeiro número de nosso próprio jornal, que veio melhorar o nível cultural desta comuna, tal como muitas outras inovações e iniciativas realizadas aqui pelo Dr. Horácio Klabin.** Decorreram três anos que para nós técnicos da fábrica, foram cheios de trabalho e problemas, porém também foram ricos de resultados bons e que, assim, coroaram os nossos esforços comuns. Citando, em poucas palavras, **as ocorrências mais importantes na fábrica** durante este periodo de trez anos que, alias, na sua maioria passaram desapercebidas pela reportagem de "O TIBAGI", foi, no fim do ano 1948, que foi terminada a instalação eletrolítica para a fabricação de clóro e sóda caústica, possibilitando então a produção de celulose branqueada em escala maior. Aproximadamente na mesma época terminou-se a montagem da nossa "Máquina nº.3", destinada à secagem da celulose, cuja produção foi aumentada pela instalação de um quarto cozinhador. Na "Máquina nº.2" que, até então, servia provisóriamente para a secagem de celulose foram terminadas as montagens originalmente previstas e, em seguida, começou a produção de cartolina, que faz hoje parte apreciável da nossa produção Dado o desenvolvimento continuado da produção, possibilitando por melhoramentos nos processos de fabricação e instalação de mais e mais máquinas modernas, aumentou, rápidamente o cônsumo de enêrgia elétrica de tal forma que, desde meados de 1949 a usina hidro elétrica de Mauá, vinha funcionando initerruptamente, com aproveitamento total da sua capacidade de 10.000 KW. Encomendou-se, então, uma segunda unidade geradora, com uma capacidade 25% superior à primeira. Para vencer o periodo até o término dessa obra, foi adquirido mais um turbo-gerador à vapor de 1500 KW, completando com esta máquina moderna o equipamento da usina térmica da fábrica. A montagem desta unidade térmica foi terminada em Outubro de 1950, realmente, por assim, dizer na hora "H". Foi o acontecimento mais grave e, de maior repercussão neste ultimos três anos, quando queimou o gerador em Mavá [Mauá] no dia 28 de Outubro de 1950, paralisando por 50 dias a fabricação de papel jornal. Dentro deste prazo foi preparado, nas usinas da General Electric em Schennectady um novo jogo de bobinas e, trazido por dois aviões. **A montagem foi feira em serviço de dia e noite, com colaboração harmônica entre montadores especializados que vieram dos Estados Unidos e, o nosso pessoal que, tambem naquela ocasião, provou a sua habilidade ténica.** Os serviços de construção para a segunda unidade geradora em Mauá, aliás, a ôbra de maior vulto, realizada neste ultimos três anos, foram iniciados no princípio do anos de 1950. A montagem do maquinario começou logo depois da chegada das peças, no fim de Maio de 1951 e, foi terminada em Setembro deste ano, constituindo um sucesso admirável, devido ao curto prazo e a exatidão com que foram executados os trabalhos, **sucesso que se deve tanto aos técnicos das firmas fornecedoras, como também aos nossos próprios técnicos e operários, que não pouparam esforços para completar esta óbra que deu a Monte Alegre o privilégio de possuir a maior usina hidro-elétrica do Paraná, ainda com a vantagem de haver agora excesso de enêrgia elétrica, coisa, hoje, tão rara no país.** O resultado dos três anos passados que, se enquadraram dignamente na **óbra orgulhosa que constitui a Fábrica Monte Alegre**, possibilitaram um novo programa de ampliações de maior	Desenvolvimento industrial local	Desenvolvimento industrial	Gratidão à Horácio Klabin; Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Auto reconhecimento; Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional;

	importância, para o ano que vêm. Estou convencido e, isto é o meu desejo sincéro no dia de hoje, que o grande desenvolvimento da fábrica Monte Alegre será acompanhado por um grande futuro desta cidade e, ao mesmo tempo, do jornal “O TIBAGI”.			

O Tibagi – sexta-feira, 23 de novembro de 1951 – 40 páginas – 2 cruzeiros – ano IV – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi – nº.154 Página: 05 Título: História de Monte Alegre (1) Autor: Dr. Karl Zappert – Diretor da Fábrica Observações: Coluna prata de casa	A última reportagem da história de Monte Alegre foi publicada nesta folha em Abril de 1949, quer dizer há mais de dois anos. É claro que **Monte Alegre** nestes dois anos não ficou estacionada, ao contrario, **progrediu a passos sempre mais acelerados.** Hoje, quando "O TIBAGI" festeja seu terceiro aniversário, será interessante voltar as nossas vistas para os dois anos e pouco passados e, recapitular os acontecimentos que se verificam em Monte Alegre desde 1949 1950 **Na indústria** propriamente dita, foram planejadas neste ano, **numerosas inovações e ampliações,** parte das quais foi possível executar ainda neste ano. O projeto mais importante deste ano foi a instalação d'uma nova turbina à vapôr, com a capacidade de 1875 KWA e que foi instalada ao lado de duas unidades já existentes, a gim de que fornecesse energía adicional até que estivessem concluidas as óbras da segunda unidade hidro-elétrica em Mauá. Esta nova turbina à vapôr entrou em funcionamento em setembro de 1950 e, trabalhou incessantemente e com toda a sua capacidade desde o primeiro dia de seu funcionamento. Poucas semanas depois, entrou em serviço um novo desfibrilador de madeiras, de tipo diferente dos anteriores e, com capacidade superior aos primeiros quatro. Aliás, o motor elétrico, que aciona este desfibrilador, é, ainda hoje, o maior em Monte Alegre, com uma potência de 3.500 HP. Com a energía elétrica da nova turbina a vapôr e, a capacidade do novo desfibrilador, a produção de papel jornal aumentou consideravelmente, começando a máquina a produzir quantidades superiores a 100 tons diárias, cifras estas que nunca antes haviam sido atingidas. Infelizmente, no dia 8 de Outubro de 1950, ocorreu uma avaria de grandes proporções no gerador elétrico da Usina de Mauá. Queimara, nesta data varias bobinas daquela unidade geradora. O dano foi bastante grave, ficando o gerador inutilizado por algumas semanas. Mas o reparo foi feito n'um prazo recorde e, em serviço ininterrupto diúrno e noturno com a assistência técnica de montadores americanos da General Eletric. O material necessário a este reparo, foi transportado em aviões especiais dos Estados Unidos para Monte Alegre, reduzindo desta forma consideravelmente o tempo da parada do gerador. Durante esta parada a fábrica de Harmonia trabalhava apenas em escala reduzida, tendo a fabricação de pasta mecânica e papel jornal sido suspensa totalmente durante o mês de Novembro e no início de Dezembro. **Esta paralização da fabricação de papel jornal de nossa indústria teve uma repercussão bastante grave na imprênsa de todo país, tendo muitos dos mais importantes jornais do Brasil que reduzir consideravelmente o volume de suas tiragens diárias.** Apesar de todos os transtôrnos causados pelo acidente da Usina Mauá, **tanto na fábrica como na vida de todos os montealegrenses, mostrou o mesmo nitidamente a importância da indústria de Monte Alegre para a imprensa brasileira e, todos os jornais das grandes cidades, como Rio, São Paulo, Porto Alegre, e outras, publicaram reportagens detalhadas sobre o acontecimento e congratularam-se com os técnicos e operarios de Monte Alegre**, quando, uma semana antes do Natal, a Usina de Mauá entrou novamente em serviço, mercando assim o reinicio da fabricação de papel jornal de nossa fáblica [sic].	Desenvolvimento industrial local	Desenvolvimento industrial	Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre;

	Continua na próxima edição.			

O Tibagi – sexta-feira, 23 de novembro de 1951 – 40 páginas – 2 cruzeiros – ano IV – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi – nº.154 Página: 29 Título: Pedro Pinheiro – Um Herói Autor: Marenfis Observações: A história de um garimpeiro destemido que salvou inúmeras vidas e já retirou das águas do Tibagi quase duas dezenas de cadáveres	Vocês sabem quem é Pedro Pinheiro? Já viram êste nome citado em algum livro ou figurar numa lista pe [sic] heróis? Se o viram, fiquem sabendo que não se trata do Pedro Pinheiro a que me refiro. E, por certo, nem conhecem êste homem que despertou em mim tanta admiração. Permitam-me, pois que lhes conte quem êle é. Pedro Pinheiro é, antes de qualquer cousa, um herói, um legítimo herói. Em segundo lugar, é preto. Sim, Pedro Pinheiro é um preto, de coração nobre, cheio de bons sentimentos e é de uma coragem extraordinária. **Nasceu aí na divisa de Monte Alegre, no lugar denominado Vila Preta.** É filho de Tomé Pinheiro e de Carlota Hilária Silva. Tomé, seu pai, já morreu há muito tempo. Dona Carlota Hilária, porém, mãe extremosa de Pedro, ainda vive, rija como um cerne. **Hoje, Pedro Pinheiro está com quarenta e sete janeiros nas costas, é viuvo e possui três filhos: um homem e duas mulheres – João de Maria Pinheiro, Maria dos Anjos Pinheiro e Maria Joana Pinheiro.** Desde muito cedo, Pedro dedicou-se ao garimpo. Viu muita gente enriquecer-se do dia para a noite e contribuiu, pelo seu devotamento ao trabalho, para que muitos deles fizessem fortuna. Êle próprio, porém, nunca passou de pobre. Morando sempre em ranchos, à beira do rio, nunca teve o confôrto que bem merecia a sua alma de escol (?). Não sabia, entanto, aquela criatura quão útil ainda viveria a ser e que uma notoriedade lhe estava reservada. Eis que um dia um de seus colegas de garimpo enrosca-se entre pedras, no fundo do rio, e dá sinal de alarme. Todos compreendem muito bem o perigo de vida por que passa o companheiro e atiram-se a tremenda luta para salvá-lo. Tôdas as providências que o caso requer são tomadas. Passam minutos preciosos, sem nenhum resultado. Pedro Pinheiro, embora conhecendo bem a profundeza das águas naquele local, resolve mergulhar, a fôlego, para tentar salvar a vida do pobre garimpeiro agoniado e que espera por socorro. Desce, chega ao fundo, vê o companheiro, examina a situação em que êle se encontra e volta com um plano salvador. Descansa por segundos, dá novo mergulho e desta vez para salvar definitivamente a vida preciosa de um pai de família. A notícia do fato espalhou-se. A fama de Pedro Pinheiro, como exímio mergulhador e como homem de rara coragem, começou a correr. Dias depois, outro caso semelhante no garimpo, e Pedro Pinheiro sai de novo vitorioso. Daí por diante, Pedro passou a constituir uma nova garantia para os colegas, que, como êle, desempenham a arriscada tarefa no fundo do rio. Outra ocasião, vêm bater à porta de seu humilde casebre, mas, desta vez, não lhe pedem para que vá salvar a vida de alguém. A vida dêsse alguém já havia findado no tenebroso Tibagi. Queriam que fôsse retirar das águas aquele cadáver. Pedro Pinheiro não hesitou; atendeu, incontinenti, a súplica daquelas pessoas aflitas, não obstante saber que a sua própria vida ia correr perigo em tal empreitada. Os casos se foram sucedendo e Pedro Pinheiro passou a ser um homem especializado em salvar vidas e tirar cadáveres das águas. E, mesmo à noite, se preciso for, lá está êle, sózinho, na barranca do rio ou dentro de um bote, à espera do morto afogado que, de um momento para outro, poderá boiar. Conta-nos Pedro, que o número de cadáveres por êle tirados dos mais perigosos lugares passa de dezesseis. Um no rio Iguaçú, outro na barragem do rio Harmonia e o restante no rio Tibagi. As vidas que salvou "não tem conta".	Curosidades sobre Pedro Pinheiro	Passado anterior à chegada dos industriais à região	

	É interessante salientar que Pedro Pinheiro, segundo êle mesmo nos declara, não é capaz de atravessar a nado nenhum rio, por pequeno que seja, se isto não for necessário. E acrescenta: "Com águas não se brinca". Eis, leitores, em poucas palavras, quem é Pedro Pinheiro. Um herói, um domador das águas traiçoeiras e rebeldes. A êle, o nosso reconhecimento e a nossa admiração.			

O Tibagi – 52 páginas – ano V – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº203. Página: 05 Título: A História de Monte Alegre Autor: Karl Zappert Observações:	O quarto aniversário de "O Tibagi" é, outra vez, uma bôa oportunidade para completar a história de Monte Alegre, desde quando a ultima reportagem foi publicada nesta mesma data e, ha um ano. Durante estes 12 meses que passaram, como sempre, **tudo e todos em Monte Alegre, acompanharam o desenvolvimento industrial num ritmo bem acelerado.** Infelizmente, o programado aumento da fábrica de papel, que deveria ter se realizado no decorrer de 1952, não poude [sic] ser cumprido, em consequência dos atrasos [sic], que se verificaram no fornecimento do respetivo maquinário, como tambem de outros materiais estrangeiros. As ampliações e os aumentos dos prédios, onde deveria ser localizada a nova maquinaria, foram parcialmente concluídos e, o restante se encontra em andamento progressivo. Da Alemanha chegaram uma grande máquina cortadeira, e uma moderna rebobinadeira e molhadeira que, estarão em serviço até o fim do ano em curso. Da Itália e da Suécia chegaram, novas máquinas, destinadas ao branquemaneto perfeito de celulose sulfito, cuja instalação também deverá ser terminada dentro de poucas semanas. Além disto, chegou dos Estados Unidos, uma grande parte do material destinado à Máquina n. 4, cuja montagem se realizará durante o primeiro semestre de 1953. **Esta Máquina n.4 será a segunda máquina de papel, no Brasil tanto pelas suas dimensões como pela sua capacidade e, nestes setores, é apenas sobrepujada pela própria máquina de papel jornal de nossa fábrica aqui em Monte Alegre, que, como é geralmente sabido, é a maior maquina de papel da América do Sul.** Durante o ano em curso, a produção de celulose, cartolina e papel jornal, foi aumentada de mês para mês e, as cifras atingidas em toneladas diárias, ultrapassaram consideravelmente todos os volumes de produção anteriores. **Ao mesmo tempo os técnicos e operários de Monte Alegre, empregaram os melhores de seus esforços para melhorar a qualidade de nossos produtos que, aliás, ja eram bem conhecidos em todos o Brasil.** Ao contrario do que ocorreu no ano de 1951, quando houve abundância de importações destes produtos, em consequência do que, os nossos produtos, o papel e a celulose, tiveram que enfrentar uma sevéra competição de produtos idénticos dos Estados Unidos, do Canadá e da Europa. **Mas, em virtude de bôa melhora da qualidade de celulose e do Papel de Monte Alegre, o mercado nacional aceitou, em rítimo [sic] crescente, os nossos produtos, reconhecendo, assim que estes produtos atingiram nível igual aos produtos estrangeiros, muito especialmente, no que diz respeito à celulose. As fábricas de papel de todos os estados do país, não faltaram com elogios á bôa melhora alcançada aqui. Desta maneira, a indústria de Monte Alegre se colocou na vanguarda, junto ás indústrias idênticas de outros paises.** Paralelamente com o próprio desenvolvimento do nosso parque industrial, desenvolveu-se o Serviço Florestal que, sempre forneceu as maiores quantidades de matéria prima para a fábrica. Novas regiões para o corte de pinheiro fora abertas, novas guardas morias foram instaladas, notadamente, do outro lado do rio Tibagí, **onde foi adquirida a antiga Fazenda Mandaçaia, como também a Serraria Mandaçaia** que, juntas agora, fornece todos os produtos e matérias primas de que necessita a indústria em Harmonia, tornando-se assim, ótimos cooperadores das restantes secções do Departamento Florestal. **Foram, igualmente, cultivadas grandes áreas da Fazenda Monte Alegre** para as novas plantações de pinheiro e, no primeiro semestre de 1952 2250 hectares de terras receberam o plantio de novos pinheiros em Junho e Julho e já em Setembro podia se observar mais cerca de	Desenvolvimento industrial local	Desenvolvimento industrial	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; Feitos da Klabin; Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Auto valorização; Cidade Nova e seu desenvolvimento;

20000000 de pequenos pinheirinhos que, daqui a uns 15 ou 20 anos, **representarão um grande aumento da riqueza florestal do Estado do Paraná.**

O aumento de todos os serviços industriais e florestais requereu, naturalmente, um aumento do número de habitações, da rêde de estradas rodoviárias, das instituições sociais e dos meios de comunicação e transporte. **Numerosas casas novas foram construídas em Harmonia e, continua-se a construir casas a fim de proporcionar a todos os operários e funcionarios de Monte Alegre um lar, onde estes possam viver confortavelmente e satisfeitos. Iniciou-se a construção de um novo grupo escolar, com a capacidade 1000 crianças e, um jardim de infância** que, toda petizada de Harmonia poderá frequentar num futuro próximo.

Tambem foi aumentado o hospital adicionando-se ao mesmo um novo e grande prédio de material, que dobrará a capacidade a sua capacidade atual, devendo esta nova ala do hospital ser posta em serviço dentro de poucos meses.

No que se refere á **melhoramentos das vias de comunicações**, os dois pontos culminantes do desenvolvimento neste sentido em 1952 foram, **a inauguração da estação de estradas de ferro em Olaria e, a construção da nova ponta rodoviária sobre o rio Tibagi**, que foi entregue ao transito em fins de Setembro deste ano.

A estação ferroviária em Olaria, representa o primeiro parque ferroviário dentro dos limites da Fazenda Monte Alegre e, encurtou a distancia do transporte rodoviário, entre a fábrica e a estação de estrada de ferro, para apenas 25 kms.

Lembro, nesta oportunidade, que ha apenas quatro anos atraz [sic], todos os produtos da fábrica e destinados á fábrica, tinha de ser transportados 100Kms. por meio de caminhões e agora esta distáncia está reduzida a apenas uma quarta parte daquele trajéto de então. **Ao mesmo foi posta em serviço uma frota de novos e grandes caminhões "GMC" com reboques, com a capacidade espantosa de 20 toneladas, sendo estes do tipo do melhores veículos motorizados óra empregados em rodovias do Brasil.**

A nova ponte sobre o rio Tibagi abriu uma nova e vasta região ao desenvolvimento do Paraná, pois, encurtou e facilitou, consideravelmente, o transporte de matérias primas para a fábrica em Harmonia provenientes de todas as regiões florestais situadas no lado esquerdo do rio Tibagi. Aliás a ligação rodoviária entre Monte Alegre e Curitiba melhorou consideravelmente, visto que a nova ponte permite uma ligação rápida de Monte Alegre com a nova rodovia estadual, que liga o norte do estado, via Apucarana, Tibagi, Ponta Grossa com a capital do estado e porto de Paranaguá.

As instalações social-recreativas de Monte Alegre, especialmente, os clubes esportivos e de recreiação [sic] se desenvolveram de uma forma bastante satisfatória no decorrer dos ultimos doze mêses. Assim, o Clube Atlético Monte Alegre (CAMA) conseguiu colocar-se honrosamente na 1º Divisão dos clubes esportivos do Estado e, o quadro de futebol do "CAMA" já é considerado, um dos maiores dessa Divisão com ambições e possibilidade para colocar-se até no primeiro lugar.

O Clube Harmonia foi ornamentado com uma nova e béla sede campestre situada ás margens do açude de Harmonia. Este novo prédio, produto da conhecida, apreciada e bonita arquitetura rústica do Dr. Max Staudacher, foi inaugurado no primeiro dia de Carnaval de 1952 e, desde então, não houve uma semana em que não estivessem reunidos nesta béla sede os sócios do clube, para se deliciarem em horas agradáveis de lazer, de recreiação [sic] e de competições esportivas,

	ou ainda de festivais dos mais diversos carateres (?). **Além destes dois clubes os mais antigos de Monte Alegre, formaram se vários novos clubes esportivos,** entre os quais se salientam o Botafogo F.C. e o Clube Esportivo Corpo de Bombeiros que aliás, tambem conseguiram colocar se em logares [sic] de destaques em meio dos quadros esportivos estaduais. **A organisação [sic] da Assistencia Social organisada [sic] pelos próprios habitantes de Monte Alegre, mantido para a população de Monte Alegre e, particularmente, para os menos favorecidos pela sorte também se expandiu de mês em mês. Por ocasião das Festas de Natal de 1951, quasi [sic] 3000 crianças foram beneficiadas com presentinhos**, constituídos, de brinquedos e objétos de boa utilidade e espera-se que, no Natal de 1952, cerda de 3500 crianças receberão donativos e presente que mais uma vez, proporcionarão, de certo a maior alegria entre a petizada. **Também organizou se um serviço, realmente, apreciável para os recém nascidos da população local, qual seja o de que, todas as mães de famílias humildes são presenteadas, quando o seu pequerrucho aponta neste mundo, com um pequeno enxoval que contém as roupinhas mais necessárias ao Nenê.** Desta maneira espera-se, em colaboração com o **Serviço Médico, melhorar as condições de saúde da laboriosa população de Monte Alegre** e, felizmente, de fato, já se nota nitidamente uma melhora das condições higiênicas e de saúde da nossa população, especialmente, nas vastas áreas florestais. **No decorrer de 1952 a indústria de Monte Alegre foi honrada, por várias vezes, por visitas proeminentes. Entre estas visitas merecem destaque especial, a do Estado Maior das Forças Armadas e Escola Superior de Guerra, nos ultimos dias de Outubro de 1951 e a visita da Escola do Estado Maior da Aéronautica em Setembro deste ano.** **Uma modificação completa do aspéto e do panorama da região rural de Monte Alegre, se constituiu no inicio da construção da Nova Cidade, sita ao lado esquerdo do rio Tibagí e, aliás, exatamente oposta á fábrica.** Esta cidade nova abrirá novas possibilidades aos habitantes de Monte Alegre e zônas visinhas [sic], tanto para as construções de habitações particulares, como também para instalação de estabelecimentos comerciais e pequenas industrias. Tais possibilidades, alias, não se oferecem sómente aos habitantes de Monte Alegre e das rodondezas, mas tambem aos de outros estados do país e, até mesmo, aos imigrantes estrangeiros. **A área de Nova Cidade foi loteado no princípio deste ano e, já estão sendo erguidas numerosas novas casas, destinadas aos futuros lares e estabelecimentos modernos**. Espera se, que no próximo ano, este novo empreendimento se desenvolverá grandeente, **contribuindo, assim, para o maior progresso do Estado do Paraná.** O nosso querido e já afamado jornal "O Tibagi" que, já não é mais um orgão só da população de Monte Alegre, porque tambem já se tornou o orgão oficial da imprensa da Nova Cidade, adquiriu assim, novo circulo de leitores assíduos. Ao ensejo do quarto aniversário de "O Tibagi", aproveito a oportunidade para enviar a todos os colaboradores desse grande semanario, as minhas melhores congratulações por esta data tão feliz e, faço os melhores votos pelo constante e permanente desenvolvimento de "O TIBAGI", no decorrer de seu quinto ano de vida.			

O Tibagi – 52 páginas – ano V – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº203. Página: 23 Título: Aspectos de Monte Alegre Autor: Observações: Fotografias seguidas de legenda	Foto do cinema – legenda: **Cine Harmonia um dos melhores deo interior do Estado** Foto Klabin – legenda: **Uma vista da fábrica de papel jornal – a maior da América do Sul** Foto igreja católica de Harmonia – legenda: **Igreja Matriz N. S. P. Socorro** Foto de uma casa – legenda: **Uma Casa Residencial** Foto do C.A.M.A. – legenda: **Sede do Clube Atlético Monte Alegre** Foto hotel Ikapê – legenda: **HOTEL IKAPÊ, o melhor de Monte Alegre, e que só se é igualado pelas melhores das capitais.**	Aspectos de Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Auto valorização
O Tibagi – 52 páginas – ano V – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº203. Página: 19 – segundo caderno Título: Aviso – Departamento Florestal das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A. em Lagoa (Fazenda Monte Alegre) Autor: Observações:	Faz ciente a quem interessar, que existem vagas para empreiteiros e operários florestais, habituados em produção de lenha, lasca e tóras. **Aos interessados oferecemos as seguintes condições:** 1º.) A tabela de preços por tarefa foi aumentada dando a possibilidade de ganhar acima de Cr$50,00 (cincoenta cruzeiros) por dia. 2º.) **Cada operário receberá uma moradia.** 3º.) **Aos operários e respectivas famílias a Cia. garante gratuita assistência médica e hospitalar.** 4º.) **Assumindo um compromisso anual de deduzir o mínimo mensal de 50 (cincoenta) metros de lenha e lasca, o operário ganhará o direito de gratuito plantio d'um alqueire nas derrubadas da Cia.** 5º.) Nas proximidades dos acampamentos florestais **existem escolas e armazens.** 6º.) **Duas vezes por mês a Cia. está fornecendo uma gratuita condução do mato para os cinemas de Lagoa ou Harmonia.** Os interessados devem dirigir-se às Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A, no Departamento Florestal em Lagoa (Fazenda Monte Alegre, Paraná).	Oferta de emprego	Relacionamento e vivência em Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre
O Tibagi – 52 páginas – ano V – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº203. Página: 01 Título: Dr. Horacio Klabin Autor: Observações:	Diretor-Fundador de O TIBAGI **Homem idealista, a quem Monte Alegre deve muitos melhoramentos**. Atualmente, continuando o mesmo ritmo de trabalhos, o **seu pensamento está voltando para a construção da Cidade Nova**, na outra margem do rio Tibagi. **E onde, há pouco, mato apenas existia, surgem casas e industrias uma nova cidade para o Paraná.**	Exaltação à Horácio Klabin por seus feitos	Gratidão à Horácio Klabin	Cidade Nova e seu desenvolvimento

O Tibagi – 52 páginas – ano V – Monte Alegre – Paraná – Fundador: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº203. Página: 8 - Esportes Título: O Estádio Monte Alegre Autor: Observações:	**O Estádio Monte Alegre (que aparece no cliché), com capacidade para seisentas pessoas sentadas, na arquibancada; com campo gramado e com projeto para piscina, cancha de Volei e Basket, continua sendo o mais completo e moderno do interior do Estado do Paraná. Esta iniciativa do sr. dr. Horacio Klabin contou com a cooperação de muitos esportistas locais e diversas outras pessoas** aproveitando a oportunidade da Edição Especial de O TIBAGI, vamos enumerar aqui os nomes de **todas as firmas que cooperam para que esta obra se concretizasse**, juntando mais uma vez nosso sincero agradecimento. Companhia Mate Laranjeira S.A. Hermes Macedo S.A. Muler Irmãos Ltda. Indústrias Langer Ltda. Companhia Industrial de Móveis. Moinho Paranaense Ltda. Companhia Cervejaria Brahma. Albano Boutin & Cia. Ltda. Indústrias Todeschini Ltda. A Hauer & Cia. Benjamin Zilli & Cia. Ltda. Carlos Hoepcke S.A. C.V.B. Paranaense Cofermat José Pioli Eletricidade Geral Ltda. Osternack & Kompa(?) Natel & Krueger Schimidlin, Tann Ltda. Valter & Cia. Wendler & Cia. Francisco Hauer & Cia. T. Janer Comércio e Indústria.	Agradecimentos pela construção do Estádio de Monte Alegre	Gratidão à Horácio Klabin	Auto valorização; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; Personalidades ilustres;

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 – 5º aniversário – Edição de hoje: 03 cadernos – 48 páginas – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº250 Página: 6ª página Título: Cerâmica Cidade Nova Autor: Observações:	No Paraná, nascem as cidades da noite para o dia. Exemplos temo-las nas dezenas de cidades surgidas nestes ultimos anos em nosso Estado principalmente na zona norte. Assim é **Cidade Nova. Com apenas um ano de vida já causa admiração a quantos a visitem. Possui serrarias, marcenarias, armazens, oficinas e uma infinidade de estabelecimentos que comerciam nos mais variados gêneros de negócios. Projetam-se grandes prédios. E constroi-se sempre mais. é a cidade que cresce a olhos vistos. Como por encanto.** E na Cidade Nova existe também uma cerâmica. Uma Cerâmica com "C" maiúsculo, porque não há similar no Paraná e talvez nem mesmo no Brasil. Fomos visita-la. E lá encontramos a figura simpática e cavalheiresca de seu diretor **sr. Carlos W. Leisner**, um homem de largo tirocínio admistrativo. É verdade que tudo aí, não obstante já esteja produzindo e possa produzir em escala verdadeiramente espantosa, tudo aí dizíamos, ainda está em estado embrionário, comparando-se com o que será a Cerâmica daqui a alguns meses, quando todo o maquinário estiver montado e trabalhando. Produz-se, atualmente, apenas tijolos, mas de diversos tipos e de qualidade insuperável. E isto devido ao material empregado e ao maquinário moderníssimo. O material, ao contrário do empregado comumente nas cerâmicas, não é o barro de brejo, mas um material especial, mais sêco, que examinado no Rio e São Paulo por grandes técnicos no assunto, deu os mais satisfatórios resultados que se podiam esperar. Inicialmente, a matéria prima é triturada em máquina apropriada e em seguida transportada ao amassador, **máquina moderníssima e de uma perfeição admirável.** Saido daí, o barro é cortado e os tijolos transportados automaticamente. Aliás, **é interessante frisar que quase todo o serviço na cerâmica faz-se automaticamente, sem auxílio do braço. A transportadora e empilhadeira de tijolos é notável. Tudo ali é automático e cem por centro preciso.** Desta máquina, os tijolos são levados para os secadores, sem serem tocados por mãos de quem quer que seja. Depois do tempo necessário para a secagem, levam-se-os aos fornos. Eis, em traços gerais com olhos de leigos, a Cerâmica. Há, entretanto muito mistério, muita técnica, no meio de tudo isto. O maquinário para a fabricação de telhas que é ainda mais interessante, está sendo montado e acredita o sr. Carlos Leisner que dentro de quatro meses já esteja em funcionamento. Em um futuro bem próximo, fabricar se-ão também manilhas e ladrilhos de todos os tipos. Inicia se igualmente a construção de novo forno contínuo para a queima de tijolos e telhas. **A capacidade de produção diária de tijolos da Cerâmica Cidade Nova é de cincoenta mil, o que vem dar ao leitor melhor idéia do que é a indústria em apreço.** Ao terminarmos êstes ligeiros traços, queremos deixar aqui os nossos votos para que os dinâmicos dirigentes da Cerâmica Cidade Nova vejam dentro de pouco tempo, realizado seu ideal, para orgulho e progresso de Cidade nova e do Paraná. Obs. O nome da firma é "Materiais de Construção Paraná S/A".	Desenvolvimento industrial local	Desenvolvimento industrial	Cidade Nova e seu desenvolvimento; Personalidades ilustres;

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 – 5º aniversário – Edição de hoje: 03 cadernos – 48 páginas – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº250 Página: 2ª página Título: Crônica da Cidade Autor: Marenfis Observações:	Hoje estamos disposto a saldar a dívida. Uma dívida, aliás, que já estava criando cabelos brancos. E é com o Harmonia Clube. Em realidade, nestas colunas, quase tudo que existem em Monte Alegre já teve a sua vez. Faltava o Harmonia Clube. E, para que nossa homenagem ao Harmonia fôsse mais solene, escolhemos o dia de hoje, data em que O TIBAGI vê passar mais um ano que sua existência. Escolhermos uma edição especial. E, dito isto... Ao leitor que não conhece o Harmonia Clube perguntamos que de mais bonito já viu na vida. O mar? Sem dúvida alguma, o mar fascina, atrais, encanta. É inesgotável em belezas. E dizem até que "é doce morrer no mar"... Talvez o leitor goste de voar, e a cousa que mais o atrai é o panorama que do alto se descortina. Concordo com você. É bonito voar. Contemplar a terra lá de cima!... Mas de você ainda continua pensando em outras coisas que o impressionam, tomamos a liberdade de interrompê-lo, para declarar que **o Harmonia Clube é muito mais bonito que tudo isso. Mais bonito. Mais agradável.** A geografia ensina que península é uma região cercada de água por todos os lados, com exceção de um, que a une a outra parte da terra. Assim é a posição do clube. Uma pequena península na reprêsa do rio Harmonia. E o que lá existe é tudo o que se deseja nas horas de folga, após dias e semanas de trabalho martirizante. Aqui, o que você está vendo é a cancha de Tenis. Note a limpeza. As linhas sempre bem marcadas. Veja os refletores. Não é maravilhos? Ali, mais adiante, cimentado, o campo de Basquete. E aquele outro é de Volei. O mais concorrido. Aqui sempre há gente "na cêrca". É claro que todos não podem jogar de uma só vez. Observe que nesta cancha também há refletores. Aquilo que aparece lá embaixo, por entre os eucaliptos, é água. É a reprêsa. Sim, nós estamos quase cercados pelas águas. Vamos descer. Êste é o "porto". Canoas, botes, lanchas. Ali, a piscina flutuante. Lá, são balanças, gangorras... coisas para as crianças. Esta é a sede do clube. Iríamos longe, se nos propuséssemos a descrevê-la. Entre e admire...?!...?! Estilo rústico... Bar são para bailes... essa maravilha. Aquele senhor que vem ali de calção, bonèzinho, distribuindo sorrisos, é o sr. Riederer. O presidente do clube. É uma parte do Harmonia. Mais ali, revestida de azulejos, está a piscina para a petizada. E lá do outro lado, aquelas construções, são alpendres para jogos. Por tôda parte – veja – grama, sombra, flores. Porque êste lugar já é todo um jardim. Um encanto, o Harmonia Clube! E você já deverá ter concordado conosco: Não há cousa mais bonita...	Crônica sobre o Harmonia Clube	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 – 5º aniversário – Edição de hoje: 03 cadernos – 48 páginas – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº250 Página: 16ª página – terceiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC15976 Título: Página Escolar – Ensino Primário em Monte Alegre Autor: Observações: Muito ruim as fotografias em que esta matéria foi registrada. Tive dificuldades na transcrição.	Em 1941, quando em Monte Alegre encontrava se a construção da Fábrica e iniciava se a grande represa da Mauá, já funcionava a escolinha da sra. Galpero (?) Federman (?) com mais ou menos vinte alunos. **À proporção que as Indústrias Klabin desenvolveram a exploração dos pinheiros e consequente fabricação de celulose, também se foi ampliando o ensino primário na fazenda.** Em 194, Lagoa, a 18km, era o centro inicial da cidade-papel; lá se haviam transportado os escritórios e **construíram-se as moradias dos primeiros trabalhadores da companhia**, inclusive o grande Hotel Lagoa. Funcionava lá uma Escola Isolada Pública, cuja primeira professora foi a sra. Ione Caxambu. Tinha um total máximo de 50 alunos. Essa escola se desenvolveu e, em 1944, tinha o nome de Escolas Reunidas de La (?) porque além de ministrar ensinamentos a varias classes de alunos, tinha uma diretora a varias professoras. Em novembro de 1944, as Escolas Reunidas passavam a Grupo Escolar II de Junho, na mesma construção que fora inicialmente dedicada à escola e que hoje, ampliada, ainda o é. Naquele tempo, havia uma escolinha em Mauá, a 32 km de Lagoa, onde movimentavam cerca de 600 operários na construção da represa. Em Harmonia, a 15 km de Lagoa, funcionava outra escolinha; perto do local onde se levantava a fábrica, ás margens do rio Tibagi. Com os anos, desenvolveu se Harmonia, nos arredores da fábrica de papel, já aponta em vias de inauguração. Abriu-se a larga avenida Brasil e as ruas curvas da cidade, os acampamentos do Caiubi, dos Operários, de Harmonia propriamente, transformaram-se nos bairros que hoje compoem a mesma. Sua população aumentou e logo ultrapassou a de Lagoa: Por isso, em 1947, atendendo as exigências da cidade, o Grupo Escolar foi transferido para Harmonia, com o corpo docente de Lagoa, que passou novamente a ter uma escola isolada. Desde então Lagoa ficou com um numero de habitantes estacionário e de escolares não superior a 250, embora em 1948 fosse creado o Grupo Escolar de Lagoa, com seis classes. Sua atual diretora é a srta. Leoni Lenzi e possui um corpo docente com sete professoras, entre contratadas e normalistas. Em Harmonia, a Escola isolada da praça da Igrejinha (hoje inexistente), desapareceu em 1951, com a ampliação do Grupo Escolar II de Junho, estão de madeira, construído e conservado pelas IKPC, como todos os outros prédios escolares da Fazenda, não se pode deixar de frisar. Houve sempre o problema do aumento do corpo docente, pois já em 1952 só Harmonia tinha cerca de 5.000 e, logicamente, um numero avultado de criança em idade escolar. Muitos pais que, de inicio recusavam-se a mandar os filhos à escola, agora faziam questão de envia-los, antes mesmo dos sete anos. Entenderam que não só os meninos, mas também as meninas, precisavam de instrução primária. **Em janeiro de 1953, quando o presidente Getulio Vargas visitou Monte Alegre, além de lançar a pedra fundamental do Ginasio Presidente Vargas, inaugurou o novo prédio de material do Grupo Escolar, em Harmonia, construído pelas Industrias Klabin.** Estas o entregaram à direção do Grupo Escolar II de Junho, por ocasião do reinicio das aulas em fevereiro. **A nova construção, situada á Avenida Brasil, tem anexo um Jardim da Infância (este, particular, mantido pela companhia)**. O Grupo com seis amplas salas de aula, instalações sanitárias completas, pátio interno, **apresenta todos os requisitos de um estabelecimento modelar de ensino, do qual a cidade se orgulha**. **Seu nome foi mudado para Grupo Escolar**	O ensino primário em Monte Alegre	Feitos da Klabin	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Personalidades ilustres;

	Manoel Ribas em homenagem ao grande governador paranaense, que sempre aquilatou o verdadeiro valor de Monte Alegre para o Paraná. A matrícula, no presente ano, ultrapassou a 600 inscritos, após as férias, com reabertura de Julho, com cerca de 710 escolares. O corpo docente atual é constituído de 25 professoras, sendo diretor o sr. Sizinio Malhierbi. Funciona em tres horários para aumentar o índice de alfabetização, em virtude do número sempre crescente de alunos. Assim mesmo no próximo ano mais tres salas lhes serão acrescentadas e já está na Secretaria de Educação e Cultura um pedido de nomeação de mais professoras normalistas. À noite é lecionado nesse Grupo o curso de alfabetização de Adultos, que se desenvolve de ano para ano. Mais duas escolas isoladas desempenharam suas funções em Monte Alegre, praticamente: a de Olaria e, vizinha, a de Cidade Nova (também surgida este ano). Afóra essas, **mais 6 escolinhas são mantindas pela companhia, nos diversos acampamentos do mato, onde a distancia impede as crinças de virem frequentar os cursos regulares. (A fiscalização da mesma é feita pela Direção do Grupo de Lagoa).** **Desse modo, está Monte Alegre perfeitamente aparelhada do ponto de vista da instrução primaria, embora sempre cuidando de ampliações, por causa do aumento constante da frequência escolar.** **Cabe ainda neste relatório, referencias aos Jardins de Infância de Harmonia e Lagoa, ambos mantidos pelas Indústrias, sob a direção das sras.** Irma Banatkowski e Edith Gordan. O primeiro a inaugurar se foi o de Lagoa, em 1949, com uma turma de 40 crianças. Hoje tem uma frequência de 90 alunos, lecionados em duas classes.			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 – 5º aniversário – Edição de hoje: 03 cadernos – 48 páginas – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº250 Página: 12ª página – terceiro caderno Título: História de Monte Alegre Autor: Dr. Karl Zappert – Diretor Técnico da Fábrica Observações:	Como todos os anos, o aniversário de "O Tibagi" é uma boa oportunidade para um **retrospéto dos acontecimentos em Monte Alegre**, desde o ultimo aniversário deste jornal. **Embora não se possa, neste ano, falar de um desenvolvimento extraordinário do parque industrial ou dos demais setores da vida de Monte Alegre, pode se dizer que este desenvolvimento entrou agora num rítmo continuo e regular. Apesar de não se terem verificado grandes modificações no parque industrial, verificou se contudo um aumento progressivo em todos os setores da produção e, este fato demonstra não sómente uma colaboração eficiente e bôa entre os vários departamentos, mas também que houve melhoramentos,** que por pequeno que pareçam contribuem para fazer mais papel, mais celulose e mais cartolina e, todos estes produtos de uma qualidade sempre melhor. Este fato tambem é reconhecido pelos consumidores dos produtos aqui fabricados e, apesar das graves flutuações nos mercados internacionais, a indústria em Monte Alegre sempre têm serviço em abundância, para satisfazer a todos os pedidos da grande freguezia. **Um fato notável não pode deixar de ser revelado. É que, desde os ultimos dias do ano de 1951 até o dia de hoje, a fábrica de Monte Alegre não perdeu um único dia de serviço cumprindo assim o seu dever de produzir os produtos necessários ao Brasil. Acho, que todos os que aqui trabalham devem orgulhar-se deste fáto, pois que demonstra entre outras coisas, uma bôa vontade e um senso de responsabilidade extraordinarios de todos os operários daqui em bem servir á Pátria.** No decorrer do ano de 1958 foram feitos vários aumentos prediais na fábrica em Harmonia, especialmente, a conclusão das óbras da grande sala onde se localisará futuramente a noa máquina de papel nº. 4 e, também a sala para as máquinas de acabamento do papel. Essas máquinas de acabamento, chegaram aqui durante o primeiro semestre deste ano e foram montadas imediatamente e postas em serviço. Desta forma, **a fábrica de Monte Alegre possui agora, a maior superclandra (?), a maior cortadeira transversal e a mais eficiente rebobinadeira de todas as fabricas de papel do Brasil.** Essas três máquinas já contribuem para a fabricação e o fornecimento de novos tipos de papel que aliás encontraram uma bôa aceitação nos grandes mercados consumidores nacionais, como sejam o Rio de Janeiro e São Paulo. Os demais grandes aumentos previstos no parque das máquinas de fábrica, infelismente, não puderam ser concluídos até agora, devido á sérios atrazos que sofreram os fornecimentos da máquinas do exterior. Entretanto, aquelas partes que já foram recebidas aqui e que, se destinam ás futuras máquinas e já foram montadas sem a menor perda de tempo com o objetivo de adiantar os serviços de montagem da melhor maneira possível. Desta forma esperamos que, dentro de poucos meses, possamos pôr em serviço a nova máquina de papel, uma nova instalação para o alvejamento da celulose, uma nova instalação para produzir celulose semiquimica e numerosas máquinas auxiliares. Além disto, será erguida uma nova caldeira, cujas fornalhas consumirão o carvão mineral que já esta sendo extraído das minas da própria fazenda de Monte Alegre. **Para um futuro mais distante, então previstos projetos ainda muito maiores pra grandes ampliações de novos tipos de celulose. Bem se pode dizer, que a fábrica de MonteAlegre nunca ficará completamente pronta, já que, tão logo uma nova instalação está concluída e entra em funcionamento, os serviços técnico e comercial já estão trabalhando em projetos de novas ampliações. Assim foi nos anos anteriores e assim continuará sendo vindouros.** **Fóra dos ámbito da fabricação de papel, cartolina e celulose, tambem se virificaram, como**	Desenvolvimento industrial local	Desenvolvimento industrial	Auto valorização; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; Cidade Nova e seu desenvolvimento; Auto valorização; Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Feitos da Klabin; Personalidades ilustres;

	sempre, grandes progressos nos serviços afetos ao Departamento Florestal. A área reflorestada em 1953 ultrapassou os replantios de todos os anos anteriores. Na região entre Olarias e Lagôa e na nova guarda moria de Miranda, ha áreas replantadas tão grandes e extensas que se perdem nos horizontes. Pode se predizer, sem receio de errar, que o áspero da fazenda Monte Alegre que, já mudou muito devido ao aparecimento dos milhões e milhões de pinheirinhos, nos anos vindouros sofrerá uma alteração completa quando estes pinheirinhos de hoje formarem uma vasta e nova floresta. Como já mencionei antes, foi criada a nova guarda moría de Miranda e a região dessa nova guarda moría já está ligada á Monte Alegre por uma estrada e uma ponte. **Notável aumento tambem processou se na colónia agrícola.** Os capôs de arroz e trigo e feijão, cobrem hoje uma área consideravelmente maior do que nos anos anteriores. Em fins de 1952 e princípios deste ano tambem o tempo foi muito favoravel ás lavouras e, consequentemente, a colheita também foi satisfatória. **Desta maneira foi possível, quando em todos o país temporariamente houve falta de arroz e feijão, suprir a população de Monte Alegre com amplas quantidades deste produtos a preços controlados.** Este ano as áereas [sic] cultivadas ainda foram, mais uma vez, aumentadas e, parcialmente, construindo um sistêma de irrigação, tendo-se feito tambem uma adubação artificial, que, naturalmente influirá beneficamente sobre a próxima colheita. Para o ano de 1954 espera-se um grande aumento da colheita de produto agrícolas de Monte Alegre. **Tambem a mineração de carvão fez grande progressos.** Foram feitos numerosas perfurações na região indicada e, felizmente, foram encontrados lençóis de carvão de tamanho razoável, que permitirão uma mineração satisfatória e o aproveitamento deste minério como combustível nas caldeiras. **Nos setores cívico e social de Monte Alegre, a inauguração do novo grupo escolar e do novo jardim de infância, foram os acontecimentos mais importantes.** O gupo escolar moderno e, muito especialmente, o jardim de infância que está ornado de originais desenhos, **são considerados, por muito visitantes, como modelares**. **Acharam eles, que existem poucos estabelecimentos escolares iguais em nosso País.** A petizada tambem gosta imensamente dessa nova vida escolar em salas amplas e claras, alegres e limpas. **Uma inovação para a vida dos escolares foi também, a distribuição de merendas durantes os intervalos das aulas e, que são muito apreciadas pelos alunos.** **No campo do aperfeiçoamento profissional não pode deixar de ser mencionado o reinicio das aulas do SENAI** em setembro ultimo, tendo sido matriculado um bom número de aprendizes mecânico e eletricistas, além de vários operários aldultos, que procuraram ampliar e aperfeiçoar os seus conhecimentos proficionais. **Assim, dentro em breve á industrias disporão de mais um bom número de profissionais competene [sic].** **As sociedades recreativas e sociais, tambem tiveram um ano bem movimentado.** O Clube Atlético Monte Alegre (CAMA), tomou parte no campeonato da 1ª Divisão do Paraná e, conseguiu obter o 4º lugar do campeonato de 1952. No decorrer do atual campeonato, o CAMA Vêm defendendo com êxito as suas côres, tento obtido vitórias notáveis frente aos seus adversários nas mais diversas canchas do Estado. O Harmonia Clube tambem aumentou a sua séde e as instalações recreativas, sendo muito frequentado pelos seus numerosos sócios que, com as suas respectivas famílias passam as suas horas de lazér e folga no bonito local do clube.			

Realizaram se grandes competições de tenis, Voley-bol e xadrez. Tambem realizaram se muitas noite dançantes, acompanhadas de "bingos" beneficentes.

O serviço de Assistencia Social cuidou, como sempre, dos operários e das famílias menos amparadas, como, aliás, se relata em outro local deste jornal.

O Serviço Médico espera, com ansiedade, o término das óbras do novo hospital, que estão bem adiantadas e que, dentro em breve darão às parturientes e aos enfermos, assistência (ilegível) me os mais modernos preceitos de higiene.

Recordando as inúmeras visitas que, mais uma vez, honraram Monte Alegre com a sua presença, durante este último ano, não há dúvida em constatar, que a mais empolgante, famosa e inesquecível foi a do Senhor Presidente da República, S. Excia. Dr. Getulio Vargas. S. Excia. fêz se companhar do snr. Governador do Estado Dr. Bento Munhóz da Rocha e, dos Exmos. Snrs. Ministros da Fazénda e da Viação e Óbras úblicas, além de outras personagens ilustres que compunham a sua comitiva. Muito já foi dito e escrito a respeito dessa segunda visita do Snr. Presidente Vargas à Monte Alegre, que aqui demorou de 25 a 27 de janeiro deste ano. É muito interessante ressaltar, a curiosa coincidencia de datas entre a primeira e esta segunda visita, pois tanto uma como outra se verificaram nos mesmo dias, apenas com a diferênça que a primeira se verificou em 1944. **Inúmeras fotografias, filmes e reportagens, tornaram esta segunda visita de S. Excia. O Snr. Presidente da República, um dos mais famosos de toda história de Monte Alegre.**

É quasi impossível relatar todas as visitas que aqui estiveram durante o ano que passou. Esteve aqui uma grande comissão de afamados economistas, chefiados pelo atual presidente do Banco do Noroeste. Essa comitiva teve ocasião de tomar parte da churrascada do encerramento dos serviços de replantio, oferecida pelo Departamento Florestal, aos seus operários e colaboradores. Os festejos cívicos do dia 7 de Setembro deste ano contaram com a **presença de grande número de membros ilustres da Associação Brasileira de Normas e Técnicas** que, após terem participado do 1º O. (?) N. T. realizado em Curitiba, aproveitaram a oportunidade para visitar Monte Alegre. Pouco tempo depois **tambem estiveram aqui representantes ao 1º Congresso Florestal** que tambem teve lugar em Curitiba, **tendo apreciado e elogiado o serviço de reflorestamento realizado em Monte Alegre.** Várias vezes fomos distinguidos com visitas de **professores e estudantes das escolas superiores da Universidade de Curitiba,** especialmente das Faculdade de Engenharia e Química, dando assim oportunidade ás indústrias de Monte Alegre, a estreitarem ainda mais os seus laços de amizade, já tradicionais, com aquelas faculdade. Tambem **membros das diversas armas militares visitaram Monte Alegre** com frequência. No princípio do ano um grupo de oficiais graduados da aeronáutica, passou um dia entre nós. Em Setembro ultimo fomos honrados com a visita de **uma comitiva brilhante de oficiais adidos militares junto ao Govêrno Brasileiro de dez nações diferentes, que aqui vieram acompanhados de altas patentes da Aéronautica Nacional.** Ainda agora, ha poucos dias, **visitou-nos a Escola Superior de Guerra**, de cujas viagens de estudo anuais ao sul do País, sempre consta uma visita ao nosso grande parque industrial. Como é natural e, não poderia deixar de sê-lo, frequentemente tambem recebemos **visitas de industriais extrangeiros, entre os quais se encontraram economistas e industriais eminentes e famosos dos EE, Unidos, da Alemanha, da França e dos países escandinavos. Uma das visitas que merece especial destaque, foi a de uma comitiva composta de proprietários de importantes jornais**

	brasileiros e de jornalistas, os mais ilustres. Estes jornalistas visitaram todas as instalações do parque industrial de Monte Alegre demoradamente e, não regatearam com elogios a este grande empreendimento, que tanto representa para a economia jornalística brasileira. **O progresso de Monte Alegre, não se limitou apenas á própria fazenda, mas tambem a chamada Cidade Nova, ao lado esquerdo do Rio Tibagí, desenvolveu se em escala sempre crescente**. Este crescimento acelerado foi grandemente facilitado pela **nova ponte, construída sobre o Rio Tibagí, bem como pela conclusão das óbras da estrada de rodagem que liga a Cidade Nova com a rodovia para Ponta Grossa e Apucarana. Na Cidade Nova entraram tambem em funcionamento uma cerâmica e uma serraria que já fornecem os seus materiais.** Em fins do corrente ano as Indústrias Klabin do Paraná também participarão da Exposição do Centenário do Estado do Paraná em Curitiba, sendo que no recinto da referida exposição será erguido um "stand" em que serão expostos os prodútos fabricados em Monte Alegre, como também poderão ser vistas fotografias e vistas panorâmicas da fábrica e da fazenda Monte Alegre. **Em meio de todo o trabalho, a população laboriosa de Monte Alegre, não esqueceu os festejos carnavalescos, bem como as gandes datas nacionais, que foram festejados em meio de uma geral alegria e, na melhor harmonia como aliás, sempre acontece aqui.** **Transcorreu mais um ano, porém, o ritmo da vida em Monte Alegre continúa ininterruptamente, no seu propósito de um progresso constante e sempre maior.** Desejo, finalmente, congratular-me com a direção e os auxiliadores de "O Tibagi" pela passagem de mais um aniversario dete [sic] prestigioso orgão informativo e da imprensa paranaense e, faço votos para que, ao entrar no sexto ano de sua fundação "O Tibagi" prossiga ativo e próspero, como também toda a população de Monte Alegre.			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 – 5º aniversário – Edição de hoje: 03 cadernos – 48 páginas – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº250 Página: 06 Título: Indicador – Cidade Nova Autor: Observações: Lista de estabelecimentos em Cidade Nova	Farmácia Aurora – de Mercer & Cia. Lmtda. Medicamentos em geral – consultas medicas das 10 às 16 horas as quartas feiras Dr. Leszek Bar e Armazem – de Antonio Machado Nascimento – Bebidas – Doces – Cigarros – Futuramente Restaurante c/dormitório Paulo de Oliveira – Especialista em encanamentos em geral – Estabelecido na Cidade Nova – Rua AZ. Hotel Santa Edovirgem (?) – Modernamente instalado com boas acomodações, refeições e direção dos proprietários Emídio Valeriano de Oliveira – Armazém de Secos e Molhados. Bar – bebidas, cigarros – doces e salgados Neli Rozalin – cabeleireira – Salão de ondulação permanete e cortes de cabelo – Endereço – Fundos do Armaem Cronthal. Bar e Resutaurante Bebidas, cigarros – frutas, verduras e refeições a toda hora. De Alcides Modesto Duetti Bar – de Sebastião Paulino – Bebidas em geral – café – doces – cigarros. Bar Ideal (?) – de Artur Petersen – Bebidas – Cigarros, doces e frutas. Bar e Armazem – de Olimpio Maynardes – Doces – bebidas – frios e café. Panificadora “Mauá” – de Flávio Araujo Veiga – Modrnamente instalado para encomendas de doces para aniversários, casamentos e festas. Gustavo Pereira – Armazem de Secos e Molhados e Bar – Av. Apucarana – Bebidas, - Doces mantimentos em geral Açougue – de Manoel Carreira Alvares – estabelecido a Av. (ilegível) com venda de carne d. bovinos e suínos. Casa Avenida – Comércio em Geral em pequena e grande escala – Caminhões de Transpote – Automóvel de Aluguel de LUIZ ADOLFO TAQUES Arthur Augusto Viana – com ARmazem de Secos e Molhados – Artigos de primeira Fabrica de Bebidas São Jorge – de Czaika & Matuichuk Lmta. – Bebidas em gral com entrega a domicilio. Sociedade Industrial e Comercial “Socomim” Lmta. – Serraria com venda de madeira de pinho e lei – Venda por atacado e varejo – Caixa Postal, 67 – Fone 13. End. Tlegr. SOCOMIN Monte Alegre. Posto de Gazolina “Atlanta” – de CARLOS CRONTHAL – Produtos Atlantic Refining Co. OF Brazil – Peças e acessórios para automóveis e caminhões – Pneus e baterias – Cx. Postas, 75. Armazem de Secos e Molhados – Sorveteria Cronthal – de Carlos Cronthal – Generos de primeira aos melhores preços da praça etc. – sorvetes especiais etc. Mercadinho do Povo – de Antonio Silva, com Armazem de Genetos de primeira. Frutas, verduras, bebidas, louças, ferragens, etc. Frigorífico e Açougue – de Eduardo Krubnich – Rigorosamente instalado com venda de carne de bovinos e suínos, frios, etc (entrega a domicilio). Ramiro Cidreira de Santana – Futuramente será instalado torrefação de café, com modernas maquinas moído a vista do freguês, com entrega a domicilio. Pensão – refeições e marmitas Aslão e Bar Santo Antoninho – de Clarito Bitencourt – Com salão de barbeiro e anexo Bar com	Lista de estabelecimentos em Cidade Nova	Cidade Nova e seu desenvolvimento	

	bebidas etc. Bar – de Sylas Maynardes – Bebidas, cigarros, doces, etc. Armazem Theotonio – de Theotonio Nogueira Novais – Secos e molhados com generos de primeira Bar e Restaurante "Baiana" – Churrasco, bebidas, refeições e acomodações etc. Aucio Silva – Escritório de Contabilidade – Consignações – Representações – Conta Própria – Agente da Organização Rus S/A e de Móveis "Cimo" – Cidade Nova Monte Alegre – PR. Bar e Churrascatia – de Julio Costa – Bebidas, refeições a toda hora. Frios, cigarros, etc. Amadeu Clerice & Ceslau Ferenc – Caminhões de Transporte – Armazem de secos e molhados Salão de bilhar. Bar (?) Material de construção em geral. Casas de aluguel. Cinema (em breve). Francisco Paulino de Oliveira – especialista em pinturas com operários profissionais do ramo. Sociedade de construções gerais LTDA – Construções, marcenaria, depósito de cimento, telhas, ferros, canos, tintas, etc. Monte Alegre. Tel: 123 – Cx. Postal 45 Paraná (Cidade Nova). Sociedade Industrial e Comercial "Socomin" LTDA Serraria – Sede: Monte Alegre (Cidade Nova) Paraná Caixa Postal 67 Telefone, 123. Endereço Telegráfico: (ilegível) Alegre. José J. Caetano – Tecidos armarinho chapéus, calçados, louças, ferragens, etc. compra e vende couros, mél, cêra de abelha e demais produtos do município Cidade Nova Município de Tibagi Paraná. Indústria e Comércio "Progresso" de Oscar Ferreira – Cidade Nova – Cx. 76 – Monte Alegre Pr. Oficina – Mecânica – Serviçoes de Trno – Solda Elétrica e Oxigênio – Pintura Peças e Acessórios. Agência Guaira – de Oscar Jerke – Representante de O TIBAGI – revistas – jornais – livros (breve) – figurinos. Avenida "E" – End. Tel. JERKE.			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 – 5º aniversário – Edição de hoje: 03 cadernos – 48 páginas – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº250 Página: início: 14 – término: Título: Mens sana in corpore sano Autor: Observações:	**A nova Agremiação que tão galhardamente lidera o "Torneio União" pela posse do troféu "Silvano Trevisan" é praticamente uma escola onde se aplica uma mentalidade só na prática do esporte.** Tão sabidamente dirigida pelo fabuloso "sportman" "gentleman" Paulo Adolf Hauer, as côres rubro-negras tende a progredir no terreno esportivo Montealegrense. **As diretrizes traçadas que formam a base da disciplina estão impressas em folhetos e é indispensável a cada atleta que porventura queira se tornar flamenguista.** O teor é o seguinte: Atendendo a que **a disciplina é a base indispensável para a formação de qualquer equipe esportiva**, **o Flamengo E.C., faz saber aos que desejarem ingressar nos seus quadros de amadores, que devem obedecer, rigorosamente às diretrizes** abaixo enumeradas. Haverá uma "Junta disciplinar", composta de inicio pelos srs. Joel Campos, Filadelfo T. Araujo e Sady Rosa Maciel, a qualquer julgará os faltosos, aplicando aos mesmos as penas de advertência, suspensão ou eliminação de acordo com a gravidade da falta cometida. **Quem não se quiser submeter ao regulamento abaixo, não deverá inscrever-se em nosso plantel.** 1. – Não participar dos treinos de outras equipes a não ser com autorização prévia do treinador. 2. – Comparecer aos treinos e jogos programados, ou justificar-se quando não o puder. 3. – Não reclamar do arbitro, tanto nos jogos como nos treinos. 4. – Não reclamar do companheiro, nem culpa-lo por algum lance infeliz (sempre pense que o mesmo a ti pode aconteceu). 5. – **Obedecer às instruções do técnico, mesmo que na sua opinião estejam erradas.** 6. – **Empregar-se a fundo nos treinos e jogos.** 7. – Portar-se em excursões com o devido respeito, tanto dentro como fora do gramado tendo sempre em mente que os deslises prejudicarão o nome do Flamengo. 8. – **Zelar pelo material que lhe fôr confiado**, tendo em mente que outros contribuíram para adquiri-lo. 9. – Colaborar quando para tal for convidado por um dos diretores. 10. – Procurar engrandecer cada vês mais o nome do "FLAMENGO E.C.". Para a frente Flamengo! **Que seu exemplo seja emitado por todas agremiações no afan de araegimentar espíritos bem formados para o engrandecimento do desporto montealegrense e de nossa terra.**	Diretrizes do Flamengo Esporte Clube	Relacionamento e vivência em Monte Alegre	

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 – 5º aniversário – Edição de hoje: 03 cadernos – 48 páginas – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº250 Página: 16ª página – terceiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC15976 Título: Página Escolar – Cantina escolar – Grupo Escolar "Manoel Ribas" Autor: À Direção das I.K.P.C Observações:	Como já foi dito no artigo sôbre o Ensino Primário em Monte Alegre, a Cantina Escolar foi inaugurada no princípio dêste ano. Anteriormente, as próprias crianças levavam suas merendas. A maioria, contudo, não o fazia. Alguma levavam dinheiro e gastavam-no nuns pasteis rijos, nuns doces mal feitos e em pirolitos de água e açucar, de nulo valor alimentício vendidos no pátio do Grupo. A observação disso interessou alguns membros do Departamento Feminino da Assistencia Social, que começaram a pensar na organização de um Cantina Escolar higiênica, bem organizada, onde todas as crianças recebessem uma merenda sadia e nutritiva. Fora estudadas diversas cantinas escolares de Curitiba, in loco, contando-se entre elas a do Grupo Escolar Novo Mundo, sob a direção de d. Leonor Araujo, e que é uma das cantinas-modelo do estado do Paraná. De início, surgiram as dificuldades de instalação e manutenção. Mesmo no novo Grupo não havia um lugar amplo, adequado às instalações de uma cantina completa, além disso, calculadas as contribuições das crianças em Cr$ 20,00 or mês (com direito a uma merenda sólida e uma líquida), o total arrecadado não cobriria os gastos, em vista do grande número de beneficiados. **Neste ponto, as I.K.P.C concordaram não só com a construção da Cantina, como também em dotá-la de todos os apetrechos necessários ao funcionamento; de pagar duas funcionárias para nela trabalharem e completar a verba necessária à manutenção.** O Grupo Escolar apenas concorreria com duas professora uma contratada e outra normalista, para orientarem o serviço, de manhã e à tarde (o que aliás não foi cumprido, ficando uma só professora nos dois horários, em virtude da falta das mesmas). **A supervisão de toda a organização da Cantina ficaria a cargo do Departamento Feminino da Assistencia Social das I.K.P.C.** Assim delineados os planos, fez-se uma reunião de pais de alunos na sede do Clube Atletico Monte Alegre, afim-de elucidá los sôbre a nova organização e explicar-lhes os motivos daquela taxa de Cr$ 20,00 mensais **(A taxa é menor se há mais irmãos no Grupo)**. **Mais de quinhentos pais estiveram presentes, não só concordando com a creação da Cantina, como louvando a e mostrando se gratos às I.K.P.C.** No início, enquanto estavam sendo feitas as instalações, a Cantina distribuía duas merendas a cada aluno: uma sólida (pão-sanduiche com geleia, queijo, mortadela, etc) e uma líquida (chá, café, nescao, etc.). mais tarde, quando já estavam instaladas as pias, fogão elétrico, etc., alternadamente foi servido creme de maisena, aveia, chocolate, arroz doce ou outra qualquer receita substanciosa, em tigelinhas de 250 gms). Para o período das 11 às 14 horas foi distribuído, conforme programa estabelecido antes, sopa de legumes, variada. **Por uma questão de ordem e disciplina,** todas as crianças recebem a mesma merenda, exceção feita a casos isolados, de intolerância por este ou aquele alimento. São distribuídas, em média, 615 merendas por dia. Os pais mostram se satisfeitíssimos, pois seus filhos gastavam o triplo comprando merendas mal feitas ou desperdiçando as que levavam de casa. Além disso, as que não merendavam nunca, têm garantido o saudavel lanche. Da excelencia das merendas fornecidas pela Cantina há esta prova: as classes que por algum motivo inesperado, são dispensadas das aulas, não deixam o Grupo sem esperar a hora do recreio, para receberem sua merenda. O corpo docente colabora com a Cantina, recebendo e distribuindo na sala as merendas. Estas são	Implementação da merenda escolar no Grupo Manoel Ribas	Feitos da Klabin	Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre;

	transportadas pelas funcionárias da Cantina em carrinhos até as classes: aí, a professora retira o seu taboleiro cheio e distribue o lanche à turma. Cada aluno alimenta se descansadamente, em sua carteira, indo repor no taboleiro a caneca ou tigelinha e talheres, após usa-los. Após, saem da sala para breve recreio. O DFASMA controla receita e despesa, recebe arrecadação do Grupo, fiscaliza a confecção de merendas e zela para que o serviço da Cantina não esmoreça. Os melhores produtos são usados na confecção de merendas, desde pãozinho especial, macio, até as receitas ricas em ovos, leite ou verduras. A Cantina Escolar é uma organização eficiente, que se orgulham todos aqueles que compreendem seu papel dentro de um estabelecimento escolar, reconhecendo a generosidade das Industrias Klabin que (ilegível) em faze la uma Cantina-modelo, dando para isso os meios de mante-la.			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 – 5º aniversário – Edição de hoje: 03 cadernos – 48 páginas – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº250 Página: 10ª página – terceiro caderno Título: Paróquia NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO – UM POUCO DE HISTÓRIA Autor: Padre José Austin - Vigário Observações: há uma tabela na imagem 15946 com uma lista dos "Padres que estagiaram em Monte Alegre"	A paróquia de Nossa Senhora do perpétuo Socorro de Monte Alegre foi criada em dezembro de 1946. Até então os fiéis desta localidade eram cuidados por Padres que vinham de Tibagi, no fim de casa semana e hospedavam-se na casa de Pedro Lagoa. Os Padres são norte americanos e Redentoristas, pertencentes à Vice-Província de Nova Iorque nos Estados Unidos. Para os que conhecem essa congregação, basta dizer que são da mesma ordem, porém, de província diferente, dos padres que cuidam do Santuário Nacional de Nossa Senhora de Aparecida, em Aparecida do Norte, São Paulo. Os padres Redentoristas têm doze fundações no Paraguai e no Brasil (Mato Grosso e Paraná). Sendo padres de uma congregação ou Ordem, eles são diferentes do padre Secular; êste é sujeito ao Bispo e ordenado para determinada Diocese, e aqueles obedecem ao Provincial, e ordenados para tal Província que pode incluir muitas Dioceses, e até muitos países. Explica-se isto porque às vezes o povo quer saber por que vêm padres de Mato Grosso para cá e outros são transferidos par [sic] os Estados Unidos da América, quando os padres de outros lugares sempre ficam na mesma cidade ou Diocese. Há quinze anos atrás, Monte Alegre era um lugar onde sòmente o Padre aparecia de três em três meses. Aqui permanecia por duas semanas, visitando, a cavalo, tôda a zona: Monte Alegre, Felisberto, Curiuva, Figueira, Barro Preto, Ventania, etc... Naquele tempo, era a visita do Padre o único contacto do povo daqui com o mundo de fora. Os nomes do Padres Feruccio, Francisco e Tomaz, que os visitavam sempre, se tornaram tão famosos como os de Manoel Ribas e Getúlio Vargas nos lugares maiores. Assim os padres eram os noticiários daquele tempo. Inúmeras perguntas lhes faziam e as mais comuns eram esta: - "Padre, quando é a arroba de porco na cidade? (A cidade para êles era Tibagi). - Como vai tio João lá em Floriano? – Em quantos dias, a cavalo, a gente vai a sua terra, Padre? (queriam dizer os Estados Unidos)" Mas **com o início da Fábrica, houve uma grande transformação; abriram-se estradas onde existiam anteriormente caminhos, casas para ranchos, luz elétrica em vez de vela para iluminação, e ao mesmo tempo um grande aumento de população,** o que exigiu uma mudança nos planos espirituais da paróquia. Começando em 1941, os Padres visitavam Monte Alegre uma vez por semana. Vindo de Tibagi a Ventania de automóvel ou a cavalo, e, continuando, a Lagoa de caminhão. Acontecia, muitas vezes, que o Rio Tibagi, não dava passagem pela balsa, e em tais ocasiões era necessário viajar a Ponta Grossa, tomar o trem a Piraí e daí o onibus a Monte Alegre. Durante a época da construção, os Padres hospedavam-se na casa do Dr. Luiz Vieira em Lagoa, Dr. Norberto em Harmonia, e Dr Silvio Aderno em Mauá. Em cada lugar, a missa dominical era rezada na escola. Uma capela de madeira foi construída em Harmonia em 1944, e uma igreja grande de material foi começada em Lagoa em 1945 mas a última nunca chegou a ser terminada. No fim do ano de 1946 foi criada a paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Harmonia pelo Bispo Dom Antonio Mazzarotto, de Ponta Grossa e o primeiro vigário, Padre Artur Lynch, veio de Tibagi para tomar posse. Junto com êle vieram Padre José Austin e Padre Raimundo Wyatt. A nova paróquia de Harmonia incluía não sòmente a fazenda de Monte Alegre, mas também outras localidades como: Ventania, Barro Preto, Morro Azul, Colônia Dantis, Felisberto,	Estabelecimento da religião católica no local	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Gratidão à Horácio Klabin; Feitos da Klabin; Cidade Nova e seu desenvolvimento;

Curiuva, Figueira (a última, a uns 130 quilometros de Harmonia, e centro das minhas de carvão, com uma população de seis mil habitantes). A paróquia consistia de 15000 habitantes na Fazenda e mais 10000 fora da Fazenda.

Desde o princípio era evidente que a capela pequena de Harmonia não seria para as necessidades espirituais da cidade. Imediatamente **com a licença das I.K.P.C.**, foi projetada a construção de uma Igreja, escolha convento e casa paroquial, mas no lugar cedido para a futura igreja estava um depósito de maquinaria... e como não podia ser removido, foi necessário construir uma capela – estilo colonial. Começou-se a construção em Maio de 1948 e a primeira Missa foi realizada em Outubro do mesmo ano pelo Bispo Dom Antonio Mazzarotto, de Ponta Grossa. A igreja não poude ser consagrada porque o terreno, em que foi construida não pertencia à "mitra", ou Bispo – e foi feita então apenas simples benzimento.

A festa da padroeira, Nossa do Perpetuo Socorro [sic], é celebrada no domingo antes da Festa de São João (24 de Junho), de cada ano com uma festa de 9 dias. Ao mesmo tempo, em Lagoa, os devotos do Santo Antonio festejam com a mesma devoção e intensidade e há uma missa cada domingo. Também em Pedreira, Ventania e Cidade Nova São Celebradas missas mensais.

Em 1952, pela insistência d povo de Curiuva e das minhas de Carvão em Figueira, tal zona foi cortada da Paróquia de Harmonia e foi criada a nova Paróquia de Curiuva, cujo padroeiro é Espírito Santo, - e seu novo vigário é o Padre Pedro Filipack, um padre secular de Ponta Grossa..

Antigamente os jesuitas é que cuidavam esta zona central de Paraná (incluindo as paróquias atuais de Tibagi, MOnte Alegre e Curiuva) – (ainda existem Ruinas dos Jesuitas de Conceição, etc) e depois de 1850 em diante, os Padres de Tibagi – recentemente os padres de Monte Alegre e agora, Curiuva tem a sua própria paróquia.

Recentemente o Dr. Horacio Klabin interessado com o projeto da "Cidade Nova", ofereceu à Congregação dos Redentoristas um terreno grande e estratégico no centro da Cidade planejada. Observando o desenvolvimento e o futuro desta Cidade, a Congregação aceitou a oferta generosa, e logo começou os planos para a futura construção de uma Igreja, Escola e Convento. [ilegível] Paroquial. A Cidade Nova está situada a [ilegível] quilômetros de Harmonia.

A nova construção feita de tijolos a vista e tendo como Padroeira "Nossa Senhora de Fátima".

Para encerrar esta pequena história da Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é interessante deixar algumas estatísticas sobre o movimento espiritual. De Janeiro de 1947 a Dezembro de 1952 foram as seguintes:

Batismos: 6578
Casamento: 835
Primeiras Comunhões: 10
Crismas: 2965

RELAÇÃO DOS PADRES QUE ESTARIAGEM EM MONTE ALEGRE NA IMAGEM 15947

Dia 8 de Novembro de 1946, Padres Arthur Lynch (vigário de Tibagi) e Bernardo Nolker (de Tibagi) tomaram posse da casa provisória a Rua Beta nº 1 cessado então a visita semanal dos Padres de Tibagi a Monte Alegre.

A fundação foi oficialmente estabelecida com a recepção da Ordem de Roma – dia 5 de Dezembro de 1946.

	Primeira Comunhão no dia 2 de Dezembro de 1946: 36 em Harmonia e 19 em Lagoa. Decreto de Don Antonio Mazzarotto – Bispo de Ponta Grossa – data de 1 de janeiro de 1947 estabelecendo nova paroquia de MOnte Alegre, e marcando as dívidas com as paroquias em volta – Tibagi, Cartro, Pirai do Sul e Tomasina. Início da Novena Semanal – IV feira – em honra de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro 9 de abril, 1947. Foi celebrada a primeira festa da padroeira Nossa Senhora do Perpetuo Socorro – no dia 13 de julho de 1947 em frente ao Hotel de Monte Alegre. 7 de Maio, 1948, início da capela Matriz em Harmonia. 4 de Agosto, 1948 visita canônica pelo reverendo Provincial de Nova York, dos Estados Unidos. 1 de Outubro, 1948 Primeira Missa rezada na capela Matriz por Dom Antonio Mazzarotto; o Bispo ministrou o Sacramento da Crisma a 3.000 pessoas (aqui em Monte Alegre e fora da Fazenda). Foi pregada uma missão pelos Padres Passionistas de Curitiba. Janeiro e Fevereiro de 1949. Visita Canônica de Roma – 13 de Maio de 1952. Visitante Reverendíssimo Padre Keogh CSs.R. 14 de Fevereiro de 1952 foi criada a nova paróquia de Curiuva, que pertencia a Monte Alegre desde Janeiro, 1947, e anteriormente á Paróquia de Tibagi. Dia 31 de Agosto – 1952 foi realizada a primeira missa na Cidade Nova pelo Vigário Padre José Austin. Dia 2 de Maio, 1953 – o Bispo Dom Antonio Mazzarotto veio a Monte Alegre em visita Pastoral a afim de ministrar o Sacramento da Crisma. (Foram crismados 1663). Segundo novo decreto de Roma, e com permissão do Bispo, Dom Antonio Mazarotto, foi rezada a primeira missa de tarde ás 18 horas no domingo dia 27 de Setembro, 1953. Em todos os domingos e festa de guarda, há uma missa ás 18:00 horas, permitindo aos operários cumprirem a obrigação dominical, que por causa do horário não podem assistir a missa cedo; além disso, qualquer pessoa, sem motivo especial pode cumprir o dever dominical. Houve uma missa campal no Estádio no dia 7 de Setembro, 1953, (também em 1951 e 1652 [sic]) Missa – Domingo – Matriz – 7:30 – 9:00 – 18:00 Lagoa – 8:30 Cidade Nova 8:00 (Primeiro domingo do mês) Ventania 8:30 (Quarto domingo do mês) Pedreira 10:00 (Segundo domingo do mês) Novena em honra de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro cada Quarta-feira depois da missa e de noite às 19,30 horas. Sábado e Domingo Benção do Santíssimo Sacramento às 19,30 horas. Todos os dias – recitação do Terço às 19,30 horas. Confissões: todos os dias depois do terço (19,30 horas) e Domingos, durante a primeira missa (7,45 – 8,00 horas) Comunhão Geral – Marianos – Terceiro domingo do mês. Apostolado Primera Sexta feira do mês. Filhas de Maria – Primeiro domingo do mês. Cruzada – Segundo domingo do mês. Sociedade de Santa Terezinha Segundo sábado do mês. Padre José Austin - Vigário			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1953 – 5º aniversário – Edição de hoje: 03 cadernos – 48 páginas – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº250 Página: 5ª página – terceiro caderno Título: Um pouco de filosofia do Trabalho (Carta a um bom Amigo) Autor: Karl Zappert Observações: Coluna Prata de Casa	Tanto eu como Você estamos trabalhando, ha muitos anos, aqui em Monte Alegre tivemos bons tempos e, também passados tempos difíceis aqui, mas tanto Você como eu nos radicamos aqui e, nunca nem um e outro sentiu ou pensou em deixar que, já agora, é a nossa terra. Mas, apesar disto, ainda hoje Você veio falar comigo, para dizer-me, que pretendia desligar-se do serviço e, deixar Monte Alegre para principiar uma nova vida em outro lugar qualquer. Quando perguntei qual a razão desta decisão tão repentina quanto inesperada Você me contou que o seu encarregado lhe havia chamado a atenção e, que, em seguida houve uma troca de palavras ásperas entre ambos e, depois, Você ficou por isso aborrecido e, não compareceu mais ao serviço sem causa justificada e, apesar de reconhecer que errou, Você acha que não pode e não deve aceitar a suspensão que lhe será imposta, e sentes envergonhado e, por isto, acha que deve sair daqui. Mas, porque? Só porque sente vergonha, **Amigo**? Só porque, compreendeu que errou? Não é possível! Reflita! Reflita e pense mais uma vêz nésta sua nova idéia! Você verá, que **um incidente desta natureza e que, apenas teve a duração de alguns míseros dias, não é a razão e, muito menos, causa para pôr de lado e esquecer, todos os anos anteriores de toda vida passada entre amigos e companheiros e, muito menos, deveria ser um motivo para sujeitar a Você e, especialmente à Sua família à uma nova aventura, à uma nova vida e, talvez, a sua família venha a ter que sofrer as consequências de seu ato precipitado.** **Você reconhece, que agiu mal e precipitadamente e, naturalmente, deve tirar disto as consequências e, também deve saber suportá-las! Sempre elas são passageiras e, Você sabe disto.** Por isto mesmo acho que Você deve pensar mais uma vêz e rememorar bem o caso e, tenho certeza, Você mesmo admitirá que o caso não merece a importância que você lhe dá e, depois, em poucas semanas, tudo estará esquecido e, **Você estará novamente trabalhando com maior boa vontade e, com certeza, não pensará mais em deixar esta nossa bôa terra.** Para dar um sentido mais figurado e ilustrativo do que acabo de dizer, e considerando o seu caso em especial, quero contar-lhe que muitas e muitas vezes, outros colegas seus e amigos nossos, vêm falar comigo e apresentar-me os seus casos que, os "forçam" (no modo de ver deles) a sair de Monte Alegre. Logo Você verá, que a maioria das "fortes causas", dos "motivos imperativos" e, assim por diante, não têm a significância, que se lhes quer emprestar e, nem tão pouco há motivo de tomarmos decisões, pelas quais mais tarde não nos poderemos responsabilizar. Si não vejamos. Leia e avalie bem, os casos de seus colegas e, aqui sómente alguns são transcrito **e, cuide também, de conhecer a minha opinião, em cada caso** 1) O queixoso: Há mais de três méses estou esperando aumento de salário e, como não o recebi agora, sinto-me envergonhado e, assim, não posso ficar aqui Minha resposta: **Meu amigo**, um aumento de salário é concedido e, é dado por merecimento, mas assim mesmo é dado com uma certa demora natural. Deve passar, por todas as instâncias e canais competentes da nossa organização que, como milhares de outras no Brasil, tem um sistema e método organizados, que não permitem divergência de tratamento salarial, justamente porque se quer e, deve-se evitar qualquer preferência nesta questão. Por esta razão devemos esperar sempre um pouco e, com certeza, **o aumento esperado não deixará de ser concedido, desde que, naturalmente, merecido!** 2) Empregado: Nos ultimos dois dias não houve lugar no onibus e, assim, tive que ir a pé para a fábrica, nestas condições não posso mais ficar aqui!	Conflitos no trabalho e conselhos do diretor técnico da fábrica para as resoluções	Relacionamento e vivência em Monte Alegre	Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre;

	Resposta: Chegando ao onibus com um pouco mais de antecedência, com certêsa ainda encontraria lugar. Si teve que ir à fábrica duas vezes a pé, sem dúvida a culpa é inteiramente sua. Si por acaso a lotação do onibus realmente, não permite que todos os passageiros encontrem lugar, naturalmente arranjaremos mais uma viagem do onibus, para satisfazer a todos. 3) Empregado: - O clima aqui não presta, chove demais 4) Empregado: - O clima aqui não presta, nunca chove. Resposta: - De fato, a gente deve adatar-se [sic] ao clima, mas o clima não poderá adatar-se á gente! **Em todo o estado do Paraná o clima é saudavel, especialmente para aqueles, que estão dispostos a trabalhar.** 5) Empregado: - O meu companheiro de trabalho chamou-me de burro, mas eu não lhe disse que não sou burro, porém, insistiu que sim. Nestas condições não posso mais continuar trabalhando aqui! Minha resposta: - **Se o seu companheiro lhe faltou com respeito e camaradagem, o burro será ele e, por isto.** Você não precisa ir embora. 6) Empregado: - Já faz três dias que não há mais guaraná-caçula no armazem e, meu guri está habituado a tomar caçula todo dia. Nestas condições não posso ficar. Resposta: - A falta de três caçulas não pode e não deve alterar a vida de uma família. Imagina o que acontecerá, si o seu filho em vez de caçula, amanhã tomar cerveja! 7) Empregado: O meu colega foi promovido a condutor de máquina e, eu continúo sendo ajudante; isto para mim é uma vergonha e, vou-me embora! Respota: **Quando já uma vaga de condutor, naturalmente só uma pessoa poderá preenche-la e, si Você continuar trabalhando eficientemente, também progredirá no futuro.** 8) Empregado: O soalho da minha casa está quebrado ha tres semanas e, ainda não foi concertado. Estou por isto aborrecido e, vou embora! Minha resposta: A turma de operários encarregados dos reparos está se esforçando da melhor maneira possivel para atender a todos, porém, nem sempre pode vencer todos os serviços requeridos e as vezes urgentes. Tenha um pouco de paciência e o soalho de sua casa também será concertado. 9) Empregado: Alguém na fábrica roubou minha chave inglesa e, onde ha ladrões, não me é possivel continuar a trabalhar. Minha resposta: Sem dúvida Você tem razão, porque, de fato, ladrões perturbam a boa marcha dos serviços, mas **seria muito melhor si Você auxiliasse a encontrar o ladrão, para que ele pudesse ser mandado embóra.** Além disto, verifique primeiro si por acaso você mesmo não esqueceu a chave no local de seu serviço e, talves à encontre! 10) Empregado: - A minha mulher e a do visinho não se dão e, a Sessão de Moradias alega que no momento não ha nenhuma possibilidade para mudar o meu visinho para outra casa. Minha resposta: - De fato não podemos mantar casas vagas, apenas para solucionar atritos entre vizinho. Não obstante isto, sempre que existe a oportunidade um dos dois vizinhos pode ser mudado para outra casa, porém, um pouco de paciência é necessária. 11) Empregado: o ácido me prejudica, porém, não gosto de tomar leite e, por esta razão tenho que tomar uma "pinga". Minha resposta: O ácido apenas irrita as vias respiratórias, porém não e seriamente e especialmente, quando se toma leite para acalmar e eliminar essas irritações. A aguardente,			

	porem, prejudica o organismo seriamente. 12) Empregado: Comprei há tempos um caminhão e, agora não tenho dinheiro para pagar as prestações. Por isto quero ser indenizado para poder pagar estas prestações. Minha resposta: - Seria melhor que Você vendesse o caminhão e, continuasse trabalhando na fábrica para fazer alguma economia. Comprar um caminhão sem possuir necessárias economias, sempre dá maus resultados no fim. 13) Empregado: - Faleceu um filho meu e, assim, não quero mais ficar aqui. Minha resposta: Realmente, este é um caso muito triste e lamentavel, porém, **por causa desta pouca sorte com este seu filho, o resto da sua família não deveria ser exposto a futuros sofrimentos. Seria muito melhor pensar nos filhos que têm e os que ainda poderão vir, pois, eles poderão desenvolver se bem aqui.** Por tudo isto, meu Amigo, Você vê que muitas pessôas levam assuntos corriqueiros e passageiros tão á sério, que querem mudar a ordem de todas as coisas e a sua própria vida e, quando o fazem, geralmente isto não lhes sài para melhor. Há um velho dito popular que bem caraterisa estas situações, é o seguinte: "onde se cepilha madeira, há cavacos". **Os cavacos sempre são removidos e queimados, mas o que permanece, e a taboa bem cepilhada e limpa e resistente.** Da mesma madeira [sic] devemos pensar a nossa vida e as nossas ações. Os pequenos aborrecimentos, não devem ser motivos para transtornar a tua vida. **Aqui em Monte Alegre todo aquele que deseja e quer trabalhar, ganha para a sua manutenção, goza de amparo nos casos de emergência, e têm um futuro para si e para a sua família.** Por isto, meu Amigo, aconselho a Você, a não levar demasiadamente á sério a questão do atrito entre você e o seu encarregado, é melhor reconhecer o seu êrro passageiro, pois todos nós de vez enquando temos de reconhecer os nossos erros. **Continue trabalhando com afinco e interesse, como sempre o fez assim procedendo, Você e a nossa indústria e com ela, toda a nação progredirá, dando margem a que cada filho da nossa terra melhore suas condições de vida. Continuemos, pois, trabalhando para o bem estar de todos.** Seu Amigo Karl Zappert			

Transcrição: O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1954 – 5º aniversário – Edição de hoje: 52 páginas – 2 cruzeiros – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº298 Página: 11 – primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16032 Título: Cidade Nova Autor: Observações:	**A Cidade Nova**, situada à margem esquerda do rio Tibagi, entre Monte Alegre (Harmonia) e a auto-estrada Ponta Grossa - Apucarana, **surgiu da ideia e o projeto do dr. Horácio Klabin.** Organizada a Territorial Vale do Tibagi Lmta., começou o loteamento em 1952, incrementando o desenvolvimento da Cidade com a abertura das estradas e outros beneficiamentos imediatos. Assim, providenciou inicialmente o arruamento garantido pelo trabalho contínuo de um trator e uma plaina. Em seguida, **outros melhoramentos surgiram: a instalação da rêde elétrica; a construção da represa; com a respectiva caixa geral de distribuição dágua; colocação da primeira linha adutora, com tubos "Civilite", conduzindo a água para o centro da cidade e abastecendo essa zona com abundancia, instalação de um centro telefônico automático; construção de cincoenta casas, para venda mediante financiamento a longo prazo; construção do Grupo Escolar de material, em substituição à escola de madeira, mobiliada e conservada pela T.V.T. desde o começo da cidade.** **Atualmente, conta a Cidade Nova com mais de 500 casas e cêrca de 3,000 habitantes.** **A proximidade das IKPC, a possibilidade da aquisição de casa própria atraiu para lá centenas de operários.** A creação de escritórios próprios no Rio em S. Paulo e Curitiba, destinados a atender os inúmeros solicitantes a compra dos **terrenos**, realiza de maneira prática a venda dos mesmo, cuja **valorização acha-se em franca ascendência**. **A crescente prosperidade da Cidade Nova atrai constantemente comerciantes menores, que beneficiam a população. Entre eles salientamos os que se estabeleceram com padarias (3), açougues (2), fornecedores de leite (3), armazens, quitandas, lojas de fazendas, roupas feitas, armarinhos e ferragens** – e que logicamente estão dando vida comercial própria à cidade. **Existem também várias indústrias, entre as quais a Sociedade Comercial e Industrial Socomin Ltda.**, com uma serraria de moderníssimas instalações, funcionando há mais de um ano. A serraria, além da produção de madeira serrada, realiza outros beneficiamentos, fabricando cabos de vassouras, fôrros, assoalhos, etc. atualmente, amplia seu programa industrial montando uma fábrica de portas compensadas parenteadas. A **Materiais de Construção Paraná S/A.**, com sede no Rio de Janeiro e Cerâmica da (?) Cidade Nova, fornece tijolos de diversos tipos, para construções da cidade e arredores. Conta com matéria prima excelentes, em depósitos praticamente inesgotáveis nos terrenos da cidade. Dentro de poucos meses a cerâmica estará fabricando telhas francesas. Foi organizada e acha-se legalizada a **Empresa Força e Luz Cidade Nova S/A., que acaba de contratar os serviços de engenheiros especializados pra a apresentação do projeto da Usina Hidro-Elétrica a ser construida.** **Desde os meados de 1954 principiou a venda das chácaras, no perímetro circundante da Cidade Nova, formando o cinturão verde da mesma.** Nessas chácaras fazem se pequenas lavouras e desenvolve-se a horticultura – o que dentro de breve tempo virá garantir o abastecimento de legumes, hortaliças e diversos cereais à Cidade Nova. AMPLIAÇÃO INDUSTRIAL No setor industrial foi nos dado ver que foram iniciados a poucos dias, as obras de ampliação da Ceramica, pertencente a MATERIAIS DE CONTRUÇÃO PARANÁ S/A. As novas instalações destinam se à fabricação de telhas francesas, artigo de acentuada falta em	Desenvolvimento de Cidade Nova	Cidade Nova e seu desenvolvimento	Gratidão à Horácio Klain; Desenvolvimento industrial;

	nessa zona, e que até hoje vem sendo transportado de longe, razão por que o preço sempre tem sido elevado. As novas obras da Cerâmica, constam de um grande forno reversível, diversos secadores artificiais (ar quente) e da instalação de todo o maquinários necessário ao fabrico de telhas francesas. Além disso estão em construção novos depósitos de barro que permitem um tratamento mais eficiente da matéria prima. Em fins de Janeiro próximo, a Ceramica espera lançar no mercado o seu novo produto, que será sem dúvida uma telha francesa de primeira qualidade. Está pois de parabens a Ceramica Cidade Nova, pela nova iniciativa que acaba de tomar, e cujo resultado benificiará muito a economia da nossa região. CONSTRUÇÕES E EMPREENDIMENTOS AUDITÓRIO DOS PADRES REDENTORISTAS A Congregação Missionária do Sentíssimo Redentor possui em Cidade Nova uma grande quadra situada bem no centro da Cidade. **É a intenção dos Padres Redentoristas construir alí uma grande Igreja Matriz, um colégio, praças de esporte etc.** Dando início à êste grandioso projeto, será iniciada agora a construção de um auditório, que uma vez pronto servirá de templo, enquanto não estiver concluída a Igreja definitiva. Esta medida será sem dúvida, um fator preponderante para o sempre maior desenvolvimento da CIDADE NOVA.			

Transcrição: O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1954 – 5º aniversário – Edição de hoje: 52 páginas – 2 cruzeiros – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº298 Página: CAPA – terceiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16141 Título: Clube Atletico Monte Alegre Autor: Observações: fotografia da sede do Clube Atlético Monte Alegre	Diretoria: **Presidente de Honra: Dr. Horácio Klabin – Presidente: Péricles Pacheco da Silva** – Vice-Presidente: Leonidas Garcia Rodrigues 1º secretário: Delord Monteiro 2º secretário: José Svieski (?) – 1º tesoureiro: Olavo Arpelau 2º tesoureiro: Arnoldo Wiecheteck – Diretor Social: Francisco Paulino de Oliveira – Diretor Esportivo: Guilherme Souza. - FUNDAÇÃO – Primeiros anos. A fundação do Clube Atlético Monte Alegre, em 1º de maio de 1943, veio corresponder á necessidade da existência duma associação que permitisse o desenvolvimento do esporte em nossa cidade, **estabelecendo** ao mesmo tempo **um mais estreito convívio social**. Esportistas como os srs. João Rangel de Abreu, Juarez Torres de Oliveira, Martins Perez, Clodomiro Fernandes, José Maria Moreira e vários outros foram os entusiastas responsáveis pela criação do Clube, que iria ser a mais reprensetativa associação da **Cidade-Papel.** O CAMA começou modestamente, com uma sedezinha de madeira no no [sic] bairro de Harmonia, onde hoje funciona a filial do Armazém de Subsistência. Lá, num salão de baile, na pequena sala da diretoria e no barzinho anexo, reuniam-se os primeiros sócios do clube, projetando a sua ampliação. Desde logo, embora não descuidasse da parte propriamente social, os primeiros dirigentes do CAMA orientaram-no para o desenvolvimento do esporte, com a primazia do jogo das multidões: o futebol. Assim, começaram os primeiros treinos de amadores, num campo improvisando nas imediações do do [sic] prédio T. Essa primeira diretoria, responsável pela organização inicial do CAMA, esteve assim constituída: Presidente: João Rangel de Abreu – Vicê – Presidente: João Fernandes Sobrinho – Secretário: Juarez Torres de Oliveira – Tezoureiro: Sanito Carneiro Martins – Diretor Social: Theodoro Palma – Diretor Esportivo: Antonio Maria Quadrado. Conselho: Presidente João de (Ilegivel) Quadrado e Secretário: Ozires (?) Santos Rebonato – Membros: Martins Perez, Germano Molke, Gustavo Frederico Augusto (?), Evaldo Costa, Clodomiro Fernandes e José Maria oreira. Gerindo-lhe os destinos de 46 a 48, esforçou-se para **dar ao CAMA uma diretriz firme e proporcionar a seus associados um divertimento de vulto**. Promoveu, então, a disputa duma série de jogos amistoso com municípios vizinhos. Tinha, então, o CAMA já constituído seu quadro de Amadores e contava com jogadores que até hoje integram a equipe alvinegra, como Eley e Paulo. É interessante recordar os nomes dos elementos que, nesses primeiros jogos, formavam nas fileiras do CAMA. Eram êles: Amarú, Augusto e Lúcio; Aristeu Batista e Matias; Mitio Eley, Zezé, Paulista, Boca e Paulo. ANO DE 1949 No ano de 1949, porém, tem o CAMA um notável desenvolvimento. **POR INICIATIVA DO DR. Horácio Klabin (então na administração de Monte Alegre) é construído o Estádio Horácio Klabin**, concretizando um grande sonho dos entusiastas do futebol. À inauguração de Estádio, a 9 de março de 1949, constituiu a atração máxima da grande data o cotejo (?) entre as equipes do Corinthians Paulista, da Pauliceia, e do Clube Atlético Paranaense, de Curitiba. **Tal jogo, promovido também pelo dr. Horácio Klabin**, proporcionou aos	Clube Atlético Monte Alegre, seu desempenho nos esportes e atividades sociais	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Gratidão à Horácio Klabin; Personalidades ilustres; Relacionamento e vivência em Monte Alegre;

montealegrenses a apresentação dum ótimo futebol, terminando empatado por 3 a 3.
Para a preliminar foi organizado um Torneio Relâmpago, em que as equipes da A. A. Matarazzo de Jaguariaiva, o S.C. Corintiano de Piraí, o Guaraní D C de Arapotí e o CAMA disputaram o troféu "O Tibagi", oferecido por nosso jornal. Sagrou se vencedor o CAMA, que formara com o Amarú; Augusto e Boca; Pelota, Batista e Matias; Zezé, Eloy, Ary, Paulista e Freire.
Em abril de 1949 houve eleição da nova diretoria que ficou assim constituída:
Presidente de honra: Dr. Horácio Klabin – Presidente: Leônidas Garcia Rodrigues – Vice – Presidente: Martins Perez – 1º secretário: Dorival Moreira – 2º secretário: Eleodoro F. Bueno – 1º tesoureiro: José Antenor Ribas – 2º Tezoureiro: Alcione S. REbonato – Diretor social: Francisco Paulino de Oliveira – Diretor Esportivo: José Kichileski (?)
CONSELHO DELIBERATIVO
Presidente: João de Deus Quadrado – Secretário: Alcebíades Bonfim.
Membros: João Mesquita, Ataide Gabriel de Oliveira, Orestes Inácio Silveira, Francisco Maria Quadrado, Juarez Torres de Oliveira e Eloy Chaves.
A nova diretoria, empossada a 1º de maio, segue as mesmas diretrizes da anterior, tendo como principal escopo o desenvolvimento do futebol na **Cidade-Papel**. Para tanto, faz o CAMA disputar o campeonato da Liga Regional de Futebol, pela primeira vez, obtendo a quinta colocação no final e ainda contando o com o seu quadro de amadores.
Em setembro do mesmo ano faz vir a Monte Alegre a poderosa equipe do Clube de Regatas Nitro-Química, de S. Paulo, venceu (?) (ilegível) o espetacularmente ao estádio local, por uma contagem de 4 a 0.
Não se deve deixar de anotar que nesse dia foi prestada pelo povo montealegrese expressiva homenagem ao dr. Horácio Klabin, incentivador incansável do CAMA: foi inaugurada a placa comemorativa do Estádio, que passou, oficialmente, a ter o seu nome.
No decorrer dos meses de outubro, novembro e dezembro outros quadros de fora estiveram no Estádio Horácio Klabin, em disputa de vários jogos com o CAMA. Entre eles, o Gremio 5 de Maio, o C. A. Ferroviário, o Britania (?), todos de Curitiba; e o (ilegível) de Ponta Grossa.
ANO DE 1950
No início do ano de 1950 há uma excursão de membros do CAMA, **componentes da "Embaixada Horácio Klabin**, ao Rio de Janeiro e S. Paulo, afim de realizar jogos em ambas as cidades. No Rio, a equipe montealegrenses venceu o Torres Homem por 4 a 3 e perdeu para o Manufatura por 2 a 0. Em São Paulo encontrou-se com o Nitro-Química, havendo terminado o prélio sem abertura de contagem.
Chefiou a referida embaixada o sr. Leônidas Garcia Rodrigues; compuseram-na os diretores: Martins Perez, Dorival Moreira, Francisco Paulino de Oliveira e José Kichileski (?), orador (?): José Cação Ribeiro (ilegível) técnico; Otacilio de Souza; massagistas: Bruno Schmidt. Jogadores: Amarú, Nabor, Nhotó, Bios, Paulo, Zico, Zezé, Batista, Matias, Santí (?), Canela, Lamparina, (Ilegível), Eloy, Paulista, Boca, Wilton e Lantman (?).
No retorno, joga o CAMA vários amistosos, promovendo a vinda de equipes de fóra entre as quais a do Manufatura.
Desde o mês de fevereiro a diretoria do clube começa a trazer elementos de fora, afim de completar seu quadro.
Em abril há novas eleições, **entrando para a presidência do CAMA o sr. (?) Péricles Pacheco**

da Silva. Nos outros cargos ficaram os seguintes sócios:
Vice-Presidente: Leônidas G. Rodrigues; 1º secretário: Frederico Mendes; 2º secretário: Alcione S. REbonato; 1º tesoureiro: José
CONTINUA NA 10ª PÁGINA – Observações: a continuação da reportagem começa com a sequencia dos nomes da nova diretoria. Todos os nomes estão praticamente ilegíveis. Darei continuidade a partir do parágrafo seguinte, onde há "história" e está mais visível a fotografia. Há na página também duas fotografias: uma dos jogadores Nestor, Celso, Taico, Ocimar e Pedrinho e outra do alambrado do campo de futebol do CAMA.
Transcrição:
(...) Orientado pela nova diretora, consegue o CAMA o seu primeiro título de campeão, vencendo o Torneio (ilegível) de 1950 da Liga Regional de Futebol de Jaguariaiva.
Sob a presidência do sr. Péricles Pacheco da Silva, redobra a diretoria suas atividades, trazendo com assiduidade quadros de fóra, especialmente de Curitiba. Assim, vem aqui o Britani (?) e o Palestra, entre outros. **Pretende a nova diretoria não só dar a experiência necessária à equipe montealegrenses, como avaliar lhe as possibilidades, afim de poder participar dos jogos da Federação Paranaense de Futebol, como pretendia o dr. Horácio Klabin.**
Por isso, ainda neste ano, com probabilidades de levantar o campeonato da Liga Regional (uma vez que se achava em 1º lugar) o CAMA abandona a mesma.
Termina o ano realizando vários jogos amistosos com times de Ponta Grossa e da Capital.
Em novembro um grande acontecimento marca os anais da História do CAMA: a inauguração de sua nova sede social, à Avenida Brasil. (Ilegível) dos mais bonitos prédios da cidade, com dois andares, **há agora para gáudio e distração dos seus sócios, um amplo salão de baile, bilhares, bar, sorveteria e demais dependências complementares.**
Um grande baile comemorativo inaugura a nova sede.
Nesse fim de ano são modificados os estatutos do clube e dezembro assinala um fato altamente significativo no desenvolvimento do CAMA: **seu presidente, no dia 4 faz o registro de seus estatutos no cartório do I ofício da Comarca de Curitiba.**
BIÊNIO 1951-1953
Desde o inicio do ano de 1951 a operosa diretoria do clube trata com altos dirigentes da Federação Paranaense de Futebol e da associação coirmãs, do ingresso de CAMA no Campeonato da Divisão Extra de Profissionais. Isso foi aprovado em reunião do Conselho Divisional da Federação, á 12 de março de 1951.
Em abril é eleita e empossada a nova diretoria para o biênio 1951 1953.
Como presidente é reeleito o sr. Péricles Pacheco da Silva, que há um ano, com segurança e discernimento, vem orientando os destinos do Clube Atlético Monte Alegre.
Durante êsse ano participa, pois, o CAMA do Campeonato da Divisão Extra de Profissionais, obtendo o 6 lugar.
Para cumprir a programação do quadro em tais jogos, foi contratado o 1º técnico, sr. Zito Rodrigues afim de orientar a equipe alvi negra. O seu primeiro plantel foi composto pelos seguinte atletas: Alto, Ganso, Flavio, Moacir, Nêgo, Bina (?), Aurélio, Zezé, Dema, Cleuson, Nestor, Cezar, Taico, Wilson, Paulista, Eloy, Ramon, Nermenegildo (?), Zito, Marias, Sielski e Pamparina.
Nesse mesmo ano, tendo Zito Rodrigues deixado a direção técnica, veio substituí-lo o sr. Zinder

	Lins. Em 195 continua o CAMA a disputar o Campeonato da Federação, obtendo a quarta colocação. Teve como artilheiro desse campeonato Taico. Há modificação em seu plantel, do qual então fazem aprte os jogadores Doly, Valdir, Neide, Reginaldo e Periquito, entre outros. Em setembro excursiona o CAMA a Florianópolis, vencendo em partida inaugural o Clube Atlético Catarinense por 4 a 1. A segunda e última partida com o Avaí, terminou 0 a 0. Em 1953 entrou o CAMA na disputa do Campeonato do Centenário, obtendo a quinta colocação no final. Em brasil (?) **houve a eleição costumeira tento sido reeleita para o biênio 1953 1955, por unanimidade, a diretoria anterior**, com exceção do cargo de Diretor de Esportes, que passou ao sr. Guilherme Souza. Continuando suas operosas atividades, o sr. presidente fez promover jogos inter estaduais, tento vindo disputar partidas no estádio Horácio Klabin a Associação Atlética Ponte (?) Preta, de Campinas, e o América Futebol Clube de Joinvile, entre outros. Em 1954 o Clube Atlético Monte Alegre está a competir no campeonato Paranaense anual, ostentando atualmente a quarta colocação e tendo o seguinte plantel de jogadores: Nivaldo, Júlio, Aurélio, Juths, Carlito, Deolindo (?), Lúcio, Celso, Ocimar, Nestor, Taíco, Jairo, Pedrinho, Orlando, Velasquez (?), Julinho, Procorinho (?), e Augustão. Orientador técnico: Rui Santos. Dentro de seu programa, realizou o CAMA sua excursão anual a Paranaguá, onde participou de vários jogos. É de notar que o CAMA concorreu com cinco elementos à Seleção Paranaense de Futebol, para o Campeonato Nacional de 1953. Foram êles: Taico, Aurélio, Nestor, Ocimar e Reginaldo, que tiveram excelente atuação, destacando-se Taico, Ocimar e Aurélio, na sua melhor forma. XXX Embora o futebol continua a principal atividade sob as distas e a orientação da Diretoria do CAMA, mantém essa cuidada atenção à vida social do Clube. Quer realizando **saraus mensais, quer se esmerando nos bailes de gala das datas magnas do ano, ela proporciona aos seus associados todos os divertimentos duma sociedade bem organizada.** Festividades de vulto são os **bailes de Natal e Carnaval**, em que bons conjuntos musicais tornam sua noitadas as mais alegres da Cidade-Papel. **Matinés dançantes aos domingos, saraus comemorativas das vitórias de seu time de futebol constituem outras reuniões sempre concorridas.** **Atualmente, intensificam-se os treinos de vôlei e basquete, nas quadras do Clube. Times mixtos, de moças e rapazes, exercitam-se para comporem as futuras equipes desses esportes.** **O pingue pongue constitui outro passa tempo predileto dos socios.** Num gesto elegante de cortezia o CAMA cede seu salão a clubes e (ilegível) locais e de fora, para que (ilegível) façam suas **reuniões sociais.** Ampliando suas atividades, no ensejo de proporcionar aos associados melhorias novas, a diretoria do CAMA inclui na sua programação para o próximo ano uma notável benfeitoria, de que podemos dar alvissareira notícias os arrendatários do bar do clube deverão inaugurar **um completo serviço de restaurante, na sede.**			

	Assim, de ano para ano, vai o CAMA prosperando, a desempenhar na cidade um papel relevante de ordem esportiva e social, mantendo um quadro de futebol assinalado entre os primeiros do Estado e constituindo, em sua localidade, o clube de maior número de sócios.			

Transcrição: O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1954 – 5º aniversário – Edição de hoje: 52 páginas – 2 cruzeiros – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº298 Página: CAPA – segundo caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16072 Título: Harmonia Clube Autor: Observações:	DIRETORIA: Presidente: Francisco Riederer – Vice Presidente: Dr Karl Zappert – Secretário: Ruy Barbosa Sampaio – Tesoureiro: João Teixeira Mendonça – Diretor Social: Peter Lemr – Diretor Esportivo: Arquimedes Rodrigues Nenhum visitante de Monte Alegre, hoje em dia, pode dizer que conheceu a tôda a nossa cidade, se despedir se sem uma visita ao Harmonia Clube. Na verdade, nosso clube, a bem dizer, surgiu com Harmonia e desta faz parte tão intimamente que não a podemos imaginar sem êle. Entretanto, quando aqui chegamos, por muito tempo, não nos apercebemos da península fluvial do rio Harmonia. Fomos visitar a represinha e ficávamos horas a contemplar a queda das águas sôbre o paredão de cimento. Um dia, chamaram-nos a atenção para aquela ponta de terra, a espraiar-se no meio do rio. Não sei quem foi o primeiro a imaginar ali a sede de um clube, na época em que se cogitava da necessidade de um local de reuniões em Harmonia. Estávamos então, no início de 1946. A 26 de maio dêsse ano, reuniam-se os interessados e fundavam um clube, fazendo a lista de sócios e os estatutos, embora a associação ainda permanecesse anônima. Em junho havia a reunião para a escolha do nome, para o qual foram apresentadas várias sugestões: Clube Pinheiros, Excelsior, Monte Alegre e Harmonia Clube. **Decidiram-se os fundadores por Harmonia Clube, nome proposto pelo Sr. Samuel Klabin, que desde então jamais deixou de dar um apôio à nova entidade social da Cidade Papel.** Após êsses preliminares, foi eleita a primeira diretoria, da qual só duas pessoas ainda moram hoje em Monte Alefre. Recordemo-la: Presidente – Dr. Victor Hugo da Costa (então eng.º residente e entusiasta da fundação do Clube). Vice-presidente. Dr. Paulo Rios Fernandes – Secretário, Péricles Pacheco da Silva – Tesoureiro, Paulo Afonso Andrade – Diretor Social José Luiz Vieira – Diretor Esportivo, Dr. Inácio Sporn. Essa diretoria geriu os destinos do clube de junho de 46 a maior de 47, quando entrou como presidente o sr. Francisco Riederer. Em setembro de 47 houve novas eleições por renúncia do presidente, passando ao cargo máximo da diretoria o sr. Francisco Riederer e para a vice-presidência o dr. Karl Zappert. Êsse binômio até hoje tem sido reeleito por unanimidade, enquanto vários outros sócios desempenham os demais cargos. Para quem estranhar tão longa gestão administrativa, vejamos seu porque, no desenvolver do Harmonia Clube. Lembramo nos bem daqueles primeiros tempos. Houve muita discussão até ser decidido na península e não lá no alto, na cidade, a instalação do Clube. Mas em outubro de 46 já se decidia a construção da primeira sede. Era um barracão quadrangular, de madeira; tinha na área de leste a sul ladeado um terraço onde se faziam os bailes. Fora, sôbre areia, havia uns bancos toscos e longas mesas de churrasco no mesmo lugar da sede atual. No seu primeiro ano de vida o Harmonia Clube não foi muito franqueado. A estrada descia por curvas perigosas; a remaria a fechava, num túnel, em vários trechos; a falta de hábito tornava o local distante. Houve mesmo, na rua Alfa, uma sede provisória, numa casa de madeira, onde **os sócios se reuniam para jogar ping-pong e bater papo.** **Depois de 1947, com a construção da piscina flutuante, foi o que o Harmonia começou a atrair mais animadamente os sócios.** Mas ainda muro era mato, do portão da entrada á sede. Um capinzal selvagem, á margem do rio, resistia às capinações esporádicas e ainda havia o medo da maleita.	Construção do Harmonia Clube e seu funcionamento	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Auto valorização; Personalidades ilustres; Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Feitos da Klabin;

Os primeiros barcos eram velhos e primitivos, barcos e pesadões. Não tinham forquetás para prender os remos e era preciso um grande esfôrço para maneja los.

Ano após ano, novas melhorias foram surgindo: o campo de vôlei, primeiro; o de basquete, depois; as quadras de tenis, bem mais tarde. Derrubando o matagal, foi, em 48, iniciada a plantação do eucaliptal que hoje rodeia os campos de esporte e dedetizadas as margens do rio.

O gramado em torno da sede, os canteiros, as árvores cuidadas, a entrada para os carros, o abrigo dos botes, as cabines do vestiário, a casinha do ping pong, o bosque do churrasco e todas as outras instalações que hoje fazem nosso confôrto e permitem nos tranquilas horas de divertimento, vieram aos poucos. Os sócios mal se aperceberam do esforço que cada novidade representava e de quem o estava realizando.

Foram se acostumando a jogar vôlei, disputar partidas de basquete, jogar tenis ou andar de bote, ter enfim **um lugar aprazível para passar suas horas de folga. A grande realização de 51 foi a demolição da velha sede e a construção da nova, com o auxilio financeiro da IKPC.**

A nova sede, em estilo rústico, que faz os europeus lembrarem a Suiça, é sem dúvida uma das construções em que o Dr. Max Staudacher deixou impresso para sempre o seu bom gôsto de arquiteto e construtor.

Amplos janelões bordados de açucenas cheirosas ou bogainviles, abrem-se para o rio. O terraço olha para a balaustrada de pedra a separar a pista de dansa, ao ar livre, da grama aparada rente, no declive para a piscina.

Tudo rústico, lá dentro, as traves do teto, as lâmpadas do salão, o palco da orquestra, o balcão e a mesa do barzinho.

Instalações completas – e eis em traços ligeiros a nova sede do Harmonia Clube.

Lá fora, ano após ano, novas comodidades aparecem: **mais uns bancos sôbre a relva, espreguiçadeiras de lona, alto-falante a irradiar românticas melodias... o parque infantil** – delícia da petizada. Vem de lá, sempre a gritaria dos que deslizam no escorregador, rodam no carrossel ou se embalam nos balanços!

Os velhos barcos há muito desapareceram. A campanha dos 10 botes, em 51, teve pleno êxito. Hoje podemos vê-los, leves, fáceis de manejar, branco-vermelhos, navegando nas águas represadas do rio...

Está em vias de acabamento o **boliche**, para o qual os sócios se voltam com grandes olhos cobiçosos; e amontoam-se no ponto de estacionamento dos carros rolos de tela para o jardim zoológico, que em breve tempo deverá ser uma realidade. Então, a criançada feliz do Harmonia Clube terá algo mais com que se divertir no Clube.

BAILES NO CLUBE

Três vezes por ano, repetem-se no Clube seus mais afamados **bailes: de Carnaval, da Primavera e do 31 de Dezembro.**

No Carnaval engalana-se (?) o Harmonia para o reinado de Momo. **Muitos sócios, hoje ausentes de Monte Alegre, aqui retornam para os três dias de folia**. Sempre redecorado com bom gosto e propriedade, o Clube oferece a seus sócios três noites de encantamento. **É eleita, anualmente, sua Rainha e recebem prêmios as melhores fantasias. As crianças** – sempre na objetiva da diretoria – **têm dois bailes apreciadíssimos, com concurso de fantasias e distribuição de presentes valiosos.**

Baile esperado ansiosamente, porém, é o da Primavera, o grande baile a rigor do Harmonia Clube. **Comparecem, então, elegantes toaletes, num desfile que nada tem a perder de centros maiores.**

E o baile de 31 de dezembro é sem dúvida o mais concorrido.

Familiar no sentido da confraternização de que a todos une à passagem do ano. Vivem todos, então, integrados no ambiente acolhedor do Harmonia, inesquecíveis momentos.

NATAL

Sem esquecer a festa veneziana dos barcos enfeitados a balouçarem na represa; os inúmeros saraus de "shows artísticos" improvisados; a "boite" em que se transforma o salão, nas noites românticas ou as dansas lá fora, ao luar, a mais linda festa do Harmonia Clube faz-se, de dia, no Natal.

É uma festa de mais de duzentas crianças, especialmente para elas. Anotem-se que, no Harmonia Clube, as crianças sempre merecem especial atenção.

No Natal, elas deliram.

Papai Noel vem de lancha, dos confins do rio. É esperado na margem, pelas dezenas de crianças do clube. Enquanto não aparece, elas ouvem discos de história, sentadas na grama. Quando êle surge, porém, desandam numa correria, - um bando de passarinhos irrequietos – a acompanhar entusiástica ou medrosamente, a chegada do Velho do Natal.

Êle desembarca no meio da multidão infantil, arcando ao peso do saco de brinquedos. Sobre a rampa gramada lentamente e entra, por fim, no salão.

Aí, ao lado do pinheirinho, abre o inesgotável saco e tira, para cada, um presente.

Elas, a princípio, estão sentadinhas no chão, muito compenetradas. Mas no fim, não há força que as contenha.

De posse do presente, balbuciam o agradecimento confuso e lá se vão, curiosas, para fora, para o sol, rasgando o invólucro, desembrulhando o brinquedo.

Carros, bonecas, bolas, altinhos – mil cousas nas mãos irrequietas. E a fisionomia feliz dos papais, no meio da festa mais querida de tôda meninada.

XXX

O Harmonia Clube, com sua sede campestre na ponta da península, seus campos de esportes rodeados pelo eucaliptal, seus recantos floridos, é o cartão de visita de Monte Alegre. Recebeu as visitas mais representativas da Nação brasileira. No seu bosque, com suas mesas e bancos toscos, o presidente Vargas saboreou um suculento churrasco. **As mais altas patentes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica visitaram-no; titulares estrangeiros e nacionais conheceram o seu ambiente simples e acolhedor.** E de-certo, sentiram nesse retiro aprasível o mesmo encanto que, alí, faz felizes as crianças e dá ao coração dos adultos um pouco de descanso e um pouco de paz.

E já também no Harmonia Clube, concorrendo para o **bem estar** tão grande que todos sentem, o trabalho humilde dos caseiros. Êles moram na casinha rústica da entrada, à direita do largo portão de ferro. A Porteirinha do Harmonia Clube tem longas tranças louras e um par vivazes de olhos azues. Dez anos em botão. Suas mãozinhas pequenas mal podem mover os pesados portões à passagem de cada carro. Mas ainda assim ela o faz – e com que consciência da própria responsabilidade!

Sabe o que quer dizer "privativo dos sócios" e imbuída de seu dever á entrada faz valer sua

	autoridade. Além disso, mamãe Rosa é toda zêlo e seus petizes todos ajudam a cuidar do Harmonia. Êles se distribuem o serviço todo, desde a capina da ilha ou do eucaliptal, aos cuidados com o salão, o bar ou os botes. De manhãzinha já estão na faina. À tardinha, depois que se foram os últimos sócios, recolhem os instrumentos de trabalho, recompõem a ordem no gramado e no terraço. E se detém, a família toda, por uns momentos, na contemplação do rio calmo e do clube lindo – descansando do trabalho anônimo, que aos sócios se traduz em indispensáveis comodidades. XXX **Assim prossegue o Harmonia Clube em sua função social, ano após ano realizando, concretizando sonhos, como um dos mais completos clubes que conhecemos.** E ainda mais – um dos que, por quase nada – proporciona aos sócios os mais variados divertimentos, nas suas instalações modernas, sempre ampliadas, sempre em vias de maior aperfeiçoamento.			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1954 – 5º aniversário – Edição de hoje: 52 páginas – 2 cruzeiros – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº298 Página: 07 – primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16014 Título: Prata de Casa – História de Monte Alegre Autor: Karl Zappert Observações:	O aniversário de "O Tibagi", é uma boa oportunidade para refletir (?) anualmente **a história do surpreendente progresso de Monte Alegre no decorrer dos 12 meses passado.** **Monte Alegre está crescendo** a (ilegível) **mais cada ano, apesar das dificuldades econômicas que se fazem sentir em todo o país e que não deixam de se fazer sentir na vida industrial e social de Monte Alegre. Na parte industrial há especialmente a mencionar que a nova e modernissima máquina de papel nº.4** cujo embarque atrazou tanto devido ás dificuldades nos Estados Unidos, afinal chegou, sendo montada entre os meses de Abril e Agosto de 1954 e iniciou seus serviços em 15 de Setembro do ano em curso. **Esta máquina sem dúvida é hoje em dia a mais moderna e aliás também a mais bonita máquina de papel em toda América Latina**, e os primeiros meses de serviço de mostraram que se podem fazer muitos tipos de papel, inclusive papel de carta, imprensa, para sacos e outros serviços de acondicionamento até os tipos mais finos destas espécies. **O início dos serviços da máquina 4 sem dúvida foi um grande passo no desenvolvimento industrial da fabrica.** **Além desta nova instalação, foram terminados e postos em serviço no decorrer do ano de 1954 um sistema contínuo, de origem sueca, para o branqueamento de Celulose; dois novos cosinhadores rotativos, com todas instalações adicionais para a fabricação de Semi celulose e Celulose Kraft; dois grandes tanques para armazenar qualquer espécie de Celulose em alta consistência. Foi também instalado um sexto desfibrador, do tipo Roberts, junto com um novo motor de 3.000 HP. Uma outra inovação que provavelmente terá grandes influências para futuros serviços na fábrica, foi a instalação da caldeira piloto para queima de carvão**, **sendo (?) usado (?) para este fim (ilegível), carvão extraído do sub-solo da própria Fazenda Monte Alegre**. Para este fim, **foi criada uma Seção de Mineração**, começando um novo acampamento na região da mina de carvão preto da entrada de Mauá. Foram chamados peritos em mineração que estão extraindo diariamente grandes quantidade de carvão. **A nova caldeira entrou em funcionamento no mês de Setembro e está atualmente fornecendo vapor ininterruptamente. Além dessas instalações de maior vulto, foram também acrescidos nos vários departamentos da fábrica máquinas de acabamento como: bobinadeiras, etc**. que permitem aumentar consideravelmente a variedade de papéis fabricados. Aliás, devido a livre importação de Papel Jornal, a fábrica em Monte Alegre tornou a diminuir a produção deste tipo de papel e substituir por muitos outros tipos para fins comerciais que são vendidos no mercado nacional sob os nomes característicos de: Lagoa, Harmonia e Mauá. Com as ampliações das instalações da fábrica acima discriminadas, a produção diária que anteriormente alcançava 200 toneladas, agora atinge 250 toneladas por dia e está prestes a aumentar ainda. Desta maneira, **a fabrica em Monte Alegre ajuda eficazmente a abastecer o mercado nacional dos vários tipos de papel que vinham escasseando ultimamente.** Continuam, como sempre, as **pesquisas extensas nos laboratórios da indústria** que têm por finalidade estudar, não só a possibilidade do aproveitamento das grandes reservas de madeira folhosa para celulose como também métodos mais econômicos para a fabricação, conforme as experiências feitas também nos outros países. **Por ocasião do Congresso Latino Americano das Industrías de Papel e Celulose, que foi realizado em Outubro e Novembro, em Buenos Aires, foram apresentados certos resultados destas pesquisas científicas feitas nos laboratórios aqui de Monte Alegre os quais foram muito aclamados pelos peritos, tanto da Europa como dos Estados Unidos e de todos os países Sul-Americanos.**	Desenvolvimento industrial local	Desenvolvimento industrial	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; Cidade Nova e seu desenvolvimento; Auto valorização; Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; Relacionamento e vivência em Monte Alegre;

	O aumento da fábrica naturalmente exigiu também o aumento da produção florestal. Foram abertas novas e vastas regiões e novas Guarda Morias foram criadas, onde tanto os pinheiros como também madeira folhosa estão sendo cortados sempre em crescentes quantidades para suprir o grande consumo da fábrica. **Foram construídas muitas novas estradas, e a distância entre a fabrica e os locais onde são extraídas a madeira e a lenha aumenta de mês para mês. O crescimento da fábrica e do serviço florestal, exigiram também o aumento das moradias em toda a fazenda. Especialmente em Harmonia foi construído um grande número de casas tanto para operários como para funcionários (ilegível) estas construções continham sem interrupção uma vez que mensalmente se emprega mais gente na indústria local. Nos meados do ano também ficou pronto o novo Hospital com instalações das mais modernas, de modo que a população de Monte Alegre tem agora um Hospital com serviços irugicos [sic], Dentários de Raio X como poucos no Paraná.** **Ligado estritamente tanto com o serviço industrial como com o serviço médico, continua a Assistência Social para toda a população de Monte Alegre. Mais de 5.000 crianças, de famílias menos amparadas, receberam presentes de Natal em 1953 e, como nos anos anteriores, todos os recém nascidos de famílias pobres receberam um enxoval que serve para os seus primeiros meses de vida. Na vida escolar foi criada a distribuição de merendas, em todos os grupos escolares, sendo que este melhoramento muito agradou as crianças.** A vida esportiva também foi bastante movimentada no decorrer do ano passado. Além do bem conhecido Clube Atlético Monte Alegre, que conseguiu um honrosos 4. Lugar no campeonato da primeira divisão, formaram-se muitos novos clubes desportivos de modo que **todos os empregados da indústria propriamente como dos empreiteiros, sempre tem oportunidade de passar horas de folga no campo de futebol ou nos agradáveis recintos dos clubes com reuniões sociais, jogos de xadrez, dansas ou outros divertimentos. A sede do Harmonia Clube e a do novo Grêmio Recreativo Araucária em Lagoa, reúnem, especialmente aos Domingos, muita gente em perfeita amizade, o que caracteriza a nossa população, gosa dos desportos ou outras diversões ali existentes.** Lamentavelmente vários dos velhos montealegrenses deixaram a nossa comunidade no decorrer deste ano, parcialmente por razões familiares porém também por razões econômicas uma vez que alguns técnicos de origem estrangeira preferiam voltar para as suas (ilegível) em virtude das dificuldades econômicas que atualmente se notam no nosso país. Deixaram Monte Alegre: O Dr. Zigmunt Wlellcaka (?) que durante tantos anos dirigiu o Serviço Florestal, o Dr. Jiri Aron, químico chefe da fábrica e o Sr. João Sztyber mestre da manutenção. Estes três senhores mudaram-se para a Capital de São Paulo. Também o Dr. Leonardo Schechner, um dos mais antigos montealegrenses, mudou se para São Paulo continuando porém a administrar de lá o Serviço Médico de Monte Alegre. Para a sua pátria, a Finlandia, voltou o Sr. Irjo Ossian Salo que durante mais de 6 anos trabalhou na fábrica de Celulose, aqui deixando muitas amizades, e em Outubro o Engenheiro Geza Vayda, que durante 7 anos dirigiu a fábrica de Cartolina, mudou se para os Estados Unidos. Além disto vários dos jovens químicos, que passaram os primeiros anos de sua profissão em Monte Alegre e desempenharam bons serviços na indústria, mudaram de emprego transferindo-se não só para outras partes do Brasil como também para o Exterior. **Embora estas perdas de tão bons colaboradores se faça sentir na grande comunidade montealegrenses, o fato indica claramente que os técnicos que adquiriram conhecimento**			

	técnicos e práticos em Monte Alegre são bem estimados e procurados, em toda a indústria de papel, como peritos no ramo. **A Cidade Nova está progredindo também em ritmo acelerado, e onde há 2 anos atrás viam se apenas vastos campos vazios encontra-se hoje uma imensidade de casas novas desde as mais humildes até prédios em (ilegível) moderno que se adaptam muito bem a paisagem.** **Foram instaladas pequenas (?) (ilegível) na Cidade Nova como também moderno (?) Gupo Escolar.** Os trágicos acontecimentos políticos que (ilegível) o país em Agosto e Setembro do ano em curso naturalmente não ficaram sem repercussão entre a população de Monte Alegre. Deve-se registrar porém que, na hora em que nas grandes cidades e centros industriais do país houve tumultos e demonstrações de violência, causadas pelas emoções políticas, **a população de Monte Alegre, embora bem emocionada com o desaparecimento do Presidente Getulio Vargas portou se sempre com alto espírito patriótico, continuando com calma e dignidade nas suas tarefas de serviços industriais, como também nas suas atividades familiares e social.** Também **as eleições do dia 3 de Outubro correram, em Monte Alegre, na mais completa calma sendo este dia considerado um dia de festa patriótica para toda a população. O alto espírito de todos os trabalhadores de Monte Alegre, mostrou-se também pelo fato que tanto no decorrer de 1953 (?) como também até esta data de 1954, nenhum dia durante todo o ano houve parada da fábrica, e a população pode se orgulhar que com a eficiência dos seus serviços, ajuda grandemente a economia nacional.** Esperamos que no ano vindouro o desenvolvimento de Monte Alegre continue no mesmo ritmo de sempre, e que por ocasião do aniversário, em 1955, do nosso grande semanário "O Tibagi" possamos relatar novamente as ocorrências que vão marcando **o desenvolvimento de nossa grande comunidade.**			

Transcrição: O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1954 – 5º aniversário – Edição de hoje: 52 páginas – 2 cruzeiros – Ano VI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº298 Página: 02 – terceiro caderno Título: História do Paraná – Viagem no interior do Brasil em 1820 Autor: Não assinado com fragmentos do livro de Saint Hilaire – Tradutor: David Carneiro Observações: Há uma espécie de introdução da página, chamada "História do Paraná" e um pequeno texto para então seguir com o texto de Saint-Hilaire	História do Paraná **Achamos que seria do interesse de nossos leitores conhecerem algo sobre a História do Paraná, ainda tão pouco divulgada.** Para tanto, não nos abalançamos a um resumo, mas preferimos citar vários autores e transcrever trechos de suas obras. **Limitamo nos aos livros em nosso poder**, uma vez que é tão difícil obter as obras de todos os **historiadores paranaenses que desejaríamos citar.** Assim, não estão presentes em nossas páginas nomes consagrados como os de Ermelino de Leão, e João Negrão, pelo simples motivo de não termos podido conseguir seus livros. Viagem no interior do Brasil em 1820 Capítulo XVI III <<**A primeira casa que encontrei além de Caxambú, chamava se Fortaleza, e pertencia a um tenente coronel da guarda nacional (milícia).** **O sr. José Félis da Silva**, era o seu nome, passava por um dos mais ricos proprietários da província de S. Paulo, e era notável também pela sua parcimônia. Esse homem se casa com uma moça pobre, e como êle a tratava com extremo rigor, ela projetou desembaraçar-se dele, mandando assassiná-lo. Ela postou bandidos assalariados que o atacaram; mas êle se defendeu valentemente e devencilhou-se deles. Entretanto, êle perdeu no combate, todos os dedos de uma mão; a outra ficou aleijada, êle ainda ficou coxo dos golpes recebidos nas pernas. Todo o mundo soube que o mandante do atentado fôra sua mulher; ela foi presa, mas êle a salvou a força de solicitações e empenhos. Havia muitos anos, por ocasião de minha viagem, que êle a tinha em sua fazenda donde êle não saia mais, e êle era suficientemente corajoso ou incensato para viver com ela. Êle não tinha mais que uma filha que se casara e enviuvara; êle a forçava igualmente, a viver em casa dele. Ela quis várias vezes fugir mas êle conseguiu captura-la. Como o sr. José Félis era também muito máu para os escravos, êle era por estes tão detestado quanto por sua mulher e filha, e várias vezes aqueles quiseram também, assassiná-lo. Este desgraçado chegou a tal ponto de desconfiança, qur tinha sob chave suas menores provisões, e fazia-lhe a barba o seu neto de 8 a 10 anos. Assim que êle soube que eu devia chegar, mandou um homem a meu encontro para cumprimentar-me. Apenas entrei no vasto páteo da habitação, deram-me para alojamento uma (ilegível) que ficava em frente à habitação do senhor, sendo separada desta em toda a extensão do páteo. Aí encontrei o Sr. José Félis da Silva, homem pequeno de sessenta anos aproximadamente, fácil de ser imaginado pelo que a seu respeito descrevi anteriormente: mutilado, estropeado, coxo (?) encoberto por uma barba de meia polegada, coisa contrária a moda do tempo, mas que ao mesmo tempo tinha olhos vivos e espirituosos e maneira delicadas. Êle me recebeu delicadamente: fez trazer o chá e logo após serviram-nos um excelente jantar. Não parti de Fortaleza senão quatro dias depois da minha chegada; durante todo o tempo seu proprietário teve comigo toda a sorte de gentilezas, redobradas quando eu lhe mostrei o meu passaporte privilegiado (portaria) em ocasião oportuna.	Visita de Saint-Hilaire à José Felix da Silva	Passado anterior à chegada dos industriais à região	Menção à cidade de Tibagi

	XXX Êle raramente via estranhos, si é que os dia, e eu creio que êle estava satisfeito de eu prolongar minha estadia em sua casa; mas eu achava essa viagem excessivamente longa e desejaria chegar ao termino. Abandonei a fortaleza a 13 de Fevereiro, e no momento de minha partida recebi do meu hóspede um considerável presente de toucinho, carne seca, doces, queijos e aves. Este presente a excelente hospedagem que me deu o Sr. José Félis da Silva durante minha estadia em sua casa, desmentiram inteiramente a reputação de avareza que tinha na sua vizinhança. XXX Avançando sempre, vimos à direita as montanhas pouco altas que se chamam **Serra da Pedra Branca. E, disseram-me, mais ou menos no pé dessa montanha a algumas léguas da Fortaleza, que está situada a vila de Tibagi, cujo nome é de um rio próximo. O medo dos índios tinha descido alguns colonos a se aproximarem uns dos outros, e assim se formou a vila do Tibagi.** Na época em que eu viajava, ela dependia, assim como Fortaleza, da paroquia de Castro, afastada mais ou menos 10 léguas; nesses últimos tempos, fizeram lá uma paroquia aparte.			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 – 8º aniversário – Edição de hoje: 44 páginas – Ano VIII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº396 Página: 12 – segundo caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16319 Título: Cidade Nova Autor: Observações: há fotos.	**• SOCOMIN – A primeira indústria de Cidade Nova** A Serraria Socomin a mais antiga indústria de Cidade Nova – e também **é uma das primeiras em importâncias, concorre decisivamente para o progresso da cidade, dando serviço a várias dezenas de operários.** A serraria está instalada num terreno de quatro mil metros quadrados, aproximadamente, e é dispostas em diversos prédios. **O nome da serraria não dá bem a idéia da notável firma, que, na realidade, é composta de três fábricas:** Fábrica de caixas, fabrica de cabos de vassoura e fábrica de portas "Placarol", além de serraria propriamente dita, para o desdobramento da madeira. **Para ter-se uma idéia mais precisa basta salientar que a Serraria Socomin porrui uma verdadeira vila, de cem casas ou mais, destinadas a seus funcionários e operários.** O maior movimento Serraria Socomin é, indiscutivelmente, o da **fabrica de caixas, onde funcionam máquinas dos mais modernos tipos.** A produção dessa fabrica destina-se quase que exclusivamente para São Paulo. O maquinário mais importante, entretanto, acha-se na fabrica de portas "Placarol", que esta aparelhada com uma moderna maquina de fazer caracóis e com prensas de tipos diversos, além de lixadores, coladores, etc. O gerente da Serraria Socomin, e um dos sócios, é o sr. Alberto Bensron. A chefia do escritório esta a cargo do sr. Deraldo Vitor de Morais, também substituto eventual do gerente. É encarregado do serviço o sr. Gustavo Willi LOhse, que tem a ser favor largos anos de experiência de serrarias. Fazendo êste breve relato da Serraria Socomin, desejamo-lhes prosperidades crescentes. **• Aguas e Energia Eletrica** **A Vale do Tibagi Comércio e Indústria está construindo um segundo reservatório de água para abastecer a população. Êste reservatório terá a capacidade de 150 mil litros. A fonte de captação de água, entretanto, é a mesma e, pela abundância e excelencia, poderá fornecer a cidade com o precioso líquido por muitos anos.** **Mais de dez mil e quinhentos (10.500) metros de canos foram extendidos pelo centro da cidade e pelos bairros, formando assim uma apreciável parte da rede de água de Cidade Nova. É interessante notar que os trabalho da Vale do Tibagi, nesse particular, não param. A rede de água está continuamente sendo ampliada.** **De linhas elétricas Cidade Nova possui aproximadamente 16.00 (dezesseis mil) metros.** **• Cia. Agro Mercantil Paranaense Orgulho do Comércio de Cidade Nova** **A Cia. Agro Marcantil Paranaense é a firma comercial mais forte de Cidade Nova. Comercia por atacado e a varejo e não só nesta praça, como também em tôdas as localidades vizinhas.** Está instalada aqui há pouco mais de um ano e possui duas lojas: a de peças e acessórios para automóveis e caminhões de tôdas as marcas e a loja de artigos domésticos em geral. Além disso, uma oficina mecânica e um pôsto de gazolina, com seções de lubrificação, lavagem, vendas de peças, etc. A loja de peças está situada na Avenida E, próxima aos Escritórios da Vale do Tibagi Comércio e Indústria. Aí há um notável estoque de tudo que se refira a caminhões e automóveis das mais	Relação com os principais empreendimentos em Cidade Nova e as melhorias que estão sendo realizadas no local	Cidade Nova e seu desenvolvimento	Desenvolcimento industrial;

	diferentes marcas. A seção de tintas para automóveis e para outros fins fica anexa, bem como o escritório geral. Na Avenida Apucarana estão a loja de artigos domésticos, a oficina mecânica e o pôsto (Pôsto São Jorge). Artigos domésticos: Geladeiras, fogões a gás, máquinas de costura e de lavar roupa, rádios, radiolas, enceradeiras, liquidificadores, batedeiras, de alumínio, louças em geral, artigos para enfeite, material elétrico, colchões de mola, móveis estofados, etc. São diretores da Agro Mercantil: sr. H. George Hoppensted, diretor presidente; sr. Carlos Leisner, director superintendente. O gerente é o sr. Manoel Teixeira Martins. Escritório: Srs. Nelson Tupiná, Aldrovando Anderson e srta. Marina Dal Coll. Encarregado da Seção de peças, sr. Armando Teixeira Martins. Relação dos demais empregados: João Cardoso, Messias Domingues Guerreiro, sra. Maria Madalena Pinheiro, Nelson Machado, Otávio Fragoso, Alceu Scheiffer, Enio Febraro (encarregado Oficina Mecânica), João Pedro Dominato, Hélio Tonucci, Lauro Soares Fragoso, Roldão de Oliveira Mello, Waldomiro Kutchoeski, Herminio Medeiros, Carlos Severino, Adelar Matos Anderson e Alberto Bandiff. A Agro Mercantil Paranaense é, sem dúvida alguma, o orgulho do comércio de Cidade Nova. • Construções Municipais **A Prefeitura Municipal de Tibagi fará três importantes construções em Cidade Nova. Tais construções vêm favorecer diretamente a população cidadenovense.** -**Grupo Escolar Municipal**: nas imediações da Serraria Socomin será construído um grupo escolar municipal, com quatro classes. A medida virá beneficiar enormemente as crianças daquele grande bairro. -**Cemitério**: também já foi escolhido o terreno para o Cemitério de Cidade Nova e as obras necessárias já estão sendo atacadas. - **Matadouro**: a terceira ogra a ser construida pelo Municipio é o Matadouro Municipal, que ficará às margens da estrada velha que liga Cidade Nova com a Estratégica. • Cinturão Verde as vendas das chácaras próximas da cidade iniciaram-se em 1954, há dois anos, pois. **Mas não conhecera bem o progresso da cidade quem não souber do que se faz essa parte, no chamado "Cinturão Verde". As terras são excelentes e estão produzindo tôda espécie de cereais.** Milho feijão, batatinha e verduras, o que se plantou mais inicialmente, [ilegível] loteamento proporcionaram colheitas surpreendentes. E tanto foi o interesse para a aquisição dessas chácaras que já não há mais terreno disponível nesse predestinado à lavoura. Muitos criadores de suínos, principalmente, estão estabelecidos nessa região, por causa da facilidade do transporte e do alimento às criações (milho, batata, aipim) colhido nas mesmas terras.			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 – 8º aniversário – Edição de hoje: 44 páginas – Ano VIII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº396 Página: CAPA – segundo caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16279 Título: Cidade Nova Autor: Observações: imagem de Horácio Klabin com a seguinte legenda: **"Dr. Horácio Klabin, o pioneiro de Cidade Nova"**	**É verdadeiramente impressionante o crescimento de Cidade Nova. Com apenas quatro anos de existência, já vê ficarem pra trás muitas e muitas cidades.** Aliás, êste fenômeno no Paraná não é raro. Pelo contrário, estão aqui e ali exemplos de cidade que nasceram como por encanto da noite para o dia Cidade Nova é assim. Os que conheceram esta região anteriormente a 1952, custarão a acreditar no que estão vendo agora. O TIBAGI em sua tarefa de propagar tudo que é nosso e como uma homenagem, dedica êste caderno inteiramente a Cidade Nova e seus habitantes. Aqui os leitores encontrarão fato noticiário, interessantes dados estatísticos e **ficarão sabendo de outras tantas cousas com que Cidade Nova será enriquecida em futuro próximo.** **• Bondinhos elétricos, aéreos, uma aspiração que se torna realidade** **Os bondinhos elétricos, aéreos, virão resolver, de vez, o problema do transporte entre Cidade Nova e Harmonia.** A grata noticia que temos a dar é a de que os trabalhos preliminares serão iniciados dentro de muito pouco tempo. A principal preocupação, no momento, são os trabalho dessa importante construção. **Os bondinhos aéreos sôbre o rio Tibagi serão os únicos no gênero em todo o Brasil. Transportarão mil pessoas por hora e servirão também para transporte de carga.** • Comércio e Indústria **Os dados estatísticos revelam que Cidade Nova possui 52 Bares – 34 armazéns – 6 alfaiatarias – 6 barbearias – 4 oficinas mecânicas – 6 lojas de louças – 2 livrarias – 12 lojas de tecidos – 9 fábricas – 2 fotógrafos – 4 açougues – 4 ferrarias – 3 sapatarias – 10 hotéis (incluindo pensões) – 2 churrascarias – 2 padarias – 2 marcenarias – 1 farmácia – 1 pôsto médico – 1 grupo escolar – 1 tipografia – 2 cinemas – 2 torrefações – 1 banco, etc. além disso, Cidade Nova possui 4 igrejas e mais de mil casas residenciais, das quais grande parte de material.** • Habitantes **Baseando-nos pelo último recenseamento – que é feito semestralmente pela Vale do Tibagi Comércio e Indústria – podemos assegurar que Cidade Nova possui atualmente perto de cinco mil habitantes. Isto levando-se em conta a existência de apenas quatro anos da cidade, não deixa de ser bastante lisonjeiro. Deve-se considerar ainda que Cidade Nova está ligada à Monte Alegre, um núcleo de vinte mil almas aproximadamente, junto a maior Fábrica de Papel da América do Sul.** • Iniciadas as obras preliminares do Estádio de Cidade Nova **Como, aliás, já se previa na planta de Cidade Nova, estão em andamento os trabalho para a construção do Estádio.** O Estádio em apreço não se destinará sòmente a futebol, mas a quase tôdas as modalidades de esportes. Presentemente fazem-se os trabalho de terraplanagem e em seguida serão atacadas as outras obras necessárias. O Estádio de Cidade Nova fica ligado com o núcleo operário de que falamos acima [abaixo]. • Novo Núcleo Residencial de 200 Casas **Mais um núcleo residencial para operários será atacado dentro destes próximos meses. Trata-se de um núcleo de duzentas casas, que se destinarão exclusivamente para operários**. Para tanto, já há adiantados entendimentos com a Fundação da Casa Própria. Êste bairro será localizado na parte sul da cidade, além da construção dos padres Redentoristas. O local, aliás,	Principais empreencimentos em Cidade Nova e as melhorias que estão sendo realizadas no local	Cidade Nova e seu desenvolvimento	Auto valorização

	conforme tivemos oportunidade de verificar, é excelente. **O bairro, além da importância, pela finalidade a que se destina, virá contribuir para a expansão e embelezamento da cidade.**			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 – 8º aniversário – Edição de hoje: 44 páginas – Ano VIII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº396 Página: 04 Número da fotografia inicial da matéria: SDC16216 Título: Dr. Horácio Klabin e Pericles Pacheco da Silva, pedestais da tradição alvi-negra – A "Pantera Negra" Campeã Paranaense de 1955 Autor: Observações:	O Clube Atlético Monte Alegre fundado em 1º de maio de 1946 tem sido desde Rafael de Abreu até Péricles Pacheco da Silva um clube pontilhado de conquistas, **elevando ao ápice da gloria o nome de Monte Alegre** no cenário esportivo do Estado. **Tudo ou quasi tudo deve-se ao seu querido patrono Dr. Horácio Klabin, um esportista que nunca mediu esforços o sentido de ver projetado o nome do C.A.M.A como uma da maiores falanges paranaenses do pebol bretão. O patrono do Clube, o incentivador do alvi-negro em suas jornadas teve em 1955 a alegria de ver culminando seu idealismo com a conquista do cetro maximo paranaense. O esforço e a abnegação do Dr. Horácio Klabi tornaram-se legendários dentro do Clube como uma marca de glorias e conquistas. Não se pode igualmente deixar de destacar o dinamismo e a dedicação do grande Presidente Péricles Pacheco da Silva que sob direção do grêmio de Harmonia traçou diretrizes de engrandecimento, merecendo assim os mesmos louvores. O grande presidente Péricles Pacheco da Silva, dotado de grandes virtudes e tino administrativo, tem sido de uma dedicação a toda a prova, labutando incansavelmente em prol da sobrevivência e projeção do querido C.A Monte Alegre.** Nesse ba(?) quotidiano tem encontrado nos membros da atual diretoria todo o integral apoio o que o incentiva à luta pelos caminhos tortuosos do esporte. Fases da vida alvi-negra: **Em 15 de Novembro de 1950, foi inaugurada a sede do C.A. Monte Alegre, tributando a família alvi-negra grandes homenagens ao seu querido patrono.** [data de aniversário de Horácio Klabin] **Em 10 de Abril de 1956 foi inaugurado o Estadio do CAMA que mais tarde recebeu o nome de "Horácio Klabin"**. Nesse magnífico espetáculo de inauguração, preliaram(?) as equipes do Corinthians Paulista e C. Atletico Paranaense ao qual chegaram ao seu final com o justo empate de 2 tentos. Abrindo o grandioso espetáculo de inauguração do Estadio, realizou-se um torneio relâmpago entre os fortes conjuntos amadores do CAMA, A.A Matarazzo de Jaguariaiva, S.C. Corintians de Pirai do Sul e Guarani de Arapoti. Ao final do torneio sagrou-se Campeão o C.A. Monte Alegre, ficando de posse do troféu "O Tibagi" instituído por este orgão. O CAMA alinhou com a seguinte equipe: Amarú; Augusto e Boca; Pelota, Batista e Matias; Zezé, Eloy, Ary Paulista e Freire. Em 12 de março de 1951 o Clube Atlético Monte Alegre ingressava no Campeonato Extra de Profissionais da Federação Paranaense de Futebol, exultando todos com a sensacional notícia. APÓS 5 ANOS DE LUTA O TITULO AMBIONADO CAMPEÃO PARANAENSE Após 5 anos de profissionalismo venceu o CAMA pela primeira vez o ambicionado título de Campeão Paranaense de Futebol de 1955 sendo este o primeiro título conquistado por uma equipe do interior.	Exaltação à Horácio Klabin por seus feitos em relação ao Clube Atlético Monte Alegre	Gratidão à Horácio Klabin	Personalidades Ilustres

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 – 8º aniversário – Edição de hoje: 44 páginas – Ano VIII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº396 Página: 14 – primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16264 Título: Harmonia Clube Autor: Observações: foto aérea – legenda: vista area [sic] do Harmonia Clube. As áereas [sic] abertas são dos quadros [sic] de tenis, vôlei e basquete. Cerrado, o eucaliptal contorna os caminhos.	Diretoria (1956-1958): Presidente: Francisco Riederer; Vice-presidente: João Teixeira Mendonça; Orador: Karl Zappert; Secretário: Arnaldo Pucci; Tesoureiro: Ruy Sapaio; Diretor Social: Cristovão Jesierski; Diretor Esportivo: João Slys. O CLUBE À margem direita do rio Harmonia, na ponta da pequena península que avança em direção à Reprêsa, fica **o casarão acolhedor do Harmonia Clube.** **Casarão é uma palavra modesta para a séde em estilo de chalé suíço**, cujos largos janelões envidraçados olham para as águas remansosas do rio. Do terraço ladrilhado em côres e limitado por uma balaustrada de pedra, vê-se o amplo gramado do bosque e, pouco além, corrimões pintados de azul e amarelo da piscina flutuante, cuja lona branca alveja ao sol. Na faixa que se alonga em direção do ístmo, entre os densos eucaliptais, abrem-se as áreas limpas dos campos de esporte. E quasi à beira dágua, entre os canteiros de margaridas e amores-perfeitos, o pavilhão de boliche, com seu teto prateado. Entre os caminhos saibrosos, encontram-se recantos a jardinados e, dentro o arvoredo, já sombra e serenidade. **Os homens que labutam na Fábrica e nos escritórios, como funcionários das IKPC, encontram no Harmonia Clube o repouso, a paz e a distração que tanto carecem.** **VIDA SOCIAL** **A vida social no Harmonia Clube, consta da convivência duma grande família. Seus duzentos e poucos sócios frequentam-no assiduamente, encontrando em suas dependências confortáveis a acolhida de um segundo lar.** **No Clube reúnem-se todos para descansar do trabalho diário, trocar idéias, fazer planos, projetar viagens e passeios ou entreter-se num bate-papo.** **E à sombra das árvores, na área gramada que se fazem as reuniões sem-cerimônia**, nos quais cada um fica a seu cômodo, estirado na relva aparada ou estendido numa cadeira-preguiçosa. **Os apreciadores dos pic-nics estendem sôbre a grama improvisadas mesas para merendarem na sua turma alegre e bem humorada.** Problemas, canseiras, lutas... que fiquem para além dos portões da entrada. **Naturalmente, os bailes constituem a nota principal das reuniões sociais.** Nas "noites de boite" os sócios encontram o salão à meia-luz, fogo na lareira, se faz frio; a pista ladrilhada suavemente iluminada, se houver luar... Música selecionada e bom divertimento, no ambiente acolhedor. **Nos bailes do mês as senhoras exibem suas toaletes, os cavalheiros usam gravatas e o Harmonia Clube toma um ar de sociedade citadina.** Nos bailes de gala da Primavera e de S. Silvestre, a cousa muda de figura. Os vestidos compridos e os "smokings" dão novo aspeto às reuniões dansantes, traduzindo a elegância e a formalidade de todas as grandes festas a rigor. AS GRANDES DATAS. Há datas especiais, que o Harmonia Clube comemora à sua maneira sui-generis. A primeira delas é o Natal, que constitue um dia lindo, inteiramente dedicado às crianças. Não há dansas.	Práticas de lazer e festividades no Harmonia Clube	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Auto valorização;

	Às tarde reune-se no Clube toda a petizada à espera do Papae Noel. Êste vem por via fluvial, na lanchinha a motor. Desembarca no atracadouro do poente e sobe a encosta de saco às costas. **No salão, distribue um belo presente a cada filho de sócio.** **O carnaval** constitue a festa da mocidade, embora esta reine durante o ano inteiro, nas festas do Clube. Mas só a mocidade sustenta a frivolidade dinâmica do rei Mômo, ditador dos ritmos febricitantes. E durante quatro noites dansa-se no salão do clube, à cadência vibrante das cuicas e dos maracás. A **Festa da Páscoa** é das crianças também. O coelhinho, que anda à sôlta pelo eucaliptal, espalha ninhos com ovos de chocolate entre as touceiras de flôres. A meninada, em delírio, vai procurá los e não há cena mais encantadora do que aquela debardada pelo reivado, quando é dado o sinal de busca. O **São João** é festejado com excepcional alegria. Todos os anos, é transportado para o salão e o terraço do Clube o Arraial do tio Chico, que inclue a "furiosa", a sala do casamento e a inevitável dansa da quadrilha. Há outras datas queridas também: quando a turma de estudantes de fóra chega para as férias e traz pra o Clube a alegria de suas vozes juvenis e de seus risos contagiantes; ESPORTES **O tênis, o vôlei, o basquete, a natação e o boliche prediletos da familia do Harmonia Clube.** As duas quadras de tênis, todas as tardes, diversas duplas disputam a prioridade dos jogos. Do pavilhão do boliche vem, constantemente, o rumor das pesadas bolas a rolarem e do baque das garrafas derrubadas. No basquete, as turmas mais moças exercitam-se com entusiasmo. Mais é no vôlei que se concentra o grande movimento, quer dos quadros masculinos, quer dos femininos ou mixtos. Atualmente, as equipes femininas treinam com renovada animação e mantem-se invictas no torneios locais. A natação é o esporte de todos, desde o petiz que ensaia os passos na piscininha ladrilhada à vovó que compete com os netos. Os dias quente do estio estimularam a natação, que é o esporte preferido nesta quadra do ano. Enquanto a maioria se entrega de corpo e alma aos esportes mais movimentados, continua bem frequentado o ping-pong; o remo é praticado nas águas da reprêsa. E ainda há os circunspectos, de atenção presa ao taboleiro de xadrez... e os sonhadores, muitos quietos, entregues a seus devaneios e seus cismares... SEGUE COMO O CLUBE VAI NOS ESPORTES E UMA CRÔNICA QUE SE PASSA NO CLUBE			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 – 8º aniversário – Edição de hoje: 44 páginas – Ano VIII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº396 Página: 11 – primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16252 Título: Prata de Casa – História de Monte Alegre Autor: Dr. Karl Zappert Observações:	O ano de 1956 realmente passou voando. O Tibagí novamente comemora o seu aniversário, e outra vez chegou a hora do retrospecto. **Os últimos 12 meses em Monte Alegre, felizmente, constituiram uma época calma com progresso continuo, sem perturbações no rítmo de trabalho e desenvolvimento, tanto da Indústria como do Serviço Florestal e das atividades sociais e desportivas, quer dizer, da vida em Monte Alegre.** **Na própria fábrica iniciou-se um grande aumento na fábrica de Celulose Sulfato, como também a instalação de um novo processo chamado Pasta Chemi-Mecânica. Êste processo só existe, em funcionamento, em duas outras fábricas no mundo inteiro.** A instalação que deverá ficar pronta no primeiro trimestre de 1957, será a única em seu gênero. Espera-se também que a nova fábrica Sulfato entre em funcionamento no primeiro semestre de 1957, aumentando dêste modo, consideràvelmente, a produção desta espécie de celulose em nossa fábrica. Aliás, falando de produção da fábrica, **deve-se mencionar que a produção mensal total está aumentando de mês para mês.** Há um ano atrás, uma produção de 250 toneladas diárias era considerada satisfatória; entretanto, em 1956 a fábrica alcançou e ultrapassou, várias vezes, uma produção total de 300 tons. diárias. Êste aumento gradativo de produção foi conseguido graças a certos melhoramentos técnicos em tôdas as Seções, e **devido também a sempre eficaz colaboração de todos os empregados das I.K.P.C., que se dedicam com fervor às suas tarefas.** **Na parte do Serviço Florestal, o ritmo continuou como sempre**, tanto na produção de madeira e lenha como também no reflorestamento. No ano em curso foram plantados 2.500 hectares com 15.000.000 de pinheiros, e 700 hectares com 1.700.000 eucalíptos, além de outras espécies de madeira, cujas plantações ainda estão em estado experimental. O aproveitamento de madeira folhosa melhorou também de mês para mês, sendo que os estudos feitos em nossa indústria, bem como os êxitos alcançados com esta espécie de madeira, para o seu aproveitamento na fabricação de celulose e papel, estão sendo discutidos em todos os paises onde êstes produtos são fabricados. O Serviço Florestal lutou, nos últimos meses, com um novo problema. Devido das demoradas chuvas que caíram sôbre a região, entre os meses de abril e junho, as estradas que ligam Monte Alegre com as regiões distantes, onde se processam as derrubadas, como por exemplo Serra dos Mulatos e Rio Branco, não permitiram o trânsito de caminhões durante várias semanas, de modo que o abastecimento a fábrica com madeira sofreu, temporariàmente, sendo que **apenas a dedicação especial dos motoristas do transporte de lasca e lenha**, juntamente com a previsão anterior de acumular um estoque bem grande de madeira perto da fábrica, asseguraram o rítmo ininterrupto da produção. Estas dificuldades atuais não surgirão mais no futuro, quando as árvores das plantações nos arredores da fábrica crescerem e puderem garantir o amplo abastecimento de madeira par a indústria, em qualquer condição de tempo. **O problema de transporte, tanto de matéria prima como também dos produtos fabricados, melhorará consideravelmente dentro de poucos meses** quando o ramal da Estrada de Ferro, que agora funciona ainda até a Estação de Olaria, chegar até a própria fábrica em Monte Alegre. Os trilhos já chegaram dentro da fábrica, a locomotiva da R.V.P.S.C. com alguns vagões plataformas vem diariamente até a fábrica buscar dormentes e lastros para terminar o leito da Estrada de Ferro. **Esta locomotiva, que o povo de Monte Alegre chama amigavelmente de "Maria Fumaça", é sempre recebida com grande alegria e como um símbolo do progresso.** É	Desenvolvimento industrial local	Desenvolvimento industrial	Auto valorização; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; Cidade Nova e seu desenvolvimento; Relacionamento e vivência em Monte Alegre;

bem possível que até o fim do ano em curso os primeiro vagões carregados dentro da fábrica sigam diretamente de Monte Alegre para São Paulo ou Curitiba.

Um outro serviço bastante ampliado no ano de 1956 foi o serviço de Mineração de Carvão. Diariamente trafegam os grandes caminhões basculantes entre a Mina de Carvão e a fábrica, sendo que uma parte do carvão extraído da mina está sendo vendido como combustível para as locomotivas da R.V.P.S.C. o contínuo progresso da mineração de carvão causou que, os técnicos da fábrica, estão planejando para o futuro a instalação de uma grande caldeira tendo carvão como combustível, economizando desta maneira a madeira que poderá ser transformada em celulose.

O Departamento de Agronomia também deu um grande passo para a frente, com as plantações de arroz e outros cereais, que alcançaram em 1956 uma área de 3000 hectares. Infelizmente as chuvas de abril e maio prejudicaram seriamente a colheita de cereais, de modo que os grande depósitos que foram construídos para armazenar toneladas e toneladas de arroz e feijão, não chegaram a encher-se com a própria produção do Departamento de Agronomia; entretanto um ano perdido não deve ser motivo para desesperanças. Êste ano mais arroz, feijão e outros cereais estão sendo plantados, na grande área reservada para a Agronomia, e fazemos votos para que o tempo desta vez permita uma colheita grande, coroando os esforços incessantes do Departamento de Agronomia.

A parte dos acontecimentos esportivos de Monte Alegre conseguiu em 1955 um êxito que vai ser lembrado sempre nos anais esportivos do nosso Estado. O C.A.M.A. pela primeira vez, sagrou-se vencedor do Campeonato Paranaense de Futebol, sendo que êste feito foi registrado com júbilo, não só pela população de Monte Alegre como também por todos os amigos que êste simpático Clube tem em todo o Brasil. Fazemos votos para que os futebolistas do C.A.M.A. continuem na liderança, merecendo êste sucesso graças ao seu bom espírito de camaradagem esportiva.

Além do CAMA os outros Clubes esportivos de futebol sempre mantiveram em forma e, cada domingo, há interessantes jogos entre estes Clubes, em competições amistosas em prol dêste grande esporte que é o futebol.

O Harmonia Clube também pode registrar um ano de pleno sucesso. Tanto as reuniões sociais como as competições esportivas, sempre foram muito bem frequentadas. **O esporte do BOLICHE, que é novo aqui em Monte Alegre, alcançou um grande sucesso.** As turmas de voley, basket-ball e boliche visitaram Clubes nas Cidades visinhas, recebendo também visitas destes Clubes. Embora as nossas equipes não tenham sempre saido vencedoras, nas competições em outras canchas, ajudaram a transmitir a amizade esportiva às outras cidades do Estado e até fóra dêste.

Sôbre as atividades do Lions Clube, O Tibagi publicará um retrospecto especial. **O Lions Clube teve um ano bastante movimentado, com muitas realizações em Monte alegre, especialmente o bonito Parque Infantil. Tais realizações foram aplaudidas por tôda a população.**

As escolas em Monte Alegre ficam, cada ano, mais movimentadas. No Grupo Escolar, em Harmonia, tornou-se necessário instalar novas classes para acomodar tôda a criançada. No ao letivo de 1956 o numero de crianças matriculadas no Grupo Escolar alcançou a 1000; além disso continuam as escolas em Lagoa, Mauá, Pedreira e nas várias Guarda-Morias Florestais.

O Jardim de Infancia em Harmonia, conta com 180 alunos sendo que êste ano foi também instalado um novo Jardim de Infância em Lagoa.

	A Escola Comercial Getúlio Vargas agora já tem duas classes, e o número de alunos frequentando esta Escola está aumentando cada ano. **Os Serviços Médico e de Assistência Social continam com o mesmo ritmo dos anos anteriores. Foram instalados dois Postos de Puericultura Estaduais, em Harmonia e Lagoa; além disso duas créches para as crianças pequenas também foram instaladas nestas mesmas localidades. Continua também o fornecimento de exovais para os recem-nascidos,** filhos de famílias de poucos recursos, continuando também a distribuição de presente, por ocasião das festas de Natal. **O Papae Noel, em Monte Alegre, distribuiu em 1955 presente para 6300 crianças, sendo que este ano o numero ainda aumentará.** Não posso terminar o retrospecto do desenvolvimento em 1956, sem lembrar também **a evolução da Cidade Nova, que agora já tem 900 casas. As casas anteriormente construídas são sempre melhoradas pelos seus donos, especialmente na Avenida Apucarana,** que sem dúvida é a via principal daquela **Cidade**, **está agora ladeada sòmente de casas com frente de material, melhorando desta forma o aspecto desta nova via**. T**ambém foram construídos novos prédios na área residencial, perto do Rio Tibagi. As pequenas industrias existentes na Cidade Nova aumentaram gradativamente a sua capacidade. E o rítmo de desenvolvimento em Monte Alegre continua.** Fazemos votos para que no próximo aniversário de O Tibagi possamos contar sobre mais desenvolvimentos, tanto na parte industrial como também social, para o bem de toda a população de nossa região. A “O Tibagi” as mais sinceras felicitações pelo seu serviço eficaz de jornalismo, desde o seu último aniversário, e os melhores votos para o próximo ano de seus prestimosos serviços.			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 – 8º aniversário – Edição de hoje: 44 páginas – Ano VIII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº396 Página: 16 Número da fotografia inicial da matéria: SDC16273 Título: Sr. Cacildo Batista de Arpelau Autor: Observações: há foto	**Sr. Cacildo Batista de Arpeulau, Sub-Diretor dêste jornal. Além do Alto cargo de Chefe da Seção do Pessoal das I.K.P.C. – S.A, é zeloso Sub-Delegado de Polícia de Monte Alegre, funções que vem desempenhando com geral agrado.**	Nota sobre Cacildo Batista de Arpelau	Personalidades ilustres	
O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 – 8º aniversário – Edição de hoje: 44 páginas – Ano VIII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº396 Página: 16 Número da fotografia inicial da matéria: SDC16275 Título: Sr. Péricles Pacheco da Silva Autor: Observações: há foto	**Sr. Péricles Pacheco da Silva, superintendente da Rádio Sociedade Monte Alegre Ltda. e membro destacado da Diretoria das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A.** Sr. Péricles possui o honroso título de **Presidente do glorioso Clube Atlético Monte Alegre**. Realmente, a conquista de título de Campeão Paranaense de 1955 pelo CAMA foi, não há negar, uma vitória da fibra, do seu amor as côres alvinegras e da consciência das responsabilidades que pesam sôbre seus ombros.	Nota sobre Péricles Pacheco da Silva	Personalidades ilustres	

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de novembro de 1956 – 8º aniversário – Edição de hoje: 44 páginas – Ano VIII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº396 Página: CAPA – terceiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16325 Título: Traços Biográficos Dr. Karl Zappert Autor: João Marenda Observações: Imagem de Karl Zappert com a seguinte legenda: "Sr. Karl Zappert, Diretor Técnico da Fábrica das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A."	Naquele dia, 16 de março de 1902, havia festa no lar dos Zappert, em Viena. Os amigos vieram dar os parabéns ao Dr. Julius e a D. Cornélia, que se mostravam radiantes com a vinda ao mundo do filho varão da família. O menino chamou-se Karl, e juntamente com duas irmãs, tornou-se o enlevo daquele casal. Êle, médico, professor de Pediatria na Universidade de Viena, homem cheio de preocupações; ela, mãe zelosa, encarregada da educação dos filhos. Karl cresceu entre muitos amigos, e nesse ambiente agitado de cidade grande. A profissão do Dr. Julius, por outro lado, tornava a vida cotidiana da família ainda mais movimentada. Eis por que o verão sempre era aguardado. Nessa época, segundo um costume tradicional, a família saía para viagens de recreio. Êsse costume só foi interrompido em 1914, com o início da 1ª Guerra Mundial. Atingida a idade escolar, Karl iniciou os estudos. Aos 14 anos, ingressou no Movimento Escoteiro, no que se dedicou por quase dez anos. E se outras vantagens não lhe tivesse proporcionado o Escoteirismo, teria valia a pena sòmente pelo número de amigos encontrados nesse tempo, os quais hoje estão espalhados pelo mundo inteiro. O ano de 1925 foi dos mais importantes na vida do jovem Karl. Concluindo os estudos secundários, completou nesse ano os superiores na Universidade Técnica de Viena, diplomando-se em Engenharia. Havia terminado a época dos estudos e agora viria uma outra fase, a de utilizar aqueles conhecimentos adquiridos nos longos anos de estudante aplicado e cônscio de seus deveres. Nesse mesmo ano – 1925 – iniciou suas atividades, como Engenheiro, nas indústrias de Papel e Celulose. De 1925 a 1926 trabalhou na Fábrica de Máquinas J.M. Voitt; de 26 a 29 Fábrica de Papel e Celulose "STEYRERMUHL"; de 1929 a 1938, Fábrica de papel "Ortmann". As fábricas mencionadas estão localizadas tôdas na Áustria. Em 1938 um acontecimento viria influir na vida de seu país e no prório destino do Dr. Karl Zappert: a invasão da Áustria pelas forças de Hitler. Com o coração verdadeiramente dilacerado, teve de abandonar a terra natal. O país escolhido, inicialmente, foi a Inglaterra. Essa viagem para o estrangeiro, em tão trágicas circunstâncias, constituiu, sem dúvida, a maior emoção de sua vida. Antes disso, porém, um outro acontecimento, sumamente importante na vida de qualquer pessoa: o casamento. A data de 31 de maio de 1931 assinala o casamento do Dr. Karl Zappert com D. Hilde Zappert née (?) Singer, em Viena. Na Inglaterra, a família Zappert permaneceu até 1941. Aí Dr. Karl trabalhou na Fábrica Capseals, emprestando ainda sua colaboração a diversas fábricas de papel, como consultor técnico, de 1939 a 1941, fazendo ainda, nessa mesmo época, um serviço semi-militar na defesa contra ataques aéreos. Estava-se em plena guerra e as cidades inglesas eram alvos dos bombardeios inimigos. Na Áustria, Dr. Zappert não chegou a fazer, serviço militar regular, isto porque quando atingiu a idade, em 1918, a 1ª Guerra havia terminado e o exército austríaco fôra dissolvido. Em 1941, atendendo a um convite que lhe foi feito pela Firma Klabin Irmãos e Cia. para colaborar no projeto e na execução do planejamento da Fábrica de Monte Alegre, Dr Zappert, juntamente com a família transferiu-se da Inglaterra para o Brasil, aqui chegando no dia 6 de agosto daquele ano. Após uma permanência de três semanas em São Paulo, seguiu para o Paraná, diretamente a Monte Alegre. Dr. Zappert é naturalizado brasileiro. O ato de declaração de brasileiro realizou-se em 1951 em	Biografia de Karl Zappert	Personalidades ilustres	Menções à cidade e Tibagi; Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre;

	sessão solene no **Forum de Tibagi**, sessão essa presidida pelo saudoso Dr. Lauro Nery de Canto, então Juiz de Direito da Comarca, e que sempre votara especial admiração à pessoa do nosso biografado. Como Consultor especializado no ramo da indústria de papel e celulose, onde, como vimos acima, sempre desempenhou suas atividades, Dr. Zappert ainda tomou parte em vários Congressos internacionais de Técnicos dessa indústria, na Europa, Brasil e Argentina, tendo ainda muitas e muitas e vezes colaborando com artigos em livros e publicações especializadas. Dr. Karl Zappert é poliglota: fala português, alemão, inglês, francês e dinamarquês. Conhece uma grande parte do mundo, tento visitado, entre outros, os seguintes paises: Inglaterra, França, Suíça, Italia, Espanha, Portugal, Alemanha, Checoslovaquia, Hungria, Iugoslavia, Grécia, Dinamarca, Suecia, Estados Unidos e Argentina. Dando impressões sôbre alguns dos países por êle visitados, acha Dr. Zappert que os mais bonitos são a Áustria, sua terra natal, e a Italia. Os paises de mais alto padrão de vida, todos os escandinavos principalmente a Dinamarca, onde o povo é culto, alegre e feliz. Na Inglaterra vive o povo mais calmo e ordeiro da Europa. Estados Unidos, o pais mais avançado do mundo, e, consequentemente, o mais rico. Seu povo, entretanto, não é dos mais felizes, - mesmo porque nem sempre a riqueza traz felicidade – e vive como que numa inquietude permanente. Pelas respostas a outras perguntas que lhe fizemos, ficamos sabendo que Dr. Zappert não é músico, mas o violeiro é o instrumento de sua predileção; sôbre gêneros de música, prefere o classico e gosta de folclórico de todos os paises; Beethoven, Mozart e Johan Straus, os compositores célebres que admira; prefere os esportes aquáticos, nomeadamente a natação; ama a natureza silvestre: passeios pelos campos, montanhas e florestas; sua opinião sôbre as mulheres: "sem elas o mundo não vive"! que vale a pena viver; crê em Deus; sua religião é a Israelita; sôbre o destino da humanidade: só estará caminhando com segurança para o futuro se os novos inventos, em poder de várias nações, forem empregados para fins pacíficos, e isto dependerá da força intelectual de todos, homens e mulheres, do século XX. Dr. Zapper [sic] pretende ainda fazer muitas viagens aos paises da Europa e das Américas, "afim de conhecer bem o mundo". E também **continuar trabalhando em prol da industrialização do Brasil, nomeadamente para o desenvolvimento de Monte Alegre.** E, agora, para terminar, mais umas linhas dedicadas a duas pessoas, sem o que, com certeza, êstes traços biográficos não estiam completos nem para nós nem para o nosso biografado. Referimo-nos a D. Hilde, sua esposa, a companheira de todas as horas, numa longa jornada de mais de 25 anos. A outra pessoa é a srta. Mariane, a filha. Sem elas, esposa e filha, antes de influencias tão marcantes na vida de qualquer individuo, não poderiamos ter a certeza de que Dr. Zappert seria o que é hoje. **E se estas despretensiosas linhas servirem para tornar Dr. Karl Zappert ainda mais conhecido de todos nós, montealegrenses, principalmente, damo-nos por muito bem recompensados.** NO QUADRO COM A FOTOGRAFIA – já citada a legenda no campo "observações" – HÁ O SEGUINTE TEXTO: **Peça importante em Monte Alegre, tão importante como as próprias máquinas de papel, é o dr. Karl Zappert.** **Diretor Técnico da Fábrica, sôbre seus ombros pesa uma grande parte da vida de Monte**			

	Alegre, cuja razão única de existir é devido a êsse colosso de organização, que são as Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A. **Todos nós conhecemos Dr. Zappert. Sabemos da sua bondade, do seu espírito de justiça, do seu cavalheirismo, da sua alta capacidade, do seu valor, enfim. Mas, êle, por outro lado, também, conhece a todos nós. Sabe, de-cor, os nossos nomes. Interessa-se pela vida de cada um. Com zêlo e carinho paternais. E porque nós somos tantos e êle um só, eis o interessante de êle nos conhecer assim tão bem. Em nós há a obrigação de conhece-lo; nele revela-se aquêle espírito fino dos homens trabalhados para missões elevadas na vida.** Eis porque êstes ligeiros Traços Biográficos representam, antes de mais nada, **um preito de reconhecimento que todos nós, montealegrenses, lhe tributamos.**			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: Capa – segundo caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16579 Título: Cidade Nova – A Cidade que Cresce Autor: Observações: fotografia aérea (e colorida/vermelha) de Cidade Nova	Cidade Nova é uma cidade de cinco anos apenas. Os poucos moradores que aqui viviam na margem esquerda do Tibagi, antes de 1952, para alcançar Harmonia (Monte Alegre) utilizavam-se de canoas na travessia do rio. Logo veio a **balsa**, e pouco tempo depois a grande **ponte de cimento armado**. E agora para facilitar mais o transporte, virão os **bondinhos** aéreos, como explicamos pormenorizadamente em outro loca. **Quase inacreditável que um lugar possa sofrer tamanha modificação e experimentar tamanho progresso em tão poucos anos.** **Com efeito, hoje Cidade Nova oferece todo o confôrto e possui tudo o que de julga essencial numa cidade. Para citar apenas alguns dados estatísticos, Cidade Nova tem: 52 armazéns e bares, 8 lojas de louças, 4 lojas de ferragens, 18 lojas de tecidos, 3 lojas de calçados, 6 açougues, 2 padarias, 10 hotéis e pensões, destacando-se o hotel Central e o hotel Dal-Col, ês último com grande capacidade e dotado de todos os requisitos. Mais: 7 igrejas, Bancos, 3 clubes, 2 farmácias, médicos, dentistas, 2 cinemas, (umcinemascope e moderníssimo), 1 matadouro, 2 fábricas de bebidas, telefones, luz elétrica, tipografia, oficinas mecânicas, marcenarias, fábricas diversas, serrarias, grupos escolares, ginásio, etc.** Nas páginas dêste caderno procuraremos dar uma idéia aos leitores sôbre Cidade Nova. **E o que não disserem nossas palavras, melhor dirão as fotos que estamos publicando.** "O Tibagi" sente-se orgulhoso em apresentar êste caderno inteiramente dedicado a Cidade Nova, porque com isto cumpre o seu dever de divulgar tudo que é nosso e de, por outro lado, homenagear o comércio, a indústria, a vida enfim, e os habitantes desta **assombrosamente progressista cidade.** **Porque Cidade Nova é**, prezados leitores, **a cidade que cresce.**	Exaltação ao rápido desenvolvimento de Cidade Nova e seus principais empreendimentos	Cidade Nova e seu desenvolvimento	

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: 06 – primeiro carderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16415 Título: Clube Atlético Monte Alegre – Atividades Sociais – Trabalho de uma diretoria Autor: Mágico Observações:	**Inegavelmente vem o Clube Atlético Monte Alegre desfrutando de alto conceito social, quer internamente como nos municípios vizinhos, pela marcante personalidade com que se tem revelado nos bastidores socais. A sua fama, a sua galhardia e a sua organização** têm tido acolhida mesmo fora dos seus limites, mercê de um **trabalho profícuo de sua digníssima Diretoria que, desinteressada, visando um único objetivo: o de sempre elevar o nome glorioso do simpático Clube** da Avenida Brasil, grangeou assim maior número de sócios, e **suas atividades sociais, como não poderia deixar de ser, tiveram o merecido reflexo lá fora**. Sua Diretoria atual, composta de homens de elevada envergadura e afeitos aos trabalho de que necessita o Clube, souberam conduzir com acerto e absoluta segurança, os destinos sociais nestes últimos doze meses de atividades. Com a paralização temporária do futebol profissional, aumentou consideravelmente a missão de cada Diretor no terreno social. Coube então, ao **dinâmico presidente Pericles Pacheco da Silva**, coadjuvado pelo seu Diretor Social, Sr Martins Perez, intensificar as atividades sociais do Clube, o que proporcionou ao seu vasto quadro social melhores diversões, que marcaram época. A folha de serviços desempenhados pelo Clube Atlético Monte Alegre é bastante longa. Precisaríamos de muito espaço para escrevê la. Registramos com prazer os grandes acontecimentos sociais que se desenrolaram neste ano que ora se finda, dentre os quais a grande festa de aniversário de 11 de maio, que marcou 11 anos de feliz existência do clube. **Foi realmente um acontecimento digno dos maior encômios, fruto exclusivo do trabalho de um diretoria inteligente, desvelada, que, efetivamente, não poupa esforços no sentido de trabalhar. Sabiamente presidida pelo sr. Péricles Pacheco da Silva**, cabe igualmente um destaque especial aos demais membros, que com suas aptidões souberam conduzir os trabalho num ritmo crescente, **em benefício da família montealegrense.** Efetivamente o Presidente Péricles conta atualmente com a estreita colaboração dos srs. Leônidas Garcia Rodrigues, Vice-Presidente; José Svieski, 1º secretário; Delord de Souza Monteiro, 2º dito: Olavo Batista de Arpelau, 1º tesoureiro: Oscar Sotro Maior, 2º dito. Martins Perez – Diretor Social: Guilherme de Souza, Diretor de Esportes. Todos embuidos das suas árduas tarefas e elevando o glorioso nome do Clube Atlético Monte Alegre no lugar de destaque que ora ocupa. ATIVIDADE SOCIAIS RETROSPECTO Como frisamos, as atividades sociais do CAMA, se desenrolaram de uma maneira satisfatória, por assim dizer. Inicialmente devemos dizer que a vida social do clube, tomou grande impulso com a eleição do sr. Martins Peres para a Direção Social. Merecem destaque especial os trabalho desenvolvidos pelo sr. Perez, nesse setor, convenhamos que, embora tenha recebido do sr. Francisco Paulino o espinho encargo em boas condições, onde o sr. Paulino demonstrara grande capacidade de trabalho, houve, como é natural, certas restrições na organização. Teve o novo Diretor Social um trabalho estafante de remodelar certos setores; mas com sua habilidade foi aos poucos tomando pulso e com o valioso apôio incondicional que lhe deu o presidente do clube conseguiu atingir o objetivo, elevando a vida social do clube no apogeu de sua fama, como ostenta atualmente. É de justiça que registremos nestas colunas o trabalho dos seus bons auxiliares, pelos seus persistentes trabalho e perfeito conhecimento das lides sociais: srs. Eloi Chavez, João Wieser, Hamilton Gortadello, Antenor José Ribas e João Mateus, que contribuiram grandemente para as realizações das festas programadas. Retrocedamos um pouco até a data de 10 de Outubro de 1956, quando os salões do CAMA recebiam a totalidade dos seus associados bem como ilustres visitantes para apreciarem pela	Atividades sociais do Clube Atlético Monte Alegre.	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Personalidades ilustres; Relacionamento e vivência em Monte Alegre;

primeira vez Nelson e sua Orquestra. Foi um monumental baile que deixou saudades e que até hoje é relembrado pelo grande sucesso alcançado, mesmo realizado numa quarta-feira. Tivemos nesse mesmo ano a grande e tradicional noite de São Silvestre com o Jazz Cama, cujo sucesso ficou patenteado através da sua contagiante animação. Finalmente, ao iniciar o ano de 1957, vivemos 4 noites no retumbante carnaval que a Diretoria nos proporcionou.

Após o período da quaresma, eis que o sr. Perez voltou a apresentar aos associados a tradicional festa da Páscoa, com a realização de grande baile de Aleluia ritmado pelo conjunto CAMA, (por ele idealisado) e que obteve sucesso absoluto... A 11 de Maio, data que marcou a passagem do 11º aniversário do Clube, o presidente Péricles brindou os seus associados com aquêle magnífico baile cadenciado dos Genesio e sua Orquestra. Nessa noite, como parte integrante do programa comemorativo, houve a solene coroação da Rainha do Clube, srta. Isaira Mendes. A 22 de Junho tivemos a brasileiríssima noite de São João, que, no gênero, quer nos aparecer fôsse a maior até agora programada pelo clube. Marcou absoluto sucesso com Alexandre como noite e a Srta. Odete, a noiva. A 13 de Julho, numa ação conjunta com a nossa Radio Monte Alegre, voltaram os associados a divertirem-se, desta vez com um magnífico show apresentado por artistas de renome da radiofonia brasileira, alem do grande sarau que se seguiu, terminando altas horas da madrugada. Os Irmãos Meira e seu conjunto, também tiveram oportunidade de se apresentar nos salões do mais querido, na noite de 10 de Agosto, sendo responsáveis pelo absoluto sucesso obtido. A magnífica Orquestra Guarani de P. Grossa esteve entre nós em 12 de Outubro, marcando mais um sucesso no baile programado pela direção social. A 27 de Novembro, voltou novamente Nelson e sua Orquestra abrilhantando mais um grande acontecimento social. Mesmo realizado numa quarta feira, o sucesso foi único. **Grande foi a animação reinante e as dansas se prolongaram até as primeiras horas da manhã.**

É de inteira justiça que registremos nestas colunas o absoluto sucesso, novamente num trabalho conjunto da Rádio Monte Alegre e a Diretoria do CAMA, que nos apresentou um show com o Duo Guarujá – Zé Fidelis e Irene Aguiar, que além de nos proporcionar momentos verdadeiramente agradáveis pelos seus talentos artísticos, tivemos em prosseguimento um ótimo baile. Além disso a Diretoria do Clube fêz realizar mensalmente dois saraus, que sempre estiveram muito concorridos.

Vale um reparo: êste é apenas um ligeiro retrospecto das atividades sociais, para que o leitor tenha uma ideia do trabalho desenvolvido pelo **dinâmico Presidente, sr. Pericles Pacheco da Silva e o sr. Martins Pezes, Diretor Social, que tabalham para o bem da comunidade social montealegrense.**

ANIVERSÁRIO DA RADIO MONTE ALEGRE

Como não poderia deixar de ser, **é grato para nós montealegrenses** e principalmente à Direção Social do CAMA, registrar em tempo a passagem do 7º aniversário da nossa querida estação, habilmente dirigida pelo sr. Heros Martins, que atravez dos seus esforços e amizades entre os grandes cartazes do radio brasileiro, nos tem possibilitado apreciar grandes espetáculos artísticos. No programa do seu aniversário, tivemos além do magnífico show apresentado por Luiz Vieira, Gilberto Milfont e outros cartazes, o **animadíssimo sarau até as duas horas da manhã**, como costume em colaboração com aquela simpática emissôra. Nossos parabens e votos de um futuro feliz à ZYS-22.

XXX

	TRADICIONAL NOITE DE SÃO SILVESTRE Poucos dias nos separam dos tradicionais festejos de fim de ano. Como parte do programa comemorativo, elaborado pela Direção Social, teremos a noite de São Silvestre. Merece destaque especial dizermos nestas colunas que o sr. Perez já contratou a não menos famosa orquestra de Nedis e sua Orquestra Columbia para abrilhantar mais êste acontecimento social, para encerramento das atividades neste ano de 1957.			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: 16 – primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16457 Título: Dr. Lauro Nery do Canto Autor: Observações: fotografia de Lauro Nery do Canto	**Grande amigo nosso, de Monte Alegre, grande amigo de "O Tibagi"**, do qual foi o primeiro Redator Chefe, **Dr. Lauro Nery do Canto**, prematuramente desaparecido, fica acima de qualquer homenagem que lhe prestemos. Não que êle o exija – porque Dr. Lauro foi uma das pessoas mais desprendidas que conhecemos – mas porque êle o merece. Mas a falta de espaço, e, em parte- porque não confessar? - de tempo, priva-nos da satisfação de publicarmos hoje uma biografia do Dr. Lauro Nery do Canto como era nosso propósito, o que prometemos fazer brevemente fazer brevemente por estas colunas. A publicação de seu cliché, entretanto, **enseja a que o recordemos com a admiração de sempre e com saudade.**	Nota sobre o falecimento de Laudo Nery do Canto	Personalidades ilustres	Relacionamento e vivência em Monte Alegre

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: Capa – segundo caderno – termina na página 12 – terceiro caderno. Número da fotografia inicial da matéria: SDC16580 termina na imagem SDC11627 Título: Em agosto estarão funcionando os bondes aéreos Autor: Observações: há foto	Muitas vezes "O Tibagi" noticiou sôbre os bondinhos aéreos. E a expectativa começou crescer a medida que o tempo passava. Êste simples fato demonstra a grande ansiedade com que é esperando o **meio de transporte em apreço e o que êle representa para Cidade Nova.** Nunca, entretanto, em nossas notícias anteriores precisamos datas para início ou conclusão das obras. E isto por que um empreendimento de tal envergadura não se planeja e não se resolve assim com tanta facilidade. Hoje, porém, já podemos adiantar, **para júbilo de milhares de pessoas, que os bondinhos estarão funcionando já no próximo ano, lá por agosto,** com certeza. Os bondes, que são de alumínio, estão sendo feitos na Alemanha. Há contrato com prazo de entrega, etc., não estando, pois, quaisquer dúvidas a respeito. As obras das estações acionadoras, entretanto, poderão ter início imediato, tão logo se ultimem os preparativos por parte da emprêsa responsável pela montagem. A estação acionadora pròpriamente dita, serál ocalizada próximo ao Hotel Harmonia, no início da descida para a ponte, e será dotada ainda, como medida de segurança de motores Diesel, para, no caso de falta de corrente elétrica normal, entrarem imediatamente em funcionamento. Assim sendo, não haverá possibilidade de, por qualquer desarranjo, ficarem retidos os bondes a meio caminho. A estação do lado de Cidade Nova está prevista que tenha uma parte destinada a guarda de bicicletas, para maior comodidade principalmente dos operários que residam mais distantes e que não queiram depender dos ônibus circulares da cidade. (Sôbre os ônibus circulares, podemos adiantar que há interessados estudando o assunto). A lotação de cada bonde será trinta e dois passageiros. Fará o percurso em dois minutos e meio e será dotado, para maior comodidade e segurança, de telefones, de aparelhos para medir a velocidade do vento e outros aparelhos de alta precisão. Interessante ainda notar a título de curiosidade, que o bonde com lotação... ... completa, passará a setenta metros acima do leito do rio Tibagi. **Para resumir, temos a dizer que os bondes aéreos ligando Cidade Nova e Harmonia deixaram de ser um simples projeto para serem aquilo que todos aspiram: um meio rápido, barato, prático e seguro de transporte coletivo.** Com efeito, com os bondinhos acabarão a poeira e as filas e muito tempo será economizado. E isto – convenhamos – já é muito, já é bastante. Fazemos votos para que nenhum imprevisto venha retardar o início das obras para que as previsões (nossas informações são baseadas em fontes seguras) – se concretizem plenamente. **Por que Cidade Nova, prezados leitores – não se esqueçam – é a cidade que cresce.**	Instalação de bondes aéreos ligando Cidade Nova à Fazenda Monte Alegre	Feitos da Klabin	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; Cidade Nova e seu desenvolvimento;

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: 08 – terceiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16573 Título: Em pleno reflorestamento Autor: Observações:	**Harmonia** fica num pequeno vale, circundado de colinas, com a estrada que leva à Fábrica transformada em avenida, ao passar pelo centro da **cidade-papel**. O Tibagi corre tranquilo, com espuma esbranquiçada a girar em redemoinhos sôbre sua água lodosa – despojo que recebe da Fábrica, continuamente, em seu percurso para Mauá. E **Mauá não é nem um lugarejo**; tem apenas uma dúzia de casas, onde mora o pessoal que zela pela Usina, afundada na antiga frota so salto, a receber o turbilhão líquido que a Reprêsa agrilhoou. Em direção oposta a quarenta quilômetros está **Lagoa, cidade miniatura, situada num dos lugares mais lindos da Fazenda, descortinando largos horizontes até os contrafortes da serra.** **Entre êsse três, núcleos da população de Monte Alegre semeiam-se dezenas de "Acampamentos do mato", onde se enfileiram as casinhas e os ranchos de lenhadores e plantadores de pinhais.** E ao redor de cada centro de povoamento, de Harmonia – a capital – ao menos acampamento, erguem-se as maravilhas verdes dos pinheirais, replantados, aos milhões, transformando-se em florestas. Aí, verdadeiramente, se processo o trabalho de maior âmbito, a cobrir maiores distância e a exigir o mais numeroso grupo de trabalhadores. Os pinheiros plantados há quinze anos erguem-se em paredões verdejantes. Ladeando as estradas, circundando os capões, margeando os rios, recobrindo as encostas, mais de cem milhões de araucárias rebrotaram agora no verão, levando para o céu azul suas eretas agulhas, de pontas verdes, tão pálidas quanto escuro é a [ilegível] das galhadas mais velhas. Prateadas ao luar, douradas ao sol, cintilantes como pingentes metálicos dentre a névoa matutina, as verdes ramadas espalham-se por milhares de hectares. E dentre os pinhais o trabalho não cessa: começa com o plantio, no torrão adubado ou diretamente no solo, e prossegue com as carpagens, a rareação, a defeza contra os incêndios a desinfecção contras pragas, a derrubada e o transporte para as máquinas vorazes da Fábrica. Depois, recomeça tudo outra vez: a limpeza do solo, a aração, gradagem, o plantio.. É um trabalho que se faz dia a dia, ao sol e à chuva, durante todo o ano. E, em certo momento, nota-se que os pinheirais cresceram, recobriram o solo, substituíram as capoeiras, o campo pobre ou as áreas desmatadas. Pinheiral a perder de vista, unido Harmonia a Lagoa, Lagoa a Mauá, acampamento, a acampamento. Pinheirais surgindo, nas plantações novas de 57, como milhões de pontas tenras alevantadas para o alto, cintilando ao sol. E o trabalho prossegue, numa das mais dignificantes obras do homem; o aproveitamento da riqueza vegetal, sem criação de desertos, sem depauperamento do solo. A par da desmatação, o reflorestamento. Para cada pinheiro cortado, dezenas de outros plantados no trabalho de [ilegível] do Departamento Florestal das IKPC. XXX Nota: Diretor do Departamento Florestal: Dr. Issac Krisim(?). Assistente de Direção – Dr. Anatel Kezkurevicz. Seção de Silvicultura e Proteção contra Incêndio: Dr. Rodelfo Kohout	Reflorestamento na Fazenda Monte Alegre	Desenvolvimento industrial	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre;

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: 08 – primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: Título: Prata de casa – História de Monte Alegre Autor: Dr. Karl Zappert Observações:	No retrospecto do ano de 1957, uma data ficou marcada para sempre nos anais da vida em Monte Alegre. **No dia 15 de março de 1957 chegou do Rio de Janeiro, a notícia do falecimento do Sr. Wolff Klabin, sendo que que [sic] tôda Monte Alegre ficou abalada com esta infausta notícia. O Sr. Wolff Klabin, o Grande Chefe e Amigo, foi um dos idealizadores e criadores não só da indústria pròpriamente dita mas também de tôdas as instalações sociais de nossa nova cidade, sendo que êle sempre acompanhou, com vivo interesse pessoal, os desenvolvimentos de nosso novo núcleo industrial. A perda dêste grande homem foi um rude golpe para Monte Alegre, porém o seu espírito continuará e a sua memória ficará sempre no coração de todos os que com êle colaboraram durante os primeiros anos de desenvolvimento de Monte Alegre.** O espírito progressista do Sr. Wolff Klabin se fez notar em todos os setores desta grande indústria, durante todo o ano de 1957. Na própria fábrica de celulose e papel foram feitas, como em todos os anos, muitas **novas instalações modernas.** Em primeiro lugar uma completa instalação para a fabricação de celulose Sulfato e não branqueada e branqueada [sic]. Uma parte importante desta nova instalação, a Caldeira de recuperação de soda, ainda está em montagem e ficará pronta no primeiro trimestre de 1958. Na mesma época ficará pronta uma nova máquina para secar celulose que terá o número 5, sendo que a atual máquina para tal serviço (máquina 3) será transformada em máquina de papel. **A própria fabricação de papel e celulose aumentou gradativamente em 1957, especialmente em virtude da grande procura de papel jornal**, cuja produção foi aumentada consideràvelmente no segundo semestre deste ano. **A crise no mercado de papel, que se fez sentir em todo o Brasil durante quase o ano inteiro, foi sentida apenas temporàriamente em Monte Alegre.** Infelizmente a crise não cessou ainda por completo, porém espera-se que no próximo ano de 1958 o mercado de papel e celulose se restabelecerá. **Existem grande projetos em Monte Alegre para a futura expansão de nossa indústria, começando com o aumento nas instalações termo-elétricas e hidro-elétricas e, posteriormente, nas instalações da própria fabricação.** Uma novidade marcante no aspecto progressista de Monte Alegre foi o término do ramal da **estrada de ferro até Harmonia**. Em fevereiro passou o primeiro trem de carga até a fábrica, sendo que **esta novidade causou bastante alegria não só aos próprios empregados da fábrica porém, especialmente, à juventude que acompanhou cada viagem do novo trem**. Infelizmente as chuvas demoradas que assolaram Monte Alegre, durante todos os meses de junho, julho, agosto e setembro, e continuaram com curtas interrupções até o fim do ano, causaram ainda vários danos no novo ramal da estrada de ferro, entre Joaquim Murtinho e Monte Alegre, que como consequência interrompeu os seus serviços por várias vezes. Todavia espera-se que ao começar 1958 o transporte ferroviário funcionará outra vez cem por cento. No ramo do **Serviço Florestal e de Silvicultura**, o ritmo de fornecimento de matéria prima para a fábrica, como também das novas plantações, foi acelerado. Um grande passo á frente, para o abastecimento de madeira, foi o término da nova estrada para o Rio Branco, com uma extensão total de 108km. Nesta estrada, que foi aberta ao tráfego em junho de 1957, muito embora também tenha sofrido várias interrupções devido às chuvas torrenciais que caíram entre julho e setembro, centenas de caminhões já a percorreram trazendo milhares de metros cúbicos de madeira para a	Desenvolvimento industrial local	Desenvolvimento industrial	Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Personalidades ilustres;

	fabricação de papel e celulose. As novas plantações de pinheiros, paineiras e eucaliptos alcançaram em 1957: 12.900.000 pés, que como sempre começaram a brotar em julho e prometem outras grandes extensões de novas florestas montealegrenses. Incluindo as plantações dos anos anteriores, o total de árvores plantadas atualmente é 172.000.000. O **Departamento de Agronomia também conseguiu**, no decorrer dêste ano, **um grande progresso relativo à plantação e colheita de cereais**. Favorecido pelo tempo nos primeiros meses do ano, os extensos campos de plantações de arroz deram um resultado bem melhor do que nos anteriores, tendo a colheita montado em 800 tons. Além disso, o abastecimento de feijão foi ampliado e o trigo continua na mesma escala como nos anos anteriores. **A criação de gado na colônia holandesa, em Monte Alegre, também desenvolveu-se satisfatòriamente de modo que leite e manteiga, de produção montealegrenses, nunca faltaram nas leiteiras de armazens.** Uma novidade na organização da indústria em Monte Alegre foi a **criação do Sindicato dos Trabalhadores** de Monte Alegre, que foi reconhecido pela Delegacia Regional do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, e oficialmente inaugurada em princípio dêste ano, com a presenta do Sr. Delegado do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, e vários Deputados Federais e Estaduais. **A vida social e esportiva continuaram movimentadas como sempre**. Embora o CAMA tenha deixado de tomar parte no Campeonato Paranaense de Futebol Profissional, o futebol amador continuou até mais vivo que antes, sendo que se formaram vários novos clubes locais que se enfrentam em jogos amistosos, pràticamente cada semana. **Além do futebol também o volley ball e o basket-ball têm muitos adeptos entre a juventude montealegrenses, e tanto nas canchas do CAMA como também nas de Harmonia Clube disputam-se frequentemente, partidas entre os vários quadros existentes. No Harmonia Clube o boliche também está reuindo semanalmente grande número de aficionados em partidas amistosas.** O Lions Clube também continuou o ano inteiro muito movimentado. Sôbre as suas atividades segue, como sempre, um relatório especial. **Em outubro de 1957 foi formado o primeiro grupo de escoteiros de Monte Alegre, sedo que vários jovens montealegrenses juntaram-se com entusiasmo à esta nova organização, que tanto benefício traz à juventude. Está se formando também um grupo de escoteiros femininos denominado oficialmente Bandeirantes.** Na parte do ensino da mocidade montealegrenses houve, em princípios de 1957, a transformação da Escola Comercial Getulio Vargas em **Ginásio Estadual.** Quasi todos os alunos da extinta Escola Comercial foram transferidos para o Ginásio Estadual, sendo que novos jovens também se matricularam. O **Jardim da Infância e as escolas primárias** continuaram com muita frequência, e sentiram no decorrer do ano letivo de 1957 a falta temporária de professoras. **No Grupo Escolar em Harmonia foram matriculadas cêrca de 1.000 crianças, enquanto que no Grupo Escolar de Lagôa e nas escolas isoladas as crianças também superlotaram as mesmas.** O **curso do SENAI** também continuou como nos anos anteriores, entretanto com frequência reduzida, porém espera-se que em 1958 todos os aprendizes da indústrias frequentarão os cursos lá existentes. **A Assistência Social às famílias desamparadas continuou em 1957, em escala crescente a dez anos anteriores, tanto no que se refere ao serviço médico hospitalar como também ao**			

	serviço de puericultura, sendo que a assistência pré-natal distribuiu inúmeros pacotes com exovais aos recém-nascidos. **As festas de Papai Noel, coelhinho da Páscoa e do Carnaval** foram celebradas para a criançada, do mesmo modo como nos anos anteriores, especialmente no Harmonia Clube onde centenas de crianças juntaram-se naqueles dias em plena alegria de festas. **Para as famílias dos empregados da indústria como também dos empreiteiros, serão distribuídos no Natal de 1957 pacotes com presentes para 7.000 crianças.** **No outro lado do rio a Cidade Nova cresce continuamente. Cada mês surgem novas casas residenciais e comerciais**. Nas chácaras começaram as plantações significativas de verduras, árvores frutíferas e vinicultura. **No centro da cidade foi inaugurada um novo grande cinema, constituindo uma atração para tôda a população, tanto da Cidade Nova como de Harmonia.** As dificuldades de transporte entre Harmonia e Cidade Nova, deverão ser sanadas em 1958 com a instalação de **um caminho aéreo para passageiros**, cujo equipamento já foi encomendado na Alemanha. **Este caminho será, exceto o do Pão de Açucar no Rio de Janeiro, o único no gênero no Brasil.** Resumindo pode-se afirmar que, o ano de 1957 foi um ano de **pleno progresso para Monte Alegre**, e temos a certeza de que no aniversário de "O Tibagi" em 1958 poderá se revelar mais importantes desenvolvimentos em nossa cidade e indústria de papel.			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: 16 Número da fotografia inicial da matéria: SDC1655 Título: História do Primeiro Diamante encontrado em Tibagi Autor: Observações:	Mais ou menos pelos idos de 1832, numa linda noite de luar, o plenilúnio surgindo por detrás da colina verde da margem direita do sinuoso e rendilhado rio Tibagi, após envolvera numa efusão de argênteo resplendor, veio refletir-se nas águas cristalinas, transformando-as num tremeluzente espelho. Pela colina da margem esquerda, cavalgava, sôfrego **Manoel das Dores Machado**, **rumo à sua casa no sítio onde hoje, a cidadezinha amena e tranquila se assenta** a cavaleiro do rio qual crome de presépio, com as cupelas alaranjadas das torres de sua matriz dominando o arvoredo dos quintais e os campos esmeraldinos tapizados de florinas multicolores, que a emolduram, formando uma paisagem bíblica, pena simplicidade que encanta. A gente chega a evocar o Cântico: "É como és formosa amiga minha, como és bela". Argitica claridade espargia a lua sobre a campina através da qual serpenteava a trilha seguida pelo **fundador de Tibagi.** As corujas-de campo, saindo dos cupins emitiam pios estridentes e, lá dos capões escuros, vinha o som plangente lançado pelos urutus estremunhados, enquanto o rio Tibagi, elevando o tempo de seu marulho, **acalentava o coração dos homens fatigados, com a sua canção de ninar amiga, tão conhecida dos tibagianos.** Pirilampos vindos das baixadas, esvoaçavam sem rumo certo, à toa, cruzando o espaço com milhares de luzinhas. Nesse conjunto de fosforescências que partiam em todas as direções, uma única resplandecia, fixa sobre um corpo indistinto. **Descendente do primeiro homem civilizado que, vencendo o gentio feroz, se fixara na margem esquerda do Tibagi – o intimorado Machadinho – não era Manoel das Dores homem que se empolgasse por vãos temores.** Desviou, pois, a montaria da trilha e aproximou-se, cauteloso como todo sertanejo do culto em cujo todo cintilava a luzinha florescente, reverberando a claridade lunar. O vulto era um cupim, habitação de corujas e a luz, uma pedrinha. Apanhou-a, incerto ainda, pois não sabia da existência de diamantes fóra do rio, retomando o caminho do sítio, onde, açodado examinou-a à luz fumaranta da lamparina. Era diamante mesmo! Fôra achado o primeiro diamante das terras tibagianas. E o fôra sobre um capim no meio do campo verdejante que, em colinas sucessivas e de vários matizes, forma com os pinheiros isolados ou em grupos, os arrojos caseateantes em seus leitos de lajes, as vertentes floridas, as restingas frescas, os capões simétricos e azulados e as palmeiras esbeltas sempre acenando com seus leques, o edênio panorama da região. Nessa paisagem onírica que nos transporta aos paramos longínquos e inacessíveis, **serviu o diamante encontrado, de fanal para a fundação da cidade, atraindo homens ambiciosos de todos os rincões e tornando o nome de Tibagi conhecido além das lindes pátrias**, como um milagre do Criador que fazendo-a refulgente de riquezas minerais, fê-la também uma fada que encanta o forasteiro embevecido, mitigando-lhe a sede de paz e lenindo o coração magoado, porque coloca-o em comunhão com Deus, nesta região paradisíaca. E a gente evoca outra vez o Cântico dos Cânticos complementando a frase: "... sem contar no que está escondido dentro".	Primeiro diamante encontrado em Tibagi	Passado anterior à chegada dos industriais à região	Menção à cidade de Tibagi

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: 16 Número da fotografia inicial da matéria: SDC16526 Título: O Monge de Tibagi Autor: Observações:	**É uma tradição ainda bem viva na crônica tibagiana**, o célebre "Monge de Tibagi". Segundo as **escassas tradições orais existentes**, teria "Frei Manoel" frequentado um seminário católico em Portugal, abandonando-o antes de terminar os estudos. Era um místico e algo de misterioso aureola sua personagem que se situa, talvez, entre um débil mental e um homem possuidor de relativa cultura, desiludido de seus irmãos humanos e procurando na solidão e sossego e a paz não encontrada na convivência com os homens. O certo é que foi um ser inofensivo e **tornou-se o lendário**, quiçá, contra sua vontade. **O povo ergueu uma capela no local onde viveu o "Monge", o qual conforme contam os moradores antigos – ainda existem pessoas que o conheceram** – vivia nú, cabelos e unhas compridas, sentado junto ao fogo, num rancho coberto de sapé **nos fundos da casa de Tomé Delgad**o, naquele local. **Milhares de pessoas de tôdas as classes e condições vinham em romaria** ao humilde rancho, à procura de melhorias para a saúde. **O "Monge" a todos a atendia**, sem olhar para ninguém, receitando, indistintamente, tártaro a todos. Nada aceitava, mas consta que Tomé Delgado chegou a reunir uma grande tropa de burros a custa dos presentes deixados para o "Monge". Aqui surgiu aí pelo ano de 1862 e faleceu no dia 18 de julho de 1892, sendo um dos maiores enterros havidos em Tibagí. A Câmara Municipal, em oficio de 8 de Outubro de 1888, representou ao Delegado de Polícia, pedindo providências contra o "Monge", acusando-o de "viver em estado de horripilante imundice, e penso que de idiotismo, isto a muitos anos, vivendo em uma miserável palhoça, nú, com os cabelos longos, sujos e emaranhados, **foi pouco a pouco adquirindo sob o povo rude e ignorante, um tal ascendente, que hoje de longas distâncias vem o consultas como médico e santo"** (sic). Parece que nenhuma providência foi tomada e o "Monge" continuou no mesmo lugar, desmentindo as previsões sinistras que a Câmara denunciou no texto do ofício. Poderia se o quisesse, ter sido um êmilo de Antonio Conselheiro, mas talvez sua "santidade" fôra o povo quem dera... A capela levantada ainda guarda o toco que serviu de assento para "Frei" Manoel, junto ao fogo, pois consta que êle nunca se deitada. Seja lá como fôr, não há dúvida que sua vida apresenta algo de sobrenatural e misteriosos e é certo que nenhum mal fez a Tibagi.	Monge de Tibagi	Passado anterior à chegada dos industriais à região	Menção à cidade de Tibagi

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: CAPA – segundo caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16466 Título: Nossa homenagem a Tibagi – Cel. Telêmaco Borba Autor: Observações: Várias matérias na página denominada "nossa homenagem a Tibagi" – Ilustração de Telêmaco Borba (o coronel)	É tarefa difícil a tentativa de sintetizar a biografia de **uma personalidade como a do Coronél Telêmaco Morocines Borba, cujo vulto ultrapassa as lindes municipais para projetar-se sôbre o Estado**. **Político de prestígio, historiador, etnólogo, sertanista, foi prefeito de Tibagí, diversas vêzes, deputado estadual e provincial, aqui fundou um Museu Etnográfico e escreveu obras hoje reputadas de grande emérito sôbre os indígenas. Seu nome está de tal forma ligado a Tibagí que, quando a êle se referiam, no passado chamavam-no de "Pagé de Tibagi".** Nasceu o grande tibagiano – porque o era de coração – em Curitiba, em 15 de Setembro de 1840, embora o engenheiro inglês Wither, que por aqui passou em 1873 e com ele conviveu e viajou, afirme ser Telêmaco natural de Jatui (?). **O Cel. Telêmaco faleceu nesta cidade**, em 23 de Dezembro de 1918, **após uma vida legendária assinalada pela bravura, inteligência, moralidade, discernimento, visão e energia**. Seu nome está gravado em letras refulgentes na história do Paraná e diante de sua memória sentimo-nos na obrigação moral de curvar-nos reverentes e entusiasmados.	Biografia de Telêmaco Borba	Passado anterior à chegada dos industriais à região	Menção à cidade de Tibagi

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: CAPA – segundo caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16464 Título: Nossa homenagem a Tibagi - Tibagí Desconhecido e Olvidado Autor: Observações: Várias matérias na página denominada "nossa homenagem a Tibagi"	• Tibagí Desconhecido e Olvidado **Há por parte dos modernos povoadores do Paraná acentuado desconhecimento de Tibagi, principalmente na zona, do Setentrião – que ironia! quase tôda ela desmembrada dêste município** e onde o rush da colonização cafeeira reproduzia o milagre do Genesis, fazendo cintilar no coração das selvas o esplendor das **cidades trepidantes fundadas sôbre as antigas áreas tibagianas que se limitavam com as barrancas do rios Paranapanema e Paraná.** Essas cidades, regra geral, saltavam da clareira das derrubadas para distrito, município e comarca, num átomo de tempo, sem que o município matriz tivesse tempo de conhê-las [sic] ou elas a êste. Daí a razão de ser **o nome de Tibagí quase desconhecido na região**, havendo lá uma ou outra cidade que, por desencargo de consciência, tenha crismado uma rua fugidia com o nome de Tibagi. No entanto, essa Tibagi bucólica, que se debruça contemplativa, as margens do rio de muitas águas – o Tibagi – e se situa numa das regiões mais lindas do mundo, segundo expressões de ilustre escritor paranaense, **essa Tibagi mansa e bela, chegou nos meados do século passado, pela sua riqueza mineral,** a fazer cócegas nas patas do impassivel **Leão Britânico que para cá enviou alguns de seu filhos, muitos dos quais por aqui ficaram, constituindo familias que se tornaram tradicionais no município e no Estado.** **Há mais de 100 anos trilharam – o termo é êsse – as terras tibagianas, cientistas como Saint Hilaire; historiadores como Eliot, herói d Guerra Cisplatina**, que aqui acabou seus dias, após traçar uma das melhores cartas de então; místicos como Frei Manoel, **o célebre Monge de Tibagi**, que viveu longos anos sob uma palhoça, sentado no chão e semi-nu; nas furnas de Guartelá, **consta ter vivido outro monge João Maria. Existem, ainda as ruinas jesuíticas de São Miguel ou "Igreja Velha". E não se deve omitir a existência da Fazenda Fortaleza** celebrizada num romance do historiador paranaense o ilustre Prof. David Carneiro, assim como a passagem de outro inglês estudioso já 80 anos, **Bigg-Wither, que só teve palavras amáveis para a paisagem e a gente tibagianas. Bandeirantes aventureiros, indigenas , jesuitas, historiadores, pioneiros e garimpeiros formam todos, um conjunto grandioso de acontecimentos, registrados uns, memorados outros, tudo merecendo a pena de um romancista ou de um historiador, para que o nome hoje obscuro de Tibagi tenha o relêvo que merece, pelo seu passado lendário e epopeico.**	História de Tibagi	Passado anterior à chegada dos industriais à região	Menção à cidade de Tibagi

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: 03 – TERCEIRO CADERNO Número da fotografia inicial da matéria: SDC16588 Título: O que é e o que pretende fazer em Cidade Nova a OLIBRASA S/A Autor: Marenda Observações: há foto	O QUE É E O QUE PRETENDE FAZER EM CIDADE NOVA A OLIBRASA S/A (título) De como se trabalha pelo Brasil (abaixo do título) Entrevistados pelo "O Tibagi" dois Diretores da **Olibrasa S/A. O caçula das realizações do Dr. Horácio Klabin**, **começa a produzir para resolver um dos problemas nacionais.** (abaixo do título) Assunto dos mais importantes, sem dúvida alguma, e também dos mais palpitantes, principalmente para os que aqui residem, é o relacionado com a grande plantação de oliveiras que oram se faz em Cidade Nova. Eis por que esta entrevista que fizemos com **dois Diretores da Olibras S/A., Prof. Dr. M. Vernalha e Sr. Péricles Pacheco da Silva.** Passemos à entrevista. Procuramos, há dias os Diretores da Olibrasa S/A afim de colhermos algumas informações sôbre as **plantações de Oliveira e sua futura industrialização, que tem lugar na Cidade Nova**. Fomos encontrar os Diretores citados, no viveiro de Cidade Nova e formulamos as seguintes perguntas, as quais nos foram gentilmente respondidas. - Prof. Vernalha, como estão as oliveiras? - Bem, em franco crescimento. - Poderá o professor nos dizer algumas palavras sobre os viveiros? - Os viveiros instalados na Cidade Nova, como é do conhecimento de todos, já estão formados; contamos com cêrca de 80.000 mudas, incluindo neste total cêrca de 35000 enxertos, tanto de variedades aclimatadas no Brasil como importadas da Argentina. - Prof., poderia nos informar quais as variedades plantadas pela Olibrasa S/? - Este foi um dos pontos cuidadosamente estudados pela Olibrasa; procuramos selecionar as nossas variedades em dois sentidos, o primeiro em azeitonas para mesa e o último em frutos para óleo. As nossas principais variedades são: Mauzanilla, Arquenia, B24, Cuco, Arauco e Negrusco. - Quando a Olibrasa pretende formar as chácaras e o local? - Para o próximo ano está em nosso projeto abrir as primeiras **unidades de HK** compostas de 40 chácaras que se situarão na Fazenda Limeira, ao lado de Cidade Nova. - Prof., quando teremos a primeira produção? - Começam as nossas oliveiras a produzir dentro de dois anos. - Qual a quantidade de árvores que a Olibrasa pretende plantar? - Se houver esta aceitação e continuidade chegaremos por volta de... 400.000 árvores. - Prof., agradeço-lhe as informações e desejo-lhe felicidades nesse empreendimento, porquanto **este é um projeto que honra o Brasil, pois sabemos que a grande maioria do consumo de azeitonas e óleo vem provocar a fuga de divisas do País.** **E nós, os Monte-alegrenses, estamos dispostos a cooperar para que possamos ter em nosso Município as duas maiores plantações do Brasil:** **Oliveira e Pinheiro.** - Sr. Marenda, eu lhe agradeço e mais uma vez, por intermédio de "O Tibagi", estendemos um convite a todos para que nos visitem, conheçam os nossos empreendimentos e também estamos certos da grande colaboração dos montealegrenses. - Sr. Pericles, poderia VS, no prestas algumas informações sobre o plano da Olibrasa S/A?	Plantio e industrialização de oliveiras em Cidade Nova	Cidade Nova e seu desenvolvimento	Desenvolvimento industrial; Gratidão à Horácio Klabin; Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional;

	- As unidades HK já se acham à venda e com grande êxito na cidade do Rio de Janeiro, embora sòmente este mês tenham sido lançadas no comércio. **Mas, como em tôdas as realizações do Dr Horácio Klabin, os habitantes de Monte Alegre naturalmente agora ligados à Cidade Nova entrarão num plano especial que no mais tardar em janeiro será apresentado pela Vale do Tibagi, firma que organizou a Cidade Nova.** - Em linhas gerais, Sr. Pericles o que é a unidade HK? - A unidade HK é uma área com 1.000 árvores entregues com 5 anos de idade, em perfeitas condições técnicas, que a Olibrasa trata e procede os tratos culturais por 10 anos, área que pode ser adquirida por qualquer pessoa ou várias que se reúnam para adquirir. Mais: o comprador recebe ações individuais pelo número de árvores que adquiriu da Olibrasa S/A, que é a firma industrializadora do produto. Portanto, é proprietário da terra, da plantação e acionista da indústria. - Quando se pretende industrializar? - Segundo o prof. Vernalha, teremos o inicio da safra dentro de 2 anos; portanto montaremos a indústria antes dêsse período. - Existe algum projeto para a Olibrasa S/A antes da industrialização? - Sim, a Olibrasa importará óleo da Argentina, existindo assim, já de início uma renda das ações aos proprietários das unidades HK. - Sr. Pericles, como já prolongamos muito, também lhe agradecemos a gentiliza das informações e **temos a certeza que eta realização será um orgulho não só para nós, mas também para o Paraná porque assim, de-fato, se trabalha pelo Brasil.**			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: 08 – terceiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16576 Título: Passeio à Colônia Autor: Observações:	Ir a Colônia Agrícola, que constitue o que poderíamos chamar de um **"cinturão verde" de Monte Alegre**, é sempre um passeio; um agradável passeio, não só entre as culturas de arroz ou trigo, feijão ou milho, mas de visita à casa dos colonos criadores (em sua maioria holandeses). Os clichés ilustram, de maneira expressiva um Passeio à Colônia. IMAGEM Neste celeiro, estão as máquinas beneficiadores, secadoras de cereais e moinho de fubá, onde também se realizam os trabalho de seleção e ensacamento dos produtos produzidos. **Além dêste, muitos outros celeiros possue a Agronomia, de onde saem os produtos para os armazéns de Harmonia e Lagoa.** IMAGEM Quando o trigo viceja, louro e sussurrante, o centeio também ondula ao vento, num movimento de ondas do mar. Agora já terminou a colheita e temos, nos moinhos dos imensos depósitos da sede, a gostosa farinha crioula. IMAGEM **Enquanto os pais trabalho, as crianças vão à Escola – uma construção arejada e espaçosa, onde funcionam classes com mais de cento e cincoenta crianças, no total.** **Na fotografia, uma pose dos trabalhadores, orgulhosos e contentes, no dia em que terminaram a Escola.** IMAGEM Depois do trabalho, a devoção. A pequena e simpática Igreja fica no cimo dum outeiro e é avistada de todos os lados. Ali vêm os colonos orar a Deus, purificar a alma, deixar em recolhimento o espírito após o abençoado trabalho que realizam, amanhando a terra. IMAGEM Logo à entrada, quando nos ladeiam os verdes pinheiros do Chile, avistamos a horta de Sayte, e japonês. São dezenas de canteiros de todas as hortaliças que só pode deixar desejar, prometendo em seu devido tempo apreciável produção. IMAGEM Êstes tratores trabalham o ano inteiro, puxando os arados para o preparo do solo levando sementes para o plantio, fazendo a carpagem e, por fim, recebendo as cesta-trilhadeiras, durante a colheita. NOTA: Superintendência da colônia: Sr. Francisco Riederer Chefe da Seção de Agronomia: Sr. Eliomar Meira Meira Secretário: Gercindo Telles	Descrição ilustrada da Colônia Agrícola	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Relacionamento e vicência em Monte Alegre

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: 11 – primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16454 Título: Poema para M. Alegre Autor: Luiz Vieira Observações:	Escreveu: Luiz Vieira (consagrado artista da TV Record e Rádio Nacional do Rio de Janeiro) autor de Maria Filó, Estrada do Colubandê, Natal Pobre, Menino de Braçanã e outras músicas de grande sucesso. Eu quero pedir licença **Para lová nesse instante** **Essa terra: Monte Alegre** **Pequenina e elegante** **Pequenina no tamanho** **Mas que é grande bastante,** **Grande no papel de pinho,** **Orgulho da produção** **Grande também de carinho,** **Desse povo todo irmão,** Que tem um Heros Martins Comandando uma estação, Com grande sabedoria **Sendo o Péricles o chefão,** **Mas um chefão camarada.** **É cabra bom de coração.** **Se do meu voto valesse** **Vitório numa eleição,** **Esse cabra já seria,** **Hoje o chefe da Nação.** O Heros de secretáio, E Guilhermino do Diabo Ministro de Caça e Pesca. Prá ele fica feliz, Eu estaria com tudo Podia caça sem medo, Codorna e muito perdiz. Leonidas lá na Coap E o meu tio Reinaldo, Num impreguinho bem bão, Em vez dos carros que tem Uma fróta de avião, Tudo com motô a jato Correndo [ilegível] amplidão. E enfim **pros amigos todos,** **Que moram nesse rincão,** **Ia tê vida de conde,** **Cada um ia tê bonde**	Exaltação à Monte Alegre	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Personalidades ilustres; Relacionamento e vivência em Monte Alegre;

	Isso se o Pericles fosse **Mesmo, o chefe da nação.** Mas **como ele ainda não o é,** Eu vô andando mesmo a pé E vô guentando o rojão. **Monte Alegre se engalana** **E hoje ainda tá bem mais bonita,** Pois completa 7 anos Essa casa de artista, Que é essa sua emissora. Não vejo quem num resista, O desejo de dizê Que Deus lhe ajude a cresce Para a glória da conquista. **Monte Alegre pequenina** **Pequenina e elegante,** **Pequenina no tamanho,** **Mas que é grande bastante.** **Grande no papel do pinho** **Orgulho da produção** **Grande de mais no carinho** **Desse povo todo irmão.** Se Deus me desse algum dia Por acaso algum podê, Eu levava lá prá casa, Sem dispeza dependê, Um monte de Monte Alegre Prá mim todo dia vê. Mas com uma condição, Que eu desejo esclarecê, Com esse povo todinho, Que eu aqui vim conhece. Pois sem esse **povo amigo,** Num valia a pena tê **Uma cidade só prestar,** **Pelo povo que ela tem** As vez da cidade é boa, O povo num vale nada. Mas de que vale essa cidade, Se tive abandonada,			

	E se a cidade é ruim **Mas se o povo dela é bão,** **Ela vai indo e enfim** **Mióra tudo patrão.** **E Monte Alegre tem as duas** **Todas duas qualidades.** **Quando povo é todo irmão** **É mais irmã a cidade.** E eu lêvo Monte Alegre Cidade que eu quero bem. Como se fosse parenta Que a minha alma agora tem. A**qui fiz nova família** **Família que não esqueço,** **Família que não se vende** **Família que não tem preço.** Tem minha tia Herculana Família que até me dá De mais o que não mereço. Aqui eu tenho um irmão Sem querê menospreza Aos outros que também quero, Um moço onde o coração Apinhado de beleza, Faz transbordá de amisade Um mar de sinceridade, E isso amigos no mundo, É hoje a maior riquesa. **Em Monte Alegre eu senti** **O que é se ter amigos,** **Parace que Jesus aqui** **Perdoa qualquer castigo** E até transforma em amor, A ira dos inimigos. **Não poderei me esquecer** **Dessa cidade elegante.** **Pequenina no tamanho.**			

	Mas que é grande bastante **Grande no papel do pinho** **No seu povo acolhedor** **Grande muito no carinho,** **No trabalho e no amor.** Que tem um Heros Martins, Cabôco batalhador, Comandando uma emissora Com muita fibra e ardô. A essa mesma Monte Alegre, Que eu já quero como irmã. O meu poema sincero, Tão sincerão tão singelo, Como um clarão da manhã Lhe é aqui dedicado. Que Deus mestre lá distante, Possa me ouvir nesse instante: Venha sempre a Monte Alegre, É só que eu lhe peço obrigado. 11/12/5[outro número ilegível. Supõem-se ser 1957].			

O Tibagi – Segunda-feira, 23 de Dezembro de 1957 – 9º aniversário – Edição de hoje: 4 cadernos - 52 páginas – Ano IX – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº445 Página: 16 Número da fotografia inicial da matéria: SDC1655 Título: Tibagi não vai Autor: Observações:	**Tibagi possui muitos fatores favoráveis que poderiam impulsionar o seu progresso, libertando-a da estagnação e do marasmo**: **bom clima, boas águas, enorme extensão territorial, terras boas para diversas culturas dependendo apenas de métodos modernos para o melhor aproveitamento de suas características**. Está situada perto de grandes centros consumidores, ponto intermediário que é entre o Norte e o Sul do Estado. É bem servida por vias de comunicações. A região é rica em minerais e o seu potencial hidro-elétrico é enorme. **Possui, pois, a comuna, tudo ou quase tudo quanto é necessário para projetar-se na concêrto des demais municípios paranaenses como um paradigma de progresso. Falta, porém ao tibagiano, em geral, o espírito de iniciativa, o arejamento das idéias e a fôrça de vontade para combater a inercia e o individualismo.** **O tibagiano não possui o espirito coletivo**: não se ajunta em torno de uma organização que poderia suprir as deficiências individuais, preferindo cada um gravitar em redor de seus interesses imediatos e restritos, de acôrdo com a sua mentalidade pouco evoluída. Os proprietários de grande áreas de terras cultiváveis e pastoris – na verdade toda as terras são cultiváveis – não as utilizam integralmente, nem as cedem a terceiros, atraindo-os para colaborarem no **nosso progresso.** Os que possuem seu "pé-de-meia", os que conquistaram, aqui, uma situação econômica boa, só se lembram de adquirir imóveis em Curitiba e Ponta Grossa, enriquecendo os tubarões imobiliários, agindo como uma bomba de sucção, isto é, sugam o dinheiro da cidade para jorrá-lo lá noutras cidades. São numerosas as pessoas que **aqui vivem e ganham sua vida, aqui nasceram e educaram os filhos, mas que se tornam proprietários fóra daqui, desprezando a cidade que lhes deu tudo.** Depois, cruzam os braços e lamentam o "mau govêrno" ou o "prefeito ruim", afirmando que **"Tibagi não vai".** Santo Deus! Assim, não irá mesmo, pois os que vão são os nossos cruzeiros ajudar outras terras onde homens mais esclarecidos saberão aproveitá-los. **A natureza foi pródiga para com Tibagi: clima, águas, terras, gemas preciosas, topografia linda.** O govêrno não falhou de todo, proporcionando educandários, pôsto de higiene e de puericultura. E acreditamos que, se a cidade tivesse evoluído mais pelo esfôrço de seus filhos, já estaria funcionando a Escola Rural e o Hospital Regional; **Falta-nos, portanto, apenas o elemento humano, o tibagiano, evoluir**, marcar compasso com outras dádivas da natureza e com a relativa boa vontade dos Poderes Públicos. Reúnam-se os grande proprietários, que cada um conceda uma parte de suas áreas inutilizáveis e formem, em conjunto com os demais, uma terceira área a ser fornecida a uma colônia estrangeira desejosa de aproveitá-la. Cessem os homens que dispõem de capitais, de empregá-los em lotes e apartamentos de **fóra de Tibagi, aplicando-os aqui mesmo**, invertando-os em empreendimentos industriais ou comerciais. Façam loteamentos, abram lojas grandes, apoiem a propaganda individual e da terra, tornando-a mais conhecida, incentivem o turismo, introduzam novas culturas e métodos novos para aproveitamento das terras, e terão redimido o passado de abandono em que até hoje têm vivido. **E, o que é melhor, terá desaparecido essa triste história de que Tibagi "não vai".**	Lento progresso da cidade de Tibagi	Menções à cidade de Tibagi	

O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 – 3 Cadernos - 10º aniversário – Ano X – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº491 Página: CAPA – terceiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16773 Título: Cidade Nova e seu marcante progresso Autor: Observações: abaixo do título, um quadro dizendo: "realizações de vulto que tem evidenciado a caminhada vertiginosa dos cidadenovenses, na luta laboriosa do progresso. Melhoramentos de notável repercussão – O desenvolvimento da indústria e do comércio" – há fotos	**Cidade Nova é um símbolo edificante de trabalho. A ação dignificante dos que a fundaram e o labor incansável daqueles que, nela se fixaram para viverem suas vidas, construíram um dos mais progressistas núcleos populacionais do Paraná. Cidade nova, por isso mesmo, é um verdadeiro fenômeno da natureza, que se transforma a todos os momentos, ganhando a expressão dos grandes centros, auto-suficientes e independentes.** Nestes últimos meses, a prova dessas assertivas não poderia ter sido mais efetiva. Tantas têm sido as realizações concretizadas que já não mais se admite contingência diversa daquelas que, inevitavelmente, o destino reservou para presentear à Cidade Nova e aos cidadenovenses. GINASIO ESTADUAL **A construção do Ginásio Estadual "Wolff Klabin", a cargo das I.K.P.C e que está sendo erigida em terreno da Vale do Tibagi Indústria & Comércio S A. é inegavelmente um dos grandes empreendimentos destes últimos tempos,** na progressista cidade das margens do Tibagi. Ainda há pouco tivemos as solenidades expressivas do lançamento de sua pedra fundamental e, já hoje, a obra vai crescendo, admiravelmente, tornando-se motivo de justo orglho para os moradores de Cidade Nova. CASAS POPULARES **As casas populares entregues ao operariado de nossas cidades, no começo dêste ano, contituem, igualmente, outro marco expressivo do nosso grande progresso**. A Fundação da Casa Popular, voltando suas vistas para Cidade Nova, cumpriu a primeira parte do seu projeto, concluindo a construção das primeiras residências constantes de um plano de totaliza dusentas e que, possivelmente, será completado dentro em breve. **Vale acrescentar, também, a rapidês com que foram vendias as cem primeiras unidades terminadas, e que foram construidas em terreno doado pelas I.K.P.C.** BONDINHO AÉREO Em face do atraso, pelo qual foi responsável a firma alemã encarregada de colocar no Brasil o aparelhamento técnico pera a instalação do bonde aéreo, que fará a ligação Harmonia-Cidade Nova, sòmente em meados do próximo ano é que nossa população irá contar com o funcionamento dêsse prático e econômico meio de transporte. Nos dias atuais, **a construção das duas estações de passageiros, em Harmonia e Cidade Nova, vai bem adiantada, e é certo que estarão aptas a receber as demais instalações, na ocasião em que estas forem colocadas à disposição das I.K.P.C.** RÁDIO MONTE ALEGRE **As instalações da ZYS-22, Rádio Sociedade Monte Alegre Ltda. serão transferidas, dentro em breve, para Cidade Nova. Mais uma conquista dos cidadenovenses, indiscutivelmente.** Num prédio especialmente construído, com admiráveis recursos de técnica, e dando à Emissora local condições excepcionais para o seu funcionamento, a Rádio Sociedade Monte Alegre Ltda. terá a apresentação digna do seu público-ouvinte. **Êsse é outro fato de repercussão e que encherá de satisfação a população de Cidade Nova.** CASA PAROQUIAL **A Casa Paroquial, construção dos Padres Redentoristas**, é uma obra de grande valia, bem atestando o interesse com que êsses devotados servos da educação cristã, vêm se dedicando às suas atividades entre nós. **Acresce importância da obra, quando se sabe, igualmente, estar nos projetos dos Padres Redentoristas, a criação da Escola Paroquial Monte Alegre, cuja**	Exaltação ao rápido desenvolvimento de Cidade Nova e seus principais empreendimentos	Cidade Nova e seu desenvolvimento	Feitos da Klabin; Gratidão à Horácio Klabin;

	repercussão será, indiscutivelmente, de notável expressividade. INDÚSTRIA E COMÉRCIO **Procurando um futuro realmente promissor para o sucesso da indústria olivateira, a Vale do Tibagi e Indústria & Comércio S.A. em colaboração com a OLIBRASA, firma que incentivará dita industrialização,** tem conseguido a expressão esperada para o grande trabalho que visa a consecução de tão importante objetivo. **A indústria madeireira ganhou, também, ùltimamente, um grande impulso, com a intensa atividade, nesse setor desenvolvida pela MACOPA** – "Materiais de Construção Paraná S.A", com a instalação de seus serviços de serraria, marcenaria e comércio de madeiras em geral. A Companhia Agro Mercantil Paranaense, no afan de ampliar suas atividades, procurando bem servir os seus inúmeros clientes, já completou a construção de suas novas instalações, as quais, já em fase de acabamento, serão, dentro em pouco, entregues às atividades.			

O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 – 3 Cadernos - 10º aniversário – Ano X – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº491 Página: 16 – segundo caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16764 Título: Em pleno reflorestamento – um ano de trabalho Autor: Hél Observações:	Os olhos desabituados ao trabalho nos pinhais não notam diferença. Só uma vez ou outra, lá um dia, descobrem que muralhas verdes contornam a cidade vêem, algumas poucas colinas desmudas, entre as faixas de florestas nativas, reservadas, ou os terrenos da Cidade Nova. O que predomina, nas adjacências e nos arredores longínquos, são as plantações vicejantes, espalhadas pelos quatro pontos cardeais. Na **cidade-papel**, a chaminé fumega, denunciando trabalho. O alimento de êsse trabalho e para o que mais se realiza nos edifícios enormes da Fábrica está em torno, mais longe, no mato, onde as velhas araucárias estendem seu longo galhame ou os pinheirinhos novos erguem para o céu as tenras pontas rebrotadas. (Inicialmente, o terreno é preparado durante meses, para que na época da germinação esteja pronta a receber as sementes. O trabalho, então começa nos galpões de seleção de sementes ou nos viveiros. Nos primeiros, dezenas de milhares de quilos de pinhão, separados em diversos compartimentos, são constantemente revolvidos ou mudados de lugar, para arejar, depois submetidos a provas de germinação recebem o tratamento rito-sanitário e, se ficam nos depósitos, vemô-los esbranquiçados pelo desinfetante em pó, á base de D.D.T. Se seguem para o plantio, fechados em sacos, nos reboques dos tratores ou nos caminhões, são lançados à terra, durante os meses de maio e junho. XXX Um quilo de sementes tem de 100 a 120 pinhões. A plantação anual varia, conforme o plano do reflorestamento. Já atingiu o recorde de 33.000 000 num ano. Nunca cessou. Intercaladas às plantações de pinheiro temos as de piaus insignes, <<caribeae>>, <<elliotti>> taeda e eucalipto. XXX Nos viveiros, as sementes de uns e de outros são plantados em caixas, repicadas e, após 3 ou 4 meses, replantadas no solo. XXX Êste ano, **o estudo contínuo dos técnicos do Departamento Florestal em busca de métodos mais aperfeiçoados e econômicos levou-os uma técnica nova**, a da plantação de eucaliptos em curvas de nível, em faixas de terreno intercaladas de linhas de vegetação natual. Vimos isso em terreno de campo naturalmente. Em terra de mato, os pinheiro foram plantados em fileiras também intercaladas de vegetação. Êsse método conserva a vegetação arbustiva, mantendo as possíveis trocas que há entre elas e os pinheirais, concomitantemente torna fácil a limpeza necessária aos pinhais novos. XXX Há tantos aspectos de serviço de Reflorestamento que é difícil alinhavar notas, para um noção do conjunto. XXX É notavel observar, por exemplo, **a adaptação do nosso caboclo ao serviço dos pinhais, seja no plantio, na capina ou nos viveiros**, a cada ano que passa. **Aquela gente tímida dos primeiros tempos transformou-se.** **É de ver como adquiriu conhecimento e método de trabalho. Cada operário sabe como**	Reflorestamento na Fazenda Monte Alegre	Desenvolvimento industrial	Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Feitos da Klabin;

semear, como plantar. Em fileiras, ao comando dum apito, movendo-se em turmas de 30 a 50 pessoas ou individualmente, nas empreitadas por famílias, **encontramos o operário de plantio atento a seu trabalho, a realizá-lo com cuidado. Sabe que é responsável por cada muda; sabe que a germinação da semente depende quási exclusivamente dos seus cuidados.**

XXX

O operário da carpa e do plantio habituou-se a trabalhar em grupos. O grande número de mulheres que compõem as turmas (2/3) tornou o trabalho mais alegre, as relações mais comunicáveis.

XXX

Já **nos acampamentos dos lenhadores o serviço é feito quási só por homens** e o grupo humano não apresenta novas características.

O corte de lenha, aliás (com o consequente transporte) é um doas trabalhos vitais da indústria de papel.

Se o florestamento e o reflorestamento intensivos representam medidas de segurança para o futuro, o corte de lenha é indispensável ao fabrico imediato do papel.

Realiza-se, atualmente, cêrca de 75% fóra da Fazenda, enquanto dentro dela preparam-se e defendem-se reservas florestais.

Aqui não há perigo de formar desertos.

XXX

O grade problema do acampamento do mato é o da escola. Contràriamente ao que se pode pensar **o caboclo quer escola para seu filhos. Muitas vezes pagam do seu magro salário a professoras semi-analfabetas, crendo que elas ensinarão a ler e a escrever.**

Quanto mais se afasta da sede da guarda-moria onde há escola – mais difícil se torna o acesso à mesma. Como os acampamentos de ranchos duram tempo da derrubada, não comportam construções definitivas. A solução é arranjar alguém, do próprio acampamento, que queira lecionar.

Isso foi o que aconteceu no Bromado, por exemplo.

Mas na maioria das vezes, infelizmente, o caso fica sem solução.

XXX

A parte de assistência médica, contudo, funciona a contento. O médico vai ao acampamento, reclamado. O doente é trazido ao hospital, se necessário; pode tirar um dia para a consulta no pôsto mais próximo.

A assistência social das IKPC garante o tratamento médico e hospitalar ao seu operário do mato.

XXX

Um dos serviços interessantes de assistir é o do recebimento de material (lenha, lasca ou folhudo) pelo guarda-florestal.

Acompanham-no o empreiteiro e o operário. Cada pulha de madeira é revista em sua metragem, anotada segundo a espécie do material e "calhada". A "calhação" é feita com cal, sendo marcados com os martelos carimbos o prefixo do distrito (Miranda – Mira), o sub distrito (Restingão – Re) e o número da pilha.

XXX

A capina dos pinhais é feita até o pinheiro atingir 3 anos. Depois, sucedem-se a rareação – que é o

	corte das árvores raquíticas ou condenadas sem aproveitamento industrial; ou o desbaste em que já há aproveitamento do material cortado. XX Muitas vezes, ao longo das estradas do mato (continua na imagem SDC16762) vemos à beira das plantações, pilhas e pilhas de troncos, de pinheiros novos. Quando estão verdes, exalam cheiro bom de resina. Sabemos que alí houve o desbaste. As árvores restantes crescem com pujança, em número certo, calculado por hectare. Essas constituirão a plantação definitiva e só serão aproveitadas para o papel depois dos 20. XXX Notamos que a capina, devolvendo ao solo a vegetação rasteira, enriquece-o de substâncias minerais. A terra muda de côr. Anos antes a vimos vermelha – arroxeada, [ilegível]; à proporção que crescem os pinhais, fazem-se as carpas e a terra torna-se mais escura, humosa. Por fim, naturalmente, o pinheiro desfaz-se dos galhos inferiores, que secam e caem. Adquire a forma de taça, tão decantada(?) pelos poetas do Paraná; eleva-se sôbre toda a vegetação circundante. É o senhor absoluto das nossas florestas. Nossas plantações mais velhas têm 16 anos; são pequenas, resultantes de experiências. Quando os pinheirais de 7 e 8 anos se tornarem adultos, espetáculo inédito haverá para nossos olhos. **Ao trabalho do homem sucederá o trabalho exclusivo da natureza. E o benefício reverterá para as gerações que nos sucederem-se e souberem aproveitar.**			

O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 – 3 Cadernos - 10º aniversário – Ano X – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº491 Página: 12 – segundo caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16745 Título: História de Monte Alegre Autor: Dr. Karl Zappert Observações:	Cada ano, quando "O Tibagi" faz anos, o historiador de Monte Alegre relata **novos progressos**. Para o leitor talvez parece **uma continuação automática dos progressos de anos anteriores.** Êste é o fato real. **Desde o ano de 1941, quando começou a industrialização de Monte Alegre, não passou nenhum ano, até pode-se dizer que não passou nenhum mês, sem que fôsse inaugurada uma nova instalação, modificada ou melhorada no parque industrial, no serviço florestal ou nas instalações sociais de Monte Alegre.** **O ano de 1958 foi indubitàvelmente o ano de grandes progressos**. A crise na indústria de papél e celulose, que se fez sentir durante o ano de 1957, tinha passado por completo, no início de 1958, e deu lugar a uma procura maior como nunca antes no mercado de celulose, de papél e papelão. Dêste modo **tôdas as instalações de Monte Alegre trabalharam com plena capacidade e não foi perdido nenhum único dia de trabalho até esta data, em 1958. Aliás todos os que trabalharam em Monte Alegre podem ter o justo orgulho de trabalhar com tôdas as forças possíveis 365 dias por ano, em pról do progresso industrial de nossa Pátria.** A grande procura de papél para imprensa, no ano de 1958 causou que as duas grandes máquinas da Fábrica, nº 1 e 4, trabalharam práticamente sem interrupção da fabricação de papél para jornal e a produção dêste produto subiu quase 50% de 1957 a 1958. **Paralelo com o aumento da produção de papél jornal, também a produção de celulose sulfato entrou em funcionamento, seguido, em meados do ano, por um segundo cozinhador**, do mesmo tamanho e da mesma fabricação nacional. **Também foram postos em serviço, ao mesmo tempo, dois moderno filtros levadores de massa sulfato,** vindos da Finlândia, que melhoraram de um dia para outro a qualidade na celulose sulfato e além disse representaram o primeiro passo para a recuperação de soda, que encontro em funcionamento poucos meses depois. Esta **recuperação de soda**, que também foi fornecida pela Finlândia, é uma instalação ultra-moderna e traz para a indústria, em Monte Alegre, uma grande economia. A I.K.P.C. S/A comprava anteriormente, 300 a 350 toneladas de sóda cáustica por mês, gastando estas quantidades além da soda cáustica produzida em Monte Alegre. Desde que a nova instalação de recuperação de soda foi posta em serviço, não se consome mais soda comprada de outras firmas, sendo que uma alta porcentagem de soda produzida aquí é usada no cozinhamento de sulfato e semi-celulose e está sendo recuperada na nova instalação e reaproveitada em mais cozinhamentos de celulose. **Êsse sistema de recuperação de soda, que é, sem dúvida, a primeira dêste tipo em toda a América Latina, e poucas fábricas, nos países norte-americanos e europeus, têm instalações tão modernas como aquela aqui em Monte Alegre. Outras novidades significantes foram instaladas para o branqueamento de celulose e pesta mecânica.** A nova instalação de branqueamento permite branquear a celulose sulfato, que anteriormente só fôra consumida em cor natural, e o branqueamento da pasta mecânica melhorou consideràvelmente na cor dêste produto, e assim a côr e a aparência do papél jornal, que, práticamente, não se distingue mais do papél jornal importado. Para fins dêste branqueamento de pasta mecânica, foi instalada uma pequena estação de fabricação de hidro-sulfito de zinco, sendo que tôda aparelhagem para essa pequena fábrica química foi confeccionada nas próprias oficinas das I.K.P.C S/A. Esta fábrica própria de hidro sulfito de zinco, tornou nossa indústria independente das importações dêste produto. Das novas instalações, que não ficarão terminadas em 1958, devem ser mencionadas a Máquina nº 5 para secar celulose, a modificação da Máquina nº 3, que até agora está sendo usada para	Desenvolvimento industrial local	Desenvolvimento industrial	Auto valorização; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; Passado anterior à chegada dos industriais; Feitos da Klabin; Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Cidade Nova e seu desenvolvimento;

secágem de celulose e, no futuro, produzirá papél e papelão, e a instalação de pasta mecânica química, de acôrdo com o sistema especializado para melhorar o rendimento e qualidade da pasta mecânica comum. **Tôdas essas instalações ficarão prontas no primeiro semestre de 1959. Dos novos projetos para futuro, merece ser mencionado o aumento da instalação termo-elétrica**, com uma nova caldeira de alta-pressão, que usará o próprio carvão de Monte Alegre, como combustível e uma nova turbina de vapor para aumentar fôrça para a Fábrica.

Falando do fornecimento de fôrça não se deve esquecer que, no decorrer do primeiro semestre de 1958, foi montada **nova linha de alta-tensão entre a Usina Hidro-Elétrica de Mauá e a Fábrica, em Harmonia. Foram substituidos os postes de madeira, que serviram durante 11 anos, por estruturas metálicas modernas,** carregando 6 cabos de alumínio, enquanto a linha antiga estava equipada com apenas 3 cabos de cobre. As novas estruturas metálicas modificaram o aspecto da paiságem entre Harmonia e Mauá.

Além das novidades no setor industrial, houve progressos também nos setores florestais, nos setores de transportes e acomodações para os empregados. O Departamento Florestal continuou com as replantações anuais, sendo que as plantações de araucária paranaense limitaram-se, neste ano, às experiências com plantio na terra de mato, com nova técnica de preparação de sólo. Foram plantados 5.000.000 de pés de pinheiros nos 700 hectares e replantados 2000000 nos 400 hectares. Nas outras plantações, o plantio de eucalípto atingiu, até esta data, 1.400.000 pés plantados em terra de mato, e campo.

Das espécies exóticas foram plantadas mais do que meio milhão de Pinus Elliotti, que, até esta data, adaptou-se muito bem neste clima e não apresentou nenhuma doença que prejudicasse e rápido crescimento.

Nos viveiros definitivos, em Lagoa e Miranda, e nos ambulantes, que estão nas proximidades das áreas destinadas para reflorestamento, encontram-se mais do que 1500000 pés de eucalipto, 200.000 pés de Pinus Eliotti e 50.000 pés de paineira.

Todos os funcionários ligados com a produção frequentaram o curso botânico, cuja finalidade foi de melhorar o conhecimento ds nossas espécies indígenas e aplicar êste conhecimento no melhor aproveitamento da floresta.

O corte de madeira continuou em ritmo sempre crescente, devido ao aumento de produção e foi especialmente significante o maior aproveitamento de madeira folhosa de muitas espécies. Também começou, já o desbaste das plantações de pinheiros de 7 até 8 anos, sendo que tôda a madeira ainda fina das plantações, que tinham de ser desbastadas, foram aproveitadas integralmente para a fabricação de pasta mecânica, após serem descascadas no **novo descascador automático, que foi instalado no Páteo de Madeira da Fábrica.**

O que se refere ao progresso no transporte, os pontos mais significantes foram **os serviços quase ininterruptos dos grandes caminhões, na nova estrada de rodágem**, que liga a Fábrica com a região do Rio Branco, melhorando, consideràvelmente, o regular abastecimento da Fábrica, com tôdas as espécies de madeira. **A Estrada de Ferro também melhorou no ano de 1958**, com ritmo normal e práticamente todos os produtos fabricados na Fábrica, uma quantidade de 7 até 8 mil toneladas por mês, foram transportados por meio da Estrada de Ferro para centros de consumo, São Paulo ou Rio de Janeiro, ou para o porto de Paranaguá. Também as matérias primas compradas, como enxofre, pedra calcárea, sal, cal, etc. como também quase tôda a maquinaria e material de consumo, chegam agora à Fabrica pela Estrada de Ferro e **quase não passa nenhum**

	dia que não entre e saia um completo trem de carga, da nova estação ferroviária de Harmonia. E, quando o som alegre do apito da locomotiva vibra sôbre a reprêza de Harmonia e sêbre as matas de pinheiros novos, a população de Monte Alegre fica lembrando que **aqui não é mais o sertão de outrora, mas uma zona desenvolvida e civilizada, ligada permanentemente com os grandes centros urbanos do Paraná e dos outros Estados.** **O serviço de aviação também foi melhorado.** A companhia "Cruzeido do Sul", que, durante muitos anos escalava duas vezes por semana no aeroporto de Monte Alegre, aumentou o seu serviço para Monte Alegre para **3 vôos semanais** e uma grande parte da população local aproveita êstes vôos para as viagens a Curitiba e São Paulo. **Quanto ao transporte local de passageiros**, espera-se que o muito discutido **Bonde Aéreo**, entre Harmonia e Cidade Nova entre em funcionamento, no primeiro semestre de 1959. Os prédios das duas estações, nos dois lados do rio, já estão bem adiantados. A Maquinária e o material para o Bonde-Aéreo já estão em viagem da Alemanha para Santos, de modo que a montágem dêste novo meio de transporte não vai tardar. **A questão de acomodações de todos os que trabalham em Monte Alegre continua sempre a ser um problema, uma vez que o número dos operários novos aumenta de ano para ano, e, além disso, muitos jovens, filhos de velhos empregados das I.K.P.C. contratem matrimônio e desejam acomodações próprias para a nova família.** Embora que a construção de novas casas nunca pode acompanhar os desejos dos novos casais, **o número de novas moradias também aumenta continuamente.** No alto, atrás do Grupo Escolar Manoel Ribas foram construidas, nos últimos meses, 4 novas casas de materíal que dentro de poucas semanas ficarão habitadas. **Muitas das velhas casas de madeira, especialmente na região chamada Acampamento Harmonia, na descida para o Rio Tibagi, foram derrubadas e reconstruídas na Cidade Nova, onde estas casas reconstruídas passaram a ser propriedade dos ex-inquilinos.** Aliás, **a Cidade Nova merece 100% a sua reputação como "a cidade que cresce". Lá, no lugar onde há 5 anos atrás só tinha compôs limpos e pinhais ralos e bonitos, encontram-se hoje milhares de casa novas, casas de famílias, comerciais oficinas e escolas, e está sendo construído agora, um modernissimo ginásio estadual, que, sem dúvida, vai embelezar tôda a região. Nos arredores da Cidade Nova foram terminadas, em 1958, as 100 casas do novo núcleo "Juscelino Kubitschek"**, da Fundação da Casa Popular. Em março, êsse novo núcleo foi oficialmente inaugurado festivamente, com a presença do Sr. Marcial Lago, Superintendente da Fundação da Casa Popular. **Uma outra novidade na Cidade Nova são as grandes plantações de oliveira, iniciadas pelo Dr. Horácio Klabin.** Começando com modestos viveiros, as plantações de oliveiras estendem-se agora sôbre muitos hectares dos arredores de Cidade Nova, com aspécto de um futuro muito prometedor. **Voltando para o lado de Monte Alegre, o historiador pode relatar ainda que a vida social e cívica de Monte Alegre continua com a mesma atividade, como nos anos anteriores. Os clubes continuam muito frequentados, aumentando mensalmente o número de sócios. A nova cancha de basqueteból e voleiból na Av. Brasil perto do prédio do Clube Atlético Monte Alegre, está ocupada cada noite, em competições esportivas alegres pelos muitos clubes, que agora se dedicam a êstes esportes. O futebol também continua uma grande atração para a população local.** Embora que os clubes montealegrenses não tomam parte mais,			

nas competições estaduais, os jogos da Liga de Monte Alegre tornam-se cada domingo mais frequentáveis. Na sede campestre do Harmonia Clube foi construida uma nova casa para os barcos a remo, com uma arquitetura diferente da anterior. O teto desta nova casa para os barcos a remo, com uma arquitetura diferente da anterior. O teto desta nova casa de barco foi executada em forma de grande plataforma, permitindo o arranjo de mesas ao ar livre. Sem dúvida, bonito enfeite da sede campestre. O Lions Clube se dedicou, como sempre, nos serviços desinteressados para ajudar os outros. **Foram inaugurados dois novos parques infantis, em Lagoa em Colônia, e, há poucas semanas, foi creado, no hospital local, o Branco de Sangue, patrocinado pelo Lions Clube.**

O Grêmio Recreativo Araucária, em Lagoa, aumentou também êste ano as suas atividades instalando canchas de Voley-Ball e Basket-Ball, bem como **reiniciando os banhos de piscina, que durante muitos anos estava abandonada**. Na sede do clube reúnem-se muitos sócios e visitantes para passar alegres horas de jogos, danças e atividades esportivas. Nas últimas semanas foi aberto, na sede dêste clube, um **restaurante veneziano**, que também promete ser um ponto de reunião. A diretoria do Grêmio Recreativo Araucária organiza regularmente **seções cinematográficas na sede do clube, mandando também os filmes, uma ou duas vêzes por semana, para Miranda e acampamento da Mina de Carvão.**

Falando de cinema, não se deve esquecer o fato importante que o Cinema em Harmonia foi reconstruído e transformado em Cinemascope, instalando ao mesmo tempo dos novos aparelhos para filmes de 35 milimetros. **Dèste modo a população da região tem agora dois modernos cinemas, um em Harmonia e um em Cidade Nova, á disposição,** e muitos filmes de fama internacional foram apresentados nestes dois cinemas.

O que se refere ao ensino da juventude montealegrenses, o ponto mais notável a registrar é o desenvolvimento do ginásio estadual. No prédio, onde há poucos anos atrás apenas 30 alunos atenderam ao curso secundário, reúnem-se agora diáriamente 120 moços e moças, atendendo ás quatro classes de ensino ginasial, e, em dezembro de 1958, haverá a primeira formatura de estudantes ginasiais de Monte Alegre. Também **os cursos primários e os dois Jardins da Infância** contaram no ano, que finda, com mais alunos que nos anos anteriores e, com **o aumento sempre crescente da população de Monte Alegre**, encontram-se nas ruas, cada vez mais, alunos em guarda-pós azuis, do Jardim da Infância, guarda pós brancos – do curso primário e os bonitos uniformes: blusa branca e gravata azul-marinho – dos ginasistas.

Outro tipo de uniforme, que ficou agora muito conhecido da população local, foi o dos **escoteiros e bandeirantes, que se multiplicaram em 1958.** No fim de 1958 já tem 83 escoteiros e lobinhos e 43 bandeirantes e fadinhas, em Monte Alegre, que se reúnem, regularmente, na cabana ou nos acampamentos, seguindo, com alegria os ideais famoso general Baden Powell.

Serviço de Assistência Social e de Assistência Médica também continuam num ritmo sempre crescente. Os 6 médicos e 3 dentistas, junto com uma turma eficiente de enfermeiros e enfermeiras atendem, dia e noite, os que sofrem doença e acidentes. A estatística médica mostra que as condições higiênicas da população, seja nas vilas operárias, seja nos acampamentos no mato, melhoraram de ano para ano. A Assistência Social cuida, como sempre, das famílias desamparadas e organizou, como sempre, distribuições de enxovais para jovens mães, e pacotes de presentes para tôdas as crianças dos operários das I.K.P.C., bem como as dos empreiteiros, que aqui trabalham.

	O desenvolvimento de Monte Alegre nunca fica parado. Já se fala de uma nova fábrica de papél e celulose a ser erguida no centro do Paraná e que, embora em lugar afastado de Monte Alegre, sempre ficará uma filha da Indústria daqui. No fim de 1959, quando "O Tibagi" celebrar o 11º aniversário, muitas novidades poderá, sem dúvida, registrar o nosso semanário, que acompanha o desenvolvimento de Monte Alegre e de todo o município Tibagiano.			

O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 – 3 Cadernos - 10º aniversário – Ano X – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº491 Página: 16 – segundo caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16765 Título: Passeio à Colônia VII Autor: Observações:	Na área de Monte Alegre, reservada à colônia agrícola, ano a ano repete-se o incessante trabalho do amanho [sic] da terra. Às semeadeiras sucedemos às messes, às colheitas. O milho emboneca; o trigo é colhido; o solo recebe o arroz. Alouram o centeio e a alfafa. O solo enriquece-se com a vagem e o feijão. A batatinha é colhida com vantagem. Uma cousa se nota logo, nas colinas e nas planícies aradas para o plantio: a terra mudou de côr. Antes sêca e argilosa admiquiriu humosidade; transformou-se, a olhos vistos, nesses 5 anos de contínua adubação verde, de culturas intercaladas, de cuidados ininterruptos. Aí está um valor que não se troca imediatamente por dinheiro, mas permanece como um patrimônio de riqueza inestimável: a recuperação do solo, da terra magra e pobre, pela plantação racional, pelo entrerramento dos capins, da palha das ervas verdes, restaurando o húmus destruído pelas queimadas, restituindo ao solo os elementos de que necessita para se tornar rico e produtivo. Muitos colonos plantaram forrageiras e capins, enriquecedores do solo. O gado produziu estêrco; o estêrco adubou os campos. Monte Alegre recebe, diàriamente, um leite saboroso, sem misturas; recebe manteiga, de largo consumo – o que torna a produção insuficiente. Receberá queijo, tão logo a "fábrica" que os próprios holandeses constroem esteja pronta. **Os produtos não são mais baratos que lá fóra, mas são de alta qualidade, para todos.** **Nos moinhos da Sede da Secção de Agronomia moe-se o fubá – um fubá tão bom quanto qualquer outro; faz-se uma farinha de centeio ótima;** descasca-se o arroz de seco – tão bom quanto pode ser um arroz sem irrigação. Também se móe o trigo, muito mais nutritivo, muito mais saboroso que o das alvas farinhas, super peneiradas, e que deixam as suas melhores qualidades nos múltiplos processos de refinamento. Os criadores de galinhas forneceram ovos e carne durante o ano todo, apesar das doenças que lhes prejudicaram a criação. O milho abasteceu a Fazenda. **Para os que querem resultados imediatos êsse progresso não conta. Para quem viu tudo aquilo como um campo áspero, semeando de capim-limão e gravatá, a Colônia Agricola, com suas plantações de arroz e trigo, seus campos de forragem, seus pomares em formação, seu colonos [sic] holandeses – inigualáveis criadores de gado – representa uma das mais notáveis realizações de Monte Alegre.** NOTA: Superintendente da Colônia Agrícola: Francisco Riederer, Chefe as Secção de Agronomia: Eliomar Xavier, Secretário: Gercindo Telles.	Informações sobre a Colônia Agrícola	Progressoe prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Auto valorização; Feitos da Klabin;

O Tibagi – Domingo, 30 de Novembro de 1958 – 3 Cadernos - 10º aniversário – Ano X – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº491 Página: CAPA – segundo caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16695 Título: não há título Autor: Observações: imagem da ponte do rio Tibagi, com a seguinte legenda: Ponte sobre o rio Tibagi em Harmonia – Monte Alegre – Paraná – seguido de quadro explicativo abaixo transcrito	**UMA OBRA DE NOTÁVEL IMPORTÂNCIA PARA A REGIÃO** – A ponte sobre o rio Tibagi, construída e entregue no tráfego há já quase seis anos, é, indiscutivelmente, **uma obra de notável importância para a nossa região.** Hoje, **com o advento e o notável progresso de Cidade Nova, seus serviços têm sido de inestimavel valia, uma vez que liga dois núcleos de grande projeção, nas esferas do futuro Município de Monte Alegre do Tibagi.**	Ponte sobre o rio Tibagi ligando Monte Alegre à Cidade Nova	Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre	Cidade Nova e seu desenvolvimento; Menções à cidade de Tibagi; Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional;

O Tibagi – Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário – Ano XI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº540 Página: 3 - segundo caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16867 Título: Clube Atlético Monte Alegre Autor: Magíco Observações:	Estamos em pleno dezembro, mês que a todos encanta e cativa. **Vemos semblante do montealegrenses o sorriso franco e jovial, irradiando sempre aquela sua simpatia tão peculiar.** É, dentro desse ambiente que vimos, nesta despretensiosa reportagem, trazer, aos leitores de "O Tibagi", um pouco da vida do Clube Atlético Monte Alegre. Nos primórdios de 1943, quando aqui se iniciava o trabalho de construção da Fábrica, quando seria quasi impossível aquilatar o potencial habitavel, a superficie consumida para o seu assento definitivo, já morava no coração daqueles pioneiros, muitos dos quais, já se transferiram, a ideia da fundação de uma sociedade social-esportiva. Os planos foram se sucedendo, uns aos outros. Esperanças, porém, existiam na imaginação daquela gente, de poder contar, um dia com um Clube, **um recanto, para o seus devaneios, para os seus divertimentos, nas horas que lhe sobravam nos descanços [sic]dominicais.** Alguns anos mais tarde, quando outros homens de temperas iguais, unidos pelo mesmo ideal, tomaram aquela situação, tornando realidade aquele sonho por muitos anos acalentado. Essa pleiade de homens, incansáveis, formada pelos srs. João Quadrado, Antonio Maria Quadrado, Clodomiro Fernandes, Andre Nobega, Leônidas Garcia Rodrigues, Martins Perez, João Fernandes, João de Abreu, José Antenor Ribas, Rafael de Abreu, Juarez Torres de Oliveira, Lotario Vedan e outros cujos nomes não nos ocorre no momento, iniciaram o trabalho árduo, porem compensador na fundação do CAMA inicialmente as reuniões foram realizadas na residência do sr. João Quadrado, para mais tarde, contarem com sua sede provisoria, ainda no mesmo bairro de Harmonia. As atividades sociais, se expandiram, divertimentos, jogos recreativos outras tantas atrações, fizeram parte da vida do clube, que vinha caminhando a passos largos para o seu apogeu definitivo, dando amostrar do fruto do trabalho decidido daqueles **homens idealistas e honestos** que souberam conduzir os destinos da associação até o ano de 1946. Nessa época, o Clube Atlético Monte Alegre, teve, por força dos seus estatutos, a sua eleição para o Conselho Diretor, que ficou composto de quasi a totalidade dos fundadores, porém em cargos diferentes. Assim se passaram mais alguns anos, quando na sua segunda eleição, verificou-se a inclusão de novos elementos, parte pela ausencia de alguns fundadores e parte em razão direta das eleições livres, cuja assembleia escolheu a sua nova diretoria, que ficou assim constituída: Presidente: João de Abreu; seguindo dos demais cargos ocupados pelos srs. Antonio Maria Quadrado, Martins Perez, Leônidas Garcia Rodrigues, João Fernandes, Clodomiro Fernandes, Juarez Torres de Oliveira e João de Abreu. Êsses membros imbuídos igualmente no mesmo ideal partido daqueles que souberam cria-lo, continuaram no mesmo **caminho de trabalho de lutas e dedicação**; planificando, trabalhando num único sentido objetivo em pról dos associados cujo numero da época já era apreciavel. Evidentemente em função do **progresso que adquiriu a sociedade** e as naturais variações de tempo, teria mudado o aspecto no ponto de vista financeiro. Dai a natural expansão dos seus departamentos, oportunidade em que foi criado a divisão de Futebol, que iniciou com o sr. Martins Perez na Presidência do Clube, por volta de meados de 1948. **Ha que se ressaltar nestas alturas a solidariedade e o apôio sincero e despretensioso daquele que seria mais tarde o patrono do Clube Dr. Horácio Klabin. Homem de elevada envergadura e acentuado pendor pela causa comum. Esportista amigo, soube incentivar entusiasmar aqueles a quem estavam**	Histórico do Clube Atlético Monte Alegre	Progresso e prosperidade em Monte Alegre;	Auto valorização; Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Gratidão à Horácio Klabin;

confiados os destinos do clube, o dr. Horácio, foi desde então, a figura proeminente na causa esportiva e social dentro de Monte Alegre.

Uma das principais doações, inegavelmente, foi dotar a cidade daquele imponente prédio que se ergue na Av. Brasil onde funciona a Séde, dotada de todos os requisitos modernos, amplo salão de dançar e outras dependencias. Isso tudo significa que já naquela época o clube marcava passos largos para a sua definitiva consagração, apresentando aspecto dos mais dignificantes face aos progressos assinalados. Com o funcionamento permanente da nova séde a que já falamos, aumentou consideravelmente o número de associados; multiplicaram-se as atividades, realizaram-se os saraus, matinées, bailes, dado assim, provas sobejas de seu vasto desenvolvimento de sua pujança, dentro do cenário esportivo-social do Paraná.

Em 1949, realizaram-se as eleições para a formação da diretoria que deveria dirigir os destinos do clube, em cuja presidência foi eleito o sr. Leônidas Garcia Rodrigues, igualmente acompanhados dos demais companheiros, exceto daqueles que se haviam transferido de Monte Alegre mas mesmo assim, contava-se naquela diretoria, srs. Martins Perez, Clodomiro Fernandes, José Antenor Ribas, Lotario (ilegível!) e outros cujos nomes não nos ocorre, mas souberam dignificar uma causa. Nêsse ano a vida social e esportiva do Clube Atlético Monte Alegre, não mudou em nada, continuando colhendo sucessos sociais, realizando tudo quanto podia em benefício dos associados: Em 1950, também **por vontade própria da assembleia foi conduzido á presidência o sr. Péricles Pacheco da Silva**, que iniciou a fase mais destacada da vida de Monte Alegre: expandiu o seu departamento esportivo, com a criação do profissionalismo, e continuou na obra o seus antecessores nas atividades sociais, mantendo o mesmo nível de atrações que até então se vinha realizando.

O presidente Péricles juntamente com Dr. Horácio Klabin não pararam, **com a obra que até então vinha se destacando sobremaneira, em ambas as suas atividades.** Foi exatamente nessa época que o CAMA, teve então o seu nome perpetuado no cenário esportivo e social no Paraná. Com a sua inclusão na divisão extra de profissionais, ganhou mais personalidade solidificando para sempre aquele seu prestígio, iniciado há tempos passados.

Recentemente á sua vida social, teve, é bem verdade, uma fase um tanto desanimada, posto que com a criação do profissionalismo, evidentemente, tornaram-se escassas as possibilidades mais destacadas no seu setor social. Porém, diga-se por justiça: jamais foram abandonadas as cousas sociais do Clube Atlético Monte Alegre. Tanto que a sua diretoria, **trabalhava com ardor e muita dedicação, e sempre assegurava melhores atrativos e diversões aos associados.**

Assim marchava o CAMA, na sua carreira brilhante dentro da Federação Paranaense de Futebol, e a todos agradando dentro de usas atividades sociais. Ano de ouro, época que o Alvi-negro, recebeu a sua maior consagração, acabando por projetá-lo definitivamente, inegavelmente a sua maior conquista foi o Titulo Máximo, dentro da Divisão Extra, em 1955. Foram Campeões os seguintes diretores: Presidente Péricles Pacheco da Silva, Vice Presidente Leônidas Garcia Rodrigues; Tezoureiro Olavo B. de Arpelau e Delord S. Monteiro; José Svieski, Oscar Sotto Mayor, Martins Perez e Guilherme Souza. Completamente, exercia as funções de médico o desportistas Dr. João Neves Bogado que aqui residia desde 1954. Feito dos mais belos, ocasião em que o CAMA, escreveu com letras de ouro, **a mais bela conquista jamais conseguida por clubes interioranos.**

Sabemos todos nós que uma sociedade é fundada, cuidada posteriormente com o maior

	carinho, dedicação, esforço próprio dos seus diretores, notadamente a responsabilidada [sic] do seu Presidente. **Exatamente por haver bom senso, responsabilidade, e zelo na administração de um clube**, resolveu sua diretoria, acrescidos de outras circunstancias mais, suspender, embora, temporariamente, as suas atividades profissionais. Dai então houve a fase de maior crescimento social, pois a situação tornou-se mais cômoda e ampla, e com a eleição do sr. Martins Perez, na Direção Social, permitiu uma natural expansão. Os cuidados neste setor, se multiplicaram. Inovações foram introduzidas na sua séde e calenrio [sic] social. **Com o natural apoio do Presidente Péricles que vinha produzindo os destinos do clube com firmesa e categoria,** cresceram as suas atividades aumentando lhe as possibilidades. Com isso, inegavelmente, quem ganhou, foi o montealegrenses, notadamente o associado CAMISTA viu **seu clube um recanto de diversões sadias, e alegres.** Acontecimentos marcantes, foram assinalados nestes dois ultimos anos. Neste, que está para se despedir, foi um periodo alegre, muito movimentado no setor social. Desde o carnaval, até as festas de dezembro, colheu sempre o seu sucesso absoluto. Orquestrar como Mauro de Campos, Guarani, Tita Duval, Irmãos Meira e outras, tambem estiveram presentes, abrilhantando os magníficos sucessos colhidos. Salienta-se que a atual diretoria do CAMA, não se revelou, unicamente porque vem promovendo os seus bailes, vesperais, saraus etc. estes são cuidados que sempre tiveram a maior preocupação da presidência e direção social. Entretanto, a relevância dos serviços assinalados pela sua diretoria é o de assegurar o seu bom nome conseguido após anos de sacrifícios e lutas. E, p**ara consecução desse objetivo, é preciso: uma organização, trabalho, dedicação e firmesa nas ações. A administração do dinâmico presidente Péricles Pacheco da Silva, tem como principal objetivo: pontualidade sistemática; e trabalho desinteressado.** Sob esses dois lemas, vem a diretoria, realizando, as suas reuniões semanais, sem se observar nenhuma ausência, injustificada. Nesses atos, tomam-se providências, esclarecem os assuntos pendentes, idéias conjuntas se revelam; tudo isso é realizado dentro de **um ambiente sadio de cavalheirismo e boa vontade.** Nas atividades sociais registradas até esta data, há que se destacar o seu incansável diretor, que juntamente com os seus dignos auxiliares, srs. João Viezer, José de Lima Prestes, João Stanski, tem procurado rendar o máximo em favor do quadro social. Uma das magníficas idéias do sr. Peres, foi a criação da Orquestra CAMA. Com o natural apôio da Presidência, conseguiu aquele diretor, a aquisição de instrumentos, contando inclusive com bons elementos, formou-se um conjunto para maior comodidade e despreocupação com os contratos de orquestras. Sem dúvida, uma das muitas realizações já conseguidas na vida social do Clube Atlético Monte Alegre. É a seguinte a **atual diretoria que vem conduzindo com muito acerto e trabalhando com dedicação em pról do engrandecimento social da vida montealegrenses:** **Presidente: Péricles P. da Silva**; Presidente: Leônidas Garcia Rodrigues 1º Secretario José Svieski 2º <<>> Oscar de Sá Sotto Mayor 1º Tesoureiro: Olavo B. de Arpelau 2º Tesoureiro: Delarde de Sousa Monteiro Diretor Diretor Social: Martins Perez Diretor de Futebol: Dr. J.N. Bogado. Conselho fiscal: Presidente: Moacir Japiassú membros: Artur Oscar Bodstein e Sanito C. Martins.			

	Como se vê, um conjunto de homens lúcidos, cultos e batalhadores incansaveis na luta em prol da grandesa e do progresso social da nossa terra.			

O Tibagi – Quarta-feira, 23 de Novembro de 1959 - 11º aniversário – Ano XI – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº540 Página: 16 - primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16860 Título: Prata da Casa – Monte Alegre - 1959 Autor: Engº Vilém Willer Observações:	Em todos os anos passados, encontramos nesta página, a história de um ano de Monte Alegre, contada pelo Dr. Karl Zappert. Êle foi a pessoa – mais indicada para ser historiador de Monte Alegre, êste **Monte Alegre que ao mesmo tempo é obra técnica, comunidade e núcleo cultural.** O Dr. Zappert reuniu as qualidades do veterano, que aqui chegou antes de existir qualquer daquelas realizações da fábrica e do "velho" mais estimado nesta comunidade pequena, além de possuir a capacidade de contar de uma maneira agradável, aos amigos, o que por aqui aconteceu. A falta do artigo do Karl Zappert, na "prata da casa" dêste ano, é um fato simbólico para 1959, que poderá ser chamado "o ano da despedida de Zappert". Depois de 17 anos de trabalho exaustivo, êle se mudou para a Europa, assumindo um alto cargo na companhia, da qual êle havia saído para o Brasil, durante a guerra. Alegrou-nos a notícia que o dia de trabalho para êle termina, agora, às 6 horas da tarde e a semana do trabalho, no sábado – aqui era diferente! Visto de fora, o ano de 1959 de Monte Alegre poderia, também, ser chamado o "ano do **Bonde Aéreo**": aqui está êle, do qual tanto tempo se falou; começou a funcionar no dia 11 de novembro, sem solenidade, e **está funcionando para grande contentamento da população, para a alegria de crianças e adultos; atração turística para os visitantes da Cidade Papél.** Com seus 1.350 metros de vão livre e à velocidade de 10 metros por segundo – conforme afirmações dos engenheiros, que fizeram a montágem, **o mais veloz existente**, dêste tipo – **o Bonde Aéreo de Monte Alegre é uma mostra do progresso técnico, que resolveu o problema da condução do operariado da fábrica para Cidade Nova. No espírito de servir ao público, a Companhia estipulou um preço de passagem abaixo do custo da manutenção apenas.** **No retrospecto sôbre o desenvolvimento da fábrica – que enfim é a base da existência em Monte Alegre – temos que focalizar dois acontecimentos importantes: a construção da Máquina nº 5,** para secagem de celulose para venda, e **a reconstrução da Máquina nº3**, a antiga máquina para secar celulose, transformada em máquina para papelão. A construção e a montagem da Máquina 5 ocuparam o primeiro semestre do ano. Com os **esforços concentrados do pessoal técnico**, foi terminada a contagem dentro do prazo programado e a máquina iniciou seu funcionamento regular no dia 17 de julho. A capacidade de aproximadamente 3500 kg por hora de celulose, seco ao ar, ultrapassa o programa prévio e permite uma produção bruta de 3.000 toneladas por mês, vendidas às outras fábricas de papél, **economizando ao país cambiais, pela redução da importação de celulose estrangeira.** Também a Máquina nº3 pode ser somada às obras do ano de 59, pois a montagem, começada, sòmente, no início do segundo semestre, está práticamente terminada e as experiências começarão antes do fim do ano. Aproveitando certas partes da Máquina 3 antiga, foi construida uma **nova máquina de papelão**, moderna, com uma capacidade de 70 toneladas diárias. Já, no ano passado, mencionamos aqui o nosso programa de expansão, chamado "Plano 1". Trata-se de **melhoramentos e de novas instalações**, a fim de aumentar a produção de papél de imprensa para 185 toneladas por dia. A parte principal do plano é um turbo-gerador do 6.250kVA de contrapressão, alimentado por uma caldeira de 45 atmosferas, com 50 toneladas de capacidade horária. Esta caldeira usará, como combustível, o carvão de nossa mina, situada perto da Usina Hidroelétrica, e que será devidamente equipada por maquinário moderno. A economia de lenha, aproveitável para a fabricação de celulose, faz parte do plano. O turbo-gerador e caldeira, com seus pertences, foram encomendados na Suécia, no início do ano,	Coluna similar à "História de Monte Alegre". Desenvolvimento industrial local	Desenvolvimento industrial	Auto valorização; Feitos da Klabin; Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; Progresso e prosperidade em Monte Alegre;

	e estão sendo executados dentro dos prazos estipulados. Os equipamentos para aumentar a produção da Máquina nº 1. 2 novos desfibradores e outro maquinário complementar encontram-se em fase final de fabricação, na Finlândia. As montagens deverão começar em março e até ao fim de 1960 encontrar-se á a parte da nova da fábrica em pleno funcionamento. As **novas instalações,** terminadas no ano 58, passaram em fase de experiência e das dificuldades iniciais. A fábrica de celulose sulfato alcançou sua plena produção, usando-se, como matéria prima, exclusivamente madeira latifólias, antigamente queimadas como lenha. A caldeira de recuperação recupera toda a soda cáustica da fabricação de celulose sulfato e semi-quimica fornecendo ainda 20 t/h de vapôr, da queima de "lixivia preta", que, de outra maneira, poluiria o rio Tibagi. Outros equipamentos estão sendo adicionados, completados, e **a fábrica, com ruas asfaltadas, cada vez mais limpas, com novos prédios de boa arquitetura, como o da Maquina 5, poderá enfrentar a comparação com fabricas modernas de paises avançados.** **O mais importante para o futuro de Monte Alegre é, todavia, o planejamento e as pesquisas.** Dêste ponto de vista, o ano 1959 foi o mais decisivo desde a construção da fabrica. Foi um ano de estudos e cálculos, **pondo em conta as necessidades nacionais de papél para imprensa e as disponibilidades de matéria prima e de energia eletrica.** O resultado dos trabalho resume-se na notícia publicada, nestes dias, do Diario Oficial foi autorizada a importação do maquinário, conforme o plano de expansão da fábrica Monte Alegre, aumentando a produção de papel jornal para 430 toneladas diárias. Terminando, pois, um ano de **trabalhos e sucessos**, encontramo-nos em frente em novas tarefas, maiores e mais interessantes do que em todos os anos passados, desde que foi construida a fabrica de Monte Alegre.			

O Tibagi – Quarta-feira, 22 deDezembro de 1960 - 12º aniversário – Edição de Hoje: 20 páginas - Ano XII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº583 Página: 3 - primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16902 Título: Comentário da semana – Escolas do Mato Autor: Hellê Vellozo Fernandes Observações:	Casinha pequena, pintada de branco, erguida no campo, sôbre cepos de pinho... Casinha duma sala só, com certeiras de aula, com mesa de professora e quadro-negro na parede – escola pobre do mato nem por isso menos útil. E por isso, mais valiosa. Os alunos vêm do longe. Andam 6 ou mais quilômetros para chegarem até lá. Saem cedo de seu acampamento, sacola de pano a tira-colo, avental branco, pés no chão... A professora é, via de regra, mulher dum empreiteiro. Ensina a ler, escrever, a contar. É tudo. É muito. Antes, não havia escola. A criançada dos acampamentos, imunda, largada, brincava no barro ou traquinava no mato. Visitamos, êste ano, **doze escolinhas de acampamento, construídas e mantidas pelas IKPC.** O material escolar foi fornecido pelo Lions Clube. **As professoras de Lagoa, colaborando com o Departamento Florestal, foram fazer os exames finais nas escolinhas.** Algumas haviam começado a funcionar apenas há dois ou três meses. Não houve grande número de alunos preparados ao nível do aluno da cidade CONTINUA NA 12. PÁGINA (imagem SDC16931) Mas vimos dezenas de crianças alfabetizadas – e isso é o principal. **Congratulamo nos com os responsáveis por essa alfabetização, sejam êles de parte da Diretoria, sejam êles de parte das Superintendências das IKPC.** **O Apôio que deram á criança dos acampamentos, possibilitando-lhe a frequência no Curso Primário, é algo grandioso e elogiável.** A emoção que da o crescimento dos pinhais, a produção crescente da Fábrica sòmente se compara a construção das casas brancas, espalhadas pelo mato. **Nelas, modestamente, prepara-se para uma vida melhor o trabalhador de amanhã**. Na cartilha êle não aprende apenas a ler. Descobre o mundo maravilhoso do conhecimento, que começa nas simples sentenças sôbre higiene pessoal e vai até as histórias da terra, do homem e dos animais, falando lhe às fantasia. São novos horizontes que se abrem. A criança do mato que lê e escreve tem mais vida no olhar, mais vivacidade em cada gesto. Vemos isso a cada visitação e essa satisfação mantém nosso entusiasmo. Contudo, êste ano a messe [sic] de melhorias foi muito maior que em todos os outros. O Lions Clube, doando prêmios aos primeiros alunos colocados, despertou um interesse extraordinários entre alunos e professores – que pela 1ª vez foram distinguidos. De outra parte, **justiça seja feita à Superintendência Florestal.** O dr. Rodolfo Kohout desvelou-se em atenções. O filho do plantador de pinheiros mereceu dele a mais carinhosa atenção. O sr. Paulo Costa foi outra pessoa compreensiva, que lutou muito por diversas escolas. O período de nossas vidas é muito breve para que assistamos ao desenvolvimento dum povo. Mas sentimos que êle se faz assim, no meio do mato, em cada escola que surge e alfabetiza crianças de pés no chão.	Implementação das escolas do mato pela Klabin	Feitos da Klabin	Relacionamento e vivência em Monte Alegre; Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre;

O Tibagi – Quarta-feira, 22 deDezembro de 1960 - 12º aniversário – Edição de Hoje: 20 páginas - Ano XII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº583 Página: 8b e 8c Número da fotografia inicial da matéria: SDC16919 Título: não há titulo Autor: Observações: várias notas e fotografias sobre Cidade Nova	Já está em adiantada fase de execução o **aumento no prédio do Ginásio Estadual de Cidade Nova**. Nessa parte nova funcionará, no próximo ano letivo, o Curso Científico, e possivelmente terá início também no ano vindouro o Curso Normal Secundário. **O referido aumento – como já foi o próprio prédio do Ginásio – está sendo executado pelas Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A, que sempre têm demonstrado o maior carinho para com o ensino em geral.** O Ginásio Estadual formou êste ano mais dez alunos: Alfredo Machado Lopes, Ester Guiomar Bueno, Marly Joly, Olga Kruger, Souvenir Pedroso, Miriam do Rocio Neto, Darci Almeida, Kireti Salo, Lizete Voigt e Auli Salo. No próximo ano, espera-se que a turma de graduandos seja superior a trinta alunos, visto haver duas turmas grandes de terceiranistas, cuja maioria passou para a quarta série. O Grupo Escolar Leopoldo Mercer, entretanto, apesar de possuir oito salas de aula, e o grupo funcionar no regime de três turnos, não abriga tôdas as crianças em idade escolar existentes de Cidade Nova. Há ainda outros estabelecimentos de ensino, como as escolas isoladas, destacando-se entre elas a do Nucleo Residencial Juscelino Kubistscheck, mas são insuficientes em relação ao grande número de alunos. Os responsáveis, entretanto, envidam todos os seus esforços no sentido de encontrar uma solução rápida para o caso. Neste ano, **grandes melhoramentos se verificaram em Cidade Nova**. A **iluminação pública** foi um deles. inicialmente, iluminou-se a chamada rua do ginásio e posteriormente o melhoramento se estendeu à Avenida Apucarana **e há projeto para outras ruas serem beneficiadas** com a iluminação pública. **Recentemente foi aumentado o fornecimento de energia elétrica à Cidade Nova, com nova linha Harmonia-Cidade Nova, com capacidade três vêzes superior à existente.** **Procurando colaborar com o problema de habitação nesta cidade, as Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A. construíram mais um lote de 23 casas, estando já tôdas vendidas, a preços módicos e em suaves prestações. Um plano para novas construções está em estudos.** Devido ao **constante e acelerado crescimento de Cidade Nova**, a Vale do Tibagi verificou que o **serviço de abastecimento de água** à população já não estava vencendo satisfatoriamente. Assim, planejou um aumento em todos os setores e em seguida executou as obras, consistindo de **aumento da rede às residencias, a construção de nova barragem, com grande capacidade, e a instalação de mais duas bombas.** O serviço de abastecimento de água não se descuidou também da qualidade do precioso líquido, estando o mesmo recebendo perfeito tratamento de cloração, etc. **A cultura de Oliveira é uma grande de agradável realidade em Cidade Nova.** As mudas desenvolveram-se rapidamente e já no próximo ano começarão a receber os seus respectivos destinos.	Melhoramentos em Cidade Nova	Cidade Nova e seu desenvolvimento	Feitos da Klabin; Relacionamento e vivência em Monte Alegre;

O Tibagi – Quarta-feira, 23 de Novembro de 1961 - 13º aniversário – Edição de Hoje: 52 páginas – 3 cadernos - Ano XIII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº636 Página: 13 - primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16988 Título: Curiosidades da Terra do Diamante Autor: Pio Araujo Lara Observações:	Párece estranhavel o fato de **o primeiro diamante das terras tibagianas haver sido encontrado sómente em 1832 quando muito antes já era conhecida a riqueza do rio, em pedras e metais preciosas.** A exploração era, porém, interdita, existindo **milicianos** que guardavam os caminhos para coibir eventuais abusos. E **os homens que firmaram suas posses na região, eram súditos fiéis de SS.MM., os reis de Portugal**, para violarem a proibição. Quiçá por isso, **preferiram cuidar da consolidação das posses, combatendo o gentio e desenvolvendo a agricultura e a pecuária que lhes garantiram subsistência nesses rincões carecidos de recursos.** Esclarecido êsse ponto, procuraremos saber a origem de **Manoel das Dores Machado, o homem que encontrou um diamante** cintilado no tôpo de um cupim, numa noite de luar. Aí pelos **fins do século XVIII, o sargento-mor de milícias, José Felix da Silva, que viria em terras do distrito da Vila de Castro, vencendo a serra das Furnas, veio fixar-se no planalto, fundando a fazenda Fortaleza, a mais avançada no sertão dominado pelos selvagens**. Acompanhára-o nessa aventura – porque o era naquele tempo – o seu capitão-de-mato Antonio Machado Ribeiro, o "Machadinho". **Derrotando os caingangues**, no local que ficou conhecido por Capão da Mortalidade, **Machadinho fôra ocupar largo trato de terras incultas, que se estendia para além do celebre capão, lá pelos fundos de Monte Alegre, aguardando, de acôrdo com José Felix a confirmação da posse.** Chegada a carta da sesmaria, únicamente **José Felix fôra aquinhoado com a posse de tôda aquela vastidão, mais de 80.000 alqueiras distribuídos pelas fazendas Taquara, Fortaleza, Fazendinha e Monte Alegre**, como passaram a ser conhecidas. Decepcionado com a ambição de seu compadre e amigo, Machadinho o abandonado e, atravessando as aguas cristalinas do Tibagi, estabeleceu-se na sua margem esquerda, a cavaleiros do rio, próximo da barra do Iapó, porventura o sítio mais bonito da região onde logo **foi atacado pelos índios enfurecidos pela invasão de suas terras abundantes de caça** e pela perda da parte mais bonita do seu rio piscoso, cujas aguas até aí deslizam mansas e entre colinas suaves, mostrando uma face filigranada pelas pedras do seu leito arenoso. **Vencido, o gentio internou-se nas densas florestas do setentrião, deixando a Machadinho as plagas onde nunca mais tornariam.** **O auto de posse em favor de Machadinho, foi passado pelo Juizo de Castro, em 28 de julho de 1794. Atraídos pela fertilidade das terras nelas vieram fixar-se outros moradores, cultivando-a.** Até algodão, de que fabricavam tecidos para uso próprio e para venda de Castro, Ponta Grossa e Sorocaba. Lá um dia, depois de consolidado na sua posse, **encontrou-se Machadinho com o seu poderoso compadre José Felix, seu vizinho ali da Fortaleza, a menos de 30 kms.**, declarando-lhe: "venci, compadre a luta contra os índios custou-me a perda de dois filhos, por isso não esqueça que dêste lado do rio quem manda sou eu, caso contrário você encontrará isto". E bateu na pederneira. Não há dúvida, Machadinho era pequeno apenas no apelido. Faleceu êle a 28 de agosto de 1809. **Não foi o fundador de Tibagi, mas o primeiro morador do local** onde, hoje, se assenta, acolhedora na sua simplicidade, a cidadezinha pobre mas limpa, que **teve seu início quando Manoel das Dores Machado, filho do Machadinho, doára a área necessária para tal fim.**	História de Machadinho, primeiro morador de Tibagi	Passado anterior à chegada dos industriais à região	Menção à cidade de Tibagi

O Tibagi – Quarta-feira, 23 deNovembro de 1961 - 13º aniversário – Edição de Hoje: 52 páginas – 3 cadernos - Ano XIII – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº636 Página: 02 - primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC16956 Título: Os Homens Titãs – Comentário da Semana Autor: Hél Observações:	Aí está o mal: conhecemo-los demais. Vemo-los todos os dias, como pessoas comuns, com seu bom ou mau humor; seu fígado estragado ou seu lumbago; seu ar de cansaço ou seu gesto de irritação. Vemo-los fora do cenário de trabalho, nos bastidores, humanos e vulneráveis, nivelados pela necessidade primária de repouso e distração. Não é nessas horas de recuperação que êles concretizam os impulsos do seu espírito criador em ações fecundas. **Nada se faz**, na natureza, **numa linha de conduta rígida e inflexível.** Mas daquele instante de concentração espiritual, de estudo profícuo, de pesquiza silenciosa ou decisão definitiva fica a realização materializada do esforço inteligente. A produção dos medíocres é ínfima e se diluo na rotina comum. **Mas o trabalho dos homens-titãs sobreeleva-se à vulgaridade e traduz-se em degraus de progresso.** **E a vida deles, centralizando o movimento duma cidade que produz**, escoa-se hora a hora, dia a dia, irreparavelmente. Congregam mil cérebros em torno de si, no completo dever de comandar. Os outros, células indispensáveis ao organismo, ficarão inertes se não forem coligados pela vontade ativa, dentro do plano de execução. **O poder criador dos homens-titãs está sempre presente e embora anônimo**, distribuindo em mil setores de conjunto, em cada setor palpita como um centro de energia, **responsável pela continuidade de trabalho.** **Mas, quem os reconhece? Quem os valoriza? Quem os distingue no meio do poviléu?** A cidade está aí, febricitante de vida. A Fábrica devora pinheiros e devolve papel. No solo arado rebrotam pinhais. Milhares de criaturas vivem dêsse labor. **Alguém pensou em fazer tudo isso.** **Alguém possibilitou a obra gigantesca. Alguém a tornou realidade.** **Alguém é a palavra que oculta os nomes dos homens titãs dos criadores de tudo o que vemos em torno de nóis, tão integrado nos hábitos quotidianos, que nem siquer é notado como uma realização notável.** Os badalos sonoros e convencionais confundem o **mérito do elogio verdadeiro e merecido, da homenagem justa e estimuladora.** **E os criadores das cidades, das riquezas que possibilitam as cidades, do trabalho que faz a riqueza, onde estão?** Perdidos na voragem da vida, muito longe, a cumprir seu destino, quiçá... Ou talvez ao nosso lado, com seu riso, sua voz, seu abraço, tão familiares, que parecem iguais aos outros, ou irritados, cansados, aborrecidos, tão humanos, que se tornam piores que os outros. **Mas na história desta terra a sua história se perpetuará em suas realizações.** **A Fábrica aumenta: a cidade cresce; o povo educa-se.** **Monte Alegre progride.** A vida escoa-se. **Os homens-titãs cumprem sua existência, igualados, despercebidos, ao nosso lado.**	Exaltação aos criadores de Monte Alegre	Gratidão à Horácio Klabin	Personalidades ilustres;

O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário – Edição de Hoje: 56 páginas – 3 cadernos - Ano XV – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº682 Página: página E Número da fotografia inicial da matéria: SDC17180 Título: Cidade Nova começa a resolver seus problemas Autor: Observações:	**Cidade Nova** vai comemorar no ano que vem **dez anos de existência.** O acontecimento, segundo estamos informados, vai ser comemorado condignamente, pela **Vale do Tibagi em colaboração com a Prefeitura Municipal.** Espera-se que muita cousa de útil e necessária à cidade venha a aparecer na ocasião. **Os problemas que a cidade apresenta são, em verdade, grandes, decorrentes do crescimento vertiginoso da cidade.** Não obstante, procura-se, na medida do possível, **vencer os obstáculos principais**, o que, em parte já se está conseguindo. Com efeito, **os trabalhos de canalização das águas pluviais e esgoto continuam em rítmo acelerado, nas partes centrais da cidade. Os meios fios na Avenida Apucarana vieram ordenar mais as cousas e contribuir para maior embelezamento daquela artéria** – a mais importante. Segundo soubemos, **o sr. prefeito municipal iniciará imediatamente também a arborização daquela via pública, bem como dará início ao calçamento de paralelepípedo do primeiro trecho.** Finalizando êste pequeno registro, cabe um voto de louvou ao sr. Cacildo Batista de Arpelau, prefeito municipal, pelo empenho que tem demonstrado pela **solução dos mais angustiantes problemas da cidade.**	Problemas em Cidade Nova	Cidade Nova e seu desenvolvimento	Menções à cidade de Tibagi;

O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário – Edição de Hoje: 56 páginas – 3 cadernos - Ano XV – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº682 Página: 03 - terceiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC17164 Título: Noticiário Escolar Autor: Observações: Página Sociais Literárias	O **Colégio Estadual Wolff Klabin** funciona na Cidade Nova desde 1957 e foi instalado para substituir a extinta Escola Comercial Getúlio Vargas, entidade particular. Os primeiros atos oficiais constaram de exames de admissão e matricula dos alunos transferidos do curso comercial referido para o ginasial, na dependência de exames de adaptação. Funcionou assim o ginásio, incialmente, com 3 séries, somando um total de 53 alunos. Já em 1958, em quatro séries ginasiais havia 114 alunos, nos cursos diurnos e noturnos, sendo ministradas pelo corpo de professores, já ampliado 4228 aulas anuais. Em 59 172 alunos frequentaram o curso ginasial, numero êsse acrescido para 215 em 1960 e 276 em 61. **No ano corrente ampliou-se mais ainda as atividade do Colégio Estadual Wolff Klabin**, mantendo além do Curso Ginasial (noturno e diurno), a 1ª e a 2ª séries do Científico, com um total de 347 alunos. Na Escola Normal Secundária, recem-fundada, frequentaram as aulas 20 alunos, com um total de 10.368 aulas previstas para Êste ano letivo, inclusive no Curso Normal. Achamos significativo o numero sempre crescente de estudantes, que por si só atesta a importância que o Colégio e a Escola Normal têm em nossa comunidade. É a seguinte Administração Atual do Colégio Estadual Wolff Klabin: Diretor-prof. Custódio Netto Secretárias: profas. Gelta Drescher, Cacilda Arpelau e Tita Netto. Da Escola Normal Secundária: Diretora: profa. Luiza Taques Pimenta. Secretária: profa. Neide Gioia. Constando das atividades extra-curriculares do Colégio, encontramos o Grêmio Estudantil Wolff Klabin, que não somente levou a efeito vários festivais artísticos, como patrocinou a apresentação da Orquestra Sinfonica de Ponta Grossa. Mantém ainda, estimulando seu aperfeiçoamento, equipes de basquete, voleibol, futebol de salão e de campo. Já fez realizar várias excursões por cidades vizinhas, unindo as finalidades recreativa e instrutiva. Há ainda a ressaltar as atividades do Coral do Colégio, organizado desde 1960 pelo esforçado e competente professor João Marenda, e já contando com 80 figurantes, executando números até a 4 vozes. Organizado e dirigido pelos alunos da 3ª série do Curso Ginasial noturno surgiu este ano o jornalzinho do Colégio: "O Batuta", que já tem publicado 6 números. A "fanfarra" também já está sendo organizada e conta com diversos instrumentos de percussão. Nas datas cívicas, não descura o Colégio Estadual de promover comemorações devidas, com sessões internas e, no Dia da Independência, desfile pelas ruas da Cidade Nova, num belo Exemplo que deveria ser seguido por outros estabelecimentos de ensino da cidade-papel. No corrente ano, a Banda de Música da Cidade Nova abrilhantou a festividade escolar, colaborando no desfile. XXX Colaborando com essas informações, o sr. diretor do Colégio Estadual não poupou informes para que pudéssemos dar uma notícia ampla e detalhada acerca do educandário que dirige. E finaliza, com estas apreciações: "mercê da boa vontade..." - Material e Equipamento Didático – Instalações - **Mercê da boa vontade, compreensão e liberalidade dos Snrs. Diretores das I.K.P.C. S/A., acha-se o Colégio devidamente equipado segundo as exigências legais para funcionamento, como ainda, diversos aparelhos além das exigências**: Amplificador, toca-discos, projetor cinematográfico – (**recem doado pelo Snr. Dr. Israel Klabin**) – epidiascópio, poliópticon, luneta	Colégio Estadual Wolff Klabin: turmas e estrutura	Cidade Nova e seu desenvolvimento	Feitos da Klabin

	telescópica de grande amplidão. Acham-se completos os laboratórios de Física, Química e Ciências Naturais, todos em sala própria, faltando sòmente mesa própria aos laboratórios. As demais instalações são completas e dignas de admiração e registro para o padrão dos estabelecimentos do interior; conta o Colégio com 9 salas amplas, bem iluminadas e arejadas, instalações sanitárias completas para os dois séxos, salas para professores, secretária, diretoria, área coberta ampla e sempre que necessário, tem-se transformado em auditório, além de recreio comumente. O edifício acha-se bem situado em local sem ruídos, em terreno amplo, bem arborisado, contando com um pequeno horto florestal, em que existe cêrca de 180 especies diferentes da flora brasileira (trabalho dedicado do Departamento Florestal das IKPC). As instalações esportivas e para a prática da educação física ainda em fase de complementação, conta com uma cancha improvisada de Basqueteból, duas de Voleiból, e adaptação para futeból de salão, esperando-se para o próximo ano, **já devidamente autorizada pelas I.K.P.C.**, os trabalhos de finalização e colocação do material esportivo e dos aparelhos exigidos pela Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura. Agradecemos ao prof. Custódio Netto e ao aluno Lauro do Canto e Souza as informações que nos permitiram êste noticiário.			

O Tibagi – Sábado, 15 de dezembro de 1962 - 14º aniversário – Edição de Hoje: 56 páginas – 3 cadernos - Ano XV – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº682 Página: 03 - primeiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC17164 Título: Noticiário Escolar Autor: Observações: Página Sociais Literárias	Com grato prazer reservamos esta página a um rápido noticiário sôbre as **escolas de Monte Alegre e Cidade Nova**, no ano em que houve aqui um **incremento extraordinário ao ensino**. Consideramos 1962 o ano em que mais se trabalhou pelos escolares, em todos os setores, **desde as escolas do mato até os cursos de aperfeiçoamento profissional.** Contamos, para realizar êste noticiário com as informações fornecidas pelas diretoras das diversas escolas. Se alguma não estiver citada, não foi, absolutamente, por falta nossa, mas por não termos conseguido o material informativo necessário. XXX Grupo Escolar Manoel Ribas (Harmonia) O Grupo Escolas Manoel Ribas, sob a direção da professor Eloá Martins Quadrado, trabalhou, durante o ano, com 31 professores, lecionando 718 alunos, a saber: 288 de 1º ano, 153 de 2º ano, 135 de 3º ano e, 124 de 4º ano e 18 de 5º ano. Entregou certificados de promoção a 66 alunos de 4º ano e 14 de 5º ano, registrando as maiores turmas de finalistas do curso primário, até hoje, em Harmonia. A entrega dos certificados teve lugar numa festinha interna, na qual o Lions Clube entregou premios aos primeiros colocados. XXX Grupo Escolar Leopoldo Mercer – Cidade Nova Campeão de matrícula no Paraná, segundo informação de sua diretora, a professora Zélia Batezati, o Grupo Escolar Leopoldo Mercer lecionou 1.525 alunos no decorrer de 1962. Teve 5 quartos anos, com 143 alunos; 9 terceiros anos, com 248 alunos, 11 segundos alunos, com 350 alunos; 13 primeiros anos, com 394 alunos e, após agosto, mais 14 primeiros anos , (451 alunos) num total de 27 turmas só de 1º ano. Êste educandário trabalho com 53 professoras efetivas, além de 10 substitutas e mais o pessoal de administração e serventes. Entregou certificados a cerca de 107 alunos que concluíram o curso primário. XXX Grupo Escolar de Lagoa Apesar do grande numero de familias que se mudaram de Lagoa, no decorrer de 1962, o Grupo Escolar lecionou 315 alunos, a saber: 19 de 4º ano; 39 de 3º ano; 80 de 2º ano e 177 de 1º ano. Sua diretora, a professora Ayd Rodrigues, contou com a colaboração de mais 10 professoras e quatro serventes. A professora Ayd Rodrigues que, com competência dirige há anos o Grupo Escolar de Lagoa, despede-se de Monte Alegre, por motivo de mudança para a cidade de Rio Negro. **No seu Grupo onde sempre soube manter um ambiente de trabalho e excepcional boa vontade, tanto o corpo docente, como as funcionárias e alunos sentem, verdadeiramente, a partida da diretora, que foi amiga de todos, sem descurar dos seus deveres de direção.** XXX Escolas Isoladas Funcionaram ligadas à direção do Grupo Escolar Manoel Ribas, em diversos pontos de Monte Alegre, as seguintes Escolas Isoladas: - Da Mina de Carvão, com 6 professoras em exercício, lecionando 141 alunos de 1º a 3º ano primário.	As escolas em Monte Alegre e Cidade Nova	Progresso e prosperidade em Monte Alegre; Cidade Nova e seu desenvolvimento;	Feitos da Klabin;

- De Miranda, com uma professora e com 16 alunos matriculados.
- Da Colonia, com duas professoras de 47 alunos matriculados.
- Da Pedreira, com uma professora e 22 alunos matriculados.
- Da Olaria, com uma professora e 21 alunos matriculados.
- De Mauá, com uma professora e 21 alunos matriculados.

XXX

Jardim da Infância de Lagoa.

Sob a direção competente professora Irma de Sá Banatkowski esteve no decorrer do ano a direção do Jardim da Infância de Lagoa, tendo na pré-infantil 38 alunos e, no pré-primário, 23 alunos.

O Jardim da Infância de Lagoa realizou, durante o ano, diversas festinhas para suas crianças, entre as quais destacamos: dia de S. Pedro, a 29 de junho, em comemoração ao encerramento do 1º bimestre, com lanche e balõezinhos oferecidos às crianças pelas professoras. Dia da Árvore, a 21 de setembro e dia da Independência, a 7 de setembro, comemorados com festinha interna, palestra e **distribuição de balas enviadas pelas IKPC. No dia da criança houve sugestiva comemoração, com distribuição de doces, balas e bolachas, dadas pelas IKPC.** Em novembro, a 25 realizou-se a Exposição dos Trabalho Escolares, com recortes, tecelagem e outros trabalhos feitos pelas crianças; a 30 foi encerrado o ano letivo, com distribuição do material às crianças. **Para o dia 21 de dezembro está marcada a visita do Papai Noel das IKPC, que fará a entrega de presentes de Natal.**

XXX

Jardim da Infância Wolff Klabin

O Jardim da Infância Wolff Klabin, de Harmonia, sob a direção da sra. Edith Gordan, assessorada pela professora Zelma Tavares, matriculou em 1962 cerca de 150 alunos, lecionando sòmente no pré-primário 38 crianças.

Contando com mais duas professoras auxiliares e mais oito funcionárias, o Jardim da Infância Wolff Klabin reafirmou, em mais um ano de labor, o seu alto padrão de ensino. Em diversas festinhas comemorou as datas significativas do ano, como o Dia da Criança, Páscoa, encerramento do 1º semestre. O encerramento do ano letivo teve lugar a 26 de novembro, tendo sido realizada a 25 do esmo mês a Exposição de Trabalho Manuais, que constou de toda a espécie de trabalho infantis de recorte, dobradura, tecelagem, desenho e pintura.

XXX

Escolas Florestais

O maior trabalho realizado, no setor escolar, foi sem dúvida alguma nas Escolas Florestais ligadas diretamente ao Departamento Florestal, com professoras dos acampamentos orientadas nos Cursinhos de Férias e nas visitas da inspetora das IKPC. O leitor pode imaginar que trabalho significa manter uma escola a 9, 10, 20 ou 50 quilômetros de Harmonia, onde até o presente momento a participação de professora normalista está fora de cogitação, haja vista às diversas dificuldades que apresenta. **Quando o problema era deixar a criança do mato analfabeta ou alfabetiza-la com um mínimo de recursos, houve por bem a diretoria das IKPC decidir que se tentasse êsse mínimo**. E assim foi feito, com adaptação dos programas oficiais tanto quando possível à capacitação das professoras.

No ano de 1961 o índice de alfabetização nas escolas florestais atingiu uma média de 80% em cada classe e o índice de aprovação (os exames são feitos pessoalmente pela diretora e professoras

	do Grupo Escolar de Lagoa) passou de 20% (nos anos anteriores) a uma média de 50%. Tal fato comprovou, por si só, a possibilidade de alfabetização nas escolas dos acampamentos de lenhadores e plantadores de pinheiros, mesmo no caso de dispor de uma professora improvisada. Enquanto redigimos estas notas, estão sendo feitos os exames finais das 18 escolas florestais que funcionaram êste ano, dentro dos limites de Monte Alegre. A matrícula inicial, em 14 escolas, revelou 424 alunos; depois disso, com mais 4 escolas em funcionamento, encontramos frequentando as aulas, no mês de novembro, cerca de 484 alunos. Cremos que esse numero possa ser aumentado até 1.000, **quando houve maior compreensão por parte dos pais e de empreiteiro, que retiram as crianças para os trabalhos de corte, carpa ou plantação, impedindo que as mesmas frequentem a escola**. Este ano houve mais um fator que prejudicou imensamente o aluno da escola florestal: acampamentos, inteiro mudaram-se, novos foram construídos e encontramos uma contínua peregrinação pelas escolas, que mais ou menos mantiveram o mesmo número de alunos, mas não os mesmo alunos. Em Imbauzinho, por exemplo, nenhum dos alunos que frequentou em setembro era da classe inicial. Ainda assim as escolas florestais trabalharam mais ativamente do que no ano anterior e as professoras do Grupo Escolar de Lagoa que entrevistamos declararam unânimente terem notado uma flagrante diferença para melhor do ano de 61 para 62. As Escolas Florestais encerrarão suas atividades do dia que esta edição estiver circulando: 16 de setembro. **O Departamento Florestal organizou uma festinha de confraternização em Lagoa, para a qual caminhões do serviço irão buscar todas as classes, mesmo as mais distantes**. Os primeiros terão de sair às 6 da manhã, para que a cerimônia possa iniciar-se com toda a criançada, às 9,30 horas. **O Lions Clube e o Departamento Florestal farão a entrega de prêmios aos primeiros alunos colocados e às professoras que mais se esforçaram durante o ano.** **As crianças receberão um lanche de refrigerantes, balas, sanduiches, etc, oferecido pelas IKPC**. Êste lanche, especialmente, terá um grande significado para a criança do mato pois no ano passado, como pudemos comprovar pessoalmente, muitas delas não sabiam o que era um "guaraná". A criança do mato adora sua festinha de encerramento, em Lagoa, e nós, que durante o ano inteiro mantemos contato com ela, podemos atestar a ansiedade com que espera a sua pequena grande festa: **o maior prêmio que lhes concede as IKPC.**			

O Tibagi – 23 de novembro de 1963 - 14º aniversário – Monte Alegre – Paraná – Diretor: Horácio Klabin – Redação e Administração: Rua Anita Garibaldi, 02 – nº720 Página: capa – terceiro caderno Número da fotografia inicial da matéria: SDC17404 Título: Política Local: Eleições de Cidade Nova já têm data marcada – PDC escolherá candidatos na Convenção do dia 5 próximo – Só dois nomes para o cargo de prefeito municipal – Inflação de candidatos à vereança Autor: Observações:	Os meios políticos locais encontram-se em grandes atividades, visando o pleito municipal de 1º de março do ano entrante. O pleito, que promete ser dos mais renhidos, ainda levando-se em consideração que é o primeiro **recém-criado município de Telêmaco Borba** possivelmente polarizará os eleitores em torno de dois homens apenas ao cargo de prefeito municipal. De um lado, o PDC, que contará com o apôio de diversas agremiações, como PSP, PL, UDN e PTN, lançará um nome capaz de aglutinar em torno de si várias correntes políticas. Por outra parte, sabe-se já que o PTB marchará com candidato próprio, o qual deverá receber, segundo tudo indica, o apôio do PSD. A escolha do candidato a prefeito, bem como da chapa de vereadores do PDC, deverá dar-se no próximo dia 5 de dezembro, em Cidade Nova, quando da Convenção daquela agremiação. Tudo indica que apresentar-se-ão à vereança mais de sessenta candidatos.	Eleições em Cidade Nova	Cidade Nova e seu desenvolvimento	